

*Cabala: Comentários de
um Pedreiro Sobre a
Torá*

Bereshit

Roberto Lage Ben-Guedes

O Sentido do Nada Infinito – 30/04/2016

***Cabala: Comentários de
um Pedreiro Sobre a
Torá
Bereshit***

Roberto Lage Ben-Guedes



**Edição do Autor
11/03/2026**

Ben-Guedes, Roberto Lage

Cabala [livro eletrônico]: comentários de um pedreiro sobre a Torá: Bereshit / Roberto Lage Ben-Guedes. -- São José dos Campos, SP: Ed. do Autor, 2026.

PDF

ISBN: 978-65-01-98240-3

1. Bíblia - Gênesis - Crítica, interpretação, etc.

2. Cabala 3. Filosofia 4. Maçonaria

5. Numerologia I. Título.

26-342704.0

CDD-

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria: Cabala 296.16

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Licença Creative Commons

Esta obra está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

Atribuição: Você deve dar o crédito apropriado ao autor.

Não Comercial: Você não pode usar este material para fins comerciais.

Sem Derivações: Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, não poderá distribuir o material modificado.

Para ler uma cópia desta licença, visite: <https://creativecommons.org>

Agradecimentos

Ao Eterno D'us, por ter-nos permitido escrever esse texto!!!

Ao meu Pai e minha mãe, por toda a dedicação que tiveram para com minha formação!!!

As nossas famílias, pela tolerância às muitas horas dedicadas a confecção deste!!!

Aos amigos do Grupo de Estudos de Cabala (GEK), pela oportunidade de crescimento conjunto!!!

Aos Pedreiros pelas longas horas de debates!!!

Escuta, Israel! O Eterno é nosso D'us, o Eterno é um!

Torá Devarim 06:04, pg. 524.

Salmo do Amor Fraternal

1. *Cântico de ascensão de David*

2. *Como é bom e agradável viverem irmãos juntos em harmonia!*

3. *É como o óleo precioso que unge a cabeça de Aarão, e do qual escorrem gotas para sua barba e daí para orla das suas vestes.*

4. *É como o orvalho de Hermon, que vem cair sobre as montanhas de Tsión, como bênçãos ordenadas pelo Eterno. Sejam elas perpétuas em sua vida!*

Salmo 133, Tanakh pg. 1863

Sumário

01 - Introdução	1
02 - Parashat Bereshit – A Criação, Adão, Eva, e o Princípio do Mundo e da Humanidade	2
03 - Parashat Nôach – O Dilúvio e Suas Consequências	21
04 - Parashat Lech Lechá – Avraham (Abraão)	48
05 - Parashat Vayerá – O Precursor da Fé	76
06 - Parashat Chayê Sarah – A Vida de Sara e o Casamento de Yitschaci (Isaac).....	100
07 - Parashat Toledot – Isaac, Jacob e Esaú	116
08 -Parashat Vayetsê – Jacob em Charan	136
09 - Parashat Vayishlach – Jacob na Terra de Israel	150
10 - Parashat Vayêshev – José e os Sonhos - Consequências	162
11 - Parashat Mikets – José Transforma-se em Vice-rei	173
12 - Parashat Vayigash – José e Jacob Reunidos Novamente	183
13 - Parashat Vayechi – A Era Patriarcal Chega ao Fim.....	195
14 - Referências Bibliográfica	205

01 - Introdução

Prezados Pedreiros! Primeiro quero agradecer ao Eterno D'us, Bendito Seja, por ter-me proporcionado a oportunidade de ter tido contato com estes ensinamentos, que são fundamentais para a vida. O objetivo deste texto é fazer um breve resumo do que ocorre no Livro Bereshit (בראשית) (Gênesis - No Princípio). Este resumo está alicerçado e direcionado pelos imensos conhecimentos apresentados pelo Rabi Menachem M. Schneerson e resumidamente apresentados no Livro Sabedoria Todo Dia, ISBN 978-0-8266-0654-9, realçados neste texto na cor azul.

Para cada capítulo da Torá, o Rabi Menachem M. Schneerson apresenta em seu Livro uma leitura diária, voltada a interpretação de uma parte do respectivo capítulo, contendo assim 7 leituras uma para cada dia da semana. Suportado por essas interpretações, em parte ou no todo, procurei me apoiar também em textos tradicionais da Cabala Judaica para uma maior compreensão do conhecimento apresentado pelo Rabi Menachem M. Schneerson.

Por outro lado, acredito que o percurso realizado por um Pedreiro dentro da Organização dos Pedreiros Livres representa uma jornada espiritual. Nossos estudos têm uma forte base no Judaísmo e na Cabala Judaica Tradicional. Para compreender plenamente o conhecimento apresentado durante as reuniões e nos diferentes graus, é essencial estudar especialmente a Torá e o Tanakh, além de explorar o vasto legado deixado pelos sábios judaicos. Evidentemente, estes relacionamentos com a Organização e com os graus, não estão explícitos. Mas, para àqueles que tiveram acesso a um determinado nível, encontrarão os fundamentos ao longo dos cinco Livros da Torá, do Tanakh e os respectivos comentários aqui apresentados. Sigo a orientação de que os nossos documentos não forem feitos para revelar abertamente as informações, mas para escondê-las de forma que, somente àqueles que se aprofundam de fato na busca do conhecimento encontrá-los-ão.

Para aqueles que não pertencem à Ordem dos Pedreiros, ressalto que os comentários apresentados aqui podem contribuir significativamente para a compreensão dos textos Sagrados, especialmente no contexto do Livro Bereshit. Embora as informações aqui resumidas possam parecer inéditas para alguns, na verdade, elas foram reveladas há séculos por nossos Sábios de abençoada memória.

Como normalmente falo e repito, não sou o autor destas palavras. Sou apenas um carteiro a entregar cartas. Se ao ler no todo ou em uma parte este livro, algo lhe tocou o coração, a carta encontrou o seu destino e o carteiro cumpriu a sua missão. Desta forma, é proibida a venda deste livro. Por isso, procurei fazê-lo em um formato digital o qual as pessoas possam ter livre acesso. Assim, caro Leitor, se você deseja ter este livro impresso, pode imprimi-lo, mas, não o comercialize.

Este é o primeiro de 5 volumes de comentários associados cada um dos respectivos Livros da Torá, a Lei de Moshê, a saber: Bereshit, Shemot, Vayikrá, Bamidbar e Devarim.

Anteriormente foram produzidos outros 4 Livros que ajudaram a reunir conhecimento adequado para iniciar a composição desta carta. Os Livros são O Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala; Cabala Cartas Para o Mestre; Cabala Uma Janela Para a Alma: Massach e Abraão e Isaac a Luz da Cabala, todos encontram-se no site da Amazon.

02 - Parashat Bereshit – A Criação, Adão, Eva, e o Princípio do Mundo e da Humanidade

Sinopse

A Torá começa com o relato de como D'us criou o mundo em seis dias. O propósito da Criação. No princípio D'us criou os céus e a terra... O Midrash nos ensina que D'us criou o mundo como um "reino inferior", isto é, um reino inicialmente desprovido de consciência Divina e, inclusive, oposto a esta com a intenção de que a humanidade preenchesse o mundo com tal consciência. Cada ação humana, mesmo a mais simples, pode libertar as centelhas Divinas e revelar a presença de D'us. Porém a ocultação Divina não é ausência, mas convite à parceria. O Ser Humano não é mero espectador, mas protagonista e tem a missão de transformar a escuridão em luz. Assim, Bereshit não é apenas um relato do começo do mundo, mas um chamado para o futuro da humanidade. *No primeiro dia da Criação, o mundo foi criado como um núcleo de matéria sólida completamente submerso em água. A luz foi criada depois, também no primeiro dia, e a atmosfera, no segundo dia. No terceiro, a terra firme se elevou acima do nível do mar. Os corpos celestes foram afixados no espaço exterior no quarto dia. As aves e os animais marinhos apareceram no quinto dia, e os animais terrestres e os primeiros Seres Humanos povoaram os continentes no sexto dia. No sétimo, D'us 'descansou', cessando a Criação. Diferente das demais criaturas, D'us criou o primeiro Ser Humano em duas etapas: começou fazendo um corpo sem vida, para depois 'soprar' nele a alma humana.* Esse relato da Criação é um processo espiritual de contração do Infinito até a manifestação no Ser Humano, cuja alma é uma centelha de D'us. Cada dia é uma etapa da revelação das Sefirot e da passagem da Luz Infinita até a concretização no tempo e no espaço. *O primeiro casal de Seres Humanos viveu no Jardim do Éden, onde estava destinado a desfrutar da criação de D'us inclusive de sua própria sensualidade - de maneira inocente, como forma de aumentar a sua consciência de D'us e Sua bondade. No entanto, ao comer o fruto proibido da Árvore do Conhecimento, eles sucumbiram à tentação de aumentar a sua autoconsciência (personificada pela serpente primordial) e, assim, ficaram tão conscientes de si mesmos que perderam a sua inocência original. Modéstia e inocência. Os dois - o homem e sua mulher - estavam nus e não sentiam vergonha.* Assim, o ato da desobediência em si fez com que, gradativamente, Adão e Eva saíssem de sua condição espiritual mais elevada para a condição material presente em Malkhuth. *Ou seja, auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido. Se Adam e Chava tivessem se arrependido de forma apropriada, eles teriam sido perdoados e lhes teria sido permitido permanecer no Jardim do Éden.* O Pedreiro sabe que o pecado, a falha ou o erro, nunca é o ponto final. O que define o destino do Ser Humano é a capacidade que se tem em responder a falha realizada. Adam e Chava perderam o Éden por não saberem retornar plenamente (fazer Teshuvá). Caim perdeu Abel por não dominar a si mesmo. Mas, a presença do sinal, a misericórdia oculta na maldição e a permanência da centelha (mesmo em quem caiu) mostram que a porta da Teshuvá nunca se fechará. O arrependimento sincero continua sendo a ponte entre o humano e o Divino. Se podemos tirar uma lição, que nunca deve ser esquecida, é que o arrependimento sincero pode transformar a queda em elevação. *Entretanto, novamente a oportunidade foi rejeitada, como demonstrou o comportamento de Lémech, um descendente de Cain. Feminilidade. Lémech se casou com duas mulheres.* A Cabalá ensina que a perfeição só existe na união equilibrada. Portanto, a prática de Lémech de separar beleza de procriação, viola o próprio equilíbrio espiritual que sustenta a Criação. Zohar I:49b www.sefaria.org. O Rebe nos mostra que em termos práticos, cada cônjuge deve reconhecer no outro não apenas o complemento de suas carências, mas também a expressão da própria Divindade dentro da parceria. *Além de Cain e Hével, Adam e Chava tiveram um terceiro filho, Shet (Set). A quinta geração de Shet foi Chanoch (Enoque), que resistiu à degeneração na qual o restante da humanidade estava submergindo e teve uma vida correta. A grandeza das pequenas coisas. Chanoch caminhava com D'us.* Ele viveu em uma intimidade espiritual rara. Em contraste com a degradação moral da linhagem de Cain, Enoch encarna a possibilidade de elevar a humanidade a um nível de santidade antes inédito. A importância de Enoch é ressaltada ainda mais, pois ele transcendeu a própria morte. *Quando D'us viu o estado moral da humanidade, Ele não expressou*

imediatamente sua decisão de destruir o mundo com um dilúvio. Somente depois que Ele encontrou um meio de permitir à humanidade sobreviver - isto é, por meio de Noach (Noé) - é que Ele anunciou sua decisão. Isto porque, a partir do momento que uma ideia desce do pensamento e é manifestada através da fala, sua realidade começa a ficar mais concreta e, portanto, mais difícil de revogar. O mundo pós-diluviano não é um novo começo a partir de uma linhagem puramente espiritual, mas sim uma síntese entre a espiritualidade elevada de Noé combinada com a intensidade transformadora de Cain (via Naamá). Essas duas linhagens poderiam corresponder a polos diferentes de luz e força, que precisam ser combinados para que o mundo seja transformado em uma morada para o Criador.

1.(Bereshit) – Gênesis 01:01-02:03 – “A Torá começa com o relato de como D’us criou o mundo em seis dias. O propósito da Criação. No princípio D’us criou os céus e a terra... O Midrash nos ensina que D’us criou o mundo como um "reino inferior", isto é, um reino inicialmente desprovido de consciência Divina e, inclusive, oposto a esta com a intenção de que a humanidade preenchesse o mundo com tal consciência. A ferramenta que D’us deu à humanidade para que fosse capaz de conseguir esta proeza é a Torá. Portanto, o drama da Criação envolve três elementos: O mundo, a raça humana e a Torá, que servem respectivamente como cenário, atores e roteiro.

D’us conferiu à humanidade o livre-arbítrio para ter a opção de ignorar a Ele e as Suas intenções em relação ao mundo, e foi exatamente o que as primeiras gerações fizeram. Para manter Sua decisão de garantir liberdade de escolha, D’us se viu forçado, por assim dizer, a retirar Sua revelação do mundo, ocultando-se mais e mais por trás da fachada da natureza.

Em resposta à escolha da maioria da humanidade, que optou por ignorá-Lo, D’us implementou Seu ‘plano de contingência’: selecionou uma família que continuou mantendo a ideia original da consciência Divina e a converteu em uma nação - o povo israelita - a quem Ele confiou a missão de cumprir Seu propósito original da Criação. O povo israelita serviria tanto de inspiração e exemplo para o resto da humanidade, como para encorajá-la de a cumprir Seu plano de transformar o mundo em Seu lar. O Livro de Gênesis é a crônica sobre como a criação do povo israelita que se tornou necessária e como isto ocorreu”.

Ao iniciarmos a leitura da Torá nos deparamos com a criação do Mundo (Universo) pelo Eterno D’us. **Mas, a primeira pergunta que nos deparamos é: por que o Eterno D’us criou esse Mundo?** O texto do Rebe de Lubavitch acima, nos orienta que os primeiros versículos da Torá não são uma narrativa cronológica, mas uma definição do propósito da Criação. A Torá começa descrevendo a obra dos seis dias, mas o ponto central não é apenas como o mundo foi feito, mas para quê. O Midrash ensina: *“O Santo, bendito seja Ele, desejou ter uma morada nos reinos inferiores”* (https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.1.4?lang=bi), ou seja, que o mundo físico, aparentemente distante e até oposto à Divindade, fosse transformado em espaço de revelação.

Neste sentido, o Rebe nos apresenta o evento da Criação em três elementos que são o mundo (cenário), a humanidade (atores) e a Torá (roteiro), ou seja, a Torá é como um plano arquitetônico do universo. Assim, o Ser Humano não surge por acaso. Ele é o agente responsável por revelar a dimensão espiritual escondida no físico.

Conectado a este fato, temos que [Rashi Bereshit na pg. 6 também afirma que o Eterno D’us criou o Mundo a fim de *“ter uma morada nos reinos inferiores”* e a Torá *“precedeu”* a criação como pode ser compreendido na Tanakh Provérbios 08:22, pg. 1895 *“Estabeleceu-me o Eterno como o início de Seu caminho, a mais antiga de todas as Suas obras”*. Ou seja, o Eterno D’us criou o Mundo por amor, na forma da mais pura doação absoluta, a fim de que, Sua criação participasse de Sua felicidade plena e nos deu a Torá como sendo o caminho a ser trilhado para que pudéssemos nos aproximar do Eterno D’us. Raskin, em *“A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”*, pg. 13, *“o lar é o local onde o verdadeiro “eu” se torna vivo. Este foi o objetivo da Criação”*.

Portanto, pode-se ter a impressão errônea de que faltava uma ‘casa’ para o Eterno D’us. Entretanto, para D’us não falta nada. Ele não necessita de nada. Ele não precisa do Mundo ou do Universo, da Humanidade, ou de qualquer outro tipo de ser, ou matéria ou energia presente em qualquer ponto do Universo. Mas, no fundo, Ele criou o Mundo (Universo) porque O desejou criar.

É importante ressaltar que a Torá precedeu a criação e que o “Mundo” não sobreviveria sem Torá quer seja por um único instante. Se a Torá não fosse estudada na Terra, por um único instante, o Eterno D’us transformaria o Universo novamente em “tohu va-vohu”, o caos primordial, ou vazio, que precedeu a criação do Mundo. Blech, no Livro “The Secrets of Hebrew Words”, pg. 32-33. Ou seja, o Eterno D’us, a Torá e o Mundo estão ligados por uma chama que une e faz o outro feliz.

Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 13, “*nota que o radical da palavra (בראשית) (Bereshit) é (ראש) (Rosh), que significa cabeça. O prefixo é (ב) (Beit). Os últimos dois caracteres da palavra são (י) (Yud) e (ת) (Tav). Juntos, Beit, Yud e Tav formam (בית) (Bait) – casa. No princípio, quando D’us criou o Mundo, Seu (תאוה) (taava) desejo era que a cabeça (D’us) habitasse o Bait, Seu lar. E como se faz um lar para D’us? Vivendo a letra (ב) (Beit). As três linhas do Beit são frequentemente interpretadas como sendo os três pilares os quais o Mundo se apoia: Torá, prece e caridade (incluindo boas ações). Quando uma pessoa reza, estuda Torá e faz caridade, constrói uma morada para D’us*”.

Entretanto, para falar do propósito da vida temos de falar de vida e de morte. A Torá começa com o caractere Beit, que corresponde ao número 2. Nossos Sábios em Blech, no Livro “The Secrets of Hebrew Words”, pg.45 nos ensinam que o “*Eterno D’us criou não um Mundo, mas dois, ou seja, este Mundo e o que está por vir. Assim, devemos nos lembrar que nossa vida deve ser levada com a consciência de que a sepultura não é o nosso fim, mas meramente o segundo começo*”.

O Eterno D’us sempre existiu, existe e existirá. A alma Divina é um pedacinho do Eterno D’us. Desta forma, a alma também vive, simplesmente. Assim, o que morre está morto (o corpo) e o que está vivo, vive (a alma). A alma é eterna e vive, não pode morrer, posto que a vida vive. Quando ocorre o evento ‘morte’ a alma e o corpo se separam, seguindo seus próprios caminhos. O corpo retorna ao pó. Em Bereshit 03:19, pg. 09 encontramos “*Com o suor do teu rosto comerás pão; até teu voltar para a terra, pois dela foste tomado; porquanto tu és pó, e ao pó hás de tornar*”. Em Cohêlet (Eclesiastes) 12:07, pg. 684 tem-se “*Volta assim o pó à terra de onde veio, e retorna o espírito a D’us, que o concedeu*”.

O temor vem depois do amor. Somente teme perder aquele que ama. O pai e a mãe amam seus filhos, portanto, temem perdê-los. A esposa ama seu marido, por isso teme perdê-lo. O marido ama sua esposa, por isso teme perdê-la. Quem ama ao Eterno D’us, teme perdê-lo. Por isso, busque lembrar sempre que a vida deve ser construída com a consciência de que a sepultura não é o nosso fim, mas meramente o segundo começo.

Evidentemente, muitos poderiam dizer que o acima apresentado são somente palavras e que de fato não se apresentou maior evidência que a vida continua, ou que existe duas vidas. Evidentemente, não existe prova científica que a vida continua.

Mas, sugiro ao leitor que faça a seguinte experiência buscando, evidentemente, total segurança se resolver praticá-la. Escolha uma noite clara, sem lua e sem nuvens. Vá para um local sem qualquer fonte de luz, de preferência uma elevação, de forma que tenha visão ampla do céu noturno. Aguarde alguns minutos até que sua vista se adapte a escuridão. Olhe para o céu. Observe a imensidão de estrelas, milhares, milhões, bilhões.

Na realidade o que se observa no céu estrelado é uma pequena parte de uma das bilhões e bilhões de Galáxias existentes e observáveis do Planeta Terra. Se contarmos o número de estrelas presentes no firmamento, chaga-se a conclusão de que há mais estrelas no Universo do que grãos de areia presentes no Planeta Terra.

Agora vá ao mesmo local, em uma manhã de sol, com algumas nuvens, mas com a lua ainda presente no céu. Observe que estes corpos imensos (sol e lua), pesando milhões e milhões de toneladas, estão suspensos no firmamento, sem qualquer corda ou estrutura que os segure em algo. Os físicos têm explicações científicas para este fenômeno. Mas, continue a observar. O sol a bilhões de anos nasce e se põe todos os dias de existência do Planeta Terra. A Lua tem o mesmo destino. Dia e noite se sucedem praticamente ao infinito.

Agora olhe para os seus pés e ao seu redor. Há vegetação, formigas, pequenos animais, pássaros, bactérias, vírus, fungos, água, terra, ar, talvez, ao longe, relâmpagos (fogo), nuvens em movimento, vento, pólen, tudo em total harmonia e sincronicidade.

Agora olhe para você mesmo. Olhe para dentro de você. Seus órgãos, todos trabalhando também em harmonia e sincronicidade, há vírus, bactérias, fungos dentro de nós. Você respira, sente seu coração, a saliva de sua boca, os sons ao seu redor. O vento toca a sua pele, seus olhos enxergam tudo isto, e lhe pergunto é possível a existência humana sem a continuidade após a morte? É concebível tal hipótese? Tudo que acima foi descrito é fruto do acaso?

Com a visão noturna do Universo, na realidade, estamos olhando para o infinito e para o eterno, ou seja, para o Eterno D'us que é infinito. Se olharmos agora para o Sol, a Lua e a Terra suspensos no firmamento estamos, no fundo, olhando para a Criação.

Se olharmos para os nossos pés, no fundo estamos olhando para a formação do Planeta Terra. Essa formação é contínua e vital para a nossa existência. E se olharmos para nós mesmos, observaremos os Seres Humanos criados a imagem e semelhança do Eterno D'us e toda a sua histórica ação sobre o Planeta Terra.

Se olharmos para o conjunto completo da Criação, temos a nítida certeza de que o Eterno D'us está presente em tudo, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, do aparente caos microscópico a incrível organização macrocômica, das emoções humanas à razão científica, na indiferença do mal a união do bem, ou seja, na doação de Energia Vital que a tudo sustenta, o Verbo.

Mas, se é esse o propósito da vida, porque o Eterno D'us não nos fez na dimensão adequada para tal? No Livro Cabala Alcançando Mundos Superiores encontra-se na pg. 61 o seguinte: *“Se não percebemos o Criador, ou Seu domínio sobre nós neste exato momento, então se pode dizer que permanecemos na escuridão”*. Ou seja, todos nós precisamos progredir gradativamente e conquistar o prazer de ter conseguido, realmente, fazer desse Mundo uma morada para o Eterno D'us.

A escuridão pode ser caracterizada como insuficiência de luz. Entretanto, é nesta escuridão, onde estamos aparentemente sozinhos, que é revelado o potencial para se descobrir o verdadeiro eu. Na luz, permanecemos protegidos e na escuridão nos sentimos solitários. Mas, é na escuridão que devemos ser mais criativos e fortes para afastar a ausência de domínio sobre aquela situação. Condições estas que são obtidas, por exemplo, por meio da fé no Eterno D'us. A escuridão é parte da Luz, visto a insuficiência de Luz ser somente uma medida instantânea da quantidade de Luz presente naquele momento. O Princípio do Mundo da Humanidade a Luz da Cabala.

Buscando tornar mais claro o acima apresentado, vamos utilizar o conceito denominado *‘Pão da Vergonha’*, que descreve a sensação de receber algo de valor sem ter feito nada para merecer. A prosperidade deve vir do trabalho honesto e não de vantagem indevida sobre os outros. Receber algo sem merecer gera um desequilíbrio espiritual, pois a Luz está sendo usada de forma inadequada.

Neste contexto devemos olhar inicialmente para questão do livre arbítrio e da ocultação do Criador. O Rebe nos apresenta que o Ser Humano pode optar por alinhar-se com o propósito da Criação ou rejeitá-lo. Quando a humanidade, nas gerações do Dilúvio e da Torre de Babel, preferiu se afastar da consciência Divina, D'us se ocultou cada vez mais. Essa ideia é paralela ao conceito cabalístico de

tzimtzum, o retraimento da Luz Infinita para possibilitar um espaço de autonomia (Isaac Luria, Etz Chaim, Heichal A"K, https://www.sefaria.org/Sefer_Etz_Chaim.1.1.3?lang=bi).

Este processo (ocultamento, quebra dos recipientes e reparação) nos apresenta que o mundo físico contém centelhas Divinas dispersas e que o Ser Humano deve se elevar através da Torá e das Mitzvot. Na prática, cada ação humana, mesmo a mais simples, pode libertar as centelhas Divinas e revelar a presença de D'us. Porém a ocultação Divina não é ausência, mas um convite à parceria. O Ser Humano não é mero espectador, mas protagonista e tem a missão de transformar a escuridão em Luz. Assim, Bereshit não é apenas um relato do começo do mundo, mas um chamado para o futuro da humanidade.

Como o Eterno D'us criou o mundo? Ele O criou por meio dos dez pronunciamentos da criação que são:

1. No princípio, D'us criou os céus e a terra.
2. E D'us disse: Haja luz. E houve luz.
3. E D'us disse: Haja um firmamento no meio das águas, e separe as águas de baixo das águas de cima.
4. E D'us disse: Ajuntem-se as águas de baixo do céu num só lugar, e apareça o elemento seco. E assim foi.
5. E D'us disse: Produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que, segundo as suas espécies, deem fruto que tenha em si a sua semente, sobre a terra. E assim foi.
6. E D'us disse: Haja luminares no firmamento do céu, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e estações, e para dias e anos.
7. E D'us disse: Povoem as águas abundantemente de seres viventes; e voem as aves sobre a face do firmamento do céu.
8. E D'us disse: Produza a terra seres viventes segundo as suas espécies: animais domésticos, répteis, e animais selvagens segundo as suas espécies. E assim foi.
9. E D'us disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra.
10. E D'us abençoou o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que D'us criara e fizera.

Os dez pronunciamentos são a fonte das letras da fala Divina por meio das quais toda a Criação foi trazida à existência. Além disto, mesmo aqueles seres criados que não são especificamente mencionados nos dez pronunciamentos, também derivam sua vitalidade dos dez pronunciamentos por meio de várias combinações, substituições e transposições dessas letras. E mesmo com respeito aos componentes inorgânicos, sua força vital e existência, é derivada da palavra de D'us encontrada nos dez pronunciamentos e que está investida neles, mantendo-os (em existência) como matéria inorgânica e como tal (Criado) a partir do nada. Se por um instante essa força criadora cessar, a tendência natural é voltar ao nada. Tudo que foi trazido a existência a partir do nada não pode continuar a existir, a menos que o poder que cria permaneça constantemente investido nele. Tora Bereshit 01:01-02:03 - Tanya Iguéret HaCôdesh Carta 25 pgs 539 a 541

2.(Bereshit) – Gênesis 02:04-19 – “No primeiro dia da Criação, o mundo foi criado como um núcleo de matéria sólida completamente submerso em água. A luz foi criada depois, também no primeiro dia, e a atmosfera, no segundo dia. No terceiro, a terra firme se elevou acima do nível do mar. Os corpos celestes foram afixados no espaço exterior no quarto dia. As aves e os animais marinhos apareceram no quinto dia, e os animais terrestres e os primeiros Seres Humanos povoaram os continentes no sexto dia. No sétimo, D'us ‘descansou’, cessando a Criação. Diferente das demais criaturas, D'us criou o primeiro Ser Humano em duas etapas: começou fazendo um corpo sem vida, para depois ‘soprar’ nele a alma humana.

A alma Divina. D'us formou o humano a partir do pó da terra e soprou em suas narinas uma alma da vida. Ao 'soprar' a alma para dentro do corpo, D'us demonstrou que nossa alma origina-se de 'dentro' do interior d'Ele, diferente do resto da Criação. Isto enfatiza o fato de que somos o objetivo primário da Criação, enquanto todo o restante seria secundário.

Nossa alma Divina é uma centelha de D'us. Por isso, uma alma nunca pode perder a sua conexão intrínseca como Ele. Nosso desafio é assegurar que esta conexão continue a se manifestar dentro de nosso ser físico. Do mesmo modo que, quando uma pessoa sopra o ar, este alcança seu destino se não houver barreiras físicas que possam obstruí-lo, quanto mais libertarmos nossas vidas de "resíduos" espirituais - pensamentos, palavras ou atos prejudiciais e negativos - mais livremente poderá brilhar nossa alma Divina".

*"Ao lermos a criação dos elementos da natureza e do Ser Humano na Torá, é muito provável que ocorra o retorno da dúvida: **Será mesmo que foi o Eterno D'us que criou o Mundo (Universo)?** Para responder vamos olhar diretamente para um relógio mecânico. Vamos abrir este magnífico aparelho, que com suas muitas peças, harmonicamente e milimetricamente dispostas, depois de colocado para trabalhar por meio da corda, vemos que este trabalha sincronizadamente marcando o tempo.*

Evidentemente, reconhecemos que este equipamento somente pode ser criado por meio de um princípio inteligente. Se existissem todas aquelas peças de forma separada, o acaso poderia uni-las de forma que, ao fim de um tempo, mesmo que substancialmente grande, se transformassem em um relógio? A resposta é não. Não é possível que o acaso crie um relógio como àquele.

Olhemos agora para o Universo, tomando qualquer direção que desejarmos, ou se escolhermos uma pequena parte, vamos perceber que aquela parte, mesmo pequena, é extremamente mais complexa que o relógio acima citado. Mas, não é necessário ir para as estrelas para se observar tal fato. Pegue uma folha de uma árvore, olhe cada vez mais de perto, a complexidade é gigantesca. Basta dizer que aquela folha é formada pelos mesmos elementos e matérias que podem ser encontrados, por exemplo, no Sol. Se reconhecemos que o acaso não pode produzir um relógio, que é muito menos complexo que uma pequena parte do Universo, como podemos afirmar que algo extremamente mais complexo foi criado ao acaso!

Veja que, da mesma forma que a corda faz o relógio funcionar de forma harmônica, ou seja, 'da vida ao relógio' doando adequadamente a quantidade de energia necessária para fazer o relógio funcionar, assim é o Eterno D'us que fornece a energia Vital para que o Universo possa 'funcionar' de forma harmônica, onde todas as suas peças estão milimetricamente dispostas e trabalhando sincronizadamente, ajustadas com grande precisão ao tempo e ao espaço". O Princípio do Mundo da Humanidade a Luz da Cabala.

D'us criou os céus e a Terra do nada? Torá Bereshit 01:01-05: *"¹No Princípio criou D'us (Elohim) os céus e a terra. ²E a terra era vã e vazia, e (havia) escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de D'us se movia sobre a face das águas. ³E disse D'us "seja luz"! E foi luz. ⁴E viu D'us a luz que (era) boa; e separou D'us entre a luz e a escuridão. ⁵E chamou D'us à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e foi manhã, dia um".*

Cabe uma breve observação sobre o nome Elohim. Como pode ser revisto na Figura abaixo e fazendo uso da Guematria (Elohim – D'us) e da palavra (Hateva - a natureza) ambas possuem o mesmo valor numérico que é 86. É importante que se medite sobre esse tema. Olhando para natureza no fundo estamos olhando para a manifestação física do Divino.

אלהים	Elohim	D'us	הטבע	Hateva	A natureza
א Alef		1	ה (H)ei		5
ל (L)amed		30	ט (T)et		9
ה (H)ei		5	ב (B)eit (V)		2
י (Y)ud		10	ע Ayin		70
מ (M)em		40			
		86			86

Guematria do nome Elohim (D'us)e “a natureza” (Hateva)

No dia um, o Eterno D'us iniciou criando os céus e a terra. Neste ponto, a introdução do conceito latino “*ex nihilo*”, é importante. O Eterno D'us criou os “céus” e a “terra” do “*ex nihilo*”, isto é, do nada.

Entretanto, uma segunda hipótese é que as outras criações, pode o Criador (Eterno D'us), se assim o desejasse, ter utilizado a matéria e a energia originais já existentes nos “céus” e na “terra”, donde pode ter saído os elementos para compor, por exemplo, a água (H₂O). Por outro lado, a matéria pode ser utilizada para gerar “luz”. O sol usa basicamente o hidrogênio como elemento fundamental para gerar luz. A própria luz se comporta em determinados momentos como onda e outros como matéria. Entretanto, ressalta-se que, hipoteticamente, embora a água e a luz, bem como as outras criações possam ter sido derivadas dos “céus” e da “terra”, todas são dependentes da força Divina.

A criação dos “céus” separados da “terra” aponta na direção da criação do espaço entre os corpos celestes, mas, que não se encontravam vazios, pois continham a matéria e a energia primordiais que daria origem aos corpos celestes. O Criador destaca a criação da Terra, como uma forma de destacar a importância dela para a presença dos Seres Humanos e, também, para nos mostrar que o Universo é a expressão da vontade Divina.

A análise de que o Criador criou os “céus e a terra” do “*ex nihilo*” e que tudo o mais foi criado a partir de algo, deriva da leitura da Torá Bereshit 02:19, pg. 6 “*E formou o Eterno D'us, da terra, todo animal do campo e toda ave dos céus, e trouxe ao homem para ver como os chamaria; e tudo o que chamaria o homem à alma viva, esse seria seu nome*”; e Tanakh Cohélet (Eclesiastes) 03:20, pg. 2073 “*Ao mesmo destino se encaminham, tendo vindo do pó e a ele retornando*”. Os textos se referem a criação que ocorreu em nosso planeta provenientes do pó, e que o Eterno D'us se utilizou de matéria preexistente em ambos os casos. Assim, subentende-se que é possível que Ele tenha também se utilizado de matéria e energia anteriormente criada com a finalidade de avançar no processo de criação.

É importante discutir brevemente também a expressão “*E a terra era vã (tohu) e vazia (wa-vohu)*”, são expressões que produzem muitas interpretações. Mas, seguindo um pouco a lógica acima apresentada a questão sobre a Terra ser vã, é que ela se apresentava inóspita a presença de vida e, consequentemente, estava vazia. Mas, o espírito do Criador movia-se sobre as águas para prover a evolução e fazer surgir a vida. Para isso, a luz é primordial e mais do que isso, a alternância de escuridão e luz geram as condições para manutenção da vida, por meio da força Divina.

Recomenda-se também a meditação sobre o que está escrito em Tanakh Isaías 42:05, pg. 1181 “*Assim disse o D'us Eterno, que cria os céus e os expande; que da existência à terra e ao seu produto; que proveu a alma de todos que nela habitam, e o espírito dos que percorrem Seus caminhos*”.

Neste ponto ressalta-se que há uma diferença fundamental entre a luz do sol e a Luz do Eterno D'us. Tem-se que a Guematria de (AIN) é 1+10+50=61 e 6+1=7. De (yehiy-'or - haja a Luz!) tem o valor 10+5+10+1+6+200=232 2+3+2=7 e de segredo (Sod) é 60+6+4=70 e 7+0=7, ou seja, intrinsecamente, percebe-se também que a Luz citada no primeiro capítulo de Bereshit já existia como

algo não manifestado. Sete é o número da Criação, visto a Criação primordial ter ocorrido em sete dias.

Blech, no Livro “The Secrets of Hebrew Words”, pg. 30 nos apresenta que “*a essência desta luz primordial está implícita em sua definição numérica: (Et-há-or - a luz), Torá Bereshit 01:04, 1+400+5+1+6+200=613. A luz nos permite ver com a visão dos nossos olhos. A luz dos 613 mandamentos nos proporciona a visão do discernimento e a clareza da realidade, conforme percebida pelo prisma da Torá*”.

Assim sendo, tal qual uma lâmpada que não se mantém acesa se não houver uma fonte de energia que a sustente, o Universo (a manifestação física do Divino) não se mantém “vivo” se a Luz do Eterno não o sustentar continuamente.

Nos comentários do Rebe sobre Gênesis 02:04-19, encontramos uma interpretação da formação do mundo e do homem. Ele sustenta que, já no primeiro dia, o mundo foi criado como um núcleo sólido submerso em água, sendo a luz gerada também nesse dia e a atmosfera no segundo. No terceiro dia, a terra firme emergiu acima das águas; no quarto, os corpos celestes foram fixados no espaço; no quinto, surgiram aves e criaturas aquáticas; no sexto, os animais terrestres e, finalmente, o primeiro Ser Humano. No sétimo dia, D’us descansou, encerrando a obra criativa. Mas, segundo a interpretação do Rebe (Tanya, cap. 2 e Iguéret HaTeshuva, caps. 04-05), ao contrário das demais criaturas, o Ser Humano foi criado em duas etapas, ou seja, primeiro como um corpo inanimado do pó da terra e depois “*recebeu*”, por meio de sopro Divino, a alma de vida.

O sopro Divino simboliza que a alma humana provém (tem origem) ‘*de dentro*’, ou seja, de uma centelha interna de D’us, e não como algo meramente externo que é concedido em segundo momento. Essa doutrina indica que o Ser Humano é o foco primordial da Criação. A finalidade da criação é manifestar a centelha Divina no Ser Humano. Assim, a alma humana permanece intrinsecamente conectada a D’us e essa conexão deve ser preservada e fortalecida interiormente. Quanto mais purificarmos nosso interior, removendo pensamentos, palavras e ações negativas, mais livremente essa alma Divina pode brilhar e expressar-se.

Do ponto de vista da Cabala, é possível buscarmos associar os 7 dias da criação com as 7 emoções, a saber: **No primeiro dia**, o núcleo está submerso em água e a luz foi criada. A água, na Cabala, representa a energia potencial, ligada à Sefirá de Hessed (bondade/expansão). O núcleo sólido imerso em água é comparável ao ponto inicial de condensação da Criação, conhecido como Yessod ou “*ponto fundamental do mundo*” (Zohar, Bereshit - <https://www.zohar.com/zohar/Bereshit%20A>). A luz criada nesse mesmo dia remete ao (אור הקבוצ) Ohr HaGanuz (Luz Oculta), que é a revelação do Infinito (Ein Sof) antes de ser contraída, conforme o conceito de tzimtzum da Cabala.

No segundo dia a atmosfera foi criada e o elemento seco. A separação das águas superiores e inferiores expressa o surgimento da Gueburah (rigor/limitação). Aqui se estabelece a primeira ‘divisão’, necessária para que o infinito não consuma o finito. O Zohar (Bereshit 9b) associa esse dia à polaridade entre espiritualidade e materialidade.

No terceiro dia a terra firme se elevou, mares e plantas foram criados. Esse momento representa Tifereth e Malkhuth começando a se manifestar, pois a terra firme é a base onde a vida se desenvolverá. Espiritualmente, simboliza a revelação do potencial oculto nas águas, permitindo que o mundo tenha estabilidade e um solo onde a espiritualidade possa se encarnar.

No quarto dia o sol, a lua e as estrelas foram criadas e o Zohar interpreta o sol como a representação de Ze’ir Anpin (as seis Sefirot emocionais), enquanto a lua simboliza Malkhuth, que reflete a luz do sol.

No quinto dia, criaturas do mar, grandes peixes, aves e pássaros foram criados. As aves, que voam, aludem às forças do pensamento e da inspiração (criação intelectual). Já as criaturas do mar são

associadas ao mundo oculto, ainda envolto no inconsciente espiritual, o mundo de Atziluth, onde as criaturas permanecem envolvidas na Divindade, como peixes na água.

No sexto dia, animais terrestres e o Ser Humano foram criados. Os Seres Humanos foram criados a imagem e semelhança ao Eterno D'us. Aqui surge a síntese da Criação, o Ser Humano, que é feito de pó e de sopro Divino, que reúne todas as Sefirot e mundos em si. A Cabala vê o Ser Humano como um microcosmo. É nele que a centelha Divina se torna consciente. O corpo representa as camadas materiais, mas a Neshama (alma) soprada conecta diretamente ao Ein Sof.

No Sétimo dia ocorreu o descanso de D'us. O Shabat não é ausência de ação, mas a revelação da unidade essencial por trás de todas as diferenças. Ou seja, o repouso representa Malkhuth recebendo a luz. É o retorno (Teshuvá) da criação ao seu ponto de origem, conforme o Zohar (II, 63b in Sefaria.org).

Esse relato da Criação é um processo espiritual de contração do Infinito até a manifestação no Ser Humano, cuja alma é uma centelha de D'us. Cada dia é uma etapa da revelação das Sefirot e da passagem da Luz Infinita até a concretização no tempo e no espaço.

3.(Bereshit) – Gênesis 02:20-03:21 – “O primeiro casal de Seres Humanos viveu no Jardim do Éden, onde estava destinado a desfrutar da criação de D’us inclusive de sua própria sensualidade - de maneira inocente, como forma de aumentar a sua consciência de D’us e Sua bondade. No entanto, ao comer o fruto proibido da Árvore do Conhecimento, eles sucumbiram à tentação de aumentar a sua autoconsciência (personificada pela serpente primordial) e, assim, ficaram tão conscientes de si mesmos que perderam a sua inocência original. Modéstia e inocência. Os dois - o homem e sua mulher - estavam nus e não sentiam vergonha.

Adam e Chava não possuíam nenhum sentimento de egocentrismo antes de terem comido o fruto proibido. Comiam, por exemplo, não porque desejavam sentir o gostinho de tal alimento, e sim, para saciar sua fome e desfrutar da bondade dada por D’us. Do mesmo modo, eles realizavam suas relações maritais, não para satisfazer algum desejo egocêntrico de prazer sensual, e sim, para se unirem entre si, para desfrutar da bondade de D’us, e para gerar filhos.

Foi somente quando eles adquiriram o conhecimento subjetivo do bem e do mal, e o resultante senso de autoconsciência - por comer o fruto proibido -, que perceberam que a sensualidade poderia ser desfrutada como um prazer pessoal. Consequentemente, eles passaram a sentir vergonha de sua nudez, e mais especificamente, da nudez de seus órgãos reprodutores, e tentaram diminuir seu impacto sobre a consciência humana mantendo-os cobertos.

Assim sendo, é através do recato na vestimenta e no comportamento que podemos recuperar nossa inocência humana inata, e elevar nossos impulsos sensuais ao nível da pureza intocada de Adam e Chava no Jardim do Éden”.

Um ponto muito importante é compreendermos a questão **dos 4 rios que são provenientes do Eden**. Em Bereshit 02:10 temos que “E saía um rio do Éden para regar o jardim, e dali se dividia e se tornava em quatro cabeceiras.” Penso que o Éden é a fonte suprema da Sabedoria Divina (Hokhmah). O Jardim do Eden representa Bina (Entendimento), que recebe o fluxo da Sabedoria e o torna compreensível. O rio que sai do Éden é o canal que leva a Luz de Hokhmah até Bina. As quatro ramificações são os quatro fluxos da consciência Divina que se manifestam nas quatro direções, simbolizando os quatro mundos que são: Atziluth, Beriá, Yetzirah, Assiyah. Mas também podemos interpretar que se referem as quatro Sefirot emocionais primárias, a saber: Hessed (חסד) – amor, expansão e generosidade; Gueburah (גבורה) – força, restrição e julgamento; Tifereth (תפארת) – beleza, harmonia e compaixão e Malkhuth (מלכות) – Reino, expressão e receptividade.

Por que são quatro Sefirot e não seis? A Cabalá ensina que existem seis Sefirot emocionais Hessed, Gueburah, Tifereth, Netsah, Hod e Yessod. Mas, quando se fala dos quatro rios, visa-se os quatro

fluxos emocionais que realmente se manifestam em Malkhuth. Netsah e Hod são considerados forças auxiliares, ou a perna direita e esquerda de Tifereth. Nesse caso, são integradas na harmonia de Tifereth e no fundamento de Yessod. Por isso, o Ari interpreta o movimento das seis Midot em quatro rios, representando as quatro direções cardeais do fluxo da Luz Divina.

O rio Pishón (פִּישׁוֹן) que rodeia toda a terra de Chavilá, onde há ouro, significa que o fluxo da bondade Divina (Hessed) é a que traz bênção e prosperidade ao mundo. A terra de Chavilá vem da raiz chevel (faixa de território), nos indicando que a abundância da Luz de D'us é canalizada em limites adequados. Lembre-se, se colocarmos uma plantinha tenra ao sol escaldante ela, com certeza, vai morrer. O termo *'ouro bom'* é o amor a D'us não contaminado pelo ego. Zohar I:32a.

O rio Guichón (גִּיחוֹן) que rodeia toda a terra de Cush (Etiópia) representa o fluxo de Gueburah. Cush (Etiópia) é associada à escuridão, não no sentido negativo, mas da energia poderosa e contida que precisa ser canalizada corretamente. É o rio da paixão interior e do temor reverente, a energia espiritual que limita o excesso e traz equilíbrio ao amor de Hessed.

O rio Chidékel (חִדְקֵל) que corre ao oriente da Assíria (Ashur), indica o intelecto ativo, o discernimento espiritual (Daat e Tifereth), que dirige o fluxo das duas forças anteriores (bondade e restrição). No Zohar (I:33b) nos apresenta que ele é o canal que transforma emoção em sabedoria prática. Ashur representa o estado equilibrado do Ser quando há harmonia entre amor e temor, ou seja, é a Sefirá Tifereth.

O rio Perat (פְּרָת), o Eufrates, simboliza a realização, onde o espiritual se manifesta no mundo físico. Representa Malkhuth, que é onde ocorre a expressão final da Luz Divina em atos concretos. Assim como o Eufrates era ou ainda é o mais conhecido e fértil dos rios, Malkhuth é onde o fluxo das energias Divinas se torna visível.

Em Bereshit 02:15-16 encontramos que *“¹⁵O Eterno D'us colocou o homem no Jardim do Éden para cultivar e o guardar. ¹⁶E ordenou o Eterno ao homem, dizendo: 'De toda árvore do jardim pode comer. ¹⁷E da árvore do conhecimento, do bem e do mal, não comerás dela; porque no dia em que comeres dela, morrerás”*.

O Rebe interpreta esse *“trabalho”* (עבודתו) não como mera labuta física, mas como uma atividade espiritual. O Ser Humano deveria cultivar a bondade inerente e guardar os limites contra a introdução de mal no seu mundo interior e exterior. Forbidden Fruit, in www.chabad.org.

Entretanto, antes de analisarmos a questão do fruto proibido, é interessante nos perguntarmos: **Qual o significado da mulher ser formada por meio da costela de Adão?** Em Torá Bereshit 02:18-23 encontramos que o Eterno D'us afirma que não é bom que o homem esteja só. Que fará uma companheira para ele. Antes cria os animais e aves e os traz para que o homem lhes dê um nome. Dentre esses animais e aves o homem não encontra a companheira para ele. Em seguida Ele o faz cair no sono, retira uma costela e após, da costela faz uma mulher, trazendo-a ao homem. Este diz que ela é carne da carne dele.

Em Hebraico “a costela” é (הצלע) (Hatzela). A mulher foi concedida uma medida extra de sabedoria, que pode ser compreendida rearranjando a palavra Hatzela. Assim, encontramos (לעצה) (LeEzah), que significa *“para conselho”*. Ou seja, a mulher iria sempre ficar ao lado do homem. Nas palavras do Talmude (em Blech - *“The Secrets of Hebrew Words”*, pg. 156): *“Se a mulher de um homem for pequena, que se incline os ouvidos para ouvir seu sábio conselho”*. Em caso de dúvida, pergunte a sua esposa. Ela foi feita para lhe dar o melhor conselho.

Em Tanakh, Mishlê (Provérbios) 18:22, pg. 1917, encontra-se: *“Aquele que encontrou uma mulher encontrou o bem”*. Mas, como mostrou o Eterno D'us, encontrar a companheira não é simples, pois a companheira deve ser parte do homem formando, assim, novamente a unidade primordial. Porém,

ressaltamos o Provérbio 18:21: “A vida e a morte estão sob o poder da língua, e os que a utilizam adequadamente comerão de seu fruto”.

“Quando a Torá diz que HaShem ‘colocou’ (Adam) no Gan Eden para trabalhá-lo e para ‘guardá-lo’ (protegê-lo), isso significa que seu trabalho é cumprir a Torá e as Mitzvot. Especificamente trabalhar refere-se aos 248 mandamentos positivos e para guardá-lo refere-se às 365 proibições. Em um nível espiritual, o cumprimento da Torá e Mitzvot atrai para dentro da criação, dentro deste mundo, uma revelação Divina adicional através do ‘kav’ (uma linha – kav – de conexão) do Or Ein Sof, que está acima e além do Tzimtzum”. Veshinantam 2022, Simchat Torá, Shabat Bereshit, 5783, pg. 141.

Quando D’us ordena em B02:16–17: “De toda árvore do jardim podes comer; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia que dela comeres certamente morrerás”, o Rebe vê ali uma fronteira entre o inocente estado humano e a opção de autoconsciência que conduz ao pecado. O comer o fruto proibido representa a escolha de elevar o ego humano, de “saber por si mesmo” em vez de depender da bondade Divina inerente. Forbidden Fruit, in www.chabad.org.

No relato subsequente, que vai de B02:20 até 03:21, o Rebe enfatiza que Adão e Chava viviam num estado de inocência plena. Estavam nus e sem o sentimento de vergonha, sem egoísmo interno, usando seu corpo e sexualidade de modo puro, não como prazer pessoal, mas como expressão da bondade de D’us e da união espiritual. Esse estado é contrastado com o momento da queda, quando ‘os olhos de ambos se abriram e perceberam que estavam nus’, assim sentiram vergonha e passaram a cobrir os órgãos reprodutores. O pecado surgiu da consciência egocêntrica que transforma sensualidade numa busca de prazer pessoal, em vez de ser um canal de santificação. (Veja abaixo que Lémech se conecta a este ponto).

Qual o significado da Árvore do Saber ou do Bem e do Mal (Conhecimento)? Segundo o Livro de Luzzato, A Sabedoria da Alma os frutos da Árvore do Bem e do Mal ao contrário da Árvore da Vida, “imbuíam o coração humano de luxúrias materiais e físicas” (posição 1503). Mas, se a Árvore do Saber era capaz de levar o coração humano a caminhos de sombra e de afastamento do Criador, por que será que Ele colocou essa Árvore ao alcance de nossas mãos? O Ser Humano foi criado a imagem e semelhança de D’us e pode escolher obedecer ou desobedecer ao Eterno D’us (livre-arbítrio), que é uma dádiva.

Portanto, para que pudéssemos crescer espiritualmente, foi-nos colocado à disposição o poder da escolha. Desta forma, partilhar do fruto proibido significa conquistar imediatamente o maior desejo dos Seres Humanos, ou seja, controlar o próprio destino e exercer poder sobre o Mundo. Assim, o ato da desobediência em si fez com que, gradativamente, Adão e Eva saíssem de sua condição espiritual mais elevada para a condição material presente em Malkhuth. **Ou seja, auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido.**

Mas, o Eterno D’us não sabia que isso poderia acontecer? Sim, Ele sabia que iria acontecer. Mas, tal como um bom Pai que manda seu filho estudar em uma província distante, esse Pai sabe que seu filho terá em suas mãos o poder de fazer escolhas. Essas escolhas poderão levá-lo para o caminho do bem ou do mal. Mas, os ensinamentos que esse Pai ministrou a seu filho é que poderão levá-lo a retornar ao Pai com a missão realizada. Além disto, esse filho retornará com o sentimento de dever cumprido, com um sentimento diferenciado em relação a seu Pai, um sentimento de gratidão por esse Pai ter permitido e confiado que o filho pudesse, por seus méritos, alcançar tal amadurecimento. Veja acima o que fala a revista Veshinantam. Mas, o Eterno conhece todos os caminhos que iremos percorrer, antes mesmo de nós escolhermos percorrê-los.

Em Torá Bereshit (Gênesis) 03:19, pg. 09 está escrito: “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão: até que te voltar à terra, pois dela foste tomado; porque tu és pó e ao pó hás de tornar”. É a primeira vez que a palavra “pão” aparece na Torá, quando de certa forma o Eterno D’us “contrariado” com os acontecimentos ‘castiga’ o Ser Humano.

Em Torá Bereshit de 03:17-24, pg. 09 o Eterno D'us reforçou a necessidade do trabalho como condição para se obter o que se deseja, ou o próprio crescimento / amadurecimento. Ou seja, agora para obter o conhecimento teria de buscar crescer por seu próprio esforço.

Depois, impediu que o Ser Humano alcançasse a imortalidade, permanecendo assim a existência da finitude de todos os seres vivos. A morte leva o Ser Humano a meditar sobre a sua própria existência, a se perguntar **de onde vim? O que vim fazer aqui? Para onde vou?** Sem a certeza do fim, muito provavelmente o objetivo de caminhar na direção do Eterno D'us não seria, talvez, nunca atingido.

Logo à frente em Bereshit 03:21, Ele também reforçou que a finitude era para todos os seres vivos, quando utilizou a pele de animais para fazer vestes para Adão e Eva. Esse fato, é muito importante, pois encerra um conhecimento profundo. O Livro “A Fonte da Vida” de Isaac Dichi, apresenta que a Torá é, toda ela de bondade (posição 1143). Seu começo trata disso: “*E fez o Eterno D'us túnicas de pele e os vestiu*”. Em seu fim trata disso também quando o próprio Eterno D'us cuida do enterro de Moshê: “*E enterrou-o no vale*” (Torá Devarim 34:06, pg. 610). Quando alguém vive na bondade, ele é bom tanto para os outros Seres Humanos como para o Eterno D'us e cumpre com o seu objetivo neste Mundo. Esse é o motivo da seleção feita por D'us de Noé, Abraão, Isaac etc., e, conseqüentemente, seus descendentes como povo escolhido. Portanto, assumiram a missão de tornar esse mundo um lar para o Eterno D'us, ou seja, as suas virtudes os levaram a ser escolhidos.

Usando o conhecimento apresentado por Luzzatto no Livro “A Sabedoria da Alma”, tem-se que o Criador tinha o desejo de doar. Portanto, ‘*precisava*’ fazer seres que pudessem receber o Seu amor. Mas, como o Criador é totalmente bom e em Sua infinita misericórdia e bondade, deseja que existam criaturas para que Ele lhes possa fazer o bem, ou seja, para lhes transmitir à Sua bondade (posição 662). Se não há ninguém para recebê-lo, o bem nem sequer tem existência.

Assim, em Sua infinita sabedoria, Ele propiciou que nos tornássemos merecedores dessa bondade, por meio de nossos esforços. Desse modo, quem a recebe se sente proprietário desse bem e não se envergonha de recebê-lo. A consequência da ‘*aparente imperfeição*’ é para que possamos nos aprimorar, aprendendo a escolher os caminhos certos a fim de alcançar a realização de nosso objetivo neste Mundo. A perfeição é alcançada quando o Ser Humano completa a sua tarefa. Essa tarefa é retornar a plena conexão com o Criador. Neste ponto, é importante ressaltar que embora não explícito nesse texto da Torá, o retorno da alma a uma nova existência terrena é necessário, posto que em uma única passagem pela vida seria muito difícil regressar a plenitude da conexão com o Criador. Inspirado no livro “O Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala”.

4.(Bereshit) – Gênesis 03:22-04:18 – “Se Adam e Chava tivessem se arrependido de forma apropriada, eles teriam sido perdoados e lhes teria sido permitido permanecer no Jardim do Éden. *No entanto, como eles não souberam valorizar esta ocasião, eles foram banidos de lá. Ao primeiro filho deles, Cain (Cain), foi apresentada uma oportunidade semelhante depois que ele matou seu irmão Hével (Abel), no episódio em que D'us aceitou a oferenda de seu irmão, mas não a de Cain. Aprender com os fracassos. D'us falou a Cain: ‘Se você melhorar, será perdoado’.*

O verdadeiro erro de Cain foi não ter aprendido com a resposta positiva de D'us para Hével, que Lhe havia oferecido seus melhores animais. Se Cain tivesse apresentado uma segunda oferenda a D'us, dando-Lhe, esta vez, de sua melhor colheita, D'us o teria perdoado. Nesse momento, D'us tentou Lhe ensinar que, se uma pessoa aprende com seus próprios erros, pode recomeçar. Entretanto, Cain recusou-se a admitir seu erro; convencido da correção de sua ação, sentiu que, se Hével fosse eliminado, seu ponto de vista certamente iria prevalecer.

Nosso desafio é, também, aprender com os nossos fracassos em vez de nos recusarmos obstinadamente em admiti-los, até mesmo justificando-os. Ao aprender com nossos fracassos, podemos transformar cada um deles em um impulso para um maior crescimento espiritual”.

Quando D'us expulsa Adam e Chava do Gan Éden, a Cabala nos apresenta como um ocultamento da Luz. A Árvore da Vida canaliza as energias das Sefirot para Malkhuth, enquanto a Árvore do Conhecimento do bem e do mal representa a mistura de forças opostas dentro de Malkhuth. Ao comerem do fruto da Árvore do Conhecimento, Adam e Chava trouxeram para dentro da existência humana a dualidade entre bem e mal, perdendo o estado de inocência em que tudo era apenas reflexo do Ein Sof (Zohar I, 36b). A expulsão simboliza o afastamento da humanidade da clareza das Sefirot superiores, entrando no processo de Tikun (retificação).

O “cultivar a terra” é um símbolo do trabalho de purificação, que consiste em separar as faíscas de santidade ocultas na matéria. A agricultura, após a queda, é a tarefa espiritual de trabalhar no mundo material e elevar as centelhas que ficaram aprisionadas nos elementos de nossa realidade. Ou seja, fazer as correções que precisam ser realizadas.

Laitman ao comentar a Parashat Haazínu diz que *“Todas as correções que fizemos durante as gerações se reunirão em uma única correção, a rede de conexões entre nós, entre todas as almas, aparecerá de uma só vez e todos estarão verdadeiramente conectados. É então que a força de Moshê irromperá com a luz do sol, juntamente com Yehoshua, a força da lua – as duas grandes luzes que são o Sol e a Lua - e nós chegaremos a um dia que é todo bom”*. www.chabad.org e Bava Basra 75^a.

A oferta de Cain não foi aceita porque ele não canalizou o melhor da energia material para o Eterno. Abel, ao oferecer *“os primogênitos de seu rebanho”*, simboliza o alinhamento das energias emocionais com a Sefirá de Tifereth, elevando-as com retidão. Aqui aparece a lei espiritual que diz que *“só quando a matéria é oferecida em sua melhor forma, ela pode se elevar e se unir às Sefirot superiores”*.

O exílio de Cain reflete o afastamento da Sefirá Yessod. O sinal dado por D'us a Cain, é visto no Zohar como uma marca de restrição. Um tipo de limite espiritual que o preservava da aniquilação.

Por que Cain matou Abel? Cain e Abel representam duas formas de energia antagônicas. Cain é associado a Gueburah mal canalizada resultando, portanto, no orgulho extremamente concentrado na pessoa de Cain. Abel é ligado a Hessed que está associada a bondade e pureza o que resulta em uma oferta desinteressada. Os dois irmãos representam o conflito interno do Ser Humano entre o desejo de dominar (Cain) e o desejo de se aproximar de D'us com humildade (Abel). O Zohar (I, 54b) associa Abel ao lado da santidade (Kedushá) e Cain à força da Sitrá Achara (o outro lado).

Mas, é interessante ressaltar que, segundo Rashi Bereshit pg. 20, Cain e Abel nasceram ainda no Jardim do Éden, sendo que após o evento da serpente, é que a família foi expulsa daquele local. No início do capítulo 4, o Criador nos mostra o que acontece quando o Ser Humano não exerce o domínio sobre si mesmo. Quando criou o homem, o Eterno D'us lhe propiciou 6 domínios, sendo que 5 foram revelados em Torá Bereshit 01:26, pg. 3 a saber: 1) Sobre os peixes do mar; 2) Sobre as aves do céu; 3) Sobre o gado (animais domésticos); 4) Sobre toda a terra; e 5) Sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra.

O sexto domínio é revelado por meio da História de Cain em Torá Bereshit 04:07, quando D'us fala para Cain: *“Porventura se podes bem suportar (ser-te-á perdoado) e se não, na porta jaz o pecado; e a ti (fazer-te pecar), é o desejo (do mau impulso - Sitrá Achara), mas tu podes dominá-lo”*. Ou seja, o sexto domínio é sobre si mesmo. Segundo Dichi “A Fonte da Vida” (posição 6547) *“Isso indica que aquele que medita, constrói sua personalidade mediante o que entende sobretudo que o cerca. Assim, encontra-se em suas palavras mais um aspecto da reflexão: o fato de que ela constitua a base da construção espiritual do indivíduo. Aquele que para a correria da vida para pensar e se aprofundar, possui um modo de viver completamente distinto daquele que não o faz. O entendimento é o que separa o Ser Humano das outras criaturas, que possuem apenas instintos*.

É importante lembrar que em Torá Bereshit 03:17, pg. 8 o Eterno D'us amaldiçoa a terra dizendo que o homem produzirá alimento, retirado da terra, com dificuldade todos os dias de sua vida. Rashi Bereshit pg. 20 comenta que *“apesar da intenção de D'us de que a espécie humana se dedicasse a agricultura, Abel tornou-se pastor, pois o solo fora amaldiçoado por causa do pecado de Adão. Cain, ao contrário, não se deixou intimidar por essa maldição; ele se tornou lavrador de terra”*. Essa maldição não era uma proibição de não se trabalhar na terra. O pão deve ser obtido da terra com o suor do rosto do Ser Humano, ou seja, envolve o seu amadurecimento, que terá de estudar, trabalhar e buscar o conhecimento para fazer com que a terra lhe dê frutos. É importante lembrar que o Eterno D'us preparou o Jardim do Éden de tal forma, que o Ser Humano pudesse cuidar da terra.

Pensa-se que o Eterno D'us inspirou a Cain e a Abel a, individualmente, fazerem uma oferta ao Criador em agradecimento pelos resultados que haviam obtido com os animais e com a agricultura. Mas, deve-se observar que a oferta, no fundo, representa a personalidade do próprio ofertante. Assim, a oferta representa como aquela pessoa se posiciona em relação a sua própria vida.

Desta forma, Cain ofertou, segundo Rashi Bereshit pg. 21 *“frutos inferiores, mas de sua melhor espécie que estava cultivando na terra, o linho, como oferenda para D'us. Cain pensou que o importante fosse oferecer frutos da melhor espécie possível e que a qualidade da oferenda propriamente dita fosse algo secundário. Abel também ofereceu dos primogênitos de seu rebanho, dos mais gordos. Ao contrário de Cain, Abel inferiu que a espécie ofertada não era importante, e por isso não ofereceu algum dos animais mais impressionantes que criava – uma vaca ou touro-, mas meramente uma ovelha. Ele achava que o importante era oferecer o melhor de qualquer espécie que fosse selecionada”*.

Evidentemente, ambos poderiam estar confusos de como proceder para fazer uma oferta ao Eterno. Mas, D'us teve respeito por Abel e sua oferta, mas não a de Cain. Portanto, há uma diferença moral interna na intenção dos ofertantes. A principal diferença das ofertas foi o sentimento que os levou a preparar as ofertas, ou seja, o sentimento presente no coração de cada um deles. Abel tinha confiança plena no Eterno D'us, tendo um sentimento de gratidão por sua misericórdia seguida pela obediência à Sua vontade. Cain não tinha esse sentimento ao mesmo nível do apresentado por Abel. Percebe-se que, o sentimento do ofertante é essencial para a aceitabilidade da oferta, mesmo que os produtos ofertados sejam iguais. Neste caso, Cain ofertou produtos de qualidade inferior, defeituosos, demonstrando a qualidade de seus sentimentos.

Quando o Eterno D'us aceita somente a oferta de Abel, Cain deveria ter reformulado as bases de seu pensamento e meditado sobre os seus sentimentos em relação a oferta apresentada, o que não ocorreu. Cain não buscou o domínio sobre si mesmo, não meditou sobre o que havia ocorrido, não olhou para o seu coração e deixou que o mal instinto o dominasse. Tanakh Salmo 36:03, pg. 1735 *“A iniquidade o atrai e o conduz a maldade”*.

Assim, percebe-se que o ato de Cain representa a quebra da harmonia entre Hessed e Gueburah. Quando Gueburah não é equilibrada por Hessed, ela leva à destruição. O assassinato, simbolicamente, representa a incapacidade de integrar as Sefirot num fluxo equilibrado.

No Livro “The Secrets of Hebrew Words”, pg. 195, indica que há uma razão ainda mais sutil, por detrás deste evento, que fez com que Cain tivesse dificuldade em repensar por que sua oferta não tinha sido aceita pelo Eterno. Blech apresenta que *“ocorreu um terrível erro de julgamento por parte de sua mãe, quando o nomeou. Em Hebraico, há uma correlação entre o nome de (קַיִן) (Kayn) e o verbo (קָנִיתִי) (Kanyty -adquirir).*

Em Torá Bereshit 04:01, pg.09 encontra-se (וַהֲאָדָם יָדַע אֶת-סְתֵר אִשְׁתּוֹ וַתַּהַר וַתֵּלֶד אֶת-קַיִן וַתֹּאמֶר קָנִיתִי אִישׁ אֶת-יְהוָה:) (veha'adam yada ét-chavan ishto vatahar vateled et-qain vato'mer qaniti 'ish et-ádonay) “E o homem conheceu Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Cain [Kayn] e disse: Adquiri um homem com o (auxílio do) Eterno.”

Ninguém jamais será adquirido por outro. Mesmo uma criança não pertence a seus pais. Uma criança é uma pessoa, não um objeto; um Ser Humano, não uma coisa. Ser tratado como um bem é errado e é prejudicial. Ele priva o indivíduo da autopercepção adequada. Como Cain chegou a ver a si mesmo como uma ‘coisa’ em vez de uma pessoa, ele também vê Abel como um objeto que se encontra em seu caminho e não como outro Ser Humano, e mata.”

É importante apresentar também que somos todos filhos de Adão e Eva, somos todos irmãos. Essa luta entre os irmãos Cain e Abel persiste até os dias de hoje. Basta olharmos para as guerras e assassinatos que ocorrem a todo o momento. Tomando a Guematria do nome (קַיִן) (Kayn) encontramos (100+10+50=160). Como visto acima e observando a Torá Bereshit 01:26, está escrito que “*E disse D’us: façamos homem à nossa imagem...*”. Ou seja, o Eterno D’us criou o homem à Sua imagem (צֶלֶם) (tzelem). Tomando a Guematria de imagem encontramos (90+30+40=160). Tomemos agora Guematria da palavra árvore (עֵץ) (Etz) (70+90 = 160). Os valores da Guematria são iguais, ou seja, a árvore é a imagem do homem, que foi criado à imagem do Eterno D’us.

Tomando agora o nome Abel (הָבֶל) (Havel). Sua respetiva Guematria é (5+2+30=37), reduzindo 3+7=10. Olhando para a Guematria de (הַכְּמָה) Hokhmah tem-se (8+20+40+5=73), reduzindo temos 3+7=10. Tomando a Guematria de Hokhmah pela posição ordinal dos caracteres no alfabeto Hebraico encontramos (8+11+13+5=37), reduzindo temos 7+3=10, que é associado, portanto a Sefirá Hokhmah (Sabedoria) presente na Árvore da Vida.

Ou seja, a História de Cain e Abel apresentada na Torá nos mostra que tanto a Luz (Bem – Doação – Proximidade ao Eterno D’us) quanto uma menor quantidade de Luz (Mal – Egoísmo – Afastamento do Eterno D’us) é proveniente da mesma fonte, ou seja, do Eterno D’us.

De certa forma, o apresentado acima pode nos fazer acreditar então que o Eterno D’us pode infligir mal sobre nós. Blech, no Livro “The Secrets of Hebrew Words”, pg. 79 pergunta: “*Como entender que a maldade vem do Todo-Poderoso?*” Em Torá Shemot 33:18, Moisés pede ao Eterno D’us: “*Mostre-me, peço-te, a Tua glória*”. Em resposta podemos ver em Shemot 33:23 que o Eterno D’us responde: “*Tu verás as Minhas costas, mas a Minha face não será vista*”.

Continuando na mesma página, Blech apresenta “*que é apenas em retrospecto que as pessoas podem entender que o que parecia ser o mal era realmente destinado a algum propósito maior. Nós podemos amaldiçoar nossa má sorte quando perdemos uma conexão de avião. Horas depois, o que parecia uma má sorte pode ser compreendido como intercessão celestial, se descobrirmos que o avião que perdemos caiu. Às vezes, são necessários muitos anos para descobrir que o aparentemente mal era apenas uma bênção disfarçada. Em Hebraico, quando (רַע) (RA - ruim) é lido de trás para frente, lê-se então (עֵר) (ER - despertar), ou seja, despertamo-nos para um entendimento muito mais profundo*”.

Qual o Sinal que o Eterno D’us colocou em Cain? Em Bereshit 04:12-15, temos: “¹²*Quando lavrares, o solo não dará mais a sua força para ti, fugitivo e vagabundo serás na terra.* ¹³*E disse Cain ao Eterno: É tão grande o meu delito de não se poder suportar?* ¹⁴*Eis que me expulsas da face da terra, e da Tua presença não poderei me ocultar. E serei fugitivo e vagabundo na terra, e acontecerá que todo que me encontrar matar-me-á.* ¹⁵*E disse o Eterno: “Por isso, quem matar Cain, sete vezes será vingado”. E o Eterno pôs em Cain um sinal para que não o ferisse quem quer que o encontrasse*”.

A razão pela qual o Eterno pôs aquele sinal em Cain foi para que ele tivesse tempo de se arrepender, ou seja, recobrar o domínio sobre si mesmo. Esse sinal, deveria, portanto, lembrá-lo todos os dias da necessária reconexão entre a espiritualidade perdida com o assassinato de Abel, com a materialidade atual de Cain. Conforme suposição dos autores do Livro o Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala, este sinal seria o caractere Wav (*o Eterno restaurou a imagem Divina – Rashi Bereshit pg. 22*), posto que todos que vissem aquele sinal reconheceriam aquelas características, ou seja, a busca pela conexão entre a espiritualidade e a materialidade em que aquele homem estava imerso.

Esse pensamento é sustentado, olhando-se o significado do caractere Wav em Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 45, “o desenho do Wav parece um “gancho” e um gancho segura duas coisas juntas. É um meio de conectar o espiritual ao físico”. Além disto, Zohar (Bereshit A, capítulo 48) nos apresenta que D’us inscreveu o caractere Wav (ו) na testa de Caim como proteção. https://www.zohar.com/zohar/Bereshit%20A/chapters/48?utm_source=chatgpt.com.

O Pedreiro sabe que o pecado, a falha ou o erro, nunca é o ponto final. O que define o destino do Ser Humano é a capacidade que se tem em responder a falha realizada. Adam e Chava perderam o Éden por não saberem retornar plenamente (fazer Teshuvá). Caim perdeu Abel por não dominar a si mesmo. Mas, a presença do sinal, a misericórdia oculta na maldição e a permanência da centelha (mesmo em quem caiu) mostram que a porta da Teshuvá nunca se fechará. O arrependimento sincero continua sendo a ponte entre o humano e o Divino. Se podemos tirar uma lição, que nunca deve ser esquecida, é que o arrependimento sincero pode transformar a queda em elevação.

5.(Bereshit) – Gênesis 04:19-22 – “Apesar dele não ter corrigido seu comportamento totalmente, Cain expressou certo grau de remorso por ter matado seu irmão Hével. Por esta razão, D’us adiou o castigo de Cain por sete gerações, para dar aos seus descendentes uma maior oportunidade de se arrepender. Entretanto, novamente a oportunidade foi rejeitada, como demonstrou o comportamento de Lémec, um descendente de Cain. Feminilidade. Lémec se casou com duas mulheres.

No tempo de Lémec, a sociedade estava moralmente degenerada a ponto dos homens coisificarem a beleza feminina, despersonalizando as mulheres. Tornou-se comum os homens se casarem com uma mulher por sua beleza, e com uma segunda, apenas com o propósito da procriação. À primeira esposa era dado um contraceptivo para evitar a gravidez e, assim, impedir que o nascimento de um bebê estragasse sua aparência. O marido passava a maior parte de seu tempo com ela, ignorando sua segunda esposa.

Não é preciso dizer que a coisificação da mulher contraria as intenções de D’us. D’us criou o mundo de modo que todo relacionamento consista em que alguém (ou algo) atue como um doador e a outra pessoa (ou objeto), como um receptor. Ambos têm que ter consideração um pelo outro. Isto somente é possível porque no relacionamento não há uma separação absoluta entre o ‘doador’ (masculino) e o ‘receptor’ (feminino): os homens também possuem suas características femininas e as mulheres, características masculinas. Portanto, cada um de nós pode e deve apreciar a maneira como nosso cônjuge nos complementa, e perceber assim que temos que combinar nossas forças, valorizando a contribuição que cada um de nós pode fazer para o nosso objetivo Divino comum”.

É importante ler o Tanakh Salmo 139, pg. 1868, com especial atenção para os versículos de 07 a 12: “⁷Para onde eu poderia ir se me quisesse afastar do Teu Espírito? Como poderia fugir da Tua presença? ⁸Se aos céus eu ascendesse, lá Te encontrarias, se às profundezas me lançasse, também lá estarias. ⁹Se com asas da aurora eu me puser a voar, e aos confins dos mares eu me dirigir, ¹⁰Tua Mão me continuará a conduzir e Tua destra a me sustentar. ¹¹Se eu disser: Certamente a escuridão me há de ocultar, eis que à minha volta se iluminará a noite. ¹²De Ti nada encobrem as trevas e para Ti brilha a noite como o dia, pois luz e trevas são para Ti iguais”.

Deve-se ressaltar, entretanto que, como apresentado acima, a Torá escreve que o Eterno D’us, disse que ele seria fugitivo e nômade. Isto significa dizer que ele não teria permissão para morar em nenhum lugar. Em Hebraico be’erets nod, na terra de nod, é o local para o qual Cain se ‘retirou’ da presença do Eterno D’us. A palavra nod significa nômade ou andarilho sem destino. Ou seja, Cain deveria permanecer nômade até que, sinceramente, se arrependesse e obtivesse o perdão do Eterno D’us.

Mas, o tempo para o arrependimento sincero não era ilimitado, o Eterno D’us disse que “quem matar Cain, sete vezes será vingado”. Ou seja, segundo Rashi Bereshit, pg. 22, somente após sete gerações ele deverá ser castigado por ter matado Abel. Assim, em Bereshit 04:23, pg. 11 é apresentada a morte de Cain por Lémec de forma involuntária, bem como do próprio filho de Lémec; Tubal Cain. Que

ocorre quando o Eterno D'us retira a imagem Divina de Cain e ele foi confundido com um animal (Rashi Bereshit – Gênesis - pg. 23).

Se tomarmos a palavra “tempo” em Hebraico encontramos (זמן) (zmân) e sua Guematria encontramos (7+40+50=97), reduzindo (9+7=16). O décimo sexto caractere do Alef Beit é Ayin (ע). Segundo Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 120, encontramos que o Ayin é composto de um Wav contido em um Num. O Num representa a humildade. O Wav significa Torá que desce do Céu para a terra, em seu desenho inerente de um gancho ou conduto. O tempo fixado para Cain era destinado para que ele retornasse a sincera humildade e aos ensinamentos da Torá.

Em Gênesis 04:19–22, encontramos a figura de Lémec, que se casou com duas esposas que são Ada e Tsila. O versículo menciona seus filhos como fundadores de diferentes áreas da civilização, tais como a criação de gado, a música e a metalurgia. O Rebe de Lubavitch interpreta que estes versículos são um retrato de uma sociedade moralmente degenerada. O casamento havia deixado de ser uma aliança de reciprocidade e passou a ser a manipulação do feminino para fins de prazer. Lémec instituiu a prática de poligamia sendo uma das esposas destinada somente ao prazer e associada a beleza e a segunda esposa destina a procriação. Gênesis 04:19–22; Bereshit Rabbah 23:02, in www.sefaria.org.

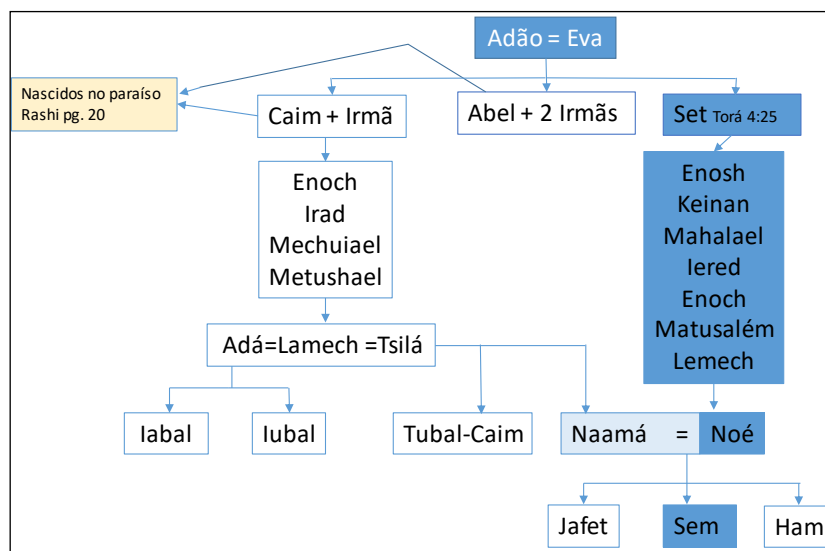
Após Caim demonstrar certo remorso por ter matado Hével (Abel), o castigo foi adiado por sete gerações, para permitir-lhe o arrependimento. Mas, chegando à geração de Lémec, a oportunidade foi desperdiçada tanto por Cain quanto para aqueles que viviam ao seu redor. A violência e a corrupção moral se intensificaram. O Rebe, porém, enfatiza não só a existência da violência, mas a degradação da relação homem / mulher como reflexo do distanciamento da humanidade do plano Divino. Rashi Gênesis 04:23 in www.sefaria.org.

Ao estudar a Cabala compreendemos que a relação entre masculino e feminino é descrita em termos de doador e receptor. O masculino e o feminino não são polos absolutos, mas interligados. O homem contém características femininas e a mulher também possui características masculinas. A Cabalá ensina que a perfeição só existe na união equilibrada. Portanto, a prática de Lémec de separar beleza de procriação, viola o próprio equilíbrio espiritual que sustenta a Criação. Zohar I:49b www.sefaria.org. O Rebe nos mostra que em termos práticos, cada cônjuge deve reconhecer no outro não apenas o complemento de suas carências, mas também a expressão da própria Divindade dentro da parceria.

6.(Bereshit) – Gênesis 04:23-05:24 – “Além de Cain e Hével, Adam e Chava tiveram um terceiro filho, Shet (Set). A quinta geração de Shet foi Chanoch (Enoque), que resistiu à degeneração na qual o restante da humanidade estava submergindo e teve uma vida correta. A grandeza das pequenas coisas. Chanoch caminhava com D’us.

Chanoch era um sapateiro cuja santidade era tal que nem mesmo sua ocupação mundana o desviava de seu serviço e de sua dedicação a D’us. Sabe-se que a cada costurada de sapato que ele fazia, pensando no bem-estar de seu futuro usuário, Chanoch gerava um grau maior de harmonia nas esferas espirituais.

Nós também, em nosso próprio nível, podemos seguir os passos de Chanoch e infundir intenções sagradas em nossas atividades terrenas, que poderão influenciar positivamente os mundos celestiais”.



Árvore Genealógica de Adão e Eva até os três filhos de Noé.

A figura acima apresenta a árvore genealógica desde Adão e Eva, com as vertentes de Cain e de Shet (Set). Naquele tempo, o Eterno D'us permitia o casamento entre irmãos a fim de se iniciar a humanidade. Entretanto, posteriormente, esse relacionamento foi proibido. O Chanoch (Enoque / Enoch) é o descendente de Set como pode ser visto acima. Torá Bereshit 4 e 5 e Rashi Bereshit, págs. 20 a 23.

Lémech mata Cain e depois a Tubal Cain. Lémech era cego e seu filho Tubal Cain o guiava na caça. Pensando ver um animal, Tubal Cain apontou para Cain e Lémech o matou por engano. Depois, percebendo o erro, bateu as mãos e sem querer matou também a Tubal Cain.

Como já vimos acima, Cain é a expressão da severidade e Hével é a ligação ao Divino. Assim, a morte de Cain pelas mãos de Lémech simboliza que a severidade não encontrou equilíbrio e, portanto, colapsou. Zohar I:54b–55a, in www.sefaria.org.

O filho de Lémech, Tubal Cain, é descrito como *“forjador de todo instrumento de cobre e ferro”*. Ele representa o potencial de elevação da força material, por meio da transformação do mineral em um instrumento. No entanto, Lémech também mata Tubal Cain, isso indica que a possibilidade de redirecionar corretamente as energias da linha de Cain é momentaneamente interrompida. Assim, surge espaço para o nascimento de Shet, do qual descenderá Chanoch, Noé e toda a humanidade pós-diluviana. Midrash Rabbah em www.sefaria.org.

Quando energias Divinas intensas não encontram recipientes espirituais adequados, acabam quebrando e causando caos. A morte de Cain e de Tubal Cain pelas mãos de Lémech, exemplifica essa quebra. Energias poderosas, mas não refinadas, que se autodestroem. A linha de Shet representa um processo de retificação (Tikun), apontando para a possibilidade de integrar bondade e severidade de forma equilibrada. Etz Chaim de Isaac Luria in www.sefaria.org.

Do ponto de vista interior do Ser Humano, mostra-nos que o meu Cain interior, a força do desejo e da agressividade, que não é refinada, acaba destruindo tanto a si mesmo quanto a possibilidade de se transformar em algo positivo (simbolizado por Tubal Cain). A mensagem da Cabalá é que essas energias não devem ser aniquiladas, mas sim canalizadas para o serviço Divino, transformando poder bruto em força de construção. Isto nos mostra a necessidade de redirecionar a vitalidade espiritual para criar um mundo em que a Luz e a severidade se complementem, em vez de se anularem. Tania Likutei Amarim, cap. 01-03. (Veja o casamento de Naamá com Noé abaixo).

A Torá nos apresenta duas genealogias paralelas, ou seja, a descendência de Cain e a de Shet. Isto sugere um contraste, pois enquanto a linhagem de Cain está associada a violência e autodestruição; a linhagem de Shet floresce em busca de espiritualidade e continuidade.

Por isso, Enoch, descendente de Shet, tem grande importância. Ele ‘andava com D’us’, ou seja, viveu em intimidade espiritual rara com o Eterno. Em contraste com a degradação moral da linhagem de Cain, Enoch encarna a possibilidade de elevar a humanidade a um nível de santidade inédito. A importância de Enoch é ressaltada ainda mais, pois ele transcendeu a própria morte. Midrash Bereshit Rabbah 25:01 in www.sefaria.org.

7.(Bereshit) – Gênesis 05:25-06:08 – “Apesar do exemplo positivo dado por Chanoch (Enoch), a humanidade continuou em sua espiral descendente de degeneração moral. Finalmente, D’us percebeu que existia apenas um remédio possível: recomeçar tudo de novo. O poder da fala. D’us viu quão grande podia ser a maldade da humanidade.

Quando D’us viu o estado moral da humanidade, Ele não expressou imediatamente sua decisão de destruir o mundo com um dilúvio. Somente depois que Ele encontrou um meio de permitir à humanidade sobreviver - isto é, por meio de Noach (Noé) - é que Ele anunciou sua decisão. Isto porque, a partir do momento que uma ideia desce do pensamento e é manifestada através da fala, sua realidade começa a ficar mais concreta e, portanto, mais difícil de revogar.

Do mesmo modo, deveríamos estar atentos ao poder extraordinário de nossa fala: ao realizar uma avaliação negativa sobre alguém mesmo que tal pessoa nem saiba que o fizemos, ao falar tal coisa já estamos reforçando inconscientemente suas características negativas, e tornado mais difícil para essa pessoa livrar-se delas.

Devemos, portanto, pensar duas vezes antes de expressar um juízo negativo sobre alguém; em vez disso, precisamos sempre procurar fazer comentários positivos e construtivos sobre os demais. Esta atitude reforça as características positivas das pessoas e as conduz a uma maior elevação espiritual”.

Como pode ser visto na figura acima, Naamá, filha de Lémech (da linhagem de Cain), se casou com Noé (da linhagem de Shet). Isso indica que a linhagem de Cain não desapareceu por completo, mas foi absorvida dentro da linhagem de Shet. Essa união (Naamá com Noé) significou que o legado de Cain, embora marcado pela queda, foi preservado por meio dela e integrado à humanidade pós-diluviana. Assim, a humanidade pós diluviana carrega tanto a espiritualidade equilibrada de Shet quanto a intensidade transformadora de Cain. O propósito da Criação não é eliminar as forças caídas, mas transformá-las e elevá-las ao serviço Divino. Zohar I:55b.

Sabemos que Naamá é mencionada uma única vez em Gênesis 04:22 e não há ali qualquer menção de que seria esposa de Noé. A Jewish Encyclopedia registra que “segundo Abba ben Kahana, Naamá era a esposa de Noé, e ela era chamada ‘Naamá’ (agradável) porque sua conduta era agradável a D’us”. Outros comentaristas rejeitam essa identificação, considerando Naamá como pertencente à linhagem de Cain e não apta a refletir retidão plena.

O rebe apresenta que D’us não anuncia a decisão de destruir o mundo até ter preparado um meio de salvação (Noé), posto que, quando algo é pronunciado, já se torna mais difícil de inverter. A fala é uma expressão intermediária entre o pensamento e a ação, mas ela estrutura e dá forma ao mundo inferior a partir das luzes superiores. Essa percepção está profundamente conectada ao tema das dez emanções da criação, anteriormente citadas. D’us vê a maldade crescente no coração humano, no entanto, espera que Noé esteja preparado para ser aquele que retomaria a evolução da humanidade.

Entretanto, a forma aqui apresentada, é que o mundo pós-diluviano não é um novo começo a partir de uma linhagem puramente espiritual, mas sim uma síntese entre a espiritualidade elevada de Noé combinada com a intensidade transformadora de Cain (via Naamá). Essas duas linhagens poderiam corresponder a polos diferentes de luz e força, que precisam ser combinados para que o mundo seja transformado em uma morada para o Criador.

03 - Parashat Nôach – O Dilúvio e Suas Consequências

Sinopse

Muito diferente da geração degenerada que caracterizava a sua época, Noach continuou fiel às tradições de moralidade que foram herdadas dos primeiros seres humanos. Por essa razão, D'us escolheu Noach para sobreviver ao Dilúvio e, assim, repovoar a terra posteriormente. Nunca é demasiado tarde. D'us disse a Noach: 'Decidi terminar com toda carne'. segundo o Rabino Joseph Saltoun no livro A Arvore da Vida, posição 1822 "O pecado não é uma ação contra D'us, o pecado é uma ação que destrói o divino que está em nós". A destruição da ligação entre criatura e Criador, de fato é o que levou a ocorrência tanto do evento do Dilúvio quanto da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Ou seja, antes da ocorrência daqueles eventos ocorreu uma quebra da ligação entre a criatura e o Criador. Que o Eterno não o permita. Metaforicamente, nossa 'arca' pessoal é o nosso período de estudo da Torá e de preces. Assim como Nôach e sua família estavam na arca protegidos da inundação avassaladora que ocorria do lado de fora, nós podemos 'entrar' no mundo da Torá e das preces para nos proteger da 'inundação' das preocupações mundanas que ameaçam nos submergir. As águas correspondem às águas superiores da consciência Divina que descem para lavar as impurezas do desejo egoísta. Assim como o arrependimento refina o indivíduo, o Dilúvio refinou a criação. Depois dele, a humanidade passou a viver num mundo permeado pela possibilidade da transformação e da misericórdia. A chuva durou quarenta dias e, depois disso, a terra permaneceu submersa por mais cento e cinquenta dias até que as águas começaram a baixar. Sessenta dias depois que essas diminuíram, Nôach enviou um corvo e em seguida uma pomba para ver se as águas haviam recuado. Sem esperar por D'us. Nôach abriu a janela que havia construído na arca e enviou o corvo. Noé e sua família somente retiraram a cobertura quando perceberam que poderiam suportar a presença da quantidade de Luz do Eterno D'us reinante e que aquela quantidade presente naquele momento, não despertaria o egoísmo entre os membros da família. D'us nos ordena - assim como o fez com Nôach - a não permanecer em um ambiente espiritual protetor de estudo de Torá e preces, e sim, emergir dele, entrar no mundo e transformá-lo numa moradia para D'us. O processo de refinamento de uma pessoa é conhecido como o serviço do coração. Graças ao Dilúvio, podemos trazer a consciência Divina até mesmo para dentro de nossa vida 'terrena'. No início, devemos periodicamente nos imergir na Divindade: na reza diária e no estudo da Torá, e na observância semanal do Shabat e anual das festas judaicas. Em seguida, precisamos trazer a conscientização Divina para dentro de cada aspecto de nossa vida diária. Estes esforços vão acelerar a concretização da completa consciência Divina em todo o mundo na Era messiânica. O Eterno D'us deixou uma parte deste Mundo da Ação "incompleto", para que os Seres Humanos pudessem trabalhar e contribuir para o seu aperfeiçoamento, conectando a Ação com a Criação. O Baal Shem Tov ensinava que as pessoas que encontramos em nossas vidas são como nossos espelhos: se enxergamos o mal nelas, na verdade, o que estamos vendo é o mal que está dentro de nós refletido nelas. Como geralmente somos cegos aos nossos próprios defeitos e faltas, D'us faz com que percebamos tais coisas nos outros, para que possamos reconhecer em nós as mesmas faltas e nos corrigir. Portanto, como Shem e Jafet não compartilhavam de tal fraqueza de Noach, não se concentraram nela e sim, ao contrário, procuraram ajudar seu pai. Mas Ham, que efetivamente possuía a mesma fraqueza de seu pai, se concentrou na vergonha dele em vez de pensar em como podia ajudá-lo. Prezado Pedreiro: O Rebe ensina que a reação de cada filho ao estado em que Noé se encontrava, é um espelho do seu próprio nível espiritual. Ham vê o mal porque esse mal ainda vive dentro dele; Shem e Jafet veem a possibilidade de redenção, porque dentro deles há compaixão e clareza. Assim, o episódio revela a dinâmica da projeção espiritual. Aquilo que percebemos nos outros é uma convocação Divina para olharmos dentro de nós mesmos. Em vez de obedecer a ordem de D'us para espalharem-se e repovoar o mundo, os sobreviventes do Dilúvio se reuniram sob a liderança de Nimrod, bisneto de Ham. Nimrod convenceu-os de que, para prevenir outro Dilúvio, eles deveriam construir uma gigantesca torre, e assim controlar as chuvas se necessário. Com o intuito de lhes ensinar que aquela união não era benéfica, já que os levava a revoltar-se contra Ele, D'us fez com que cada clã comesse a falar o seu próprio idioma, e assim

a humanidade abandonou a Torre de Babel e se dispersou pelo mundo, conforme era a Sua intenção original. O Rebe ensina que o verdadeiro Tikun é transformar a civilização em um “Beit”, uma casa para o Divino. É o mesmo princípio que nos é apresentado na primeira palavra da Tora (Bereshit) e que inicia com o caractere Beit. Assim, quando o homem edifica sua torre interior, voltada para revelar e não para dominar, então Babel se transforma em Beit-El, a Casa de D’us.

1.(Nôach) – Gênesis 06:09-22 – “Muito diferente da geração degenerada que caracterizava a sua época, Noach continuou fiel às tradições de moralidade que foram herdadas dos primeiros seres humanos. Por essa razão, D’us escolheu Noach para sobreviver ao Dilúvio e, assim, repovoar a terra posteriormente. Nunca é demasiado tarde. D’us disse a Noach: ‘Decidi terminar com toda carne’.

D’us não provocou o Dilúvio porque, repentinamente, Ele percebeu que havia cometido um erro ao criar o mundo. Ao contrário, as realidades pré e pós-Dilúvio eram etapas necessárias no desenvolvimento do mundo, estágios que estão refletidos na vida de cada indivíduo.

Antes do Dilúvio, a realidade estava confinada às forças incontrolláveis de causa e efeito. Cada boa escolha fortalecia a bondade permanentemente; e a má escolha reforçava o mal permanentemente.

O Dilúvio suavizou a realidade introduzindo a oportunidade do arrependimento. Por isso, quando Nôach emergiu da arca, o que ele viu não era um lugar arruinado, uma devastação pós-apocalíptica, e sim, um mundo novo e fresco, plenamente promissor e livre dos grilhões do passado.

Em nossas vidas também podemos pensar, erroneamente, que estamos presos a um destino predeterminado por nossa hereditariedade, por nossa educação ou por erros do nosso passado. Graças ao Dilúvio, a verdade é exatamente o oposto disso: nunca é tarde demais para mudar. D’us está sempre esperando o nosso retorno de braços abertos para um recomeço. O arrependimento, assim como o Dilúvio, nos permite transformar qualquer situação desafiadora ou turbulenta de nossas vidas em um meio de nos limpar, nos refinar e nos preparar para seguir adiante com mais fé e com mais força”.

Inicialmente é importante nos perguntarmos: **Que característica apresentavam os filhos de Set?** É interessante notar que em todo Bereshit 5 não é citada qualquer contribuição ou realização dos filhos de Set, no sentido de construção de cidades, ou instrumentos, ou algo semelhante. Dois pontos os distinguem. **O primeiro** é que eles foram homens de fé. Por exemplo, em Bereshit 05:22, pg. 13 está escrito que Enoch, descendente de Set, andou com D’us. Também em Torá pg. 13, há um comentário que diz que “andar com D’us” significa “ter tido uma vida correta”.

Assim, antes de apresentar o segundo ponto, é importante nos perguntarmos: **Qual o significado do pecado?** O pecado é um ato e não um estado do Ser. Possuindo o Ser Humano o livre arbítrio, é, portanto, a escolha deliberada do mal em detrimento do Bem (Salmo 37, pg. 1737). Ou seja, como já foi dito na Parashat Bereshit: “**o pecado é auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido**”.

Portanto, os descendentes de Set olharam para o passado e compreenderam o fato de que o pecado foi a raiz de todos os seus problemas. E olharam também para o futuro e perceberam que a redenção estava em preservar, por meio da sua descendência, o amor ao Criador. Assim, **o segundo ponto** é que aquelas pessoas perceberam que deveriam fazer um grande esforço, para fazer com que seus descendentes compreendessem a vital importância de permanecerem associados aos planos e propósitos Divinos.

No Tanya vol. 2, pg. 381 apresenta que “Quando um homem peca, é dito a ele: O mosquito o precedeu”. O significado simples desta afirmação é o seguinte: “Você não tem o menor motivo para se orgulhar! Até mesmo um ínfimo mosquito foi criado antes de você (pois na Criação, os insetos foram criados antes de Adam)!” Mas, o significado espiritual mais profundo desta frase é que o mosquito tem precedência e, inclusive, está num nível superior ao do pecador, ou seja, o pecador é mais egoísta que o mosquito que consome da natureza devolvendo-lhe quase nada.

Há alguma relação entre a descendência de Set e a Verdade? Na Figura abaixo, apresenta-se a Guematria das palavras verdade e morte em Hebraico. Uma revelação no mínimo incrível é, se for retirado o Alef (1), que representa o Eterno D’us, da palavra verdade em Hebraico, ela se transformará em morte. Ou seja, se for ocultada a Verdade do Eterno D’us, deliberadamente, encontrarás a morte.

אמת Emet	Verdade	מת Met	Morte
א Alef	1		
מ (M)em	40	מ (M)em	40
ת (T)av (S)	400	ת (T)av (S)	400
	441		440

Apresenta a Guematria das palavras verdade e morte em Hebraico.

A descendência de Set nos apresenta que se deve buscar sempre uma vida plena em doação. O Eterno D’us é doação absoluta e o Ser Humano é recepção absoluta. Portanto, a forma de nos aproximarmos do Criador é caminhar sempre na direção de tentar compreender a verdade que o Eterno colocou a nossa disposição ainda nessa vida. Pense: mesmo vivo, a pessoa está morta, em função do seu afastamento do Criador ou da Verdade.

Se usarmos a técnica de Guematria Mispar-Mussafi onde o valor de uma palavra (ou frase) é o valor padrão da Guematria mais o número de caracteres na palavra (ou frase) (Shet) vamos obter o seguinte: $300 + 400 = 700$ + dois caracteres têm-se 702. Somando-se $7+0+2 = 9$ que é o mesmo valor da palavra Emet pois $4+4+1=9$. Desconectando-se do Eterno D’us (Alef) advém a verdadeira morte.

Há alguma estrutura pré-definida ao se descrever a descendência de Set? No relato dos descendentes de Caim nenhum número foi empregado diretamente. Na linhagem de Adão/Set há um padrão numérico definido: 1º) A idade do descendente de Adão/Set, ou seja, quando ocorreu o nascimento do filho mencionado na Torá. 2º) O número de anos vividos após o nascimento do filho citado na Torá. 3º) Por último, a idade do descendente de Adão/Set quando ele vem a falecer.

Na Figura abaixo é apresentado os descendentes de Adão/Set até o Dilúvio. Em Tanakh Salmo 112, pg. 1837, embora não fale explicitamente sobre Set, descreve as características de um homem Justo (Tzadik): “¹ Haleluiá! Louvado seja o Eterno! Bem-aventurado o homem que teme ao Eterno e que ardentemente se dedica a cumprir seus preceitos. ²Poderosa na terra será sua descendência. ³Fartura e riqueza haverá em sua casa, e sua generosidade durará para sempre. ⁴Mesmo na escuridão; uma luz resplandece para os íntegros, pois Ele é compassivo, misericordioso e justo. ⁵Bem haverá para quem tem compaixão e empresta, a quem necessita, e seus negócios conduz com equidade. ⁶Jamais será abalado; eterna será a lembrança do justo. ⁷Não se intimidará com notícias funestas, pois seu coração firmemente confia no Eterno. ⁸Ele se sente seguro e não é temeroso, e testemunhará o fracasso de seus inimigos. ⁹Ele oferece e distribui o que precisam os necessitados; perene será sua benevolência e com glória será exaltado. ¹⁰O ímpio, porém, ao ver o que acontece se sentirá revoltado; inutilmente rangerá seus dentes e terá frustrada sua ambição”.

Criação de Adão		0	Criação de Adão
Nascimento de Set		130	Adão tinha 130 anos quando nasceu Set
Nascimento de Enosh		235	Set viveu 105 anos, ele teve um Filho Enosh
Nascimento de Kenan		325	Enosh viveu 90 anos, ele teve Kenan
Nascimento de Mahalael	9	395	Kenan viveu 70, ele teve Mahalael
Nascimento de Iéred	3	460	Mahalael viveu 65 anos, ele teve Iéred
Nascimento de Enoch (Chanoch)	0	622	Iéred viveu 162 anos, ele teve um filho, Enoch
Nascimento de Matusalem	1	687	Enoch viveu 65 anos, ele teve um filho Matusalém
Nascimento de Lemech	2	874	Matusalém viveu 187 anos, ele teve um filho Lemech
Morte de Adão (930 - Enosh o Enterra)	9	930	Adão viveu 800 anos depois do nascimento de Set.
Morte de Enoch (Chanoch)	0	987	Enoch viveu 300 anos depois que teve Matusalém
Morte de Set	1	1042	Set viveu 807 anos após o nascimento de Enosh
Nascimento de Noé (Filho de Lemech 82)	5	1056	Lemech viveu 182, ele teve um filho Noé, escolhido por Deus
Morte de Enosh	8	1140	Enosh viveu 815 anos depois que teve Keinan
Morte de Kenan	1	1235	Kenan viveu 840 depois que teve Mahalael
Morte de Mahalael	0	1290	Mahalael viveu 830 anos depois que teve Iéred
Morte de Iéred	6	1422	Iéred viveu 800 anos depois que teve Enoch
Deus dá 120 anos para a humanidade arrepender-se	7	1536	Oportunidade
Nascimento de Jafet (Filho de Noé, 500)	7	1556	Jefet tinha 100 anos quando o Dilúvio iniciou
Nascimento de Sem (Filho de Noé, 502)	M	1558	Na Torá, Sem é mencionado antes de Jefet por ser o precursor do povo Judeu. Ham nasceu depois de Sem, antes do dilúvio. Anos de nascimento citados em Rash pg 26 e 320.
Morte de Lemech	o	1651	Lemech viveu 595 anos depois do nascimento de Noé
Morte de Matusalem; Início do Dilúvio (Noé, 600, Jefet, 100 e Sem, 98)	r	1656	Matusalém viveu 782 anos depois que teve Lemech
	t		
	e		
	2		
	0		
	0		
	6		
	Dilúvio		

Cronologia de nascimento dos descendentes de Adão/Set, nascimento e morte do filho citado na Torá. Apresenta-se, também a cronologia desde a criação de Adão pelo Eterno D'us até o Dilúvio. Essa cronologia foi baseada em Tora Bereshit 05 e em Rashi Bereshit pg. 26 e 320.

Há uma provável descendência espiritual com respeito aos homens justos? Fazendo um estudo de Guematria do nome (מַלְכִי-צֶדֶק) (Malki-Tzédek) encontramos para Malki (40+30+20+10=100) e Tsédek (90+4+100=194). Primeiro referente a Malki, pode-se observar que é uma sequência e números múltiplos de 10 (4x10+3x10+2x10+1x10=10x10). Encontramos, portanto, 6 números 10 explícitos e mais um implícito, pois (4+3+2+1=10). Ou seja, tem-se uma sequência de 7 números 10 nesta palavra. O 10 segundo Zumerkorn, pg. 222, “é considerado um número perfeito. É atrativo para a Presença Divina. Os poderes da Alma. Os ciclos das gerações. Os pronunciamentos de D'us na criação do Mundo. Os 10 mandamentos. Os atributos Divinos (Sefirot – Árvore da Vida) que influenciam o universo, isto é, os “filtros” dos fluxos de vitalidade a este Mundo”.

Segundo Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, pg. 78 encontramos que “o nome de D'us é escrito Yud-Hei-Wav-Hei. A palavra “hove” (Hei, Wav, Hei) significa ‘o presente’. D'us cria continuamente o Mundo – agora mesmo, até enquanto você está lendo este Livro. O Yud na frente de nome ‘hove’ nos lembra que a Criação não foi uma ocorrência singular. Em vez disto, D'us está formando o Mundo novamente a cada momento”.

Agora vamos olhar para a palavra Tsédek cuja Guematria vista acima é 194. Reduzindo temos (1+9+4=14) ou seja está associado ao caractere Num. Segundo Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, pg. 105 encontramos que “há dois tipos de Num. O Nun curvado ou Nun kefutá que começa ou está no meio de uma palavra. O ereto, ou Nun final ou Nun peshutá, é usado somente ao final da palavra. O Talmud nos diz que o Nun kefutá representa aquele que está curvado e o Nun peshutá aquele que é ereto.

O Maharal explica que os dois Nuns representam as duas abordagens fundamentais no serviço a D'us: temor e amor. A primeira pessoa serve a D'us por reverência, por medo. Portanto, está curvada. A segunda pessoa serve a D'us por amor e assim fica ereta. Essa pessoa é também caracterizada pela generosidade, porque o amor representa abertura”.

Entretanto se somarmos os valores (100 + 194=294). Reduzindo encontramos (2+9+4=15) ou seja, 10+5. Quinze representa Samech. Segundo Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, pg. 113 encontramos que *“o desenho de um Samech é um círculo fechado. Um círculo representa o infinito, porque não tem começo nem fim. Na Cabala o Samech representa o poder infinito do Ein Sof, a luz infinita de D’us.”* Entretanto, dez e cinco representam juntos a forma resumida de se escrever o nome Inefável de D’us. Assim, compreende-se por que os homens Justos, espiritualmente, descendem da linhagem proveniente de Sem (Malki-Tzédek).

Essas informações sobre os ascendentes de Noé, nos apresentam as características espirituais as quais a família e a casa de Noé estavam imersas. Embora o mundo estivesse mergulhado na escuridão, essa descendência representava a Luz que não se apaga.

O Dilúvio é um processo de purificação (Micvê). A geração do Dilúvio havia corrompido profundamente as forças espirituais do mundo, especialmente as Sefirot inferiores Yessod e Malkhuth. A Sefirá Yessod representa o canal de ligação entre o espiritual e o físico e Malkhuth é o próprio recipiente da Criação. Quando Yessod é profanado, o fluxo vital entre o Divino e o mundo é interrompido. O Zohar ensina que *“toda carne havia corrompido seu caminho sobre a terra”*, significando que a corrupção havia alcançado a própria Sefirá Yessod, que sustenta o universo. Quando o canal é contaminado, o fluxo de vida não consegue mais descer de forma pura. O resultado foi a reversão do fluxo: as águas superiores invadiram as inferiores, inundando o mundo. Etz Chaim, Sha’ar HaMelech, cap. 1–2, www.sefaria.org e www.sefaria.org/Etz_Chaim.

Dessa forma, o Dilúvio foi uma manifestação de um desequilíbrio espiritual. As ações humanas têm efeito direto nos fluxos das Sefirot. Quando a humanidade se entrega a violência, lascívia e idolatria, as forças negativas (Kelipot) dominam e impedem o fluxo da Luz Divina. O mundo, então, pode entrar em colapso espiritual. O Ari Zal ensina que o Mabul (Grande Dilúvio descrito na Torá) foi uma consequência natural do rompimento entre Ze’ir Anpin e Malkhuth, causado pela corrupção dos desejos humanos. O Dilúvio teve por objetivo restaurar o equilíbrio e purificar os canais de energia da Criação. Etz Chaim, Sha’ar HaKelipot, www.sefaria.org e www.sefaria.org/Etz_Chaim.

O Dilúvio corresponde a um Micvê. As águas que cobriram a terra não eram apenas águas de destruição, mas também águas de purificação. Assim como um Micvê precisa conter quarenta se’ah de água para tornar alguém puro, o Dilúvio durou quarenta dias, simbolizando uma purificação completa da matéria. O mundo estava coberto de impureza e precisava ser submerso nas águas para renascer limpo. O Likutei Sichot do Rebe, acima, explica que o Dilúvio lavou o mundo para que se tornasse apto a receber novamente a presença Divina, como um recipiente purificado pronto para nova luz.

Antes do Dilúvio, o mundo funcionava sob o regime da justiça absoluta, no qual cada ação produzia um efeito irreversível. As forças espirituais eram fixas: o bem se acumulava permanentemente e o mal permanecia irredimível. O Midrash Tanchuma afirma que *“o mundo foi criado com o atributo de justiça, mas não podia subsistir; então D’us misturou-lhe a misericórdia”*. O Dilúvio representou exatamente essa transição, ou seja, uma mudança estrutural da realidade, onde a misericórdia foi entrelaçada à justiça, abrindo espaço para a Teshuvá. Foi a partir do Mabul que o arrependimento se tornou a base da Criação, permitindo ao Ser Humano reconstruir-se espiritualmente mesmo após o erro. Midrash Tanchuma, Noach 5; Etz Chaim, Sha’ar HaKlallim , www.sefaria.org e www.sefaria.org/Etz_Chaim.

Mas, de forma prática, como podemos enxergar o que ocorreu com a geração do Dilúvio? Temos que o Livro os Patriarcas e a Educação, pg. 64, nos mostra que *“o povo cometia três gravíssimos pecados: idolatria, relações conjugais proibidas e assassinato. Mas, o mais grave é o roubo. Quem rouba demonstra que não confia em D’us, e nem que cada um merecerá o que Ele decidir e o que estiver decretado nos céus para ela. A falta de fé em D’us não deixa de ser uma espécie de idolatria.*

Se quem rouba sente prazer por isso, ela se iguala a quem se envolve em relações conjugais proibidas, pois equivale a aproveitar o cônjuge alheio. Quem rouba também se iguala ao assassinato, pois pode chegar a assassinar alguém caso a tentativa de roubo seja fracassada”.

No fundo, penso que os Seres Humanos haviam decidido que o Eterno não lhes era mais querido e/ou necessário às suas vidas. Os que nasciam eram educados a pensar e agir desta forma. O número de justos estava resumido, portanto, a casa de Noé. E a casa de Noé corria sério risco de sucumbir diante da pressão de degeneração que a situação se apresentava. O Eterno buscou proporcionar, antes da destruição, que os Seres Humanos se arrependessem, mas ninguém abandonou a forma com que estavam vivendo. Uma sociedade corrupta não sobrevive. Adaptado de Rashi Bereshit Cap. 6:12-13, pg.32.

Tanto no Dilúvio quanto na destruição de Sodoma e Gomorra, podemos unificar esses eventos lembrando um aspecto referente ao pecado: segundo o Rabino Joseph Saltoun no livro A Arvore da Vida, posição 1822 *“O pecado não é uma ação contra D’us, o pecado é uma ação que destrói o divino que está em nós”*. A destruição da ligação entre criatura e Criador, de fato é o que levou a ocorrência tanto do evento do Dilúvio quanto da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Ou seja, antes da ocorrência daqueles eventos ocorreu uma quebra da ligação entre a criatura e o Criador. Que o Eterno não o permita.

2.(Nôach) – Gênesis 07:01-16 – *“D’us disse a Noach para construir uma arca para que ele, sua família e representantes de toda a vida animal pudessem sobreviver ao Dilúvio. Alívio e regeneração. D’us disse a Noach: ‘Entre na Arca’.*

Metaforicamente, nossa ‘arca’ pessoal é o nosso período de estudo da Torá e de preces. Assim como Nôach e sua família estavam na arca protegidos da inundação avassaladora que ocorria do lado de fora, nós podemos ‘entrar’ no mundo da Torá e das preces para nos proteger da ‘inundação’ das preocupações mundanas que ameaçam nos submergir.

É muito útil, especificamente, que a primeira coisa que fizermos logo no início da manhã seja imergirmos nas preces matinais. Quando nos confrontamos com um mundo novo a cada manhã, ele e tudo mais que existe nele parecem que existem por si só e que são autossuficientes, como se não precisassem de D’us. As rezas da manhã nos auxiliam a reconhecer que o mundo não poderia existir por si mesmo, e que seu propósito é ser a casa natural de D’us.

Começar nosso dia deste modo nos ajuda a evitar conscientemente as atividades que não conduzem a esse objetivo, tornando cada momento uma oportunidade para alcançá-lo. Assim preparados, podemos nos envolver nos assuntos mundanos sem medo de sermos tragados pelas ‘águas turbulentas’, pelas preocupações que nos submergem em ansiedade, estresse e distrações”.

Antes de adentrarmos mais diretamente na análise de Gênesis 07:01-16 é interessante olhar alguns pontos que ocorreram antes da família de Noé adentrar a Arca e o Dilúvio se iniciar. Uma pergunta que surge ao iniciarmos a ler a Torá sobre estes eventos, é a seguinte: **Quando o Eterno D’us criou a Humanidade, Ele já sabia que a sociedade se degeneraria, ou não?** *“Evidentemente, quando criou a Humanidade, o Eterno D’us sabia que a sociedade se degeneraria, mas, criou-a mesmo assim, por causa dos justos que resistiriam à decadência moral e com os quais Ele reconstruiria o Mundo depois que este fosse purificado da corrupção”*. Torá Rashi Bereshit pg. 27.

De certa forma a Arca de Noé representa o último refúgio da fé que existia naqueles tempos. Hoje o nosso refúgio é a Torá. Posteriormente, surgiu a festa das cabanas (Sucót) ou festa das colheitas, que pode também ser associada aos eventos da Arca, pois nestas festas as pessoas deixam o conforto e a segurança dos lares para morar nas Sucót, mas quem lá está se sente seguro, pois sabem que a

segurança não está em seus tetos (casas), mas na fé e confiança no Eterno D'us. Essa festa, que tem a duração de 7 dias, surgiu como uma forma de comemorar e rememorar a proteção Divina ao povo israelita durante os 40 anos que passaram no deserto.

Foi com essa fé e confiança em D'us que a família de Noé, ao longo de 120 anos, resistiu as tentações presentes ao seu redor e construiu a Arca; posteriormente enfrentou o Dilúvio e a incerteza da saída da Arca. Trabalhou duramente para permitir o reinício da vida de uma forma geral, preservando o Ser Humano e, conseqüentemente, também permitindo a futura existência dos Convidados Ilustres que são Abraão, Isaac, Jacob, José, Moisés, Aarão e David (Ushpizin).

Portanto, quando o Eterno ordena a Nôach que entre na arca, Ele não apenas o convida a salvar-se fisicamente do Dilúvio, mas a ingressar num espaço espiritual de refúgio. Um pequeno mundo de ordem dentro do caos. A Cabala entende que 'a arca' (הַתְּבִינָה) Hatevha, que também significa palavra, indica que as palavras da Torá e da prece se tornam nossa arca interna. O Rebe de Lubavitch explica que mergulhar na Torá e na Tefilá logo pela manhã protege o indivíduo da inundação das preocupações mundanas. Assim, a instrução “*Entre na Arca*” é um convite para que cada pessoa encontre refúgio na consciência Divina, reconhecendo que o mundo não é autossuficiente, mas vive e se renova continuamente pela vontade de D'us. Likutei Sichot, vol. 1, pg. 61-85.

Associado a questão moral, ética e espiritual discutida acima, surgem os Nefilim. **Mas, quem eram os gigantes (Nefilim)?** Não há uma resposta simples e objetiva a ser apresentada. Aparentemente, os nomes Nefilim, Refaim, Emin, Anaquin, Enaquin, Zanzumin e Zuzim, são todos adjetivos: poderosos, fortes, valentes, guerreiros, ..., porém todos próprios de gigantes.

Em Rashi Bereshit pg. 27 é apresentado que “*os príncipes e juizes pervertidos ficaram conhecidos como os “caídos”, pois caíram, isto é, foram exterminados e levaram outros a “cair”, isto é, ser exterminados por causa de seus delitos. Eles estavam na terra naqueles dias primordiais, ou seja, nos dias de Enosh. A sua raça cruel também permaneceu depois – após a época de Enosh – porque esses príncipes e juizes continuaram a manter relações com quaisquer mulheres que lhes aproovessem e tiveram filhos e filhas. A idolatria e os excessos carnavais, tanto dos gigantes angelicais como dos príncipes e juizes dos gigantes mortais, impeliram-nos a desrespeitar os alicerces da sociedade – honestidade, integridade e justiça - foram minados e substituídos pela desonestidade, corrupção e roubo. Esse comportamento transformou o Mundo em um lugar incivilizado e pavoroso para os habitantes*”.

Portanto, segundo Rashi há dois tipos de gigantes; os angelicais e os filhos destes que são os gigantes mortais (príncipes e juizes). Todos os gigantes poderosos que viviam ao tempo de Enosh se afogaram no Dilúvio, mas Og sobreviveu. Segundo o Livro Os Patriarcas e a Educação”, pg. 75, em Bereshit 07:23 encontramos “*a expressão (אֶחָד נֶחֱשֶׁת) ach Noach (1+20+50+8=79) ou só Noé que tem a mesma Guematria de (עֹג) (Og) (70+6+3=79) mostrando-nos que o gigante Og, que futuramente seria rei de Bashan (Bamidbar – Números 21:33), também foi salvo junto com Noé*” Assim, o Eterno D'us, além de permitir que ele sobrevivesse, também permitiu que o Mundo visse um gigante da época anterior ao Dilúvio e percebesse que o Eterno D'us destruiu até mesmo aqueles gigantes, porque rebelaram-se contra Ele.

Ainda segundo Rashi Bamidbar (Números) pg. 71 “*Og era um gigante descendente dos primeiros anjos caídos, Shamchazai e Azael que assumiram forma física e desceram à terra na época de Enosh. Os nomes dos progenitores angélicos indicam rebelião e destruição: Shamchazai significa ‘visão de desolação’ e Azael significa anjo poderoso, sendo foneticamente similar a Azazel, nome de um despenhadeiro rochoso desolado*”. O Eterno D'us permitiu que esse gigante tivesse vida longa, restabelecendo a raça dos gigantes sobrenaturais conhecidos como Refaim. Rashi Bereshit, pg. 36 e 59.

Em Devarim 03:11, pg. 512, Og, no tempo de Abrão, participa ativamente de uma guerra quando Lot, sobrinho de Abrão, foi capturado naquela guerra. Em Rashi Devarim, pg. 17, apresenta que Og, posteriormente, se tornou governante de Bashan. Quando se iniciou efetivamente a conquista da Terra Prometida, e antes de Israel adentrar aquela terra, Israel conquistou Sichon. Ao saber deste feito Og preparou seu exército para a guerra, mas, também foi derrotado e morto.

Portanto, a corrupção da geração do Dilúvio, de certo modo, é atribuída segundo Rashi, aos Nefilim. Príncipes e juízes pervertidos que abusaram do poder, levando toda a sociedade à decadência (Rashi Bereshit, p. 27). A Cabala interpreta a queda desses seres como reflexo da ruptura entre o espiritual e o material. Energias superiores desceram sem a devida preparação dos recipientes (Klim), gerando destruição. A arrogância e o abuso criaram um mundo em que o Divino não podia mais habitar. O Dilúvio foi, assim, um processo de Tikun (correção), fazendo com que grande parte dessas energias retornassem para sua fonte. Rashi Bereshit, pg. 27; Sefer HaLikutim, Parashat Noach; www.sefaria.org.

Og representa a centelha do mal residual que sobreviveu e sobrevive até os dias de hoje à purificação. Esses traços permaneceram para serem transformados nas gerações seguintes. A longa vida de Og, descendente dos anjos caídos (Shamchazai e Azael), nos mostra que a batalha espiritual entre pureza e corrupção não terminou com o Dilúvio, mas se perpetua como desafio ético e espiritual da humanidade até os dias de hoje. Os Patriarcas e a Educação, p. 75; Rashi Bamidbar p. 71.

Neste ponto aparece uma outra questão importante: **Os anjos podem pecar?** *“É importante ressaltar que os anjos têm um trabalho a ser realizado. Pensa-se que um anjo não percebe o sentido do bem e do mal, na forma que é percebido pelo Ser Humano. Ou seja, eles não podem contrariar, por iniciativa própria, a vontade do Eterno D’us (ou seja, pecar). Os anjos também foram criados por D’us, são criaturas mais elevadas tanto espiritualmente quanto intelectualmente que os Seres Humanos. Portanto, os anjos não são perfeitos. Como são criaturas, parte da realidade espiritual e intelectual também está oculta para um anjo. Assim, a forma que interpretam uma missão e a consequente ação, pode conter diferenças em relação à verdade”.*

https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1762318/jewish/Os-Anjos-Podem-Pecar.htm.

É importante também olharmos para o que está escrito em Os Patriarcas e a Educação, pg. 71, “Nossos sábios explicam que Noach ficou 120 anos construindo a Arca, pois D’us tinha dado aos pecadores da sua geração a oportunidade de se arrependerem. As pessoas viam Noach construindo a arca e poderiam perguntar: “O que é isto?” ou “Por que você está construindo esta arca?”. Após a explicação de Noach, eles teriam de aproveitar a chance e a piedade de D’us para se arrependerem, porém, isto não aconteceu”.

Portanto, os anjos não possuem livre-arbítrio no mesmo sentido que os Seres Humanos. Eles são energias fixas de cumprimento da vontade Divina. Entretanto, o Midrash e o Zohar descrevem que alguns anjos, ao descerem à terra, desejaram participar da experiência humana e acabaram se corrompendo. Interpreta-se esses versículos como sendo associados ao desequilíbrio entre luz e recipiente. Uma revelação espiritual excessiva pode causar colapso; assim, a queda dos anjos simboliza forças espirituais desconectadas da sua origem Divina. Os Anjos Podem Pecar? www.chabad.org.

As águas correspondem às águas superiores da consciência Divina que descem para lavar as impurezas do desejo egoísta. Assim como o arrependimento refina o indivíduo, o Dilúvio refinou a criação. Depois dele, a humanidade passou a viver num mundo permeado pela possibilidade da transformação e da misericórdia.

3.(Nôach) – Gênesis 07:17-08:14 – “A chuva durou quarenta dias e, depois disso, a terra permaneceu submersa por mais cento e cinquenta dias até que as águas começaram a baixar. Sessenta dias depois que essas diminuíram, Nôach enviou um corvo e em seguida uma pomba para ver se as águas haviam recuado. Sem esperar por D’us. Nôach abriu a janela que havia construído na arca e enviou o corvo.

A Torá narra que Nôach não deixou a arca até que D'us dissesse a ele para fazê-lo. Sendo assim, qual era o propósito de ver se a terra estava seca enviando para fora esses pássaros? A resposta é que, uma vez que D'us confiou a continuidade da vida a Nôach, este se sentiu responsável em tomar quaisquer passos naturais que pudessem encorajar a D'us a acelerar o recomeço da vida na terra.

A dor do exílio é comparada às águas turbulentas do Dilúvio. Assim como o Dilúvio, somente D'us pode colocar fim ao exílio. No entanto, assim como Nôach, podemos apressar a Redenção desejando-a ativamente e realizando todo nosso esforço para acelerar a sua chegada”.

Ao lermos estes versículos nos deparamos com a questão: **Por que 40 dias e 40 noites?** Nos comentários sobre Torá Bereshit 07:06, pg. 18, “*apresenta que o domínio da natureza pelo homem está ligado à prática da justiça e de sua benevolência*”. Portanto, enquanto o homem trilhava o caminho anterior, a natureza (Elohim) continuava regular, ou seja, as águas subiam e desciam naturalmente, os astros tinham suas órbitas ajustadas etc. Mas, a partir do ponto em que o Ser Humano se degenerou, a natureza se pôs contra ele e as águas invadiram a superfície terrestre.

Ao redor de aproximadamente o quadragésimo dia de gestação, células embrionárias formam o cordão umbilical fixando-se na placenta para comunicação do feto com a mãe. É por meio do cordão umbilical que o feto recebe alimento e oxigênio, bem como libera resíduos.

Rashi Bereshit em seus comentários sobre o Gênesis, na pg. 34 fala que “*os 40 dias e noites de Dilúvio correspondem aos quarenta dias necessários para que um embrião seja considerado um Ser Humano, pois as pessoas perversas da terra Me fizeram formar prole ilegítima*”. O interessante é perguntar como Rashi a cerca de 1.000 anos atrás sabia deste fato, que somente foi revelado ao Mundo com a ciência moderna? Portanto, os 40 dias e noites foi o tempo necessário para que o novo embrião espiritual da humanidade se formasse. O número quarenta, portanto, expressa a transição entre o antigo e o novo, entre a impureza e a regeneração. Assim, o Dilúvio foi o espelho da desordem interior do homem. Portanto, a destruição não veio de fora, mas foi a manifestação física do colapso espiritual da humanidade.

Por que 150 dias se passaram para que a Arca tocasse o monte Ararat? Lembro que 15 é um dos nomes do Eterno D'us (יֵה) e 150 é 10 vezes este Nome do Eterno D'us, e Dez são os atributos (Sefirot) da emanção Divina. Ou seja, é para lembrar as pessoas e todos os seres vivos presentes na arca e todos que viveram, vivem e viverão, que somente tem vida graças à intervenção direta e a benevolência do Eterno D'us.

Como já foi descrito acima há 4 níveis de interpretação nos textos da Tora. Assim, se tomarmos a palavra mandamento (מצוה) (Mitzvah) com sua Guematria $40 + 90 + 6 + 5 = 141$ e $1 + 4 + 1 = 6$. O valor 150 também pode ser reduzido a 6. No Livro de Salmos Hebraico Português da Editora Sefer, em seus comentários sobre o Salmo 150, pg. 216, pode-se ler que esse Salmo “*mostra que o Ser Humano deve enriquecer seu próprio ser espiritual reconhecendo a grandeza e benevolência do Eterno D'us*”.

O homem que foi criado no 6 dia da criação, deve buscar observar os mandamentos, a característica Divina da criação e dar graças ao Eterno D'us pela existência. Entretanto, o Salmo 6 mostra que Davi sentia dores e compôs essa oração para que fosse usada por quem estivesse doente ou em perigo. Assim, olhando a situação da vida cotidiana do Ser Humano sobre o Planeta Terra, percebemos que o Planeta é a atual Arca de Noé.

O tempo e as energias despendidas para o trabalho e outros compromissos fazem com que, somente, uma pequena parte de nosso pensamento seja direcionado ao estudo da Torá. Reserva-se também

pouquíssimo tempo a sentimentos do verdadeiro amor, por exemplo, a um ente querido, sejam eles o cônjuge, filhos, netos etc.

E quanto a caridade (Tzedaka)? Uma limitadíssima parte do tempo e de recursos financeiros é dedicada, verdadeiramente, a propósitos mais elevados. Mas, caridade não é somente dedicarmos parte de nossos recursos financeiros para auxiliar uma pessoa ou uma instituição, mas também ter tolerância para com as pessoas que nos cercam, com os familiares, com os amigos, para com os nossos colaboradores e aqueles que estão um pouco mais distantes de nós. Dar atenção àqueles que demandam por nossa atenção. É visitar os enfermos, é ouvir com paciência, é ajudar a se levantar, é ajudar a se alimentar, é acariciar, é dedicar orações, ou seja, é tudo que nos faz humanos. O que esse valor 150, portanto, quer nos dizer? É que devemos manter vivo o germe da espiritualidade e do amor dentro de nosso Ser, imersos que estamos todos em um mundo material. Tal qual o Eterno D'us deu asa (כנף) (kanaf) cuja Guematria é $20+50+80=150$, aos pássaros para voar, devemos dar asas a espiritualidade e ao amor para que exerçam influência sobre todas as áreas de nossa vida.

O Midrash acrescenta que o sopro Divino que fazia flutuar a Arca era o mesmo “*espírito de D'us*” que pairava sobre as águas no início da Criação, sinal de que a recriação do mundo já estava em curso. O Bahir §92 e 96.

Pode-se depreender uma cronologia do Dilúvio? A cronologia apresentada na Figura abaixo foi baseada na Torá capítulos 7 e 8, nos comentários apresentados na mesma Torá na página 20 sobre Bereshit 08:04 e no Livro Rashi Bereshit pg. 325 e 326. Entretanto, buscou-se centrar a cronologia no conteúdo apresentado na Torá, pois é a principal referência. Ressalta-se que, pode ser encontrado diferentes interpretações, principalmente quando os eventos começam a se precipitar, especialmente após o fim dos 150 dias de elevação das águas, que ocorreu em 29 de Yar.

É importante ressaltar que o Dilúvio se iniciou no dia 17 de Marcheshvan, **mas a que momento desse dia?** Assumiu-se a interpretação apresentada em Rashi Bereshit, onde o Dilúvio iniciou-se na metade do ciclo de 24 horas do dia 17, ou seja, ao redor de 6 horas da manhã, onde lembra-se, evidentemente, que a contagem das 24 do dia 17 se iniciou ao anoitecer do fim do dia anterior.

Assim, fez-se as primeiras 24 horas ou 1º dia completo do Dilúvio as 6 horas da manhã do dia 18 de Marcheshvan. De forma semelhante, completou-se o dia 365 as 6 horas da manhã do dia 27 de Marcheshvan, quando Noé deixou a Arca.

A construção da cronologia foi iniciada fazendo-se o posicionamento do dia 17 de Marcheshvan, acrescentando-se 40 dias do Dilúvio (27 de Kislev) e posteriormente, os 150 dias em que as águas se elevaram, que termina a 29 Yar.

Lê-se em Bereshit 08:04, pg. 19: “*E pousou a arca no mês sétimo, aos dezessete dias, sobre os montes Ararat*”. Desta forma, localizou-se o mês sétimo do evento Dilúvio, fazendo o posicionamento dos nomes dos meses e a contagem deles. Assim, encontra-se 17 de Sivan.

A leitura de Bereshit 08:05, pg. 20 apresenta: “*no décimo, ao primeiro do mês, apareceram os cumes dos montes*”. Utilizando-se da referência de Bereshit 08:04, pg. 19, localizou-se o décimo mês e o dia primeiro de Elul onde apareceram os montes. Fazendo a contagem são 73 dias somados a partir de 18 de Sivan a 1 de Elul.

Apresenta-se em Bereshit 08:06-07, pg. 20 que: “*E foi ao fim de 40 dias; e abriu Noé a janela da arca que fez. E enviou o corvo, que saiu, indo e voltando até secarem-se as águas de sobre a terra*”.

Portanto, Noé abre a janela 40 dias após 1 Elul; ou seja, em 10 de Tishrei. Neste dia 10 de Tishrei Noé envia o corvo que sai, indo e voltando. Aqui há uma descrição onde se usa 3 verbos para expressar o mesmo evento. Como, no evento de soltura das pombas o tempo utilizado são semanas, os autores do Livro o Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala, pensam que é razoável supor que o evento do corvo dura também por 3 semanas, ligando-se a utilização de 3 verbos.

Se assim for, em 1º de Marcheshvan Noé solta a primeira pomba que retorna. Em 8 de Marcheshvan solta a segunda pomba que lhe traz uma folha de oliveira. Em 15 de Marcheshvan solta a terceira pomba que não retorna.

Mesmo assim, Noé não deixa a arca, mas 12 dias (12 tribos) depois em 27 Marcheshvan o Eterno D'us ordena a Noé que deixe a arca com sua família e com todos os animais. Veja que em Torá Bereshit 08:14 está escrito que: *E no mês segundo, em vinte sete dias do mês, secou-se a terra.*” No mês segundo significa que na contagem do ano na ordem natural Marcheshvan é o segundo mês do ano de 1657.

Qual o significado do número 73? O número 73 representa a palavra Hokhmah (חכמה) que pode ser compreendida como sabedoria. Uma pessoa tem sabedoria quando obedece ou escuta ao Eterno D'us. Portanto, ao longo de toda a jornada do evento Dilúvio, Noé e toda a sua família obedeceram e/ou escutaram integralmente ao Eterno D'us e, com isso, foram iluminados pela sabedoria.

O Eterno D'us havia se esquecido de Noé, de sua família e de todos os seres vivos que estavam na arca? Mas, o Eterno D'us não se esquece, a expressão contida em Bereshit 08:01, pg. 19 “*Lembrou-se*” tem o sentido da misericórdia, da bênção que o Eterno D'us derramava sobre os animais, mas em especial sobre os Seres Humanos que se encontravam naquela embarcação, posto que eram merecedores das bênçãos do Criador, pois passaram e continuavam passando por imensas dificuldades e não perdiam a fé no Eterno D'us. É importante ressaltar que usando a Guematria para as palavras bênção (ברכה) e lembrou (זכר) Zakar, ambas têm o mesmo valor que é 227. The Spice of Torah-Guematria.

Por que ressaltar o evento de se tirar a cobertura da arca? Em Torá Bereshit 08:13, pg. 20 está escrito que “*Então Noé tirou a cobertura (מכסה) (miksêh) da arca*”. Em Torá Êxodo (Shemot) 26:14, pg. 238 é citada a cobertura do Tabernáculo “*E farás uma cobertura para a tenda...*”, ou em Número (Bamidbar) 04:08, pg. 392 “*E estenderão sobre eles um pano de lã carmesim, e os cobrirão com cobertura de couros...*”, são exemplos de outros pontos onde a palavra cobertura é utilizada. Mas, vê-se que nesses locais o trabalho de colocar e retirar a cobertura era realizado pelos Levitas ou Sacerdotes.

Nos dias que antecederam a retirada da cobertura, um vento especial estava a soprar sobre as águas, o espírito do Eterno D'us. Embora a chuva já tivesse cessado eles não tiraram a cobertura, pois poderiam não suportar a intensidade da Luz do Eterno D'us, presente naqueles dias sobre a Terra.

A presença de cobertura nos Sacerdotes exerce a função de tela (chapéu) (מסך) (Masâx), deixando passar somente uma quantidade específica da Luz do Eterno D'us, no sentido de que aquele que recebe determinada quantidade, tem a verdadeira percepção do significado da intenção de receber para doar ao Criador. Doando-se a família, por exemplo, se estabelece a verdadeira união, ou seja, uma pessoa se responsabilizando genuinamente pela outra. Evidentemente, assim quem recebe uma quantidade específica da Luz do Eterno D'us estará Livre da escravidão ou do egoísmo que mantém o homem preso (escravo). Estará assim cumprindo a Antiga meta, que desde o princípio da Criação, da criatura pelo Criador; que é libertar o homem da escravidão do egoísmo. Portanto, será Aceito pelo Eterno D'us, pois ocorreu à transformação ao longo da caminhada de um ser egoísta para um ser altruísta e este teve a percepção do sentido da vida: a Lei da Equivalência de Forma com o Criador (MLAA).

Desta forma, Noé e sua família somente retiraram a cobertura quando perceberam que poderiam suportar a presença da quantidade de Luz do Eterno D'us reinante e que aquela quantidade presente naquele momento, não despertaria o egoísmo entre os membros da família.

4.(Nôach) – Gênesis 08:15-09:07 – *“Exatamente um ano depois do início do Dilúvio, a terra estava suficientemente seca para ser habitada. Mas Nôach estava relutante em sair da arca, porque ele e seus animais tinham vivido em paz e harmonia dentro dela. Nôach sabia que, uma vez que os animais saíssem da arca, iriam retornar à natureza de seu comportamento agressivo. Aceitar o desafio. D'us falou com Nôach e disse: ‘Saia da arca’.*

Como tínhamos visto anteriormente, ‘entrar na arca’ é uma metáfora para a necessidade de imergir no estudo da Torá e na oração. Entretanto, o verdadeiro propósito de entrar na arca é deixá-la. D'us nos ordena - assim como o fez com Nôach - a não permanecer em um ambiente espiritual protetor de estudo de Torá e preces, e sim, emergir dele, entrar no mundo e transformá-lo numa moradia para D'us”.

Olhando primeiro de forma mais prática, por que Noé e seus filhos tinham temor em frutificarem-se e multiplicarem-se? O Eterno D'us “percebe” a insegurança de todos. Noé e sua família foram salvos do Dilúvio e da dura jornada que tiveram de suportar dentro da Arca. A confiança no Criador foi inabalável durante aqueles dias. Entretanto, ao deixarem a arca abate-se sobre eles o temor que seus descendentes acabassem em um Dilúvio novamente. Mas, é da família de Noé que descenderia toda a Humanidade. Assim, o Eterno D'us, gradativamente, ajuda-os a retomar sua missão de família precursora da nova Humanidade. Primeiro abençoando a Noé e a seus filhos, concedendo-lhes a capacidade de se multiplicarem, colocando-os dominantes sobre todos os animais e, finalmente, estabelece preceitos de convivência conhecidas como os Sete Preceitos Universais que são a base da fé, ética e moral que devem ser difundidos por toda a Humanidade, como garantia de existência pacífica e justa entre as pessoas, as nações e os animais. Com essas ações e a ordem de encher a terra, é reiniciado o processo do caminhar da Humanidade na direção de se alcançar o objetivo da criação.

Segundo os comentários sobre o versículo Torá Bereshit 09:04, pg. 22 os Sete Preceitos dos Descendentes de Noé deveriam obedecer são: *“praticar a equidade; não blasfemar o nome de D'us; não praticar a idolatria, imoralidades, assassinatos e roubos e não tirar e comer o membro de um animal estando vivo”*. Se fossem observados esses preceitos morais por todos os Seres Humanos, estaríamos muito próximos de alcançar o objetivo da criação.

[Por outro lado, o mundo exterior agora é habitável, mas o ocupante do refúgio hesita. Essa hesitação tem raiz espiritual. A Arca (הַתֵּיבָה) Hatevha não é só proteção física, é um vaso (Keli) no qual as forças interiores foram alinhadas e refinadas. Durante o ano dentro da arca ocorreu uma harmonização dos opostos com redução das Kelipot (cascas) que bloqueiam a passagem da Luz. Portanto, sair implica

enfrentar novamente recipientes que ainda não são plenamente preparados para sustentar a Luz. Problemas certamente ocorrerão. Assim, a voz Divina “*Saia da arca*”, nos apresenta uma missão. A santidade que foi preservada na Arca agora deve ser disseminada no mundo profano, transformando-o em morada uma Divina.

A Cabala faz uso do processo de Tikun (retificação) e explica que a elevação das faíscas Divinas que ‘caíram’ e estão em nosso mundo, obriga que a Luz seja gradualmente passada para vasos que ainda são imaturos, convertendo material bruto em santidade. Portanto o fato de sair da Arca é um passo necessário do processo de receber a Luz do Criador para doar. Ou seja, é a fase de receber seguida pela fase de disseminar a Luz. Permanecer indefinidamente no retiro espiritual seria frustrar o propósito da criação, cujo objetivo é que o mundo se torne uma Arca (morada) para D’us.

Além disto, o “*frutificai e multiplicai-vos*” é uma ordem para multiplicar qualidades espirituais. Cada pessoa é chamada a frutificar ações e palavras. Ensinar e difundir os conhecimentos no sentido de reproduzir a santidade. Quando um ato de estudo, oração ou caridade é realizado com intenção verdadeira, ele não apenas beneficia aquele ato singular, mas cria canais (ressonâncias) que atraem mais Luz e transformam ambientes inteiros.

A lição de Noach nos apresenta para a vida é que precisamos harmonizar dois aparentemente opostos. Ou seja, o cultivo interior estudando, fazendo orações como se entrássemos na Arca. Porém, também devemos sair da Arca, envolvendo-nos de forma ativa no mundo para transformá-lo. O objetivo da Criação é que o mundo se torne uma morada para D’us]. Adaptado de Likutei Sichot, vol. 01, Noach.

Por que a diferença de animais puros dos que não são puros? Primeiro é importante dizer que somente após o Dilúvio foi dada permissão pelo Eterno D’us para que os Seres Humanos se alimentassem dos animais. Segundo Rashi Bereshit, antes do Dilúvio proibía-se que a Humanidade comesse a carne dos animais. “*Tal poder sobre a vida e a morte dos animais poderia levar as pessoas a se iludirem pensando que poderiam ter domínio Divino sobre o Mundo. Porém como o Ser Humano havia se tornado mais fraco, necessitaria de comer carne para poder subsistir, tendo assim anulada a interdição anterior*”. Além disto, e ainda segundo Rashi “*como a constituição espiritual do Mundo tornara-se mais favorável ao autoaprimoramento, o risco de nos tornarmos grosseiros pelo consumo de carne é menor*”.

Os animais kashér (כשר) são aqueles que ruminam e possuem cascos fendidos tal como vacas, carneiros e cabras. Um animal que tenha somente um dos dois sinais não é kashér. Portanto, os animais kashér são, em linhas gerais, domesticados e herbívoros, enquanto é proibido comer animais selvagens, aves de rapina, alguns tipos de peixes etc. (Vayikrá - Levítico 11 e Devarim – Deuteronômio 14). Portanto, se os animais kashér não são animais selvagens, ferozes, ou violentos, isto nos remete ao pensamento que seria para que não “incorporássemos” essa natureza feroz e violenta daqueles animais.

Mas, há por detrás uma visão mais completa. A distinção entre animais puros e não puros, não é apenas uma lei alimentar, mas está associada a estrutura espiritual da Criação e o modo como o Ser Humano interage com as diferentes energias Divinas que permeiam a matéria.

[Após o Dilúvio, a permissão Divina para comer carne marca uma transição espiritual da Humanidade. Antes, o Ser Humano vivia em um estado de maior refinamento natural e não precisava elevar a vitalidade animal, pois sua própria alimentação vegetal bastava para sustentar sua energia espiritual. Depois do Dilúvio, com a densificação do mundo e o enfraquecimento da Humanidade, tornou-se necessário incorporar forças vitais mais densas. A carne passou, então, a ser um meio de Tikun (reparação) e de elevação das centelhas Divinas que ficaram aprisionadas no domínio animal. O ato de comer, quando feito com consciência espiritual e de acordo com as leis da Torá, torna-se

uma ferramenta de retificação. O Ser Humano eleva a vitalidade animal para o nível da fala e do pensamento e devolvendo assim as faíscas de vida ao seu propósito Divino.

A diferença entre animais kashér e não kashér reflete níveis distintos de ocultamento da Luz Divina. Todo ser contém uma centelha de Divindade. Mas, nos animais não kasher a centelha está tão profundamente enclausurada nas Kelipot (cascas espirituais impuras) que o Ser Humano não consegue elevá-la por meio do consumo físico daqueles animais. Esses animais pertencem ao domínio das cascas impuras, as quais não podem ser refinadas por meio de ações humanas comuns. Já os animais kasher pertencem à Kelipá Nogah (casca que brilha), uma área onde o bem e o mal se misturam; podendo assim elevar a sua vitalidade por meio de uma ação Sagrada que é comer comedidamente, a serviço de D'us e abençoando-a.

Desta forma, a Torá estabelece sinais físicos tais como ruminar e possuir casco fendido, que estão associados a estados espirituais. O ato do animal ruminar simboliza o processo meditativo onde o animal mastiga e remastiga, como quem revisa, purifica e eleva o que recebeu. Espiritualmente, isso representa a capacidade de transformar instinto em consciência, que é uma característica de quem vive com introspecção e arrependimento. Já o casco fendido, que separa as duas metades do pé, representa a capacidade de discernimento. Ou seja, saber diferenciar o bem do mal, o santo do profano. O animal kashér, portanto, espelha o equilíbrio entre reflexão e discernimento, indicando uma estrutura energética que pode ser integrada ao Ser Humano sem corrompê-lo]. Adaptado de Tanya, cap. 07 e 08.

Além disto em Vayikrá (Levítico) 07:26, pg. 305 tem-se *“E sangue não comereis em todas as vossas moradas, da ave e do quadrupede”*, que representa uma restrição adicional. A resposta a essa restrição adicional, encontra-se também em Vayikrá 17:14, pg. 342, onde pode ser lido: *“Porque a alma de toda criatura está ligada a seu sangue; e Eu disse aos filhos de Israel: O sangue de nenhuma criatura não comereis, porque a alma de toda criatura está ligada a seu sangue; todo aquele que comer dele será banido”*.

[A Torá nos apresenta que o sangue é o portador da vida que anima o corpo. Ele representa a emoção, a paixão e o instinto. Em sua forma mais primitiva, pode arrastar o Ser Humano à cólera, à cobiça, à luxúria ou ao orgulho. Mas, quando é orientada, essa energia se torna combustível do amor, da compaixão e da entrega espiritual. O altar do Templo, como o sangue aspergido sobre ele, espelha o coração Humano. Ali o fogo arde sem cessar, mas transforma o que é animal em chama sagrada.

Comparando o altar do Templo com o coração do Ser Humano temos que a Cabalá ensina que a vida espiritual consiste em aprender a oferecer o próprio sangue, não literalmente, mas simbolicamente. Isto é, elevar a energia vital das emoções ao serviço de D'us. O que era impulso e instinto é transmutado em fervor e devoção. Olhando para os Salmos 22:12-13, podemos construir a frase *“que nossos lábios substituam os touros”*. Veja também em Hoshea 06:06 *“Pois o Meu desejo é benevolência e não sacrifícios; é conhecimento de D'us e não ofertas de elevação”*.

O processo de refinamento de uma pessoa é conhecido como o serviço do coração. A oração é o momento em que a pessoa recolhe suas energias que estão dispersas na forma de preocupações, paixões, medos e as direcionam ao Divino. Isto é semelhante quando o sacerdote recolhia o sangue do animal e o levava ao altar. O sangue, símbolo de calor e movimento, torna-se na prece o fogo do amor a D'us, o calor do arrependimento e o impulso a bondade. Por isso a Torá proíbe o consumo de sangue. O sangue não deve ser absorvido pela natureza animal do Ser Humano, mas devolvido à sua origem espiritual]. Adaptado de Ramban sobre Levítico 17:11, in www.sefaria.org.

5.(Nôach) – Gênesis 09:08-17 – *“Apesar de Noach ter deixado a arca, ele hesitava em cumprir a ordem de D'us de procriar e ser responsável por repovoar a terra, temeroso que seus descendentes pudessem um dia ser destruídos por outro Dilúvio. Por isso, D'us jurou a Nôach que não haveria Dilúvio no futuro. Elevar a equidade na terra. D'us disse: 'Nunca mais haverá outro Dilúvio para destruir a terra'.*

Quando a Torá diz que D'us 'destruiu a terra', significa que Ele destruiu a parte 'terrena', ou seja, a crença equivocada de que o mundo pudesse existir independente d'Ele. O Dilúvio submergiu o mundo completamente na consciência Divina, e assim o purificou de sua degeneração moral e o fez permanentemente receptivo a esta consciência Divina. Consequentemente, nenhum outro futuro Dilúvio viria a ser necessário.

Agora, precisamente graças ao Dilúvio, podemos trazer a consciência Divina até mesmo para dentro de nossa vida 'terrena'. No início, devemos periodicamente nos imergir na Divindade: na reza diária e no estudo da Torá, e na observância semanal do Shabat e anual das festas judaicas. Em seguida, precisamos trazer a conscientização Divina para dentro de cada aspecto de nossa vida diária. Estes esforços vão acelerar a concretização da completa consciência Divina em todo o mundo na Era messiânica”.

[Por que o Eterno D'us usa um fenômeno da natureza para marcar a aliança entre o Eterno D'us e a Humanidade? O arco-íris é um fenômeno natural que ocorre em função da separação das cores que compõem a luz solar. A luz solar é branca, entretanto é composta pela junção de várias cores primitivas. Quando a luz solar incide sobre uma gotícula de água suspensa na atmosfera, os raios luminosos penetram-na e são refratados, ocasionando um desvio de sua direção original, “quebrando-se” assim, nas suas cores primitivas.

A realidade é composta tanto pelo espiritual quanto pelo físico. Ambos têm sua origem no Eterno D'us. A citação na Torá do fenômeno ou da aliança cujo sinal é o arco-íris, pode nos indicar que o “ambiente” espiritual pós-diluviano se tornou diferente do anterior. O fenômeno do arco-íris está ligado a luz, mas mais precisamente a separação da luz em várias cores. Portanto, isto nos indica que basicamente, há uma cisão de como D'us lidava e passou a lidar com os Seres Humanos após o Dilúvio. Lendo a Torá pode-se perceber as diferenças apresentadas na Tabela abaixo.

Pré-diluviano	Pós-diluviano
As gerações tinham longas vidas. Alguns se aproximavam de 1000 anos de vida.	O tempo de vida das gerações após Noé passou a declinar rapidamente. Já na geração de Abraão, este é um velho aos 100 anos.
A existência do “Mundo” dependia de seu estado moral.	Eterno D'us prometeu não mais amaldiçoar a terra por causa do Ser Humano.
Os ciclos da vida dependiam do estágio moral em que se encontrava o Ser Humano	A existência está garantida por meio da aliança de Eterno D'us com Noé e sua descendência, tendo por garantia o arco-íris.
O papel do Ser Humano consistia basicamente em reagir ao envolvimento do Eterno D'us no Mundo.	Eterno D'us permitiu que os descendentes de Noé desenvolvessem a capacidade de pegar aquilo que foi recebido do Alto e expandi-lo.

Algumas diferenças pré-diluvianas e pós-diluvianas encontradas na Tora.

A aliança, cujo sinal é o arco-íris, exige de nós atenção especial aos Sete Preceitos dos Descendentes de Noé, pois basicamente formam a base da aliança do Eterno D'us com Noé e seus descendentes, que nos deve guiar em direção ao objetivo da Criação. Ao tomarmos a palavra “o arco-íris” em Hebraico (הקשת בענן) (Haquêshet be'anân) (Torá Bereshit 09:14, pg. 23), e sua respectiva Guematria encontramos $(5 + 100 + 300 + 400 = 805)$ e $(2 + 70 + 50 + 50 = 172)$, totalizando $(805 + 172 = 977)$.

Assim, reduzindo a primeira parte temos $(8+0+5=13)$. Se olharmos o conceito do Salmo 13, Tanakh pg. 1707, percebe-se que é uma súplica para que a longa noite do exílio termine, suplica-se a misericórdia Divina e, ao final, atinge-se o porto seguro. O que de fato ocorreu com Noé e sua família.

Sabemos que é o 13º caractere do Hebraico é o Mem e está associado a palavra mayim, que significa água. A água constitui o elemento vital em nossas vidas: um Ser Humano é em grande parte composto de água e a maior parte da Terra é coberta por ela. Além disto, o Dilúvio foi um evento onde a água teve um papel central. O Mem tem o seu valor número igual a 40. Lembramos também que na Torá, o elemento mais vital em nossa vida espiritual, é mencionada como água – Não há água além da Torá. A única coisa que sacia a sede é água, que é a Torá”. Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, pg. 99

Reduzindo agora a segunda parte (1+7+2=10). Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 72, apresenta que “o Yud representa o método pelo qual a bênção desce de D’us até o Seu povo. O Yud representa uma gota seminal, o poder concentrado de D’us”. Lembra-se do cresci-vos e multiplicai-vos? Este ato é proveniente de uma bênção do Eterno D’us!

Olhando agora para a redução da soma (9+7+7=23 e 2+3=5), este valor, ao mesmo tempo, está associado ao Kaf final e ao Hei. Na realidade há dois Kafs. Há o Kaf curvado e o Kaf reto, ou Kaf final. Segundo Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, pg. 86, “*apresenta que o Kaf curvo representa o rei introvertido ou invertido – que permanece isolado dentro de seu Mundo interiorizado (o que não é o caso da aliança do arco-íris). O Kaf reto (semelhante ao Wav) representa o rei que desce de seu nível alto e chega aos outros, a fim de comunicar-se com eles e os governar. É interessante, porém, observarmos que quando se afixa o Kaf reto como sufixo a uma palavra, isso acrescenta “você” ao radical. Quando se fala diretamente com uma pessoa, diz-se “você” leche (לך) escrito com um Kaf reto. O Kaf final então literalmente se desdobra para incluir a pessoa com quem você está falando. Isso representa o fato de que o rei apareceu a nós e podemos falar com ele face a face*”. **O que ocorreu quando o Eterno D’us colocou no céu a aliança na forma e um o arco-íris?** Ele desceu até o nível dos Seres Humanos.

A outra associação é com o Hei que está ligado à geração da vida e ao poder da divisão geradora da multiplicação. (Zumerkorn - Numerologia Judaica e seus Mistérios, pg. 221). Nos comentários da pg. 37 do Livro Raskin, em A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico, encontra-se que a questão: “*Por que Sarai, esposa de Avraham, não pode conceber um filho até que seu nome fosse trocado para Sara (terminando com a letra Hei)? O motivo é que o Hei é necessário para semente, i.e., filhos*”.

Ainda se olharmos o Nome Inefável (IHWH), o Yud é atribuído ao Mundo da Emissão, o primeiro Hei ao Mundo da Criação, o Wav ao Mundo da Formação e o último Hei ao Mundo da Ação. Ou seja, o Mundo da Ação estava em seu verdadeiro início. Também o Eterno D’us deixou uma parte deste Mundo da Ação “incompleto”, para que os Seres Humanos pudessem trabalhar e contribuir para o seu aperfeiçoamento, conectando a Ação com a Criação]. Adaptado do Livro O Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala.

Portanto, as cores do arco-íris representam a Shechina (a Presença Divina), posto que quando o arco-íris aparece, é sinal de que a Shechina está se revelando em sua beleza, cobrindo o mundo com a luz de misericórdia. Por isso, ao ver o arco-íris é como contemplar a glória do Eterno. Tanakh Ezequiel 01:28. Em função disto, recita-se a bênção “*Bendito és Tu, Eterno, nosso D’us, Rei do Universo, que recordas a aliança, és fiel à Teu pacto e guarda a Tua promessa*”. Manual de Bênçãos”.

Direcionando esse ensinamento para o interior de um Pedreiro, o arco-íris representa o estado de harmonia dentro de sua alma. Cada cor reflete uma emoção (Midá) corrigida. Lembrando que Midá (plural Midot) refere-se aos atributos éticos e emocionais, que estão associados às sete Sefirot da Árvore da Vida.

6.(Nôach) – Gênesis 09:18-10:32 – “*Noach percebeu que, como pai da futura humanidade, ele estava fazendo o papel de Adam no novo mundo pós-Dilúvio. Portanto, ele tentou corrigir o erro de*

Adam e Chava, que foi o mal uso do vinho (a fruta da Árvore do Conhecimento) para atingir a autoconsciência. Em vez disso, ele esperava auto anular-se na alegria Divina através do consumo do vinho, mas embriagou-se. Como esta forma de autoanulação era artificial, o resultado foi contrário ao que desejava, e Nôach acabou se expondo de maneira indecente. Quando seus filhos o viram desta maneira, imediatamente o cobriram; mas, enquanto o mais novo - Cham (Cam) - se preocupou com a sua indecente nudez, os mais velhos Shem (Sem) e Yáfet (Jafet) concentraram-se na tarefa de restaurar o recato de seu pai. Espelhos humanos. Shem e Yáfet caminharam de costas e cobriram a nudez de seu pai.

O Baal Shem Tov ensinava que as pessoas que encontramos em nossas vidas são como nossos espelhos: se enxergamos o mal nelas, na verdade, o que estamos vendo é o mal que está dentro de nós refletido nelas. Como geralmente somos cegos aos nossos próprios defeitos e faltas, D'us faz com que percebamos tais coisas nos outros, para que possamos reconhecer em nós as mesmas faltas e nos corrigir. Portanto, como Shem e Yáfet não compartilhavam de tal fraqueza de Noach, não se concentraram nela e sim, ao contrário, procuraram ajudar seu pai. Mas Ham, que efetivamente possuía a mesma fraqueza de seu pai, se concentrou na vergonha dele em vez de pensar em como podia ajudá-lo”.

Mas porque Nôach plantou uma videira com a intenção de produzir vinho? É importante rever alguns pontos anteriores e posteriores que podem ajudar a explicar tal fato. Primeiro em Bereshit 03:17-19, pg. 8 o Eterno D'us amaldiçoa a terra e diz que o homem terá de trabalhar a mesma, para com o suor de seu rosto poder comer o pão; até voltar a terra no fim dos seus dias. Em Bereshit 03:23, pg. 9 o homem é expulso do Jardim do Éden para cultivar a terra de onde havia sido tomado. Em Bereshit 04:02, pg.9 Eva torna a dar à luz e nasce Abel que foi pastor de ovelhas e Caim, que havia nascido anteriormente, foi lavrador da terra. É importante lembrar que, segundo Rashi Bereshit pg. 20, Caim e Abel nasceram ainda no Jardim do Éden, sendo que após o evento da serpente, é que a família foi expulsa daquele local. Em Bereshit 05:29, pg. 13 nasce o filho de Lamec chamado Noé, com a missão de dar descanso as nossas obras e a dor das nossas mãos, por causa da terra que amaldiçoou o Eterno D'us. No Tanakh Provérbios 28:19, pg. 1939 diz que “*Quem lavra sua terra terá muito pão; mas o que busca somente coisas vãs terá somente muita pobreza*”.

Evidentemente, Noé poderia ter plantado algo totalmente diferente, mas ao certo que ele plantou uma videira, por que, segundo Rashi Bereshit pg. 41, ele a plantou com a finalidade de produzir vinho a fim de alegrar-se. A alegria em si não é má, ainda mais se pensarmos em todas as dificuldades por que tinha passado Noé e sua família. Assim, a vontade de se alegrar pela imensa superação de inúmeros obstáculos que haviam estado em seu caminho, é altamente compreensível. Mas a pessoa que está alegre é o mesmo de antes, com suas virtudes e defeitos. Mas, em estado “*feliz*” as emoções se afloram. No fundo o vinho pode trazer à tona sentimentos que dificilmente seriam reveladas.

Assim, se olharmos os versículos lembrados acima pode-se compreender, que as emoções anteriormente citadas estavam espiritualmente ligadas à terra e que a forma de expô-las mais intensamente, seria justamente plantando videiras, colhendo as uvas, produzindo o vinho e fazendo uso dele.

Noach, ao sair da arca, viu o mundo renovado e desejou unir-se à terra para abençoá-la. A vinha simboliza o recomeço da relação entre o Ser Humano e a terra, que havia sido amaldiçoada desde Adam. Assim, o ato de plantar a vinha não é apenas um ato agrícola é uma forma de Tikun (correção). Ou seja, um reparo espiritual da ruptura que ocorreu entre o Ser Humano e a natureza (Elohim). O vinho que nasce é a luz redimida da terra, uma centelha que antes estava presa no pó da terra.

Porém, o que se tem de cuidar é para que esse estado de alegria (alegria-prazer) que o vinho pode proporcionar, não leve ao exagerado uso do mesmo (tristeza-desprazer). Ou seja, embora a família de

Noé constituísse as novas células matrizes de toda a Humanidade, que haviam passado por imensos desafios, mesmo assim, esse episódio nos mostra que eles não deixaram de ser Seres Humanos. E como Seres Humanos estão sujeitos a todo o tipo de emoções. Superação, autoaprimoramento e busca pelo Eterno D'us devem fazer parte diuturna desta nova geração de humanos, para que possamos aprender com os erros cometidos. Como dito acima, o Eterno D'us permitiu que os descendentes de Noé desenvolvessem a capacidade de pegar aquilo que foi recebido do Alto e expandi-lo.

A Cabala nos ensina que quando o vinho entra, o segredo sai. O vinho é chamado de o “*segredo da Torá*”, porque ele revela o que está oculto. Assim como o vinho está oculto dentro da uva e só se manifesta quando é pressionado, os segredos da alma também só emergem quando há pressão, ou seja, quando o Ser Humano é confrontado com suas emoções mais profundas. Quando Noach se embriaga, ele liberta de dentro de si tanto a luz quanto as sombras de sua alma. Essa ambivalência é essencial, pois o vinho pode elevar ou derrubar a pessoa do ponto de vista espiritual, conforme a direção da consciência. Berachot 40a:14.

Porque Noé amaldiçoou a Han e a seus descendentes? Lendo Bereshit 09:21, pg. 23 vê-se que Noé embriagou-se com o vinho que havia produzido e ficou nu dentro de sua tenda. No Tanakh Provérbios 20:01, pg. 1919 está escrito “*O vinho é enganador, a bebida forte é sediciosa, e quem com eles se apega não é sábio*”. Em seguida seu filho Han conheceu a nudez de seu pai e contou a seus irmãos. Em Tanakh Provérbios 30:17, pg. 1943 está escrito: “*O olho de quem ridiculariza seu pai e se recusa a obedecer a sua mãe será arrancado pelas aves de rapina e devorado pelos abutres*”. Em Tanakh Crônicas 01:08, pg. 2241 tem-se a descrição dos filhos de Han: “*Os filhos de Han: Cushe, Mitzráim (Egito), Put e Canaã*”. Lembra-se que um dos Preceitos de Noé é o de não praticar imoralidades, o qual Han tinha conhecimento. Ou seja, a alusão a aves de rapina em Provérbios mostra as dificuldades que o povo israelita teria com os descendentes de Han, anteriormente citados.

Por outro lado, Sem e Jafet tomaram uma roupa, a puseram sobre os ombros, cobriram-no e não viram a nudez do pai. Em Torá Shemot 20:12, pg. 215 está escrito: “*Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu D'us te dá*” que é o 5º Mandamento.

Neste ponto é importante esclarecer que há sábios, tal qual Rashi, que afirmam que Han cometeu sérias transgressões sexuais com o Pai. Fazendo um breve parêntese e observando Torá Vayikrá (Levítico) 20:17, pg. 351, a punição de Han foi semelhante a apresentada em Levítico. Entretanto, observando detidamente o descrito nos parágrafos anteriores, e embora a Torá não tivesse sido ainda entregue, os 7 Preceitos já eram de conhecimento de todos na família de Noé, compreendendo-se assim, o porquê do ato de Han ter indignado Noé e este ter assumido, aquele ato, como uma imoralidade. Em Torá Devarim 27:16, pg. 582 diz: “*Maldito aquele que desprezar a seu pai ou a sua mãe. E todo o povo dirá: Amém*”. Também foi de forma semelhante que Noé amaldiçoou a Han.

Na bênção dada por Noé ele pede que D'us aumente Jafet, diz que ele habitará nas tendas de Sem; e profetiza que Canaã será servo deles. Por quê? Em Bereshit pg. 24 há um comentário do editor dizendo que Jafet está relacionado ao intelecto e Sem a espiritualidade, sendo assim, o dom de Jafet somente terá importância e beleza se colocado a serviço da espiritualidade. Juntos, Jafet e Sem, representariam a perfeição vislumbrada por Noé.

No caso dos descendentes de Han, especialmente a Canaã que estava destinado a ser servo de ambos os irmãos, poderia ser uma inconformidade. Pois, como poderia um povo estar fadado a escravidão e, mais ainda, ser citado em um Livro Sagrado, a Torá, que trata do Princípio do Mundo e da Humanidade? Essa citação a respeito da servidão está ligada a uma bênção, como o Eterno D'us poderia permitir isso?

O Eterno D'us não o permite. Há 4 níveis de interpretação na Torá. No primeiro nível poderíamos ler um trecho da Torá que diz “*mate o infiel*”. No segundo nível de interpretação perguntaríamos “*quem é o infiel?*”. No terceiro nível chegaríamos à conclusão de que “*o infiel sou eu mesmo*”. No quarto e último nível chegaríamos à conclusão de que “*não faça ao próximo o que não queres que te faça*”.

Assim, lembro que em qualquer interpretação que estivermos fazendo da Torá que conflitar com o dito “*não faça ao próximo o que não queres que te faça*” precisa de ser revista. O Eterno D'us nos fez livres e dotados do livre-arbítrio. Assim, somos livres não só da servidão a outros, mas também devemos lutar para não sermos escravos de nossa própria natureza. A maior escravidão é aquela em que se é servo de suas próprias paixões. Vencer nossas paixões e submeter a minha vontade é no fundo a vitória sobre a servidão que impomos a nós mesmos. O Eterno D'us nos dotou do livre-arbítrio, somos verdadeiramente livres, dependente somente da nossa determinação. Essa, no fundo, são as palavras de Noé com respeito a Canaã. Porém essa bênção também está ligada a uma visão profética a qual podemos ver confirmada por meio de Tanakh em Isaías 20:04: “*assim conduzirá o rei da Assíria os cativos do Egito e os deportados da Etiópia – jovens e velhos, desnudos e descalços, com seus lombos expostos - para vergonha do Egito*”.

Lembro também que embora existam muitas passagens na Torá que estão ligadas a servos ou escravos do povo israelita, há por outro lado, tantas leis e detalhes que regem essa associação que deveria haver um dito popular que “*aquele que compra um escravo, adquire um amo sobre si mesmo*”. Entretanto, da mesma forma que o senhor, o escravo também estava obrigado a cumprir as leis da Torá. O fato de ser escravo não o isentava dessa obrigação e não lhe era retirado o livre arbítrio.

A mensagem que estes versículos trazem é clara. Toda a humanidade que é, evidentemente, descendente de Noé, carrega dentro de si a tensão entre esses três princípios. A maldição de Ham é o convite ao autodomínio; a bênção de Sem é o chamado à espiritualização e a expansão de Jafet é a sabedoria que, unida à fé, constrói o verdadeiro templo interior onde a Presença Divina habita.

O ensinamento do Baal Shem Tov de que “*as pessoas são nossos espelhos*” revela um dos princípios centrais da Cabala aplicada a realidade externa que é reflexo do estado interno da alma. O mundo que percebemos é, na verdade, uma projeção do nosso próprio interior. Lembre-se “*O mundo superior e o mundo inferior se refletem um no outro.*” Assim, cada encontro, cada reação emocional e cada julgamento que fazemos dos outros são, na verdade, manifestações das forças ocultas em nosso próprio ser.

Prezado Pedreiro: O Rebe ensina que a reação de cada filho ao estado em que Noé se encontrava, é um espelho do seu próprio nível espiritual. Ham vê o mal porque esse mal ainda vive dentro dele; Shem e Jafet veem a possibilidade de redenção, porque dentro deles há compaixão e clareza. Assim, o episódio revela a dinâmica da projeção espiritual. Aquilo que percebemos nos outros é uma convocação Divina para olharmos para dentro de nós mesmos.

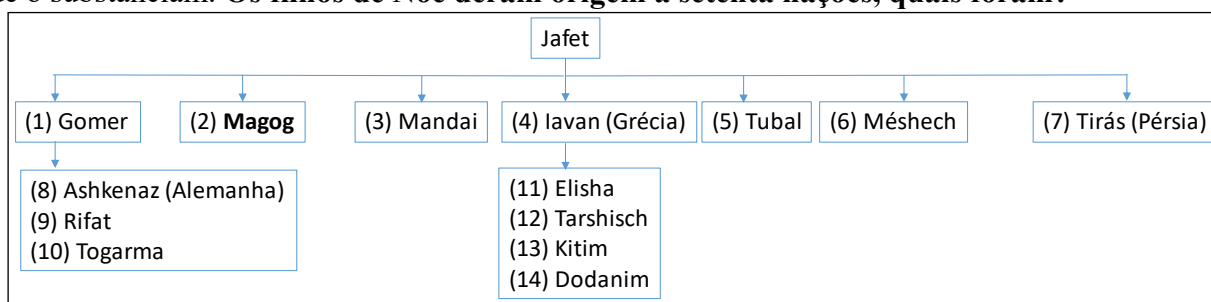
7.(Nôach) – Gênesis 11:01-32 – “Em vez de obedecer a ordem de D'us para espalharem-se e repovoar o mundo, os sobreviventes do Dilúvio se reuniram sob a liderança de Nimrod, bisneto de Ham. Nimrod convenceu-os de que, para prevenir outro Dilúvio, eles deveriam construir uma gigantesca torre, e assim controlar as chuvas se necessário. Com o intuito de lhes ensinar que aquela união não era benéfica, já que os levava a revoltar-se contra Ele, D'us fez com que cada clã comesse a falar o seu próprio idioma, e assim a humanidade abandonou a Torre de Babel e se dispersou pelo mundo, conforme era a Sua intenção original. O propósito da civilização. Eles disseram: ‘Venham, vamos construir para nós mesmos uma cidade e uma torre’.”

Os sobreviventes do Dilúvio negligenciaram a lição do Dilúvio: devemos encarar D'us como fonte de todo o nosso bem-estar.

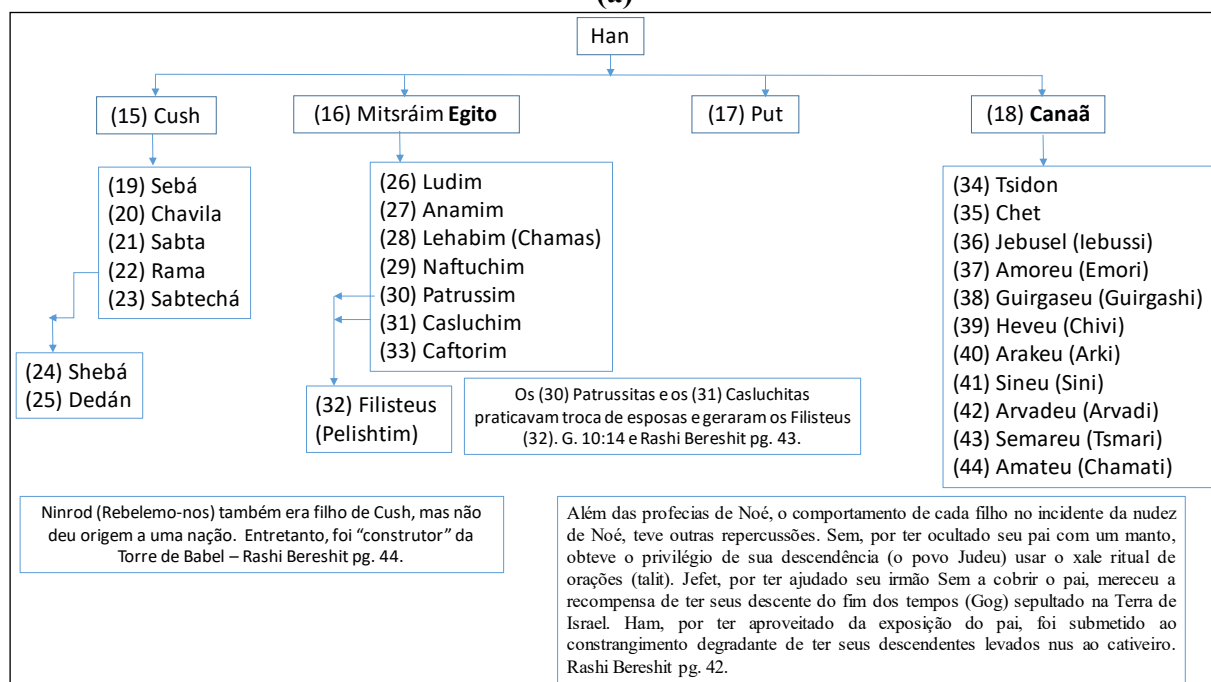
Nós, os sobreviventes de um ‘dilúvio’ que matou seis milhões de judeus, deveríamos aprender com o erro dos sobreviventes do dilúvio de Nôach. Reconstruir a infraestrutura da civilização judaica é louvável e nobre, mas não constitui um fim em si mesmo. Nossa ‘cidade’ e nossa ‘torre’ devem possuir um objetivo mais profundo, o que significa que as casas de oração e estudo de Torá devem ser as mais proeminentes e estimadas construções em nossas cidades.

Da mesma maneira, nossas carreiras, lares e famílias devem expressar nosso desejo de cumprir a vontade de D’us em vez de serem mera demonstração de orgulho egocêntrico. Os seus ornamentos judaicos - Mezuzot, tefilin, velas de Shabat etc. - devem ser os de qualidade espiritual mais elevada; nossa coleção de livros de estudo de Torá deve ser muito bem guarnecida, exposta em local de destaque e bem usada; a música e a conversa escutada em nossas casas devem ser condizentes com um lar judaico, e assim por diante”.

Antes de abordarmos o tema proposto pelo Rebe, é importante nos inteirarmos dos diferentes pontos que o substanciam. **Os filhos de Noé deram origem a setenta nações, quais foram?**



(a)



(b)

em Torá Bereshit 09:27, pg. 24 está escrito que “*Aumente D’us a Jafet...*”. Entretanto, o significado literal de Jafet é “*bonito*”, como apresentado no Dicionário na pg.42.

É importante lembrar que na Figura (a, b e c) as formas que terminam em “*im*”, são plurais indicando os nomes dos povos e não o nome de uma única pessoa.

Outro ponto importante a destacar é quem foi Nimrod? Nimrod foi filho de Cush, que por sua vez era filho de Noé. Diz em Bereshit 10:08-13, pg. 13 que ele foi valente na Terra, que ele foi um valente caçador, diante do Eterno, que foi o princípio de seu reino Babel e que edificou cidades. Entretanto, Rashi Bereshit pg. 69 diz que o “*significado do nome Nimrod é “Rebelemo-nos”. Que ele foi o primeiro homem suficientemente poderoso no Mundo, para conclamar as massas a rebelarem-se contra D’us*”.

Mas, como perceber se Nimrod foi realmente uma pessoa que de fato caçava almas para se rebelarem contra o Eterno D’us? Em Tanakh Jeremias 16:14-16, pg. 1291 está escrito: “*14 Por isso, aproximam-se os dias - diz o Eterno - em que não mais se dirá: Assim, como vive o Eterno, que retirou os filhos de Israel da terra do Egito, 15 mas sim: Assim como vive o Eterno, que trouxe os filhos de Israel da terra do Norte e de todos os países para onde os tinhas dispersados, pois os trarei de volta para terra que dei a seus antepassados. 16 Trarei muitos pescadores - diz o Eterno – que os pescarão; e depois muitos caçadores, que os buscarão em cada montanha, em cada colina e nas fendas das rochas*”. De forma semelhante ao texto acima citado, é possível perceber que a questão envolvida se trata do convencimento exercido por Nimrod sobre as pessoas, tratando este simbolicamente como um valente caçador diante do Eterno.

Um terceiro ponto é nos conscientizarmos do significado do número 70. Praticamente, daria para fazer do número 70 ou 7x10 uma importante referência Bíblica para a história do povo israelita, onde se encontram muitos sentidos espirituais e materiais ao qual o número 70 está ligado. Vejamos, alguns exemplos:

- a) Em Torá Bereshit 04:24, pg. 11 encontramos a descrição do número setenta, no sentido de um juízo: “*Se Caim há de ser vingado sete vezes, com certeza Lameque o será setenta e sete vezes*”.
Em Bereshit 10, pg. 24 se somarmos todos os netos de Noé, encontramos as 70 famílias que deram origem ao nascimento das nações. Torá Devarim 32:08, pg. 600 “*Quando o Altíssimo dava às nações a sua herança, quando separava os filhos dos homens, estabeleceu os termos dos povos conforme o número dos filhos de Israel*”.
- b) Se olharmos Devarim 10:22, pg. 536 está escrito que “*Com setenta almas teus pais descenderam ao Egito; e agora o Senhor teu D’us te fez, em número, como as estrelas do céu*”, onde encontramos um sentido de descida espiritual.
- c) Há também a aplicação no sentido da liderança. Veja que 70 autoridades foram constituídas dentre Israel - Bamidbar (Números) 11:24,25, pg. 421 “*24 Saiu, pois, Moisés, e relatou ao povo as palavras do Senhor; e ajuntou setenta homens dentre os anciãos do povo e os colocou ao redor da tenda. 25 Então o Senhor desceu: na nuvem, e lhe falou; e, tirando do espírito que estava sobre ele, pô-lo sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o espírito repousou sobre eles profetizaram, mas depois nunca mais o fizeram*”.
- d) Finalizando, ainda podem ser encontradas várias outras aplicações para o número 70. Uma ainda especial se refere a passagem da vida material a vida depois da vida; por exemplo, muitos choraram a morte de Jacob por 70 dias.

Seguindo nesta linha, nos perguntamos: **Por que razão a geração da torre de Babel foi castigada mais brandamente que a geração do Dilúvio?** Primeiro é interessante recordar que em Bereshit 09:01, pg. 21 o Eterno D’us abençoou a Noé e a seus filhos dizendo: “*Frutificai e multiplicai-vos e*

enchei a terra". Em Bereshit 09:07, pg. 22 o Eterno D'us repete: *"E vós, frutificai, e multiplicai-vos, aumentai na terra e multiplicai-vos nela"*. Evidentemente, para encher a terra é necessário que os descendentes de Noé se espalhassem pela superfície da terra, afastando-se em grupos do local onde, inicialmente, a Arca havia atracado após o Dilúvio. Consequentemente, com o passar do tempo e o afastamento geográfico entre os grupos, novos idiomas surgiriam naturalmente. Mas, não foi exatamente isso que ocorreu.

Como permaneceram juntos, sendo descendentes de Noé e como supõe-se que Noé falava Hebraico, todos também falavam essa mesma língua. Na realidade deslocaram-se um pouco para o oriente (leste) e se estabeleceram em uma planície chamada de Shinar. Lá resolveram construir a torre de Babel. **Mas, por que tomaram essa atitude?** Certamente temiam serem destruídos novamente por um Dilúvio tal qual a geração anterior.

Segundo Rashi Bereshit pg. 44 eles queriam com isso mostrar ao Eterno D'us que poderiam viver juntos e em harmonia, não dando assim motivos para que um novo desastre ocorresse. Além disto, eles queriam chegar aos domínios do Eterno D'us. Por fim, Rashi diz que Nimrod os convenceu que o Dilúvio era um fenômeno natural que ocorreria a cada 1656 anos.

Esse alcançar os domínios do Eterno D'us choca-se com a evolução natural, que requer tempo para que os Seres Humanos conseguissem transformar o desejo de receber (egoísmo) no desejo de compartilhar.

Como falavam o mesmo idioma, buscavam manter a harmonia, eram inteligentes, a região possuía recursos naturais em abundância e possuíam o livre arbítrio; essa junção propiciou que começasse a surgir o desejo de se engrandecerem, sendo o progresso acelerado no caminho da autossuficiência e conforto material, planejando e construindo tudo o que desejassem. Ou seja, o desejo de receber sobrepõe-se ao desejo de compartilhar. Assim, o coração transformou-se rapidamente no sentido da maldade, rejeitando o Criador de todos nós.

Portanto, a escolha deliberada do Mal em detrimento do Bem, como já foi dito acima, essa geração também passou a **auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido**. Assim, o Eterno D'us providenciou a penalidade *"adequada"* ao erro cometido e aos méritos obtidos.

A geração de Noé havia substituído a honestidade, a integridade e a justiça pela desonestidade, corrupção e roubo, transformando o Mundo, daquele tempo, em um lugar incivilizado e pavoroso para os habitantes. A geração da Torre de Babel, embora rejeitasse o Eterno D'us, buscava viver em harmonia. Segundo Rashi Bereshit pg. 45 diz que o *"Eterno D'us valoriza a paz entre as criaturas mais ainda do que valoriza o respeito que Lhe devem"*.

O Eterno D'us precisou descer para ver o que os Seres Humanos estavam fazendo? Evidentemente que o Eterno D'us não precisava descer para poder verificar o que estava ocorrendo. Essa necessidade era dos Seres Humanos, como pode ser compreendido visitando alguns outros pontos a saber:

- a) Bereshit 18:21, pg. 44 *"Descerei, pois, e verei que, se fizeram como o clamor (da cidade) que vem a Mim, darei fim neles e senão, O saberei"*.
- b) Torá Shemot (Êxodo) 19:11, pg. 212 *"E que estejam prontos para o terceiro dia, porque no terceiro dia descera o Eterno aos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai"*.
- c) Salmo 33:13-15, Tanakh pg. 1731 *"¹³ Do alto, olha o Eterno e divisa todos os filhos dos homens. ¹⁴ De Sua Habitação, a todos os habitantes da terra dirige Seu olhar. ¹⁵ Ele analisa os corações de todos e perscruta todas as suas obras"*.
- d) Tanakh Jeremias 23:23-24, pg. 1311 *"²³ Acaso Sou eu um D'us (que só percebe o que está errado) de perto - diz o Eterno - e não (o que está) longe? ²⁴ Poderia um homem se ocultar*

em lugares tão secretos que Eu não pudesse enxergar? - diz o Eterno. Acaso não preencho totalmente os céus e a terra? diz o Eterno”.

Ou seja, quando há a percepção da descida do Eterno D’us é para nos mostrar que não se pode condenar a ninguém antes de ver a natureza da falta cometida (Torá pg. 26). Ou seja, é uma lição atemporal, posto que ninguém deve julgar o seu próximo pelos rumores que ocorrem, antes de se inteirar do assunto (comentários Torá pg. 44 – Rashi Bereshit pg. 45). Entretanto, como descrito acima no Salmo e em Jeremias; o Eterno D’us divisa a todos, olha os corações e todas as obras.

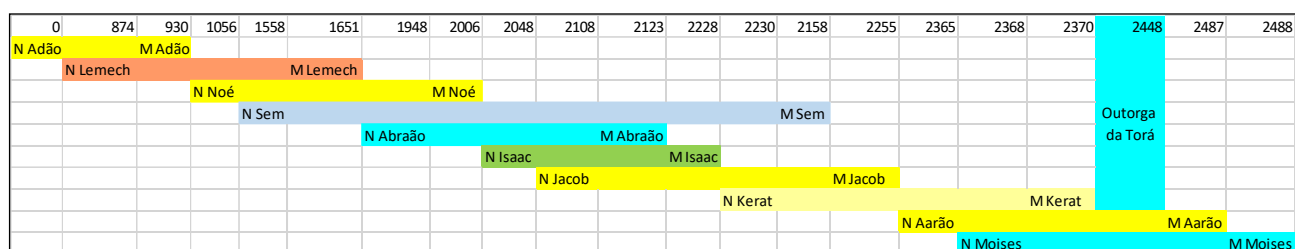
Qual o significado do que está escrito em Bereshit 11:07, com respeito aos idiomas? É importante observar que a presença do Eterno D’us (שכינה) (Shekinah), citada anteriormente, não aplica a penalidade proporcional à ofensa produzida pelos Seres Humanos, na realidade fixa um caminho seguro para o crescimento espiritual daquelas pessoas e dos descendentes.

Neste sentido, o idioma é uma soma de inúmeras emoções, concepções, pensamentos e vontades acumuladas ao longo de um determinado tempo, convertidos em expressões verbais. Entende-se que essa estrutura foi quebrada e as pessoas passaram a não mais compreender uma as outras. Ou seja, a expressão verbal na qual a sociedade se apoiava se quebrou e o poder do egoísmo que se acumulava e aumentava foi restringido.

Se os descendentes de Noé continuassem a viver em comunidade e o individualismo humano se intensificasse, é provável que a humanidade experimentasse um cenário similar ao período anterior ao Dilúvio. Temos de ter em mente, como já dito, que uma sociedade corrupta não sobrevive.

Por que a Torá desvia a narrativa para apresentar os descendentes de Sem? Sim, é fato. Neste ponto a Torá interrompe a narrativa e começa a apresentar a descendência de Sem. Toda a descendência de Sem é apresentada na Figura (c), de Adão a Noé e de Sem até Abrão.

Na realidade a importância destas Figuras e da narrativa apresentada em Bereshit 11, pg. 25, junto com o comentário atribuído a Dom Isaac Abravanel (1437-1508), que diz que houve uma tradição oral que passou apenas por 4 pessoas, a saber: Adão, Lémec, Noé e Abraão. Posteriormente, por Jacob, Kerat e Moisés formando assim 7 elos até a outorga da Torá em 2448 (veja o quadro abaixo). Ou seja, é de uma importância extraordinária, pois percebe-se claramente como o conhecimento adquirido e acumulado, desde Adão, foi transmitido aos sucessores.



Quadro demonstrativo da intersecção da vida entre alguns dos personagens.
Rashi Devarim. (N – nascimento. M – Morte.)

Sabe-se que a Torá foi outorgada pelo Eterno D’us diretamente a Moshe, bem como a Torá Oral. Assim, o conhecimento transmitido de Adão até Moshe foi associado ao conhecimento concedido por D’us a Moshe.

	Ano	Evento	
Geração	-1	Criação do Mundo	
1	0	Criação de Adão	1
2	130	Nascimento de Set	2
3	235	Nascimento de Enosh	3
4	395	Nascimento de Keinan	4
5	395	Nascimento de Mahalael	5
6	460	Nascimento de Ired	6
7	622	Nascimento de Chanoch	7
8	687	Nascimento de Matusalem	8
9	874	Nascimento de Lemech	9
10	1056	Nascimento de Noé	10
11	1558	Nascimento de Sem	1
12	1658	Nascimento de Arpachshad	2
13	1693	Nascimento de Shélach	3
14	1723	Nascimento de Éber	4
15	1757	Nascimento de Péleg	5
16	1787	Nascimento de Réu	6
17	1819	Nascimento de Serug	7
18	1849	Nascimento de Nachor	8
19	1878	Nascimento de Terach	9
	1948	Nascimento de Abraão	10
	2048	Nascimento de Isaac	2
	2108	Nascimento de Jacob	3
	2195	Nascimento de Levi	4
	2230	Nascimento Kehat (Êxodo 6:16)	5
	2262 *	Nascimento de Amram (Êxodo 6:18)	6
	2365 e 2368	Arão e Moises respectivamente, filhos de Amram, que era neto de Levi e casado com lochébed filha de Levi (Êxodo 6:20)	7
	*	Nascimento de Amram calculado aproximadamente pelos anos de vida de Amram e o ano aproximado da morte dele. Ano da morte aproximado 2399 - 137 anos de vida = 2262 ou um pouco antes	
	Ref	Rashi Shemot (Êxodo), Devaraim (Deuteronômio) pg 244 e Torá Shemot	

Lista de Gerações de Adão a Moshe.

Vejamos alguns fatos interessantes apresentados na Figura, que lista por ordem de nascimento as gerações de Adão a Moshe. Percebe-se que de Adão a Moshe temos 26 gerações. Observando-se o valor numérico do Nome Inefável IHWH - pela Guematria que é 5+6+5+10=26, ou seja, é o mesmo valor do número de gerações de Adão a Moshe. Outro ponto a observar é que de Adão a Noé, encontramos 10 gerações. De Sem a Abraão temos 10 gerações. O número 10 é tomado como sendo associado a Presença Divina. Outro exemplo, são os pronunciamentos do Eterno D'us conhecidos como os 10 Mandamentos. Ou os atributos Divinos que influenciam o Mundo associados as 10 Sefirot da Árvore da Vida. Olhando outro ponto, temos que há 7 gerações contadas de Abraão até Moshe, que é o espírito dentro da matéria.

Ou seja, a Divina Providência cuidou para que a Presença Divina (Shekinah) estivesse revelada claramente por meio de simples análises como a anteriormente apresentada. Assim, a corrente de descendentes transmite a todos nós ensinamentos contidos ao longo de suas vidas. Aprender com os acertos e com os erros que nos foram oferecidos, graciosamente, pelos Patriarcas, Matriarcas e Sábios é uma lição repetida inúmeras vezes ao longo da Torá.

Quando o Eterno dispersa os povos, Ele não os destrói. Reorganiza a diversidade humana. A multiplicação das línguas foi o início do Tikun (correção) das setenta nações, cada uma recebendo uma centelha espiritual particular. Essa diversidade é parte do plano Divino de revelação da Unidade através da pluralidade.

A confusão de línguas, portanto, foi uma misericórdia disfarçada, onde cada nação tem a chance de servir ao Criador segundo sua própria centelha. Diz o profeta Tsefania (03:09), *“Farei então com que os povos voltem a conhecer uma língua pura, com a qual todos possam invocar (do mesmo modo) o nome do Eterno, para servi-lo com seus sentimentos unidos”*. É a restauração da linguagem única, agora purificada pelo Tikun (correção). O Rebe ensina que o verdadeiro Tikun é transformar a civilização em um *“Beit”*, uma casa para o Divino. É o mesmo princípio que nos é apresentado na primeira palavra da Tora (Bereshit) e que inicia com o caractere Beit. Assim, quando o homem edifica sua torre interior, voltada para revelar e não para dominar, então Babel se transforma em Beit-El, a Casa de D’us.

04 - Parashat Lech Lechá – Avraham (Abraão)

Sinopse

Como já vimos, o Dilúvio trouxe ao mundo a possibilidade de corrigir erros passados e refazer nossas vidas, até mesmo após termos cometido erros que normalmente poderiam parecer fatais e irreversíveis. Quando D'us falou para Avraham: 'Vá para você', Ele nos possibilitou não somente retornar ao nosso eu original, como também 'retornar' ao nosso eu autêntico e essencial o ser que nunca soubemos que existia, revelando constantemente vislumbres infinitamente superiores da nossa personalidade Divina inata e de nossa conexão com D'us. Tudo é obra do Eterno D'us, mesmo um aparente mal que pode estar se abatendo sobre uma pessoa ou sobre uma população, até mesmo estes dissabores são obras do Eterno D'us e vem para o bem. O Rei Davi no Salmo 23 diz: *"Ainda que eu siga pelo vale das sombras da morte, nada temerei, pois Tu estarás comigo; Teu cajado e Teu bordão me darão apoio e conforto".* **A missão Avraham. O primeiro desafio com o qual Avraham se deparou na Terra Prometida foi a fome que se estabeleceu imediatamente depois de sua chegada, forçando-o a deslocar-se temporariamente para o país vizinho, o Egito. Transformar a descida em ascensão.** Internamente, o Egito não é um lugar, mas um estado de consciência. Sempre que a alma desce a situações de confinamento, seja material, emocional ou espiritual, está revivendo a jornada de Abraão. O Rebe acima explica que *"Não devemos nos intimidar com o mundo externo, nem com o nosso mundo interior dos desejos e medos. Uma vez que respondemos ao chamado de D'us para ir em busca de nós mesmos (Lech Lechá), não estamos mais restritos aos limites do nosso próprio ser."* **No transcurso de sua viagem à Terra Prometida, Avraham construiu altares para D'us em três diferentes localidades. A escada da consciência Divina.** Cada altar era uma pedra que foi utilizada na construção de seu Templo interno. Gradativamente o Templo interno deve ser transformado em uma morada para o Eterno D'us. Portanto o primeiro Altar é o 'Eu que desperta'. O segundo é o 'Eu que se purifica' e o terceiro é o 'Eu que desaparece no Amor Divino'. Essa é a escada interior, que nos foi apresentada inicialmente por Abraão e depois percebida mais profundamente por Jacob. Essa escada conduz a evolução da alma, desde a percepção até a união com Divino. **O sobrinho de Avraham, Lot, acompanhou-o à Terra Prometida. Avraham era idealista demais para Lot, e por isso ele abandonou seu tio, estabelecendo-se próximo ao Mar Morto. Quando a Terra de Israel foi posteriormente invadida pela coalizão de nações, que o capturou, Avraham os perseguiu e defendeu seu sobrinho. Depois que Avraham derrotou miraculosamente os invasores, ele entregou a décima parte do espólio da guerra ao seu antepassado Shem, conhecido como Malki-Tzédek, o rei de Shalém (Salém). O dízimo e o crescimento espiritual. Ele lhe deu um décimo de tudo.** O Rebe explica que Abrão, ao mesmo tempo em que oferece o dízimo de sua riqueza a Malki-Tzédek (reconhecendo que tudo pertence a D'us), recusa o presente de Sodoma. Esses dois gestos são faces de um mesmo princípio. Só o que pode ser elevado à santidade deve ser aceito. O que pertence à Kelipá (casca do ego – corrupção) deve ser rejeitado. Ele aceita a riqueza que vem *"de cima"*, canalizada pelo milagre Divino, mas recusa a riqueza que vem *"de baixo"*, contaminada pela intenção egoísta. O *"fio"* e a *"correia"* representam, segundo o Zohar, as ligações sutis entre o mundo físico e o espiritual. Abrão corta conscientemente essa ligação com Sodoma, mas mantém-se como um canal puro da Luz Divina. **Após sua vitória sobre a coalizão invasora, Avraham temia que a conquista milagrosa na batalha significasse a total compensação por seus méritos e suplantasse todas as outras recompensas que D'us lhe havia prometido anteriormente: descendência e a Terra de Israel. Foi então que D'us reiterou Suas promessas a Avraham. Brilhar como as estrelas.** D'us disse a Avraham: *'Olha para os céus e conta as estrelas, se puder contá-las! Esta será a tua descendência!'* Quando D'us mostrou as estrelas a Abrão, no fundo, mostrou-lhe a harmonia perfeita da Criação. Estão, portanto, em equilíbrio a luz e o recipiente, o masculino e o feminino, bem como o dar e o receber. Por isso, as estrelas não são apenas pontos presentes no céu, mas representam a alma humana. No interior de cada pessoa existe tanto o aspecto masculino (doador) como o feminino (recebedor). Quando esses dois aspectos se unem em harmonia, a alma brilha como uma estrela, ou torna-se uma luz estável no meio da escuridão. **Basear nossas reivindicações sobre a Terra Prometida em tratados, vitórias militares ou intrigas diplomáticas, enfraquece o respeito das**

demais nações por nossa herança. O Rebe ensina, portanto, que a posse da terra de Israel não é uma questão política, mas espiritual. Ela deriva diretamente da promessa Divina feita a Abrão e, portanto, é eterna e inalienável. A Torá, nesse ponto, não fala apenas de terra física, mas do território espiritual do povo israelita. Ou seja, seu vínculo indissolúvel com a Presença Divina (Shechina) que se manifesta na Eretz Yisrael. Agora é possível enxergar que **Espiritualmente, a circuncisão é a remoção do ‘prepúcio do coração’, a película de apatia e arrogância que obstrui nossa conexão com D’us.** Ou seja, “circundai o prepúcio do vosso coração”. O “prepúcio” é o símbolo da camada de grosseria espiritual e emocional que cobre a sensibilidade da alma. É o véu que impede o coração de sentir a presença Divina, de se comover com o bem e de se entristecer com o afastamento. Pedreiro: a circuncisão do coração é o verdadeiro início da jornada interior, que é quando o Ser Humano deixa de ser um observador da Luz e se torna portador da Luz.

1.(Lech Lechá) – Gênesis 12:01-13 – “Após a dispersão da humanidade, no episódio da Torre de Babel, as tradições originais de moralidade e monoteísmo foram preservadas somente por indivíduos seletos. Em resposta aos esforços de Avraham para restaurar o monoteísmo no mundo, D’us informou que o havia elegido para fundar o povo escolhido, e o instruiu a se estabelecer na Terra Prometida. Alcançar o seu verdadeiro eu interior. D’us falou [para Avraham]: ‘Vá’.

Apesar de Avraham ter tido êxitos em difundir a consciência Divina até aquele momento, seu sucesso era limitado porque ele baseava suas palavras unicamente em suas convicções pessoais e em sua argumentação lógica.

Tudo isso mudou quando D’us falou com Avraham. Suas primeiras palavras foram literalmente ‘Vá para você’, querendo dizer com isso: ‘Vá para o seu eu verdadeiro e superior, aquele eu interior que você nunca seria capaz de alcançar por si mesmo (sem a ordem Divina)’. Por meio dessas palavras, D’us transformou Avraham em uma pessoa que poderia progredir muito além de suas próprias capacidades.

Como já vimos, o Dilúvio trouxe ao mundo a possibilidade de corrigir erros passados e refazer nossas vidas, até mesmo após termos cometido erros que normalmente poderiam parecer fatais e irreversíveis. Quando D’us falou para Avraham: ‘Vá para você’, Ele nos possibilitou não somente retornar ao nosso eu original, como também ‘retornar’ ao nosso eu autêntico e essencial o ser que nunca soubemos que existia, revelando constantemente vislumbres infinitamente superiores da nossa personalidade Divina inata e de nossa conexão com D’us”.

É interessante iniciarmos esta Parashat apresentando uma questão: **Quem foi Avraham (Abraão)?** Noé destinou a Terra de Israel ao ramo de Sem. Sem é considerado o ancestral do povo Semita; se forem considerados os filhos de Sem por meio de Arpachshad. Sem foi pai de Elam, Ashur (Assíria), Arpachshad, Lud e Aram, como pode ser visto na Figura apresentada na Parashat Bereshit. A linha de descendência a partir de Sem deu origem a Abraão. Ou seja, se olharmos os ascendentes de Abrão (Abraão) percebe-se a transmissão dos conhecimentos espirituais, por meio de uma corrente, que remonta a Adão e Eva, como pode ser visto abaixo.

	1056	1558	1658	1693	1723	1757	1787	1819	1849	1878	1948	1996	1997	1998	2000	2006	2018	2023	2026	2049	2096	1997	2083	2123	2126	2158	2187
Noé	N															M	950										
Sem		N																								M	600
Arpachshad			N																			M	438				
Shélach				N																					M	433	
Éber					N																					M	464
Péleg						N						M	239														
Reú							N													M	239						
Serúg								N													M	230					
Nachor									N																		
Terach										N	70															M	205
Abraão											N	50	52				70	75							135	M	175

Ascendentes de Abraão a partir Noé e seu filho Sem, com os seus respectivos anos judaicos de nascimento (N) e morte (M), acrescido do tempo de vida. Torá comentários pg. 27.

É mais fácil entender a sequência mencionada ao considerar que Sem, Shélach e Éber faleceram alguns anos depois de Abraão. Mostrando que a academia de Sem e Éber pode ter sido frequentada pelos descendentes de Sem, incluindo Abrão (Abraão). Além disto, vê-se que o tempo de vida dos Seres Humanos após o Dilúvio diminuiu rapidamente.

Segundo Rashi Bereshit, p. 329, quando ocorreu o nascimento de Charan e Nachór, Terach tinha 38 anos. Pela Figura “c”, apresentada na Parashat Bereshit, vê-se que Abrão (Abraão) é filho de Terach com sua segunda esposa. Quando Abrão nasceu seu pai tinha 70 anos. Charan teve um filho e duas filhas, a saber: Lot, Saraí e Milcá, respectivamente. Milcá casou-se com Nachór e Saraí casou-se com Abrão. Segundo Rashi Bereshit pg. 329 esse casamento ocorreu em 1973, tendo Abrão 25 anos e Saraí 15 anos.

Em Rashi Bereshit pg. 46 encontra-se que Sem percebeu que os Seres Humanos, novamente, se afastavam das instruções originais que o Eterno D’us havia nos deixado. Assim, fundou com Éber uma academia para preservar esses ensinamentos. Sem e Éber também preservaram o idioma Hebraico, mas de forma restrita. Sem estabeleceu-se na cidade de Salem (que posteriormente se chamaria de Jerusalém). Segundo Rashi Bereshit pg. 61 Sem, ou Rei de Salém, também era conhecido como Malki-Tzédek (Meu Rei é Justiça).

Mas, fundamentalmente quem foi Abraão? Abrão – Abraão foi um homem determinado e que acreditava em um D’us único. Segundo Torá Bereshit 11:28, pg. 27, por dedução percebe-se que Abrão nasceu em Ur dos Casditas (Rashi Bereshit pg. 47). Ur tanto pode ter o significado de “o fogo” como o significado de “vale”, pois, essa cidade era a capital do reino de Nimrod do Vale de Shinar (Rashi Bereshit pg. 47). Essa região era também habitada pelos filhos de Aram. Aram era filho de Sem, ou o pai da quadragésima nona nação, que falavam, evidentemente, o Aramaico. O nome aramaico também é um adjetivo que pode descrever alguém ou algo relativo a Aram, ou ao território, ou habitantes. Abrão (ou Avram) é a união de duas palavras, “av” e “Aram”, que poderia significar “pai de Aram”. Entretanto, o significado encontrado no livro de Rashi Bereshit pg. 47, é “o Príncipe de Aram”.

Rashi narra que *“Abrão cresceu no período subsequente à migração de Nimrod e seus seguidores para a Planície de Shinar. Apesar de ter sido criado como idólatra, já percebia a tolice da adoração de ídolos desde a primeira infância. Quando Abrão propositadamente quebrou os ídolos do pai, este o levou a Nimrod, que o jogou em uma fornalha ardente. Abraão tinha 50 anos em 1998, quando Nimrod o jogou na fornalha.*

D’us miraculosamente o salvou e ele saiu ileso. O irmão mais velho de Abrão, Charan, decidiu tomar partido de quem vencesse a disputa. Ao lhe perguntarem de que lado estava; Charan, tendo visto Abrão sair ileso, declarou-se a favor do irmão. Em consequência disso, Nimrod também o lançou na fornalha e ele morreu. A notícia do acontecido difundiu-se de tal maneira que Nimrod ficou conhecido como Amrafel (“Aquele que Cai – dentro da fornalha) e a cidade onde isso se passou, veio a ser chamada de Ur dos Casditas.

O incidente da fornalha ardente convenceu Terach a abraçar o monoteísmo, mas ele não queria admitir seu arrependimento em público. Uma vez que Charan fora morto e Abrão contrariara o rei; Terach julgou perigoso permanecer em Ur. Assim, no ano 2000, Terach, seu filho Abrão, seu neto Lot, filho de Charan e sua nora Saraí, mudam-se para Charan em Aram” – Rashi Bereshit pg. 47, 48 e 329.

Posteriormente, o Eterno D’us, fez com que Abrão migrasse para onde hoje se encontra o Estado de Israel, ele caminhou por todo o lugar para, simbolicamente, declarar aquela terra como sua e de sua

descendência, como o Eterno D'us lhe havia prometido. Abraão passou o restante de sua vida aperfeiçoando-se e ensinando sobre monoteísmo as pessoas. Abraão com Hagar teve a Ismael, pai dos povos árabes, e com sua esposa Sara teve a Isaac, seu herdeiro espiritual e segundo Patriarca do povo israelita. Quando Abraão morreu, aos 175 anos, foi sepultado em Hebron, próximo a Sara.

“Abraão passou por 10 testes. Nestes testes ele não questionou nada ao Eterno D'us, mesmo que lhe parecesse estranho o pedido. Ele sempre se manteve em silêncio, atento ao que fazer, com dedicação, amor e devoção. Este silêncio o fez crescer, se desenvolver e prosperar até ser o Abraão (Avraham) que nós conhecemos. Daqui aprendemos que existem falas que não dizem absolutamente nada e não fazem nenhum sentido. Este é o caso das pessoas que falam sem pensar. Por outro lado, há o silêncio que diz muito e que carrega muito sentido.

Avraham conheceu e descobriu o Criador com apenas três anos de idade. E nós? De quantos anos precisamos para conhecer a D'us, aquele que nos protege, nos dá a vida e o ar para respirar a cada instante? De quanto tempo precisamos para louvá-Lo por cada segunda de vida?

Quem tem fé, não tem perguntas. Porém, para quem não tem fé, todas as respostas do mundo não adiantarão”. Os Patriarcas e a Educação, pg. 81.

Abraão traz a revelação de Hessed ao mundo, ou seja, o amor incondicional e universal. Abraão é o pilar da bondade, o rio que flui do Éden para regar o jardim. É a corrente de energia Divina que desce ao mundo para nutrir toda a criação. Por isso, tornou-se o primeiro a espalhar a consciência de D'us entre as nações, hospedando viajantes, ensinando monoteísmo, construindo altares e invocando o Nome Divino.

Abrão (Abraão) foi submetido a sucessivas “provas” pelo Eterno D'us. No início de sua longa trajetória Ele pediu a Abrão que alterasse totalmente a sua vida, abandonasse a região que havia nascido e partisse para uma terra desconhecida. **Qual é o significado desta missão?** Em Torá Bereshit 12:01-05, pg. 29 está escrito: “¹ E disse o Eterno a Abrão [Abram]: Anda de tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. ² E farei de ti uma grande nação; e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e serás uma bênção. ³ E abençoarei os que te abençoarem, e aqueles que te amaldiçoarem, amaldiçoarei; e serão benditas em ti todas as famílias da terra. ⁴ E foi-se Abrão, como lhe falou o Eterno, e foi com ele Lot; e Abrão era da idade de setenta e cinco anos na sua saída de Charan. ⁵ E tomou Abrão a Sarai, sua mulher, e a Lot, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam ganho, e as almas que haviam adquirido em Charan; e saíram para ir à terra de Canaã; e chegaram à terra de Canaã”.

Há vários aspectos a comentar sobre estes 5 versículos. Primeiro deles é com respeito a força intensa do amor e do temor de Abrão no Eterno D'us. A essa força pode-se dar o nome de “fé acima da razão”. Segundo Dr. Laitman - Alcançando Mundos superiores, pg. 23 - tem-se que a “lei básica do mundo espiritual se resume em duas palavras: altruísmo absoluto”. Entretanto, todos nós vivemos em um mundo que é guiado apenas por nosso raciocínio. Sempre nos perguntamos isso é ‘razoável?’. Assim, pode-se dizer que vivemos na “fé dentro da razão”.

Desta forma, será que seria razoável Abrão com 75 anos, reunir tudo que tinha, seus parentes mais próximos, serviçais, animais e partir caminhando para uma terra distante, muitos e muitos quilômetros de onde estava? Terra essa desconhecida, obedecendo a uma ‘voz’ que provavelmente somente ele escutava. Talvez Sarai também tivesse esse sentimento, mas a decisão coube a Abrão. Para qualquer um de nós, a resposta é ‘não seria razoável’. A “fé dentro da razão” talvez nos impedisse de seguir as orientações do Eterno D'us.

Mas, de fato, Abrão renunciou às informações que seu próprio intelecto lhe apresentava. Renunciou também aos argumentos que a razão colocava diante dos seus olhos e ancorou-se, exclusivamente, naquilo que o Eterno D’us havia lhe dito, colocando a Vontade Dele acima da vontade do próprio Abrão. Esse comportamento, representa a ‘*fé acima da razão*’ e que de fato permeou por toda a vida de Abrão.

Na realidade a fé de Abrão no Eterno D’us foi colocada a prova nos dez testes pelos quais passou. A magnanimidade do Patriarca Abraão foi ter se tornado obediente às instruções do Eterno D’us. A Torá relata a ordem Divina: ‘*Vai!*’ E ele foi sem questionar. Depositou total confiança nas orientações do Eterno D’us.

Segundo Rashi Bereshit pg. 51, o nome dessa “*Paracha*” é *Lech Lechá* - Lech (vá) Lechá (para ti - para dentro de você), significa “*vai para o teu eu verdadeiro, mais elevado, o eu que jamais conseguiras atingir sozinho*”. Rashi Bereshit pg. 52. É lá que Abrão encontrou forças para sair da casa de seu pai, para longe de suas raízes naturais, do ambiente e da educação que recebeu. Sendo por essa razão abençoado pelo Eterno D’us. A Gematria de (לך-לך) Lech Lechá é $30+20+30+20=100$, indicou a Abrão que aos 100 anos, Ele faria dele uma grande nação por meio do nascimento de seu filho Isaac. Os Patriarcas e a Educação – pg. 82.

A palavra (אראך) arêca que significa “*que te mostrarei*” tem Gematria $1+200+1+20=222$. A palavra (בענינים) baananim com significado de ‘*nas nuvens*’ tem a Gematria de $2+70+50+50+10+40=222$. Isto nos mostra que, embora Abrão não soubesse para onde deveria ir, ele foi guiado pelo Eterno D’us pelas nuvens até a Terra de Israel. idem – pg. 82.

A técnica denominada de acróstico é quando se utiliza as letras de uma palavra para formar outras palavras ou uma frase correspondente. Na Torá pg. 29 é apresentado o acróstico da palavra acima citada, ou (אראך) arêca e a respectiva Gematria do acróstico formado, como reproduzido na Figura abaixo:

אראך	Nome das Letras			Soma
א	אלף	Alef	$1+30+80$	111
ר	ריש	(R)eish	$200+10+300$	510
א	אלף	Alef	$1+30+80$	111
ך	כף	(K)af	$20+80$	100
				832

Acróstico da palavra Areca que te mostrarei e a respectiva Gematria. Comentários Torá pg. 29.

No mesmo comentário presenta-se a Gematria simples das palavras Érets Israel (Terra de Israel) estando reproduzido na Figura abaixo:

ארץ ישראל	Érets Israel	Terra de Israel
א	Alef	1
ר	(R)eish	200
ץ	(Ts)adi S	90
י	(Y)ud	10
ש	(S)hin	300
ר	(R)eish	200
א	Alef	1
ל	(L)amed	30
		832

Gematria da palavra Érets Israel (Terra de Israel). Comentários Torá pg. 29.

Se observarmos ambos os conjuntos apresentam a soma de 832, nos mostrando que o paradeiro de Abrão se torna claro. Ou seja, implicitamente o Eterno D'us já havia transmitido a Abrão para qual região Abrão estava se deslocando. Caminhando alcançou a terra para onde o Eterno D'us havia indicado que Abrão se deslocasse, significa que esse processo está associado a Bênção que prevê transformar a Abrão e seus descendentes em uma grande nação.

Mas qual o significado que essa Bênção tem? Sair de sua terra, de sua parentela e da casa de teu pai foi na realidade o primeiro teste dos 10, aos quais Abrão (Abraão) foi submetido. Em Tora pg. 29 comentários, está escrito “*que o Midrash compara o patriarca Abraão a um delicioso frasco de perfume, por onde passa todos apreciam o delicioso perfume. Abrão, que estava cheio de boas ações e belíssimas virtudes, tinha que abandonar a sua pátria para que sua fama e seus ensinamentos se tornassem conhecidos no mundo inteiro*”. Além disto, havia a necessidade de Abrão se desconectar dos hábitos idólatras de sua terra e, especialmente, do ambiente familiar que também era idólatra.

Como foi dito acima, “*foi-se Abrão, como lhe falou o Eterno*” Torá Bereshit 12:04 pg. 29. O mérito está no fato que Abrão se deslocou por opção própria, escutando a mensagem que o Eterno D'us lhe transmitira. Ele tinha a opção de não seguir a essa ordem, mas ele a seguiu. Com este gesto, Abrão transforma-se em um vaso receptor e pelo qual, as emanções do Eterno D'us poderiam ser recebidas por Abrão, difundidas para as pessoas que o cercava e por onde ele passasse. Esse, no fundo é o sentido da Bênção que Abrão havia recebido naquele momento.

Neste ponto Abrão deve ter-se perguntado: **Qual o propósito da vida? O que o homem veio fazer nesta existência?** Ele deve ter pensado que muito do que havia ocorrido ao longo da breve história humana até aquele tempo seria reflexo da falta do exercício da oração, da falta do exercício da busca pelo conhecimento e da falta do exercício da prática do que já se sabia sobre os ensinamentos que o Criador havia passado aos ancestrais. Somente teremos a força para realizar o retorno a União com o Eterno D'us, se tivermos plena consciência de nós mesmos!

Há um texto em latim que diz: “*Visita Interiorem Terrae, Rectificandoque, Invenies Occultum Lapidem*”. Literalmente significa: “*visita o Interior da Terra e, Retificando-te, Encontrarás a Pedra Oculta*”. Ou seja, vá para você.

Nós somos formados pela mesma matéria que forma o Universo, o Sol, a Terra, as Plantas e os Animais. Portanto, a caverna ou o deserto que devemos visitar é o nosso coração. Lá encontraremos todos os desejos que temos, sejam eles bons ou maus. Todos os nossos sentimentos, inclusive os mais egoístas. Tudo que somos está em nosso coração. Nesta busca interior verificamos o quanto precisamos nos retificar, o quanto precisamos crescer, o quanto nosso coração é de pedra bruta. Retificar este coração encontrando dentro dele o que se denomina o *Ponto no Coração*, que no fundo, é a Centelha Divina que permite que a existência.

Evidentemente, a percepção direta do Eterno D'us está oculta. Poderíamos denominar essa barreira de “tela” (כיפה - Kipá cúpula ou מסך - Masâr - cobertura) que tem o significado da intenção de receber para doar ao Criador. Ou seja, aquela pessoa que realmente visitou o seu interior, descobriu o tamanho de seu egoísmo e aprendeu ao longo da caminhada a controlar este mostro, tornou-se capaz, portanto, de controlar a si mesmo. Agora está apto a receber parte da Luz do Criador. Esse foi Abraão e ao fazer a opção de partir, ele gradativamente tornara-se apto a receber a Bênção citada na Torá.

Como já apresentado em Noach, a tela ou cobertura é a percepção do significado da intenção de receber para doar ao Criador. Doando inicialmente a seu grupo se estabelece a verdadeira união, ou seja, uma pessoa se responsabilizando genuinamente pela outra. Evidentemente, este estará Livre da escravidão ou do egoísmo que mantém o homem preso (escravo). Estará assim cumprindo a Antiga meta, que desde o princípio da Criação, da criatura pelo Criador; que é libertar o homem da escravidão

do egoísmo. Portanto, será Aceito pelo Criador, pois ocorreu à transformação ao longo da caminhada de um ser egoísta para um ser altruísta e este teve a percepção do sentido da vida: a **Lei da Equivalência de Forma com o Criador - MLAA**.

Ou seja, “*Vá até você*”. Esta instrução passada pelo Eterno D’us a Abrão também é uma instrução para cada um de nós. Retorne e conecte-se com o seu “eu” verdadeiro, com a sua essência e raiz espiritual. O nosso desafio é, portanto, conectarmos a dimensão terrena de nossa alma com nossa raiz transcendente que é a nossa alma Divina.

Abrão continua a caminhar, dirigindo-se cada vez mais para dentro do deserto de Negev. **Não é algo contrário a realidade? Portanto, qual o significado de Abrão continuar a viajar cada vez mais para dentro do deserto?** De forma geral, uma região desértica é muito árida, posto que as precipitações apresentam baixa pluviosidade ou são irregulares e escassas. A vegetação é inexistente ou rara e o relevo apresenta formações rochosas e/ou arenosas. O (נגב) Negev é o nome do deserto que ocupa parte relevante do território de atual Israel. Situa-se na região sul do país. Hoje em dia, apesar de ser natural a escassez de água e de solos impróprios para a agricultura, nesta área se desenvolve uma das mais avançadas agriculturas do mundo.

Em Tanah Oséias 02:16, pg. 1567, encontra-se: “¹⁶ *Portanto, Eu a conduzirei ao deserto e lá falarei carinhosamente ao seu coração,* ¹⁷ *e desde ali devolverei seus vinhedos e transformarei o vale de Ahor [destruição] num portal de esperança [Petah Tivá]*”.

O deserto é um chamado do Eterno D’us para que, aqueles Seres Humanos em especial, passem por forte experiência. Visa fazer com que as pessoas mergulhem para dentro de si mesmas aproveitando-se da solidão do deserto e das dificuldades naturais da área, onde todas as habilidades serão levadas ao extremo da sua capacidade. É um encontro com a verdade.

O deserto é parte intrínseca do povo israelita. Ao longo de toda a Tanah encontram-se passagens que vão moldando a história e a espiritualidade do povo. No deserto, embora aparentemente, estivesse desprotegido, passando por inúmeras dificuldades, foi lá que a mão do Eterno D’us e sua Misericórdia sempre os amparou e protegeu. Tora Devarim 8.

Desta forma, com Abrão (Abraão) não poderia ser diferente, posto que é o primeiro Patriarca do Povo israelita. No fundo, quatro estágios gerais são vivenciados pelos precursores do Povo, Adão e Eva, Noé, Pelos Patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, bem como pelos Profetas e em especial o maior deles Moisés. Os estágios são: A proximidade com o Eterno D’us, um afastamento onde advém algum sofrimento, a reaproximação e um posterior período de relativa calma, normalmente acompanhada de progresso material.

Se olharmos para a Gematria do nome (נגב) Negev temos $50+3+2+5=60$. Sessenta é a letra hebraica Samech. Segundo Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 113 e 116, “*o Samech se assemelha a uma aliança de casamento. Em um relacionamento, marido e mulher têm forte desejo de estarem juntos. O anel simboliza o compromisso do casal, um com o outro. Quando você apanha alguém que caiu, apoia e o circunda. A característica de circundar é constante.*”

As primeiras duas letras da palavra Samech são Samech e Mem. Juntas escrevem (סם) sam, que significa uma poção ou remédio. Isto não apenas é relevante no que diz respeito a saúde física de alguém, mas também à saúde espiritual”.

Tudo é obra do Eterno D’us, mesmo um aparente mal que pode estar se abatendo sobre uma pessoa ou sobre uma população, até mesmo estes dissabores são obras do Eterno D’us e vem para o bem. O

Rei Davi no Salmo 23 diz: “*Ainda que eu siga pelo vale das sombras da morte, nada temerei, pois Tu estarás comigo; Teu cajado e Teu bordão me darão apoio e conforto*”. Livro de Salmos, pg. 23.

Um outro ponto importante é que naquela região e no tempo que Abrão e sua família, o povo que lá habitava não era adequado ao desenvolvimento espiritual. Objetivo do deslocamento de Abrão de sua terra natal para a futura terra de Israel, diz o Sefer Hamadá 1, cap. 6, pg. 190, o seguinte: “*Assim, a pessoa que vive em um lugar onde o comportamento nefasto é a norma, onde os moradores não se comportam da maneira correta, deve mudar-se para um local em que os habitantes sejam justos e se comportem com bons modos. Se todas as nações que ela conhece ou das quais tenha ouvido falar forem lugares de qualidades reprováveis, como hoje em dia, ou se ela não puder ir aonde os padrões de comportamento são apropriados devido aos riscos da viagem ou por razões de saúde, então que ela viva isolada, à maneira do dito: Há de sentar-se sozinho e guardar silêncio. E se os habitantes locais forem malvados e depravados a ponto de exigir que todos se juntem a eles e se conduzam segundo os seus padrões nefastos, é preferível fugir para as cavernas, os matagais ou os desertos a se conduzir como os ímpios, conforme está dito: Quem me dará um lugar para habitar no deserto*”.

2.(Lech Lechá) – Gênesis 12:14-13:04 – “A missão Avraham. O primeiro desafio com o qual Avraham se deparou na Terra Prometida foi a fome que se estabeleceu imediatamente depois de sua chegada, forçando-o a deslocar-se temporariamente para o país vizinho, o Egito. Transformar a descida em ascensão. Quando Avraham foi ao Egito...

Em vez de poder continuar com a divulgação e o renascimento do monoteísmo na Terra Prometida, Avraham foi forçado a ir para dentro daquele que era o mais proeminente bastião do paganismo: o Egito. Quão irônico deve ter sido testemunhar este ambicioso monoteísta subitamente reduzido a buscar a misericórdia em um ambiente cultural que zombava de todos os seus ideais!

Contudo, milagrosamente a sua sorte foi revertida; pouco tempo depois, Avraham viu os próprios egípcios implorando-lhe por misericórdia e, logo depois, ele retornava à Terra de Israel com mais riquezas, maior reputação e acompanhado por Hagar, a princesa egípcia que abandonou o Egito e a idolatria e que se tornaria a mãe de Yishmael (Ismael), seu primeiro filho. Retroativamente, fica evidente que este aparente retrocesso foi apenas um estágio para que Avraham progredisse ainda mais em seus objetivos Divinos.

Da mesma forma, nunca devemos nos intimidar com o mundo nem com o mundo externo a nós, nem com o nosso ‘mundo’ interior pessoal dos desejos, medos ou ideias preconcebidas. Uma vez que atendemos ao chamado de D’us para ‘ir em busca de nós mesmos’, não estamos mais restritos aos limites de nossas capacidades; inclusive os aparentes retrocessos provarão ser, em última instância, parte integrante do processo que nos conduzirá a realizações maiores de nosso propósito Divino na vida”.

A seca se intensifica e Abrão segue para o Egito. **Portanto, Abrão desceu ao Egito por vontade própria, abandonando as orientações que até aquele momento estava seguindo, ou o fez por inspiração do Eterno D’us?** Em Torá Bereshit (Gênesis) 12:10, pg. 30, está escrito: “*E houve fome, na terra, e desceu Abrão ao Egito para morar ali: porque era grande a fome na terra*”. Como já foi dito acima, aquela região é uma região desértica, com recursos naturais escassos, com uma quantidade pequena de chuva. Assim, quando essa chuva deixa de se fazer presente, a escassez aumenta e a fome é que se faz presente, especialmente naquela época. Em Torá Devarim 11:11, pg. 537, está escrito que: “*Mas a terra para qual estais passando a fim de herdá-la, é terra de montes e de planícies; da chuva dos céus ela tem água*”. Portanto, como pode ser visto em outras passagens (ex. José do Egito), no caso de fome severa, a população se deslocava, em parte, para o Egito, em função da presença do rio Nilo e da evidente maior continuidade das colheitas, pela perenidade da presença de água em quantidade adequada o ano todo.

Em Rashi Bereshit, pg. 56, encontramos que *“D’us queria ver se Abrão reclamaria por precisar deixar a terra depois de ter se esforçado tanto para chegar e visto que D’us a prometera a ele. Abrão não reclamou; ele desceu ao Egito para residir por um tempo, pois a fome na terra de Canaã tornava-se severa. Lot acompanhou Abrão e Sarai”*. Portanto, Abrão fez o que se esperava dele naquela situação de fome. Sem reclamar procurou um local onde poderia dar segurança alimentar a sua família, com risco de sua própria vida.

Especialmente, buscando analisar brevemente a palavra descer, vê-se que ela tem o sentido de deslocar-se de um local mais elevado para outro mais baixo. Abrão desceu ao Egito. Figurativamente, significa que ele desceu a uma região onde valores muito diferentes aos praticados por Abrão e seu grupo prevaleciam naquela local e época. Mas, a Cabala mostra que se desejamos alcançar níveis mais elevados de espiritualidade, deve-se primeiro *“descer”* em seu interior, compreendendo melhor quem de fato é, para depois conseguir *“subir”*. Foi o processo de transformação interior realizado por Abrão, nesta jornada ao Egito.

Entretanto, nesta descida certamente nos depararemos com situações em que somos colocados sob avaliação. **Assim, estando no Egito, Abrão pediu a Sarai que mentisse ao Faraó?** Como pode ser visto na Figura “c” na Parashat Nôach, que mostra os descendentes de Sem; Sarai é sobrinha de Abrão. Segundo Rashi Bereshit pg. 87, *“embora Sarai fosse de fato sobrinha de Abrão, não sua irmã, muitas vezes faz-se referência a netos como se eles fossem filhos de seus avós”*. Desta forma, Abrão omitiu parte da informação. Entretanto, não estamos com isto tentando justificar o praticado por Abrão.

A razão de tal procedimento é que Abrão teve receio de ser morto em função da beleza especial de sua esposa, como está escrito em Torá Bereshit 12:11-13, pg. 30. Mas, de certa forma Abrão percebeu que se ela dissesse que era irmã dele, o risco de morte seria afastado e eles receberiam muitos presentes, por causa dela (rebanhos, gado, jumentos, camelos, servos e servas). Por outro lado, Abrão confiava plenamente no Eterno D’us. Entretanto, Abrão deixou sua terra natal, com todos os seus e tudo o que tinha, empreendeu uma dispendiosa e perigosa viagem, sem ao certo saber qual era o seu verdadeiro destino, viajou para o sul ou deserto, isso aos 75 anos de idade. Não é necessário descrever mais fatos para perceber que Abrão confiava plenamente no Eterno D’us.

Assim que Sarai foi arrebatada pelo Faraó, infligiu o Eterno D’us ao Faraó e a sua casa, grandes pragas por causa de Sarai, mulher de Abrão. O Faraó percebeu que o motivo do que estava ocorrendo, se devia a presença de Sarai em seu arem e que ela deveria ser mulher e não irmã de Abrão. Mandou chamar a Abrão, devolveu Sarai a Abrão e recomendou a seus homens que acompanhassem Abrão e a sua mulher e a tudo que era dele para fora do Egito. Segundo Rashi *“o Faraó insistiu que Abrão deixasse o Egito, porque os egípcios são um povo lascivo (ligado aos prazeres do sexo) e que o Faraó não poderia ser responsabilizado se tentassem matar Abrão por causa dela, como suspeitava Abrão inicialmente que eles o fariam”*. Rashi Bereshit pg. 56.

Rashi (p. 57) *“afirma que foi nessa ocasião que o Faraó deu sua filha Hagar a Sarai como criada, dizendo que era melhor ser serva de uma mulher como Sarai, favorecida por D’us, a ser rainha em outro lugar. Abrão permaneceu por 3 meses no Egito”*. A conduta acima apresentada por Abrão e Sarai, se repetiu e está descrita em Torá Bereshit 20, pg. 49.

Um ponto relevante apresentado no Livro “Os Patriarcas e a Educação”, pg. 87, esclarecedor desta passagem é que observando que as palavras *“por tua causa”* em Hebraico é (בגללך) biglalech, tem a Gematria (2+3+30+30+20=85). Agora a palavra boca em Hebraico (פה) pê, tem Gematria (80+5=85), onde se deduz que *“pela boca de Sarai (tuas palavras) Abrão teria sua vida preservada”*.

Continuando temos que “devemos cuidar da nossa boca, sabendo o que falar. Dependendo dela, a pessoa pode obter a vida como também pode obter a morte, como consta no livro Mishlê 18:21: A vida e a morte estão sob o poder da língua, e os que a utilizam adequadamente comerão de seu fruto”. Idem.

Se fizermos a redução do valor 85 vamos encontrar (8+5=14). A décima quarta letra do Alef-Beit é o Nun. Segundo Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 105, “há dois tipos de Nun, o “curvado” (נ) ou Nun kefutá, que começa ou está no meio de uma palavra. O outro é o Nun ereto (ן), Nun peshutá, que é empregado somente ao final da palavra. O Talmud nos diz que o Nun kefutá representa aquele que está curvado e o Nun peshutá aquele que é ereto.

O Maharal explica que os dois Nuns representam as duas abordagens fundamentais no serviço a D’us: temor e amor. A primeira pessoa serve a D’us por reverência e medo. Portanto, está curvada. A segunda pessoa serve a D’us por amor e assim fica ereta. Está pessoa é também caracterizada pela generosidade, porque o amor representa abertura”. Como pode ser visto ao longo de toda a jornada de Abrão (Abraão), ele servia ao Eterno D’us com amor e se comportava de uma forma extremamente generosa. Abraão é associado a Hessed - Misericórdia, na Arvore da Vida.

Mas, é importante ressaltar que, segundo o Livro os Patriarcas e a Educação, pg. 87, a “rashê tevat das palavras (אֲמַרְיָא, אַחֲתִי) amri na achóti (Diga, por favor, és minha irmã) formam a palavra aná (אנא) – também traduzida por favor - cuja Guematria é 1+50+1=52. Fazendo a Guematria da palavra filho (בן) ben que é 2+50=52, infere-se que pelo fato de Saraí dizer, naquelas circunstâncias, que é irmã de Abrão, mostra que Abrão viverá para poder gerar a seu filho, Isaac.

Como já vimos, logo após Abraão chegar à Terra Prometida, estabelece-se uma situação de fome, forçando-o a descer ao Egito (Mitzrayim), ou seja, a entrar no domínio da materialidade, onde sua esposa Sarah é levada ao palácio do faraó. À primeira vista, trata-se de uma queda espiritual e moral. O homem de fé se vê dependente do império da idolatria. Mas, ao final, tudo se reverte. O faraó é tocado por D’us, Sarah é libertada e Abraão sai mais rico. Com Abraão também vai Hagar, que simbolicamente representa uma centelha de santidade extraída de um local de grande domínio da materialidade.

O Rebe nos mostra que o exílio de Abraão no Egito é o protótipo de todas as nossas descidas espirituais. Aparentemente, ele perde seu caminho, deixa a terra prometida e a missão de difundir o monoteísmo. Mas na verdade, essa descida é a condição para um novo nível de revelação. Descer ao Egito é confrontar nossos próprios limites internos tais como o medo, o desejo e o ego, transformando-os em instrumentos que devem ser usados para que possamos cumprir a missão Divina.

Internamente, o Egito não é um lugar, mas um estado de consciência. Sempre que a alma desce a situações de confinamento, seja material, emocional ou espiritual, está revivendo a jornada de Abraão. O Rebe acima explica que “Não devemos nos intimidar com o mundo externo, nem com o nosso mundo interior dos desejos e medos. Uma vez que respondemos ao chamado de D’us para ir em busca de nós mesmos (Lech Lechá), não estamos mais restritos aos limites do nosso próprio ser.”

3.(Lech Lechá) – Gênesis 13:05-18 – “No transcurso de sua viagem à Terra Prometida, Avraham construiu altares para D’us em três diferentes localidades. A escada da consciência Divina. Ele construiu um altar para D’us.

Os três altares que Avraham construiu expressam os três níveis por meio dos quais podemos nos elevar em nosso relacionamento com D’us. Avraham construiu seu **primeiro** altar em agradecimento a D’us pelas promessas de sustento, de filhos e de uma terra em que pudessem viver. Isto corresponde

ao nosso relacionamento com D'us através do cumprimento dos preceitos, que dão vida à alma e sustentam sua conexão com o corpo.

*Avraham construiu seu **segundo** altar como reconhecimento à dádiva Divina do arrependimento (Teshuvá). Este altar expressa o modo como devemos aprofundar nosso relacionamento com D'us para restaurá-lo após havermos pecado.*

*Avraham construiu seu **terceiro** altar com o propósito único de elogiar a D'us. Este altar expressa nossa capacidade de abandonar nosso senso de individualidade independente para, assim, nos unirmos a Ele. Toda a realidade culminará neste nível de consciência Divina com a chegada da Era messiânica, mas a consciência deste futuro alimenta nosso anseio por seu advento; e D'us fará a sua chegada tanto mais próxima quanto maior for nosso anseio por ela”.*

Comparada as regiões vizinhas, a terra de Canaã é uma terra de fartura, ‘terra que emana leite e mel’ Torá Bamidbar (Números) 14:08, pg. 428. Mas, no fundo a terra de Canaã é composta por grande diversidade de ambientes climáticos, com características geográficas que apresentam flora e fauna que, de certa forma, é uma representação em miniatura do Planeta Terra. Pois vejamos, possui uma região desértica, o Neguev, elevações geograficamente importantes onde ocorre neve durante o inverno, rios e lagos. É banhada pelo mar Mediterrâneo, contém minas d’água, florestas onde se destacavam importantes árvores como cedro do Líbano e várias espécies de acácias. Ainda florescem uvas, azeitonas e outras frutas. Há várias espécies de abelhas que fornecem mel; além de savanas, planícies etc. Possuía e ainda persiste uma ampla fauna terrestre e aquática. A Terra de Canaã, portanto contém muitos dos ingredientes ambientais inerentes a uma região de refúgio espiritual. Local de onde se pode extrair de cada ambiente uma conformação espiritual a qual se pretende alcançar.

Como já foi visto anteriormente e será relatado posteriormente, o povo israelita viveu neste ambiente diversificado da terra de Canaã e adjacências, onde experimentou quedas e elevações espirituais, transmitindo-nos um conhecimento espiritual praticamente infinito. Quanto mais se compreende os elementos espirituais vividos em determinada passagem, mais é possível buscar e se aprofundar no tema.

Olhando os métodos de Guematria para a palavra (כנען) Canaã e tomando o método do valor absoluto, observa-se $20+50+70+50=190$. Com método ordinal tem-se $11+14+16+14=55$ No método mispar katan, cada letra é reduzida a um algarismo de um dígito. Por exemplo, Kaf que é igual a 20, neste método assume o valor igual a 2 e assim por diante. Portanto, encontra-se os valores $2+5+7+5=19$. Se usarmos o método at-bash, que é um tipo de cifra mono alfabética, mapeando-o ao seu reverso, de forma que a primeira letra se torne a última letra, a segunda letra se torne a penúltima e assim por diante, encontra-se que o Kaf seria o Lamed, o Nun seria o Tet, o Ayin tomaria o valor do Zain e o Nun seria o Tet, onde a Guematria seria $30+9+7+9=55$.

Reduzindo a uma dezena, encontramos que $1+9+0=10$, $5+5=10$ e $1+9=10$. Ou seja, sabemos que o 10 representa a letra Yud. Segundo Raskin, em “**A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico**”, pg. 73, descreve que “há os Dez Pronunciamentos com os quais D'us criou o mundo. Em seguida vêm as dez gerações de Adam a Noach, houve dez pragas que D'us enviou sobre o povo egípcio e dez milagres que Ele realizou para Seu povo para salvá-lo das pragas. D'us desafiou o povo israelita com dez testes no deserto. E, é claro, D'us nos deu os Dez Mandamentos”.

Assim, pode-se perceber que a terra de Canaã, por suas características geográficas especiais, além de ser um local representativo do planeta como um todo, também proporciona meios físicos excepcional para o desenvolvimento espiritual, intrínsecos e revelados pela Guematria do próprio nome Canaã.

Abrão retorna do Egito e a Torá ressalta que ele estava muito carregado em gado, em prata e em ouro. **Por que a Torá ressalta esse fato?** A estada de Abrão no Egito, elevou em muito a quantidade de bens materiais que ele já detinha. Abrão transformou-se em um homem rico. A Torá ressalta que ele estava carregado de bens. Entretanto, também pode significar que as riquezas podem se transformar em um fardo, fazendo com que essa pessoa passe a buscar cada vez mais bens materiais de forma descontrolada.

Por esse motivo é que Abrão busca retornar pelo mesmo caminho, alojando-se nas mesmas hospedarias em que esteve quando desceu ao Egito, anteriormente. Veja que Rashi Bereshit pg. 57, ressalta esse fato dizendo: *“a fim de impedir que ele mesmo e os donos desses estabelecimentos fossem estigmatizados, pois não retornar a esses locais poderia ser interpretado pelos outros como um sinal de que era difícil relacionar-se com ele ou com as pessoas que tinham oferecido pousada. Segundo para pagar as dívidas que contraíra na descida para Egito”*.

Embora o texto a seguir não esteja se referindo propriamente a um homem bom, em **Tanah** Habacuque 02:05-06, pg. 1643, pode-se ver que a riqueza está associada a um certo fardo e deve-se ter cuidado em obtê-la. *“⁵ O vinho age traiçoeiramente sobre o espírito do homem e o torna mais arrogante, fazendo-o frequentemente sair de sua casa (para novas conquistas); ele vê aumentar continuamente os desejos de sua alma, que não ficará jamais satisfeita, mesmo na dimensão da morte, já estando em seu túmulo; ele quer sob seu domínio todas as nações e todos os povos. ⁶ Será que estes não lhe falarão através de parábolas, enunciando metáforas com sentido oculto? Alguém dirá: ‘Aí de quem acumula bens que não lhe pertencem! Por quanto tempo persistirá? Ele se sobrecarrega pesadamente com lama!’”*.

Neste caso, “o vinho” pode ser interpretado como a riqueza que age traiçoeiramente sobre o espírito do homem, fazendo com que ele nunca se sinta satisfeito e recompensado. Certamente, Abrão por ter uma sensibilidade superior, percebeu que isto poderia lhe acontecer. E procurou trilhar um caminho que restringisse, naturalmente, os desejos de sua alma animal.

Para compreender melhor o pensamento de Abrão é importante tomarmos a Guematria de (ח"ו) hayayn “o vinho” encontramos (5+10+10+50=75), reduzindo temos (7+5=12). A décima segunda letra do Alef Beit é o (ל) Lamed. Segundo Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 92, nos diz que *“o Alef e o Lamed representam D’us como professor. O desenho do Alef é formado por dois Yuds e um Wav, 10+10+6=26. O Lamed é formado de um Kaf e um Vav: 20+6=26. Vinte e seis é a Guematria do nome de D’us, o Tetragrama YHVH.*

*Porém há uma marcante diferença entre os estilos de ensinar do Alef e do Lamed. O Alef é **mais teórico, enquanto o Lamed é mais prático. Por exemplo, o Alef representa a Lei Escrita da Torá** (histórias e conceitos em geral) ao passo que o Lamed se concentra na Lei Oral (como aplicar na prática estes conceitos no comportamento do dia a dia da pessoa)”*.

Agora se fizermos uma segunda redução encontramos (1+2=3). A terceira letra do Alef Beit é o Guímel. Segundo Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 16, nos diz que *“a letra Guímel representa o benfeitor ou doador de caridade. O desenho da letra Guímel é explicado no Talmud como um homem rico correndo para dar caridade a um pobre”*.

Abrão ao retornar do Egito possuía mais bens materiais do que quando havia se dirigido para àquele país. Em Torá Bereshit 13:05, pg. 31, está escrito que: *“E também Lot, que andava com Abrão, tinha ovelhas e vacas e tendas”*, o que mostra que ele também teve um acréscimo significativo de seus bens em função da estada no Egito.

Então, porque Lot se separou de Abrão? A região do Neguev havia passado, faz pouco tempo, por uma seca intensa, e, provavelmente, a vegetação ainda não havia se recuperado a ponto de manter sobre ela um número elevado de animais. No versículo Bereshit 13:07 a Torá fala que a terra pertencia ao Cananeu e ao Perizeu. Em Rashi Bereshit pg. 57, apresenta que Lot e seus pastores passaram a pastorear seu rebanho nas terras do Cananeu e do Perizeu, surgindo assim uma briga entre os pastores de Abrão e os de Lot. Os pastores de Abrão acusavam os pastores de Lot de roubo, enquanto os pastores de Lot argumentavam que Abrão não tinha filhos, consequentemente, como o Eterno D'us prometera essa terra a Abrão e Lot era o seu único herdeiro, eles já poderiam usufruir da terra.

No fundo, Lot havia se deixado dominar pelos desejos de sua alma animal, ele ansiava herdar os bens de Abrão. Mas, também começava a ultrapassar o limite entre o obter o engrandecimento fruto de seus próprios méritos e o enriquecimento fruto de posses que não lhe pertenciam.

Segundo o Livro de Luzzato, A Sabedoria da Alma os frutos da Arvore do Bem e do Mal (Conhecimento ou do Saber) “*imbuíam o coração humano de luxúrias materiais e físicas*” (posição 1503). Mas, se a Arvore do Saber era capaz de levar o coração humano a caminhos de sombra, de afastamento do Criador, por que será que Ele colocou essa arvore ao alcance de nossas mãos? A dualidade da criação - unidade e o desejo de receber está dentro de nós. Ou seja, o homem criado a imagem e semelhança de D'us pode escolher obedecer ou desobedecer ao Eterno D'us (livre-arbítrio), que é uma dádiva.

Portanto, para que pudéssemos crescer espiritualmente, foi-nos colocado à disposição de nossa atuação o poder da escolha. Desta forma, partilhar do fruto proibido significa conquistar imediatamente o maior desejo dos Seres Humanos, ou seja, controlar o próprio destino e exercer poder sobre o mundo. Assim, o ato da desobediência em si fez com que, gradativamente, Adão e Eva saíssem de sua condição espiritual mais elevada para a condição material presente em Malkhuth. Ou seja, **auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido**. Lot gradativamente, optava por sair de sua condição espiritual mais elevada para a condição material presente em suas atitudes. Lot comeu o fruto proibido. O Princípio do Mundo e da Humanidade à Luz da Cabala.

Em Torá Bereshit 13:04, pg. 31, Abrão, antes de tomar uma decisão, evoca o nome do Eterno D'us. Diferente de Lot que toma as decisões sem pedir o auxílio ao Criador. Pensa-se ser importante ressaltar que Abrão tinha Lot como Irmão. Por esse motivo o levou contigo. E deve ter sido muito difícil tomar a resolução de provocar uma decisão em Lot, ou seja, ou ele seguia a forma de ser de Abrão ou deveria se separar dele.

Abrão sente que a presença de Lot, em função da sua forma de agir e a influência dele tanto sobre seus próprios servidores quanto sobre os de Abrão, produzem um afastamento de Abrão em relação ao Eterno D'us. Ninguém pode assumir a missão do outro. Estava, portanto, nas mãos de Abrão a sua missão, quanto estava nas mãos de Lot a missão dele. Abrão já tinha escolhido e trabalhava para que continuasse sua caminhada de aproximação ao Eterno D'us. Lot também deveria escolher o seu caminho. Torá Bereshit 13:09, pg. 31, “*Porventura, toda a terra está diante de ti! Separa-te, rogo, de mim, se vais à esquerda eu irei à direita, e se à direita vais, irei à esquerda*”. Caso Lot decidisse seguir os passos de Abrão ele deveria mudar seu comportamento. Mas, ele decidiu se afastar de Abrão e seguir outro caminho, que lhe parecia mais apazível.

Ambos Abrão e Lot haviam aumentado, em muito, seus bens no Egito. Este aumento repentino de recursos financeiros pode propiciar combustível para conflitos, onde comumente são despertados o espírito de discórdia, deixando as pessoas orgulhosas, aumentando a cobiça e se esquecendo que o Eterno D'us é de fato o real proprietário de tudo. Neste momento, inicia-se a separação do meu em relação ao teu. Pobreza e trabalho, dificuldades, andanças, perigos etc., não poderiam separar Abram

e Lot; mas a riqueza o fez. Quando uma pessoa tem de fato o poder nas mãos é que se vê quem realmente é aquele que, agora está sentado no trono.

Abrão retorna a (בֵּית אֵל - Betel, - "Casa de D'us"), **mas o que levou Abrão a retornar a Betel?** Ele Armou sua tenda no mesmo local (Torá Bereshit 12:08, pg. 29) e como, anteriormente, edificou um altar (Torá Bereshit 13:03, pg. 31) e invocou o Nome de D'us. Nessa época a cidade chamava-se Luz (אור). Or. Torá Bereshit 28:10-19, pg. 80. Posteriormente, o nome Betel foi dado por Jacob. Foi neste lugar que Jacob teve a visão de uma escada que atingia o céu, por onde anjos subiam e desciam. Como já foi dito, Abrão percebeu profeticamente que seus descendentes cometeriam, neste mesmo lugar, um pecado que colocaria em perigo o povo inteiro, e por isso rezou antecipadamente por misericórdia, quando de sua primeira estada em Betel. Tanah Josué 7, pg. 603. Dentre outros acontecimentos importantes, Betel foi o local de sepultamento de Débora, a ama de Rebeca. Rebeca é a esposa amada de Isaac. Torá Bereshit 35:8, pg. 102.

É certo que a estada no Egito tinha produzido consequências tanto em Abrão quanto em Lot. O modo de vida egípcio à época era permissivo, muito diferente do qual Abrão e seu grupo viviam. Assim, buscando ascender novamente a condição espiritual que Abrão e todos que o cercavam tinham antes de descenderem ao Egito, eles retornaram a Betel. Além de rezar, ao longo da viagem e após também, ele procurou usar de forma positiva os bens que tinha, auxiliando pessoas, proporcionando abrigo etc. Por exemplo, esse fato é ressaltado no episódio dos homens que visitaram Abraão antes da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, bem como do anúncio da gravidez de Sara, Torá Bereshit 18, pg. 42.

O caractere Beit (בֵּית) representa “casa”, como já mencionado. Mas, também está associado a criação, pois Bereshit (no princípio), começa com o caractere Beit. “*No princípio D'us criou*”; criou em Hebraico é bará (בָּרָא) e está palavra também começa com a Beit. Portanto, o Beit está associado a criação Divina. A Torá começa com o caractere Beit, pois ela foi entregue para aqueles que residem na casa que o Eterno D'us criou. Esse caractere tem a forma de um colchete matemático, nos indicando que tudo que está criado após o evento da criação, os Seres Humanos têm condições de entender, mas o Eterno D'us, que na Torá precede o caractere Beit, não somos capazes de entender, pois Ele está muito além de nossa capacidade de entendimento. O caractere Beit também representa a diversidade, pois o Alef que representa o Criador tem o valor “1” e Beit tem o valor “2”. Representa assim, a multiplicidade, pois 2 é o dobro de um. Abrão também buscava uma bênção quando retorno a Beit-El, pois Berachá (בִּרְכָה), também começa com a letra Beit. Mas, se olharmos mais de perto o Kaf (כ) que vale 20 é o dobro do Yud (י) que vale 10, o Reish (ר) vale 200 que é o dobro do Kuf (ק) que vale 100, e o Hei (ה) que vale 5 representa a ação. Ou seja, bênção significa que nós desejamos o dobro para o outro, mas que seja de fato transformada em uma boa ação.

Por outro lado, o Beit também pode representar a divisão, que poderia representar o lado negativo do Beit. No segundo dia o Eterno D'us separou as águas. O nome separação já indica um certo afastamento. Junto como uma dupla, corpo e alma estão vivos. Separados ou divididos cada um segue o seu caminho, a alma volta para o Eterno D'us e o pó volta à terra. Por outro lado, o primeiro Beit em Torá Bereshit, representa a divisão da não existência para a existência, conforme apresentado na nota de rodapé feita pelo Rebe Shlita, em Likutei Amarim, cap. 52, pg. 938, “*Pois antes disso não havia Mundos (sendo o significado de – no início – no ponto inicial da Criação – da não existência para a existência*”. Assim, também na vida em geral, quando ocorre a separação do meu em relação ao teu, tudo pode acontecer. Lembre-se que a frente na Torá Bereshit 18, temos o evento de Sodoma e Gomorra. Assim, penso que, como Abrão tinha grande sensibilidade espiritual e pelo exposto acima apresenta o porquê de ter retornado a Beit – El (A casa de D'us).

A estada no Egito proporcionou a todos o contato com outra cultura e que isto poderia trazer consequências para o comportamento das pessoas. No caso de Abrão este buscou retornar à condição

espiritual anterior a estada no Egito. Mas, Lot também estava presente ao longo do retorno a Canaã, em Bet El, certamente e inclusive na cerimônia que Abrão realizou. Mas, para Lot a forma de vida de Abrão não compunha mais o seu interior.

Mas, então qual era intenção de Lot? Buscando uma região que pudesse usufruir de vegetação abundante, evidentemente, para facilitar o aumento rápido de suas posses, dirigiu-se as planícies do Jordão, viajando sempre em direção a Sodoma. Segundo **Rashi** Bereshit pg. 58, *“Lot não evitou viver nessas cidades, apesar do fato que os habitantes de Sodoma e seus vizinhos eram maus, pois praticavam atos imorais e pecadores, e também usavam suas posses para fins imorais. Eles pecavam deliberadamente contra D’us, a fim de ofendê-Lo”*. Veja, que o comportamento de Lot, gradativamente, torna-se adverso do praticado por Abrão. Entretanto, cada um tem o livre arbítrio e é senhor de seu destino. É importante notar que o apresentado aqui sobre Sodoma é uma antecipação do que é apresentado em Torá Bereshit 19.

Evidentemente, Abrão deve ter ficado muito triste, visto ele ter colocado Lot na condição de seu irmão, mas que devido ser Abrão mais velho que Lot e de ainda não ter filhos, é possível que Abrão visse em Lot a sua continuidade tanto espiritual quanto material.

Entretanto, o Eterno D’us volta a se comunicar com Abrão logo após a separação entre Abrão e Lot e repete a promessa que havia feito a Abrão anteriormente em Torá Bereshit 12:07, pg.29, para ressaltar que a terra seria dada a descendência do próprio Abrão e não à de Lot. Veja que Lot escolhe o vale fértil do Jordão, ou seja uma escolha material. Abrão permanece nas montanhas de Canaã, símbolo da elevação espiritual.

Outro ponto importante é que o Eterno D’us pede para que Abrão caminhe sobre a região que, no futuro, pertenceria a semente de Abrão. Entretanto, Abrão não saiu correndo a visitar toda a terra que o Eterno D’us lhe prometera. Como já foi dito, Abrão expressa sua confiança total no Eterno D’us. Anteriormente, junto com Lot, ele olha para os pontos cardiais (para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente). Separando-se de Lot e calmamente, Abrão se deslocou até Eloné, Planícies de Manré, que está em Hebron e edificou ali um altar ao Eterno D’us para agradecer que o desentendimento que teve com Lot tenha terminado em paz.

Com esse ato, Abrão demonstra não somente a confiança no Eterno D’us, mas uma imensa paz espiritual. Interrompeu o convívio com parte importante de sua família, mas não se separou do Eterno D’us. As promessas asseguram a Abrão uma boa terra, e uma semente numerosa para usufruir daquelas terras. Abrão é aqui considerado o chefe de uma semente escolhida, e, portanto, a concessão destas terras é uma concessão real do Eterno D’us a Abrão.

Diante do apresentado, é possível perceber que o primeiro altar, que foi construído em Shechém, logo após o Eterno D’us prometer a Abrão sustento, filhos e uma terra. A Cabala nos mostra que este altar em Shechém simboliza o início do caminho espiritual, onde a pessoa reconhece a D’us como o provedor de toda a sua vida. É o estágio do serviço motivado pela necessidade. Mas, também é o reconhecimento de que a minha existência depende de algo além de mim. O comer, o trabalhar e o agir de forma ética, permite ao Ser Humano transformar a matéria em um meio de manifestação dos valores espirituais. Abrão, ao agradecer pelas promessas recebidas, inicia esse modelo, servindo a D’us dentro do contexto do mundo material.

O segundo Altar, entre Beit El (Casa de D’us) e Aí (ruína), representa a tensão entre o Divino e o mundano dentro do Ser Humano. O Rebe explica que este altar foi erguido em reconhecimento à dádiva do arrependimento, a Teshuvá, ou seja, o poder de retornar, de refazer a conexão rompida. Teshuvá é um processo da Sefirá Tifereth, o equilíbrio Hessed (bondade) e Gueburah (rigor). É o

momento em que o Ser Humano não apenas reconhece D'us como provedor (como no primeiro Altar), mas como parceiro íntimo no processo de transformação.

O terceiro Altar foi erguido em Hebron. Veja que Hebron deriva da raiz (חֶבְרָה) que corresponde à forma do substantivo masculino singular '*amigo*'. O que reflete a relação entre Abrão e o Eterno D'us. Representa, portanto, um ponto de grande elevação espiritual. Este Altar não foi construído por necessidade nem tão pouco por arrependimento, mas simplesmente para louvar D'us. Aqui, o serviço deixa de ser um meio e torna-se um fim em si mesmo.

Portanto, olhando para o nosso interior estes Altares, construídos por Abrão, não são erguidos somente sobre a terra, mas de fato dentro de mim mesmo. Cada altar era uma pedra que foi utilizada na construção de seu Templo interno. Gradativamente o Templo interno deve ser transformado em uma morada para o Eterno D'us. Portanto o primeiro Altar é o '*Eu que desperta*'. O segundo é o '*Eu que se purifica*' e o terceiro é o '*Eu que desaparece no Amor Divino*'. Essa é a escada interior, que nos foi apresentada inicialmente por Abraão e depois percebida mais profundamente por Jacob. Essa escada conduz a evolução da alma, desde a percepção até a união com Divino. Inspirado em Likutei Sichot, vol. 30, in https://www.torahrecordings.com/likutei-sichos/030/?utm_source=chatgpt.com.

4.(Lech Lechá) – Gênesis 14:01-20 – “O sobrinho de Avraham, Lot, acompanhou-o à Terra Prometida. Avraham era idealista demais para Lot, e por isso ele abandonou seu tio, estabelecendo-se próximo ao Mar Morto. Quando a Terra de Israel foi posteriormente invadida pela coalizão de nações, que o capturou, Avraham os perseguiu e defendeu seu sobrinho. Depois que Avraham derrotou miraculosamente os invasores, ele entregou a décima parte do espólio da guerra ao seu antepassado Shem, conhecido como Malki-Tzédek, o rei de Shalém (Salém). O dízimo e o crescimento espiritual. Ele lhe deu um décimo de tudo.

Dar o dízimo de nossa riqueza para causas nobres e Divinas expressa a consciência que tudo o que possuímos pertence a D'us e deve, portanto, ser usado para propósitos sagrados. Geralmente, acumulamos riquezas com o objetivo de melhorarmos as nossas vidas e as daqueles a quem amamos. Quanto mais interiorizarmos os valores da Torá, mais o nosso objetivo vai fundir-se com nosso desejo de transformar este mundo num lugar mais Divino.

Porém, quando uma riqueza chega a nós sem esforço ou merecimento, é possível que não nos relacionemos com ela da mesma maneira. Ao dar o dízimo do espólio de guerra que ganhou milagrosamente, Avraham demonstrou que não somente a riqueza produzida por nós pertence a D'us toda a nossa riqueza pertence a Ele.

D'us promete nos recompensar com muitas vezes mais por darmos a Ele o nosso dízimo, e, na verdade, nos implora para testá-Lo nisto. Ao seguir o exemplo de Avraham, oferecendo também o dízimo das riquezas que tenhamos obtido sem haver trabalhado por elas, nossa vida demonstrará como Ele recompensa àqueles que cumprem a Sua vontade. E, desta forma, disseminaremos o conhecimento da bondade e generosidade de D'us pelo mundo todo”.

Vê-se que a vida de Abrão em Canaã é atribulada. Uma longa viagem, seca, estada conturbada no Egito, separação de Lot e, logo em seguida, uma guerra. **Por que a vida de Abrão se mostra de forma tão complexa?**

Nos comentários da **Torá** na pg. 33 pode-se encontrar que “logo quando Abrão chega à terra prometida ele a encontra com fome e seca, obrigando-o a procurar abrigo e alimento no Egito. Ao retornar enfrenta a guerra. O Rabino Samson Raphael Hirsch (1808-1888) interpreta que a terra prometida por si só não prometia fartura e nem paz. Ela poderia adquirir esses atributos apenas se seus moradores tivessem a consciência de que era a terra do grande desafio espiritual. Se o povo

que habitasse nela compreendesse que a moral absoluta fazia parte de seu território, então poderia viver nela. Se sentisse que as leis da justiça Divina eram as fronteiras geográficas daquela terra, então ocorreria o milagre e a terra estaria segura, protegida e gozando de fartura espantosa. E essa era a lição que Abrão deveria aprender sobre a promessa Divina sobre a Terra prometida”. No fundo, é uma lição que todos devemos observar.

Mas, quem foram os reis que travaram essa guerra? Aliança de 4 Reis. Amrafel Rei de Shinar, Segundo comentários da Torá pg. 32, era o próprio Nimrod (Bisneto de Noé). Em B.10:08-10 relata que “*Cush (Cush neto de Noé e filho de Han) gerou Nimrod; ele começou a ser valente na terra. Ele era valente caçador diante do Eterno. E foi o princípio de seu reino Babel, Erech, Acad e Kalne, na terra de Shinar*”. Há textos que dizem que Shinar é Babilônia. Há outros que falam que era Hamurabi (criador do código de Hamurabi).

Arioch Rei de Elassar. Não encontrei informações seguras. Entretanto, Arioch, cujo nome vem de Ari (leão), representa uma força predatória e violência. Isto é, um império que domina pelo medo.

Kedarlaômer Rei de Elam. Elam era filho de Sem (B10:22) neto de Noé. Ele foi o líder da aliança dos Reis, que existiu após a dispersão ocorrida no evento Torre de Babel.

Tidál Rei de Goim. Segundo a Tora página 32, é o nome de um país que era habitado por vários povos. Supõe-se que os habitantes eram os próprios hititas. Os hititas são um povo indo europeu, e é a segunda das doze nações cananeias ou descendentes de Chet que era neto de Han e bisneto de Noé. (Noé, Han, Canaã, Chet (Hete) e Hititas).

Os 5 reinos que se reuniram para se defenderem dos 4 reinos descritos acima foram: **Bera**, rei de Sodoma. O apelido “*Bera*” indica que esse rei era “*mau*” tanto para D’us como para humanidade. **Birshá**, rei de Gomorra. A alcunha “*Birshá*”, mostrava que ele superava Béra “*em maldade*”. **Shinab**, rei de Admá. O codinome “*Shinab*”, significa um sinal que odiava a D’us, seu pai celestial. **Sheméber**, rei de Tseboim. A denominação “*Sheméber*” revelava que ele punha as partes de seu corpo para rebelar-se contra D’us. **Tzoar**, rei de Béla. O rei de Béla não era tão mal quanto os outros; ele aderiu a aliança por conveniência passiva. Rashi Bereshit, pg. 59.

Mas toda guerra, normalmente tem os vencedores e os perdedores. **Assim, quem foram os reinos que foram vencidos?** Os 5 reinos que se juntaram no vale de Sidim foram vencidos. Vale de Sidim, significa muitos campos, que mais tarde foi inundado pelo rio Jordão, transformando-se no Mar Morto. Durante 12 anos os 5 reinos serviram aos 4 reinos liderados por Kedarlaômer. Entretanto, rebelaram-se contra essa dominação. A rebelião permaneceu ativa durante treze anos. No décimo quarto ano da rebelião, os quatro reis liderados por Kedarlaômer, deslocaram-se para dar combate aos cinco reinos rebelados. Rashi Bereshit pg. 59.

Primeiro Kedarlaômer e seus parceiros feriram os povos Rafaitas (Refaim) em Ashterot-Carnáim. Exterminaram a todos, menos a Og. Posteriormente, Og restituiu um clã de gigantes sobrenaturais. Os Zusitas (Zuzim) foram derrotados em Ham. Mais tarde este povo tornou-se conhecido como Zanzumin. Os Emitas (Emim) foram derrotados em Shavé-Kiriatáim. O Horeu foi derrotado no monte Seir até El-Parán. A planície de El-Parán está junto ao deserto. Não foram exterminados, e posteriormente, eles recuperaram o controle do Monte Seir. Os Amalekitas foram derrotados em En-Mishpat que é Cadesh. En-Mishpat ou “*Poço do Julgamento*”, fonte ao redor da qual o povo se reunia em audiências judiciais e foi onde Moisés e Aarão seriam sentenciados pelo **Eterno D’us** a não entrar na terra de Israel. **Torá** Bamidbar 20:01-13, pg. 449. E o Amoreu foi derrotado em Chatsats on-Tamar. Chatsats on-Tamar depois foi conhecida como Ein-Guedi. **Rashi** Bereshit pg. 59 e **Torá** Bereshit 14:05-07, pg. 33.

É importante lembrar que, os nomes Nefilim, Refaim, Emin, Anaquin, Enaquin, Zanzumin e Zuzim, são todos adjetivos para ‘poderosos’, ‘fortes’, ‘valentes’, ‘guerreiros’, etc., porém todos próprios de gigantes. Entretanto, esses adjetivos também podem se referir a pessoas agindo de forma desequilibrada. Mas, é de certo modo assustador como em tão pouco tempo os dramáticos acontecimentos que deram origem ao Dilúvio e ao evento da dispersão na Torre de Babel, praticamente são esquecidos quase imediatamente aos próprios acontecimentos.

Assim, conhecemos quem foram os reis, que travaram as batalhas, onde essas batalhas ocorreram, qual a motivação etc. Mas, o principal é discutirmos **qual a razão por que essa guerra foi citada na Torá?** As guerras sempre ocorreram ao longo da história. Mas, essa guerra foi a primeira citada na Torá. Esse fato, ocorreu por causa do envolvimento de Abrão e Lot nesta guerra. Como já foi descrito acima, Lot passou a se identificar cada vez mais com o modo de vida existente em Sodoma e conseqüentemente, se estabeleceu naquele local.

A aliança dos 4 reinos, liderada por Kedarlaômer, venceu a batalha contra os 5 reinos rebeldes. Aqueles 4 reinos tomaram todos os bens da população e todas as pessoas existentes em Sodoma foram presas e levadas cativas em direção aos reinos vencedores. Embora Lot tivesse um desenvolvimento espiritual mais elevado que os habitantes de Sodoma, ainda assim ele havia escolhido viver com aquelas pessoas. Lot estava, anteriormente, muito próximo de Abrão e deveria ter seguido como um companheiro e discípulo de Abrão. Se ele escolheu morar em Sodoma, não se pode esperar que a escolha feita em função de luxúrias, devesse terminar em conforto. Lot e todos os seus tornaram-se cativos dos quatro reinos vencedores. Segundo Rashi Bereshit pg. 60, “*ao escolher separar-se de D’us, Lot perdeu o direito a proteção Divina*”.

Ainda segundo Rashi, nesta mesma página, “*Og sobreviveu a batalha entre os quatro reis e os Refaim, veio e contou a Abrão, o hebreu, que estava residindo nas planícies de Mamré, o amorita, irmão de Eshcol e irmão de Aner, que eram aliados de Abrão. Og esperava que Abrão fosse morto tentando resgatar Lot, para que ele pudesse então se casar com Sarai*”.

Abrão assume um caráter inesperado em um Patriarca, que é o de um hábil guerreiro. Abrão pede que seus aliados fiquem tomando conta do acampamento e parte em perseguição aos 4 reis aliados, com 318 soldados comandados por Eliezer. Embora em menor número Abrão os atacou antes da meia-noite e os venceu em função da estratégia de Abrão e a força militar de Eliezer. Entretanto, se olharmos a Guematria do nome (אליעזר) Eliezer $1+30+10+70+7+200=318$, ou seja, apresenta o mesmo valor do número de soldados comandados por Eliezer. Isso sucinta a pergunta, será que lutaram contra a aliança dos 4 reis, Eliezer e Abrão, inteiramente sozinhos? O certo é que Abrão consegue recuperar todos os bens que haviam sido roubados, bem como a todos que haviam sido transformados em escravos, inclusive a Lot e sua família.

Neste ponto é importante também ressaltar a origem e a interpretação da palavra hebreu (Ivri). Nós comentários apresentados em Torá pg. 34 diz que “*a origem descende de Éber. Apenas seus filhos são denominados Ivrim e falam a língua Ivrit (Hebraico), enquanto os demais falam aramaico e são denominados arameus*”. O segundo ponto a ressaltar é que seria “*aquele que veio de Éver, do outro lado, da outra margem do rio Eufrates. Os sábios interpretam esta expressão de forma mais profunda: Abrão estava sozinho de um lado do mundo – reconhecendo a soberania exclusiva do Criador – enquanto o resto da humanidade permanecia na idolatria e no materialismo*”.

Portanto, o resgate de Lot simboliza a elevação das centelhas Divinas aprisionadas no domínio do mal (Sodoma, o materialismo egocêntrico), quando Abrão desce ao campo de batalha, isto é, ao mundo material, para redimir o espiritual oculto dentro da matéria.

Mas, essa grande vitória militar de Abrão, fez com que, além do Rei de Sodoma que veio saldá-lo, também Malki-Tzédek rei de Shalém (Jerusalém) (*Meu Rei é Justiça*) também veio ao encontro de Abrão trazendo pão e vinho, pois este era o modo habitual de saldar a quem retorna de uma batalha. Isto mostra que a vitória traz a glória e a glória pode induzir soberba, **mas o que de fato ocorreu com Abrão?** Antes é importante ressaltar que a saudação utilizada por Malki-Tzédek foi a forma dele demonstrar, que não estava zangado com Abrão por este ter matado seus descendentes. Malki-Tzédek aproveitou a oportunidade para abençoar a Abrão. Malki-Tzédek, além de rei, era também um sacerdote do D'us do Altíssimo. Então Abrão deu-lhe um décimo de tudo que possuía, cumprindo o preceito da Torá de dar à casta sacerdotal um décimo dos produtos do campo. Abrão foi muito além doando uma décima parte de todos os seus bens. Rashi Bereshit pg. 61.

Isso nos mostra que Abrão não alimentou a soberba obtida por meio da vitória em conjunto da glória que alcançara, mas especialmente tinha a intenção de salvar os oprimidos das mãos dos opressores. Ele não quis aparecer como herói, mas como líder da paz, levando consigo a bandeira da moral. Torá comentários pg. 34.

Segundo Rashi Bereshit pg. 61, Malki-Tzédek era na realidade Sem filho de Noé. Embora Malki-Tzédek também fosse monoteísta, sacerdote, rei de Shalém ou da região onde no futuro se instalaria o Templo de Jerusalém, “**Abrão / Abraão fundou as bases da crença no D'us único, aceitando de bom grado os sacrifícios que sua nobre carreira lhe impunha**”, Torá comentários pg. 35. Como dito por Rashi, Sem filho de Noé era Malki-Tzédek, visto as palavras (מֶלֶךְ-שָׁלֵם) melech Shalém, formarem, via a técnica rashê tevot, o nome (שֵׁם) Sem.

O dízimo é o ato de extrair a décima parte santa de toda realidade, ou seja, da Sefirá Malkhuth, e devolvê-la ao Divino. Dar o dízimo, portanto, é uma forma de Tikun (correção), transformando a posse em um serviço Divino. Malki-Tzédek (Shem) reconhece o ato de Abrão como sendo àquele que canaliza de forma correta da Luz Divina. “*Bendito seja Abrão do D'us do Altíssimo, Criador do céu e da terra*” (B14:19) confirma que o céu e a terra se unem quando o Ser Humano usa o material para revelar o espiritual.

É interessante que Abrão ressalta que ele não tomaria “*nem um fio e até uma correia de sapato*” do Rei de Sodoma, ao longo das comemorações referentes a vitória. **Mas, por que será que isso ocorreu?** Em Bereshit 14:21-24, fica claro que Abrão não deseja pegar nada do rei de Sodoma, a fim de que o rei de Sodoma não tivesse condições de dizer que havia enriquecido a Abrão. Entretanto, no Livro “*Os Patriarcas e a Educação*, pg. 93, encontramos que “*pelo mérito de Abraão ter recusado “desde um fio até uma correia (cadarço de sapato), seus filhos merecem duas Mitzvot: o fio azul-celeste do tsitsit (Torá Bamidbar 15:37-41), e a correia (tiras de couro) dos tefilin (Shemot 13:09 e 16; Devarim 6:08 e 11:18).*”

Além disto, foi Abraão quem instituiu a reza de shacharit, e é nesta reza que cumprimos duas Mitzvot. Como ele falou primeiro do fio e depois da correia, 1º vestimos o tsitsit e depois colocamos os tefilin (duas Mitzvot)”. É importante notar que a reza shacharit foi instituída após Bereshit 19:27, quando Abraão levantou-se de madrugada para orar, após a destruição de Sodoma e Gomorra, a saber: “E madrugou Abraão pela manhã (e foi) ao lugar em que esteve (rezando) diante do Eterno”.

Mas, derivado e o âmbito deste texto, é importante olharmos mais profundamente para este evento. Como apresentado acima, após a surpreendente, portanto, milagrosa vitória de Abrão sobre os quatro reis, o rei de Sodoma lhe oferece parte do espólio. Abrão responde: “*Levanto minha mão ao Eterno, D'us Altíssimo, Criador dos céus e da terra, que nem um fio e até mesmo uma correia de sapato tomarei de tudo o que é teu, para que não diga: Eu enriqueci Abrão*” (B14:22–23). À primeira vista, parece apenas um gesto de humildade. Mas, revela-se um dos momentos mais importantes na formação espiritual de Abrão.

Abrão quer deixar claro que sua vitória não era decorrente de alianças humanas e sim fruto direto da Providência Divina. Desta forma, aceitar algo de Sodoma, que era um símbolo de corrupção e de egoísmo, destruiria essa pureza. O Rebe explica que Abrão, ao mesmo tempo em que oferece o dízimo de sua riqueza a Malki-Tzédek (reconhecendo que tudo pertence a D'us), recusa o presente de Sodoma. Esses dois gestos são faces de um mesmo princípio. Só o que pode ser elevado à santidade deve ser aceito. O que pertence à Kelipá (casca) deve ser rejeitado. Ele aceita a riqueza que vem “*de cima*”, canalizada pelo milagre Divino, mas recusa a riqueza que vem “*de baixo*”, contaminada pela intenção egoísta. O “*fio*” e a “*correia*” representam, segundo o Zohar, as ligações sutis entre o mundo físico e o espiritual. Abrão corta conscientemente essa ligação com Sodoma, mas mantém-se como um canal puro da Luz Divina.

5.(Lech Lechá) – Gênesis 14:21-15:06 – “Após sua vitória sobre a coalizão invasora, Avraham temia que a conquista milagrosa na batalha significasse a total compensação por seus méritos e suplantasse todas as outras recompensas que D’us lhe havia prometido anteriormente: descendência e a Terra de Israel. Foi então que D’us reiterou Suas promessas a Avraham. Brilhar como as estrelas. D’us disse a Avraham: ‘Olha para os céus e conta as estrelas, se puder contá-las! Esta será a tua descendência!’

Apesar do significado literal dessa frase significar que o povo Israelita será tão numeroso como as estrelas, seu sentido metafórico é que ele vai brilhar como as estrelas, e sua luz será tão esplendorosa que até mesmo aqueles que caminham em uma densa noite não irão tropeçar.

Todos nós somos as ‘luminosas estrelas’ de Avraham, pois possuímos moral e fortaleza espiritual suficientes para impedir que aqueles que estão à nossa volta tropecem e, ainda, conseguimos exercer uma influência positiva sobre eles”.

Ao iniciarmos a leitura do Capítulo 15, logo surge uma dúvida: **A queda é uma etapa para um crescimento espiritual futuro?** A Cabala fala sobre a presença de um “*retrocesso*” na vida de uma pessoa que tem por finalidade constituir-se de uma etapa no crescimento dessa mesma pessoa. Em Torá Bereshit 14, de certa forma é isso que acontece, pois Abrão dá combate aos Reis e mata pessoas. Em Torá Bereshit 15 Abrão sente a profundidade negativa de seus atos descritos anteriormente. Mas, também percebe que foi uma ação decisiva, pois obtivera uma vitória milagrosa em função da correlação de forças entre os exércitos, que os quatro reis aliados tinham e as que acompanhavam Abrão. Assim, ele tem a sensação de que essa era a sua recompensa.

Ou seja, após Abrão derrotar os quatro reis, ser saudado por Malki-Tzédek, rejeitar a oferta do rei de Sodoma, ele sente-se receoso, mas D’us lhe aparece e diz: “*Não temas, Abrão, Eu sou teu amparo; teu prêmio é muito grande*” (B15:01). Porém, Abrão continua com receio de que sua vitória militar pudesse ter consumido todos os seus méritos espirituais. Ele teme que sua missão tenha sido recompensada no plano físico, e que o propósito espiritual que é a descendência e a Terra Santa, não se realizasse.

Ou seja, Abrão teme ser punido devido ao fato que havia matado pessoas. Entretanto, se olharmos Torá Bereshit 02:04 – comentários pg. 5, a palavra Elohim está ligada à Justiça Divina (Midot Hadin) e a palavra Adonai está ligada a Misericórdia (Midot Harachamim). Em Torá Bereshit 15:01 a palavra é (דבריהוה) devar Adonai (palavra do Senhor), representa que está ligada ao atributo da Misericórdia. Ou seja, Abrão não precisava temer os inimigos dele, tanto no presente quanto no futuro, pois o Eterno o ampara. Isso em função dos méritos que Abrão tem.

Tomando agora a Guematria de (דבריהוה) devar Adonai, encontramos 4+2+200+10+5+6+5=232. Somando 2+3+2=7. Olhando o Salmo 7 (Livro de Salmos, pg.8) encontramos que “*David indica*

como o generoso de espírito às vezes parece impotente contra o ataque dos que tramam e são traiçoeiros. O justo, todavia, deve criar coragem baseado na compreensão de que prevalecerá sobre o perverso, vítima de suas próprias tramas”. Além disto, se olharmos a Guematria da palavra (הברכה) HaBerakah – A Bênção - encontramos $5+2+200+20+5=232$. Ou seja, o perverso foi vítima de suas próprias tramas e o justo recebe a Bênção do Senhor.

Nos versículos de Torá Bereshit 15:01-04, pg. 35, tem-se que ainda existia um aparente temor de Abrão em relação ao Eterno D’us, se este lhe proporcionaria filhos de fato, posto que ele não entendia o que estava ocorrendo, visto Abrão e Sarai já estarem com uma idade bem elevada e ainda não tinham filhos. **Portanto, como poderia tê-los naquela idade?** Para superar à essa dúvida Adonai “*fê-lo sair*”, aparentemente de sua tenda e, ao mesmo tempo, ampliou a sua visão muito além daquela que Abrão possuía, ou muito além daquela visão que estava restrita à sua idade e a de Sarai, bem como a capacidade de ambos de gerarem um filho.

Adonai pede para Abrão contar as estrelas, por quê? Pensa-se que as estrelas têm o significado de união entre o feminino e o masculino, portanto cada estrela representava um casal descendente de Abrão. Assim, mostrou-lhe que teria filho e que por meio dos descendentes, um número incontável de pessoas surgiria, ao longo das gerações desde Abrão. Além disso, e em função dessa população incontável de estrelas, nenhuma nação conseguiria destruir o povo israelita. Mas, também lhe mostrou que Adonai transcende as leis naturais e que essa característica de transcender as leis naturais, seria transmitida aos descendentes de Abrão, que formariam o futuro povo israelita.

Assim, as estrelas são um chamamento as pessoas para que se tornem uma fonte de luz e calor. O Rebe, interpreta este versículo nos apresentando que o povo não seria apenas numeroso, mas luminoso e que brilharão como as estrelas. Isto significa que os filhos espirituais de Abrão, isto é, todos os que seguem seu caminho de fé e bondade, serão fontes de luz no mundo, capazes de iluminar a noite da ignorância e do sofrimento.

Quando D’us mostrou as estrelas a Abrão, no fundo, mostrou-lhe a harmonia perfeita da Criação. Estão, portanto, em equilíbrio a luz e o recipiente, o masculino e o feminino, bem como o dar e o receber. Por isso, as estrelas não são apenas pontos presentes no céu, mas representam a alma humana. No interior de cada pessoa existe tanto o aspecto masculino (doador) como o feminino (recebedor). Quando esses dois aspectos se unem em harmonia, a alma brilha como uma estrela, ou torna-se uma luz estável no meio da escuridão.

6.(Lech Lechá) – Gênesis 15:07-17:06 – “D’us também prometeu a Avraham a Terra de Israel. Assegurando a nossa herança. D’us disse a Avraham: ‘À tua descendência dei esta terra’.

Quando D’us prometeu a Terra de Canaã para os descendentes de Avraham, todo este território, passou a ser, e permanece até hoje, a herança de cada israelita, não podendo ser negociada ou trocada. É somente esta promessa de D’us a Avraham que constitui nossa conexão com a nossa terra.

*Quando expressarmos isto com confiança e sem pedir desculpas, a comunidade das nações reconhecerá esta verdade. Por outro lado, **basear nossas reivindicações sobre a Terra Prometida em tratados, vitórias militares ou intrigas diplomáticas, enfraquece o respeito das demais nações por nossa herança.***

Ao afirmar nossa conexão inviolável com a Terra de Israel, aceleramos a Redenção messiânica, quando D’us irá outorgar a posse total dessa terra de forma pacífica”.

O Eterno prometeu a Avraham a Terra de Israel e dar essa terra a descendência do próprio Abrão. Para tornar material as Suas palavras, Eterno D’us propõe uma aliança conhecida como aliança ou

pacto entre as metades. **Qual seria o significado desta Aliança?** Naquele tempo, o pacto entre as metades de um animal era feito entre dois líderes que haviam negociado uma aliança. Para selar esse acordo, matavam um animal, cortavam-no ao meio, colocavam as partes no chão preservando um espaço entre as duas metades. Os dois líderes, então, repetiam os termos do pacto e passavam entre as partes do animal. O animal morto significava duas coisas: Se houvesse um violador do pacto o seu sangue seria derramado como o daquele animal e que o pacto era imutável. Torá comentários pg. 36 in Abraão e Isaac a Luz da Cabala.

Lendo o que está escrito em Tanakh Jeremias 34:18-20, pg. 1351, pode-se compreender a profundidade do significado de se fazer um pacto entre as metades, a saber : “¹⁸ *Entregarei a seus inimigos os homens que transgrediram Minha aliança e não cumpriram as palavras do pacto que estabeleceram perante Min; e para transgredir Meu mandamento, fizeram entre eles uma outra aliança, segundo o rito pelo qual cortava-se em duas partes um bezerro e passava-se entre as metades;* ¹⁹ *e, assim, os príncipes de Judá e de Jerusalém, os oficiais, os sacerdotes e todo o povo da terra passaram entre as duas metades do bezerro.* ²⁰ *Por isso, hei de entregá-los nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram tirar-lhes a vida; seus cadáveres servirão de pasto para as aves do céu e para os animais da terra*”.

Nos comentários da Torá pg. 36 e Rashi Bereshit pg. 63, encontra-se interpretações do significado do pacto entre as metades. Observando o conjunto das interpretações sobre aquele pacto, pensa-se que, como pano de fundo, está sendo dada prioridade à alma e busca-se evitar ações que causem aflição ou desentendimento. O Ser Humano é constituído pelo yetzer hatóv e o yetzer hará. O yetzer hatóv é o desejo de agir corretamente e conectado com a Alma Divina. O yetzer hará é o desejo de seguir os instintos, conectado com a alma animal. Os Seres Humanos, em quase sua totalidade (exceto os Tsadikim – Justos), vivem diuturnamente a busca do equilíbrio entre a Alma Divina e a alma animal.

D’us ordena que Abrão prepare três novilhas, três cabras, três carneiros, uma rola e um pombinho, que representa um ritual simbólico. Este ritual revela que o Eterno está lhe dando a herança da Terra, mas também o processo espiritual pelo qual essa herança se manifestará. O Rebe ensina, portanto, que a posse da terra de Israel não é uma questão política, mas espiritual. Ela deriva diretamente da promessa Divina feita a Abrão e, portanto, é eterna e inalienável. A Torá, nesse ponto, não fala apenas de terra física, mas do território espiritual do povo israelita. Ou seja, seu vínculo indissolúvel com a Presença Divina (Shechina) que se manifesta na Eretz Yisrael.

Como este pacto entre as metades se conecta com a Presença Divina? Há diferentes interpretações sobre estes versículos da Torá. Vou usá-las associado ao pensamento de que a Presença Divina se manifesta na Eretz Yisrael. Assim, a lista dos animais oferecidos representa, conforme Rashi Bereshit pg. 63, os impérios que dominariam Israel, ou seja, Edom (Roma), Yaván (Grécia), Pérsia / Média e Ismael; e as provas espirituais que o povo de Israel passaria ao longo do tempo. Esses quatro reinos representam as Kelipot (casca) que obscurecem a Luz Divina no mundo. O fogo que passa entre as metades (Bereshit 15:17) simboliza a luz superior (Or Há Elyon) que purifica as impurezas desses impérios, preparando o mundo para a Geulah (redenção).

Os três touros (novilhas) correspondem aos sacrifícios ligados aos desvios realizados pelo próprio povo. O 1º touro de Yom Kipur representa a expiação coletiva); o 2º é oferecido quando o Sinédrio erra e o terceiro cujo pescoço é quebrado é uma expiação por assassinato desconhecido. Veja Vayikrá. Os três touros também podem ser associados a Edom. Edom representa o domínio Din (Gueburah - rigor), coluna da esquerda, que em excesso se manifesta como opressão. Israel, ao longo da história, enfrentou o império romano e seus herdeiros espirituais, cujos valores enfatizam o poder, a força e o corpo. Neste caso, a novilha no lugar do touro é o símbolo da retificação da força. Por meio da fé de Abrão (Abraão), ao longo de sua vida, e do mérito de Israel, o poder da força é transformado em serviço ao Divino.

As três cabras de Yom Kipur, representam as festividades e o pecado individual, indicando que a luz intelectual precisa ser consagrada ao Divino; caso contrário, se torna idolatria. A Grécia é associada à luz da razão e da estética, ou seja, está ligada ao individual. A Grécia, portanto, representa a Kelipá (casca) da beleza desvinculada da santidade, e/ou o brilho do intelecto sem humildade. O sacrifício das cabras simboliza a elevação desse brilho, refinando a mente para perceber que toda sabedoria é reflexo da Sabedoria Divina (Hokhmah). O Rebe ensina que nossa reivindicação da terra deve basear-se na promessa de D'us e não na lógica política. Aqui vemos que a razão deve se submeter à fé. Assim, a beleza e o intelecto se tornam veículos da verdade Divina e não se comportam mais como ídolos.

Os três carneiros representam o sacrifício pessoal. Os sacrifícios relacionados a erros ou dúvidas revelam que a Pérsia representa o teste da fé e da obediência, especialmente quando a alma não tem certeza de si, em função da forma que ocorreu o domínio deste povo sobre Israel, que levou a essas dúvidas, pela destruição do Templo de Salomão. Os carneiros correspondem a vitória espiritual obtida pela persistência no bem. O povo de Israel mesmo no exílio, não se abateu e continuou buscando a sua evolução espiritual. Ao fim de 10 semanas de anos, eles foram autorizados (Ciro) a retornar a Jerusalém e reconstruir o Templo. Portanto, as potências da época (Pérsia e Média) representam as tentações da vaidade e da glória humana. Por outro lado, o carneiro é considerado um animal dócil e, nesse contexto, simboliza o antídoto. Dessa forma, representa a aceitação da vontade Divina.

A rola e o pombinho não foram cortados ao meio (Bereshit 15:10). Rashi explica que isto simboliza que os filhos de Ismael e Israel não seriam destruídos, pois ambos descendem de Abraão. A rola representa a fidelidade espiritual, pois tem-se a visão de que ela não troca de parceiro. Embora no mundo animal isto não seja completamente real. O pombinho representa a inocência e o desejo de retornar (Teshuvá). Ismael encarna o desejo sem disciplina e a emoção sem direção. Mas, quando o desejo é purificado, torna-se amor Sagrado. Assim, os dois pássaros representam a unificação de amor e pureza, a ponte final antes da redenção messiânica.

As aves de rapina são os pensamentos dispersos e as distrações que interrompem a dedicação da pessoa ao pacto com D'us. O trabalho espiritual do Abraão que existe dentro de nós é afugentá-los, mantendo o foco na missão Divina. Assim, essas aves são nossas dúvidas, medos e tentações, que tentam devorar as oferendas do nosso coração. O ato de espantá-las é o exercício constante de vigilância espiritual que preserva a integridade do sacrifício interior. Os textos acima foram inspirados em https://www.chabad.org/media/pdf/243/sLYa2430887.pdf?utm_source=chatgpt.com e em Rashi Bereshit.

É interessante também compreender quais os atributos Divinos estavam presentes neste tempo, olhando Zohar Vayerá 32-51 in <https://www.zohar.com/zohar/Vaera/verses/32-51>, que discute a percepção que os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó tinham do Eterno. O texto compara a revelação de D'us a eles com a revelação que viria a Moshê.

Além disto, a pomba é utilizada para representar a alma humana (Neshama) e a nação de Israel, que anseia por retornar a D'us. O Zohar, por exemplo, interpreta a história de Jonas (Yonah - Pomba) como uma alegoria sobre a alma que embarca na jornada pelo mundo material.

Em Bereshit 16, narra-se o fato de Saraí ter dado Hagar a Abrão, tê-la maltratada, ele perder uma gravidez e depois engravida novamente e tem Ismael. **Qual a relação deste evento com o pacto entre as metades?** Após o Pacto entre as Metades, Abrão é levado a ver os sofrimentos futuros de sua descendência, então a Torá descreve o nascimento de Ismael por meio de Hagar. Essa sequência expressa a descida das forças espirituais para o plano material da experiência humana. Abraão vê as partes cortadas dos animais que é o símbolo da fragmentação da criação, que estão “separadas” da

Unidade Divina. Quando Hagar é dada a Abrão, este fato ganha expressão concreta, pois é a união entre o Patriarca (símbolo do espírito) e a serva egípcia (símbolo do mundo da materialidade).

Por isso, o Pacto entre as Metades e o nascimento de Ismael conecta a visão e a realização. A missão do Patriarca que existe dentro de nós é justamente trabalhar para reconciliar as metades da realidade (matéria e espírito), até que seja possível o fogo Divino voltar a atravessar as partes e as torne uma só. Ou seja, a União Espiritual - Devekut adesão). Veja os comentários de Laitman sobre Bereshit. [Beresheet \(No Princípio\) – Bnei Baruch Academia de Cabala em Português.](#)

Agora Abrão está com 99 anos e o Eterno vai alterar o seu nome de Abrão para Abraão. **Como essas partes podem se conectar?** Agora com 99 anos, Abrão atinge o ponto em que pode elevar o que antes estava dividido. É por isso que D'us Se revela como El Shaddai, o Nome que representa uma certa limitação da energia infinita, que está sendo canalizada para este mundo. O Eterno ordena a Abrão “*Anda diante de Mim e sê perfeito*”, ou seja, integra-te por inteiro. Una o superior e o inferior, o espiritual e o físico, a promessa e a realidade.

Portanto, o Pacto entre as Metades é a semente espiritual da aliança feita entre o Eterno e Abrão (Bereshit 15). Ismael é a primeira germinação. A primeira germinação normalmente está ligada ao vigor físico do Ser Humano. Portanto, é uma manifestação intensa da força da promessa. A mudança de nome, por outro lado, é o florescer da aliança, selando definitivamente o vínculo entre o Céu e a Terra. Essa mudança de nome gerará uma transformação de Abrão para Abraão, junto com a transformação de Sarai para Sara, onde unidos espiritualmente darão origem a Isaac. Veshinantam 2022, Parashat Lech Lechá, 5783, pg. 23-39.

7.(Lech Lechá) – Gênesis 17:07-27 – “*Apesar da promessa de D'us, Avraham e sua esposa, Sara, ainda não tinham filhos. Sara, então, pediu à sua serva egípcia, Hagar, para gerar um filho de Avraham, na esperança de que por mérito disso ela também pudesse dar à luz a uma criança. Hagar engravidou e deu a luz rapidamente. Concluindo que seu mérito espiritual era maior que o de sua patroa, Hagar ridicularizou Sara, que depois contou a Avraham e pediu-lhe que a mandasse embora. Treze anos depois, D'us disse a Avraham que tinha chegado o momento de ele ter um filho com Sara e que deveria se preparar para isso realizando sua própria circuncisão. Circuncidar a negatividade. Naquele dia, Avraham foi circuncidado.*

Espiritualmente, a circuncisão é a remoção do ‘prepúcio do coração’, a película de apatia e arrogância que obstrui nossa conexão com D'us. Para nos circuncidarmos espiritualmente, devemos nos livrar de nosso apego à autoindulgência. Normalmente não é tão difícil renunciar às gratificações materiais comuns e corriqueiras; é mais difícil separar-se dos apegos mais sutis, cujos efeitos negativos sobre nós podem não ser tão evidentes.

É por isso que D'us prometeu completar o nosso processo de circuncisão espiritual. Este aspecto da circuncisão somente se manifestará plenamente na Era messiânica.

Circuncisão não é apenas um mandamento que é selado em nosso corpo físico. Através dele, todo israelita está conectado física e definitivamente a D'us; assim nos é dado poder para transcender os nossos impulsos materiais e manifestar nossa real natureza Divina”. Torá Or 13ab; Iguéret HaCôdesh 4 (105b-106a).

Agora, Abrão está a ponto de assumir uma nova e mais elevada posição espiritual com a proximidade da circuncisão. **Mas, porque o Eterno D'us repete a promessa que havia feito anteriormente a Abrão?** Para tanto o Eterno D'us, além de repetir as promessas feitas anteriormente, Ele adverte que é necessário e imprescindível que Abrão caminhe na linha da retidão. A carne é fraca, é um dito popular. Ou seja, todo Ser Humano por mais elevada que seja a sua posição espiritual, ele não deixa

de ser humano. Portanto é capaz de dar um passo lateral, afastado do eixo que deveria seguir. Quando um alpinista mais sobe a montanha, mais difícil são os próximos passos. Qualquer passo em falso, pode fazer com que a pessoa caia muitos metros. Em muitos casos ela se afasta definitivamente de seu objetivo inicial, que era chegar ao cume daquela montanha (G33).

Para percebermos melhor essa passagem, observamos que o cume da montanha a qual Abraão alcança é quando em Bereshit 22 é apresentado o evento do sacrifício de Isaac, pelo qual ele passa. Depois do Eterno D'us ter dito para que Abraão não estendesse sua mão sobre Isaac, encontramos em Bereshit 22:17, pg. 56, a palavra “*arbé*” (אַרְבֶּה), que tem tradução de aumentarei. Se fizemos a Guematria desta palavra encontraremos $(1+200+2+5=208)$. Agora se fizemos o mesmo com o nome Isaac (יִצְחָק), teremos $(10+90+8+100=208)$, ou seja, por meio de Isaac surgirá a descendência de Abraão. Os Patriarcas e a Educação, pg. 96.

O Eterno D'us fez com que Abrão entendesse que por novas provas de zelo ele iria passar. E que sobre o mar tempestuoso das paixões humanas e sob os golpes da maldade, é preciso avançar sempre com coragem, para alcançar o objetivo. A aliança que havia sido feita estava prestes a se tornar realidade, o nascimento de um filho de Abrão e Sarai. Mas, já se haviam passado 13 anos do nascimento de Ismael. Assim, pode-se sentir que o coração de seu pai se apegava cada vez mais ao de Ismael. A idade avançada de Abrão e Sarai, portanto, com o passar dos anos e sem o nascimento do herdeiro, Abrão Sarai sentiam que a promessa se tornava, paulatinamente, mais fraca.

Mas, eis que chega o momento da circuncisão. **Mas, qual é o significado deste ato?** Rashi Bereshit apresenta entre a página 328 e a página 331 a “*Cronologia dos Acontecimentos Relevantes para o Gênesis*”. No topo da página 330 ele apresenta que no ano de 2047, aos 12 de Nisan, Abraão com 99 anos e Ismael com 13 são circuncidados. Buscando somar o ano, mais o mês e a idade de Abraão quando da circuncisão o valor é 2158, reduzindo encontra-se 16 e posteriormente 7. Segundo Zumerkorn, no livro “*Numerologia Judaica e seus Mistérios*”, pg. 221, o número 7 ocupa um lugar de destaque nas leis e costumes israelitas, por exemplo, ao ciclo da criação, ao descanso semanal, a circuncisão do menino bebê é feita após o sétimo dia de nascido etc. É necessário ter humildade e clareza de visão, para continuar no caminho apresentado pelo Eterno D'us. Salmo 16, pg.18.

A circuncisão além de representar um costume, representa a aliança entre o Eterno D'us e Abraão, bem como com sua descendência por meio de Isaac. A circuncisão propicia a elevação espiritual do recém-nascido, ou daquele que retorna a Israel. A Guematria de (עליה) Aaliyah, que significa elevação espiritual ou retorno para a terra de Israel, é $70+30+10+5=115$, que reduzindo tem-se 7. Após sete dias de nascido faz-se a circuncisão do menino.

Segundo o livro **Sefer Hatodaá, (Livro do Conhecimento Judaico)**, pg. 319, do Rabino Eliyahu Kitov (Mokotovsky), apresenta que nos 13 primeiros dias do mês de Nisan se costuma fazer a leitura do trecho da Torá que descreve as oferendas apresentadas pelos príncipes das tribos de Israel quando da consagração do Tabernáculo. No Dia 13, de Nisan se lê a Porção Behaalotechá “*Quando acenderes as lâmpadas*”, em honra a Tribo de Levi. Bamidbar (Números) 08:02, Torá pg. 410.

Segundo o Rabino Eliyahu Kitov “*assim como as 12 tribos de D'us correspondem aos meses do ano, também os primeiros dias de Nisan correspondem aos 12 seguintes. A cada dia o príncipe de cada tribo trouxe os seus sacrifícios. E ao fazê-lo, abriu os portões Celestiais de pureza e abundância de um dos 12 meses. Assim, com a leitura em um rolo de Torá, essa bênção original é evocada, fazendo com que a abundância e a prosperidade fluam sobre o mundo em todos os meses subsequentes*”.

Ou seja, a data de 12 de Nisan de 2047, onde ocorreu a circuncisão representa a abertura dos portões Celestiais que culminaram na constituição do povo israelita, mas também alinhou uma sequência de tsadikim (justos) e os Ushpizín (os pastores do povo de Israel – Abraão, Isaac, Jacob, José, Moisés,

Aarão e David) que iluminaram o mundo. Assim, os tsadikim e os “*Ushpizin espalharam luz, bondade e bênção sobre toda a humanidade*”, ibid. pg. 105.

Nissan além de ser o mês da aliança entre D’us e Abraão (nascimento do povo), também é o mês do renascimento. Segundo Rashi Devarim pg. 250, em 15 de Nissan de 2448, os israelitas viajam de Ramsés a Sucót, quando se inicia o Êxodo de fato. É o dia da Redenção.

Com a circuncisão, o nome de Abrão foi alterado para Abraão e o de Sarai para Sara. **Qual o motivo?** Segundo a Torá pg. 40 os nomes estão ligados ao destino de uma pessoa. Assim, o Eterno D’us alterou o nome de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara. Segundo Rashi Bereshit pg. 68 Abrão significa o Pai, isto é, governante de Aram. O nome Abraão tem o significado de pai de uma multidão, sem perder a condição de governante de Aram.

O nome (אֲבְרָם) Abrão tem a Guematria $1+2+200+40=243$. O nome (אֲבְרָהָם) Abraão tem a Gematria $1+2+200+5+40=248$. Isso significa que Abrão, já tinha controle sobre os seus 243 órgãos, entretanto, ao passar a se chamar Abraão, assumiu o controle sobre os 248 órgãos de seu corpo. Mais precisamente sobre os dois olhos, os dois ouvidos e sobre o sexo. Em Bahir, versículo 8, pg. 43, encontramos que o valor 248 veio para nos mostrar “*que a estrutura foi completada em Abraão. [Bereshit – Gênesis 9:6 – Pois à imagem de D’us, Ele fez homem. O valor de Abraão que é 248, representa o número de partes do corpo do homem]*”.

Portanto, ter controle sobre os 243 órgãos já é um grande feito, mas ter o controle sobre a visão, audição e o sexo é algo mais do que extraordinário. Praticamente, eleva-se ao impossível o controle da visão ou da audição, ou seja, somente ver e/ou ouvir aquilo que esteja dentro dos preceitos da Torá, posto que são órgãos passivos, que atuam independentemente da vontade do Ser Humano. Por exemplo, se ocorre um barulho próximo, nosso sentido da audição vai captar o ruído, independente de nossa vontade. O mesmo ocorre com a visão. Se algo está dentro de nosso campo de visão ela será percebida pelo cérebro, também independente de nossa vontade. Segundo **Rashi** Bereshit, pg. 67 “*Abraão passou a ser capaz de ignorar visões e sons inapropriados e de controlar o impulso erótico*”.

Veja que (שָׂרַי) Sarai tem a Gematria $300+200+10=510=6$, o “*Wav que representa o conduto que conecta um nível mais elevado a um nível mais baixo*”. Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 41. Entretanto, o Eterno D’us alterou o nome de (שָׂרַי) Sarai para (שָׂרָה) Sara, substituindo um Yud por um Hei. Agora a Guematria será $300+200+5=505=10$ que é a letra Yud. “*O Yud representa uma gota seminal o poder concentrado de D’us*”. Raskin, em “A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico”, pg. 72.

Também é importante ressaltar que 248 são as Mitzvot positivas do total de 613 Mitzvot. A romã cultivada em parte do Mediterrâneo e que está representada sobre algumas colunas, tem 613 sementes e 5 camadas. Ou seja, $6+1+3=10$, Yud. Cinco são os livros da Torá. Além disto, 5 é o número total de letras do nome de Abraão em Hebraico (אֲבְרָהָם).

Mas, espiritualmente a não realização da circuncisão pode levar a uma punição? Tudo é visto pelo Eterno D’us. A escuridão mais profunda é como o dia para o Eterno D’us. Bahir, pg. 34. Ele nos dá o livre arbítrio para fazer o bem ou o mal, como está escrito em Torá Devarim 11:26, pg.540: “*Vede que ponho diante de vós, hoje, a bênção e a maldição*”. Tudo está de acordo com o caráter das ações das pessoas. Aquele que tem por prática fazer boas obras recebe como recompensa a misericórdia equiparável. Por outro lado, àquele que é limitado na prática de boas obras, recebe também, como recompensa, a misericórdia correspondente, ou seja, em volume menor.

A punição denominada de Caret (כָּרֶתָהּ) é um castigo Divino ocasionado por uma transgressão a Halachá. Só é aplicável quando feita de propósito e sem o posterior real arrependimento. Não ser circuncidado é uma das penas de Caret que é apresentada em Torá Bereshit (Gênesis) 17:14, pg. 40:

“E o varão incircunciso, que não circuncidar a carne de seu prepúcio, essa alma será cortada de seu povo; Minha aliança quebrou”.

Nos comentários escritos na **Torá** sobre o versículo Bereshit 17:14 pg. 39 apresenta que *“a prática da circuncisão é um grande e – muitas vezes – doloroso sacrifício que a fé obriga a cumprir, porém é a vida e a perpetuidade do judaísmo que dependem em grande parte dela. Abraão, o fundador do monoteísmo, somente foi denominado Abraão Pai espiritual de uma multidão de nações após ter executado a circuncisão. O profeta Moisés não pode cumprir a missão de anunciar ao povo o mandato de **D’us** e protestar contra o Faraó pela escravidão moral e material de seus irmãos, antes de ter cumprido o mandamento da circuncisão no seu próprio filho”*. Tora Shemot (Êxodo) 04:25, pg. 162.

Ressalta-se ainda que, Abraão, no mesmo dia que o Eterno D’us havia lhe falado sobre a necessidade da circuncisão, ele a praticou, como está escrito em Torá Bereshit 17:23, pg. 40. Abraão realizou a circuncisão em Ismael, seu filho, em todos os escravos nascidos em sua casa, em todos os comprados por prata, em todo varão entre as pessoas da casa de Abraão, e, por fim circuncisou a carne de seu próprio prepúcio.

No livro Tanya Vol. 1 pg.42 temos que *“a Guemará relata que D’us decreta que uma criança que está para nascer será sábia ou tola, forte ou fraca, e assim por diante. No entanto, se a criança será justa ou perversa, D’us não diz: isto não está predeterminado; mais propriamente, isto é deixado para o livre-arbítrio do indivíduo”*. Caro Pedreiro, toda a oportunidade que tivermos de fazer o que é certo e não o fizer, pode ser considerado como sendo (כַּרְתָּה) Caret (corte ou morte espiritual - Torá Bereshit 17:14, pg. 40). Se tomarmos a Guematria Caret (כַּרְתָּה) temos 20+200+400+5=625, 6+2+5=13, 1+3=4. Se buscarmos no Salmo 4, encontramos que David fala a todos os pecadores para abandonar a ilusão da glória sem significado. Livro de Salmos, pg.5. *“Lembra-te do teu Criador nos dias de tua juventude”*. Torá Cohélet - Eclesiastes 12:01, pg. 683.

Mas, será que a circuncisão era um costume comum no tempo de Abraão e, consequentemente, ele somente o fez incorporar ao seu grupo? Segundo a Torá e o Tanah essa prática surgiu com Abraão. Por exemplo, os habitantes de Shechém não a praticavam. Torá Bereshit 34:24, pg. 99. Moisés cita que todos que eram incircuncisos não poderiam comer o cordeiro de Pessach. Torá Shemot (Êxodo) 12:48, pg. 190. Em Tanah Ezequiel 32:19, pg. 1507, está escrito que *“A quem sobrepajas (agora) em beleza (ó Faraó)? Tombaste e jazes com os incircuncisos”*. Isto mostra que os egípcios eram incircuncisos. Ou seja, essa foi uma prática que surgiu com Abraão e todos que a praticaram no passado e a praticam no presente a adotaram decorrente do descrito na Torá.

De forma mais ampla, poder-se-ia admitir que tanto a circuncisão como o arco-íris poderiam ter existidos antes de serem adotados como símbolos de alianças, embora os fatos indiquem que a circuncisão surgiu com Abraão. É importante lembrar que o arco-íris, que foi usado como aliança com Noé e sua posteridade, é um fenômeno natural e, portanto, totalmente independente do Ser Humano. A circuncisão, usada como aliança com Abraão, é um processo prescrito por D’us, porém dependente da ação voluntária do Ser Humano. A aliança cujo sinal é o arco-íris mostra a soberania de D’us sobre os Seres Humanos. A aliança da circuncisão deposita no Ser Humano a responsabilidade de continuar a aliança ao longo dos tempos, por meio dos descendentes. A remoção do prepúcio é o símbolo da renovação da natureza, que qualificou Abraão como o elo fundamental de uma semente Sagrada, que preparou o caminho para extensão universal do Sagrado.

Ou seja, recebemos a lição da responsabilidade que os pais devem ter e sua respetiva esperança de continuidade. Os pais reconhecem sua obrigação de realizar a circuncisão, fazendo a admissão formal dos filhos nesta aliança. Esta admissão não pode ser revertida. O filho pode se afastar deliberadamente

da aliança, quebrando a transmissão. Por isso a importância da transmissão da palavra de pai (mãe) para filho (filha).

O Filho de Abraão e Sara recebeu o nome de Isaac. Há algum significado especial? No livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 99, lê-se que em “*Bereshit 17:19, o Eterno D’us pede a Abraão que dê a seu filho o nome de Isaac (יִצְחָק)*”. *A rashê tevot que formam este nome podem ser entendidas do seguinte modo:*

- (י) O caractere Yud, cuja Guematria é 10, simboliza os dez testes de Avraham.
- (ש) O caractere Tzadi, cuja Guematria é 90, simboliza a idade de Sara quando Itschac nasceu.
- (ח) O caractere Chet, cuja Guematria é 8, simboliza o oitavo dia, quando Itschac teve o berit-milá (Torá Bereshit 21:04), e quando de fato recebeu o nome Itschac.
- (ק) O caractere Kuf, cuja Guematria é 100, simboliza a idade de Avraham quando Itschac nasceu (Torá Bereshit 17:17 e 21:05)”.

Se olharmos a raiz do nome Itschac em Hebraico encontramos “tschac” (צַחַק), que significa “riu”. Assim, esse riso está associado a uma expressão de surpresa e de alegria, posto que quando comunicado que ele e Sara teriam um filho, Abraão estava com 99 anos e Sara com 89 anos. Mas, também expressaram a alegria de perceberem que seriam a raiz do Povo israelita.

Mas, por detrás deste simples nome, estão intrínsecos a alegria e o otimismo existentes naturalmente no Povo israelita. Escravizado, perseguido e massacrado, mas sobrevivente, apesar de toda a dificuldade que passou ao longo dos anos. O verdadeiro mistério da continuidade e do sobreviver até hoje do povo judeu seja a expressão ou a revelação trazida pelo nome “Isaac” (o primeiro a nascer israelita), que é a de permanecermos otimistas, dedicados ao estudo da Torá e alegres na construção de um mundo melhor.

Ou seja, “*circundai o prepúcio do vosso coração*”. O “prepúcio” é o símbolo da camada de grosseria espiritual e emocional que cobre a sensibilidade da alma. É o véu que impede o coração de sentir a presença Divina, de se comover com o bem e de se entristecer com o afastamento. Pedreiro: a circuncisão do coração é o verdadeiro início da jornada interior, que é quando o Ser Humano deixa de ser um observador da Luz e se torna portador da Luz.

05 - Parashat Vayerá – O Precursor da Fé

Sinopse

Ao aceitar a Torá de D'us e nos comprometermos a viver de acordo com Sua visão, podemos remover todas as barreiras que se interpõem entre Ele e nós. Por sua vez, isto permite que D'us se revele em nossas vidas de formas cada vez mais tangíveis. Assim, Abraão não abandonou a D'us, O reconheceu dentro das pessoas. Antes da circuncisão, ele ainda percebia uma dualidade entre o espiritual e o material, como se D'us estivesse lá em cima e o mundo estivesse aqui embaixo, como se estivesse separado de D'us. Mas, após a circuncisão, ele atinge a 'nitidez' espiritual. Um estado no qual o Divino pode ser percebido através da realidade física, sem distorção. Assim, ao se voltar para os três viajantes, Abraão não interrompeu a experiência Divina; ele a ampliou. Entendeu que o propósito da revelação é despertar no Ser Humano o reflexo da bondade Divina: *assim como D'us visita o enfermo, eu (Abraão) visitarei e servirei aos necessitados. A bondade e hospitalidade praticadas por Avraham em Chevron (Hebron) contrastavam fortemente com a maldade e a falta de hospitalidade das cidades próximas, Sedom (סְדֹם) (Sodoma) e Amorá (עֲמֹרָה) (e Gomorra), e seus vizinhos. Após a visita dos três anjos, D'us informou a Avraham que eliminaria essas cidades, mas ele suplicou a D'us em favor deles. Transcender nosso ego. Avraham se aproximou e disse [a D'us]: 'Você acabará com o justo junto com o perverso?!'. Ao reduzir gradualmente o número de justos necessários para salvar as cidades, Abraão busca equilibrar o rigor (Gueburah) com a bondade (Hessed). Embora 4 cidades tenham sido destruídas, este evento nos mostrou que o Ser Humano tem a capacidade de unir a misericórdia com a justiça. Portanto, trazendo a Luz de D'us aos lugares mais escuros. O Rebe conclui que a lição de Abraão é clara. Quando surge a oportunidade de salvar alguém, física e/ou espiritualmente, não devemos hesitar. Servir D'us é servir à vida. O verdadeiro encontro com o Divino se manifesta quando o amor se transforma em ação concreta. Por outro lado, a perversidade de Sedom e seus vizinhos foi uma reação equivocada e exagerada ao Dilúvio de Nôach. A geração do Dilúvio foi eliminada principalmente porque praticava e aceitava o roubo o ato de retirar à força e de modo injusto a propriedade de uma pessoa por parte de outra. Conscientes disso, os residentes de Sedom declararam que os direitos de propriedade eram totais e proibiram a caridade e a hospitalidade, considerados como usos injustos dos bens de outra pessoa. Em seu zelo, as pessoas de Sedom não perceberam que o extremo oposto era tão destrutivo como aceitar e aprovar o roubo. Então, como o mundo não podia cumprir seu propósito de ser uma verdadeira moradia para D'us, pois os Seres Humanos não conseguiam viver uns com os outros, Sedom e seus vizinhos tinham que ser eliminados, assim como foi a geração do Dilúvio.* É uma profunda imagem simbólica de homens entregues à escuridão e que vendo não enxergam, porque rejeitaram a Verdadeira Luz. *Quando falamos com os outros, também temos que considerar o modo como as nossas palavras serão interpretadas para nos assegurarmos de que nossas intenções não sejam mal compreendidas*". Quando falamos, devemos, portanto, procurar revelar o Divino que se encontra dentro da outra pessoa. Ou seja, antes de cada palavra, há um silêncio que a antecede e que deve ser escutado pelo coração. Foi no silêncio que Lot se confundiu, que Avraham hesitou, que Sarah riu, que Yitschaci nasceu e que foi circuncidado. A fala do Ser Humano é Sagrada quando nasce desse escutar interior, quando não busca vencer, mas compreender. Falar com o coração é deixar que a Neshama (alma) conduza a língua. É dizer o necessário, com ternura e clareza, lembrando que cada palavra é uma centelha de criação. Pois quem fala com o coração não apenas comunica, revela o Divino no outro. *Na Era messiânica, o aspecto feminino da Criação ficará num nível superior ao masculino. O refinamento espiritual de Avraham e Sara era tão sublime que lhes deu a capacidade de vivenciar, numa certa medida, aquilo que só iria acontecer nessa Era. É por isso que a visão profética de Sara era superior à de Avraham.* B21:05-21 não apenas narra um drama familiar, mas descreve a revelação progressiva da consciência messiânica, que nos mostra o reconhecimento de que a Sabedoria Divina também se manifesta na voz, na intuição e na sensibilidade do feminino. Sara tem o poder de perceber D'us no mundo tangível ou no mundo do concreto, de unir o espiritual e o físico. Ao ouvir sua voz, Avraham inaugura o equilíbrio entre os dois polos da Criação, abrindo o caminho para o tempo em que *"a mulher virtuosa será a coroa do homem"* (Mishlê 12:4)

e o Divino habitará plenamente em tudo o que é terreno. *Após o nascimento de Yitschaci, Avraham concluiu um pacto com o rei filisteu local e abriu uma hospedaria em Beer-Sheva, onde ensinava aos viajantes sobre o monoteísmo. Ser uma influência positiva. Avraham plantou um pomar e abriu uma hospedaria em Beer-Sheva. Lá, ele proclamou o nome de D'us.* Abraão plantou um pomar, cada espaço de Torá é uma árvore que oferece sombra, alimento e renovação espiritual a quem se aproxima. Mesmo quem não entra, apenas vê ou ouve falar, é tocado pela energia que o lugar emana. *O maior desafio para Avraham ocorreu trinta e sete anos depois do nascimento de Yitschaci: D'us o ordenou a sacrificar seu filho. Testando a fé. D'us disse a Avraham: 'Toma, rogo-te, teu filho, teu único, o que amas, Yitschaci, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali como oferenda de olá [total para D'us] sobre um dos montes que te direi'.* Cada Pedreiro enfrenta, em sua própria vida a “*Akedá de Isaac*”. São situações em que D'us parece pedir algo que contraria nossos desejos, planos ou compreensões. Pode ser uma perda, um desafio moral ou um momento em que a fé e a razão entram em conflito. Esses momentos são oportunidades que temos de revelar a alma Divina que ama D'us sem condições. O Pedreiro deve estar consciente que, no dia a dia, o nosso sacrifício é renunciar ao orgulho, manter a fé em meio à incerteza e agir com bondade mesmo quando o ego quer o contrário. Cada vez que o fazemos, erguemos um altar interior e colocamos sobre ele o Isaac que existe dentro de nós e permitimos que D'us os transforme em luz.

1.(Vayerá) – Gênesis 18:01-14 – *“No terceiro dia em que Avraham (O fundador da fé) estava se recuperando de sua circuncisão, D'us apareceu para ele, visitando o doente. Transparência espiritual. D'us apareceu a Avraham.*

Aqui a revelação de D'us para Avraham ocorreu em um nível fundamentalmente superior do que Suas aparições anteriores. Ao circuncidar-se para atender ao mandamento de D'us, Avraham tornou-se o primeiro Ser Humano a entregar sua individualidade por completo a Ele. Agora Avraham conseguia vivenciar a D'us diretamente, sem a interferência de seu ego. Foi assim que a circuncisão de Avraham abriu o caminho para a Entrega da Torá, quando tal experiência direta de D'us se tornou a marca registrada da existência judaica.

Isso significa que, ao aceitar a Torá de D'us e nos comprometermos a viver de acordo com Sua visão, podemos remover todas as barreiras que se interpõem entre Ele e nós. Por sua vez, isto permite que D'us se revele em nossas vidas de formas cada vez mais tangíveis”.

Ao iniciarmos a leitura da Torá capítulo 18, logo surge a questão: **Por que o Eterno “apareceu” para Abraão (Avraham)?** Segundo os comentários de Rashi Bereshit, pg. 76, sobre Torá Cap. 18, o Eterno apareceu para fazer uma visita ao doente Abraão, pois esse havia se autorrealizado o processo de circuncisão. *“Assim, o Eterno D'us nos ensina que é dever religioso visitar os enfermos, sejam estes parentes ou estranhos, sem fazer diferença entre rico e pobre, maior ou menor de idade, respeito e consideração. A visita a um enfermo é feita com três coisas: com a alma, com o corpo e com o dinheiro. Com a alma destina-se a elevar a moral e rezar ao Eterno para o restabelecimento do enfermo, sempre o visitante se deve fazer acompanhar pela Luz do Eterno. Com o corpo, banhá-lo, limpá-lo, trocar sua roupa e servir-lhe comida e medicamentos, ou carinho, atenção aos reclamos, suavizar a dor, afagos, compreensão etc. Com dinheiro, se é pobre, proporcionar-lhe o necessário para o seu bem-estar e da família”.* Comentários Torá pg. 42.

O texto acima nos mostra que a visita deve ser sempre feita com o coração repleto de Luz, trazendo paz, conforto, atenção e, especialmente, deve-se estar pronto para escutar e compreender os relatos das dificuldades pelas quais tem passado o enfermo. Mas, o visitante deve elevar a moral, confortar a alma e o corpo do enfermo.

Há entrelaçamentos importantes a destacar nessa data 15 de Nissan. É em 2018, 15 de Nissan, que ocorre a Aliança entre as Metades. Em 2047, 15 de Nissan, os anjos anunciam a Abraão que ele terá

um filho Isaac (Yitschaci). Em 2048, 15 de Nissan, nasce Isaac. Em 15 de Nissan nasce Judá (2196). Em 15 de Nissan de 2447 Moisés anuncia a primeira praga: Sangue. Em 2448 em 15 de Nissan, de noite a oferenda de Pessach é comida com matzá, aplica-se sangue às ombreiras das portas. Meia noite, a décima praga, morte dos primogênitos. De manhã, Êxodo, viagem de Ramsés a Sucót. Ou seja, 430 anos ($4+3=7$ – o espírito dentro da matéria) após a aliança entre as metades nem um dia a mais, inicia-se o Êxodo. Rashi Devarim pg. 245-250.

Na Torá aparece a mensagem “quando esquentava o dia”, por quê? Consta em Bereshit 18:01, pg. 42, o seguinte texto kechom haiom (כֶּחֱמוֹ הַיּוֹם), quando esquentava o dia. Tomando a Guematria encontramos $(20+8+40+5+10+6+40=129)$ que é a mesma das palavras dam milá (דָּם מִלֵּלָה), ou sangue da circuncisão, cuja Guematria é $(4+40+40+10+30+5=129)$. Segundo o Livro “Os Patriarcas e a Educação”, pg. 104, “sabemos que Avraham estava enfermo por causa da circuncisão, mesmo assim estava sentado a porta de sua tenda no calor para esperar por pessoas que pudessem passar e precisar de hospedaria”. Desta forma, percebe-se que essa visita foi realizada com o objetivo de curá-lo das consequências dolorosas decorrentes da circuncisão. Essa interpretação fica mais evidente, quando percebemos a desenvoltura de Abraão após esse fato.

Por outro lado, é importante ressaltar que a linguagem da Torá é construída de tal forma, que seja possível ao Ser Humano compreender o que está ali descrito. Assim, a linguagem apresentada mantém uma estrutura humana. Está escrito em Torá Bereshit (Gênesis) 18:01, pg. 42, “*E apareceu o Eterno junto a Elon (Planícies) de Mamré e (Abraão) estava sentado à porta da tenda, quando esquentava o dia*”. Portanto cabe aqui uma outra questão: **Será que o Eterno D’us, de fato, apareceu a Abraão?** O Eterno é infinito, onipresente e onisciente. Mas, como nós somente alcançamos uma dimensão finita, torna-se mais fácil a compreensão dizer que Ele “apareceu”, isto na forma simbólica. Mas, veja que “o calor do dia” simboliza a Luz intensa da revelação Divina. Abraão tinha realizado a auto circuncisão a cerca de três dias, ou seja, tinha removido as barreiras entre ele próprio e o Eterno e por isso, D’us Se revela (*aparece*) a ele de forma ‘aberta’ e curou-o diretamente, pois, antes de qualquer outra ação, o Eterno visita o enfermo. Nesse sentido, a cura de Abraão é um ato direto de D’us.

Porém, em uma escala de tempo bem próxima, “viu” Abraão ao Eterno na planície de Mamré e quase ao mesmo tempo percebeu três homens que estavam parados perto dele. **Por que preferiu Abraão atender aos viajantes do que ao Eterno D’us?** Como dito acima, é sempre importante ressaltar que Abraão era um Profeta, portanto o sentido da “visão” e/ou “audição” refere-se a um “estado profético”, que se concretiza na forma de uma percepção que a Torá se expressa por visão, audição etc. Esse estado profético para Abraão, não lhe era estranho. Mas, é importante ressaltar que o Eterno D’us, não surge e desaparece, não chega em algum lugar e depois vai embora, tão pouco está parado ou movimentando-se. O Eterno D’us é atemporal, ou seja, o mesmo que esteve com Adão e Eva no paraíso, é o que está com Abraão neste momento e é o mesmo que estará com os descendentes de Abraão no futuro, seja qual for o futuro no tempo. O Eterno D’us é o Criador do tempo, mas não é afetado por ele.

Mas, é importante lembrar que em Shemot (Êxodo) 33:20, pg. 265 está escrito que “*E disse: Não poderás ver Meu rosto, pois não poderá ver-Me o homem e viver*”. No Tanya vol. 3, pg. 571, apresenta que “*não somente o homem, um ser físico, mas até mesmo seres espirituais, como anjos, são incapazes de receber a força vital Divinas sem vestimentas encobridoras. O grau de encobrimento varia, no entanto, de mundo para mundo e de nível para nível.*”

Entretanto, Abraão embora tenha escolhido, aparentemente, atender aos viajantes em detrimento do Eterno D’us; com essa atitude ele estava sendo hospitaleiro com os viajantes e ao mesmo tempo horando a “*presença Divina*”. Ou seja, no mesmo instante em que o Divino “aparece” para Abraão o Eterno se manifesta diante dele na forma do humano. Isto nos mostra que, embora estivesse muito

quente, Abraão desejou fazer a mitzvah de receber visitas; posto que, a pessoa que recebe hospedes, no fundo, acolhe os Seres Humanos criados à imagem do Eterno D'us. O Abraão enxerga o Criador nas pessoas.

Assim, Abraão não abandonou a D'us, O reconheceu dentro das pessoas. Antes da circuncisão, ele ainda percebia uma dualidade entre o espiritual e o material, como se D'us estivesse lá em cima e o mundo estivesse aqui embaixo, como se estivesse separado de D'us. Mas, após a circuncisão, ele atinge a 'nitidez' espiritual. Um estado no qual o Divino pode ser percebido através da realidade física, sem distorção. Assim, ao se voltar para os três viajantes, Abraão não interrompeu a experiência Divina; ele a ampliou. Entendeu que o propósito da revelação é despertar no Ser Humano o reflexo da bondade Divina: *assim como D'us visita o enfermo, eu (Abraão) visitarei e servirei aos necessitados*. https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.48.9?lang=bi.

Há pessoas que possuem uma conduta igual, a acima descrita, independente do que lhes aconteça: mesmo estando calor, se vestem com recato; mesmo com fome, esforçam-se para comer kashér etc. Esta força de superar os testes das tentações é uma herança que herdamos de Abraão. Todos temos isto dentro de nós, só o que falta, é nos conscientizarmos do fato e usarmos na prática essa nossa habilidade. Os Patriarcas e a Educação, pg. 105. Servir, é, portanto, continuar a conversar com D'us através da ação.

Essa conduta se reflete no conjunto dos eventos narrados na Torá. Em Vayerá B18:01-14, os anjos são recebidos por Abraão. Ele prepara várias comidas. Os anjos comem, depois anunciam que Sara vai ficar grávida e em cerca de um ano ela será mãe. Ela ri, porque ela e Abraão já passaram da idade fértil. Mas, Sara nega que tenha rido. Porém, anteriormente, D'us apareceu a Abraão, mas ele deu atenção aos anjos.

A Presença Divina manifesta-se no mundo material, quando o Ser Humano pratica as ações de hospitalidade, serviço, generosidade etc. Assim, D'us aparece a Abraão, por causa dos atributos que são praticados por Abraão e Sara. Portanto, Ele sabe que Abraão expressa bondade (Hessed). Abraão acolhe os anjos. A consequência é que o Divino se revela em forma de bênção, informando sobre o nascimento de Isaac. No fundo a hospitalidade gera a concretização da promessa. Ou seja, a Shechina (Presença Divina) se revela por meio das ações que os Seres Humanos realizam no dia a dia, tais como comer, servir aos outros e acolher, isto voltadas ao Criador. Portanto, desta forma, o mundo material se torna um veículo para a Luz Divina. Foram os atos realizados por Abraão e Sara, nesta vida, que construíram o ambiente adequado para o nascimento de Isaac.

2.(Vayerá) – Gênesis 18:15-33 – “A bondade e hospitalidade praticadas por Avraham em Chevron (Hebron) contrastavam fortemente com a maldade e a falta de hospitalidade das cidades próximas, Sedom (סְדוֹם) (Sodoma) e Amorá (עֲמוֹרָה) (e Gomorra), e seus vizinhos. Após a visita dos três anjos, D'us informou a Avraham que eliminaria essas cidades, mas ele suplicou a D'us em favor deles. Transcender nosso ego. Avraham se aproximou e disse [a D'us]: ‘Você acabará com o justo junto com o perverso?!’

Quando Avraham viu que os anjos já estavam a caminho de Sedom para destruí-la, compreendeu que devia ir contra sua própria delicadeza, ser duro e expressar-se sem rodeios. Precisava argumentar intensamente e exigir de D'us que Ele anulasse Seu decreto.

O exemplo de Avraham nos ensina que, quando surge a oportunidade de salvar outra pessoa, seja no plano físico ou no espiritual, não devemos hesitar: devemos fazer imediatamente todo esforço para ajudar a pessoa, mesmo que isto signifique atuar contra nossas inclinações naturais”.

Como podemos visualizar a hospitalidade ampla de Abraão? Quando Abraão diz: “*Tomai um pouco de água e lavai os vossos pés*”, a Cabalá ensina que a água é símbolo da Hessed, a bondade que purifica e possibilita a Presença Divina. Lavar os pés é afastar o pó da materialidade, o peso do ego, para que a Shechina possa repousar. E ao convidar os visitantes a repousarem “*debaixo da árvore*”, de fato abrigam-se sob a Árvore da Vida. Sara, em sua tenda, amassa três medidas da melhor farinha. O número três também representa as três colunas da Árvore da Vida. O pão, feito de farinha e água, é o alimento básico e o símbolo do sustento espiritual.

Abraão então corre ao rebanho e escolhe “*um bezerro tenro e bom*”. O bezerro representa a força vital, ou a energia da ação. O vermelho da carne representa Gueburah (rigor), enquanto o branco do leite representa Hessed (misericórdia). Quando ele serve ambos e em ordem, expressa a harmonia das polaridades, que se manifesta em Tifereth. Abraão organiza esses elementos em ordem e o que parece uma refeição se torna, na verdade, um serviço sacerdotal. Este texto foi fundamentado por https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/910340/jewish/Deot-Chapter-One.htm e em <https://www.chabad.org/parshah/torahreading.asp?aid=2492490&jewish=Vayecira-Haftorah-Hebrew-and-English.htm&p=1&showrashi=true>

Abraão serve aos três anjos “*manteiga, leite e o bezerro que preparou*”, o que parece contrariar a futura proibição de misturar carne e leite. Contudo, explicam Rashi e Ramban que a Torá ainda não havia sido dada. Abraão serviu primeiro os laticínios e só depois a carne, portanto, não houve mistura. Este texto foi fundamentado por https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/766151/jewish/Did-Abraham-serve-his-guests-non-kosher.htm#:~:text=Question:ate%20meat%20and%20milk%20together.

Ou seja, percebe-se que a bondade e hospitalidade praticadas por Abraão contrasta com a forma de viver que pode ser encontrada na interpretação do Rebe de B19:01-20, abaixo.

Mas, por que 3 anjos? Segundo o Livro “**Os Patriarcas e a Educação**”, pg. 106, “*a palavra Malach (מלאך), anjo, e a palavra Melech (מלך), rei, possuem caracteres semelhantes. A diferença é um Alef (א). Ou seja, pode-se compreender que, na verdade, os anjos são “reis”, no sentido de terem poderes superiores aos dos homens. Os anjos são os seres que cumprem a vontade do Rei dos Reis (Eterno D’us), por isso a palavra Malach (מלאך) é composta pela melech (מלך) mais o caractere Alef (א) do nome de D’us - Adonai - (אֲדֹנָי), porque os anjos também não são materiais. Porém, logicamente, eles estão em um nível muito inferior ao do Criador, além de terem poderes dados pelo Eterno D’us*”.

O número três representa a letra Guímel. Segundo Raskin, em “**A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico**”, pg.17, “*o número três representa a Torá, que foi dada ao povo israelita no terceiro mês do ano (Sivan) ao nosso Moshê (o terceiro de três filhos). A Torá foi entregue a um povo de três grupos: Os Qohenim, os Levitas e os Israelitas. A Torá é dividida em três segmentos: os Cinco Livros de Moshê, os Profetas e as Escrituras*”. Além disto, o número três representa as três qualidades de um Ser Humano que é vontade, inteligência e amor, mas em perfeito equilíbrio. O três também se encontra associado a natureza com o movimento dos astros, tal qual o Sol, ou seja, nascer, zênite e ocaso; ou aos três tempo na vida, o tempo de semear, o tempo de esperar e o tempo de colher, além das três colunas da Árvore da Vida (misericórdia, restrição e harmonia).

Quem são os três anjos que apareceram a Abraão? Eles são Miguel, Gabriel e Rafael. **Miguel** veio anunciar o nascimento de Yitschaci (Isaac). O anjo Miguel (מיכאל) significa “*que é como D’us*”, ou um anjo mensageiro de D’us. **Gabriel** veio com a missão de destruir Sodoma e as outras cidades ao redor. Da mesma forma, Gabriel (גבריאל) tem o significado de “*D’us é minha força*”. **Rafael** veio curar Abraão. A origem Hebraica do nome Rafael (רפאל) tem o significando “*D’us curou*”.

Ao olharmos a Gematria da expressão “*e eis que três*”, vehineh sheloshah (וְהִנֵּה שְׁלוֹשָׁה), vamos encontrar os seguintes valores: 6+5+50+5+300+30+300+5=701. Agora tomando a expressão “*esses Gabriel, Miguel, e Rafael*” em Hebraico tem-se: êlu (אֵל), 37=1+30+6; Gavriel (גַּבְרִיֵּאל), 3+2+200+10+1+30=246, Michael (מִיכָאֵל), 101=40+10+20+1+30 e veRafael (וֵרַפְאֵל), 317=6+200+80+1+30. Agora somando 37+101+246+317=701, mostrando implicitamente quem são os anjos. Os Patriarcas e a Educação, pg.106.

Abraão se coloca diante de D'us para interceder por Sodoma e Gomorra. O contraste entre sua bondade e a crueldade das cidades é o ponto central do relato. Enquanto Abraão abre sua tenda a todos e oferece hospitalidade, os habitantes de Sodoma são marcados pela rejeição ao outro e pela violência. O Rebe de Lubavitch explica que aqui se revela o verdadeiro sentido da fé, ou seja, ela não pode nos levar ao isolamento, mas a um compromisso moral com o mundo. Abraão, ao saber do decreto Divino, não se cala. Ele argumenta e súplica pela vida das pessoas daquelas cidades.

“E Avraham se aproximou e disse: Acaso destruirás o justo com o perverso?” (B18:23). Essa ação de “aproximação” nos indica que Abraão tinha o propósito orar e argumentar. Isto nos mostra que a fé não nos deve conduzir de forma que nos transformemos em uma pessoa passiva, mas devemos dialogar com o Criador. O Rebe observa que Abraão precisou ir contra sua própria natureza gentil, ao expressar-se com firmeza ao ‘exigir’ a misericórdia de D'us. Isto mostra o amor pelo outro que Abraão tinha, mesmo sabendo que àquelas pessoas possuíam uma conduta muito distante das dele próprio. O justo transcende o próprio ego e intercede até por quem não merece, tornando-se um canal da compaixão Divina no mundo. Bereshit Rabbah 49:08 in www.sefaria.org.

Ao reduzir gradualmente o número de justos necessários para salvar as cidades, Abraão busca equilibrar o rigor (Gueburah) com a bondade (Hessed). Embora 4 cidades tenham sido destruídas, este evento nos mostrou que o Ser Humano tem a capacidade de unir a misericórdia com a justiça. Portanto, trazendo a Luz de D'us aos lugares mais escuros. O Rebe conclui que a lição de Abraão é clara. Quando surge a oportunidade de salvar alguém, física e/ou espiritualmente, não devemos hesitar. Servir D'us é servir à vida. O verdadeiro encontro com o Divino se manifesta quando o amor se transforma em ação concreta. Zohar Vayerá 181-185 in <https://www.zoharonline.org/Zohar-portugues-Vayera>.

3.(Vayerá) – Gênesis 19:01-20 – *“Apesar das súplicas de Avraham, a perversidade de Sedom e seus vizinhos era tão grande que não podia ser ignorada. Os anjos chegaram na casa de Lot para resgatá-lo da iminente destruição. Piedade desviada. Os anjos disseram: ‘... pois vamos destruir este lugar, porque aumentou-se o clamor diante de D'us, que nos enviou para destruí-lo’.*

A perversidade de Sedom e seus vizinhos foi uma reação equivocada e exagerada ao Dilúvio de Nôach. A geração do Dilúvio foi eliminada principalmente porque praticava e aceitava o roubo o ato de retirar à força e de modo injusto a propriedade de uma pessoa por parte de outra. Conscientes disso, os residentes de Sedom declararam que os direitos de propriedade eram totais e proibiram a caridade e a hospitalidade, considerados como usos injustos dos bens de outra pessoa. Em seu zelo, as pessoas de Sedom não perceberam que o extremo oposto era tão destrutivo como aceitar e aprovar o roubo. Então, como o mundo não podia cumprir seu propósito de ser uma verdadeira moradia para D'us, pois os Seres Humanos não conseguiam viver uns com os outros, Sedom e seus vizinhos tinham que ser eliminados, assim como foi a geração do Dilúvio. No entanto, como suas intenções - por mais distorcidas que fossem - provinham do desejo de realizar o que é correto, sabemos que estas cidades serão restauradas na Era messiânica (Ezequiel 16:53). Aprendemos com isso que nosso desafio é encontrar o equilíbrio adequado, em vez de levar uma vida de extremos”.

Logo ao iniciarmos a leitura deste capítulo, nos vem à mente a seguinte questão: **Por que Lot e parte de sua família não foram mortos junto com os outros habitantes de Sodoma?** De certa forma, principalmente o início do capítulo 19, apresenta-se como uma continuação da visão de Abraão do porquê as 5 cidades da Planície que são Sodoma, Gomorra, Admá, Tzevoim e Belah que depois passou a se chamar de Tzoar (Pequena), seriam destruídas. O ponto chave é que não restava ninguém que não tivesse se corrompido naquelas cidades. Portanto, não havia justos vivendo naquelas cidades, tão pouco a Luz que emana por meio da presença destas pessoas. Até mesmo Lot não foi considerado justo, porque o justo não escolhe viver entre pessoas que são más.

Neste ponto é importante analisarmos a questão do número de justos que, teoricamente, suportam este mundo. Veja que, em Sodoma e nas cidades vizinhas, não havia justos. Assim, nos perguntamos: **O mundo se sustenta graças à presença da Luz emanada por meio dos 36 justos ocultos?** Eles são chamados de (ל"ו צדיקים) (Lamed-Wav Tsadikim), que literalmente significa os trinta e seis justos.

Otzar Midrashim, Sefer HaBahir ("The Book of Brightness") Sefaria Community Translation, in www.sefaria.org.

O Talmud afirma: “*O mundo tem nada menos que trinta e seis justos em cada geração que saúdam a Presença Divina.*” (Sanhedrin 97b, The William Davidson Talmud, (Koren - Steinsaltz), in www.sefaria.org). Esses trinta e seis são chamados de Tsadikim Nistarim (justos ocultos), pois suas identidades não são conhecidas nem mesmo por eles próprios. Vivem discretamente, entre as pessoas comuns, sustentando espiritualmente o mundo pela pureza de suas ações e pela sinceridade de seus corações.

A Cabalá nos apresenta que os 36 justos representam os 36 canais de luz (Orot) que sustentam a harmonia dos mundos. O número 36 (ל"ו) é significativo porque corresponde a Luz primordial, ou a Luz Oculta (Or HaGanuz). A Luz brilhou durante os três primeiros dias da Criação. Como cada dia tinha 12 horas de Luz e 12 horas de escuridão, totaliza-se as 36 horas. No sexto dia, quando D’us criou Adão e Eva, Ele lhes confiou essa Luz. Eles a possuíram por 36 horas até o fim do primeiro Shabat. Ela foi ocultada pelo Eterno após o pecado de Adão e Eva e agora se revela por meio dos justos. Ou seja, cada um dos 36 Tsadikim é um meio vivo da Luz Oculta, mantendo assim o equilíbrio entre o bem e o mal, entre o julgamento e a misericórdia e/ou entre o visível e o invisível.

O Que é o Zohar, o Livro do Esplendor in www.pt.chabad.org. e https://www.sefaria.org/Sulam_on_Zohar%2C_Introduction.108.1?lang=bi.

Esses 36 justos são protetores de toda a humanidade. O Midrash Mishlê (sobre Provérbios 10:25) diz que “*o mundo inteiro se mantém por causa dos justos*”. A tradição Hassídica diz que há justos revelados em cada geração, como Moshe, os profetas, ou o próprio Mashiaich e há justos ocultos, que sustentam o mundo através da humildade absoluta. Sermão Kol Nidre do Rabino Zwerin.

https://web.archive.org/web/20030118221508/http://americanet.com/Sinai/resources/sermons/Zwerin_YKKN02.html

Porém, prezado Pedreiro, é importante nos lembrarmos que mesmo que não sejamos um dos 36 justos ocultos, cada ato de bondade, cada oração sincera e/ou cada gesto de compaixão pode sustentar o mundo por um instante. Os Tsadikim Nistarim não são figuras distantes, mas um alvo a ser buscado. Cada Ser Humano tem o poder de, mesmo que seja por um instante, tornar-se um desses justos, trazendo equilíbrio e Luz à criação. Os 36 justos ocultos não são apenas indivíduos, mas são um estado de consciência universal. É a presença viva da Luz Oculta que, por meio de corações puros, continua a sustentar o mundo.

Obs.: Os Geresháyim (״) são usados para indicar que as letras lidas são uma abreviação. Ele é colocado antes da última letra da sequência abreviada. Assim (ל״ו) se lê como Lamed-Wav, ou seja, 36 que é a soma dos valores dos caracteres (ל) (30) e (ו) (6).

Retornando, temos que Rashi em B18:16, pg. 78, descreve que já se haviam passados 24 anos desde que Lot havia se mudado para Sodoma e ele não conseguira reformar seus habitantes nem tão pouco os das outras 4 cidades vizinhas. Na realidade eles tinham até mesmo transformado em leis a proibição de alimentar os pobres e famintos, alegando que era injusto para com aqueles que trabalhavam para ganhar a vida e estes tivessem de dividir com quem não o fazia. Rashi conta que “*certa vez, uma menina pequena deu um pedaço de pão a um homem necessitado; quando o “crime” foi descoberto, cobriram o corpo da menina de mel, e ela foi picada por abelhas até a morte. Enquanto agonizava, ela clamou a D’us*”. O Eterno D’us ouviu o clamor daquela menina.

Nesta mesma página Rashi apresenta que “*Lot não foi capaz de modificar os seus vizinhos porque, embora defendesse da boca para fora os ideais de Abraão, no íntimo ele tolerava a conduta deles e até os admirava. Portanto, ainda que ele mesmo não praticasse essas más ações, D’us o julgava culpável delas*”.

Lendo Tora Bereshit 19:01 vê-se que os dois anjos chegaram a Sodoma ao pôr do sol, enquanto Lot estava sentado na área dos portões da cidade. Segundo Rashi 19:01, pg. 81, “*Lot estava sentado no portão da cidade de Sodoma, em função de ter sido designado, naquele mesmo dia, como juiz supremo, e o tribunal localizava-se ao portão da cidade. Além disto, ele estava à procura de hóspedes, pois Abraão o ensinara a ser hospitaleiro*”.

O fato de Lot estar sentado a porta de Sodoma como um juiz, é decorrente do fato que ele havia obtido a respeitabilidade, quando da libertação do povo de Sodoma realizada por Abraão, fato que ocorreu durante a guerra provocada por Kedarlaômer. Assim, por ser parente de Abraão, que tinha sido vitorioso naquela guerra, estava sendo tratado com honra. Por outro lado, o fato de ter obtido este respeito pessoal, o fez fechar os olhos para a ação pecaminosa do povo. Esse pensamento é decorrente do fato que as filhas de Lot se casaram com os residentes de Sodoma. Neste período, aparentemente, todas as relações entre ele e Abraão haviam cessado, tendo Lot perdido o advento da aliança da circuncisão.

Ao ver aqueles homens se aproximando de Sodoma ao entardecer, Lot levantou-se, cumprimentou-os e prostrou-se, convidando-os a seguirem com ele até a casa de Lot, por um caminho mais longo, de forma que evitassem ser descobertos pelos habitantes de Sodoma. Embora demonstrassem alguma resistência, aqueles homens aceitaram pernoitar na casa de Lot em função de sua forte insistência.

Embora Lot tenha optado em morar entre pessoas más, havia guardado o costume de Abraão pela hospitalidade. Também pode-se perceber que Lot tinha um excessivo apego aos bens materiais, visto que ele fica extremamente preocupado com os bens materiais quando é comunicado que a cidade seria destruída. Esse também foi o motivo que o fez separar-se de Abraão e que veio a dificultar sobremaneira a sua própria vida.

Lot recebeu os dois anjos em sua casa e os protegeu inclusive oferecendo entregar suas duas filhas aos homens de Sodoma, a fim de que não fizessem mal aos visitantes. Assim, aprendemos que não devemos ser ingratos com aqueles que nos fazem bem. Portanto, os anjos se preocupam com Lot e sua família, buscando que fossem salvos, como uma forma de gratidão pela proteção recebido no dia anterior.

No Livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 91, apresenta que em “*Bereshit 14:14 consta que Avraham se arriscou para salvar seu sobrinho Lot, que fora sequestrado. Ele foi guerrear para salvá-lo pois tinha profetizado que Rute, a Moabita, seria de sua descendência. Ela foi a bisavó do Rei David, e dele surgirá o Rei Mashiach*”.

Assim, se olharmos para o nome de Adão em Hebraico (אדם) encontramos que a Guematria é $1+4+40=45$. Se olharmos agora para o nome de Lot (לוט), temos $30+6+9=45$. Adam e Lot tem o mesmo valor numérico, querendo dizer que ambos carregam dentro de si o aspecto humano. Adam é o Ser Humano primordial. Porém retirando o Wav do nome de Lot o nome se torna Ló (לֹט). Ou seja, retira-se o aspecto humano que pode ser bom ou mal o tempo todo e obtém-se 39. Ou seja, essa é a fração de Lot que não está associada ao aspecto humano. De certa forma, $9+3=12$, ou seja, o aspecto espiritual está ligado às 12 tribos de Israel.

Agora se tomarmos o nome de Abrão (אברם) e fizermos a Guematria temos $1+2+200+40=243$ e se diminuirmos o valor do nome de Lot sem o Wav (39) encontramos 204. Mas se somarmos $2+0+4=6$, que é o caractere Wav que está associado ao aspecto humano de Abrão. Ou seja, Abraão era um homem merecedor, Ló tirando o aspecto humano, também se transformava em um ser merecedor.

A letra Wav, que tem o valor 6, representa a conexão ou a união entre os mundos espirituais e o nosso mundo. No topo da letra ela é mais larga, ou seja, é onde a energia é máxima, depois vai descendo e diminuindo a largura (energia) até que termina em um ponto conectado com a terra (representa a conexão entre o espiritual e o material - céus e terra). Quando o Eterno D'us criou o mundo, também criou a matéria. Assim, a letra Wav representa também a materialidade. Qualquer corpo que ocupa espaço neste mundo contém 6 lados, ou seja, é semelhante a um dado, que é formado pelas faces norte, sul, leste oeste, encima e embaixo. Vejam que os pinos que são fincados no chão para segurar as cordas de uma barraca tem a forma do Wav, pois firmam a barraca ao chão. Se virarmos o Wav de cabeça para baixo, ele toma a forma de uma perna, onde a parte mais grossa, significa o pé. No Ser Humano, a nossa conexão ao solo é realizada pela perna com o pé. Embora o Wav represente a conexão do espiritual com o material, a pessoa pode apenas se conectar com o lado material. Este sempre foi o grande problema de Lot. A raiz da separação de Lot de Abraão, foi justamente a importância dada por Lot ao aspecto material.

Portanto, é provável que a parte do conjunto alma - matéria de Lot, que estava mais associada com uma pessoa justa, tenha se irritado com o proceder perverso daquele lugar, ao presenciar os atos bárbaros perpetrados por aquelas pessoas, dia após dia durante anos. Isto fez com que Lot procurasse ser hospitaleiro com os viajantes, ter se colocado em risco de morte pelos habitantes de Sodoma, ter oferecido suas filhas aos homens de Sodoma, que ainda não haviam conhecido homem algum, ou seja, para terem relações sexuais com aqueles homens. Embora o fato de oferecer as suas filhas seja um ato em si, também reprovável.

Mas, no conjunto, esse proceder, proporcionou que os anjos retirassem Lot e parte de sua família para longe da cidade de Sodoma. Lot ao se retirar, não conseguiu convencer as suas duas filhas, já casadas com homens de Sodoma, de que o Eterno D'us havia enviado dois anjos para destruir essa e outras 4 cidades da região.

Segundo Rashi Bereshit 19, pg. 83, além de apressar Lot para deixar seus bens materiais para trás e fugir, o aconselhou a seguir para junto de Abraão. Mas, ele relutou pedindo benevolência, posto que perto de Abraão ele seria julgado indigno. Assim, ele pediu que poupassem a cidade de Belah, que havia sido fundada mais recentemente que as outras cidades da planície. Aquelas cidades surgiram no ano da dispersão. Disse Lot que Belah estava menos arraigada no pecado do que as outras 4 cidades e ainda não merecia ser destruída. E lá Lot seria considerado um justo. Desta forma a cidade de Belah foi poupada e por ser uma cidade pequena passou a se chamar Tzoar [Pequena] (צֹאֵר). B19:20.

Um outro ponto do porquê a cidade de (צֹאֵר) foi poupada é apresentado em Rashi Bereshit 19:29, pg. 84, que diz que *“Quando D'us destruiu as Cidades da Planície, D'us lembrou-se de que Lot protegera Abraão no Egito, participando do fingimento de que Sara era sua irmã, e, como recompensa, Ele tirou Lot do meio da sublevação quando aniquilou as cidades onde Lot estivera vivendo, embora, com toda a certeza, ele merecesse perecer junto com os outros”*.

Um terceiro ponto é que o nome Tzoar significa pequeno. No Hassidismo interpreta-se que o nome ‘pequeno’ simboliza a humildade e, sendo assim, o pequeno é preservado diante do Grande. Lot, ao dizer *“é pequena”*, expressou inconscientemente a chave espiritual da salvação. Quem se reconhece pequeno diante de D'us desperta a misericórdia.

Mas, durante a estada dos dois anjos na casa de Lot, a população foi acometida de cegueira. **Qual o significado desta cegueira?** A cegueira caracteriza-se pela privação da visão. A pessoa que tem cegueira fica impedida de ver ou identificar por meio da visão algo ou alguém. Em Rashi Bereshit, pg. 82, fala que os *“Anjos milagrosamente infligiram cegueira às pessoas que estavam a entrada da casa, primeiro aos jovens, pois eram eles os instigadores, e em seguida aos velhos, de modo que as pessoas tentavam em vão encontrar a entrada”*.

Entretanto, a cegueira imposta as pessoas que circundavam a casa de Lot, foi mais intensa que apenas a falta de visão, foi um distúrbio da razão, ou seja, os anjos lhes infringiram também a falta de discernimento pois não eram capazes de perceber onde se encontravam e o que havia ao seu redor. Assim, Lot conseguiu sair de sua casa e ir até a casa de seus genros, para lhes pedir que se preparassem para partir porque o Eterno D'us iria destruir a cidade de Sodoma. Eles não acreditaram em Lot, permanecendo na cidade.

Esse aspecto da “cegueira” foi de forma semelhante descrita em Tanah 2 Reis 06:18, pg. 1019, “*E desceram a ele, e Elishá rezou ao Eterno e disse: ‘Fere, peço, esta gente com cegueira!’ – e feriu-a com cegueira, conforme a palavra de Elishá*”. Mas, para compreender todo o contexto, é importante ler **Tanah** 2 Reis 06 e 07 completos.

Mas, em ambos os casos, se não tivessem auto entregues a dureza de seus corações, tal cegueira poderia tê-los convencidos de que estavam no caminho errado e desagradando seriamente ao Eterno D'us, portanto a atitude seria desistir imediatamente de suas ações. Assim, procediam como alguns bêbados, que, embora seus olhos estivessem abertos, não podiam distinguir entre as coisas que enxergam. Reiteradamente, prosseguiram e procuraram a porta da casa de Lot, com toda força que dispunham no sentido de realizar os seus objetivos. A confusão se estabeleceu, pois contradiziam-se uns aos outros, porque pensavam ter visto a porta. Ou seja, tal qual os sírios supunham que a localidade era conhecida por eles. Cada um pensava ter encontrado a porta, pressionavam-na, lutavam e brigavam entre si, mas sempre falhavam.

É uma profunda imagem simbólica de homens entregues à escuridão e que vendo não enxergam, porque rejeitaram a Verdadeira Luz. Caro Pedreiro, é necessário retirar as vendas que encobrem a nossa visão.

Ou seja, a destruição de Sodoma e as cidades vizinhas é decorrente de um desequilíbrio extremo das forças de Gueburah (rigor e julgamento). Assim como a geração do Dilúvio havia corrompido o atributo de Hessed, por meio do roubo; os habitantes de Sodoma corromperam o atributo do rigor (Gueburah), ao transformar a justiça em crueldade. A intenção original de proteger a propriedade e a ordem social, degenerou em egoísmo institucionalizado, ao negar ajuda ao necessitado, hostilizar o estrangeiro e proibir a hospitalidade. Olhando para o Livro A Árvore da Vida Segundo a Cabala, posição 1822 “*O pecado não é uma ação contra D'us, o pecado é uma ação que destrói o Divino que está em nós*”. Assim, ao bloquear o fluxo de generosidade, eles interromperam o canal pelo qual a energia Divina flui ao mundo.

4.(Vayerá) – Gênesis 19:21-21:04 – “*O anjo enviado para aniquilar Sedom disse a Lot que em breve ele destruiria a cidade, como se tivesse o poder de fazê-lo sozinho. As palavras importam. O anjo disse a Lot: ‘Apresse-se! Fuja [para a cidade mais próxima], pois não posso fazer nada até que você chegue lá’.*”

Os anjos não possuem uma identidade própria; eles são simplesmente personificações das missões de D'us. Por isso, quando os anjos declararam: ‘vamos destruir a cidade’, queriam dizer que D'us destruiria a cidade por intermédio deles, uma vez que eles não se consideram separados d'Ele.

Entretanto, Lot entendeu erroneamente que eles tinham poderes independentes de D'us. É por isso que o anjo encarregado de salvar a Lot foi forçado a dizer: ‘Eu não posso fazer nada até que você chegue lá’, afirmando claramente que seu poder vinha de D'us.

Quando falamos com os outros, também temos que considerar o modo como as nossas palavras serão interpretadas para nos assegurarmos de que nossas intenções não sejam mal compreendidas”.

Um outro ponto muito importante de ser analisado é o porquê a esposa de Lot, ao se virar para ver o que estava ocorrendo com as cidades da Planície, virou uma estátua de sal? Segundo Rashi, pg. 83, a cidade de Sodoma, Gomorra e as outras duas cidades foram destruídas depois de Lot e sua família terem chegado a Tzoar, quando o sol já se erguera sobre a terra, mas a lua ainda estava no céu, a fim de que os adoradores do sol ou da lua não pudessem ter desculpas, caso um deles não estivesse no céu, pois poderiam dizer que se tal astro estivesse no céu, a destruição das cidades não teria ocorrido.

Mas, é bom lembrar que em Torá Bereshit (Gênesis) 01:01, pg. 1, encontramos a palavra **Elohim** (אלהים) e utilizando-se da Guematria tem-se que Alef=1 (א), Lamed=30 (ל), Hei=5 (ה), Yud=10 (י) e Mem final=40 (ם), totalizando 86. Buscando uma palavra em Hebraico que poderia ter esse mesmo valor, encontra-se a palavra hatevá (הטבע), “a natureza”. Da mesma forma, a Guematria nos indica que Hei=5 (ה), Tet=9 (ט), Beit=2 (ב) e Ayin=70 (ע), totalizando também 86. Ou seja, existe uma íntima relação entre Elohim e a natureza! A natureza reage aquilo que o homem está realizando.

Tanto no aspecto do dilúvio quanto no aspecto da destruição de Sodoma, Gomorra, Admá e Tzevoim estes eventos podem ser unificados, relembrando um aspecto referente ao pecado: segundo o Rabino Joseph Saltoun no livro A Arvore da Vida, posição 1822 “*O pecado não é uma ação contra D’us, o pecado é uma ação que destrói o divino que está em nós*”. A destruição da ligação entre criatura e Criador, de fato é que levou a ocorrência tanto do evento do Dilúvio quanto da destruição das cidades acima citadas. Ou seja, esses acontecimentos resultaram no rompimento da relação entre a criatura e o Criador, que o Eterno não o permita.

O ensinamento da Tanakh Mishlê (Provérbios) 10:23, pg. 1899, tem-se: “*Para o insensato, praticar o mal é uma diversão, assim como o é ao sábio aumentar seu conhecimento*”. Se olharmos a Guematria de “vidas” Hayym (חיים) tem-se 8+10+10+40=68. Se olharmos a Guematria de “inteligente” Hakham (חכם) 68= 8+20+40, ou seja, o homem inteligente valoriza a vida. O tolo persegue o pecado e logo é apanhado pela morte. Blech, no Livro The Secrets of Hebrew Words, pg. 49.

Em Rashi Bereshit 18:16, pg. 78, encontramos que “*Lot nem sequer pode corrigir a inospitalidade inveterada de sua mulher sodomita. Quando ele lhe sugeriu que passasse o sal para os convidados, ela o repreendeu por esse pedido, considerando mau comportamento*”. Em Rashi, pg. 84, encontramos que “*a mulher de Lot virou-se, olhou para trás dele, para a destruição, e transformou-se em um pilar de sal, como retribuição por ter negado sal a seus convidados*”.

Era costume naquela época a esposa caminhar atrás alguns passos do marido e Lot não podia vê-la e talvez impedir que se detivesse para olhar para trás. Estavam caminhando rapidamente de Sodoma para Tzoar. Provavelmente, ela diminuiu um pouco o ritmo da caminhada e se rendeu a tentação de olhar para trás. Na realidade naquele momento tudo que ela conhecia, a sua casa, a família de seu pai, as suas filhas, seus bens materiais, o povo de Sodoma, tudo estava tendo fim. Ela não resistiu, olhou para trás e foi severamente punida.

Portanto, o olhar para trás é uma expressão de apego interior ao passado e às posses deixadas. Ela saiu da cidade, mas o espírito da cidade permaneceu nela. O sal, é um elemento que conserva, mas não dá vida. Simboliza, portanto, a estagnação espiritual e o congelamento da alma que não consegue romper com o que deve ser abandonado.

A Torá (Devarim) 29:18-26, pg. 591 e 30:11-14, pg. 593, mostra que olhar para a nossa própria consciência é o que devemos fazer, pois não está no céu, não está longe de nós, mas sim dentro de nós mesmos o amor e o temor ao Eterno D'us. Se nos esquecermos do Eterno D'us, desliga-se o Divino que existe em nós e a natureza pode tornar-se turbulenta, que o Eterno não o permita.

Assim, este episódio nos mostra que a alma humana está dividida entre a libertação e o apego. Enquanto Lot avança para um novo destino, confiando na direção Divina, a sua mulher olha para trás e se torna símbolo da nostalgia que impede a ascensão. Isto nos ensina que não basta deixar Sodoma fisicamente; é preciso abandonar interiormente as estruturas do ego, desejo e materialismo que nos prendem. Aquele que volta o olhar ao passado abandona a coluna de luz e se fixa na coluna do julgamento. A estátua de sal permanece, assim, como uma lembrança eterna de que o caminho espiritual exige decisão. Ou seguimos rumo à Luz, ou nos cristalizamos na saudade do que precisa morrer.

Embora o Eterno D'us tivesse atendido o pedido de Lot e poupado Tzoar, Lot subiu de Tzoar e estabeleceu-se no monte vizinho, com suas filhas e em uma caverna, pois teve medo de permanecer em Tzoar, em função da proximidade com a cidade de Sodoma. Segundo Rashi, pg. 84, *“por providência Divina, havia toneis de vinho na caverna”*.

Mas, como ocorreu o evento em que Lot conhece suas duas filhas (incesto)? É bom lembrar aqui que existe a Mitzvah Proibição número 336, que pode ser lida no Sefer Hamitsvot, no Estudo 88, pg. 180, em que um homem fica proibido de cometer incesto com sua própria filha. Associado a essa Mitzvah há um fundamento que pode ser encontrado Sefer Hamadá 2, pg. 4, onde encontramos *“que o estudo tem precedência sobre a ação, pois o estudo conduz à ação, ao passo que a ação não conduz ao estudo. Os comentaristas explicam que a opinião de Rabi Tarfon é que o propósito da vida de um judeu é o cumprimento da vontade de D'us, que está revelada nas Mitzvot. Ao cumprir as Mitzvot, a pessoa se eleva sobre sua condição humana e executa atos Divinos, estabelecendo assim uma conexão com a essência de D'us. A opinião de Rabi Akiva é que também o estudo é uma Mitzvah e, portanto, ao estudar Torá, também se cumpre a vontade de D'us. Além disso, através do estudo a pessoa pode internalizar a sua conexão com a Divindade e revelar a ligação que tem com Ele, não só no âmbito da ação como também do pensamento. A opinião dos sábios é que a pessoa deve ser completa tanto na ação quanto no estudo. Assim, o estudo é mais importante por levar a ação”*.

Evidentemente, o evento ao qual Lot se envolveu sexualmente com suas filhas, é muito anterior ao acima citado. Entretanto, Lot havia se separado de Abraão que era uma pessoa completa tanto na ação quanto no estudo. Portanto, suas ações não estavam mais alicerçadas nos conceitos espirituais estabelecidos e vividos pelo grupo de Abraão.

Certamente, aterrorizado com a rápida fuga para Tzoar, a morte terrível de sua esposa e a pavorosa destruição que ocorreu no vale próximo, Lot deixa Tzoar e refugia-se em uma caverna na montanha. É possível também que o pânico tenha se instalado nos habitantes de Tzoar e estes tenham também deixado a cidade e se refugiado nas elevações adjacentes.

Assim, Lot se viu sozinho contando apenas com suas duas filhas como únicos companheiros. Aqui entra a questão do afastamento de Lot de Abraão, a questão dos estudos e o afastamento do Eterno D'us. Ou seja, a vida que ele havia se acostumado em Sodoma lhe turva a visão.

As filhas de Lot inicialmente amedrontadas por tudo que haviam vivido e tomadas por um sentimento que lhes parecia natural, pensaram que todos os Humanos haviam sido extintos, com exceção daquele núcleo familiar. Sentiram também a necessidade premente de terem descendentes, visto a idade avançada de seu pai *“Lot”* e a ausência de homens que poderiam se casar com elas. Ou seja, pouco tempo lhes restariam para terem filhos e filhas. Nesse caso, essa conduta parece justificável em função

do momento que estavam vivendo. Além disto, os costumes e leis trazidos em suas mentes de Sodoma, não apontavam qualquer ilegalidade no ato que iriam praticar, embora a relação carnal entre pai e filhas é sempre repugnante à natureza.

Segundo Rashi, pg. 85, *“as filhas deram vinho ao pai embebedando-o. A mais velha foi e dormiu com o seu pai, mas ele estava tão embriagado que não soube que era ela quando ele se deitou a seu lado. Porém, quando se levantaram, ele estava sóbrio o suficiente para perceber que era ela, mas fingiu não saber.*

No dia seguinte, as filhas repetiam o proceder, embriagando o pai. Embora estivesse consciente do que ocorrera na noite anterior, Lot não se recusou a beber novamente do vinho, por causa de seu fascínio secreto por relações ilícitas. Dessa vez, a filha mais nova se levantou e dormiu com ele, mas de novo, ele estava tão embriagado que não soube que ela é que se deitara nem que se levantara”.

O Midrash Rabbah (51:08) in www.sefaria.org, afirma que, embora o ato fosse moralmente errado, a intenção delas não era pecaminosa, mas movida pelo desespero e pela ingenuidade, uma tentativa de dar continuidade à humanidade. A Cabalá vê aqui a manifestação da mistura de bem e mal, que caracteriza o mundo após o Éden. Mesmo um ato moralmente problemático pode conter uma centelha de pureza, que o Criador permite se manifestar para cumprir um propósito maior. Assim, o incesto é entendido como um ato de erro com intenção positiva, um reflexo da condição humana após a queda, em que a santidade se encontra aprisionada dentro da matéria e das paixões.

Ambas as filhas de Lot conceberam filhos de seu pai. A mais velha deu à luz um filho chamado Moabe, que se tornou o ancestral do povo moabita. A filha mais nova também deu à luz um filho chamado Ben-Ammi, ancestral do povo amonita. Séculos depois, dessas nações surgiram figuras como Rute, a moabita, e Naamá, a amonita. Rute entrou na linhagem real de Israel e tornou-se bisavó do rei Davi, integrando a genealogia Davídica. Naamá, esposa de Salomão, foi mãe de Roboão, que sucedeu a seu pai em Judá, continuando a linhagem Davídica. Assim, do episódio vergonhoso narrado em Gênesis, a Providência Divina fez emergir elementos que contribuíram para a história da redenção.

Recordamos que a Cabala é um conjunto de ensinamentos esotéricos feitos para explicar a relação entre um imutável, eterno e misterioso AIN Sof (sem limites) e o universo mortal e finito (criação do Eterno D’us). No fundo a Cabala nos ensina a receber. Ou seja, prepara a Humanidade para receber o único elemento faltante em nosso mundo que é a percepção da presença do Criador. Laitman, Cabala Alcançando Mundos Superiores, pg. 18).

Vivemos recebendo muito mais do que doamos, recebemos a energia e a luz do sol, a luz da lua e dos luminares, alimentos, vestimentas, fármacos, ensinamentos, a presença dos animais, das plantas, peixes, insetos, bactérias, vírus, fungos, sem os quais não existiríamos, além do amor de nossos semelhantes, a perfeição do planeta, do sistema solar, da galáxia e do universo. Gratidão é o que devemos praticar diuturnamente.

Porém, Abraão continua a seguir para o Sul (Negev), situação que podemos encontrar ao iniciarmos a leitura do capítulo B:20. **Mas, porque Abraão partiu de Hebron para a terra do Sul (Neguev)?** *“E amarás ao Eterno teu D’us”* (Deuteronômio 06:05). Este estrato compõe parte da oração Shemá (שמע ישראל) – Ouça Israel. Resumidamente, deve-se fazer com que o amor e o temor ao Eterno D’us seja convertido em ações, mas também trazido no coração e na alma. A palavra *“Kavaná”* (כַּוְנָה) é a intenção ou direção do coração, a qual a pessoa está imbuída. Assim, em função da destruição das cidades da planície, a cidade de Hebron havia deixado de ser, naquele momento, um ponto de passagem importante das caravanas que normalmente cruzavam a região. Além disto, Lot adquiriu má reputação, assim que a gravidez de suas filhas se tornou evidente, posto que era óbvio que ele

cometera incesto com elas. Segundo Rashi, pg. 85, foram essas as duas razões que fizeram com que Abraão partisse em direção ao Negev, se estabelecendo entre Cadesh e Shur e por fim residiu temporariamente em Guerar, uma cidade filisteia.

Por outro lado, olhando para a Árvore da Vida, percebe-se que Abraão representa Hessed, misericórdia ou o amor incondicional ao Eterno D'us. Assim, Abraão e Sara dedicavam a vida a inspirar a outros a abandonar a idolatria e a servir ao Eterno D'us. Uma das formas utilizadas por Abraão e Sara era oferecer abrigo aos viajantes. Segundo Rashi Bereshit, pg. 91, ele induzia as pessoas a proclamarem o nome de D'us, o D'us do Universo. Após ingerirem uma succulenta refeição gratuita, os hóspedes se levantavam para agradecer ao proprietário e abençoá-lo. Abraão respondia: *“Acaso comeste de minha comida? O que comeste pertence ao Senhor do Mundo. Agradecei e louvai Aquele que falou e o mundo passou a existir!”*.

Mas, que força levava a Abraão e Sara a dedicarem grande parte de suas vidas a essa tarefa? Era a força da Misericórdia! Pois, fazer com que as pessoas retornassem ao caminho do Eterno D'us, poderia fazer com que as vidas dessas pessoas adquirissem uma nova e melhor dimensão. Veja que segundo a Torá, pg. 50, no comentário sobre o versículo 6, diz que Abraão havia escolhido a Filisteia por ser uma região populosa, tendo, portanto, uma maior oportunidade de espalhar a sua mensagem espiritual.

Porém, quando do advento da comunicação a Abraão e Sara que estes teriam um filho (Isaac), Sara recobrou a sua beleza juvenil. Abimélech sabendo da beleza de Sara, buscou saber qual a situação daquela mulher e Abraão informou que ela era a sua irmã, mas desta vez sem a aquiescência de Sara. Abimélech também perguntou aos servos de Abraão e todos disseram o mesmo. Ou seja, Abraão repetiu o mesmo erro ao dizer, novamente, que Sara era sua Irmã.

Pode um profeta mentir? Pode um profeta pecar? Da mesma forma que no Egito; Abraão ficou com medo de ser morto, caso ele dissesse que Sara era sua esposa. Posto que, segundo Rashi, pg. 86, quando Abraão chegou à cidade, as pessoas não perguntaram se ele e sua comitiva gostariam de comer ou beber, mas se sua companheira era sua irmã ou sua mulher. Por isso, ele disse a si mesmo: *“Simplesmente não há temor a D'us neste lugar, e me matarão por causa de minha mulher se eu revelar sua verdadeira identidade”*.

O pecado é um ato e não um estado do Ser. Possuindo o Ser Humano o livre arbítrio, é, portanto, a escolha deliberada do mal em detrimento do Bem (Tanah Tehilim -Salmo 37, pg. 1735). Ou seja, **auferir de algo sem ser merecedor de tal conquista, é o fruto proibido**. Também já foi citado acima que segundo o Rabino Joseph Saltoun no livro A Árvore da Vida *“O pecado não é uma ação contra D'us, o pecado é uma ação que destrói o Divino que está em nós”*. Ou seja, Abraão pensou somente na sua pessoa, auferiu uma teórica segurança (**fruto proibido**), mas colocou em risco a esposa, o povo que o estava hospedando e a própria aliança que havia feito com o Eterno D'us. Isto é, por um momento Abraão deixou de confiar no Eterno D'us. Cometeu pela segunda vez o mesmo “erro” que já havia feito, quando anteriormente passou pelo Egito.

Supõe-se que o Eterno D'us desejasse mostrar a Abraão e, especialmente, a todos nós que devemos permanecer alerta a todo momento para que o instinto mal, presente no Ser Humano, não venha a provocar uma interrupção na conexão entre a pessoa e o Divino. Até mesmo o grande Patriarca Abraão pode errar.

Mas, há um ensinamento muito importante ressaltado no livro Sefer Hamadá 1, Cap. 6, pg. 193, onde encontramos que *“Quando alguém pecar contra o seu próximo, este não deverá guardar rancor e permanecer calado, conforme se diz sobre os ímpios: E Avshalom não falou para Amnón. Pelo contrário: Está preceituado [que a vítima] deve tornar o assunto conhecido [do agressor], dizendo*

a ele: Por que você pecou contra mim em tal assunto? Conforme está dito: Certamente repreenderás teu companheiro. Se, posteriormente, [o agressor] pedir desculpas, [a vítima] deverá perdôá-lo sem usar de um comportamento cruel, conforme se depreende do dito: E Avraham orou a D'us". Em Torá Bereshit (Gênesis) 20:17, pg. 51, encontramos que "Abraão orou a D'us; e curou D'us a Abimélech e a sua mulher e suas servas, e elas tiveram filhos, porque tinha fechado D'us toda a matriz da casa de Abimélech, por causa de Sara, mulher de Abraão".

É importante ressaltar que, de acordo com a Torá, um profeta nunca pode mentir em nome de D'us. Isto é, ele não pode dizer "assim disse o Eterno" se D'us não disse. Isso seria falsa profecia, punível com a morte (Devarim 18:20). Mas, isso não significa que um profeta seja incapaz de mentir ou errar como Ser Humano. Os profetas não são anjos, mas pessoas com personalidades, emoções e medos. Eles podem ter momentos de fraqueza, hesitação ou julgamento equivocado, desde que isso não envolva falsificar a Palavra Divina.

Mas, porque o Eterno D'us interfere diretamente para corrigir o erro cometido por Abraão?

É a Misericórdia Divina que impediu que esse erro de Abraão redundasse em uma terrível tragédia, pois a descendência de Abraão estaria comprometida, caso o casamento de Sara com o Rei Abimélech se consumasse.

Entretanto, segundo a Torá pg. 30, referente ao comentário sobre o 15º versículo, tem-se que Abraão já tinha passado com sucesso, por 6 das 10 provas as quais ele seria submetido. O sequestro de sua esposa Sara pelo Rei Abimélech e os acontecimentos que se sucederam, fazem parte da 7ª prova a qual Abraão estava sendo submetido. O desenrolar dessa 7ª prova nos mostra que a Misericórdia Divina é a rocha sobre a qual se deve erguer nossas convicções e não em nós mesmos (Tehilim - Salmo 91:02:04, pg.1809).

Avraham de fato erra por prudência excessiva, ao temer ser morto por causa da beleza de Sarah e oculta que ela é sua esposa. Mas, quando a consequência desse engano ameaça o plano Divino, ou seja, Sarah é levada para o harém de faraó ou, neste caso, de Abimélech, o Eterno intervém diretamente, não para punir Avraham, mas para preservar a integridade da promessa feita a ele. "A tua esposa, Sarah, terá um filho". Bereshit 17:19.

D'us "corrige" o erro do Ser Humano Abraão para preservar o caminho da aliança. Como ensina o Midrash, o Criador "não permitiu que o justo fosse enganado", pois a aliança com Avraham ainda estava em andamento e se Sarah fosse tocada, a pureza espiritual da futura linhagem seria comprometida. Assim, a interferência Divina não é reprovação, mas proteção da missão messiânica. Bereshit Rabbah 41:02 in www.sefaria.org.

Outro ponto que podemos auferir é que D'us permite que até um Tzadik como Avraham passe por situações de "erro" para ensiná-lo e, por meio dele, a nós. A fé não é ausência de falha, mas permanência na relação. O Rebe de Lubavitch explica que D'us "corrige" Avraham não por punição, mas como um pai que realinha o filho ao caminho certo sem romper o vínculo.

Isto nos recorda que as gerações atuais estão ligadas aos acontecimentos anteriores. Quando a Torá diz, por exemplo, 'Estas são as gerações de Isaac', ela conecta a história de Isaac ao que veio antes, ou seja, à história de Avraham, seu pai. Pois tudo o que aconteceu com Avraham foi um prenúncio e uma preparação para o que aconteceria com Isaac. Assim também o que ocorreu com Yitschaci foi uma preparação para Yaakov e para seus filhos, as doze tribos.

Entretanto, a Torá não encobre os erros cometidos pelas pessoas, os quais estão descritos ao longo do texto. Também não os eleva desproporcionalmente acima do nível de seus próprios méritos. O principal ponto é que a Torá sempre nos remete a um progresso constante e sucessivo e insta os Seres

Humanos a serem melhores e mais próximos do Eterno D'us ao longo de suas próprias vidas. É perceptível que o encontro de Abraão com Abimélech apresenta-se como algo muito maior que a primeira leitura podemos perceber, especialmente derivado de um encontro com um rei naqueles tempos de Abraão.

Assim, o que está por detrás dos eventos narrados a partir de Torá Bereshit 20:09, pg. 50? Sabe-se que as perguntas apresentadas por Abimélech a Abraão são semelhantes as perguntas que o Eterno D'us faz ao espírito quando esse chega diante Dele logo após ter ocorrido a passagem deste mundo material para o espiritual. Tal qual apresentado anteriormente em Torá Bereshit 18:01-02, pg. 42, quando Abrão recebeu a visita dos três anjos e há a associação da água oferecida aos anjos com a Torá. *“A Torá é comparada a água, o que mostra que verificarão se a pessoa se ocupou com a Torá enquanto a pessoa estava no mundo material. Se falam de um pouco de água, pois a Torá é infinita. Assim, tudo que ela aprendeu é como uma gota em um oceano. A água para lavar os pés significa que ela é usada para purificar e limpar a alma de seus pecados”*. Os Patriarcas e a Educação, pg. 106-107.

Na passagem Bereshit 20:09, também encontramos no livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 113 - 114, que a palavra Abimélech pode ser dividida em duas, a saber: avi (pai) e melech (rei), sendo que o Eterno D'us é nosso Pai e Rei. Se fizermos o sofê tevot (última letra de uma palavra) de Torá Bereshit 20:09, pg. 50 (וַיֹּאמֶר לוֹ מֶלֶךְ-שֵׂיטָה) *“Vayio'mer lo meh-'ssita” – Ele disse, o que tu fizeste -*, vamos encontrar (רוּחָהּ). Rearranjando encontramos (תּוֹרָה) - Torá. Pois sabemos que essa é uma das três perguntas que são feitas a uma pessoa quando passa do mundo material ao espiritual, é se ela determinou um tempo para estudar Torá. O Eterno D'us questiona: *O que você fez? Quais foram os pecados cometidos por você?*

Essa situação poderia ser encarada como humilhante para o Patriarca. Abraão um servo do Eterno D'us, repreendido por um príncipe provavelmente idólatra. Entretanto, o rei toma uma atitude digna de um rei. Pelas palavras apresentadas na Torá, Abimélech reprova calmamente o erro do Patriarca, mas respeitando sua pessoa oferece a paz e a concórdia entre eles. Ou seja, a Torá nos ensina que podemos enxergar na atitude de Abimélech uma similaridade com o proceder do Eterno D'us quando a alma de um Ser Humano se encontra diante Dele! O Eterno D'us precisará irar-se? Precisarão atuar com rigidez? Ou atuará calmamente, reprovando os erros, mas respeitando a pessoa e dizendo qual o caminho a ser percorrido para que ocorra a reconciliação?

Mas, nasceu Isaac. A aliança começa a se materializar além da pessoa de Abraão. Embora muitos, àquela época, desacreditassem que Isaac fosse filho de fato de Abraão; Rashi em Bereshit pg. 88 comenta que *“D'us deu três provas de que o filho era realmente de Abraão e Sara. Primeiramente, ele nasceu na data exata prometida por D'us; em segundo lugar, D'us proveu Sara de leite em abundância, uma evidência de que ela dera à luz, e, em terceiro lugar, o bebê era extremamente parecido com Abraão”*. Rashi Bereshit 25:19-22.

Mas outros pontos também muito importantes estão por detrás do evento do nascimento de Isaac. Quando Isaac nasceu Abrão tinha 100 anos. Segundo o livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 114, se olharmos a palavra *“cem”* em Hebraico ela é escrita como *“me'á”* (מֵאָה), e se diz que Abraão precisava reparar falhas de três gerações anteriores: (מַבּוּל) mabul – a do dilúvio; a de Enosh (אֲנוֹשׁ) ou das pessoas que se corromperam e, finalmente a da torre de Babel (הַפִּלְגֵּה) hapelagá – o agrupamento.

Esta atmosfera acima citada, mostra que o nascimento de Isaac, distribuiu alegria de forma generalizada. Segundo Rashi Bereshit, pg. 88, *“Sara disse: - D'us me trouxe felicidade; todo aquele que ouvir ficará feliz por mim e feliz comigo -*. *E assim foi, muitas mulheres que antes eram estéréis deram à luz ao mesmo tempo que Sara, muitos doentes se curaram neste dia, e muitas preces foram atendidas então; portanto, muitas pessoas se alegraram junto com ela. Um dos inúmeros milagres*

que acompanharam o nascimento de Isaac foi que Abraão depois manteve a potência até o fim da vida”. Desta forma, é atribuída a origem do humor judaico também ao nascimento de Isaac. Esse humor nato consegue amenizar os sofrimentos naturais da vida, sempre encontrando algo de positivo mesmo diante das piores situações. Se olharmos a raiz do nome Yitschaci, encontramos “tzchac” (צחק), que significa “riu”. Esse riso está associado a uma expressão de surpresa e de alegria, posto que Abraão, naquele momento da concepção, estava com 99 anos e Sara com 89 anos. Além de estar surgindo a raiz do Povo Israelita.

Há uma interligação entre todos esses elementos apresentados pela Tora ao longo destes versículos. Quando falamos, devemos procurar revelar o Divino que se encontra dentro da outra pessoa. Ou seja, antes de cada palavra, há um silêncio que a antecede e que deve ser escutado pelo coração. Foi no silêncio que Lot se confundiu, que Avraham hesitou, que Sarah riu, que Yitschaci nasceu e que foi circuncidado. A fala do Ser Humano é Sagrada quando nasce desse escutar interior, quando não busca vencer, mas compreender. Falar com o coração é deixar que a Neshama (alma) conduza a língua. É dizer o necessário, com ternura e clareza, lembrando que cada palavra é uma centelha de criação. Pois quem fala com o coração não apenas comunica, revela o Divino no outro.

5.(Vayerá) – Gênesis 21:05-21 – *“Avraham mudou de Chevron para Filistia. Quando chegou aos cem anos de idade e sua esposa, Sara, aos noventa, nasceu o filho deles, Yitschaci. Neste meio tempo, o filho de Hagar, Yishmael, não se mostrou receptivo à educação moral que recebia de Avraham. Para prevenir que pudesse exercer uma má influência sobre Yitschaci, Sara insistiu em que Avraham expulsasse a ele e a sua mãe. Ele ficou relutante em tomar essa atitude, mas D’us validou o julgamento de Sara. O poder feminino. D’us disse a Avraham: ‘Em tudo o que a Sara te disser, escute a sua voz’.*

Quanto mais um profeta está sintonizado com assuntos relacionados ao mundo, maior é o seu grau de profecia. Como Avraham, em certo sentido, estava um pouco desligado dos assuntos mundanos, ele não conseguia perceber a verdadeira negatividade de Yishmael. Sara, ao contrário, como estava mais envolvida nas questões cotidianas, rapidamente foi capaz de perceber a perversidade de Yishmael. Sua visão profética era, portanto, muito superior à de Avraham.

E mais: consta que, na Era messiânica, o aspecto feminino da Criação ficará num nível superior ao masculino. O refinamento espiritual de Avraham e Sara era tão sublime que lhes deu a capacidade de vivenciar, numa certa medida, aquilo que só iria acontecer nessa Era. É por isso que a visão profética de Sara era superior à de Avraham.

Atualmente, à medida que nos aproximamos da Era messiânica, podemos dar as boas-vindas ao florescimento do poder feminino no mundo, reconhecendo que a experiência mais intensa da vida física das mulheres lhes outorga uma percepção espiritual de nível superior à que é dada aos homens”.

A vida segue e Isaac se desenvolve. Ao mesmo tempo, começa a crescer em Sara o receio da convivência existente entre Ismael e Isaac. **O que decorreu deste sentimento crescente em Sara?** Rashi Bereshit, pg. 88, narra que “apesar dos esforços de Abraão para educar Ismael de forma íntegra e correta, Ismael se sentia atraído justamente pelo comportamento depravado. A certa altura, Ismael e Isaac começaram a discutir sobre quem seria o sucessor de Abraão. Isaac insistia em que ele era o único herdeiro de Abraão, enquanto Ismael reiterava que ambos o sucederiam, e, por ser o primogênito, ele merecia uma dupla porção por herança. Quando estavam no campo, Ismael atirou flechas em Isaac. Sara viu tudo isso e ainda que Ismael, o filho que Hagar a egípcia, dera à luz para Abraão, também caíra na idolatria, relações sexuais ilícitas e até assassinato”.

Lembramos que já foi dito acima que, o roubo foi o que disparou o decreto referente ao Dilúvio. Dentro do roubo temos a idolatria (não confiar em D'us), o prazer assemelha-se a relações conjugais proibidas e quem rouba mata. Uma sociedade corrupta, não sobrevive. Em Os Patriarcas e a Educação, pg. 116 encontramos que “Sara viu Ismael rindo (מצחק) metsachec. Rashi escreve que vários pecados graves, sendo um deles o assassinato, está oculto na palavra “rindo-se”, pois a Guematria de (מצחק) é $40+90+8+100=238$, que é a mesma da palavra matar em Hebraico laharog (להרג) $30+5+200+3=238$ ”.

Conhecedora destes conceitos, Sara relata a Abraão os acontecimentos e pede a Expulsão de Hagar e Ismael, posto que percebeu que Ismael poderia ser uma influência negativa ao aprimoramento de Isaac e, consequentemente, Ismael não seria digno de ser herdeiro de Abraão.

Se olharmos o nome de Abrão em Hebraico (אברם) e fizemos a Guematria deste nome, encontramos $(1+2+200+40=243)$. Agora se tomarmos o nome da mãe de Ismael que se chama Hagar (הגר) e fizemos a Gematria teremos o valor $(5+3+200=208)$. Ao somarmos os valores $243+208$ encontramos 451. Tomando o nome Ismael (ישמעאל) e fazendo a Guematria encontramos $(10+300+40+70+1+30=451)$ que é exatamente a mesma Guematria do nome de Ismael. O que nos mostra a relação que existiu antes da aliança da circuncisão. Mas, nos mostra também a forte influência que a mãe exerce sobre a educação de seus filhos.

Em Pirkê Avot 4:01-02, pg. 554, do Sidur Completo Sefaradi encontramos que “Ben Azai diz: *Apressa-te a cumprir tanto um preceito fácil como um difícil, e foge da transgressão, pois uma boa ação atrai outra boa ação e uma transgressão atrai outra transgressão; a recompensa de uma boa ação está na boa ação e a consequência de uma transgressão é outra transgressão*”.

Evidentemente, esta não foi uma tarefa fácil de ser realizada por Abraão, pois ele nutria a esperança que conseguiria fazer retornar ao bom caminho a Ismael. Embora a Torá ainda não tivesse sido entregue a Moshê, Abraão tinha um imenso conhecimento sobre os ensinamentos que depois foram registrados na Torá escrita e vocalizados na Oral. O Sefer Hamadá 2, Cap. 1, ver 01-08 pg. 02 a 08, apresenta-nos “que um pai deve ensinar a Torá a seus filhos, enquanto ele for menor de idade. A expressão “seus filhos” está associada aos filhos dos filhos, aos discípulos e assim por diante”. Isto explica o porquê Abraão sempre estava à procura de pessoas para poder ensinar um pouco do que sabia. Além disto Abraão se aperfeiçoava constantemente, para poder passar cada vez mais conhecimento para as outras pessoas. Evidentemente, para seus filhos, em especial.

Porém, Ismael não escutou aos ensinamentos de Abraão. Assim, Abraão ouviu a voz de Sara, por orientação de D'us. Ao amanhecer tomou pão e um odre de água e deu-os a Hagar despedindo-os. Também libertou a Hagar de ser sua serva. A água do odre se findou, pois se encontravam vagando pelo deserto. Hagar colocou a Ismael debaixo de arbustos e se afastou, não desejando ver a morte do menino. Vendo que Ismael se aproximava da morte Hagar se afastou ainda mais, chorou alto. Ismael também orou a D'us pedindo misericórdia. O Eterno ouviu a voz do menino e não da mãe. D'us considerou que Ismael já expirara o seu pecado e era, no momento, considerado íntegro e deveria ser julgado em conformidade com essa condição. O Eterno D'us então abriu os olhos de Hagar. Ela viu um poço de água e encheu o odre, dando de beber ao menino. Rashi, Bereshit, pg. 89. Com o passar do tempo Ismael tornou-se uma multidão de povos também descendentes de Abraão.

No livro “Os Patriarcas e a Educação”, pg. 119 ressalta-se uma grande lição que podemos tirar desta passagem sobre a educação de nossos filhos. “Hoje em dia, infelizmente, muitos pais “jogam” seus filhos em lugares onde não terão uma boa educação, não se interessando com as consequências e nem querendo ver a sua “morte” (o mal espiritual), porém, as almas deles podem chorar, pois exigem uma educação judaica da melhor qualidade”. No fundo se observarmos a citação acima de Pirkê Avot 4:01-02, pg. 554, do “Sidur Completo Sefaradi” percebemos claramente a ação de Sara. Ela teve

e sentiu o perigo que rondava Isaac com respeito a educação dele. Agiu prontamente, colocando os limites certos no momento adequado. As mães são muito importantes na educação de seus filhos.

Dois sentimentos opostos percorreram a mente de Abraão, a alegria de nascido Isaac e a tristeza da expulsão de Ismael. A alegria de ter um filho em idade avançada, a alegria de vê-lo crescer como uma pessoa íntegra, que escutava os ensinamentos ministrados, percebia o que foi dito e sentia as palavras. Mas, ao mesmo tempo, ao ver Ismael somente ouvindo e não internalizando os ensinamentos de Abraão e Sara; o que fez com que ele se desviasse do caminho. É uma grande tristeza, portanto, caracterizada pela falta de alegria.

Assim, B21:05-21 não apenas narra um drama familiar, mas descreve a revelação progressiva da consciência messiânica, que nos mostra o reconhecimento de que a Sabedoria Divina também se manifesta na voz, na intuição e na sensibilidade do feminino. Sara tem o poder de perceber D'us no mundo tangível ou no mundo do concreto, de unir o espiritual e o físico. Ao ouvir sua voz, Avraham inaugura o equilíbrio entre os dois polos da Criação, abrindo o caminho para o tempo em que *“a mulher virtuosa será a coroa do homem”* (Mishlê 12:04) e o Divino habitará plenamente em tudo o que é terreno.

6.(Vayerá) – Gênesis 21:22-34 – “Após o nascimento de Yitschaci, Avraham concluiu um pacto com o rei filisteu local e abriu uma hospedaria em Beer-Sheva, onde ensinava aos viajantes sobre o monoteísmo. Ser uma influência positiva. Avraham plantou um pomar e abriu uma hospedaria em Beer-Sheva. Lá, ele proclamou o nome de D'us.

A hospedaria de Avraham foi a primeira instituição pública dedicada à difusão da fé no monoteísmo e o comportamento ético consequente desta crença. Ao estabelecer uma instituição pública que desafiava os dogmas consagrados do mundo, Avraham promoveu a consciência do monoteísmo, inclusive entre pessoas que nunca haviam visitado a sua pousada. À medida que seu nome adquiria notoriedade, a pousada exercia uma influência cada mais ampla e profunda.

Da mesma maneira, hoje em dia a própria existência de sinagogas e instituições de estudo de Torá exerce uma influência extremamente positiva sobre uma cidade apenas por sua presença, além do valor intrínseco do estudo e das orações que ocorrem em seu interior”. Sefer Hamaamarim, 5686, p. 82.

Várias passagens ocorrem em Beer Shevá ou em seus arredores. Abraão manda embora a Ismael em B21:08-17. O Eterno salva Ismael pela revelação miraculosa de um poço, donde pode retirar água. Também ocorre a promessa do Eterno D'us a Hagar, que faria de Ismael uma grande nação. Em B21:22-31 ocorre o primeiro pacto referente a este poço entre Abraão e Abimélech, que não haveria guerra entre eles, nem tão pouco entre os filhos destes. Abraão, chamou aquele lugar Beer Shevá, (בְּאֵר שָׁבַע) porque ali os dois juraram (Abraão e Abimélech). Em B21:33 encontramos que Abraão plantou uma tamargueira (אֶשֶׁל) (eshel) em Beer Shevá e invocou ali o nome do Eterno D'us.

Em B26 Isaac renova a aliança que Abraão havia feito com Abimélech, mas antes ele recupera um dos poços que os Filisteus haviam danificado após a morte de Abraão. Em B26:15-22 a Torá escreve sobre os poços que Isaac abriu e os Filisteus (Pelishtim) fecharam. Isaac não brigou e nem guerreou contra eles. Simplesmente se mudou e cavou outro poço.

Em B28:10 encontramos que Jacob saiu de Beer Shevá em fuga, afastando-se de seu irmão Esaú (Essav) seguindo para Charan. Sobre B46:05 e segundo os comentários da Torá sobre este versículo, *“sete vezes cai o justo e se torna a levantar (Shevá é sete em Hebraico) Provérbios 24:16. Este versículo foi dito por Jacob, que teve sete angústias e escapou de todas. Elas São: Esaú, Labão, o anjo contra o qual lutou, Diná, José, Simão e Benjamim (Baal Haturim 46:02). Se desejás a vida*

suporta os sofrimentos”. Midrash Tehilim 16. Em B46:04 encontramos que D’us disse a Jacob que desceria ao Egito com ele e lhe faria subir do Egito, de volta a terra de Israel.

“Beer Shevá se localiza no deserto de Neguev, ao sul de Israel. É o centro de uma grande área metropolitana, sendo a oitava cidade israelense mais populosa do País. Grande parte da população é composta dos descendentes de judeus sefarditas e judeus mizraítas que imigraram de países árabes depois de 1948, bem como comunidades menores de judeus Bene Israel e Cochim da Índia. A segunda e a terceira ondas de imigração ocorreram desde 1990, trazendo imigrantes judeus asquenazes de língua russa da antiga União Soviética, bem como imigrantes da etnia Beta Israel da Etiópia. Os imigrantes soviéticos fizeram do jogo de xadrez um grande esporte em Beer Shevá e a cidade é hoje um centro tecnológico em desenvolvimento. A cidade é agora o centro nacional de xadrez de Israel”. A referência é de agosto de 2020. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Berseb%C3%A1>

Hoje Beer-Sheva é um centro tecnológico importante. Mas, além dos aspectos materiais, Beer Shevá, o sétimo poço, ou na região do sétimo poço moldou de certa forma os fundamentos do atual judaísmo. Em Hebraico, a palavra juramento Shevoah (שְׁבוּעָה) e sete, “Shevá” (שֶׁבַע) que também pode ser escrita segundo o dicionário Edusp, pg. 617, como (שְׁבוּעַ) são essencialmente as mesmas, ou seja, tanto se refere ao juramento original entre Abraão e Abimélech como a promessa feita por D’us a Hagar sobre Ismael, ou a Isaac e/ou a Jacob.

O pacto de Abraão com Abimélech e a fundação de Beer-Sheva, marca o ponto em que a espiritualidade de Abrão deixa de ser apenas pessoal e se torna institucional e universal. Essa passagem, interpretada pelo Rebe, descreve o nascimento do primeiro modelo de um centro espiritual aberto ao mundo, uma hospedaria que unia hospitalidade física e revelação Divina.

Após o nascimento de Isaac, Abrão firma um pacto de paz com Abimélech, rei dos filisteus. Esse acordo simboliza a integração entre o Sagrado e o profano, pois o Patriarca não impõe sua fé pela força, mas pela influência moral. Ao plantar um pomar e estabelecer uma hospedaria em Beer-Sheva, Abrão transforma um espaço material em um canal de revelação Divina.

O Rebe explica que a “*hospedaria de Abraão*” foi o protótipo das instituições espirituais que são as Sinagogas, casas de estudo e centros comunitários. Assim como Abraão plantou um pomar, cada espaço de Torá é uma árvore que oferece sombra, alimento e renovação espiritual a quem se aproxima. Mesmo quem não entra, apenas vê ou ouve falar, é tocado pela energia que o lugar emana. Desta forma, podemos compreender a dimensão dos diversos eventos acima citados sobre Beer-Sheva. O próprio nome Beer-Sheva (poço do juramento ou poço das sete) representa a santificação das dimensões naturais da existência, que estão conectados aos sete atributos emocionais (Midot) da Árvore da Vida. Temos de cavar profundamente dentro da nossa realidade até encontrarmos a água viva da Presença Divina.

7.(Vayerá) – Gênesis 22:01-24 – “O maior desafio para Avraham ocorreu trinta e sete anos depois do nascimento de Yitschaci: D’us o ordenou a sacrificar seu filho. Testando a fé. D’us disse a Avraham: ‘Toma, rogo-te, teu filho, teu único, o que amas, Yitschaci, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali como oferenda de olá [total para D’us] sobre um dos montes que te direi’.

O principal aspecto do teste que Avraham passou não foi o seu próprio auto sacrifício, e sim, o desafio que isto representava para a fé de Avraham em D’us. Como era possível que o mesmo D’us que havia prometido que Yitschaci seria o único a perpetuar o seu legado agora estava ordenando-lhe que o sacrificasse, em uma aparente contradição de Sua própria palavra? Ainda assim, Avraham seguiu a ordem de D’us até o final, sem questionar.

D'us nos coloca à prova para que se revelem os poderes ocultos em nossa alma. Na verdade, a vida é um tipo de prova. Antes de descer a este mundo, a alma se relacionava com D'us dentro dos limites da razão; a alma nunca experimentou um amor por Ele que transcendesse a razão. Mas, uma vez que a alma está confinada a um corpo físico, o qual por natureza é oposto à espiritualidade, ela deve reunir suas forças mais profundas para permanecer fiel a D'us, apesar dos testes e atribulações diárias da vida. Conquistada esta força, a alma pode compreender e apreciá-Lo de um modo muito mais profundo e íntimo do que poderia ter experimentado antes de descer a este mundo”.

O Eterno D'us sabia que Abraão iria as últimas consequências e, até mesmo, poderia sacrificar seu filho Isaac? Segundo Rashi Bereshit pg. 91, “*embora Abraão estivesse empregando seu tempo e dinheiro na preparação de refeições para os hóspedes, a fim de induzi-los a reconhecer a existência de D'us e sua obrigação em servi-Lo, Abraão não oferecera um sacrifício propriamente a D'us desde que se mudara para Hebron, no primeiro ano de seu assentamento na terra de Israel. Satã, o anjo acusador da Corte Celestial, denunciou Abraão perante D'us por sua falta de devoção. D'us respondeu: Tudo que Abraão faz tem a intenção de disseminar a consciência da Divindade no mundo, e o elemento mais crítico de seu programa para atingir esse objetivo é a transmissão dessa tarefa a seu filho. No entanto, sua dedicação é tão completa que, caso Eu lhe pedisse para sacrificar seu filho a Mim, ele não o recusaria”.*

Continuando na mesma página, podemos encontrar que Ismael se arrependera, até certo ponto de seus atos e retornara a Hebron para ficar próximo do pai. Entretanto, vangloriava-se da dor que tinha sentido por ocasião da circuncisão aos treze anos de idade. Issac respondeu “*Não tentes ganhar a discussão falando da tua disposição para sofrer dor em nome de D'us em um órgão de teu corpo! Se D'us me mandasse oferecer-Lhe meu corpo inteiro, eu não recusaria”.* Assim, segundo Rashi, foi depois destas palavras todas de D'us para Satã, quanto de Isaac para Ismael, que no ano Judaico de 2085, D'us testou Abraão.

O Eterno D'us de antemão sabia que Abraão iria obedecê-lo, pois Ele não joga dados com o Universo. Penso que a finalidade deste último teste pelo qual Abraão deveria passar tem muito a se relacionar com Torá Devarim (Deuteronômio) 08:01-02 “*1 Todo o mandamento que te ordeno hoje, cuidareis de cumprir, para que vivais e vos multipliqueis, ides e herdais a terra que jurou o Eterno a vossos pais. 2 E te recordarás de todo o caminho pelo qual te levou o Eterno, teu D'us, estes quarenta anos no deserto, para afligir-te, para provar-te, para saber o que estava em teu coração, se guardarias os Seus mandamentos ou não”.* Devarim 06:05 “*E amarás ao Eterno, teu D'us, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses”.* Deuteronômio 08:16 “*Quem no deserto te fez comer Maná, que teus pais não conheceram; para afligir e te provar, para te fazer bem afinal”.*

Para Abraão o chamamento do Eterno D'us foi como se ele tivesse tido uma profecia. Isso foi tão intenso que lhe era impossível não cumprir o que lhe estava sendo ordenado, pois mesmo que ele tivesse de cumprir o que imaginara que seria, de ter de oferecer o seu próprio filho em holocausto, mesmo assim, ele sabia que a promessa que o Eterno havia lhe feito seria realizada. Certamente, ao caminhar em direção ao local da oferenda, afligiu-se o seu coração, mas ao mesmo tempo sabia que era uma prova pela qual estava passando. Abraão tinha plena consciência do amor que tinha pelo Eterno D'us, com toda a sua alma e com todas as tuas posses e com toda as suas forças. Que no fundo, tudo que lhe estava ocorrendo era para o bem.

Como já foi falado anteriormente, o Eterno é atemporal, ou seja, o mesmo que estava com Adão e Eva no paraíso, é o que estava com Abraão naquele momento, e é o mesmo que estará com os descendentes de Abraão no futuro, seja qual o tempo futuro for. Portanto, ao receber esse chamado Abraão tinha a certeza de que deveria realizar a missão pela qual o Eterno D'us havia lhe proposto. Pelos antepassados de Abraão, pelo próprio Abraão e pelos futuros descendentes, a missão deveria ser realizada sem qualquer dúvida ou desvio, seja para que lado fosse.

É importante observar o que é apresentado no Livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 122, que D'us mandou Abraão ir para a “terra de Moriá” para sacrificar seu filho, em uma montanha da região. Observando as palavras el erets HaMoriá (אֶרֶץ הַמּוֹרִיָּה) e tomando a Guematria de cada palavra encontramos que (1+30=31; 1+200+90=291; 5+40+6+200+10+5=266). Somando os totais obtidos de cada palavra encontramos (31+291+266=588), para “terra de Moriá”. Tomando agora a Guematria de bIrushalaim (בִּירוּשָׁלַיִם) “em Jerusalém” encontramos (2+10+200+6+300+30+40=588), indicando que a “terra de Moriá” ficava em Jerusalém.

Neste ponto é importante olharmos lateralmente e buscarmos identificar quais são as 10 provas pelas quais Abraão passou. Nos comentários da Torá pg. 30, Maimônides diz que são as seguintes:

- 1º. O Eterno D'us chamou Abraão e disse claramente: “*Anda da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai, vai para a terra que te mostrarei*”. Torá Bereshit - Gênesis 12:01. Ele teve de peregrinar como estrangeiro.
- 2º. A fome que enfrentou em Canaã. Torá Bereshit (Gênesis) 12:10 “*E houve fome na terra, e desceu Abrão ao Egito para morar ali, porque era grande a fome na terra*”.
- 3º. Os egípcios violaram direitos humanos elementares ao levar Sara ao Faraó. Bereshit 12: 14-15 “*¹⁴E foi ao vir Abrão ao Egito, e viram os egípcios a mulher que era formosa. ¹⁵E viram os ministros do Faraó e gabaram-na ao Faraó e foi tomada a mulher a casa do Faraó*”.
- 4º. Ele teve de lutar contra os reis conquistadores. Bereshit 14:14-16 – “*¹⁴E escutou Abrão que fora feito cativo seu irmão, e armou seus (homens) iniciados, nascidos de sua casa, trezentos e dezoito (homens) e seguiu até Dan. ¹⁵E caíram separadamente sobre eles à noite, ele e seus servos, e os feriram, e os perseguiram até Chova, que está à esquerda de Damasco [Saméssec]. ¹⁶E fez voltar todos os bens; e também a Lot, seu irmão, e seus bens fez voltar e também às mulheres e ao povo*”.
- 5º. Tomar Hagar como esposa, depois de perder toda a esperança de ter um filho com Sara. Bereshit 16:01-02 – “*¹E Sarai, mulher de Abrão, não lhe deu filhos, e ela tinha uma serva egípcia, e seu nome (Hagar). ²E disse Sarai a Abrão: Eis que me tem impedido o Eterno de ter filhos; vem, rogo, à minha serva, talvez tenha filhos dela. E escutou Abrão a voz de Sarai*”.
- 6º. Por ordem Divina, circundou-se em idade avançada. Bereshit 17:10 – “*Esta é Minha aliança, que guardareis entre Mim e vós (os de agora) e a tua semente depois de ti: Será circuncidado em vós todo varão*”.
- 7º. Abimélech perpetrou uma atrocidade contra Abraão, ao prender Sara. Bereshit 20:02 – “*E disse Abraão por Sara, sua mulher: Minha irmã ela é: E enviou (gente) Abimélech, rei de Guerar, e tomou a Sara*”.
- 8º. Depois que Sara lhe deu um filho, teve de mandar Hagar embora. Bereshit 21:10 – “*E disse a Abrão: Expulsa esta serva e seu filho; porque não herdará o filho desta serva com o meu filho, com Isaac*”.
- 9º. Teve de mandar Ismael para longe. Bereshit 21:11 – “*E desagradou a coisa aos olhos de Abraão, por causa de seu filho (que deveria expulsar)*”.
- 10º. O sacrifício de Isaac Bereshit 22:02 “*E disse: “toma, rogo, teu filho, teu único, a quem chamas, a Isaac, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali como oferta de elevação, sobre um dos montes que te direi”.*”

Observando Rashi Bereshit pg. 52, podemos compreender o significado dos 10 testes pelos quais Abraão passou. “*Vá para ti*” ou vá para dentro de você mesmo e lá você encontrará forças para “*superar a condição humana daquele que se liga a D'us conforme a capacidade humana e se tornar aquele que se liga a D'us progredindo infinitamente, além dos limites da capacidade humana*”.

D'us, por meio do que transmitiu a Abraão, nos enviou a mensagem de que pode a natureza, o ambiente ou a educação nos transmitir negatividade, essas podem ser superadas para se conseguir

atingir o objetivo. Lembremo-nos do 1º e 2º Mandamentos, Torá Êxodo 20:02-03, pg.214, “²1º *Eu sou o Eterno, teu D’us, que te tirei da Terra do Egito, da casa dos escravos.* ³2º *Não terás outros deuses diante de Mim*”. Desta forma, para obedecê-Lo e segui-Lo é necessário superar os preconceitos e as pressões decorrentes do ambiente em que vivemos, mas também ultrapassar as limitações que estão dentro de nós mesmos.

É importante perceber a presença do número 10 no total de provas pelas quais Abraão passou. Também é importante perceber que as tribos de Ruben e Gade, preferiram terras que ficam além do Jordão (Torá Bamidbar – Números 32:01-05, pg. 488). Desta forma, somente 10 tribos, de fato, se fixaram na terra de Canaã. Em linhas gerais pode-se ressaltar que o número 10 (Yud), está associado aos 10 pronunciamentos do Eterno D’us na criação do universo, os 10 Mandamentos e, especialmente, as 10 Sefirot da Árvore da Vida.

Ou seja, o Yud é a plenitude pois a alma possui 10 poderes, três poderes do intelecto e sete emoções. Além disto, o Yud representa as 10 emanções que o Eterno D’us escolheu atuar. Ele infundi (soprou) um pedacinho dentro de nós, tornando-se assim os 10 poderes de nossa alma. Por ser um ponto, o caractere Yud representa o início de tudo; o início do Tetragrama; o povo israelita, pois é um povo pequeno em número; representa também a espiritualidade, a plenitude, a humildade etc. No livro A Luz das Letras, na pg. 73, encontramos que o “*número 10 (Yud) é um tijolo fundamental para todo aspecto da Criação*”.

Qual o significado do “sacrifício de Isaac”? Primeiro é importante relembrar que as palavras contidas na Torá têm significados que contém informações que não estão presentes à vista. A expressão em Hebraico contida na Torá Bereshit 22:08, pg. 55, (אלהים יראה-לו) Elohim irê lô “*D’us proverá para Si*” usando a técnica rashê tevot encontra-se a palavra (איל) ail ou cordeiro.

Fazendo a Gematria de (אלהים יראה-לו) Elohim irê lô e reduzindo a um numeral temos (1+30+5+10+40=86, 10+200+1+5=216 e 30+6=36, 86+216+36=338, 3+3+8=14 e 1+4=5). Fazendo também a Guematria de (איל) ail ou cordeiro encontramos (1+10+30=41 e 4+1=5). Ou seja, a expressão e a palavra cordeiro apresentam a Guematria reduzida o valor “5”. Ou seja, 5 representa “*a geração da vida, o poder da divisão gerando multiplicação. Pode ser interpretado também como a força que faz parar as influências negativas*”. Zumerkorn em Numerologia Judaica e seus Mistérios, pg. 221. Ou seja, existia uma força maior que faria parar o evento no momento correto.

Como sabemos, o Eterno D’us criou o mundo por meio da fala, ou seja, com o caractere Hei. A forma de falar Hei é realizada por meio de uma expiração ou um breve sopro, portanto, representa a fala do Eterno D’us na Criação. Na realidade a forma da alma se expressar e, conseqüentemente, o Ser Humano, são por meio das três vestimentas que são pensamento, fala e ação. A parte horizontal superior do Hei representa o pensamento, a perna no lado direito representa a fala e o Yud representa a ação. Ele está desconectado, porque o pensamento e a fala ocorrem de forma quase simultânea e a ação demora um pouco para ser realizada. Abraão realizou as ações de forma metódica, na certeza de que no momento adequado o Eterno D’us agiria. O caractere Hei (5) também representa a mão que é yad (יד), fazendo a Guematria encontramos (10+4=14 e 1+4=5) e a mão tem 5 dedos. Cada dedo é dividido em 3 partes, com exceção do dedão que são duas. Assim, 3x4=12+2=14 e 1+4=5. O que se conecta com a palavra mão. Por isso, quando o Sacerdote vai abençoar ele usa a mão. Ou seja, ele transmite a benção por meio da mão. O Eterno D’us abençoou a Abraão e a Sara.

Portanto, a prova a qual Abraão foi submetido não é para que D’us saiba algo. Ele é atemporal, ou seja, Ele sabe tudo sobre o antes, o durante e o depois. A prova, no fundo, é para elevar Abraão e Isaac a um novo patamar de consciência. Abraão representa a Sefirá de Hessed (amor e bondade). Isaac a Sefirá de Gueburah (rigor e disciplina). O mandamento de sacrificá-lo simboliza a união dessas duas forças opostas dentro da alma. O amor ilimitado de Abraão aprende o temor reverente de

Isaac. O rigor de Isaac se entrega ao amor. Essa integração das polaridades gera o estado de Tifereth (beleza espiritual), que é equilíbrio e harmonia.

O Rebe nos apresenta que o verdadeiro teste de Abraão não foi levantar o cutelo, mas não duvidar da coerência Divina. Ele poderia ter questionado: *“Como pode D’us exigir algo que contradiz Sua promessa anterior?”*. Mas Abraão sabia que a razão é apenas um reflexo da verdade, não a verdade em si. Isto se chama fé acima da razão. Não é irracionalidade, mas a percepção de que a mente do Ser Humano é limitada diante do infinito que está diante dela.

Essa fé desperta a centelha Divina indivisível da alma de uma pessoa, onde, praticamente, não há mais separação entre o eu e o Divino. É por isso que, após a prova, D’us jura *“por Si mesmo”* (B22:16), pois Abraão atingiu um estado de aproximação de sua alma com D’us extremamente elevado.

Isaac não era uma criança indefesa na Akedá, mas um homem adulto de 37 anos, plenamente consciente do que estava acontecendo. A prova de Abraão foi um ato de fé, o sacrifício de Isaac foi um ato de auto entrega consciente, talvez até mais elevado que existe.

O Zôhar I:119b–120a (Parashat Vayerá) in www.sefaria.org apresenta que Isaac compreendeu o propósito espiritual do sacrifício. Quando perguntou *“onde está o cordeiro para o holocausto?”* (B22:07), Abraão respondeu: *“D’us proverá para Si o cordeiro, meu filho”*. O Zohar entende essa expressão com entonação um pouco diferente, a saber: *“Ele deveria ter dito: “proverá para nós”, mas o que ele quis dizer foi: “D’us proverá para Si mesmo quando necessário, mas por ora será meu filho e nada mais”. Imediatamente, e foram ambos juntos”*. Isaac, portanto entendeu, naquele instante, que ele seria a oferenda.

Isaac não resistiu. Ao contrário, o texto diz *“ambos caminharam juntos”* (B22:08), indicando que os dois estavam em unidade de vontade, pai e filho igualmente entregues. Como já mencionado acima, a harmonia entre Hessed (Abraão) e Gueburah (Isaac) representam a fusão entre o amor de Abraão e o temor de Isaac que se tornaram uma única chama.

O Pirkei de-Rabbi Eliezer, capítulo 31 in www.sefaria.org nos apresenta que a alma de Isaac deixou seu corpo no instante em que o cutelo foi erguido e retornou quando o anjo o chamou do céu. Por isso, os sábios dizem que Isaac *‘morreu e ressuscitou’* espiritualmente sobre o altar.

Isso é a purificação total da alma pela luz da Gueburah. Depois da Akedá, Isaac passa a representar a energia interior da autoanulação e da contemplação. Enquanto Abraão é o missionário que fala ao mundo sobre o D’us único, Isaac se torna o místico interior, o cavador de poços (B26:18), símbolo da alma que busca as águas ocultas do Divino dentro de si mesmo. Por isso, Isaac não pôde deixar a Terra de Israel (B26:02), porque em virtude de ter sido santificado sobre o altar, ele pertence a um plano de pureza espiritual muito superior.

Cada Pedreiro enfrenta, em sua própria vida a *“Akedá de Isaac”*. São situações em que D’us parece pedir algo que contraria nossos desejos, planos ou compreensões. Pode ser uma perda, um desafio moral ou um momento em que a fé e a razão entram em conflito. Esses momentos são oportunidades que temos de revelar a alma Divina que ama D’us sem condições. O Pedreiro deve estar consciente que, no dia a dia, o nosso sacrifício é renunciar ao orgulho, manter a fé em meio à incerteza e agir com bondade mesmo quando o ego quer o contrário. Cada vez que o fazemos, erguemos um altar interior e colocamos sobre ele o Isaac que existe dentro de nós e permitimos que D’us os transforme em luz.

06 - Parashat Chayê Sarah – A Vida de Sara e o Casamento de Yitschaci (Isaac)

Sinopse

“Quando as notícias do quase sacrifício de Yitschaci chegaram a Sara, o choque de sua quase morte junto com o alívio por sua vida ter sido poupada foram demais para ela, que não suportou e morreu. Avraham comprou a gruta de Machpelá e o campo vizinho dos hititas para o enterro de Sara, em Chevron. Destino judaico. Avraham disse aos hititas: ‘Permitam-me [comprar] um terreno fúnebre de entre vocês’. “O universalismo deve operar conjuntamente com o particularismo. Somos todos Abraão, incumbidos da tarefa de difundir consciência Divina pelo mundo inteiro; nessa condição, devemos sempre esforçar-nos para enxergar a humanidade do modo mais favorável possível e cada indivíduo como um filho precioso de D’us, merecedor de nosso amor irrestrito e do melhor que possamos dar, tanto materialmente como espiritualmente. Porém, ao mesmo tempo, devemos todos ser também Sara, zelando pela integridade dos portadores da mensagem Divina. Os profetas descrevem frequentemente o relacionamento entre D’us e o povo israelita como aquele entre marido e mulher. Neste sentido, estamos todos incumbidos de uma missão comparável àquela que Avraham deu a Eliezer: sair para encontrar aquelas almas que se desviaram e trazê-las de volta a D’us, o seu ‘marido’. A Cabala é somente uma palavra: restrição. Devemos ser capazes de restringir o desejo que temos de receber para nós mesmos, transformando-o no desejo de receber para compartilhar. Esse é o trabalho de uma pessoa justa”. Eliezer rezou: “Permite que à donzela a quem eu diga: ‘Por favor, incline o seu jarro para que eu possa beber’, e ela responda: ‘Beba e eu lhe darei água também aos seus camelos’, seja aquela a quem Você designou para Seu servo Yitschaci”. Dentro de cada pessoa existem ‘camelos espirituais’. Partes de nós carregam coisas pesadas que são os nossos hábitos, coisas as quais nos tornamos apegados, memórias e, especialmente, medos associados aos nossos instintos, desejos e emoções. Essas forças não são intrinsecamente más. Elas são utilizadas como meios de transporte e devem ser elevadas. Entretanto, só se tornam santas quando a ‘Rebeca interior’, a nossa alma Divina, decide saciar a sede delas com a “Água Viva” da Torá, da oração e da bondade. ***A moça que deu água para Eliezer e a sua caravana era de fato Rivca, sobrinha-neta de Avraham. Depois de haver comprometido matrimonialmente Rivca a Yitschaci, Eliezer se reuniu com a família dela e contou-lhes os detalhes da sua missão. D’us não desperdiça nada. Eliezer disse para a família de Rivca: ‘Sara, a mulher do meu mestre, deu a ele um filho depois de tornar-se velha, e ele deu ao seu filho Yitschaci tudo o que lhe pertencia.*** De forma semelhante, o Criador também nada retém de Seu fluxo de Luz para àquele que trabalha para unir o material e com o Divino dentro da própria pessoa e espalha essa Luz para o mundo que o cerca. ***Eliezer e Rivca voltaram a Canaã para encontrar Yitschaci. Depois que Yitschaci e Rivca se casaram, Rivca assumiu o lugar de Sara como matriarca da família. Iluminar o mundo. Yitschaci trouxe Rivca para a tenda da sua mãe Sara.*** O Tanya ensina que quando uma pessoa acende ‘a vela do Shabat’ dentro de si, isto é, quando traz paz entre o corpo e a alma, a Luz Divina habita nela durante toda a semana. A mulher, como símbolo de Malkhuth, é o canal por meio do qual essa luz se manifesta. ***Logo depois que Yitschaci desposou Rivca, Avraham se casou novamente com Hagar e teve mais seis filhos. Avraham faleceu aos cento e setenta e cinco anos.*** Prezado Pedreiro! É fato que devemos imitar o trabalho de Abraão, espalhando a consciência Divina o máximo possível. Mas, olhando para Isaac, ele nos mostra que ao mesmo tempo não podemos negligenciar o nosso desenvolvimento espiritual individual, que depende de nosso crescimento por meio do esforço e a persistência, pois assim poderemos inspirar aos outros, em função de nosso autoaprimoramento contínuo. Desta forma, a fonte não secará e a disseminação da espiritualidade estará assentada sobre rocha firme. ***Em nossas vidas, devemos transformar o nosso amor e paixão por coisas materiais - o amor decadente de Yishmael - em um amor sagrado por D’us.*** Usar a força do amor instintivo para servir ao propósito Divino. Quando o coração do Ser Humano aprende a transformar o ‘desejo de receber’ em ‘desejo de compartilhar’, ele se torna o Altar onde as duas naturezas da alma se encontram (a Divina e a animal) e o amor, que antes era queda, torna-se elevação.

1.(Chayê Sara) – Gênesis 23:01-16 – “Quando as notícias do quase sacrifício de Yitschaci chegaram a Sara, o choque de sua quase morte junto com o alívio por sua vida ter sido poupada foram demais para ela, que não suportou e morreu. Avraham comprou a gruta de Machpelá e o campo vizinho dos hititas para o enterro de Sara, em Chevron. Destino judaico. Avraham disse aos hititas: ‘Permitam-me [comprar] um terreno fúnebre de entre vocês’.

A gruta de Machpelá é o local onde estão enterrados Adam e Chava os primeiros Seres Humanos - e, como tal, pertencia originalmente à toda a humanidade. Ao comprá-lo, Avraham efetivou a intenção de D’us de que a missão que, no início, foi concedida a toda a humanidade agora passasse para o povo israelita. Ao aceitar esta tarefa, o povo israelita basicamente foi destacado do restante da humanidade e assumiu o papel de mentor espiritual dela. É o nosso desafio reconhecer este destino hoje em dia também”.

Ao iniciamos a leitura deste capítulo deparamo-nos com o evento ligado a Gruta de Machpelá. A narrativa da Torá nos mostra que o Eterno D’us havia destinado essa terra a Abraão e seus descendentes. Entretanto, a aquisição formaliza a posse em nosso mundo. Há, portanto, três lugares de grande significação para o povo judeu que foram adquiridos mediante grandes quantias: **1º)** A Cova ou Gruta de Machpelá em Hebron (Torá Bereshit – Gênesis 23, pg. 58), onde foram sepultados os quatro casais Abraão e Sara, Isaac e Rebeca e Jacob e Lea, sendo que Adão e Eva já estavam enterrados nesse local anteriormente (Rashi Bereshit pg. 102). **2º)** O campo de Shechém, onde Jacob erigiu um altar e onde José foi depois enterrado (Torá Bereshit – Gênesis 33:19, pg. 97 e Tanakh Iehoshúa – Josué 24:32, pg. 657). **3º)** A Eira de Ornã (אֶרְנָה) 2Crônicas 03:01 ou em 2 Samuel como Aravná (אֶרְנָה), onde o Rei David erigiu um altar e, posteriormente, foram construídos os dois Templos Sagrados de Jerusalém (Tanakh Divrê Haiamim Alef – 1 Crônicas 21:18-26).

Segundo Rashi Bereshit pg. 102, “Sara faleceu quando tomou conhecimento do atamento de Isaac. O choque causado pela tentativa de Abraão de sacrificar seu filho, somado ao alívio de saber que ele fora poupado, foi intenso demais para ela suportar e morreu. Sara morreu em Kyriat Arba [Cidade dos Quatro], que é Hebron, em Canaã. Hebron também era chamada de Kyriat Arba por causa dos quatro gigantes que viveram lá: três irmãos, Achiman, Sheishai e Talmai, e o pai. O nome ainda se refere profeticamente ao fato de que ali seriam sepultados os quatro eminentes: Abraão e Sara, Isaac e Rebeca e Jacob e Lea, sendo que Adão e Eva já estavam enterrados nesse local anteriormente”. A gruta de Machpelá, que significa dupla ou duplicada, representa a união dos dois mundos, o físico e o espiritual, o visível e o oculto. Abraão, ao comprá-la, liga o Céu e a Terra, mostrando que a espiritualidade não é fuga do mundo, mas sua santificação. Cada vez que transformamos um ato material em um ato de santidade (trabalho, fala, doação), também compramos, simbolicamente, uma parte da gruta de Machpelá, santificando o terreno da nossa própria existência. O significado da Caverna “de Majpelá” in <https://es.chabad.org/>.

A passagem do Zohar Chayei Sara in www.zoharonline.org, discute os temas relacionados à Criação e à natureza das emanções Divinas (Sefirot). O texto está principalmente focado em como o mundo físico e espiritual interagem através de canais ocultos de energia Divina. Sara sempre participou da missão de Abraão, ajudando-o a difundir a mensagem de unicidade do Eterno, seja participando dos trabalhos, seja cozinhando ou conversando com as outras mulheres, tal qual Abraão fazia com os homens, sem menosprezar a ninguém e compreendendo as dificuldades pelas quais todos passavam. Entretanto, com o nascimento de Isaac, Abraão e Sara compreenderam que precisavam criar um filho que tivesse força moral e espiritual, para levar à frente a honrosa missão Divina que lhes foi confiada. Mas, foi Sara que percebeu que, a tarefa de disseminar a consciência do Eterno D’us neste mundo, precisava ser passada a uma família e, posteriormente, a um povo inteiro.

Desta forma, Sara nos mostra a grande importância que a mãe tem na educação de seu filho. Ela procurou preservar a família de influências nocivas. Recordemo-nos, por exemplo, do evento da

expulsão de Hagar e Ismael, preservando a família da influência inadequada que Ismael poderia exercer sobre Isaac. Assim, Sara procurou inspirar na família o senso de nobreza moral essencial para o êxito de sua atividade Divina e, posteriormente, tanto de Isaac quanto de Jacob.

Abraão nos ensinou que temos de difundir a consciência Divina pelo mundo, respeitando cada Ser Humano como sendo um filho precioso do Eterno D'us. Porém, ao mesmo tempo, devemos nos lembrar da lição que Sara nos legou. Ou seja, zelar pela integridade dos portadores da mensagem Divina, conscientes da missão que nos foi confiada.

Sara tinha 127 anos quando faleceu. O que essa idade nos traz? Isaac nasceu em 15 de Nissan de 2048. Sara faleceu em 2085 com 127 anos. Isaac tinha, portanto, 37 anos quando Sara faleceu. Ambos os valores ($1+2+7=10$ e $3+7=10$) apresentam a Gematria com o valor 10. A Torá nos mostra que “*E eles foram, a vida de Sara, cem ano e vinte ano e sete anos; anos de vida de Sara*”, Torá Bereshit 23:01, pg. 58, tradução literal do Hebraico. Isto nos indica que há três períodos distintos na vida de Sara. Segundo Zumerkorn pg. 222, o “*número 10 é considerado um número perfeito. É o atrativo para a presença Divina. Está relacionado aos poderes da alma e os ciclos das gerações. Dez são os mandamentos e 10 são os atributos divinos*”. Assim, Sara atingiu níveis elevadíssimos de desenvolvimento espiritual, pois $100 = 10 \times 10$, que correspondem aos 100 primeiros anos da vida de Sara. O Yud (10) representa a recompensa a ser obtida no mundo vindouro do que foi feito ao longo de nossa vida, seja bom ou mal. Representa retirar de dentro cesto (Tet) tudo que foi guardado.

Os 20 anos seguintes da vida de Sara, fazem alusão ao Eterno D'us, visto que a palavra “vinte” em Hebraico é Eshrim (עשרים), cujo valor usando a Gematria é $70+300+200+10+40=620$, ligando-se assim aos 613 Mitzvot e a os 7 preceitos de Noé. É importante também lembrar que em Torá Deuteronômio pg. 522, encontra-se o texto dos 10 Mandamentos em Hebraico, onde pode ser verificado que aquele texto contém 620 letras e que a última é um Kaf final cujo valor é 20. Ou seja, segundo Zumerkorn pg. 223, “*vinte representa o poder íntimo da alma para suprimir as forças do mal*”.

Os últimos 7 anos da vida de Sara correspondem à sua perfeição, pois 7 são os atributos emocionais do coração que foram trabalhados e desenvolvidos ao longo de toda a vida de Sara: amor, temor, compaixão, confiança, sinceridade, honestidade e humildade, os quais correspondem as setes Sefirot da Arvore da Vida.

Porque se ressalta tanto que eles eram filhos de Chet? Chet (חֵת) é a 35ª nação das 70 nações formadas por meio dos filhos de Noé. Especificamente essa nação tem a seguinte descendência Noé, Han, Canaã, Chet (חֵת) e filhos de Chet (בְּנֵי-חֵת). Os habitantes daquele local eram os filhos de Chet. Mas, é importante notar que Chet é o nome da 8ª letra do Alef Beit. O oitavo caractere representa a vida, o livre arbítrio ou a livre escolha de qual caminho se vai seguir, pois inicia a palavra Hai (חַי) (vivo). Não teria sentido ter recompensa e punição se não tivesse o livre arbítrio. Existe na vida tendências físicas e tendências espirituais. O corpo puxa para os prazeres físicos e a alma para os prazeres espirituais. Cada pessoa segue a sua tendência na vida, ser mais materialista ou mais espiritual. Mas, o melhor é conduzirmos a nossa vida de uma forma equilibrada, unindo o físico com o espiritual. Uma pessoa que se desprende da vida e fica somente no mundo espiritual não está correto. O Chet nos indica que uma pessoa que quer viver de uma forma pura, deve conciliar o espiritual com o físico.

Chet também representa calor Hom (חֹם) que se inicia com um Chet, bondade Hessed (חֶסֶד), sabedoria Hokhmah (חֻכְמָה), ou seja, o Chet representa coisas que emanam, calor, bondade e sabedoria. O oito representa o infinito, ou seja, que está acima da matéria. O oito está acima do sete e se o Eterno D'us criou o mundo em sete dias, o oito é aquele que provê a vida. Nós nos conectamos com aquele que está acima dos mundos e é de lá que vem a vida.

O lado positivo é estar acima e o lado negativo é estar abaixo. Ou seja, o Chet (8) representa o sobrenatural, se sairmos da linha, a pessoa vai para baixo, pois é a origem de uma palavra em Hebraico que é totalmente oposta, ou está abaixo do nível, representa o pecado a falha (חטא) Chet pecado / falha ou (חית) Chit fera.

(חיים) Chaiim é “vidas” e não há uma forma em Hebraico de dizer vida. Porque não existe uma única vida. Existe a vida aqui e depois a vida após a vida. Veja que o Chet somente tem abertura para baixo, ou seja, ou se está dentro do caractere ou a pessoa cairá.

Os filhos de Chet admiravam e reverenciavam Avraham: Bereshit 23:06 pg. 58: “¹³Ouve-nos, meu Senhor, príncipe de D’us és tu, entre nós; no melhor (lugar) de nossas sepulturas enterra tua morta; nenhum de nós sua sepultura te negará, para enterrar tua morta”. Entretanto, a idolatria ao dinheiro também estava presente. “¹⁴E respondeu Efron a Abraão, dizendo-lhe: ¹⁵Meu senhor escuta-me; a terra de quatrocentos siclos (pesos) de prata, entre mim e ti, o que significa? Enterra teu morto! ¹⁶E escutou Abraão a Efron, e pesou Abraão para Efron a prata que mencionara, na presença dos filhos de Chet: quatrocentos siclos de prata (moeda) corrente entre mercadores”. Torá Bereshit 23:14-16, pg. 59.

Segundo Rashi Bereshit pg. 101 nos diz que “o universalismo deve operar conjuntamente com o particularismo. Somos todos Abraão, incumbidos da tarefa de difundir consciência Divina pelo mundo inteiro; nessa condição, devemos sempre esforçar-nos para enxergar a humanidade do modo mais favorável possível e cada indivíduo como um filho precioso de D’us, merecedor de nosso amor irrestrito e do melhor que possamos dar, tanto materialmente como espiritualmente. Porém, ao mesmo tempo, devemos todos ser também Sara, zelando pela integridade dos portadores da mensagem Divina”.

Há alguns registros que devem ser ressaltados em B23? Em Torá Bereshit 23:02, pg. 58 há o primeiro registro de luto pelos mortos, de um sepultamento, da aquisição real da propriedade da terra, ou da compra de uma parte destas terras, do uso da prata como moeda de troca para compra e o uso de um padrão de peso. O enterro era uma questão de necessidade, como diz Abraão, para remover o corpo da vista, pois se deixado ao relento seria devorado por feras predadoras ou se tornaria ofensivo pela putrefação. Enterrar ou cobrir com terra é, portanto, um processo natural.

Esse capítulo mostra a grandeza de Sara, transcendente ao próprio tempo da vida da primeira Matriarca. Tanah Provérbios 19:14, pg. 1919 está escrito: “Casa e riqueza são heranças dos pais, mas uma mulher prudente é o Eterno”. Ela em toda a sua vida acompanhou Abraão na sua tarefa de difundir o monoteísmo com amor e temor ao Eterno D’us, compreendendo a complacência de Abraão perante a dureza de coração daqueles com que Abraão convivia.

Entretanto, quando ela teve Isaac, percebeu que deveria distanciar Isaac de possíveis influências negativas que desvirtuasse o caminho ao qual Isaac deveria percorrer. Protegeu o seu lar, afastou Ismael e sua mãe, educou Isaac dentro dos preceitos que envolviam completamente ao casal Abraão e Sara. Ou seja, ela protegeu a Luz Circundante da Casa de Abraão e Sara para que no momento certo Isaac pudesse ser Luz.

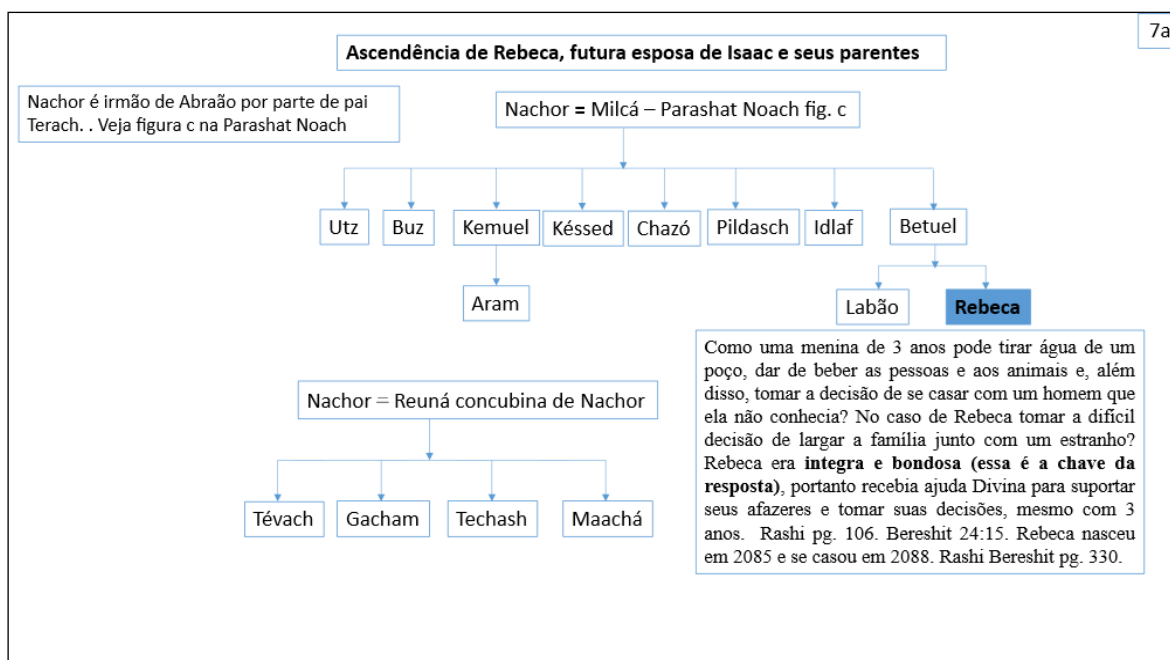
“Sara é luz”, pois tem influência por toda a descrição desta Parashá e muito mais além, ou seja, até os dias de hoje. A força espiritual de Sara é descrita de forma resumida também por Rashi Bereshit, pg. 102. “Durante o tempo de vida de Sara, três milagres ininterruptos ocorriam por mérito dela: a lâmpada a óleo de sua tenda permanecia acesa de uma sexta-feira à outra, embora só contivesse óleo suficiente para um dia; um pequeno pedaço de pão que ela fazia bastava para saciar a fome; e

uma nuvem, que é a manifestação física da presença de D’us, pairava continuamente sobre a tenda. Quando ela morreu esses milagres cessaram”.

2.(Chayê Sara) – Gênesis 23:17-24:09 – “O enterro de Sara e o casamento de Yitschaci e Rivca. Depois de enterrar Sara, Avraham enviou seu servo Eliezer à casa do seu irmão em Aram a fim de escolher uma esposa adequada para Yitschaci. As esposas distantes de D’us. [Avraham falou para Eliezer: ‘Você deve ir à minha terra, à minha família e trazer uma esposa para o meu filho Yitschaci’.

Os profetas descrevem frequentemente o relacionamento entre D’us e o povo israelita como aquele entre marido e mulher. Neste sentido, estamos todos incumbidos de uma missão comparável àquela que Avraham deu a Eliezer: sair para encontrar aquelas almas que se desviaram e trazê-las de volta a D’us, o seu ‘marido’”.

Antes de adentrarmos na discussão propriamente destes versículos é importante retornarmos aos últimos versículos da Parashat anterior nos versículos B22:20-24 e visualizarmos a árvore genealógica lá citada chegando até Rebeca (Rivca).



Ao observar essa árvore genealógica, percebemos que há uma conexão da genealogia apresentada na Tora e o conhecimento profético de Abraão. Imediatamente após o episódio da Akedá (o sacrifício de Isaac), a Torá insere um trecho aparentemente desfocado do tema que estava sendo apresentado. “E sucedeu, depois destas coisas, que se anunciou a Abraão, dizendo: Eis que também Milcá deu filhos a Nachór, teu irmão... e Betuel gerou Rebeca.” (B22:20-23).

O Midrash Rabbah (57:01) nos apresenta que isto não é sem propósito. É uma resposta Divina à Akedá, mostrando que, enquanto Avraham se preparava para oferecer seu filho, D’us já preparava a sua noiva, garantindo assim a continuação da promessa. A Torá menciona o nascimento de Rebeca imediatamente após a Akedá para indicar que o nascimento daquela que seria a esposa de Isaac já havia sido preparada antes mesmo que Abraão passasse por àquela prova. Segundo Rashi Bereshit pg. 330, o atamento de Isaac, com 37 anos, por Abraão com 137 anos, tendo Ismael com 51 anos, a ocorrência da morte de Sara com 127 anos e o nascimento de Rebeca, todos esses fatos ocorreram no ano de 2085 do calendário judaico. Assim, a Akedá e o nascimento de Rebeca são dois lados do mesmo evento espiritual.

Conectando-se a genealogia acima descrita, Abraão organiza a busca de uma esposa ideal para Isaac. No fundo, esse processo ocorre por meio da exteriorização da fala. O livro “Os Patriarcas e a Educação”, pg. 140, apresenta que Abraão passou para Eliezer um dos nomes de D’us. Está escrito que “em Bereshit 24:03, Abraão (Avraham) fez Eliezer jurar pelo nome de D’us (D’us dos céus e D’us da Terra) que não pegaria para Isaac uma esposa das filhas dos Canaanitas (Kenaanitas). Ele transmitiu um dos nomes de D’us (ה-ו-ה-א) para que, por meio dele, Eliezer tivesse sucesso em sua difícil missão”.

Este nome de **D’us** tem a seguinte rashê tevot:

- (א) O caractere Alef forma a palavra Elo-hê (אֱלֹהִים), (D’us do)
- (ה) O caractere Hei forma a palavra hashamaim (הַשָּׁמַיִם), (céus)
- (ו) O caractere Vav forma a palavra vElo-hê (וְאֱלֹהִים), (e D’us da)
- (ה) O caractere Hei forma a palavra Haárets (הָאָרֶץ), (Terra).

A Guematria de (ה-ו-ה-א) é (1+5+6+5=17), no versículo (passuc) 10 está escrito que Eliezer foi com todos os bens de seu senhor. “Todos os bens”, no idioma Hebraico, se diz vechol tuv (וְכָל-טוֹב). **Mas, a que bens a Torá estava se referindo?** A Guematria da palavra tuv (טוֹב) também é 17, se referindo este nome Sagrado de D’us que Abraão transmitiu a Eliezer. **Mas, para que serviu este nome?** Para que Eliezer pudesse encurtar seu caminho até a casa de Rivca (Rebeca), justamente por causa do poder espiritual do nome. No versículo 42 está dito que Eliezer disse a família de Rivca: E vim hoje a fonte, (וָאָנֹכִי הָיִיתִי הַיּוֹם אֶל הַעֵינַן) (Vaavô haion el haáin). A rashê tevot destas palavras formam o nome de D’us (ה-ו-ה-א). ”.

Rashi Bereshit 24:42, pg. 108, apresenta que Eliezer falou “Então parti hoje e, como disse, milagrosamente cheguei hoje à fonte, apesar de que a viagem de Hebron para cá, normalmente leva mais que um dia. Eu disse: “o D’us, D’us de meu senhor de Abraão! Se isto Te aprouver, coroa com sucesso esta missão que estou empreendendo”.

A frente de Eliezer seguiu um anjo. Mas, a Torá não torna claro qual o nome deste anjo. **Assim, nos perguntamos qual foi o anjo que seguiu à frente de Eliezer?** Ao iniciarmos essa análise é importante olharmos para quem era Me-ta-tron (Não verbalize ou pronuncie este nome). “O mundo de Yetzirah é chamado de mundo dos Anjos. O principal deste mundo é Me-ta-tron, o Príncipe da Face (Sar HaPanim)”. (The Beginning of Wisdom 09:16 in Sefaria.org).

Zohar 03:275b:12, in Sefaria.org: “Pois Malkhuth não é tratado levianamente para que a Matrona monte em um jumento, e ainda mais o Rei, pois não é lugar para plebeus e servos, [O anjo Me-ta-tron é chamado de plebeu e servo]. Lendas dos Judeus 01: 03: 12, in Sefaria.org: “Um trono magnífico foi erguido para ele ao lado dos portões do sétimo palácio celestial, e um arauto proclamado em todos os céus a respeito dele, que doravante seria chamado de Me-ta-tron nas ... regiões celestiais: Eu nomeei Meu servo Me-ta-tron como príncipe e chefe de todos os príncipes em Meu reino, com exceção apenas dos oito augustos e exaltados príncipes que levam Meu nome”.

Abaixo descreveremos um resumo de uma ampla análise que pode ser encontrada em Shenei Luchot HaBerit, Torá Shebikhtav, Chayei Sara, Torá Ohr 51, obtida em Sefaria.org. A posição de Eliezer na casa de Abraão é descrita tanto como o membro, responsável por tudo o que pertencia a Abraão; mas também é descrito como um servo como (עֶבֶד) áved (escravo). Ele executou uma tarefa dupla. Quando Abraão despachou este membro sênior de sua casa em uma missão aqui na terra, D'us despachou alguém de posição semelhante de Sua própria “casa” para ajudar Eliezer. Quando Abraão assegurou a Eliezer que “D’us enviará Seu anjo antes de você” (Bereshit – Gênesis - 24:07), ele se referiu a Me-ta-tron.

Não é por acaso que quando Abraão fez Eliezer jurar, (B24:03) ele se referiu ao D'us do Céu e ao D'us da Terra, pois Eliezer estava na terra e sua missão era terrena. Quando Abraão se referiu, em alguns versículos mais tarde, ao anjo do Céu que ele sentiu que D'us enviaria adiante, ele se referiu apenas ao D'us do céu. Isso é apropriado, pois a função do anjo era espiritual. Ou seja, o anjo enviado pelo Eterno D'us não assumiu a forma humana como os anjos que Abraão hospedou.

Desta forma, percebe-se que Eliezer é um servo no qual Abraão depositava total confiança. **Mas, Abraão o fez jurar por quê?** Rashi Bereshit pg. 104 apresenta que *“este tipo de juramento para ter força, a pessoa deve segurar algo sagrado enquanto jura. A única coisa que foi santificada até agora – em virtude de ter sido objeto de mandamento explícito de D'us – é meu órgão reprodutor, o qual Ele o ordenara que circuncidasse. Portanto, - ordenou Abraão – põe tua mão embaixo de minha coxa com esse propósito, e eu te farei jurar por D'us”*.

Segundo Rabino Joseph Saltoun no livro A Arvore da Vida, na posição 576, fala que *“toda a Cabala é somente uma palavra: restrição. Devemos ser capazes de restringir o desejo que temos de receber para nós mesmos, transformando-o no desejo de receber para compartilhar. Esse é o trabalho de uma pessoa justa”*. Segundo Rashi Bereshit pg. 105, diz que *“Eliezer na realidade tinha o desejo de que sua filha se casasse com Isaac, tanto que sugeriu a Abraão que a considerasse como mulher para Isaac em vez de uma filha de Aner, Eshcol ou Manré”*. Abraão denegou a intenção de Eliezer e ao fazer Eliezer jurar levou-o, por sua devoção a Abraão e reverência ao Eterno D'us, a restringir o desejo de casamento de sua filha com Isaac.

3.(Chayê Sara) – Gênesis 24:10-26 – *“Eliezer e a sua caravana partiram para Aram. Ao chegarem a um poço nas proximidades de Charan (Haran), a cidade do irmão de Avraham, Nachor (Naor), as mulheres estavam tirando água. Eliezer pediu a D'us para guiá-lo à melhor escolha para Yitschaci, fazendo que a escolhida respondesse com generosidade ao seu pedido por água para ele e a sua comitiva. Benevolência. Eliezer rezou: ‘Permite que à donzela a quem eu diga: ‘Por favor, incline o seu jarro para que eu possa beber’, e ela responda: ‘Beba e eu lhe darei água também aos seus camelos’, seja aquela a quem Você designou para Seu servo Yitschaci”*.

Uma vez que a D'us não falta nada, a generosidade é o meio primordial com que Ele se relaciona com o mundo. Pela mesma razão, a generosidade é a característica natural das pessoas fortemente ligadas a D'us. Em contraste, a característica natural da maldade é o egoísmo. Não importa o quanto o mau indivíduo possua, sempre permanecerá insatisfeito; é por isso que busca somente receber, e nunca dar.

Neste sentido, Eliezer procurou uma mulher para Yitschaci que demonstrasse generosidade. Quando Rivca foi além do pedido específico de Eliezer e ofereceu água também para os seus camelos, ele entendeu que ela era uma pessoa ligada a D'us e, portanto, uma escolha adequada para o filho de Avraham.

Ao demonstrarmos generosidade aos outros, também ganharemos ‘companheiros’ mais adequados e preciosos – sejam almas gêmeas, amigos, sócios de negócios, ou vocações na vida”.

Ao lermos Bereshit 24, chama-nos a atenção que a palavra camelos foi citada diversas vezes ao longo do texto. Isto tem uma ligação intensa com o pedido feito por Eliezer a D'us a respeito de como ele deveria escolher a futura esposa de Isaac. Assim, nos perguntamos: **Quantas vezes foi citada a palavra “camelos” neste capítulo e qual o seu significado?** O fato da palavra “camelos” (גַּמְלִים) (gamalim) se repetir por 17 vezes em Bereshit 24 não é acaso. Na linguagem da Torá, nada é accidental. O número, a repetição e a sequência das palavras indicam movimentos espirituais interiores.

Mas antes, vamos olhar um pouco de Guematria. A palavra camelo em Hebraico é (גַּמָּל) (gamal), tem a Guematria (3+40+30=73) e (7+3=10). Mostra-nos a importância que a esposa de Isaac teria, uma vez que ela deveria assumir as atribuições que Sara anteriormente detinha. A história de Rebeca inicia-se com uma viagem que, à época e local, dependia e muito do animal camelo.

Entretanto, o plural de camelos é (גַּמְלִים) (gamalim). Usando a Guematria com o valor do Mem sofit que é de 600, encontramos (3+40+30+10+600=683) e (6+8+3=17 e 1+7=8), ou seja, 17 é o número de vezes em que foi citada a palavra camelos em Torá Bereshit 24. Sabemos que 8 indica uma pessoa que deseja viver de uma forma pura e deve conciliar o espírito com o físico.

Por outro lado, 17 é o caractere Pei (פ) que significa “boca”. A boca dá voz ao interior de uma pessoa. O Pei vale 80 e espera-se que uma pessoa de 80 anos, já tenha a medida certa para falar com a força de seu próprio caráter. Moisés tinha 80 anos quando retornou ao Egito. O oito representa o sobrenatural e o 80 representa uma idade além.

É muito difícil segurar a boca, ao falar, ao comer etc. Por isso a boca tem duas partes, os lábios e os dentes. Ou seja, para nos contermos, nós precisamos de duas portas. Em Tanah Mishlê (Provérbios) 18:21, pg. 1917, encontramos que a vida e a morte dependem da língua. Podemos matar uma pessoa ou dar vida por meio da boca. Uma palavra lançada pode causar um mal muito grande. Ou um bem imenso.

A boca também é um canal de entrada e saída. Abrimos a boca para comer (entrada) e falar (saída). Abertura em Hebraico é (פֶּתַח) Pétar, cujo primeiro caractere é Pei. Representa a parte interior, pois Panim (פָּנִים) é face ou rosto e começa com Pei e representa a parte exterior, pois a face de uma pessoa de fato mostra quem é.

Mas, quem representa o cesto é Tet (ט), local onde guardamos o que colhemos durante a vida para usarmos no futuro. Olhando para o Pei (פ), percebemos que se girarmos a letra Tet (ט), no sentido contrário aos dos ponteiros do relógio, encontramos o Pei. O Tet, em seu giro, vai deixar a porta aberta para propiciar o uso do que foi recolhido.

O camelo vive no deserto que é um lugar do vazio. Mas, o camelo carrega vida em si mesmo. A Cabalá nos mostra que o camelo representa a capacidade da alma de atravessar os desertos interiores que são conhecidos como os períodos de aridez espiritual, mas a pessoa leva dentro de si recursos que vêm de D’us (água – Torá). E que deve, portanto, para atravessar o deserto.

Eliezer não pede a D’us apenas um sinal de caráter daquela que será a esposa de Isaac. Ele entende que a futura esposa de Isaac deve expressar uma Sefirá de Hessed elevada, ou seja, ela deve além de responder a uma necessidade, antecipar-se ao bem do outro. Quando Rebeca oferece água não só a ele, mas também aos camelos, ela está dando vida à bondade além daquilo que ela foi demanda.

Rebeca representa a alma do Ser Humano e, neste caso, os camelos são as forças da personalidade que estão pesadas, materiais e sedentas. Quando a alma age com altruísmo (oferecendo água, ou seja, a Torá), ela purifica àquelas forças e faz com que elas se tornem veículos do Divino. Assim, os ‘camelos interiores’ de cada um, que são os instintos, desejos e emoções, que não podem ser eliminados, mas que devem ser guiados pela alma Divina; tornando-se assim, aliados na jornada espiritual. Olhando para a palavra (טוֹב) (Tov), que significa bom e tem Guematria 17, vemos que as 17 vezes que aparece a palavra camelos, revela que o episódio é a manifestação da bondade Divina que ocorre por meio de uma ação humana, neste caso, a ação de Rebeca. E é isto o que Eliezer estava procurando.

Como vimos acima, dentro de cada pessoa existem ‘*camelos espirituais*’. Partes de nós carregam coisas pesadas que são os nossos hábitos, coisas as quais nos tornamos apegados, memórias e, especialmente, medos associados aos nossos instintos, desejos e emoções. Essas forças não são intrinsecamente más. Elas são utilizadas como meios de transporte e devem ser elevadas. Entretanto, só se tornam santas quando a ‘Rebeca interior’, a nossa alma Divina, decide saciar a sede delas com a “Água Viva” da Torá, da oração e da bondade.

Quando fazemos isso, deixamos de viver com sede de reconhecimento ou poder e passamos a viver como canais de doação. Assim, a repetição dos “*camelos*” em Bereshit 24 nos ensina que a verdadeira jornada espiritual não é livrar-se do deserto, mas atravessá-lo e ao fazê-lo transformá-lo em um caminho de luz.

A síntese acima é decorrente de várias fontes a saber: Rashi Bereshit 24:10-26, Parashat Chayei Sarah In-Depth in www.chabad.org, Zohar I:131a e Etz Chaim, ambos em www.sefaria.org.

4.(Chayê Sara) – Gênesis 24:27-52 – “A moça que deu água para Eliezer e a sua caravana era de fato Rivca, sobrinha-neta de Avraham. Depois de haver comprometido matrimonialmente Rivca a Yitschaci, Eliezer se reuniu com a família dela e contou-lhes os detalhes da sua missão. D’us não desperdiça nada. Eliezer disse para a família de Rivca: ‘Sara, a mulher do meu mestre, deu a ele um filho depois de tornar-se velha, e ele deu ao seu filho Yitschaci tudo o que lhe pertencia’.

Avraham estava disposto a renunciar a toda a sua fortuna para assegurar que Yitschaci se casasse com Rivca. Assim, também, D’us está disposto a dar ‘todos os Seus bens’ para ajudar cada um de nós a cumprir nossa missão de realizar o ‘casamento’ das dimensões física e espiritual da realidade, transformando o mundo numa moradia adequada para D’us através das nossas boas ações”.

Quando Eliezer encontra Rebeca, ele não apenas cumpre uma missão física de encontrar uma esposa para Isaac, de fato, é a união entre as dimensões masculina e feminina dentro da Criação. Isaac representa o aspecto de Gueburah (disciplina) e Rebeca representa Malkhuth (receptividade). A tarefa de Eliezer, servo de Abraão (Hessed), é unir esses dois polos. Assim, o encontro à beira do poço (fonte de vida espiritual) é o movimento da bondade (Abraão) mediando a união entre força e receptividade, que anima o interior do Ser Humano.

Eliezer obteve sucesso em seu objetivo de encontrar uma esposa para Isaac. Mas, uma dúvida que sempre surge é sobre a idade de Rebeca. **Assim, Qual a idade de Rebeca quando Eliezer a levou para ser a esposa de Isaac?** Rashi Bereshit 24:15, pg. 106, apresenta que Rebeca tinha 3 anos de idade quando Eliezer a viu aproximar-se do poço. Como vimos acima, Rebeca teria nascido em 2085., portanto, no mesmo ano em que ocorreu o falecimento de Sara em função do atamento de Isaac por Abraão. “*Na tenda de Sara habitava a Presença Divina. Todos os dias em que Sara estava viva, havia uma lamparina que queimava desde a véspera do sábado até a próxima véspera do sábado, e quando ela morreu, a vela parou de queimar por tanto tempo. E quando Rebeca veio, a chama de uma lamparina voltou a queimar pelo mesmo tempo*”. Midrash Rabbah, Bereshit 60, in www.sefario.org.

Rashi Bereshit 25:20, pg. 120, apresenta que “*Isaac com quarenta anos casa-se com Rebeca, quando ela tinha três anos de idade. Embora Rebeca fosse filha de um perverso, Bethuel, o arameu de Padan Aram, e irmã de um perverso, Labão, o arameu, nascida e criada em um ambiente imoral, tal influência não a corrompeu espiritualmente. Aram é denominada aqui Padan Aram porque Padan significa tanto “dupla” (a região abarcava dois países Aram Naharaim e Aram Tzová) como o “campo”.*

Rebeca só se tornou fisicamente madura para conhecer Isaac aos treze anos de idade. No entanto, ela permaneceu estéril, mesmo depois de atingir a maturidade. Isaac e Rebeca esperaram e rezaram

por filhos durante 10 anos, como haviam feito os pais dele, Abraão e Sara. Passado esse tempo, diferentemente, de seu pai, Isaac não quis procriar por intermédio da serva de sua mulher. Abraão lhe conferira a condição de animal sacrificial, portanto, Isaac compreendeu que, em virtude dessa condição sagrada, ele não deveria desonrar-se, nem sequer de maneira tão sutil. Isaac e Rebeca, então, decidiram aumentar a intensidade e frequência de suas orações. Isaac rogou a D'us, enquanto sua mulher fazia o mesmo no lado oposto da sala, porque ela era estéril. Embora ambos tenham rezado fervorosamente, D'us atendeu especificamente à súplica de Isaac, pois as preces de um justo, que é filho de um justo são mais eficazes do que as de um justo, filho de um perverso". Assim, quando os gêmeos filhos de Rebeca e Isaac, Esaú e Jacob nascem, no ano de 2108, Isaac tem 60 anos, Rebeca tem 23 anos e Abraão tem 150 anos. Cronologia para o Gênesis por Rashi Bereshit, pg. 330.

Entretanto, a idade de Rebeca é objeto de debate e discussão entre vários comentários e Midrashim tradicionais. A ideia de que ela tinha apenas três anos é uma opinião encontrada em alguns textos como de Rashi. Outros comentaristas clássicos como Ramban (Nachmânides) e Radak (R. David Kimchi), aparentemente, rejeitam a leitura literal do Midrash e propõem uma idade ao redor de 14 anos. Porém, neste texto seguiremos com as conclusões apresentadas por Rashi.

A escolha da esposa para Isaac foi meticulosa e precisa, qual a razão? Parte da análise abaixo apresentada foi inspirada na aula proferida pelo Rabino Atila Drelich, em sua página no Facebook Pérolas da Sabedoria Judaica, de 19 de novembro de 2020.

Como já foi explicado acima, quando Abraão percebeu que havia chegada a hora de Isaac se casar, pediu que seu servo Eliezer viajasse a terra de sua família e, somente lá, procurasse a pessoa ideal, que tivesse os dons necessários para dar continuidade à construção espiritual que Abraão havia dado início junto com Sara, sua esposa. Rebeca foi a escolhida, dentre outras aspectos, por causa de seu compromisso excepcional com a bondade e a generosidade, acima analisados quando olhamos para as 17 citações da palavra camelos.

O Rebe ensina (em *Likutei Sichot*, vol. 15, p. 190 in <https://insidechassidus.org/series/likutei-sichos-volume-15>) que o verdadeiro casamento espiritual acontece quando o Isaac interior, a disciplinada, se une à 'Rebeca interior', a capacidade de agir com generosidade. Dar água aos camelos, gesto repetido dez vezes, indica a elevação dos dez poderes da alma, purificando os instintos materiais (os camelos) e tornando-os servos da alma Divina.

Em Torá Bereshit 25:20, pg. 68, é apresentado por três vezes, em um único versículo, que Rebeca habitava entre os arameus, "*E estava Isaac com quarenta anos de idade ao tomar a Rebeca, filha de Bethuel, o Arameu, de Padán Aram, irmã de Labão, o Arameu, como esposa.*" A palavra "Arameu", (אַרְמִי) "Arami", tem as mesmas letras da palavra (רַמַּי) "Ramai", que significa impostor. Dicionário pg. 280. Lembremo-nos de que Lavan, o Arameu, mostrará sua face de trapaceiro, quando a Torá descreve as relações de Labão com Jacob. O ambiente deixa marcas nas pessoas.

Mas será que Rebeca era diferente das pessoas que ali habitavam? A Tora descreve que Rebeca organizou e realizou uma das maiores manipulações ocorridas na história, para enganar seu próprio marido, que já estava cego, de forma que Isaac desse a Benção da Primogenitura a Jacob, sendo que Esaú, o primogênito, é que deveria recebê-la. Ocorreu um planejamento e uma execução impecáveis, próprio de uma pessoa que tem tanto astúcia como sabedoria. Ou seja, Rebeca mostrou que tinha dentro dela a capacidade de planejar e executar de forma magistral uma 'trapaça', capacidade essa proveniente de sua origem. Torá Bereshit 25:20.

Lembro que os Seres Humanos foram criados a semelhança com o Criador como é apresentado em Torá Bereshit 01:26, pg. 3, "*E disse D'us: Façamos o homem à nossa imagem segundo nossa semelhança...*". Mas, devemos nos lembrar também que em Torá Bereshit 02:07, pg.5, é apresentado

que o homem é formado do pó da terra, a saber: “*E formou o Eterno D’us ao homem [Adam], pó da terra, e soprou e suas narinas o alento da vida; e foi o homem alma viva*”. Ou seja, temos a capacidade de nos comportarmos como seres grandes e elevados espiritualmente, pois fomos formados a imagem e semelhança com o Criador. Mas, somos pó da terra, portanto, ao mesmo tempo podemos cometer erros graves. Ter a consciência destes fatos e buscar empregar as energias oriundas do pó da terra para fins positivos é algo ímpar de ser feito.

Rebeca foi capaz de transformar esse ‘*dom extraordinário*’ ou poder, predominantemente negativo em algo positivo e aplicá-lo para fins nobres, de forma totalmente diferente com que seu Irmão Labão praticava. Isto significa que devemos usar as ferramentas que o Criador colocou a nossa disposição, para o bem tanto de forma qualitativa quanto de forma quantitativa. E foi essa uma das qualidades que Eliezer enxergou em Rebeca quando a encontrou na fonte de água. Embora tivesse nascido em um ambiente degradante, a primeira ação apresentada na Tora sobre Rebeca é repleta de bondade e generosidade. No fundo, nesta pequena reflexão temos a respostas a pergunta do porquê o Eterno D’us nos formou com o pó da terra? “*Para que a pessoa possa escolher livremente ser justa ou perversa*”. Tanya V2 cp. 22 pg. 348, V2 cp. 24 pg. 378. Rebeca escolheu ser justa!!!

Nestes versículos, aparece também a questão da idolatria ao dinheiro ou a bens materiais valiosos como o ouro, isto de forma bem clara, expressa pelas atitudes de Labão. **Como podemos ver mais profundamente a idolatria?** Encontramos em Torá Bereshit 21:09, pg. 52 a palavra (מצחק) Metsachec a saber: “*E Sara viu o filho de Agar, a egípcia, que ela deu a Abraão, zombando*”. Há traduções que trocam a palavra zombando por brincando ou rindo-se, mas pela reação de Sara, imediatamente, pedindo a Abraão que expulsasse a Hagar e a Ismael do acampamento; pensa-se que a palavra mais correta é “*zombando*”, mas contendo a intensão de Ismael de assassinar a Isaac, computando o fato a um acidente.

Em Torá Êxodo 32:06, pg. 260, encontramos a palavra (לצחק) Letsachec, a saber “*E madrugaram no dia seguinte, e ofereceram holocaustos, e trouxeram sacrifícios de pazes, e o povo sentou-se a comer e a beber; depois levantou-se para celebrar*”. Este termo celebrar, está ligado a riso e tem neste ponto o sentido de relacionamento sexual ligado a adultério, posto que neste momento de idolatria do bezerro de ouro, muitos se encontravam alcoolizados.

Conforme Tanya V2 cp. 22, pg. 350, a idolatria associa-se ao roubo, ao adultério e assassinato, além de estar ligada diretamente a arrogância. “*Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram que a arrogância é realmente igual à idolatria. Pois a essência da idolatria é o fato dela ser considerada uma entidade independente, separada da santidade de D’us; a idolatria não implica uma completa rejeição de D’us, conforme está escrito na Guemará Menachot 110 a, que aqueles que se encontram no domínio da kelipá referem-se a D’us e O chamam de – o D’us dos deuses – de modo que, embora não neguem Sua supremacia acima dos – outros deuses –, mesmo assim esta própria afirmação (de que existem outros deuses) já é uma forma de idolatria*”.

Em Torá Bereshit 24:29-30, pg. 62, podemos encontrar o seguinte texto: “²⁹ *E Rebeca tinha um irmão, seu nome era Labão [Laván]. E correu Labão para o homem, lá fora, na fonte.* ³⁰ *E foi ao ver o aro e as pulseiras sobre as mãos de sua irmã, e ao escutar as palavras de Rebeca, sua irmã, que dizia: Assim falou-me o homem; e veio em direção ao homem; e eis que estava perto dos camelos, perto da fonte*”. Percebe-se que embora o pai de Labão ainda estivesse vivo, era Labão que comandava a casa. Labão imediatamente ao ver os objetos de ouro na mão de sua irmã Rebeca pôs-se a correr na direção da pessoa que havia acabado de chegar. Além disto, camelos, à época, eram de um grande valor e ele viu que o visitante tinha vários camelos.

O que essa atitude de Labão nos remete? As pessoas que antecederam a Abraão sabiam da existência do Eterno D’us Único e Criador do céu e da terra. Porém, gradativamente passaram a se afastar de D’us e a criar um pensamento que Ele, no fundo, era sublime e transcendente para se ocupar

diretamente com este mundo. Por isso, pensaram que o Eterno D'us havia transferido parte de seus poderes para outros, tais como astros, árvores etc. Templos foram erguidos para estes “*outros deuses*”. Evidentemente, estabeleceu-se uma forma de domínio e poder das massas. Os coordenadores destes templos falavam que por meio deles, uma determinada estrela, tinha transmitido uma mensagem a eles, ordenando ao povo que a servissem de uma certa forma. Ou seja, os metais valiosos logo passaram a ser uma parte importante deste processo. A idolatria estava estabelecida.

Esse processo levou as pessoas a se distanciarem cada vez mais do Eterno D'us, pois como dito, a essência da idolatria é o fato dela ser considerada uma entidade independente, separada da santidade do Eterno D'us. Nitidamente surge a arrogância, a averse por recursos financeiros, a pensar que foi “*o escolhido*” por D'us, que é superior as outras pessoas etc. Ou seja, a corrida de Labão para encontrar aquele que havia presenteado sua irmã com ouro é a representação clara de tudo que foi dito sobre a idolatria. Também antecipa as enganações que Labão fará repetidamente a Jacó no futuro.

Ao contrário de Labão e o seu entorno, podemos compreender, pela interpretação do Rebe sobre Abraão que, na declaração de Eliezer: “*Meu mestre deu tudo o que tinha a Isaac*” (B24:36), é semelhante ao realizado por D'us, que transfere “*todas as Suas riquezas*” espirituais para o Ser Humano, quando este aceita cumprir sua missão de unir os mundos espiritual (céus) com o físico (terra). Assim, quando uma pessoa age com sinceridade e esforça-se para harmonizar o que pensa, sente e faz, com D'us, O Eterno derrama sobre ela um fluxo de abundância espiritual. Abraão passou tudo que tinha para Isaac, nada retendo. De forma semelhante, O Criador também nada retém de Seu fluxo de Luz para àquele que trabalha para unir o material e com o Divino dentro da própria pessoa e espalha essa Luz para o mundo que o cerca. Likutei Sichot, vol. 15, p. 189, in <https://insidechassidus.org/series/likutei-sichos-volume-15>.

5.(Chayê Sara) – Gênesis 24:53-67 – “*Eliezer e Rivca voltaram a Canaã para encontrar Yitschaci. Depois que Yitschaci e Rivca se casaram, Rivca assumiu o lugar de Sara como matriarca da família. Iluminar o mundo. Yitschaci trouxe Rivca para a tenda da sua mãe Sara.*”

Embora Avraham acendesse as velas do Shabat depois do falecimento de Sara (porque ele observava todos os mandamentos da Torá), as suas velas não permaneciam acesas toda a semana como ocorria com Sara. Porém, quando Rivca começou a acender as velas de Shabat, as suas luzes permaneciam miraculosamente acesas toda a semana.

Isto demonstra a habilidade única das mulheres e moças israelitas que são todas ‘filhas’ de Sara e Rivca em influenciar o caráter espiritual do lar, iluminando-o com a santidade do Shabat ao longo de toda a semana seguinte. Embora a luz das velas possa ser visível fisicamente por um período limitado, a sua iluminação espiritual permanece durante toda a semana”.

Eliezer enfrentou algumas dificuldades para iniciar a viagem de retorno com Rebeca. Vencidas as dificuldades iniciais, Labão abençoou a Rebeca, supondo que ao se casar com Isaac, Rebeca se tornaria uma mulher rica e importante e, pensou Labão, logo se esqueceria de sua mãe e do próprio irmão, Labão, não os visitando mais. Esta narrativa é apresentada no livro Os Patriarcas e a Educação, pgs. 148 e 149, B24:60, “*quando Rebeca concordou em partir com Eliezer depois de indagada por sua família, eles a abençoaram dizendo: nossa irmã que descendam de ti milhares de miríades!*” (אָחַתְנוּ אֵת הָי לְאַלְפֵי רַבְבָּהּ) *achotênu at haii lealfê revavá. A palavra revavá (רַבְבָּהּ) – miríades – cujas rashê tevot podem significar:*

- (ר) – com o caractere Resh se escreve o nome Rivca (רַבְקָה) Rebeca
- (ב) – com o caractere Beit se escreve a palavra bat (בַּת) filha de
- (ב) – com o caractere Beit se escreve o nome Bethuel (בְּתוּאֵל)
- (ה) – com o caractere hei se escreve a palavra haaramí (הָאֲרָמִי), o arameu.

Ou seja, é como se Labão dissesse: Não esqueça que você ainda é a Rebeca, filha de Bethuel, o arameu”.

Já próximo de finalizar a viagem de retorno e antes de Rebeca alcançar o local onde Isaac estava, este saiu para passear (rezar) no campo, nas horas da tarde. *“Ele estava a ponto de dar o passo mais importante de sua vida; ia casar-se, ia unir seu destino a uma pessoa com quem não tinha convivido e a reza, portanto, era uma necessidade.*

Noivos! Elevem suas almas a D’us, Provedor de todo o bem, para pedir-lhe saúde, o pão de cada dia, a paz no novo lar: prometendo-lhe merecer todas as suas bondades, com uma conduta sábia e honrada! Este é, segundo nossos Sábios, o sentido da reza que os nubentes devem fazer em jejum no dia da celebração matrimonial, antes de se apresentarem ao altar de D’us para receber a bênção nupcial. Quando se aproximava de local onde estava Isaac, tomou Rebeca o véu e cobriu-se. Daqui vem o costume das noivas se cobrirem com um véu durante a cerimônia nupcial.

Isaac desposa Rebeca. Assim, Isaac se consolou da morte de sua mãe, visto que o solteiro está normalmente ligado à sua mãe e o casado mais à sua esposa (Rashi). E Isaac amou Rebeca. O Rabino Samson Raphael Hirsch destaca a ordem deste versículo: casamento e depois amor. De acordo com a visão judaica, o casamento não é culminação do amor entre dois Seres Humanos e sim o início de um verdadeiro amor”. Comentários da Torá Sefer pg. 65.

“Isaac trouxe Rebeca para a tenda de sua mãe Sara” (B24:67). Quando Sara faleceu, a morada para a luz Divina se ‘apagou’; mas quando Rebeca chegou e foi para a tenda que foi de Sara, a Luz voltou a brilhar. Toda pessoa possui essa ‘tenda interior’, que é o local onde o amor e a fé se encontram. Likutei Sichot, vol. 35, p. 112. O Tanya ensina que quando uma pessoa acende ‘a vela do Shabat’ dentro de si, isto é, quando traz paz entre o corpo e a alma, a Luz Divina habita nela durante toda a semana. A mulher, como símbolo de Malkhuth, é o canal por meio do qual essa luz se manifesta. Assim, Rebeca não apenas reacendeu uma vela física, mas restabeleceu o canal de ligação entre o espiritual e o material, fazendo com que a luz do Shabat, o estado de união com o Divino, permeasse o cotidiano. Tanya, cap. 35–36

Abraão inicia os últimos dias de sua existência já entrado em dias. (זָקֵן, בָּא בַיָּמִים) – zaqem ba’ bayamim – idoso ou entrado em dias – representa, pois, a sabedoria de Abraão deixa um legado de conhecimento que se estende até os nossos dias e muito mais além. Sabe-se que idoso é aquele que já conta um número dilatado de anos de vida. Entretanto, velho é aquele que perdeu o espírito jovial. Abraão embora já fosse entrado em dias, trazia consigo a alegria, a disposição e a espiritualidade ativa. Como destaca os comentários apresentados em Torá G24:1, pg. 59, Abraão ao longo de sua vida soube aproveitar seu tempo de vida e cumpriu com seus deveres morais. Deixou, como um grande patrimônio para a humanidade, a sua história é repleta de ensinamentos e boas ações.

6.(Chayê Sara) – Gênesis 25:01-11 – “Logo depois que Yitschaci desposou Rivca, Avraham se casou novamente com Hagar e teve mais seis filhos. Avraham faleceu aos cento e setenta e cinco anos. A recompensa da disciplina. Os filhos de Avraham - Yitschaci e Yishmael enterraram-no na gruta de Machpelá.

Yitschaci é mencionado primeiro, indicando que, embora Yishmael fosse o filho mais velho, ele permitiu que Yitschaci conduzisse o funeral. Assim, Yishmael demonstrou que se arrependeu verdadeiramente; seu pecado, anteriormente, foi reivindicar para si a herança de Yitschaci. Justo agora, depois da morte de Avraham, é que Yishmael realmente poderia reclamar isso para si, e mesmo assim, ele não o fez.

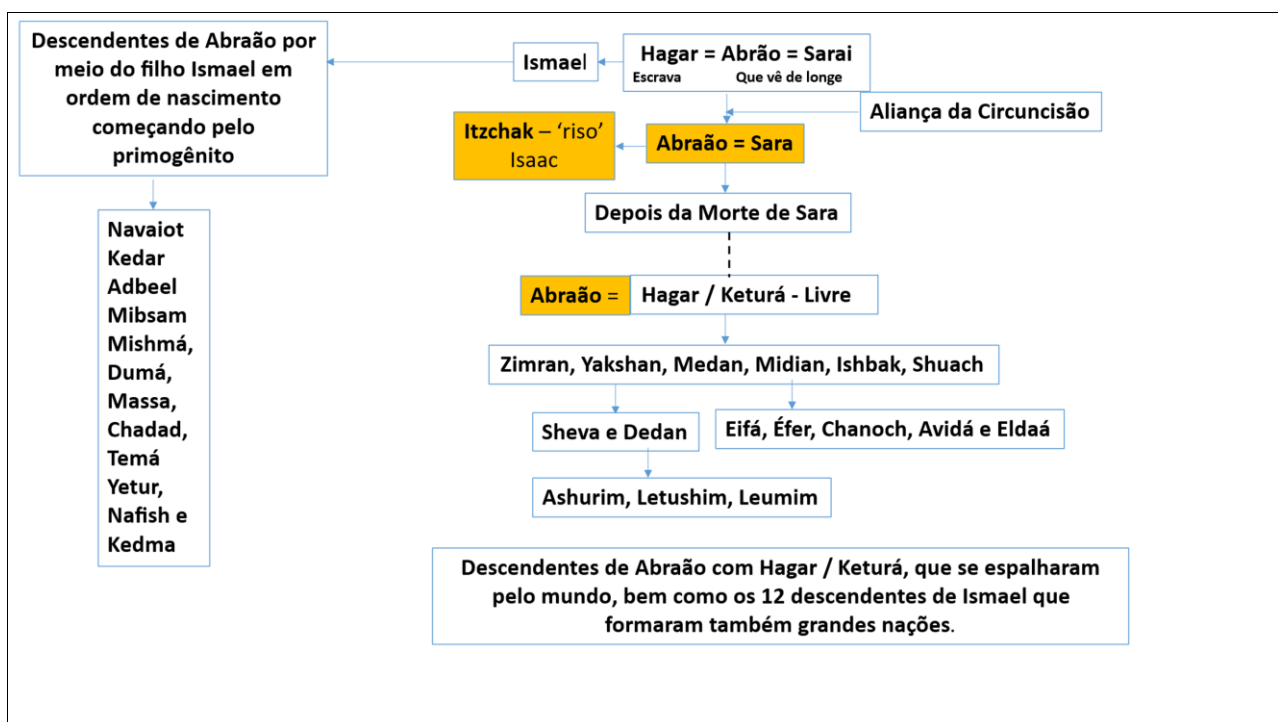
Sara merece o crédito pela melhora no caráter de Yishmael. A sua insistência em direcionar Yishmael apropriadamente levou-o finalmente a se arrepender e reconhecer a verdade da primazia de Yitschaci. Seguindo o exemplo de Sara, nós também não devemos desistir, nem nos restringir, de

corrigir e assistir àqueles que verdadeiramente precisam de nossa ajuda no desafio contínuo do autor refinamento”.

Ao iniciarmos a leitura de Bereshit (Gênesis) 25, nos deparamos com o casamento de Abraão com Keturá, após a morte de Sara. **Mas, Keturá e Hagar é a mesma pessoa?** Segundo Rashi B25:01, pg. 111, Keturá (קְטוּרָה) e Hagar (הָגָר) é a mesma pessoa. Quando Abraão se casou com Hagar, inicialmente, ela era serva de Abraão. Mas, quando a expulsou de seu acampamento, concedeu-lhe a liberdade (Rashi B21:14, pg. 89). Mas, Abraão não tomou Hagar como esposa e sim como concubina em respeito a Sara. Portanto, o cognome de Hagar é Keturá e foi usado em substituição ao nome utilizado por ela, anteriormente, que era Hagar. Como Keturá tinha se arrependido de seus atos e retornado (feito Teshuvá) ao caminho correto, seus atos eram agora aprazíveis ao Eterno D’us, semelhante a fragrância do incenso (Ketóret).

Por outro lado, o Livro “**Os Patriarcas e a Educação**”, apresenta na página 151 que Abraão se casou com três mulheres: “*Sara, que era descendente de Shem (Sem), Keturá descendente de Iefet (Jafet) e Hagar descendente de Cham (Ham). Com isto, ele teve uma relação matrimonial com as três gerações descendentes dos filhos de Noach (Noé)*”.

É importante lembrar que Ismael nasceu de uma segunda gravidez de Hagar e podemos observar que foi Abraão quem deu o nome de “*Ismael*” a seu filho com Hagar, **Torá** Bereshit 16:15, embora o anjo tivesse dito esse nome apenas a Hagar, **Torá** B16:11, pg. 66.



Podemos observar na Figura acima a árvore genealógica de Abraão. Vê-se em primeiro plano os descendentes de seu filho Ismael. Os 12 netos de Abraão com Hagar também deram origem a cidades e fortalezas, surgindo assim 12 chefes de nações, tendo desta forma cumprido a profecia de D’us a Abraão, descrita em **Torá** B17:20, pg. 40, de que o Eterno concederia grandeza a Ismael.

Segundo Rashi Bereshit, pg. 113, “*os filhos de Abraão podem ser divididos em duas categorias distintas: os filhos de “origem nobre” – Isaac (de Sara, sua mulher) e Ismael (de Hagar, quando ela era serva de Sara) – e os filhos de “origem humilde”, que ele gerou com Keturá (Hagar) na condição de concubina. Os filhos de origem nobre de Abraão foram suficientemente íntegros para continuarem pertencendo a sua casa (Isaac ao longo de toda a vida e Ismael depois que se arrependeu e foi reincorporado), enquanto seus filhos de “origem humilde” tiveram de ser mandados embora.*”

De forma semelhante, a descendência de “origem nobre” de Abraão se subdividiu em duas classes: os filhos de Isaac seguiram os passos dos filhos de “origem nobre” de seu avô Abraão, tendo um preferido permanecer na congregação e o outro fundado uma linha que optou por separar-se da herança espiritual de Abraão. Os descendentes de Ismael imitaram o comportamento dos “filhos de origem humilde” de Abraão, apartando-se do legado espiritual do avô”.

Mas, segundo a Torá B25:07-10, pg. 66, a jornada de Abraão neste mundo termina e ele é reunido aos seu povo. ⁷Ele viveu cento e setenta e cinco anos. ⁸E exalou (o espírito) Abraão e morreu Abraão com boa velhice idosa e plena (de dias), e foi reunido ao seu povo. ⁹E o enterraram Isaac e Ismael, seus filhos, na cova de Machpelá, no campo de Efron, filho de Tsôchar, o Chiteu, em frente de Manré. ¹⁰No campo que comprou Abraão dos filhos de Chet, ali foi enterrado Abraão, e Sara, sua mulher”.

Segundo Rashi, em sua cronologia do Gênesis, Abraão morreu em 2123 com 175 anos, sendo que Ismael tinha 89 anos, Isaac 75 anos e os gêmeos Jacob e Esaú tinham 15 anos. Rashi Bereshit pg.330. Observando também os comentários sobre estes versículos apresentados na Torá pg. 66, encontramos uma repetição da palavra Shaná (anos) por três vezes em B25:07, (מֵאַתָּ שָׁנָה וְשִׁבְעִים שָׁנִים, וְהָיָה שָׁנִים), mostrando que aos “100 anos era tão forte quanto aos 70, e aos 70 não havia cometido nenhum pecado como aos 5”. Rashi Bereshit pg. 112, apresenta que “Abraão manteve a virilidade juvenil que readquirira antes de gerar Isaac até o fim da vida e morreu completamente inteiro e sem pecado”.

Aos 137 anos e no ano de 2171 Ismael se reúne aos seus antepassados (povo). “O fato de que Ismael se arrependeu de sua perversão passada não foi suficiente para equiparar seus descendentes aos de seu irmão Isaac, nem em excelência espiritual nem em vigor físico. Jacob, filho de Isaac, nunca sofreu declínio em sua retidão durante a vida inteira, manteve a sua força física juvenil até a idade adulta avançada e desfrutou todas as vantagens de sua linhagem distinta”. Rashi Bereshit pg. 113. É importante ressaltar, neste ponto, que Ismael e Isaac se reconciliaram antes da morte de Abraão.

Após apresentar a morte de Ismael, a Torá interrompe a narrativa da Parashá Chaiê Sara, dividindo o capítulo 25 em duas partes estando a segunda parte descrita na Parashá Toledot (gerações). Lendo o capítulo 25 de Bereshit, na Parashá Toledot em conjunto com o observado, anteriormente, durante a vida de Abraão e Sara, percebe-se que: **1)** Abraão conseguia espalhar a consciência Divina o máximo possível, propiciando uma elevação espiritual intensa aos que momentaneamente estavam junto a ele. Porém, não conseguia mantê-los naquele nível por muito tempo. **2)** Por outro lado, Isaac somente revelava aos seus discípulos ou àqueles que viviam ao redor dele, as informações que aquelas pessoas estavam aptas a receber. Isto faz com que as pessoas consigam permanecer em um nível espiritual mais elevado por um período maior. Porém, nunca alcançam as alturas que Abraão proporcionava aos que, durante algum tempo, permaneciam ao lado dele.

Prezado Pedreiro! É fato que devemos imitar o trabalho de Abraão, espalhando a consciência Divina o máximo possível. Mas, olhando para Isaac, ele nos mostra que ao mesmo tempo não podemos negligenciar o nosso desenvolvimento espiritual individual, que depende de nosso crescimento por meio do esforço e a persistência, pois assim poderemos inspirar aos outros, em função de nosso autoaprimoramento contínuo. Desta forma, a fonte não secará e a disseminação da espiritualidade estará assentada sobre rocha firme.

7.(Chayê Sara) – Gênesis 25:12-18 – “Depois de relatar a morte de Avraham, a Torá lista os descendentes de Yishmael antes de continuar com o relato de Yitschaci na próxima seção. O amor verdadeiro. Yishmael morou por todas as partes habitadas por todos seus descendentes.

Literalmente, no original hebraico lê-se: ‘Ele caiu por toda a área...’. Yishmael é a versão ‘decadente’ de Avraham, que personificava o amor sagrado - o amor a D’us e a generosidade para

com os outros. Yishmael, por sua vez, personificava o amor na sua versão ‘decadente’, um desejo obsessivo pelo físico e pela sensualidade.

Em nossas vidas, devemos transformar o nosso amor e paixão por coisas materiais - o amor decadente de Yishmael - em um amor sagrado por D’us”.

Os versículos B25:12-18 narram o destino de Yishmael (Ismael), mas, como o Rebe mostra em seu comentário, esse relato não é somente genealógico. O versículo final B25:18, em sua última palavra que é (נָפַל) (nafal) cuja tradução é “*cair*”, Dicionário Edusp pg. 455, mas que normalmente é traduzido como habitou, no fundo, significa que Ismael caiu sobre todos os seus irmãos. Isto é, segundo o Rebe, uma chave cabalística que nos leva a compreender melhor a natureza de Ismael. O termo nafal, “*cair*”, indica que a força interior que nele predominava, o amor (ahavá) herdado de Abraão, desceu de sua origem espiritual e se fixou no plano material.

Na Cabala, ahavá é uma energia expansiva derivada de Hessed (doação). Quando é elevada, manifesta-se como amor a D’us e ao próximo. Quando cai, torna-se paixão possessiva, sensualidade, desejo de domínio ou prazer pelo prazer. Ismael representa esse ahavá, o amor em queda. Dentro de cada Ser Humano existe um ‘*Ismael*’, ou seja, a tendência a amar o que é inferior à sua missão Divina.

O Tanya, nos capítulos 09 e 10, nos ensina que há dois centros de força no Ser Humano que são a Alma Divina e a alma animal. A Alma Divina ama D’us e a alma animal ama a si mesma. Ela, portanto, busca prazer, segurança e posse. O objetivo do trabalho espiritual (Avodah) não é destruir o amor animal, mas santificá-lo e redirecionando sua energia. A Avodah, portanto, conecta o trabalho cotidiano com o propósito espiritual.

Assim, o Ismael interior não é um inimigo, mas uma pedra bruta que deve ser retificada. Quando a pessoa transforma o impulso de amar prazeres físicos em amor pelo Criador, ela realiza o que o Tanya chama de ‘*transformação das trevas em luz*’, que é o ponto mais elevado do serviço espiritual. Ismael, nesse sentido, simboliza a paixão sem direção. Isaac, em contraste, é o temor disciplinado que dá forma ao amor. O Ser Humano amadurece espiritualmente, quando une esses dois polos. Quando o fogo do desejo é purificado pela luz da reverência ao Criador, retiramos a venda que encobre os nossos olhos.

Na vida prática do cotidiano de um Pedreiro, significa que cada impulso de prazer pode tornar-se uma ponte para o Divino, isto se a intenção for santificada. Comer, falar, criar e amar; tudo pode ser um canal de Hessed Elyon, a bondade superior, se for feito com consciência e propósito. O Pedreiro transforma-se em Pontífice.

O Rebe explica acima que a queda de Ismael “*Ele caiu por toda a área...*” ou “*ele habitou por toda a face de seus irmãos*”, é um prenúncio da retificação futura. Quando o Ser Humano aprender a transformar paixão em devoção, agressividade em coragem moral e desejo em altruísmo, o ‘*Ismael interior*’ será elevado e o amor em queda se tornará amor redimido.

Quando o Pedreiro olha para dentro de si mesmo, ou para o seu interior mais profundo, percebe que há dentro de cada um de nós um Abraão (o amor sagrado), um Isaac (o amor disciplinado) e um Ismael (o amor caído). O caminho que o Tanya nos mostra é que devemos perseguir firmemente unir esses três caminhos. Usar a força do amor instintivo para servir ao propósito Divino. Quando o coração do Ser Humano aprende a transformar o ‘*desejo de receber*’ em ‘*desejo de compartilhar*’, ele se torna o Altar onde as duas naturezas da alma se encontram (a Divina e a animal) e o amor, que antes era queda, torna-se elevação.

07 - Parashat Toledot – Isaac, Jacob e Esaú

Sinopse

Yitschaci e Rivca não tiveram filhos nos primeiros vinte anos de seu casamento. Quando as suas preces foram finalmente atendidas e Rivca concebeu, ela sofreu uma gravidez muito dolorosa. D'us informou-a de que ela estava grávida de gêmeos e que esses seriam antagônicos não apenas no aspecto físico, mas moralmente também, e que o sucesso de cada um no seu caminho da vida seria à custa do outro. Dupla identidade. D'us lhe disse: 'Duas nações estão em teu útero; dois poderes vão divergir de dentro de ti. O poder passará de um para o outro'. Se o Eterno D'us permitiu que Ismael e Esaú fossem as pessoas que as escrituras nos mostram, é porque todos nós precisamos conhecer, estudar e perceber profundamente os atos praticados pelos dois. Com isto, aprendermos com os erros e não os repetir é o que temos de fazer. Por outro lado, temos de conhecer, estudar e perceber profundamente os passos corretos trilhados também pelos Patriarcas e procurar os imitar e, se possível, aperfeiçoar o que dê certo praticaram. *Quando Canaan foi atingida pela seca e pela fome, Yitschaci realocou sua família para a Filístia, onde Rivca quase foi raptada pelo rei filisteu. A santidade e integridade de Yitschaci tornaram-se evidentes para todos quando o resultado da sua colheita foi miraculosamente muito superior, muito além da proporção daquilo que tinha plantado. O propósito da riqueza. Naquele ano, Yitschaci semeou grãos naquela região. Ele colheu cem vezes mais, pois D'us o tinha abençoado.* Isaac floresce justamente em uma terra que é associada ao caos emocional e às distrações. Da mesma forma, ensina o Tanya, o crescimento espiritual mais profundo de uma pessoa, não ocorre em momentos de inspiração elevada, mas quando o indivíduo mantém conexão com D'us dentro da realidade imperfeita. Quando planta em sua própria “terra de Guerar” e, ainda assim, colhe frutos de Luz. Esta é a nossa tarefa cotidiana, onde temos de colocar na prática a nossa espiritualidade. Buscar transformar o dia a dia em terreno fértil, por exemplo, converter o trabalho em bênção e fazer da vida física um campo onde a presença Divina brota naturalmente. *O rei da Filístia, temeroso da crescente influência econômica de Yitschaci, pediu que ele fosse embora. Yitschaci assentou-se nas proximidades e, então, iniciou o seu projeto de vida: cavar poços para prover água às novas cidades e vilas. Descobrir potenciais ocultos. Os servos de Yitschaci escavaram no vale e encontraram lá um poço com um manancial de água fresca.* O trabalho de Isaac é complementar ao serviço Divino de Abraão. Veja que Abraão trazia a luz direta de D'us acima para o mundo abaixo. A principal tarefa de Abraão era de trazer pessoas para sua casa onde, após saborear uma ótima refeição, ele os elevava ensinando-os o amor a D'us. Abraão é o Mestre que projeta luz de cima para baixo, para seus hóspedes. Isaac executa o seu trabalho em direção oposta à de Abraão, ou seja, de baixo para cima. No fundo, ao cavar poços, Isaac revelaria a Luz oculta das águas vivas, que haviam sido previamente encarceradas nos mundos físicos inferiores. Ou seja, o trabalho persistente de Isaac despertava nas pessoas o amor e temor a D'us. *O rei dos filisteus pediu então a Yitschaci que firmasse um pacto com ele, reconhecendo que Yitschaci fora abençoado com a graça e o sucesso Divinos. A recompensa da perseverança. O rei da Filístia e sua comitiva disseram para Yitschaci: 'Vimos como o seu D'us está consigo; por isso, declaramos: 'Que haja agora um juramento solene entre nós, e façamos um pacto consigo.* O Rebe destaca que Isaac não desiste quando seus poços são tomados. Ele cava outro. E outro. E outro. Até que finalmente encontrar **Rechovot** o “espaço amplo” ou “alívio”. Mais uma vez o Tanya capítulo 27 afirma que a “a alma é enviada ao corpo não para vencer facilmente, mas para lutar. E cada resistência vencida traz mais luz para aquele que alcançou um determinado grau”. O que parecia perda vira coroamento. O que parecia conflito vira pacificação. O que parecia roubo vira pacto. E o que parecia fracasso vira convicção interior. *Rivca percebeu o erro de Yitschaci. Era verdade que Yaacov não era um astuto guerreiro como Essav. Entretanto, a fina percepção que desenvolveu ao devotar-se ao estudo da Torá poderia fornecer-lhe muito bem a astúcia necessária para suplantar o mal quando confrontado com ele. Mais do que isso: a devoção de Yaacov à Torá lhe dava um impulso muito mais forte para transformar o mundo numa moradia para D'us do que Essav poderia vir a ter.* Verdade, amargo e doce. A verdade é que toda experiência nos é enviada pelo Criador e, portanto, toda experiência é doce porque nos conecta com o Criador, desde que realmente a aproveitemos dessa

forma. Se não usamos a experiência para estabelecer a conexão entre nós e o Criador, perdemos nosso tempo e a próxima experiência será pior, até que nos lembremos de nos voltar para Ele e buscar a conexão com Ele. ***Rivca imediatamente disfarçou Yaacov como Essav e o fez imitá-lo diante de Yitschaci para que recebesse as bênçãos do pai. Quando, mais tarde, Essav voltou para receber as bênçãos, Yitschaci percebeu o que tinha acontecido e reconheceu que Yaacov era de fato a escolha mais apropriada.*** A bênção não é apenas riqueza, mas a capacidade de transformar o terreno em Sagrado e o cotidiano em altar. “De acordo com o Arizal, todas as coisas, incluindo os objetos inanimados, possuem uma alma, que é a força criativa e preservativa do Criador, a realidade das coisas”. Por outro lado, ***do comportamento grosseiro de Essav aprendemos que uma faceta essencial de fazer o que é certo é realizá-lo de maneira gentil e atenciosa. Por exemplo, as palavras que dizemos não só devem ser significativas e livres de qualquer tipo de conversação proibida (falsidade, fofoca, calúnia etc.); elas também devem ser refinadas e delicadas como eram as de Yaacov.*** Prezado Pedreiro: Cada pessoa possui um “Jacob interno”, que busca o alinhamento espiritual, e um “Esaú interno”, que se manifesta pela força, paixão e impulso não retificado. O objetivo ao longo da vida de uma pessoa não é eliminar Esaú, mas transformá-lo e canalizar sua energia intensa para o serviço do bem. O que vindes fazer aqui? Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e fazer novos progressos ao longo do caminhar da vida. O Rebe explica que Esaú não é mau em essência. Ele é energia não retificada. Quando não encontramos a forma de transformar a intensidade interior, ela se torna violência contra o outro e, antes disso, contra nós mesmos.

1.(Toledot) – Gênesis 25:19-26:05 – “Yitschaci e Rivca não tiveram filhos nos primeiros vinte anos de seu casamento. Quando as suas preces foram finalmente atendidas e Rivca concebeu, ela sofreu uma gravidez muito dolorosa. D’us informou-a de que ela estava grávida de gêmeos e que esses seriam antagônicos não apenas no aspecto físico, mas moralmente também, e que o sucesso de cada um no seu caminho da vida seria à custa do outro. Dupla identidade. D’us lhe disse: ‘Duas nações estão em teu útero; dois poderes vão divergir de dentro de ti. O poder passará de um para o outro.

Metaforicamente, Yaacov e Essav representam as duas almas - e os seus impulsos - que existem dentro de cada um de nós. Possuímos um Yaacov interno - ou seja, nossa alma Divina, com o seu impulso Divino -, e também um Essav interno - isto é, nossa alma vital (animal) com seus impulsos egoístas. Quando a nossa alma Divina se afirmar, ela enfraquece as tendências materialistas da alma vital.

A alma Divina sobrepuja a alma vital da mesma forma que a luz o faz com a escuridão. A luz não precisa exercer ativamente seu poder para dispersar a obscuridade; essa simplesmente desaparece na presença da luz. Da mesma maneira, quando deixamos a santidade e a bondade da nossa alma Divina iluminar através do estudo da Torá e a observância dos mandamentos, o egoísmo da alma animal desaparece”. Sefer Hamaamarim 5691, p. 328.

Nos comentários da Torá Bereshit Parashá Toledot, 25:19 nos mostra que a “história dos Patriarcas representa três conceitos, três sistemas ou três caminhos que conduzem o homem à religião. Abraão é o entusiasta, o encantado do Cosmo, o homem que admira diariamente a harmonia maravilhosa da Criação, chegando através destas experiências a reconhecer o Criador do Universo e a ter fé Nele. Isaac segue fielmente a tradição do pai, prestes a sacrificar a vida pela santificação do Nome Divino e assim é que, através da tradição, ele chega à fé. Jacob, o mais atormentado, chega à fé através dos estudos da Torá e da sabedoria, que desde tenra infância adquiriu de Sem e Eber”. Vivemos tempos tormentosos, por isso precisamos do entusiasmo de Abraão, da tradição de Isaac e de fortes estudos da Tora de Jacob, orientados por mestres competentes em Torá e Mitzvot.

Mas, vamos retornar à trajetória de Isaac, a fim de conhecermos um pouco da vida deste Patriarca. Os gêmeos Jacob e Esaú filhos de Rebeca e Isaac, nascem, no ano de 2108, Isaac tem 60 anos, Rebeca tem 23 anos e Abraão tem 150 anos. Mas, inicialmente Rebeca era estéril. Torá Bereshit 25:26, pg. 69 e Cronologia para o Gênesis por Rashi Bereshit, pg. 330.

Por quanto tempo permaneceu estéril, antes de conceber os gêmeos? Segundo a tradição, se do total de 23 anos que era a idade de Rebeca quando os gêmeos nasceram, subtraímos os cerca de 13 anos; que são os anos de maturidade mínima que uma mulher precisa ter para poder dar à luz; encontramos 10 anos. Portanto, este foi o período que Rebeca ficou estéril. Isaac e Rebeca oraram ao Eterno D'us pedindo que a esterilidade de Rebeca fosse solucionada e eles pudessem dar continuidade aos ensinamentos que haviam recebido de Abraão. Em nosso interior, essa esterilidade, simbolicamente, pode representar um estado em que a pessoa se sente incapaz de produzir emoções de amor e reverência a D'us. A oração de Isaac simboliza o esforço de elevar o intelecto até que ocorra a união espiritual entre a mente e a emoção, ou seja, entre o masculino e o feminino. A oração, portanto, é a ponte entre o potencial e a manifestação. Com o nascimento dos gêmeos, o casal agradece ao Eterno pela dádiva recebida no passado e pelo futuro que os filhos representam.

É importante observar que as quatro Matriarcas, Sara, Rebeca (Rivca), Rachel e Lea eram estéreis e seus filhos, formadores de parte do povo israelita, nasceram pela força do milagre da Divina Providência. Os ascendentes das Matriarcas e/ou o ambiente do qual tinham origem era formado por idólatras. Isto poderia ter influência direta sobre seus descendentes, pois há de certa forma um espírito de impureza à espreita, que pode gerar um descaminho nos descendentes. Assim, o Eterno fez com que Avraham e Sara, Isaac e Rebeca e Jacob, com suas esposas Rachel e Lea, filhas de Lavan, passassem um tempo de esterilidade (amadurecimento) a fim de que tudo estivesse em seu lugar e no momento certo. Mesmo assim, percebemos que nem todos os descendentes trilharam o caminho dos justos.

Este descaminho pode ser percebido no comportamento, por vários anos, de Ismael. Mas, também é percebido até mesmo dentro do útero de Rebeca, onde os filhos Jacob e Esaú lutam. Quando Rebeca sente o tumulto dentro de si, ela “*vai consultar o Eterno*”. Eterno D'us revela que duas nações habitam o seu ventre, simbolizando dois reinos. O Rebe explica que Jacob e Esaú não são apenas dois irmãos, mas duas consciências dentro do Ser Humano. Yaacov, a alma Divina, busca a Luz, a verdade e o altruísmo. Entretanto, Esaú, a alma animal, busca prazer, domínio e satisfação própria. Ambas nascem da mesma matriz, mas seguem caminhos diferentes. A Cabala ensina que essa dualidade é necessária. O propósito não é destruir Esaú, e sim refinar sua vitalidade intensa e canalizá-la para o serviço Divino. Quando o Yaacov interior governa, a energia de Esaú é elevada, de forma semelhante como a escuridão desaparece diante da luz.

Segundo Rashi Bereshit 25:19, pg. 120, “*Isaac, como seu pai Abraão, teve dois filhos plenamente legítimos: Esaú e Jacob. O filho mais velho de Isaac, Esaú (como o filho mais velho de Abraão - Ismael), apesar de ter nascido primeiro, na verdade ambos tiveram posição secundária. O filho mais velho de Isaac, Esaú (como o filho mais velho de Abraão - Ismael), escolheu o caminho do sensualismo desenfreado, enquanto seu filho mais novo, Jacob (como o filho mais novo de Abraão - Isaac), escolheu o caminho do serviço ao Divino. Ambos exerceram o livre arbítrio. O filho mais velho de Isaac, Esaú (como o filho mais velho de Abraão - Ismael), protestou contra a transmissão da liderança para o seu irmão mais novo, Jacob*”.

As semelhanças situacionais entre os filhos de Abraão e Isaac são marcantes. **Mas, o que essa raiz trouxe?** Em Torá Bereshit 25:23-26, pg. 68, encontramos “*²³E disse-lhe o Eterno: Duas nações, há no teu ventre, e dois reinos de tuas entranhas se dividirão; uma nação mais que a outra nação, se fortalecerá, e a maior servirá a menor. ²⁴E cumpriram-se seus dias para dar à luz; e eis que havia gêmeos no seu ventre. ²⁵E saiu o primeiro, vermelho, todo ele, como vestido de pelo, e chamaram seu nome Esaú. ²⁶E depois saiu seu irmão, a mão agarrava o calcanhar de Esaú; e chamou seu nome Jacob*”.

Em Zohar 01:140b (www.sefaria.org) encontramos que “*E saiu o primeiro vermelho (Torá Bereshit 25:25). Rav Kahana explicou que o fígado é o primeiro e é vermelho. Por que é vermelho? Porque é o primeiro a engolir o sangue. O rabino Eliezer pergunta: Por que é chamado de ‘primeiro’? Porque é o primeiro a engolir o sangue de toda a comida; o primeiro no sangue, mas não na criação. E por que é que ‘os grandes servirão aos mais novos?’ Porque apesar de ser maior, em tamanho, que o coração, serve ao coração*”.

Nos comentários da Torá Bereshit 25:22, pg. 68, “*podemos encontrar que as figuras de Jacob e Esaú aparecem eternamente em luta. Desde as entranhas maternas combatiam os dois irmãos*”. E isto se refletirá ao longo da vida de ambos. No Livro os Patriarcas e a Educação, pg. 160, encontramos uma análise dos nomes de Esaú e Jacob. “*Esaú (Essav) (עֲשָׂו) tem as mesmas letras que assui (עֲשִׂי), feito, pronto e completo. Isso dá a ideia de uma falta de espaço ou da falta de necessidade de progredir, melhorar e se autodesenvolver. Jacob (Iaacov) (יַעֲקֹב) tem as mesmas letras da palavra Ekev (עֵקֶב), calcanhar que simboliza a humildade, pois parte do corpo fica num lugar baixo e pouco visível. A ideia é que ainda falta muito a atingir, alcançar, melhorar e se desenvolver no plano espiritual. Jacob sempre vê motivo para se elevar cada vez mais*”.

Cresceram Esaú e Jacob. Cada Ser Humano é único. Portanto, possui características próprias, que se mostram ao longo do tempo. **Que características fundamentais há entre os gêmeos?** Esaú tornou-se um perito e habilidoso caçador, homem do campo e Jacob, homem integro que habitava em tendas e criando gado. Certa vez, quando Jacó estava cozinhando um guisado, Esaú veio do campo, faminto. E Esaú disse a Jacó: “*Dê-me um pouco dessa coisa vermelha para engolir, pois estou faminto*”, sendo por isso conhecido ou chamado de Edom – Vermelho (עֲדֹמִי). Jacó disse: “*Vende-me, como o dia, (claramente) tua primogenitura a mim? E disse Esaú: Eis que caminho para a morte, e para que quero a primogenitura? E disse Jacob: Jura-me como o dia. E jurou-lhe, e vendeu sua primogenitura a Jacob. E Jacob deu a Esaú, pão e cozido de lentilhas; e comeu e bebeu, levantou-se e foi-se; e desprezou Esaú a primogenitura*”, Torá Bereshit 25: 31-34, pg. 69.

Nos comentários nesta mesma página da Torá Sefer, podemos encontrar que o Midrash associa a palavra caça a ideia de engano e de armadilha, com a qual o caçador prende os animais, equiparando o malvado ao caçador que engana, pois, a maioria dos animais são caçados com enganos. Assim, se explicam as palavras “*caça em sua boca*” – Torá Bereshit 25:28, “*E gostava Isaac de Esaú, por que comia de sua caça*”. O Targum Onkelos B25:28-29 toma as palavras Ki Tsaid Befiv (כִּי צִיד בְּפִי), na forma “*Porque comia de sua boca*”, porém a tradução literal é “*porque havia caça em sua boca*”. Ou seja, Esaú enganava a seu pai com seus truques.

Mas, sendo Isaac um justo, ele não perceberia as artimanhas de Esaú? Isaac foi enganado até certo ponto pelos truques de Esaú, especialmente porque Esaú oferecia a seu pai a saborosa carne dos animais que caçava. Esaú somente observava uma única Mitzvah: honrar seu pai. Esaú frequentemente, quando ia para o campo caçar, trazia para casa carnes deliciosas para seu pai, Isaac. Além disto, Esaú servia pessoalmente a carne a seu pai. Isto é um ponto positivo de Esaú que devemos aprender, ou seja, quanto devemos honrar nossos pais!

Isaac, certamente, percebeu que embora ele tivesse este ponto positivo, isto ficava além dos padrões requeridos para um justo. Mas, como todo pai, Isaac amava seu filho e demonstrava amor por ele. Isaac temia ser duro com Esaú, pois pensava: Se seus atos não são como deveriam ser, apesar de ter-lhe devotado afeição, se o repreendesse mais duramente, esses atos seriam muito piores. Ou seja, Isaac esperava atrair Esaú com amor e carinho. Rebeca, entretanto, já enxergava o que de fato estava ocorrendo. Rebeca também conhecia a profecia, feita por Shem, de que apenas o mais jovem seria digno e valoroso.

Vimos ao fim de B25 que Esaú vendeu a sua primogenitura por um prato de ervilhas vermelhas. Neste período o primogênito seria aquele que levaria em frente os preceitos familiares e neste caso a descendência espiritual. **Qual a causa que levou Esaú a desprezar tal Honra?** *“O comportamento de Esaú representa um padrão de comportamento encontrado entre os perversos. Eles são “miopes” ao julgar o que está ocorrendo em suas vidas, de forma que conseguem apenas enxergar o “aqui e agora”, sem pensar nas implicações futuras do que aconteceu. Se em determinado momento podem sair do problema, então assim o fazem, ignorando as implicações mais amplas de suas atitudes, mesmo que elas o levem a um final desastroso. Os perversos ignoram o futuro e o contexto verdadeiro das questões.*

Talvez uma das atitudes mais simbólicas deste tipo de comportamento é a apresentada por Esaú. Ele voltou do campo, cansado e faminto. E disse a Jacob, que cozinhava: “Despeje em minha boca desta coisa muito vermelha, porque estou exausto. Yaakov ofereceu a ele um prato de lentilhas, mas em troca pediu a primogenitura. Esaú disse: “Eu vou morrer, então para que me serve a primogenitura?”. Esaú demonstrou só se importar com o agora, sem pensar nas consequências futuras de seu ato. Torá Bereshit 25:30-32

Isto fica ainda mais evidente na resposta de Jacob: “Jura-me, como este dia” (Torá Bereshit 25:33). O que significa “como este dia”? Segundo o Rav Ovadia Sforno zt"l (Itália, 1475-1550), Yaakov estava dizendo ao seu irmão: “Esaú, você é do tipo de pessoa que só está interessada no ‘agora’, no momentâneo. Você é alguém que não consegue distinguir entre os prazeres imediatos de uma tigela de sopa e o valor a longo prazo da primogenitura”. Esta é a filosofia de vida de Esaú. Esta é a filosofia de vida, por exemplo, do faraó do Egito. Esta é a filosofia de vida dos tolos que só estão interessados em comer, beber e aproveitar os prazeres momentâneos, sem refletir sobre o que ocorrerá no dia seguinte.

Infelizmente não são poucos os que atualmente vivem desta maneira. Jovens que entram no mundo das drogas por alguns instantes de prazer e pessoas cada vez mais ligadas aos prazeres gastronômicos, sem se importar com a saúde. Muitos vivem de maneira vã, se preocupando apenas com os prazeres imediatos, mas esquecendo do verdadeiro objetivo da vida. Vivem como se não houvesse amanhã, sem se importar com as futuras consequências de seus atos, sem refletir que as consequências dos nossos atos neste mundo serão eternas.

Além disso, esta atitude de não pensar na consequência futura dos nossos atos também impede a pessoa de enxergar seus erros, fazendo com que ela viva sempre de maneira a justificar suas atitudes, jogando sobre os outros a responsabilidade pelos fracassos. Pessoas assim nunca consertam seus erros, pois a culpa é sempre dos outros, nunca dela. Se há uma fuga, um “alívio” imediato, então não tem problema. Já a Torá nos ensina o contrário. Devemos assumir a responsabilidades pelos nossos atos. Ao invés de buscar a culpa nos outros, procurar o que nós podemos e devemos mudar. Refletir sobre as consequências de longo prazo dos nossos atos. Somente assim um dia poderemos consertar os nossos atos e chegar à perfeição”. Texto inspirado na aula do Rav Efraim Birbojm em 24/01/2020, <https://www.facebook.com/perolasjudaicas/>

Olhando para o nosso interior, é possível perceber que o sofrimento de Rebeca durante a gestação é semelhante ao conflito espiritual humano. A tensão entre a busca pelo Divino e as demandas do corpo, normalmente, apresentadas pelo ego. A alma, quando desperta, percebe que há um embate constante. Jacob puxa em direção à espiritualidade; o Esaú, à materialidade. Esse choque é descrito no Tanya (cap. 27) como a “guerra entre dois reis pelo domínio de uma cidade”. Ambos querem dominar o mesmo corpo e o mesmo coração. A dor que a nossa Rebeca interior sente, portanto, não é sinal de fracasso espiritual, mas o sintoma do processo de refinamento. A Cabala vê esse estado como o “movimento da luz para dentro do vaso”, que é o momento em que a consciência começa a iluminar o inconsciente.

Prezado Pedreiro! Quando D'us aparece a Isaac e reafirma a promessa feita a Abraão “*Multipliquei a tua descendência... porque Abraão guardou a Minha palavra*” (B26:01-05), representa a confirmação do equilíbrio interior que se estabeleceu com o nascimento dos filhos de Isaac e Rebeca. A alma Divina não anula a alma animal. Ela a ilumina. Assim como Isaac é proibido de descer ao Egito, a consciência de uma pessoa deve permanecer no “*solo da promessa*”. Ou seja, o espaço de nosso interior onde a fé, a disciplina e a confiança em D'us se unem. Nesse estado, o Ser Humano começa a cumprir sua verdadeira missão que é transformar o instinto (alma animal) em um veículo que transporta a Luz Divina. É o ponto em que Yaacov e Esaú, dentro de nós, deixam de ser inimigos e tornam-se complementares.

Os descendentes são pessoas que tiveram a mesma origem, seja, com respeito aos pais, avós e bisavós etc. A prole representa o conjunto de pessoas que tiveram, portanto, o mesmo ancestral comum a todos eles. Os filhos de Abraão e Isaac, embora educados de forma muito semelhante, deram frutos distintos. Os dedos da mão pertencem a uma única pessoa, mas são todos diferentes entre si. Em determinado momento os dedos atuam conjuntamente, seja ao segurar um objeto, seja quando estamos escrevendo etc. Por outro lado, mesmo quando atuam de forma unida, cada um tem sua função. Portanto, se o Eterno D'us permitiu que Ismael e Esaú fossem as pessoas que as escrituras nos mostram, é porque todos nós precisamos conhecer, estudar e perceber profundamente os atos praticados pelos dois. Com isto, aprendermos com os erros e não os repetir é o que temos de fazer. Por outro lado, temos de conhecer, estudar e perceber profundamente os passos corretos trilhados também pelos Patriarcas e procurar os imitar e, se possível, aperfeiçoar o que dê certo praticaram.

2.(Toledot) – Gênesis 26:06-12 – “*Quando Rivca deu à luz, o primeiro dos gêmeos a nascer foi Essav, embora Yaacov tenha sido aquele que foi concebido primeiro. No início de sua adolescência, Essav já era atraído pelas emoções sensuais, enquanto o que atraía Yaacov era absorver a sabedoria e as tradições transmitidas por Avraham e Yitschaci. Compreendendo que ele seria o mais fiel guardião dos ideais familiares, Yaacov ofereceu negociar (adquirir) o direito de primogenitura por uma refeição quente, e Essav prontamente concordou. Depois disso, quando Canaan foi atingida pela seca e pela fome, Yitschaci realocou sua família para a Filístia, onde Rivca quase foi raptada pelo rei filisteu. A santidade e integridade de Yitschaci tornaram-se evidentes para todos quando o resultado da sua colheita foi miraculosamente muito superior, muito além da proporção daquilo que tinha plantado. O propósito da riqueza. Naquele ano, Yitschaci semeou grãos naquela região. Ele colheu cem vezes mais, pois D'us o tinha abençoado.*

Uma leitura cuidadosa da narrativa da Torá mostra que os patriarcas eram negociantes astutos. No entanto, é também evidente que eles se engajaram em conquistas materiais somente com o objetivo de cumprir a vontade de D'us. Neste caso, o objetivo verdadeiro de Yitschaci em semear os grãos era fazer caridade para os pobres, o que a Torá determina que pode ser feito somente com aquilo que a própria pessoa produziu. Assim como os nossos patriarcas, quando o nosso envolvimento na busca de nosso sustento e da riqueza são motivados de modo semelhante, somos abençoados com um sucesso estrondoso”.

Uma calamidade, de certa forma recorrente naquela região era a fome. **Qual o significado deste evento?** Em Torá Devarim 28:47-48, pg. 586, encontramos que: “⁴⁷*Em troca de não haveres servido ao Eterno, teu D'us, com alegria e com bondade de coração, pela abundância de tudo, ⁴⁸servirás ao teu inimigo que o Eterno enviará contra ti, em fome, em sede, em nudez e em falta de tudo; ele colocará jugo de ferro sobre seu pescoço até destruir-te*”. Ou seja, como anteriormente apresentado pela Torá, uma calamidade vem como um aviso dos maus caminhos e práticas realizadas por um povo. Se retornam ao caminho correto, a calamidade cessa e o povo passa a receber as boas dádivas do Eterno D'us. Caso contrário, outra calamidade ocorrerá, em seguida outra, até o juízo exterminador surgir.

Mas, encontramos no Tanya, Vol. 2, capítulo 27, pg. 415 outra interpretação do apresentado em Torá Devarim 28:47-48, feita pelo Arizal: *“Tu não serviste a D’us com uma alegria maior do que aquela causada por uma abundância de todas as coisas”*. Portanto, tu servirás aos teus inimigos. A alegria de viver e estar sempre conectado ao Eterno D’us, domina todo este capítulo e praticamente a todo o período da vida de Isaac. Independente do infortúnio pelo qual ele passaria.

Neste mesmo capítulo do Tanya, encontramos que *“assim como alguém deve recitar uma benção pela felicidade (‘Bendito és tu, Eterno ... Que és bom e fazes o bem’), assim também ele deve recitar uma benção pelas situações de infortúnio. A Guemará explica que ele não deve recitar a mesma benção em ambos os casos. A benção do infortúnio, D’us nos livre, é ‘Bendito és Tu, D’us ... o verdadeiro juiz’. A ideia é que se deve aceitar o infortúnio com alegria, com a mesma alegria de quando há algo que é um bem visível e óbvio. Pois isto (o infortúnio) também vem para o bem, exceto que não é um bem aparente e visível para os olhos mortais, pois isto (o bem oculto sob a forma de infortúnio) deriva do ‘mundo oculto espiritual’, que é mais elevado que o ‘mundo espiritual revelado’, de onde se origina um bem visível e óbvio”*.

Isaac desloca-se de sua região por causa da escassez de alimentos, tendo a intenção de seguir até o Egito, tal qual seu pai Abraão que o fez, em situação semelhante. Mas, o Eterno o impede de seguir para o Egito e lhe mostra a terra que ele deveria viver. Nesta ordem também se repete a promessa, feita a Abraão, de que a descendência de Isaac teria a posse daquelas terras.

Segundo o Livro Os Patriarcas e a Educação, pg. 163, temos que *“nas palavras ‘et kol haaratsot hael’ (את כל הארצות האל), todas estas terras, a palavra ‘haaratsot’ – terras – está escrita sem o caractere Wav (ו), como seria esperado. A Guematria do caractere Wav é seis, indicando que estas terras lhe seriam dadas depois de seis gerações: Isaac, Jacob, Levi, Kehat, Amram e Moshe (Moisés). Ou seja, na época de Isaac esta terra ainda estava oculta dele, assim como o Wav está oculto desta palavra”*.

O não deslocamento para o Egito é descrito também por Rashi Bereshit 26:02, pg. 123, *“pois, como Isaac tem a condição sagrada de animal sacrificial, não é adequado que vivas fora da Terra de Israel, em um lugar onde as pessoas ainda estão inconscientes da presença de D’us. O Eterno diz a Isaac para morar na região da Terra Santa de que te falarei. Vai a Filisteia e assenta-se em Guerar. Sim, essa área realmente não pertence à terra que prometi a Abraão, mas, fica perto o bastante para ter sido influenciada positivamente por ele; além disso, no fim, ela se tornará parte da Terra Santa. Portanto, não é inapropriado que habites ali”*.

Seu sacrifício não foi apenas físico, mas também espiritual. Assim, Isaac não pode sair da Terra Santa, para que não retornasse ao estado de consciência onde o Eterno estaria oculto dele. Ou seja, uma pessoa que passa por uma experiência espiritual profunda, como a de Isaac, não consegue mais se relacionar com a realidade material como antes, porque se tornou um canal constante da Presença Divina. Quando o Eterno fala para Isaac não se deslocar para o Egito, portanto, no fundo Ele está nos dizendo que uma vez elevado, a pessoa não deve retornar à prisão mental e emocional de antes.

Por outro lado, as experiências dos Patriarcas prenunciam o futuro dos seus descendentes. Como apresentado nos comentários da Torá, pag. 70, que *“Nachmânides sentencia que a estada de Isaac na Filisteia pressagiou o exílio da Babilônia, da mesma forma que a descida de Abraão ao Egito preconizou o exílio do Egito. Na Babilônia os exilados israelitas foram relativamente bem tratados, atingindo certa proeminência social e econômica, da mesma forma que Isaac, até que a arrogância e o ciúme nos forçaram a abandonar aquela terra, repetindo a história do Patriarca”*.

O versículo Torá Bereshit 26:05, pg. 70, apresenta que *“Porque escutou Abraão Minha voz, e guardou Minha sentença, Meus mandamentos, Meus estatutos e Minha leis”* Abraão foi premiado. Mas,

aparentemente há três palavras que expressam no idioma português quase a mesma função: mandamentos, estatutos e leis. **Mas, então o porquê disto?** Se olharmos as palavras Hebraicas na Torá, B26:05, pg. 70, encontramos para “(מצוות) – mitsvotay - *que tem a tradução de ‘Meus mandamentos’, que significam leis ditadas pela moral e consciência humanas.* (חוקות) – chuqotay - *que é traduzido como ‘Meus estatutos’ que são leis ordenadas pelo Eterno D’us, sem que haja uma explicação de sua razão.* (וראות) – vectorotay - *traduzido por ‘e Meus ensinamentos’ que significa que são leis orais transmitidas de pai para filho e de professor para aluno, através de cada geração”.* Na Mishná Kidushin 4 - Koren – Steinsaltz in www.sefaria.org, nos é apresentado que “*Abraão observou todos estes preceitos por sua própria vontade e foi recompensado em sua velhice como resultado de seu empenho*”.

Ressalta-se que este versículo contém 10 palavras em Hebraico, o que nos faz lembrar que Abraão superou os 10 testes ao qual foi submetido pelo Eterno D’us e, evidentemente, as 10 palavras estão associadas aos 10 Mandamentos. Além disto, o Yud (י) (10) representa, no mundo vindouro, a recompensa de tudo que foi feito aqui na Terra (bem ou mal). Retira-se o que foi guardado dentro do cesto, ou de dentro do caractere – Tet - (ט), que tem a forma de um cesto. Abraão guardou a sua vida digna “*dentro do cesto*”.

Do que teve medo Isaac, ao se assentar em Guerar? Isaac percebeu que a população que o cercava era bastante rude e teve medo de ser morto por causa da beleza de sua esposa Rebeca. Assim, tal qual Abraão, ele falou que Rebeca era sua irmã e não esposa. Segundo Rashi Bereshit 27:03, pg. 123, “*quando as pessoas do lugar perguntaram sobre a mulher, ele disse: ‘Ela é minha irmã’, ‘para que’, pensou ele, consigo mesmo, ‘as pessoas do lugar não me matem por causa de Rebeca, porque ela tem bela aparência’.*

Porém, diferentemente do que o Faraó fizera a Sara, o rei não raptou Rebeca de imediato. Portanto, quando já estava ali havia algum tempo, Isaac decidiu que não precisava mais ser tão circunspecto. Abimélech, rei dos filisteus, olhou pela janela de seu palácio e avistou Isaac alegrando Rebeca, sua mulher, na intimidade”. Percebeu assim, o rei, que Rebeca era esposa de Isaac e não sua irmã. Instalando-se em Abimélech o receio de que ocorresse com ele e/ou com o povo, o mesmo que havia ocorrido, na época de fato semelhante, com Abraão. Ordenou Abimélech que se alguém tocasse em Rebeca ou em Isaac certamente seria morto.

Este medo de Isaac, surgiu em função da prevalência da luxúria do ambiente em que aquela população vivia. Desta forma, Isaac imitou a Abraão, que havia respondido a uma pergunta semelhante a respeito de Sara, Torá B20:01-02. Mas, o medo pode trazer junto uma armadilha, o que leva Isaac e anteriormente Abraão, a não falar a verdade. Ou seja, foi o medo de que os homens do lugar pudessem matá-lo por causa de Rebeca que o levou a praticar tal ação. Ressalta-se, neste episódio, mais uma vez, que a Torá nos apresenta os Patriarcas como Seres Humanos. Embora pessoas iluminadas, também cometeram erros.

Mas, o que significa a expressão “semeou na terra e colheu cem vezes”? O Tanya nos apresenta que a Torá quando descreve este texto, ela não fala apenas de eventos que ocorrem ao se plantar sementes na terra. Ela fala do processo interior pelo qual a alma transforma o material em espiritual. Em cada pessoa existe um “*Isaac interior*”, a Gueburah (disciplina), que é capaz de orientar a alma animal no sentido de atuar no mundo físico sem perder a conexão com o Divino.

Assim como Isaac plantou em Guerar, terra a qual a Cabala a associa com o caos emocional e às distrações; a alma Divina do Ser Humano também é chamada a semear dentro da realidade imperfeita do cotidiano, ou seja, no trabalho, nos relacionamentos, nas decisões e desafios que formam a nossa realidade. O ato de “*semear*” representa as ações materiais que fazemos, mas quando executadas com intenção elevada, tornam-se sementes de Luz.

O Tanya nos mostra que o propósito da Criação é revelar a presença Divina nos mundos inferiores, isto é, na própria matéria. Isaac encarna essa visão. Ele mergulha no mundo, trabalha a terra, lida com o que é real e, ainda assim, mantém sua pureza interior. Quando a intenção de uma ação material é positiva (ato de servir), essa ação eleva as centelhas Divinas presentes, mas ocultas nas coisas físicas. É por isso que a colheita de Isaac é “*cem vezes maior*”. Quanto mais a pessoa age no material, mas com propósito espiritual, maior é o retorno interior. A aparente abundância material que Isaac recebe não é apenas física. Ela simboliza crescimento interno de sua serenidade, generosidade e presença Divina no coração.

A finalidade de tudo isso aparece na interpretação apresentada pelo Rebe. A riqueza que Isaac adquire não tem fim em si mesma. Ele planta para poder compartilhar, ou seja, para alimentar, sustentar e fazer caridade. Segundo o Tanya, a Tzedaka é a ação física que mais intensamente reflete a natureza de D’us; porque é o gesto no qual a pessoa deixa de ser receptora e se torna doadora. Quando Isaac transforma o fruto de seu trabalho em bondade, ele refina o “*Esau interior*”, o instinto de apropriação que todos temos e o transforma em canal de doação. Assim, seu trabalho material se converte em veículo para sua própria elevação espiritual.

Isaac floresce justamente em uma terra que é associada ao caos emocional e às distrações. Da mesma forma, ensina o Tanya, o crescimento espiritual mais profundo de uma pessoa, não ocorre em momentos de inspiração elevada, mas quando o indivíduo mantém conexão com D’us dentro da realidade imperfeita. Quando planta em sua própria “*terra de Guerar*” e, ainda assim, colhe frutos de Luz. Esta é a nossa tarefa cotidiana, onde temos de colocar na prática a nossa espiritualidade. Buscar transformar o dia a dia em terreno fértil, por exemplo, converter o trabalho em bênção e fazer da vida física um campo onde a presença Divina brota naturalmente. Tanya, Likutei Amarim, caps. 07, 34 e 37.

3.(Toledot) – Gênesis 26:13-22 – “O rei da Filístia, temeroso da crescente influência econômica de Yitschaci, pediu que ele fosse embora. Yitschaci assentou-se nas proximidades e, então, iniciou o seu projeto de vida: cavar poços para prover água às novas cidades e vilas. Descobrir potenciais ocultos. Os servos de Yitschaci escavaram no vale e encontraram lá um poço com um manancial de água fresca.

Embora escavar poços certamente contribui para acelerar o estabelecimento da civilização onde quer que sejam abertos, estes foram ainda mais importantes por exemplificar a mensagem de Yitschaci ao mundo. Ao contrário de encher uma caneca com água trazida de outra parte, escavar um poço revela uma fonte de água já existente escondida sob as camadas de terra. Enquanto a mensagem de Avraham para o mundo havia sido: ‘Deixem-me revivê-los com a água refrescante da consciência Divina’, a mensagem de Yitschaci era: ‘Agora que vocês foram revividos, olhem para as suas fontes internas de água; removam toda a sujeira que bloqueia as suas vidas e vocês revelarão dentro de si mesmos uma fonte de consciência Divina. Esta consciência saciará a sua sede espiritual ao longo de toda a sua vida’.

A escavação de poços por Yitschaci nos ensina que os nossos momentos de insight ou inspiração devem ser seguidos pelo autoaperfeiçoamento e refinamento para que esses possam provocar mudanças duradouras”.

Abimélech percebe que o Eterno estava com Isaac. **Como ocorreu essa percepção?** Encontramos em Torá B26:12-13, a saber: “¹²E semeou Isaac naquela terra e colheu naquele ano, o centuplo, e o Eterno o abençoou. ¹E engrandeceu-se o homem e foi crescendo mais e mais (nos bens) até que se tornou muito grande”. No versículo 13 que transliterado toma a forma “*Vaigdal haish, vaiélech haloch vegadel, ad ki gadal meod*”, em Hebraico, (וַיַּגְדַּל הָאִישׁ וַיֵּלֶךְ הַלֹּךְ גָּדַל עַד כִּי גָדַל מְאֹד). O versículo

repete três vezes a ideia de que Isaac “*cresceu*”. A Torá está atestando o crescimento da dignidade de Isaac, por conta de sua fidelidade e justiça. Linguagem semelhante foi usada nas três bênçãos recebidas por Isaac e que é apresentado em Bereshit 22:17-18, “¹⁷*abençoar-te-ei, e multiplicarei tua semente, como as estrelas dos céus, e como a areia que está à beira-mar; e herdará tua semente a porta de seus inimigos* ¹⁸*E se abençoarão em tua semente, todas as nações da terra; porque ouviste a minha voz.*”

Em seguida, o rei Abimélech pediu a Isaac que se afastasse deles. Os poços, que os servos de seu pai Abraão cavaram, foram fechados pelos residentes. Abimélech falou a Isaac que se afastasse dele em função do poder que havia alcançado. **Mas, qual a razão, visto ser um período de seca e fome e Isaac conseguia produzir os alimentos em quantidade, contribuindo para minorar a fome de todos?** Como apresentado acima em Torá B26:18 o povo israelita tem se tornado um fator de progresso e bênçãos em todo o lugar onde se instalou. Mas, esse mesmo progresso provoca a inveja dos povos. Isto faz com que esses mesmos povos que compartilhavam do progresso, venham a expulsar os israelitas daquele local. Temos muitos exemplos, como o de Isaac, os israelitas no Egito, os judeus na Espanha, na Itália, na Alemanha etc.

Mas, há um ponto importante que aflora deste texto. Vê-se os primeiros rastros do autêntico antissemitismo. A razão deste ódio contra Isaac é completamente inexplicável. Ele não ensinou novas doutrinas teológicas, não caçoou de ninguém, não enganou a ninguém; Isaac era um homem pacato e pacífico. Tanto assim que, mesmo depois destes acontecimentos, Isaac não odiou. Obrigado a deixar um lugar, procurou outro e continuou pacificamente no seu trabalho. Ele só registrou os infortúnios por meio dos nomes alusivos aos fatos, como **Êssec** (luta), **Sitná** (distúrbio), e quando se sentiu aliviado da inimizade que o rodeava, estabeleceu-se em **Rechovot** (espaço amplo ou alívio). A mesma Rechobot que é hoje o maior centro científico do Oriente Médio, com o seu famoso Instituto Weizman (Torá comentários, pg. 72).

Em Torá B26:26-31, pg. 72, os mesmos que obrigaram o Patriarca Isaac a partir, ou seja, Abimélech, sua corte e parte do povo, foram apressadamente conversar com Isaac e pedir que este convivesse com eles. O motivo é expresso nas palavras de Abimélech (B26:28), “*Vimos que o Eterno estava contigo, e dissemos: Haja, rogo, juramento entre nós e ti, e faremos a aliança*”. Quando um Tzadik deixa um local a Luz que o circunda também deixa àquele local. Abimélech percebeu e foi rapidamente fazer um pacto com Isaac.

Em Torá B26:15-22 apresenta que os poços que Isaac abriu, antes de ser realizada a aliança com Abimélech, os pelishtim fecharam. Isaac não brigou ou tão pouco guerreou. Simplesmente se mudou e cavou outro poço. Por vezes isto ocorreu. Mudou-se e cavou outro poço. Ou seja, após iniciar a construção deste poço e da aliança com Abimélech, o poço jorrou água. A decisão de não guerrear levou os pelishtim a raciocinar e perceber a sinceridade e justiça que estava presente na pessoa de Isaac.

Finalizado o processo de aliança entre Isaac e Abimélech, os servos de Isaac vieram lhe informar que haviam encontrado água no poço que estavam abrindo. Isaac então chamou o local de Shevá (שבעה). A palavra Shevá é sete em Hebraico, pois este é o sétimo poço cavado. O nome da cidade é Beer-Sheva (בְּאֵר שֶׁבַע) até os dias de hoje. Lembremo-nos que em B21:31, Abraão já havia denominado este local de Beer-Sheva, quando do primeiro pacto entre Abraão e Abimélech. Podemos perceber claramente a associação do nome do local com o sétimo poço, simplesmente olhando a grafia dos nomes em Hebraico.

Isaac nos ensinou a ter persistência ou determinação, pois ele continuou a sua tarefa de buscar água para os seus e animais sem, contudo, trazer-lhes insegurança, angústia e morte que poderiam ser causadas por uma guerra. Ensinou-nos que devemos ter persistência ao estudar a Torá, pois podemos

nos deparar com passagens que não entendemos, mas devemos continuar, persistir em nossos estudos, a fim de obtermos à frente a compreensão de tal passagem. Além disto, também nos mostra que este é um grande exemplo a ser apresentado aos jovens em seus estudos, para não desistirem a primeira dificuldade. Nós também devemos fixar nossas vistas com atenção neste exemplo. É para toda a nossa vida.

O trabalho de Isaac é complementar ao serviço Divino de Abraão. Veja que Abraão trazia a luz direta de D'us acima para o mundo abaixo. A principal tarefa de Abraão era de trazer pessoas para sua casa onde, após saborear uma ótima refeição, ele os elevava ensinando-os o amor a D'us. Abraão é o Mestre que projeta luz de cima para baixo, para seus hóspedes. Isaac executa o seu trabalho em direção oposta à de Abraão, ou seja, de baixo para cima. No fundo, ao cavar poços, Isaac revelaria a Luz oculta das águas vivas, que haviam sido previamente encarceradas nos mundos físicos inferiores. Ou seja, o trabalho persistente de Isaac despertava nas pessoas o amor e temor a D'us.

Mas, do ponto de vista prático, quantos poços Abraão e Isaac cavaram? A Torá não fornece um número exato de poços cavados por Abraão. Em B21:25 Abraão reclamou a Abimélech sobre um poço que os servos de Abimélech haviam tomado à força. Em B21:30, Abraão entrega sete cordeiros para afirmar que aquele poço lhe pertencia e em B21:33, Abraão permanece em Berseba e ali *“plantou uma tamareira”*, o que sugere permanência na área dos poços, mas sem mencionar número.

Entretanto, com respeito a Isaac a Torá é mais assertiva. Isaac cavou três poços, além de desenterrar e restaurar os poços de seu pai, que os filisteus haviam entulhado. Em B26:18, Isaac reabre os poços que Abraão havia cavado e lhes dá novamente os mesmos nomes. Depois, ele cava três novos poços. O **primeiro** poço que deu o nome de **Êssec** (luta), B26:20, os pastores de Guerar disputam com Isaac. O **segundo** poço chamado de **Sitná** (distúrbio), B26:21, novamente há disputa. Finalmente o **terceiro** poço que deu o nome de **Rechovot** (espaço amplo ou alívio), B26:22, esse não é disputado; Isaac declara que D'us lhe deu *“largueza”*.

Abaixo apresento uma breve interpretação conectando os acontecimentos do cavar poços, realizada por Isaac e os Templos Sagrados de Jerusalém. Este texto foi inspirado em Likutei Sichot Bereshit pgs. 303-323.

Primeiro Templo (Templo de Salomão): Representa a revelação inicial da presença Divina e a primeira manifestação concreta da aliança entre D'us e o povo de Israel. Esse Templo foi construído pelo Rei Salomão e destruído pelos babilônios.

Segundo Templo: Construído após o retorno dos israelitas do exílio babilônico, simboliza a renovação da aliança e a continuidade da fé. Foi posteriormente ampliado por Herodes e destruído pelos romanos.

Terceiro Templo: Segundo a tradição israelita, será construído no futuro e representará a manifestação final e completa da presença Divina entre o povo.

Os poços de Yitschaci (B26:12-33) podem ser vistos simbolicamente nesta sequência histórica:

Primeiro Poço: Simboliza o Primeiro Templo, a primeira tentativa de estabelecer um lugar de encontro com D'us. Isaac chamou este poço de **Êssec** (עֵשֶׂק), que significa **“luta”**, referindo-se ao fato dos servos de Abimélech terem lutado por este poço. B26:20 *“Mas os pastores de Gerar contenderam com os pastores de Isaac, dizendo: Esta água é nossa. Por isso, chamou o poço de Êssec, porque contenderam com ele”*.

O primeiro momento é aquele que diz respeito ao poço chamado de Êssec. Esta palavra significa “luta”, mas pode se associar a “Tomar algo pela força ou ameaças”. Este é justamente o primeiro momento de nossas vidas quando estamos caminhando rumo a Canaã. É o tempo em que tem início as lutas de uma forma muito rude, até mesmo feroz. Veja que Yitschaci cavou este poço e ele foi fechado pelos seus inimigos.

Segundo Poço: Assim como o Segundo Templo, representa a **persistência e/ou perseverança** e a renovação da conexão com D’us, apesar das adversidades. Isaac chamou o segundo poço de **Sitná** (שִׁטְנָה). Que significa “distúrbio”, porque os servos de Abimélech o haviam perturbado, tirando-lhe a posse do poço. B26:21 “Então, cavaram outro poço e também por causa desse contenderam. Por isso, recebeu o nome de Sitná”.

Sitná também pode significar “inimizade, acusação”. Sitná representa o inimigo tentando atingir nossa alma a fim de que fiquemos totalmente paralisados ou imóveis. Agora o inimigo tenta nos marcar com o medo! Ele nos diz: “Não tente isso de novo, pois você já falhou uma vez! Não há disponibilidade de recursos humanos, materiais e financeiros para que as pessoas invistam nisso”. Mas, é preciso persistir para que a pessoa alcance o objetivo proposto.

Terceiro Poço: Representa a esperança e a promessa de um futuro encontro pleno e eterno com D’us, simbolizado pelo Terceiro Templo. Yitschaci chamou este poço de **Rechovot** (רְחוֹבוֹת), que significa “espaço amplo” ou “alívio”, pois, desta vez, os servos de Abimélech pararam de discutir com ele; finalmente, encontrou paz e alívio das contendas. B26:22 “Partindo dali, cavou ainda outro poço; e, como por esse não contenderam, chamou-lhe Rechovot e disse: Porque agora nos deu lugar o Senhor, e prosperaremos na terra”.

“Rechovot”, nome do último poço, também pode significar “amplidão”. A Torá afirma que neste instante os inimigos não mais vieram para incomodar Isaac! Este é então o lugar onde os demais poços se fundem, pois agora chega o tempo de alargarmos nossas fronteiras espirituais. Não há mais lutas ou clamores a nos impedir de chegar ao objetivo. Este poço representa nosso espírito. É o templo da **fraternidade**.

4.(Toledot) – Gênesis 26:23-29 – “Finalmente, Yitschaci se estabeleceu em Beer-Sheva. **O rei dos filisteus pediu então a Yitschaci que firmasse um pacto com ele, reconhecendo que Yitschaci fora abençoado com a graça e o sucesso Divinos. A recompensa da perseverança. O rei da Filístia e sua comitiva disseram para Yitschaci: ‘Vimos como o seu D’us está consigo; por isso, declaramos: ‘Que haja agora um juramento solene entre nós, e façamos um pacto consigo’.**

No princípio, os filisteus se apropriaram dos poços que Yitschaci cavou, mas por fim eles procuraram ativamente fazer as pazes com ele. Da mesma forma, até mesmo os nossos esforços ou trabalhos espirituais mais bem intencionados podem algumas vezes ser distorcidos e desviados, intensificando as forças que se opõem à santidade. No entanto, aprendemos com Yitschaci a não nos desencorajarmos diante de tais obstáculos inesperados. Ao contrário, devemos persistir nos nossos esforços, que certamente terão êxito no final”.

Isaac sobe a Beer-Sheva e D’us lhe aparece, dizendo: “Não temas, pois estou contigo.” No Tanya e no capítulo 12, nos é ensinado que a alma Divina fala quando o coração está silencioso o suficiente para percebê-la. É o estado interior em que a pessoa finalmente encontra paz após uma série de conflitos espirituais. Quando a pessoa chega ao seu próprio “Beer-Sheva”, ela reconhece que não luta sozinha; a Presença Divina lhe acompanha.”

O versículo diz que construiu um altar, armou uma tenda e cavaram um poço. Estas três ações representam que o construir um altar é o local de auto elevação, onde a alma oferece ao Divino seus

impulsos naturais. No Tanya isso é chamado de subjugação da alma animal. O altar interior é quando a pessoa decide conscientemente: *“Quero servir a D’us com a minha vida.”*

O armar uma tenda significa a internalização ou o lar interior, a estabilidade emocional, ou o espaço íntimo. A pessoa precisa assimilar a nova consciência. O Tanya descreve isso como *“habitar com a Shechina no interior do coração”* (cap. 12). O Beinoni não permite nenhuma expressão das vestimentas da alma animal, implementando somente as vestimentas da alma Divina, no pensamento, fala e ação ligados a Torá e as Mitzvot.

Por fim, cavar o poço significa retirar terra, areia e pedras, uma comparação que é feita pelo Tanya para remover distrações, o ego e a confusão. No capítulo 27 do Tanya, aprendemos que a alma animal muitas vezes reage com resistência, tornando o trabalho espiritual difícil. Mas, insistir no cavar revela a água, a sabedoria Divina interior. Ou seja, a luz que estava escondida se manifesta.

O Rebe destaca que os filisteus inicialmente tomaram os poços de Isaac, mas depois o procuraram pedindo um pacto. Isso se conecta ao Tanya Capítulos 26 e 27. No início do trabalho espiritual, o lado animal resiste violentamente, tentando apagar a Luz da alma Divina. Porém, quando a pessoa persevera, cavando, construindo, elevando, o próprio ego começa a ceder, percebendo que não pode vencer. Assim, de forma semelhante como os filisteus reconheceram a força da alma Divina, dizendo que *“Vimos que o Eterno está contigo”*, também o ego reconhece que *“Esta luz é mais forte do que eu; não posso mais lutar contra ela”*.

Do ponto de vista interior de um Pedreiro, sob o aspecto prático, temos que as emoções primárias (Esaú interior) e os impulsos instintivos (Filístia interior) começam a cooperar com a mente Divina (Isaac) gradativamente. Quando Abimélech diz: *“Tu és agora o abençoado do Eterno”*, isso representa a vitória da consciência Divina sobre a turbulência emocional.

O Rebe destaca que Isaac não desiste quando seus poços são tomados. Ele cava outro. E outro. E outro. Até que finalmente encontrar **Rechovot** o *“espaço amplo”* ou *“alívio”*. Mais uma vez o Tanya capítulo 27 afirma que *“a alma é enviada ao corpo não para vencer facilmente, mas para lutar. E cada resistência vencida traz mais luz para aquele que alcançou um determinado grau”*. O que parecia perda vira coroamento. O que parecia conflito vira pacificação. O que parecia roubo vira pacto. E o que parecia fracasso vira convicção interior. É importante ler o Tanya Likutei Amarim, especialmente caps. 09, 12, 26 e 27.

5.(Toledot) – Gênesis 26:30-27:27 – *“Quando Essav completou quarenta anos, ele se casou com duas mulheres canaanitas. Algum tempo depois, Yitschaci, que se tornado cego, sentiu que era chegado o momento de transferir o manto da liderança; então, disse a Essav que se preparasse para receber as suas bênçãos. As qualificações para a liderança. Yitschaci disse a Essav: ‘Prepare... para que eu possa lhe dar a bênção da minha alma antes que eu morra’. Yitschaci queria nomear Essav o seu sucessor, porque reconhecia nele o potencial de se tornar um destemido guerreiro de D’us, dedicado a combater o mal. Embora tenha visto Essav cair nas muitas tentações que ele deveria ter combatido, Yitschaci sentia que, se ele o abençoasse, Essav tomaria para si a causa da bondade e da integridade. Com o seu poder superior, sofisticação e habilidade, ele seria capaz de cumprir melhor que Yaacov os propósitos de D’us na terra.*

Rivca percebeu o erro de Yitschaci. Era verdade que Yaacov não era um astuto guerreiro como Essav. Entretanto, a fina percepção que desenvolveu ao devotar-se ao estudo da Torá poderia fornecer-lhe muito bem a astúcia necessária para suplantar o mal quando confrontado com ele. Mais do que isso: a devoção de Yaacov à Torá lhe dava um impulso muito mais forte para transformar o mundo numa moradia para D’us do que Essav poderia vir a ter.

Da sabedoria de Rivca aprendemos que possuir habilidades e poder não podem, por si só, fazer de nós líderes confiáveis. Podemos desenvolver melhor as nossas capacidades de liderança através da dedicação ao estudo da Torá. Quando buscamos por exemplos de liderança, devemos sempre ter em mente os sábios estudiosos da Torá”.

Quando Isaac prepara um banquete para Abimélech e sela com ele um pacto de paz, a Torá descreve uma ação que, espiritualmente, expressa a capacidade da alma Divina de usar o mundo material para gerar harmonia. No Tanya, é dito que o mundo físico não é rejeitado, mas elevado quando colocado a serviço de D’us (Tanya Capítulos 07–08). Assim, o banquete de Isaac representa a integração das emoções intensas, transformando-se em reconciliação e clareza. Dentro da pessoa, isso significa o momento em que suas forças internas finalmente deixam de lutar entre si e se unem em um acordo interno de paz.

Logo após esse pacto, os servos de Isaac anunciam: “*Achamos água!*”. Isto é uma expressão que a Cabala diz ser semelhante a descobrir o poço oculto da alma. Cada poço cavado é um processo de remover camadas do ego, do medo e da confusão, até revelar a fonte pura que sempre existiu no interior. Por isso, Isaac chama o lugar de Shevá, indicando plenitude e estabilidade espiritual. Isto é quando a pessoa finalmente encontra sua água interior, aquilo que antes era luta se torna uma fonte permanente de energia e serenidade.

Em contraste com essa revelação luminosa, a Torá relata que Esaú, aos 40 anos, une-se a mulheres hititas, símbolo de materialidade densa e paixões grosseiras. O Tanya no capítulo 09 ensina que, quando a alma animal amadurece sem orientação espiritual, ela se “*casa*” com desejos inferiores, tornando-se um amor distorcido. Assim, Esaú representa o aspecto do Ser Humano que, mesmo plenamente formado, escolhe direcionar sua força emocional para o mundo físico de maneira não refinada, o que cria dentro da pessoa uma vida emocional que não serve ao propósito da alma Divina.

Assim, percebemos que esses casamentos de Esaú representaram uma atitude de oposição a Isaac e Rebeca. Esaú unido a paixões inferiores cria um ruído espiritual, uma “*amargura interior*”, pois a luz e a disciplina se entristecem quando o coração se move em direção ao que não o eleva. Essa dor não é rejeição da pessoa, mas sensibilidade à escuridão que se instala quando o interior se desconecta do propósito Divino.

Dessa forma, os poços cavados, o acordo de paz, as decisões de Esaú e o sofrimento dos seus pais compõem um contexto situado entre a revelação da água (Torá), o desejo desordenado e o propósito existencial de realizar um trabalho contínuo até que a essência vital prevaleça sobre os conflitos da natureza instintiva.

Logo em seguida a Torá narra que Isaac havia escurecido seus olhos. [Diz o Midrash Hagadol que o homem sofre mais as consequências da dor que a mulher. Isso é porque o homem foi feito de pó da terra e este se desfaz facilmente. A mulher, tendo sido feita da costela, que é osso, tem mais resistência. Quando Esaú se casou com Iehudit e Basmat, estas causaram muitas tristezas a Rebeca e Isaac. Este, em consequência disto, ficou cego, enquanto a Rebeca nada aconteceu.

Percebendo Rebeca que Isaac iria ministrar a benção do primogênito a Esaú, ela agiu. A razão pela qual Rebeca procedeu desta maneira foi para fazer cumprir a profecia citada no capítulo B25:23, referente a Esaú e Jacob: “*Duas nações existem em teu ventre, e dois reinos de tuas entranhas se dividirão; uma nação, mais que outra nação, se fortalecerá E a maior (Esaú) servirá à menor (Jacob)*”.

Percebe-se que Jacob reluta em participar da trama idealizada por sua mãe, apesar da iminente necessidade e da insistência de Isaac em abençoar a Esaú, o qual, embora primogênito, não é

merecedor desta herança. Jacob se sente desconfortável. Nossos sábios nos ensinam que Jacob se rendeu à vontade de sua mãe contra a ordem de sua consciência, executando sua missão “*obrigado, submisso e choroso*”. Mesmo assim, Jacob teve de pagar um preço pessoal elevado por este ato. Foi condenado a trabalhar penosamente na casa de Labão, onde foi humilhado e enganado durante longos anos. Estes anos o ensinaram que a justiça Divina não pode desconsiderar uma falta cometida. Mesmo que o objetivo seja importante e justo, se ele exigir que uma injustiça seja cometida contra terceiros, esta deve ser penitenciada. Definitivamente, o conceito de que os fins justificam os meios não é aceito pela Torá.] Comentários da Torá pg. 73.

Vemos aqui um conflito entre a necessidade de alinhar a ação, a verdade e o propósito quando partes internas de uma pessoa parecem caminhar em direções divergentes. A figura de Rebeca representa a visão profunda da alma, que percebe que certas forças internas, embora nascidas primeiras, não devem receber a liderança. Já Jacó representa o lado do Ser Humano que deseja agir corretamente, mas que às vezes é empurrado a decisões moralmente difíceis (neste caso reprováveis), mesmo tendo o objetivo de cumprir um propósito maior. Quando a pessoa se vê forçada a agir contra sua própria sensação imediata de retidão, gera-se uma tensão que exige um processo de reparação e amadurecimento. O resultado é a compreensão de que a verdadeira paz interior só se estabelece quando cada escolha é alinhada com a integridade. Quando, até mesmo os erros cometidos no caminho, são integrados como passos necessários no trabalho contínuo de refinar a própria essência.

Em Torá B27:04 nos encontramos “*E faz-me manjares como eu gosto*”. [A palavra manjares está escrita no plural, indicando que há duas espécies de prazeres. Assim, como nos alimentos, há alimentos doces e outros que são mais azedos, que são desagradáveis ao serem ingeridos em seu estado natural. Entretanto, se forem bem temperados e preparados, tornam-se manjares especiais. Da mesma forma, há duas espécies de manjares espirituais. O primeiro está ligado somente com assuntos que são doces, os assuntos sagrados. A segunda espécie (de manjares) está ligado com assuntos amargos, que no fundo é a batalha contra os maus pensamentos. Essas são as taças da boa e da má sorte. Entretanto, ambos, os manjares, vêm do Eterno D’us. Com a apropriação sucessiva do conhecimento, é possível gradativamente compreendermos a profundidade do doce e do amargo. O doce sabor da liberdade é capaz de compreender a amargura da opressão e vice-versa]. Torá pg. 73, Bereshit 27:04. Tanya pg. 432 V2.

{BUSCAR A CONEXÃO COM D’US - Os Cabalistas de todas as gerações, que nos transmitem suas palavras até os nossos dias, dizem que não há outro poder na natureza além do Criador. Às vezes percebo a revelação e a experimento como boa e às vezes como ruim, mas em ambos os casos são os mensageiros do Criador, que devem me ajudar a avançar em direção ao objetivo da criação. Construir a atitude correta em relação a esses mensageiros é a base da sabedoria da Cabala.

BOM E BENEVOLENTE - O Criador é bom e benevolente, explicam nossos Rav’s, e cujo objetivo é levar a sabedoria da Cabala às pessoas, como os cabalistas comandaram nas gerações anteriores. Visto que o Criador é apenas bondade, influência e amor, e a natureza da bondade é ser bom, então, se não sentirmos sua presença em nossas vidas como boa, o problema está em nossa percepção e isso precisa ser corrigido. Minha percepção da realidade é a percepção do meu Criador, e se a realidade é percebida por mim como sofrimento, na verdade eu culpo o Criador por causar o mal, algo que não pode acontecer.

POR QUE COISAS RUINS ACONTECEM? - De acordo com o conceito que acabamos de apresentar, coisas ruins não acontecem. Se sim, como é possível que experimentemos dor, problemas, espancamentos, guerras e morte? O problema está, como mencionado, em nossa percepção, mas é claro que é mais profundo: o Criador quer que alcancemos seu nível em nossa intenção de ter um bom efeito e prazer nos outros, e enquanto não fizemos isso, ou pelo menos tentar conseguir isso, ele é ‘*obrigado*’ a nos lembrar de sua existência.

Se fizermos uma pausa na leitura e pensarmos por um momento quando nos lembramos do Criador e pedimos à Ele, veremos que quando as coisas estão boas para nós, simplesmente ficamos felizes de nossa parte e não procuramos um poder superior para assim digamos atribuir à Ele. No entanto, quando sofremos, imediatamente voltamos para o Criador em busca de ajuda e salvação. Portanto, para manter nosso relacionamento com ele, temos experiências que não nos são agradáveis. Se conseguirmos manter uma atitude de conexão para com o Criador o tempo todo, não teremos que experimentar problemas e dores, e se os experimentarmos, podemos lembrar que eles nos foram enviados pelo Criador, para que possamos manter um relacionamento com Ele, e a experiência imediatamente se tornará boa.

Inverter a percepção da realidade em qualquer uma de nossas experiências não é nada simples e requer uma preparação especial e muita reflexão. Precisamos entender, primeiro com a mente e por fim com a emoção, que todas aquelas más experiências nos foram enviadas para que nos lembrássemos do Criador e buscássemos a conexão com Ele.

A VERDADE, AMARGO E DOCE - Dizem nossos Chachommim (Sábios da Guemará e Midrash) de abençoada memória, a experiência em si não é importante, mas sua atitude em relação a ela, sim, é importante, e o ruim pode se transformar em bom. Medimos a realidade de acordo com o amargo e o doce - bom para mim e ruim para mim, onde desfruto e onde sofro. Esta é a natureza humana. Quando você se lembra que tudo vem de cima, você pode mudar sua percepção da realidade e se apegar à verdade e à mentira, mesmo que sejam o oposto da experiência amarga e doce. A verdade é que toda experiência nos é enviada pelo Criador e, portanto, toda experiência é doce porque nos conecta com o Criador, desde que realmente a aproveitemos dessa forma. Se não usamos a experiência para estabelecer a conexão entre nós e o Criador, perdemos nosso tempo e a próxima experiência será pior, até que nos lembremos de nos voltar para Ele e buscar a conexão com Ele.

A Gemara relata que Rav Akiva sempre dizia: “*Kol d'avid Rachamana l'tav ávido*” – “*Tudo o que o Misericordioso faz, Ele faz para um bom fim*”. O Chacham Nachum Ish Gam Zu sempre proclamava: “גם זה לטובה” - “*Gam Zu L'tovah*” - “*Tudo aquilo que D'us faz é para o nosso bem*”.} Livro Akiva - A História de Rabi Akiva e Sua Época.

Qual é o cheiro do Campo que abençoou o Eterno? “*E disse-lhe Isaac, seu pai: Chega-te, rogo, e beija-me, meu filho. E Chegou-se e o beijou, e sentiu o cheiro de suas roupas, e o abençoou e falou: Veja! O Cheiro de meu filho é como o cheiro do campo que abençoou o Eterno. A roupa que Rivca deu a Yaacov era extraordinária e maravilhosa. Era feita de pele de cobra. Sobre ela, estavam pintados todos os animais do mundo de forma tão realista que pareciam vivos. Quando este traje era usado por um caçador, os animais se sentiam atraídos pelo animal correspondente pintado na roupa. Inevitavelmente, os animais se aproximavam das figuras até chegarem bem perto da pessoa que usava a roupa, e se mostravam tão mansos que esta podia facilmente capturá-los. Este maravilhoso traje de caça havia sido feito por Hashem para Adam. Mais tarde, caiu nas mãos do Rei Nimrod. Essav havia matado Nimrod e ficara com a roupa para si. Neste dia, Essav não vestiu este traje porque seu pai o havia ordenado que fosse caçar com suas armas, e não com a roupa*”.

<https://pt.chabad.org/media/pdf/1065/ZQuI10657733.pdf>

6.(Toledot) – Gênesis 27:28-28:04 – “Rivca imediatamente disfarçou Yaacov como Essav e o fez imitá-lo diante de Yitschaci para que recebesse as bênçãos do pai. Quando, mais tarde, Essav voltou para receber as bênçãos, Yitschaci percebeu o que tinha acontecido e reconheceu que Yaacov era de fato a escolha mais apropriada. O uso da trapaça. Yitschaci disse a Essav: ‘O teu irmão veio com a astúcia e tomou a tua bênção’.

As bênçãos que Yitschaci outorgou a Yaacov eram para prosperidade material. O fato de Yaacov obter essas bênçãos por meio da astúcia ensina-nos como devemos conduzir os nossos próprios objetivos materiais. Quando estamos comendo ou tratando de negócios, por exemplo, podemos parecer estar buscando apenas satisfazer as nossas necessidades materiais, do mesmo modo que o materialista Essav. Mas, por trás desta aparência, devemos pensar realmente como Yaacov: o nosso propósito verdadeiro deve ser espiritual. Devemos nos alimentar no sentido de termos forças para fazer boas ações, estudar a Torá e cumprir os mandamentos de D'us. Devemos ganhar o nosso sustento para dispor de meios financeiros para realizar todas essas coisas, e assim por diante. Este é o tipo de 'duplicidade' que temos de empregar nas interações com o mundo material”.

Quando a Torá nos apresenta que Jacob se aproximou de Isaac vestindo as roupas de Esaú, de fato, essa situação representa o que se passa no interior de cada Ser Humano. O Jacob interior busca verdade e direção. O Esaú interior corre atrás de conquistas, prazeres e urgência emocional. O conflito não é de ódio, mas de liderança. No fundo, este conflito procura responder: Quem guiará a vida deste Ser Humano? Quem receberá as bênçãos que moldarão o futuro? Rashi sobre Bereshit 25:27; Tanya, Likutei Amarim cap. 01-03.

Em Rashi B25:27, podemos encontrar que “*embora Esaú realmente tivesse inclinação para a sensualidade desde o nascimento, a orientação e influência benéfica de Abraão inspiraram-no a canalizar positivamente essa propensão. Porém, quando os meninos cresceram e atingiram a maturidade, aos treze anos de idade, escolheram caminhos divergentes. Jacob prosseguiu estudando e levando uma vida pura, enquanto Esaú, ainda que continuasse a ostentar os aparatos externos da retidão, secretamente tinha uma vida de sensualismo desenfreado. A fim de esconder essa tendência de seu pai, Esaú tornou-se perito em armadilhas, fazendo Isaac pensar que ele fosse extraordinariamente devoto por meio das perguntas inteligentes que lhe propunha. Por exemplo, Isaac mantinha a prática de Abraão de voluntariamente observar os mandamentos, inclusive o de dar um décimo de tudo que possuía. Esaú fez uma pergunta perspicaz a respeito do dízimo sobre o sal e a palha: apesar de terem valor intrínseco insignificante, esses materiais podem ser usados para melhorar outras mercadorias. Por exemplo o sal realça o sabor dos outros alimentos e a palha pode ser misturada ao barro para a produção de tijolos. Assim, seu preço deve ser calculado com base em seu valor monetário efetivo ou segundo o valor que adquirem quando deles se tira o máximo, como nos casos acima? Questões como essa levavam Isaac a crer que Esaú fosse verdadeiramente devoto. Na realidade, era justamente o contrário”.*

Rebeca percebeu as diferenças entre Jacob e Esaú pela intuição espiritual, que ela tem e capta que o instinto bruto, embora poderoso de Esaú, não pode ocupar o trono. Por isso, ela veste Jacob com as roupas de Esaú, ensinando que a alma Divina não governa o corpo pela força, mas por integração. Ela usa as emoções e a energia instintiva como vestes para elevar o Ser Humano ao propósito Divino. Rashi Bereshit 27:15-16; Tanya Cap. 09.

Revela-se que esse artifício é a sabedoria superior que entra na matéria para iluminá-la por dentro. Jacob parece Esaú, mas sua intenção permanece pura. Assim também é uma pessoa que na vida cotidiana come, trabalha e negocia. Por fora ela lida com o mundo de forma semelhante a todas as pessoas; mas por dentro guarda a consciência e objetivos Sagrados. Essa é a duplicidade Santa ensinada pelo Rebe. Viver no campo sem perder a tenda, agir na terra sem perder o céu. Tanya Cap. 07-08.

“Portanto, o Elohim te dá (B27:28). Rabi Yosi disse que todas essas bênçãos do lado da porção de Jacob eram dele, e ele as tomou para si. E Isaac queria conceder as bênçãos que pertencem a Jacob a Esaú. Portanto, o Santo, Bendito Seja Ele, fez com que elas retornassem a Jacó, para que ele pudesse tomar o que lhe pertencia”. Zohar, Toldot 147 in <https://www.zohar.com/zohar/>

Quando Isaac com a visão obscurecida, sente o cheiro das roupas de Esaú e declara que sente “o aroma do Éden”, a Torá revela que quando a força instintiva (alma animal) é usada pela alma Divina, ela se torna oferenda. O Tanya ensina que o desejo material não precisa ser destruído, mas direcionado. A bênção não é apenas riqueza, mas a capacidade de transformar o terreno em Sagrado e o cotidiano em altar. “De acordo com o Arizal, todas as coisas, incluindo os objetos inanimados, possuem uma alma, que é a força criativa e preservativa do Criador, a realidade das coisas”. Tanya V1, cap. 7, pg.127

Ainda assim, Jacob paga um alto preço. Domar o instinto cria tensões internas. Ele teme, hesita, e finalmente foge, como quem descobre suas sombras ao tentar reorganizar o interior. Os anos com Labão simbolizam o trabalho lento de lapidar hábitos, vencer ilusões e integrar partes feridas. A justiça Divina não apaga conflitos, converte-os em amadurecimento. Rashi Bereshit 28:05. “O Tzadik completo tem repulsa em relação aos prazeres mundanos, enquanto o Tzadik incompleto apenas subjugou, porém não transformou, o seu desejo pelos prazeres mundanos”. Tanya cap. 10. Essa será a jornada de Jacob, lapidar a sua pedra bruta.

Ao final, Isaac reafirma a bênção a Yaacov, reconhecendo que ela lhe pertence desde o princípio. Esse é o momento em que as forças internas do Ser Humano deixam de lutar e se alinham sob um mesmo propósito. O Esaú interior torna-se força vital; o Jacob interior torna-se rei; e a intuição (Rebeca) vê cumprida a profecia, ou seja, a luz lidera e a força serve. “³E que o D’us Todo-Poderoso, que é a fonte infinita da bênção, te abençoe e te faça prolífico e numeroso, para que venhas a ser com teus descendentes uma comunidade de povos. ⁴Agora partiras para uma jornada. Rashi sobre Bereshit 28:03–04.

Assim, a Torá nos mostra como devemos seguir a vida. Temos de usar as roupas de Esaú, mas manter o coração de Jacob. Trabalhar no mundo com mãos humanas, mas buscar sentido com a alma Divina. Transformar cada passo no campo da vida na direção e sentido de aproximação ao Éden que existe dentro de nós. Zohar, Toldot prefácio e 148

É importante olharmos para as bênçãos que Isaac deu a Jacob, posto que se liga aos temas acima apresentados. Rashi nos apresenta o seguinte texto: “²⁸Que D’us por isso te conceda todas as seguintes bênçãos, mais a capacidade de tirar o máximo proveito delas e aumentá-las por ti mesmo. Contudo, independentemente do que Ele te conceder, que o dê a ti apenas se mereceres, pois sei que tu e teus descendentes aceitareis Sua justiça sem questionar.

Além de já ter dado a ti a fragrância de um campo abençoado, que Ele te dê (1) do orvalho dos céus e (2) da abundância - isto é, os melhores frutos – da terra e (3) uma profusão de grãos e (4) vinho. ²⁹(5) Que povos te sirvam, e (6) nações se curvem diante de ti. (7) Que sejas senhor de teus irmãos, e (8) os filhos de tua mãe se prostrem perante ti. Ainda que possa te parecer, no princípio, que tua vida é amaldiçoada, tem certeza de que, no fim, (9) aqueles que te amaldiçoarem serão malditos, e (10) os que te abençoarem serão benditos”. Rashi Bereshit 27:28-29.

7.(Toledot) – Gênesis 28:05-09 – “Essav odiou Yaacov por ter recebido as bênçãos em seu lugar, e resolveu assassiná-lo tão logo Yitschaci morresse. Sentindo isso profeticamente, Rivca convenceu Yitschaci a enviar Yaacov a Aram para procurar uma esposa. Quando Essav viu que seus pais não aprovaram suas esposas canaanitas, ele se casou com uma das filhas do seu tio Yishmael. Demonstrar respeito respeitosa. Essav foi à casa de Yishmael e se casou com Machalat, a filha de Yishmael, filho de Avraham.

O respeito de Essav por seu pai era exemplar. Ele servia ao seu pai trajado com as suas melhores roupas. Quando decidiu matar Yaacov, ele se conteve, a despeito da sua fúria, para não fazer o seu

pai sofrer. Tão logo soube que seus pais não aprovaram suas esposas canaanitas, ele não perdeu tempo em se casar com a sua prima.

No entanto, a reverência de Essav por seu pai não o impediu de falar desrespeitosamente a Yitschaci quando disse: ‘Meu pai, levante-se’. Ao contrário, seu irmão Yaacov gentilmente pediu a Yitschaci: ‘Por favor, levante-se’. Da mesma forma, Essav se referiu à morte de seu pai de forma brusca, dizendo: ‘Os dias de luto pelo meu pai acontecerão em breve’.

Do comportamento grosseiro de Essav aprendemos que uma faceta essencial de fazer o que é certo é realizá-lo de maneira gentil e atenciosa. Por exemplo, as palavras que dizemos não só devem ser significativas e livres de qualquer tipo de conversação proibida (falsidade, fofoca, calúnia etc.); elas também devem ser refinadas e delicadas como eram as de Yaacov”.

Quando Jacob é enviado por Isaac para Padan Aram, não está apenas se afastando da ameaça de morte realizada por Esaú. Está sendo conduzido, pela providência Divina, para longe de uma força espiritual que poderia destruí-lo. Esaú representa a severidade (Gueburah) ainda não refinada, enquanto Jacob encarna Tifereth, o equilíbrio e a harmonia. Assim, o afastamento de Jacob não é somente geográfico. É uma separação necessária entre duas formas de energia que, se permanecessem juntas, poderiam colidir de maneira destrutiva. Rebeca percebe o perigo e orienta Jacob para seguir para um local onde, a sensibilidade dela indica que, ele encontrará as almas femininas (Raquel e Lea) que completarão sua estrutura espiritual. Inspirado em Zohar I, 142-143 in <https://www.zohar.com>.

[Porém antes de Jacob partir, Esaú viu que Isaac abençoara Jacob e lhe ordenara “*Não tomes mulher dentre as moças canaanitas*”. Assim, Esaú compreendeu que as moças canaanitas eram más aos olhos de Isaac. Então Esaú imediatamente se casou com sua prima Machalat, filha de Ismael. Isto a fim de mostrar que não tinha menos respeito aos desejos de seu pai do que seu irmão Jacob.

De fato, ele manifestou ainda mais respeito aos desejos de seu pai, porque Jacob recebera instrução explícita para desposar uma moça da família, enquanto Esaú o fez por vontade própria. Contudo, por duas razões, Esaú não seguiu Jacob a Padan Aram para casar-se com uma de suas primas da linhagem real de Sem. Em primeiro lugar, ele entendeu que Jacob fora para lá a fim de que se cumprissem as bênçãos de Isaac, e Esaú sabia muito bem que não tinha mais parte nessas bênçãos. Em segundo lugar, ele procurou exceder Jacob, que fora desposar uma moça que era apenas da família extensa de Abraão, enquanto Esaú procurou se casar com uma descendente direta de Abraão, ou seja, filha de Ismael e, conseqüentemente, neta de Abraão.

Pouco depois que Machalat ficou noiva de Esaú, Ismael pai de Machalat morreu, deixando a noiva órfã. Portanto, Machalat se casou com Esaú só como irmã de seu irmão Nevaiot, que ficara responsável por tratar do casamento em lugar de seu falecido pai. Ela continuou sendo chamada “*a irmã de Nevaiot*” por toda a vida. O verdadeiro nome de Machalat era Basmat (mas ela não deve ser confundida com a mulher hitita de Esaú, Basmat filha de Elon). Ela foi apelidada Machalat (*A Perdoada*) no dia do seu casamento, porque então se arrependeu de todos os pecados que cometera, e D’us perdoa todos os pecados anteriores de uma pessoa no dia em que ela se casa, desde que se arrependa adequadamente. Assim, ela era uma mulher integral; Esaú queria usar esse fato como estratégia para enganar seu pai, fazendo-o crer que ele também se arrependera. Porém, ele a tomou como mulher além de suas outras mulheres, as canaanitas, sem que tivesse se divorciado delas. Dessa maneira, ficou claro que, exatamente como seus primeiros casamentos, esse também era um ato fingido]. Rashi Bereshit pg. 131-132.

Desta forma, Esaú, não realizou a Teshuvá no coração, apenas na aparência. O Arizal explica que atos externos não retificam a estrutura interna (Klim) se não houver mudança emocional profunda. Por isso, o movimento de Esaú, embora estivesse correto em forma, permanece vazio em essência,

ilustrando a diferença entre modificar o comportamento e transformar a alma. Bereshit Rabbah 67:13 in https://www.sefaria.org/Bereishit_Rabbah.67.13 e Ari, Etz Chaim, Sha'ar HaKelalim in <https://kabbalahmedia.info/pt/search?q=%E2%80%9CEtz%20Chaim>.

Esaú ouviu ainda que Isaac prometera a Jacob que ele herdaria a Terra de Israel. Portanto, Esaú buscou outro lugar para viver e começou a passar temporadas em torno do Monte Seir. Só mais tarde ele se mudou permanentemente para lá.

Prezado Pedreiro: Cada pessoa possui um “*Jacob interno*”, que busca o alinhamento espiritual, e um “*Esaú interno*”, que se manifesta pela força, paixão e impulso não retificado. O objetivo ao longo da vida de uma pessoa não é eliminar Esaú, mas transformá-lo e canalizar sua energia intensa para o serviço do bem. O que vinds fazer aqui? Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e fazer novos progressos ao longo do caminhar da vida. O Rebe explica que Esaú não é mau em essência. Ele é energia não retificada. Quando não encontramos a forma de transformar a intensidade interior, ela se torna violência contra o outro e, antes disso, contra nós mesmos.

08 -Parashat Vayetsê – Jacob em Charan

Sinopse

No caminho a Charan, Yaacov passa a noite no Monte Moriá conhecido atualmente como o Monte do Templo, em Yerushalayim (Jerusalém), e ali ele sonha com anjos subindo e descendo numa escada para o céu. Quando acorda, ao perceber a santidade intrínseca do local, promete a D'us que, se o provesse durante a sua estadia em Charan e lhe permitisse retornar tanto física como espiritualmente, intacto, ele consagraria aquele local para o futuro Templo. Quando você apoia sua vida na Rocha, a pessoa não precisa entrar em desespero. Embora, no dia a dia, isto não é simples de ser feito. Porém, essa é a Pedra Angular (Yessod - fundamento) que teoricamente deveria dar origem ao Templo Sagrado de Jerusalém. Portanto, existe um ponto dentro da pessoa, a centelha Divina, que não se move. Sobre essa Rocha o Pedreiro apoia a sua vida, durante a qual construirá o Templo Interno. **A questão-chave (aqui) é termos certeza de antemão que, assim como Yaacov, estamos adequadamente alimentados (pelo estudo da Torá), apropriadamente vestidos (cumprindo os mandamentos de D'us) e focados em nosso objetivo (de transformar o mundo numa moradia adequada para Ele.** Ao lermos Bereshit 29:01-10 encontramos que a palavra poço (בְּאֵר) aparece por sete vezes. O Poço é o símbolo da Bondade Divina no mundo. Jacob (Tifereth) chega ao poço para elevar Malkhuth. Tifereth liga-se a todas as Sefirot diretamente, menos a Malkhuth. Assim, Raquel aparece próximo ao poço porque ela é o aspecto de Malkhuth que precisa ser ligado à linhagem de Jacob. A pedra sobre o poço representa uma restrição espiritual da Shechina que, neste momento, está no exílio. Jacob remove a pedra sendo, portanto, revelada a Shechina. No fundo, são eventos que nos mostram o encontro entre o masculino e o feminino Divinos, ou seja, entre Ze'ir Anpin (Jacob) e Malkhuth (Raquel). **Ao chegar em Charan, Yaacov conheceu Rachel (Raquel), a filha de Lavan, que estava pastoreando as ovelhas de seu pai junto de um poço de água nos arredores da cidade. Rachel apresentou-o a Lavan, que o contratou para cuidar de suas ovelhas. Yaacov pediu a Lavan para se casar com Rachel; em troca, trabalharia sete anos para ele. Lavan aceitou, mas no último minuto forçou Yaacov a casar com a sua irmã mais velha, Lea. Mais tarde, Lavan permitiria que Yaacov se casasse com Rachel se trabalhasse mais sete anos. Lea deu à luz a quatro filhos sucessivamente, enquanto Rachel continuou sem filhos. O uso apropriado da inveja. Rachel percebeu que ela não tinha dado à luz a nenhuma criança para Yaacov; Rachel estava com inveja de sua irmã [Lea].** O Talmud ensina que “a inveja entre estudiosos aumenta a sabedoria”. Na prática, isso significa que a consciência da grandeza do outro, ou da grandeza escondida dentro de nós, é que desperta a ação, a disciplina e esforço. Em vez de destruir, a inveja neste caso constrói. Em vez de diminuir, ela expande. Em vez de ferir, ela cura. Dentro da alma, isso significa que a parte de nós que ainda está estéril (Raquel) desperta com força ao ver o que nossa profundidade (Lea) já está produzindo. É um chamado interior. “Existe muito mais em mim do que aquilo que já expressei. Preciso liberar essa fertilidade espiritual”. “Você é rico de acordo com o que você é”. **Rachel, então, finalmente gerou seu primeiro filho, que chamou de Yossef (José). Rachel o chamou de Yossef 'que Ele acrescenta', em hebraico, dizendo: “Que D'us acrescenta para mim outro filho”. Somos meros instrumentos de D'us.** Quando vemos no outro ou na outra parte de nós mesmos algo que ainda não atingimos, essa percepção pode nos estimular para alcançarmos uma maior ascensão espiritual, em vez de nos paralisar. Como o Rebe enfatiza, somos instrumentos de D'us. Ele nos “acrescenta outro filho” quando nos alinhamos com Sua vontade. **Além de sua riqueza material, Yaacov também obteve verdadeira riqueza espiritual: conseguiu criar seus filhos de tal maneira que seguissem com retidão os caminhos de Avraham e Yitschaci, e não produziu um só filho perverso (como o foram Essav e Yishmael, que nasceram de seus antepassados Avraham e Yitschaci).** Jacob deixa a casa de Lavan após vinte anos. Jacob surge como alguém que não apenas acumulou bens materiais, mas edificou uma integridade interior rara. O texto enfatiza que Jacob se tornou “extremamente próspero” (B30:43), mas o Rebe explica que essa prosperidade é apenas o reflexo externo de uma prosperidade mais profunda. Principalmente porque a riqueza espiritual foi construída em um ambiente de engano, exploração e intriga. **Yaacov fugiu de Charan com sua família e seu rebanho em segredo, com receio que seu sogro possessivo tentasse impedir sua saída.**

Lavan, em seguida, o perseguiu e, quando o alcançou, acusou Yaacov de sequestrar suas filhas e seus netos, sem lhe permitir despedir-se adequadamente deles. Saudades do lar. Lavan disse a Yaacov: ‘Você partiu agora porque sempre sentiu saudades da casa de seu pai’. O episódio narrado em B31:17–42, mostra a nossa alma. Jacob é o eu verdadeiro, tentando libertar-se. Lavan é a confusão que tenta nos manter presos. E Raquel é a força interior silenciosa que, nos ajuda a retirar os nossos ídolos internos e nos permite partir. Portanto, a saída da casa de Laban é o nascimento de um novo estado espiritual. E é em função de Raquel que, neste caso simbolicamente, representa a mãe que sabe como quebrar as raízes da idolatria interior, podendo assim Jacob retomar a caminhada no sentido e na direção de retornar a casa do Pai. Um montículo de pedra é erguido por Jacob. ***Diferentemente de um muro sólido, um montículo é uma coleção de pedras soltas, o que significava que a separação entre Lavan e Yaacov não era algo absoluta. Espiritualmente, isto quer dizer que Yaacov não levantou uma barreira impenetrável entre ele e o domínio de Lavan.*** Depois de firmar o pacto, Yaacov vê anjos de D’us, indicando que a clareza espiritual retorna tão logo a fronteira interior é estabelecida. Rashi comenta que esses anjos eram diferentes dos que o acompanharam em Charan, posto que agora eram da Terra de Israel, mostrando-nos que um novo nível espiritual está estabelecido.

1.(Vayetsê) – Gênesis 28:10-22 – “No caminho a Charan, Yaacov passa a noite no Monte Moriá conhecido atualmente como o Monte do Templo, em Yerushalayim (Jerusalém), e ali ele sonha com anjos subindo e descendo numa escada para o céu. Quando acorda, ao perceber a santidade intrínseca do local, promete a D’us que, se o provesse durante a sua estadia em Charan e lhe permitisse retornar tanto física como espiritualmente, intacto, ele consagraria aquele local para o futuro Templo. Alimentar e vestir a alma. Yaacov prometeu: “Se D’us estiver comigo e me guardar neste caminho que vou seguindo, e me der pão para comer e roupa para vestir, e me fizer voltar para casa de meu pai em paz”. O pão e as vestimentas se referem, metaforicamente, ao estudo da Torá e ao cumprimento dos mandamentos de D’us, respectivamente.

Quando estudamos a Torá, a sabedoria de D’us se torna parte de nós, assim como ocorre com o alimento. Quando executamos um mandamento, estamos envolvidos por um sentimento externo transcendental de inspiração, como uma vestimenta que nos envolve, uma roupa que nos aquece.

Neste contexto, “retornar à casa do pai intacto” faz alusão ao nosso retorno ao campo da santidade (nosso verdadeiro lar) após aventurarmos no mundo físico para refiná-lo e elevá-lo a D’us”.

“O Sábio Malbim (1809-1879) é de opinião que, através deste sonho, D’us quis revelar a Jacob o nível moral e ético que todo homem é capaz de alcançar, se aspirar ao aperfeiçoamento. Cada Ser Humano, diz ele, encontra-se na situação de uma escada posta na terra e depende das coisas terrenas e materiais, mas com sua alma e seu espírito, partículas essas que D’us lhe concedeu, ele é capaz de alcançar as coisas mais elevadas, do seu aperfeiçoamento espiritual, dos sonhos (aspirações) que sonha”. Comentários da Torá página 79 sobre o versículo B28:12

Por outro lado, *“quando uma pessoa cumpre os mandamentos ela atrai para baixo um fluxo descendente da Santidade Suprema. O despertar de baixo e a irradiação superior que é chamada de Hessed Ila’á (Benevolência superior) e rav Hessed (Benevolência abundante), porque irradia e difunde infinitamente, sem limites e medida, uma vez que ela não está contraída dentro dos mundos, mas os abrange de cima, do cume de todos os degraus até o fim, de todas as escadas, Ele os envolve de forma igual”.* Em Tanya Iguéret HaCôdesh Carta dez, pg. 197

Assim, percebe-se que a escada de Jacob é a via que nos mostra o que ocorre quando acontece o despertar de baixo que surge pela Hessed limitada, que é produzida pelo Ser Humano e a consequente descida, pela própria escada, da Luz suprema em resposta a Hessed humana.

Assim, não é pelo fato que um determinado Pedreiro tenha sido elevado a um certo grau, que o faz na realidade subir mais um degrau na escada de Jacob. Nem mesmo a Cerimônia de Start na Organização fez com que o Pedreiro colocasse um dos pés no 1º degrau. O que lhe está sendo oferecido, e em alguns casos lhe comunicado automaticamente sem que ele o perceba, é a possibilidade de acessar conhecimentos outros, que caso não tivesse sido recebido pela Organização teria uma dificuldade muito maior em obter. Entretanto, isto não o coloca em nenhum patamar mais elevado de fato. Coloca sobre os ombros do Neófito uma responsabilidade muito grande.

O Neófito foi escolhido porque tem além de reputação ilibada e comportamento moral irreparável, possui o ponto no coração mais desenvolvido do que o das outras pessoas e que pôde ser observado por determinado Pedreiro. Este ponto no coração é a Centelha Divina que todos temos, mas poucos na realidade são chamados a desenvolver, a expandi-lo e a fazê-lo unir espiritualmente com seus Irmãos, primeiro para o seu próprio aperfeiçoamento e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento da humanidade. Pense globalmente, mas comece atuando localmente.

E veja que os degraus devem ser alcançados durante a estada nesta vida e não na vida espiritual depois de deixarmos este mundo. Ou seja, atingir verdadeiramente os degraus depende única e exclusivamente do Irmão. É fato que pouquíssimos Pedreiros conseguiram atingir verdadeiramente os primeiros degraus. Outros raríssimos chegaram a percorrer degraus mais elevados. Penso que estes não se contariam no conjunto dos dedos de uma das mãos.

Quando Jacob parte em viagem, ele não está somente iniciando uma viagem comum, mas está atravessando as fronteiras que o levará a um grande desenvolvimento espiritual, culminando por dar origem as tribos de Israel. Ao anoitecer, ele repousa no Monte Moriá, o Monte do Templo. Ali, Jacob adormece e o sono se torna uma revelação. Zohar Vayetze, 45–46 in <https://www.zohar.com>

A Cabalá ensina que a escada representa a Árvore da Vida, estando com seu topo no céu (Kether) e sua base em nosso mundo (Malkhuth). Os anjos sobem primeiro porque são despertados pela obra humana; descem depois para trazer a luz Divina correspondente. Esse movimento mostra que o serviço humano no mundo físico desperta fluxos espirituais nos mundos superiores.

https://www.sefaria.org/Midrash_Tanchuma%2C_Vayetzei.2

Ao despertar, Yaacov exclama: “*Certamente o Eterno está neste lugar, e eu não sabia!*”. A Cabalá ensina que Yaacov percebeu que o Monte Moriá é um local onde a Shechina repousa de forma revelada. Essa percepção não é apenas geográfica, mas existencial. A santidade estava presente antes mesmo dele a perceber.

Em Tanakh Isaias 28:16 encontramos que: “*Proclama por isso o Eterno: Eis que ponho por fundação, em Tsiôn, uma pedra, uma pedra testada, uma pedra angular preciosa, que será uma fundação segura; não se apressará aquele que tiver fé*”. Jacob usou uma pedra para pôr sua cabeça quando dormia. Em alguns textos sagrados D’us é chamado de “*A Rocha*”. Ou seja, é aquilo que na vida de uma pessoa lhe dá solidez. Está pedra é aquilo que lhe mantém estável (inteiro), quando tudo o mais ao seu redor está balançando. Embora Jacob (o Pedreiro) estivesse em uma situação difícil, Isaias diz que quem confia na Pedra não se apressa e, portanto, não toma decisões impulsivas. Quando você apoia sua vida na Rocha, a pessoa não precisa entrar em desespero. Embora, no dia a dia, isto não seja simples de ser feito. Porém, essa é a Pedra Angular (Yessod - fundamento) que teoricamente deveria dar origem ao Templo Sagrado de Jerusalém. Portanto, existe um ponto dentro da pessoa, a centelha Divina, que não se move. Sobre essa Rocha o Pedreiro apoia a sua vida, durante a qual construirá o Templo Interno. Inspirado em Yair Alon, comentários sobre o Zohar Diário – Toledot de 19/11/2025.

2.(Vayetsê) – Gênesis 29:01-17 – *“Dessa forma, confiante na proteção de D’us, Yaacov partiu para Charan. A fonte da confiança e alegria. Com leveza nos seus pés, Yaacov partiu para a terra do povo que vivia no Oriente. Embora Yaacov estivesse a caminho de ingressar em um ambiente de espiritualidade perigosa, sua alegria em cumprir a missão Divina e a confiança na proteção de D’us permeavam seu ser por completo, chegando até seus pés (que, aí então, andavam com leveza).*

A partir do exemplo de Yaacov, podemos adotar a mesma atitude alegre e confiante quando saímos para lidar com as inúmeras atividades do mundo cotidiano, mesmo que essas não pareçam tão espiritualizadas. A questão-chave é termos certeza de antemão que, assim como Yaacov, estamos adequadamente alimentados (pelo estudo da Torá), apropriadamente vestidos (cumprindo os mandamentos de D’us) e focados em nosso objetivo (de transformar o mundo numa moradia adequada para Ele)”.

Ao lermos Bereshit 29:01-10 encontramos que a palavra poço (בֵּיַר) (Beer – poço) aparece por sete vezes. O Poço é o símbolo da Bondade Divina no mundo. Jacob (Tifereth) chega ao poço para elevar Malkhuth. Tifereth liga-se a todas as Sefirot diretamente, menos a Malkhuth. Assim, Raquel aparece próximo ao poço porque ela é o aspecto de Malkhuth que precisa ser ligado à linhagem de Jacob. A pedra sobre o poço representa uma restrição espiritual da Shechina que, neste momento, está no exílio. Jacob remove a pedra sendo, portanto, revelada a Shechina. No fundo, são eventos que nos mostram o encontro entre o masculino e o feminino Divinos, ou seja, entre Ze’ir Anpin (Jacob) e Malkhuth (Raquel).

É possível associar as sete vezes em que a palavra poço aparece com as sete Sefirot inferiores (Hessed, Gueburah, Tifereth, Netsah, Hod, Yesod, Malkhuth), a saber:

1. O poço existe, corresponde a Hessed (a bondade Divina que existe e flui).
2. Estar coberto é uma restrição, portanto está associado a Gueburah.
3. Os rebanhos esperam. Ou seja, estão calmos, tranquilos em harmonia (Tifereth).
4. Os pastores se reúnem constantemente antes de retirar a pedra (Netsah). Para se obter uma vitória é necessário ter persistência.
5. Ocorreu uma discordância sobre o momento adequado para se mover a pedra. É como se alguém precisasse de fama, ou glória, por ter coordenado a remoção da pedra (Hod).
6. Jacob sozinho retira a pedra. Essa ação representa Yessod, porque é fundamental retirar a pesada pedra para poder dar água aos rebanhos.
7. Jacob deu água para o rebanho de Labão que Raquel trazia. Raquel recebeu essa gentileza de Jacob, portanto representa Malkhuth.

Simbolicamente podemos associar a água com a Torá (Bondade Divina), o poço com a Torá oculta, a pedra com a falta de sensibilidade espiritual (restrição) e o ato de mover a pedra é libertar a Shechina. É preciso abrir o coração para a revelação. Assim, Jacob não está apenas tirando uma pedra ele está abrindo o acesso à Sabedoria Divina. Por isso, os pastores esperavam “até que todos chegassem”, posto que a Torá só é revelada plenamente quando há **União**. Esse texto é um pequeno resumo derivado do que pode ser encontrado em Zohar Vayetsê.

Jacob beijou Raquel? Este é outro ponto importante encontrado em Torá Bereshit 29:11 que diz “*E beijou Jacob a Raquel, e levantou sua voz e chorou*”. Segundo os comentários que estão na pg. 81 da Torá Sefer, encontramos que o exegeta Ibn Ezra (1089 – 1164), diz que Jacob beijou a mão de Raquel em sinal de carinho e respeito, mas a Escritura Sagrada não especifica o local do beijo. Já segundo Rashi Bereshit, pg. 139, ele chorou alto, por duas razões: “*Primeiramente, previu que, apesar de que ele e Raquel realmente se casariam, não seriam enterrados juntos. Em segundo lugar, enquanto Eliezer pudera impressionar a família com uma exibição exuberante de riqueza quando chegou a Charan em busca de uma noiva para Isaac, Jacob, em contraposição, vinha sem nada, pois cedera tudo para Elifaz filho de Esau*”.

3.(Vayetsê) – Gênesis 29:18-30:13 – “Ao chegar em Charan, Yaacov conheceu Rachel (Raquel), a filha de Lavan, que estava pastoreando as ovelhas de seu pai junto de um poço de água nos arredores da cidade. Rachel apresentou-o a Lavan, que o contratou para cuidar de suas ovelhas. Yaacov pediu a Lavan para se casar com Rachel; em troca, trabalharia sete anos para ele. Lavan aceitou, mas no último minuto forçou Yaacov a casar com a sua irmã mais velha, Lea. Mais tarde, Lavan permitiria que Yaacov se casasse com Rachel se trabalhasse mais sete anos. Lea deu à luz a quatro filhos sucessivamente, enquanto Rachel continuou sem filhos. O uso apropriado da inveja. Rachel percebeu que ela não tinha dado à luz a nenhuma criança para Yaacov; Rachel estava com inveja de sua irmã [Lea].

A inveja mesquinha e destrutiva nasce do medo de que o sucesso da outra pessoa diminua nosso próprio valor. No entanto, Rachel atribuiu a fertilidade de Lea à sua retidão e, conseqüentemente, teve inveja das boas ações de sua irmã. Este tipo de sentimento é construtivo, desde que nos estimule a nos aperfeiçoar.

De maneira semelhante, nossos sábios afirmam que a inveja entre os estudiosos da Torá aumenta a sabedoria, pois incentiva mais o estudo. Este sentimento pode ser uma força positiva em nossas vidas quando aprendemos a aplicá-lo corretamente”.

Após ter removida a pedra que estava sobre o poço, dado de beber ao rebanho de Labão, e ter ocorrido o evento do beijo, ele se apresentou a ela dizendo “*Eu sou seu primo. Minha mãe é irmã de seu pai*”. Como Jacob tinha contigo o Espírito de Profecia e ele previu que um dia Raquel se tornaria sua esposa. Após alguns dias vivendo nas propriedades de Labão, Jacob perguntou a Raquel: “*Você gostaria de se casar comigo?*” Tendo Raquel respondido que sim. Jacob conversou com Labão e o casamento foi acertado.

Que evento ocorreu na vida de Jacob ao longo daqueles dias? É justamente neste momento que ocorre um fato nas palavras de Labão que precisam ser ressaltadas. Em Torá Bereshit 29:19, está escrito que “*E disse Labão: Melhor dá-la a ti do que dá-la a outro homem; fica comigo*”. Utilizando-se da Guematria, essa frase fica assim: Melhor dá-la (Titi) (תִּתִּי) (400+400+10=810; e 8+1+0=9) a ti do que dá-la (Mititi) (מִתִּתִּי) (40+400+400+10=850; 8+5+0=13) a outro homem. Acontece que a Guematria de Lea (לֵאָה) (30+1+5=36; e 3+6=9) está associada a Titi que também tem o valor 9. Raquel (רָחֵל) tem a Guematria (200+8+30=238; 2+3+8=13) é, portanto, associada a palavra Mititi que tem o valor 13.

Após consumado o casamento e vendo Jacob que fora enganado por Labão, pois esperava desposar Raquel e na realidade desposou Lea, sentiu na pele o resultado do gosto amargo de uma trapaça. Ou seja, Jacob percebeu de forma semelhante ao que Esaú sentiu quando ele (Jacob) tomou as bênçãos de seu irmão. Em Bereshit 29:25-26 podemos encontrar que “²⁵*E foi de manhã, e eis que era Lea. E disse a Labão: Que me fizeste? De certo, por Raquel servi contigo. E por que me enganaste?* ²⁶*E disse Labão: Não se faz assim em nosso lugar, dar a menor antes da maior. ²⁷Completa esta semana de dias, e daremos para ti também ela, pelos serviços que servirás comigo ainda outros 7 anos*”.

Isto significa que a fraude na casa de seu pai havia durado alguns momentos ou minutos, mas Jacob “pagou” por ela por vinte anos de sua vida em que permaneceu na casa de Labão. Labão trapaceou seguidamente por dez vezes os acordos firmados entre o próprio Labão e Jacob. Comentário da Torá, pg. 82.

O nome Labão (Lavan) poderia nos dizer algo sobre a personalidade desta pessoa? “A palavra Lavan (לָבָן), literalmente, significa “branco”. Por fora, Lavan era “branco”, sem manchas ou falhas em seu comportamento. Era isto que enganava as pessoas. Ele apresentava o seu lado externo,

aparentando ser uma pessoa boa, honesta e de boa índole, porém, ao vê-lo mais de perto, as pessoas percebiam o seu verdadeiro caráter.

Algo similar acontece com o porco. A Torá escreve (Tora Vayikrá 11:07) que os animais kashér são aqueles que ruminam e que também têm o seu casco fendido. Mas o porco é o único animal que possui o casco fendido e não rumina. Ou seja, por fora ele parece kashér, mas ele engana as pessoas, pois, na realidade, por dentro, ele não rumina.

No livro do profeta Shmuel I 25:25 lemos a história de um homem perverso, inimigo do Rei David, chamado Naval (נָבִי). Lendo seu nome de trás para frente, obtemos Lavan (לָוָן), indicando que suas personalidades são iguais.

Naval é descrito como um homem belial (בְּלִיעַל) perverso. Se dividirmos esta palavra em duas, obteremos as palavras beli (בְּלִי) e íaal (עַל), mostrando que ele não tinha o jugo de D'us sobre si, para aprender Torá e ser um homem bom, de virtudes. Foi por isso que ele recebeu um castigo de D'us (Tanakh Shmuel I 25:38) e morreu”. Os Patriarcas e a Educação pg. 195.

Qual a representação de Raquel e Lea dentro das características do povo (Israel)? *“É possível dizer que as características variadas dos caminhos de serviço que distinguiram os filhos de Jacob de sua fonte em Jacob, seu pai, surgiram por meio das Matriarcas: Raquel e Lia (e Bila e Zilpá), “que construíram a Casa de Israel”.*

A diferença entre o serviço Divino dos filhos de Jacob decorreu, portanto, dos diferentes serviços de suas mães. Como sua mãe, os filhos de Leah foram fundamentalmente caracterizados pelo serviço Divino de baalei Teshuvá, enquanto os filhos de Raquel, Yosef e Binyamin, foram principalmente caracterizados pelo serviço Divino de Tsadikim.

Embora em um sentido mais particular, as doze tribos representem doze caminhos específicos do serviço Divino. Em um sentido mais amplo elas podem ser caracterizadas como estando em conformidade com um de dois caminhos – o dos Tsadikim, os justos, e o dos baalei Teshuvá, “aqueles que se voltam para D'us em Teshuvá”. (Como é bem sabido, o serviço Divino de Teshuvá não é apenas para uma pessoa que transgrediu, mas é uma abordagem única ao serviço Divino que também é relevante para pessoas justas).

O caminho dos Tsadikim é focado dentro do reino da santidade e definido pela observância da Torá e suas Mitzvot. O caminho da Teshuvá reflete os esforços para transformar o mal em bem e, em um sentido mais amplo, elevar entidades mundanas à santidade.

Com base nisso, é possível explicar o versículo: “Os olhos de Lia eram sensíveis, enquanto Raquel era de forma graciosa e aparência graciosa”. Raquel se relaciona com o serviço Divino daqueles que são justos desde o início, sendo “de forma graciosa e aparência graciosa”, sem mácula ou falha. (Em particular, o termo “forma” se refere à “forma da imagem dos membros, cada membro de acordo com a imagem que é apropriada e necessária”. O termo “aparência” se refere ao “semblante facial”. Combinadas, essas duas expressões indicam perfeição na observância dos 248 mandamentos positivos que são chamados de “os 248 membros do Rei”, e das 365 proibições que correspondem aos 365 nervos e tendões, que se relacionam com o brilho do semblante de alguém.

Leah, por outro lado, se relaciona com o serviço Divino de Teshuvá. Consequentemente, os olhos sensíveis de Leah estão associados ao choro, pois o choro está conectado com o serviço Divino de Teshuvá.

Está escrito, “Jacob amava Raquel,” pois da perspectiva natural de Jacob, o impulso primário no serviço Divino é o dos Tsadikim. Como a Torá relata, “Jacob era um homem sem arte, um morador de tendas”, ou seja, as tendas do estudo. Ele tendia ao serviço Divino orientado para dentro, trabalhando dentro do reino da própria santidade, ao invés de ir além do reino da santidade e elevar aqueles alcances externos à santidade”. https://www.chabad.org/therebbe/article_cdo/aid/4557806/jewish/Vayishlach-The-Power-of-Jewish-Femininity.htm

Por isso as pessoas diziam que Jacob estava destinado a Raquel, pois suas qualidades se emparelhavam. Por outro lado, Esaú era um expansivo “*homem do campo*”. Por isso, as pessoas diziam que ele seria um bom marido para Léa, pois somente a talentosa e expansiva Léa teria a habilidade de levar Esaú a fazer Teshuvá. O que, de fato, não ocorreu.

Sem dúvida, ter um propósito nos faz mover. Sair do imobilismo. A imobilidade é “*pobre*” no sentido de estar desprovido. E estar desprovido é considerado como se a pessoa estivesse morta. O filho de Esaú, Elifas, considerou que Jacob estava morto, pois na visão do filho de Esaú, o havia desprovido de todos os seus bens materiais. Jacob estava, aparentemente, nocauteado e caído na lona. Mas, de lá se levantou, pois de fato tinha um propósito muito superior aos bens materiais, que o filho de Esaú havia retirado dele. O propósito de ser o progenitor de todo o povo israelita.

Se olharmos o versículo B29:25 consta que Jacob reclamou com Labão, afirmando que trabalhou sete anos por Raquel e não por Lea, como está escrito (הלוא ברחל עברתי) halô veRachel avarti, ou de certo por Raquel servi contigo. Se alternarmos as letras de halô (הלוא), obteremos Lea (לאה), indicando que, apesar de Jacob querer a Raquel, o que prevalece é a vontade de D’us, como consta em Tanakh Mishlê (Provérbios) 19:21, pg. 1919: “*Há muitos propósitos no coração do homem, mas é o conselho do Eterno que prevalece*”.

“*Você é rico de acordo com o que você é, não de acordo com o que você tem!*” Rabino Kalman Packouz Z”L. Meór HaShabat Semanal - 9 – Kislev – 5783, 3 – dezembro – 1922.

Evidentemente, todos estes acontecimentos se ligam, mas de que forma? Quando o texto diz que “*Raquel teve inveja de sua irmã*”, o Rebe deixa claro que se trata de uma inveja construtiva, aquela que leva ao desejo de se elevar. A inveja nociva nasce do medo e da comparação, da sensação de que o sucesso do outro tira algo de nós. Mas, a inveja construtiva nasce da percepção de que alguém alcançou um nível espiritual que eu também posso atingir. Dentro da alma, essa voz diz que “*Quero ser tão próxima de D’us quanto essa parte oculta de mim já é*”. Nesse sentido, Raquel é a parte de nós que vê e deseja, enquanto Lea é a parte que sente e produz frutos espirituais antes que o eu consciente os compreenda.

Raquel tem inveja de Lea porque nossa alma consciente percebe que a alma profunda está produzindo muito mais do que aquilo que podemos ver.

O Talmud ensina que “*a inveja entre estudiosos aumenta a sabedoria*”. Na prática, isso significa que a consciência da grandeza do outro, ou da grandeza escondida dentro de nós, é que desperta a ação, a disciplina e esforço. Em vez de destruir, a inveja neste caso constrói. Em vez de diminuir, ela expande. Em vez de ferir, ela cura. Dentro da alma, isso significa que a parte de nós que ainda está estéril (Raquel) desperta com força ao ver o que nossa profundidade (Lea) já está produzindo. É um chamado interior. “*Existe muito mais em mim do que aquilo que já expressei. Preciso liberar essa fertilidade espiritual*”. Torah of the Mothers, II; Readings of Biblical Texts 1:28 in www.sefaria.org. “*Você é rico de acordo com o que você é*”.

4.(Vayetsê) – Gênesis 30:14-27 – “*Assim como Sara quando descobriu que era estéril, Rachel também fez sua serva Bilá (que também era sua meia-irmã) se casar com seu marido, esperando que por este mérito fosse abençoada com filhos. Após Bilá ter dois filhos, Lea que parou de ter filhos -*

*também decidiu fazer sua serva Zilpá (outra meia-irmã dela e de Rachel) se casar com Yaacov com a mesma esperança. Zilpá teve dois filhos; depois disso, Lea voltou a engravidar e teve mais dois filhos e uma filha. **Rachel, então, finalmente gerou seu primeiro filho, que chamou de Yossef (José). Rachel o chamou de Yossef 'que Ele acrescente', em hebraico, dizendo: “Que D’us acrescente para mim outro filho”.***

As orações de Rachel resumem a missão espiritual de Yossef na vida: transformar o “outro”, ou seja, transformar um aparente alienado de D’us em um “filho”. Esta missão expressa-se de três maneiras: primeiro, fazendo com que o mundo material que parece estar separado reconheça e celebre a sua fonte Divina. Segundo, por meio do arrependimento pessoal, ou seja, nós mesmos deixando de ser o “outro”, o alienado, e nos transformando em “filhos” que pertencem a D’us. Terceiro, trazendo para perto de D’us (da Torá e das Mitzvot) aqueles que estão afastados d’Ele, lhes revelando que são Seus filhos, portanto, lhes é natural viver de acordo com os planos e a vontade Divinos.

*Não temos que nos sentirmos inadequados ou incapazes de efetuar essas transformações, porque não estamos realizando nossa tarefa sozinhos, sem ajuda. Rachel disse: “Que D’us me acrescente outro filho”: **somos meros instrumentos de D’us**, e realmente é Ele quem amavelmente acolhe de volta os seus filhos alienados”.*

Como já vimos acima, quando Raquel viu que não dera à luz a nenhum filho para Jacob, ela teve inveja de sua irmã. Isto nos leva a pensar que devemos olhar para o nosso interior, para a alma humana, onde existe uma parte consciente, que é representada por Raquel e uma parte profunda e oculta, que é representada por Léa. Raquel simboliza o eu ideal, aquele aspecto da alma que deseja fazer história, gerar frutos espirituais e impactar o mundo. Léa representa o eu profundo, a força que trabalha silenciosamente. Por exemplo, ela gera vidas (filhos) mesmo quando não espera fazê-lo. O Rebe aponta que a inveja de Raquel, ao invés de se tornar destrutiva, pode transformar-se em força de aprimoramento, quando ela reconhece que os frutos de Léa não diminuem seu próprio valor, mas mostra-lhe que ainda pode crescer.

Em Rashi B30:22 encontramos que “*E D’us lembrou-Se de Raquel e a ouviu*”. Isto simboliza a percepção de que uma parte da alma se sente estéril, sem produzir. Rashi comenta que o lembrar de D’us, está associado ao mérito de Raquel, por ter dado os sinais a Léa quando seu pai a trocou pela irmã. Mas, também por preocupar-se com Lea, para que ele não fosse entregue à Esaú. Esse lembrar, portanto, transformou algo que parecia uma falha em crescimento espiritual para ambas.

Quando Raquel dá Bilá para Jacob “*para que eu também me construa por meio dela*” (B30:03), é o desejo de utilizar as faculdades auxiliares da alma para gerar um fruto espiritual. Léa faz o mesmo com Zilpá depois de experimentar a esterilidade. Isto mostra que o trabalho de crescimento exige humildade de ambas (Raquel e Lea). Essa interpretação se relaciona com a questão da inveja saudável que está relacionada a pessoa que estuda Torá.

Quando Raquel finalmente gera José (Yossef) e diz: “*Que D’us acrescente para mim outro filho*” (B30:24), revela o estágio em que a alma consciente atinge uma maior maturidade e gera frutos não somente para a própria pessoa, mas especialmente, para o mundo.

A alma contém partes que produzem e se revelam. Mas, também possui partes que podem não estar reveladas plenamente. Neste caso essas partes estão relacionadas as servas, aos estados de espera e/ou dor (esterilidade), que simbolizam, portanto, as faculdades auxiliares. A inveja, então, não é necessariamente algo a eliminar sempre, mas a redirecionar. Quando vemos no outro ou na outra parte de nós mesmos algo que ainda não atingimos, essa percepção pode nos estimular para alcançarmos uma maior ascensão espiritual, em vez de nos paralisar. Como o Rebe enfatiza, somos instrumentos de D’us. Ele nos “*acrescenta outro filho*” quando nos alinhamos com Sua vontade.

5.(Vayetsê) – Gênesis 30:28-31:16 – “Após servir Lavan fielmente por quatorze anos, Yaacov trabalhou para ele mais seis anos com o intuito de construir sua fortuna pessoal. A verdadeira riqueza. O homem tornou-se, assim, extremamente próspero.

Além de sua riqueza material, Yaacov também obteve verdadeira riqueza espiritual: conseguiu criar seus filhos de tal maneira que seguissem com retidão os caminhos de Avraham e Yitschaci, e não produziu um só filho perverso (como o foram Essav e Yishmael, que nasceram de seus antepassados Avraham e Yitschaci).

Yaacov conseguiu isso porque combinou o enfoque da inspiração de Avraham com a autodisciplina de Yitschaci. Ao relacionar-se com D'us com a mais pura sinceridade, Yaacov superou as diferenças entre as abordagens opostas de seus antepassados, e foi capaz de lidar igualmente bem com as diferentes personalidades de seus filhos. Foi esta sinceridade pura que permitiu a Yaacov ser mais astuto que o malicioso e intrigante Lavan.

O exemplo de Yaacov mostra-nos que, enquanto a razão e a lógica têm seu lugar, a base do nosso relacionamento com D'us é, simplesmente, a sinceridade. Esta sinceridade possibilita a nos relacionarmos verdadeiramente com os outros, sem importar o quão diferente eles possam ser de nós”.

Depois de 20 anos trabalhando para Labão, Jacob e a sua família, iniciam a viagem para a terra de Canaã. **Mas, chama-nos a atenção do porquê a Torá ressalta que foram 20 anos?** Para isto, é necessário olharmos para o significado da letra Kaf que tem o valor 20. O Kaf (כ) (ך) é o 11º caractere do Alef-Beit e vale (20) ou (ך) Kaf sofit (final) que pode ter os valores (20 ou 500).

Este caractere tem o som de Kaf sem pontinho e com pontinho tem o som RRaf. Normalmente quando o pontinho aparece dentro de um caractere, este é lido com mais rigidez (RRaf). Quando não aparece é lido de uma forma mais branda. Quando se estuda os caracteres das dezenas, eles estão associados também aos caracteres que representam as unidades. Assim, sabemos que Yud (10) está associado ao Alef (1). Portanto, Kaf (20) está associado ao Beit (2). Os desenhos dos caracteres Kaf e Beit são bastante semelhantes. O Kaf é mais arredondado que o Beit. E o Beit tem uma pequena parte que se estende para trás do mesmo. O Beit representa a criação e o Kaf é a transformação da criação. É quando pegamos a matéria prima e moldamos e transformamos em objetos, utensílios etc. O Kaf representa uma pessoa quando utiliza a própria mão para transformar a matéria prima em um objeto, por exemplo. Em Hebraico esse caractere é chamado de palma. Palma da mão é Kaf hiad (כף היד), posto que são as mãos que efetivamente transformam a matéria.

Quando vamos pegar algum objeto com as mãos, os dedos polegar e indicador, automaticamente, formam a letra Kaf. Colher em hebraico também é Kaf. Porque colher é um utensílio que no fundo tem a forma de um Kaf. Se a colher fosse lisa ela não iria comportar nada. Como ela tem essa forma, ela sustenta algo e se transforma em um utensílio (Vaso) (כלי).

O Kaf tem o poder de transformar a coroa do rei. Kether (כתר) também se inicia com Kaf, porque o rei tem o poder de transformar os seus súditos por meio de seus pronunciamentos. O caractere Kaf também representa os pratos de uma balança. Sempre temos de pesar na vida qual o lado positivo e qual o negativo. Ou seja, os pratos da balança é que vão transformar a pessoa no sentido se será justa ou injusta.

Ele tem o poder de transformar as nossas almas. As bênçãos Divinas vem e nós temos de nos transformar em um utensílio (Kli) capaz de captar essas bênçãos. **Será que você se moldou suficientemente para captar as bênçãos que estão vindo dos céus?** Se você não se transformou

para receber como um copo de água (כוס מים) (kos maim), do que vai adiantar. Agora o trabalho está com a pessoa, nós precisamos exercer a nossa missão de sair para o mundo, se transformar e, ao mesmo tempo, criar meios eficientes para receber as bênçãos Divinas.

A pessoa que inicia uma transformação precisa dominar a matéria, ou se torna submissa a própria matéria. É preciso dominar a matéria e a transformar pela habilidade. Isto ocorre se temos a espiritualidade dominando a alma animal, portanto moldando os nossos desejos. Mas, por questões do livre arbítrio a pessoa pode deixar que os interesses físicos moldem a sua personalidade. Essa pessoa ficará submissa as vontades (desejos) do corpo.

Sabemos que as criaturas têm dentro de si dois poderes, um espiritual e outro animal. A questão aqui é quem vai dominar os desejos dessa pessoa. Se for algo espiritual (correto e sadio) para fazer o bem, ou se a pessoa se transforma em um utensílio submisso ao material, captando coisas ruins e inadequadas.

Existem 7 caracteres que podem ter pontinhos dentro e representam, cada um, um dia da semana. O Kaf com pontinho representa a riqueza e sem pontinho representa a pobreza. Kaf representa a quarta feira. Tanto a riqueza quanto a pobreza, nos levam a pensar que a pessoa precisa de ter um utensílio adequado para poder receber. A riqueza é quando a pessoa é dominada pelo lado espiritual (boa inclinação - alma Divina) e a pobreza é quando somos dominados pelos desejos da matéria (má inclinação - ego). O Kaf final mostra a recompensa final na época do Mashiaich e o caractere se abre e desce além da linha de pauta. Ou seja, o utensílio vai se abrir e a pessoa vai colher tudo que ela colocou dentro. Uma pessoa que tem em seu nome o Kaf, tem um bom recipiente para colher, mas precisa focar no sentido de colher as coisas boas.

Como foi apresentado anteriormente, na Parashat Toledot, que *“Jacob paga um alto preço por ter enganado seu pai. Domar o instinto cria tensões internas. Ele teme, hesita, e finalmente foge, como quem descobre suas sombras ao tentar reorganizar o interior. Os anos com Labão simbolizam o trabalho lento de lapidar hábitos, vencer ilusões e integrar partes feridas. A justiça Divina não apaga conflitos, converte-os em amadurecimento. Rashi Bereshit 28:05. “O Tzadik completo tem repulsa em relação aos prazeres mundanos, enquanto o Tzadik incompleto apenas subjugou, porém não transformou, o seu desejo pelos prazeres mundanos”.* Tanya cap. 10. Essa será a jornada de Jacob, lapidar a sua pedra bruta. Ou seja, construir o seu recipiente para que consiga receber a Luz do Eterno.

Jacob deixa a casa de Lavan após vinte anos (quatorze servindo pelo amor de Rachel e de Lea, e outros seis construindo sua própria riqueza). Assim, Jacob surge como alguém que não apenas acumulou bens materiais, mas edificou uma integridade interior rara. O texto enfatiza que Jacob se tornou *“extremamente próspero”* (B30:43), mas o Rebe explica que essa prosperidade é apenas o reflexo externo de uma prosperidade mais profunda. Principalmente porque a riqueza espiritual foi construída em um ambiente de engano, exploração e intriga.

Dentro do Ser Humano, ‘Lavan’ representa as partes internas que nos confundem, ou seja nossos autoenganos, nossas justificativas, nossa tendência a manipular ou a ser manipulados. O nome Lavan significa branco e como apresentado no Livro Bahir, representa o casco externo, ou aquilo que parece claro, mas esconde corrupção. Bahir §12, pgs. 45, 166-170. A vitória de Jacob sobre Lavan é a vitória do eu verdadeiro sobre a superfície ilusória da personalidade. Nos comentários sobre o Bahir, pg. 167, encontramos que *“para receber a Luz de D’us, o Vaso (Kli – Jacob) deve, pelo menos até certo ponto, assemelhar-se a D’us”.* Assim, diante do acima apresentado podemos agora perceber o porquê Jacob foi viver na casa de Lavan, o que alcançou espiritualmente e, conseqüentemente, o que se sucederá a posteriori com Jacob e seu entorno.

6.(Vayetsê) – Gênesis 31:17-42 – “Yaacov fugiu de Charan com sua família e seu rebanho em segredo, com receio que seu sogro possessivo tentasse impedir sua saída. Lavan, em seguida, o perseguiu e, quando o alcançou, acusou Yaacov de sequestrar suas filhas e seus netos, sem lhe permitir despedir-se adequadamente deles. Saudades do lar. Lavan disse a Yaacov: ‘Você partiu agora porque sempre sentiu saudades da casa de seu pai’.

A estadia de Yaacov com Lavan era um prenúncio de nossa própria permanência no exílio. Assim como Yaacov estava fisicamente longe de seu lar e imerso em um ambiente que era oposto à espiritualidade Divina, nosso exílio envolve tanto a diáspora física como - ainda mais importante - a escuridão espiritual de um mundo não redimido. Da mesma maneira como Yaacov nunca se sentiu confortável no seu exílio e constantemente desejava o retorno à casa de seu pai, assim também devemos ansiar sempre o regresso a ‘casa’ de nosso Pai. Por mais sucesso que tenhamos no cumprimento de nossa missão Divina, nunca devemos sentirmo-nos em casa enquanto estivermos no exílio.

Se pensarmos o quanto este exílio tem se prolongado, podemos sentir – erroneamente - que nosso desejo não deu resultados. No entanto, a verdade é que, quanto mais compreendemos o que significa nosso exílio espiritual, tanto mais se intensifica nosso anseio pela Redenção messiânica, e este desejo aproxima cada vez mais a Redenção”.

“O Alter Rebe explica que um judeu pode cumprir a Torá e as Mitzvot ‘em teu coração’ com amor e temor a D'us. Quando um judeu é motivado pelo amor e por um desejo de se apegar ao Todo-Poderoso, sua Torá e suas Mitzvot serão certamente Lishmá, isto é, com as intenções direcionadas da forma mais pura. Isto, por sua vez, adicionará vitalidade aos seus esforços. É também possível que o seu amor por D'us seja tanto, que ele seja motivado em sua Torá e suas Mitzvot pelo desejo de causar satisfação a D'us, assim como um filho se esforça para fazer tudo o que ele pode por seu pai, para que seu pai possa ter satisfação de suas ações.

O amor e o temor a D'us derivam dos dois atributos de benevolência (Hessed) e severidade (Gueburah). O atributo de benevolência e amor é aquele exemplificado por nosso ancestral Abraão, que é descrito (Yeshayahu 41:08) como “Abraão que nos ama”. O atributo de severidade e temor é aquele exemplificado por nosso ancestral Isaac; o Patriarca Jacob refere-se ao D'us de seu pai (Bereshit 31:42) como o “Temor de Isaac”.

No capítulo 47, o Alter Rebe descreve ainda uma outra maneira de alcançar o nível de Lishmá, que é cumprir a Torá e as Mitzvot com os mais íntimos sentimentos da alma. Essa maneira consiste na utilização da terceira das emoções espirituais primárias, isto é, a compaixão o atributo de Tifereth (literalmente, ‘beleza’), que é a característica que distingue o nosso ancestral Jacob - da seguinte maneira: antes de se ocupar na Torá e nas Mitzvot, o judeu deve despertar em sua mente o atributo de compaixão pela centelha Divina de sua alma. Pois a alma teve de descer de sua fonte, dá mais elevada das alturas espirituais, para o mais baixo nível, com a finalidade de se investir em um corpo cuja força vital deriva das Kelipot, e está o mais distante possível de D'us. Ainda mais se o indivíduo causou o ‘Exílio da Shechina’ através de pensamentos, falas ou ações impróprias. Com este senso de compaixão espiritual, ele deve estudar Torá e cumprir Mitzvot, pois eles permitem à alma, com a centelha Divina que a anima, retornar à sua fonte no abençoado Ein Sof”. Tanya Likutei Amarim, vol.3, Cap. 45.

Quando Jacob reúne sua família e decide deixar Charan, a Torá nos revela o movimento da alma humana se afastando de um estado de exílio interior. Enquanto Jacob vive em Charan, ele está espiritualmente distante de sua própria essência. Exatamente como o exílio da alma descrito no Tanya Likutei Amarim, onde o Ser Humano se encontra preso em distrações, confusões e hábitos que o afastam de quem realmente é. Por isso o Rebe explica que Jacob jamais se acomodou. Ele sempre

sentiu saudade da casa do pai, lembrando que seu lar verdadeiro não era Charan, mas a proximidade com D'us.

Quando Lavan percebe que Jacob está se retirando de Charan e o alcança, suas acusações não são apenas palavras de um sogro descontente. É a voz simbólica das sombras internas (Kelipot) que tentam impedir o Ser Humano de crescer. Rashi explica que Lavan, o mesmo homem que explorou Jacob por vinte anos; acusa-o, usando de falsidade e de ingratidão, de roubar suas filhas e de fugir sem despedir-se Rashi, 31:25-28. Esta é a forma de agir da alma animal descrita no Tanya Likutei Amarim (cap. 11). Quando a pessoa tenta romper com um padrão destrutivo, a alma animal se levanta para tentar convencê-la de que está errada, de que está sendo impetuosa e que é perigoso mudar. Lavan representa a resistência que aparece quando alguém tenta abandonar seu '*Charan interior*'.

Mas a Torá nos revela algo, aparentemente desconexo. Os ídolos de Lavan desapareceram. E quem os tomou foi Raquel. Esse gesto está relacionado a saída de Jacob de Charan. Segundo Rashi 31:31-37, Raquel roubou os ídolos para impedir que Lavan continuasse a utilizá-los. Mas, a Cabalá nos recorda que os ídolos não são de fato objetos. É a força espiritual que sustentava o domínio de Lavan. Enquanto esses símbolos existissem, Jacob ainda estava vinculado a Lavan. Raquel percebe intuitivamente que Jacob precisava se libertar do jugo espiritual de Lavan. Assim, ao roubar os ídolos, ela rompe a última corrente que conectava a família de Jacob à casa da idolatria (Lavan).

Quando Raquel se senta sobre os ídolos, desculpando-se por não poder levantar-se; este ato significa que agora ela tem o domínio. Ela destitui Lavan de sua falsa espiritualidade. O Bahir §95, ao falar da soberania verdadeira e da falsa soberania, explica que o mal gosta de aparentar autoridade, mas perde sua força quando é iluminado pela luz. Raquel submete a ela as forças impuras de Lavan, anulando a influência dele. Isso corresponde ao momento em que o bem dentro da pessoa finalmente identifica e domina o mal interno, transformando-o ou esvaziando-o de poder.

Somente depois desse gesto oculto é que Jacob consegue seguir viagem. Pois Lavan, agora está privado de sua capacidade de influenciar espiritualmente a Jacob. Jacob não está apenas deixando Charan; ele está saindo da prisão emocional, mental e espiritual que Lavan representava. Esta é a vitória da alma Divina sobre o caos (alma animal).

O Rebe ensina que, assim como Jacob nunca se sentiu em casa em Charan, também nós não podemos nos sentirmos em casa no exílio espiritual. Não importa o quanto prosperemos materialmente. Enquanto estivermos longe da nossa verdadeira essência, algo em nós continuará clamando por retorno '*a casa do meu Pai*'. E quanto mais longo é o exílio, mais profundo se torna esse anseio. O Bahir §16 apresenta que '*A luz é medida conforme a escuridão que a precede*'. Quanto mais reconhecemos a escuridão do exílio interior, mais ardentemente desejamos a redenção e é esse desejo que abre caminho para Luz (redenção).

Assim, o episódio narrado em B31:17-42, mostra a nossa alma. Jacob é o eu verdadeiro, tentando libertar-se. Lavan é a confusão que tenta nos manter presos. E Raquel é a força interior silenciosa que, nos ajuda a retirar os nossos ídolos internos e nos permite partir. Portanto, a saída da casa de Lavan é o nascimento de um novo estado espiritual. E é em função de Raquel que, neste caso simbolicamente, representa a mãe que sabe como quebrar as raízes da idolatria interior, podendo assim Jacob retomar a caminhada no sentido e na direção de retornar a casa do Pai.

“Mas, tudo que falamos ou fazemos tem consequências. Em Bereshit 31:32 consta que Jacob disse a Lavan: Aquele que encontrares com teus deuses não viverá. O Rashi diz que por causa desta maldição de Jacob, Raquel morreu no caminho de Bet Léchem, ao dar à luz ao último dos doze filhos, Biniamin”. **Os Patriarcas e a Educação**, pg. 201.

Podemos compreender melhor os acontecimentos acima narrados, quando se percebe que a ligação de Jacob e Raquel é muito intensa. A interpretação abaixo é derivada da apresentação realizada pelo Rabino Yair Alon, referente a leitura da porção dos parágrafos 92 e 93 do Zohar, no décimo ano de leitura.

Jacó encontra um poço rodeado por três rebanhos deitados, com seus respectivos donos esperando outros pastores, para que pudessem remover a pedra que estava sobre o poço. Mas, essa situação está ligada ao corpo (físico), ao coração (emoção) e a mente (intelecto). Na vida nós temos de ter os três trabalhando em conjunto, para poder dar água ao rebanho. Assim como esses rebanhos, as nossas dimensões internas precisam se alinhar para que a fonte se abra.

Mas, chega Raquel com seu rebanho. Jacob se levanta ao vê-la, vai até o poço e, sozinho, consegue mover a pedra que o cobre. Rachel, neste caso, representa o sentido da vida, aquilo que desperta, que nos faz acordar, ou que faz a sua alma vibrar. Quando Jacob vê Raquel, tudo dentro dele se alinha imediatamente. Ele não precisa aguardar que todos se alinhem para retirar a pedra. A presença de Raquel conecta o corpo, o coração e a mente, tudo fica integrado diante da presença de Raquel. Jacob já tinha a força, mas ele precisou ver a Raquel primeiro, para que aquilo que parecia impossível aconteça e a partir deste ponto, se torne natural.

Nota-se que Raquel é pastora. Simbolicamente ela também guia, cuida e leva a vida ao encontro da água. Aqui está se falando de uma espiritualidade de presença ativa, que participa do processo de revelar a fonte. Se Jacob não estivesse presente, Raquel e os pastores tirariam a Pedra.

Existem duas formas de retirar a pedra que está sobre o poço. A primeira é quando a pessoa espera que tudo se alinhe, que o momento perfeito apareça para que algo seja feito. Mas, existe o segundo modo. É o modo de Jacob, o encontro com Rachel. Mas, a Raquel pode ser um amor, um chamado interior, ou um sentido que nos faz mover a pedra. E isto ocorre naturalmente. A sua alma sempre foi profunda, ela sempre teve água, ela sempre esteve pronta, só o que faltava é esse encontro certo. Ou a mulher certa (Raquel), para que o Jacob interior pudesse tirar a pedra e destravar tudo que precisa jorrar. Agora é possível entender o que acima foi apresentado.

7.(Vayetsê) – Gênesis 31:43-32:03 – *“Quando Yaacov repreendeu Lavan por maltratar a ele e a sua família, este cedeu e ambos selaram um pacto. Yaacov erigiu um pequeno monte de pedras como monumento de seu acordo, e ambos se comprometeram a atravessá-lo apenas para realizar negócios, e não para propósitos hostis. Respeito aos limites. Lavan disse a Yaacov: ‘Eu não o cruzarei em sua direção e você não ultrapassará este montículo e este monumento em minha direção’.*

Diferentemente de um muro sólido, um montículo é uma coleção de pedras soltas, o que significava que a separação entre Lavan e Yaacov não era algo absoluta. Espiritualmente, isto quer dizer que Yaacov não levantou uma barreira impenetrável entre ele e o domínio de Lavan. Ele continuaria a entrar nos domínios de Lavan para realizar ‘negócios’, captar as faíscas de santidade que se encontravam ali, e ao mesmo tempo manter-se afastado das influências negativas da filosofia de vida de seu sogro.

Da mesma maneira, o ‘montículo’ que devemos levantar entre nós e o mundo material à nossa volta deve ser semi penetrável. Apesar de termos de cruzá-lo para conduzir os nossos negócios de santificar o mundo material, ao mesmo tempo devemos nos manter imunes a seus aspectos negativos”.

Quando Jacob confronta Lavan pelos vinte anos de exploração, Rashi em B31:42 observa que Jacob fala com força, porque já não teme seu sogro e está sob proteção Divina. A resposta de Lavan ao

posicionamento firme de Jacob é propor um pacto. Essa proposta não ocorre pela bondade de Lavan, mas por ele não ter mais saída naquele momento.

Jacob então ergue um montículo de pedras, não como muralha, mas como fronteira pactuada. A Cabalá lê esse gesto como o nascimento da capacidade humana de estabelecer fronteiras espirituais. Simbolicamente seria como a capacidade de entrar e sair do mundo material intencionalmente, sem permitir que as armadilhas existentes no mundo material nos absorva. Ou seja, nós trabalhamos no mundo material, mas devemos usar estes assuntos para santificá-lo. Tanya cap. 7

Portanto, o pacto entre Jacob e Lavan representa um equilíbrio interno no Ser Humano. A parte espiritual da pessoa reconhece a existência da parte animal, mas deve estabelecer limites explícitos para que ela não ultrapasse seu território (limites bem estabelecidos). Por outro lado, Jacob promete não cruzar o montículo para atacar, Lavan promete não o cruzar para contaminar a Jacob. Mas, veja que isto ocorre dentro da pessoa. [Zohar completo online - Vayetze - Versículos 167-175](#)

Depois de firmar o pacto, Jacob vê anjos de D'us, indicando que a clareza espiritual retorna tão logo a fronteira interior é estabelecida. Rashi comenta que esses anjos eram diferentes dos que o acompanharam em Charan, posto que agora eram da Terra de Israel, mostrando-nos que um novo nível espiritual está estabelecido. (Rashi B32:02).

Quais foram os anjos que foram acompanhar Jacob ao longo do caminho de retorno a Israel?

“Está escrito Vaiomer Jacob caasher raám (וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב כַּאֲשֶׁר רָאָם) ‘E disse Jacob quando os viu’. A palavra Raám (רָאָם) ‘os viu’ possui as rashê tevot de três anjos: Rafael (רַפָּאֵל), Uriel (אֲוִירֵל) e Michael (מִיכָאֵל). Por isto, nós dizemos este Passuk na reza da viagem Tefilat Haderech, para lembrar implicitamente o nome dos anjos, a fim de nos protegerem”. B32:02 in Os Patriarcas e a Educação, pg. 202.

09 - Parashat Vayishlach – Jacob na Terra de Israel

Sinopse

Yaacov enviou mensageiros a Essav para informá-lo de que ele estava retornando a Canaan e desejava fazer as pazes com ele. Os mensageiros trouxeram notícias que Essav estava se preparando para ir ao seu encontro com um batalhão de guerreiros. Yaacov adotou uma tríplice resposta para essas notícias: enviou a Essav um generoso presente para apaziguá-lo, rezou a D'us, e se preparou para a guerra caso fosse necessário. Prece desinteressada. Yaacov iniciou sua prece: 'Não sou mais merecedor de Sua benevolência por causa de todos os atos de bondade e fidelidade que Você já fez por mim, Seu servo'. A pessoa pode possuir dons, força espiritual, história e mérito ancestral, mas, se confiar somente neles, se distancia de D'us. Por isso Jacob, mesmo segurando o cajado, reza como se fosse uma pessoa comum. A grandeza da alma não elimina sua dependência de D'us, intensifica-a. E é justamente isso que todos estes versículos (32:04-13) nos mostram por meio do pensamento, fala e ação de Jacob. O nome 'Yisrael' (Israel) não substituiu o nome original de Yaacov, mas o complementou. Expressa um novo estado, mais elevado, que agora torna-se seu. Enquanto 'Yaacov' tinha que lutar com Essav para assegurar as bênçãos de Yitschaci, estas agora eram outorgadas abertamente a 'Yisrael' pelo anjo da guarda de Essav. Destes versículos compreende-se que a luta não é contra Esaú, mas contra a própria limitação humana e que, ao superá-la, Jacob ascendeu ao nível de Israel. Mas, essa ascensão veio após uma longa e intensa jornada de aperfeiçoamento espiritual. Subir os degraus de uma escada não é simples. Ao se aproximar de Essav, Yaacov apresentou a sua família e, em seguida, curvou-se perante o seu irmão, que se moveu pelo presente recebido de Yaacov e por suas demonstrações de irmandade, e o beijou. A retificação de Essav. Yaacov se prostrou sete vezes à medida que se aproximava de seu irmão. Cada gesto corresponde a uma das sete Sefirot emocionais, oferecendo sua própria transformação interior como ponte para transformar Esaú. O curvar-se diante de Esaú é uma consequência direta do "ver o rosto de D'us" em Peniel. Quem vê D'us no rosto da adversidade aprende a ver D'us no rosto do irmão. Essav ofereceu-se para escoltar Yaacov e sua família a Canaan, mas Yaacov rejeitou o favor e prometeu visitá-lo em seu lar, situado no Monte Seir. Manter o foco. Yaacov disse a Essav: 'Que, meu senhor, vá diante de mim, seu servo e espere ali até que eu lhe alcance, meu senhor, em Seir'. Jacob segue seu caminho, sempre promovendo um espaço de educação da Torá. Esaú retorna ao seu mundo, aguardando, sem saber, o dia em que sua força será iluminada por Israel. Podemos perceber que Jacob não odeia Esaú; ele o vê como um potencial. Por outro lado, Esaú não entende Jacob. Ele o vê como uma ameaça. Internamente podemos perceber que a reconciliação plena só ocorre quando a alma Divina guia a força, ou seja a alma animal, e não o inverso. Yaacov e sua família prosseguiram em direção à cidade de Shechém (atual Nablus). Diná, a filha de Yaacov, saiu para conhecer as mulheres da região, mas acabou sendo sequestrada e violentada pelo filho do rei de Shechém. A Cabala mostra ao Pedreiro que Diná representa a vulnerabilidade que surge decorrente de nosso contato diário que temos de ter com o mundo. Simeão e Levi simbolizam o risco de reagirmos sem pensar e acabarmos ultrapassando os limites da justiça, transformando-a em vingança. Isto pode ocorrer, mesmo quando nossa reação surge, por exemplo, decorrente do zelo moral. O Jacob interno de uma pessoa representa o equilíbrio entre justiça, compaixão e visão de longo prazo, que devemos perseguir ter. Para isso temos de escutar o chamado para nos prepararmos para seguir para Bet-El, pois representa a necessidade que temos de purificação contínua de nosso interior. Ciclos se sucedem em nossa vida, assim a morte de Débora marca o encerramento de um destes ciclos. Portanto, a segunda nomeação de Jacob como Israel, marca o início de outro ciclo, ou o nascimento de um novo degrau espiritual de Jacob que dará origem ao povo de Israel, não apenas somente a família de Jacob. O Pedreiro como Israel, de fato, nasce da luta, seja essa luta externa, interna, moral e/ou espiritual. Isto é vida! Cumprindo a sua promessa anterior, Yaacov retornou ao local onde havia sonhado com a escada ascendente ao céu para construir ali um altar. D'us, então, acrescentou-lhe o nome de Israel como o anjo já lhe havia informado. Quando o clã de Yaacov seguiu viagem para o sul e chegou a Bet-Léchem (Belém), Rachel entrou em trabalho de parto e morreu ao dar à luz o seu segundo filho, que Yaacov chamou de Binyamin (Benjamim). O poder do altruísmo. Rachel

morreu e foi enterrada no caminho de Efrat, conhecida como Bet-Léchem. Prezado Pedreiro! Quando D'us reafirma o nome Israel, revela o momento em que a consciência elevada assume a liderança da vida, após dor, purificação e renascimento. Assim, toda essa narrativa externa reflete um único movimento interno, que é a passagem do caos ao alinhamento, da sombra à luz e do eu fragmentado ao eu espiritual. Isto seria o nascimento de Israel dentro do Ser Humano (Pedreiro). ***A tarefa de Yaacov e seus descendentes através da história é elevar os descendentes espirituais de Essav - as centelhas caídas do mundo do "caos" - por meio da santificação do mundo material.*** Pense globalmente, mas atue localmente. Lembre-se, quem vê D'us no rosto da adversidade aprende a ver D'us no rosto do irmão.

1.(Vayishlach) – Gênesis 32:04-13 – “Yaacov enviou mensageiros a Essav para informá-lo de que ele estava retornando a Canaan e desejava fazer as pazes com ele. Os mensageiros trouxeram notícias que Essav estava se preparando para ir ao seu encontro com um batalhão de guerreiros. Yaacov adotou uma tríplice resposta para essas notícias: enviou a Essav um generoso presente para apaziguá-lo, rezou a D'us, e se preparou para a guerra caso fosse necessário. Prece desinteressada. Yaacov iniciou sua prece: ‘Não sou mais merecedor de Sua benevolência por causa de todos os atos de bondade e fidelidade que Você já fez por mim, Seu servo’.

Apesar de Yaacov estar consciente de seus muitos méritos, ele não achava que, por isso, seria mais merecedor da proteção Divina; ele sabia se colocar acima da miopia humana e perceber como sempre estamos infinitamente em débito com D'us. Tendo isso em mente. Yaacov assumiu, humildemente, que seus méritos eram insuficientes para merecer a proteção de D'us. Por isso, suplicou a D'us para salvá-lo e à sua família, não em razão de seus méritos - apesar de realmente ser merecedor, mas somente por Sua pura bondade.

Seguindo o exemplo de Yaacov, sempre que pedimos algo a D'us deveríamos apelar unicamente para Sua bondade e compaixão. Se pedirmos por ajuda a D'us baseando-nos em nossos méritos e certamente todos devemos ter muitos, a resposta d'Ele irá se limitar ao nosso merecimento. Mas, quando humildemente demonstramos que nós, assim como Yaacov, superamos nossa miopia, D'us no atenderá com bênçãos que transcendem a ordem natural”.

Penso ser interessante iniciarmos os comentários destacando a questão da vara (cajado ou bastão) com a qual Jacob cruzou o rio Jordão. Jacob fala que “*Com meu bastão atravessei o Jordão*”. **É este o mesmo cajado criado por D'us no crepúsculo da criação e que teria passado de Adão, para os Patriarcas e depois até Moisés?** A resposta objetiva é que não se encontra de forma explícita essa informação no texto da Torá escrita. Mas, segundo uma tradição Midráshica posterior, existe uma associação entre o “*cajado primordial*” e o bastão dos Patriarcas, incluindo o que Jacob usou.

O Pirkê Avot 05:08 que está no Sidur Completo Sefaradi, apresenta as dez coisas criadas ao entardecer do primeiro Shabat, entre elas, encontramos o “*הַמַּטֵּה*” “*o cajado*”. O Midrash fala que ele foi feito de safira, gravado com letras do Nome Divino e é o símbolo de autoridade espiritual. Outra tradição diz que era feito de madeira da Árvore do Conhecimento. Where Did Moses Get His Staff & What Happened to It? In www.chabad.org.

“O Rabino Levi disse: Aquela vara que foi criada ao crepúsculo foi entregue ao primeiro homem ao sair do Jardim do Éden. Adão entregou a Enoque, Enoque entregou a Noé, Noé a Sem. Sem o passou para Abraão, Abraão o transmitiu para Isaac, Isaac o entregou para Jacob. Jacob o levou para o Egito e o entregou ao seu filho José. Quando José morreu e eles saquearam seus bens domésticos, ele foi colocado no palácio do Faraó. Jetro era um dos magos do Egito, e viu a vara e as letras que estavam nela, e desejou em seu coração tê-la, e a tomou, trouxe e plantou no meio do jardim de sua casa. Ninguém conseguia mais se aproximar.

Quando Moshê chegou à casa de Jetro, foi ao jardim, viu a vara, leu as letras que nela estavam escritas, estendeu a mão e a pegou. Jetro observava Moshê, e disse: Este no futuro redimirá Israel do Egito. Por isso, ele lhe deu Zipora, sua filha, como se diz: 'E Moshê estava satisfeito em habitar com o homem; e deu sua filha Zipora a Moshê,.'” https://www.sefaria.org/Pirkei_DeRabbi_Eliezer.40.2?lang=bi

Esau se aproxima com 400 guerreiros, “Jacob temeu e angustiou-se talvez, segundo Rashi, porque tivesse que matar outros Seres Humanos. Ele temia ser punido por não ter honrado seus pais nos últimos 34 anos, pois 14 passou estudando com Sem e Eber e outros 20 anos permaneceu ao lado de Labão. Durante todo este tempo Esau acumulou o mérito de honrar os pais.

Tomando conhecimento de que seu irmão vinha acompanhado de 400 homens, Jacob preparou-se. Rashi (vers. 9) nos diz que Jacob o fez para três coisas: **1) Oferecer presente; 2) Pedir proteção a D’us; e 3) Combater, se isso se tornasse necessário.** Os homens, mesmo os justos, não devem esperar com os braços cruzados o apoio de D’us. Quando agem na terra, agem também no céu: ‘E D’us disse a Moshê: Por que clamas a mim? Fala aos filhos de Israel e que se movam!’ (Shemot 14:19). A mesma coisa deu-se com Josué: ‘E disse D’us a Josué: Levanta-te! Por que estás assim prostrado com o rosto na terra? (Procura saber o que aconteceu!) Israel pecou e também tomaram do anátema etc. (Josué 07:10). Daí surgiu o conhecido provérbio: “Ajuda-te, e D’us te ajudará!”

Antes do reencontro com o seu irmão mais forte, cuja ira o obrigara a abandonar a casa paterna, e cujas intenções e sentimentos atuais ele desconhecia, Jacob reza. Nesta sublime e tão profunda oração, reconhecemos a modéstia e a humildade de Jacob, que coloca o seu destino nas mãos de D’us. As orações das grandes figuras bíblicas provam a imediata profundidade que as originou, e serviram de fonte de inspiração para as orações individuais e coletivas das nossas gerações. A oração é a respiração da alma; ela é religiosidade; devoção e autoeducação ao mesmo tempo. Literalmente, ‘mãe sobre filhos’ Uma mãe geralmente cobre os seus filhos para protegê-los do perigo”. Comentários da Torá Sefer, pg. 93

Mas, qual a relação que existe entre estes eventos e a vara que Jacob estava usando? Jacob ao rezar disse “Com o meu cajado (יָקָה) atravessei este Jordão” B32:11. Quando Jacob segura o cajado e reza, ele não está segurando um objeto qualquer, ele está segurando a continuidade espiritual da Criação, o fio invisível que liga o primeiro Ser Humano ao futuro portador do nome Israel.

A Torá nos mostra que Jacob inicia sua prece dizendo: “Sinto-me pequeno para todas as misericórdias e toda verdade que fizeste com teu servo.” Todos sabemos que Jacob tem enormes méritos e carrega o cajado do Éden, que é o símbolo da missão Divina Primordial. Jacob é, portanto, o herdeiro espiritual direto da cadeia Adão, Abraão e Isaac. Mesmo assim, ele reza mostrando-nos que está consciente de sua pequenez. É como se ele dissesse ‘*não mereço nada; tudo vem de Ti*’. Somente quem tem uma grandeza espiritual imensa pode segurar o cajado.

Porém, a oração realizada por Jacob é o símbolo de uma grande humildade. A posição exercida por Jacob não infla o seu ego. De fato, a grandeza o torna mais humilde. Ele sabe que o cajado não é poder próprio; é responsabilidade. É por isso que o Rebe diz que Jacob “*supera a miopia humana*”. Ele entende que nenhum mérito, nem mesmo ser portador do cajado da Criação, o torna merecedor automático da proteção de D’us.

A pessoa pode possuir dons, força espiritual, história e mérito ancestral, mas, se confiar somente neles, se distancia de D’us. Por isso Jacob, mesmo segurando o cajado, reza como se fosse uma pessoa comum. A grandeza da alma não elimina sua dependência de D’us, intensifica-a. E é justamente isso que todos estes versículos (32:04-13) nos mostram por meio do pensamento, fala e ação de Jacob.

2.(Vayishlach) – Gênesis 32:14-30 – “Essa noite o anjo da guarda de Essav lutou com Yaacov, que o derrotou, mas ainda assim o anjo conseguiu deslocar a sua articulação do quadril. Yaacov exigiu que o anjo o abençoasse; então, o anjo lhe informou que D’us iria lhe dar um nome adicional: Yisrael, que significa ‘o que lutou com D’us [e ganhou]’. Elevar o mundo material. O anjo disse a Yaacov: ‘Teu nome não será mais Yaacov, e sim, Yisrael’.

O nome ‘Yisrael’ (Israel) não substituiu o nome original de Yaacov, mas o complementou. Expressa um novo estado, mais elevado, que agora torna-se seu. Enquanto ‘Yaacov’ tinha que lutar com Essav para assegurar as bênçãos de Yitschaci, estas agora eram outorgadas abertamente a ‘Yisrael’ pelo anjo da guarda de Essav.

Os dois nomes de Yaacov representam as duas formas com as quais interagimos com o mundo. Algumas vezes, o mundo material ou nossas próprias tendências materialistas se interpõem com nossa consciência Divina ou missão na vida; assim como ‘Yaacov’, devemos lutar, então, para revelar a Divindade subjacente no mundo material. Em outros momentos, podemos usar o mundo como um meio de aumentar a consciência Divina e cumprir com a nossa missão Divina; em tais ocasiões, como ‘Yisrael’, nosso desafio é aproveitar essas oportunidades tanto para levar o mundo a um estado superior de consciência Divina, como para promover nosso próprio crescimento espiritual”.

Jacob envia os animais organizados em grupos separados em direção a Esaú. O livro, Os Patriarcas e a Educação, pg. 213, apresenta que esses presentes eram uma forma de Korban. Nos versículos B32:15-16 contamos 550 animais, mas temos de contar mais 30 crias de camelos. Este volume de animais visava transformar hostilidade em conexão. Rashi, sobre estes versículos, observa que Jacob dividiu os presentes, cuidadosamente, para criar impacto gradual, gerando uma disposição favorável no coração de Esaú.

Depois de preparar o encontro com Esaú, Jacob permanece só durante a noite. Rashi (B32:25) comenta que Jacob retornou para buscar pequenos utensílios esquecidos. Isto é, à primeira vista, estranho, principalmente diante da iminência de uma batalha. Isto é interpretado como símbolo do compromisso de Jacob de não desperdiçar nem a menor centelha de santidade presente no mundo material. É neste instante, quando está isolado, que surge o adversário que é descrito na Torá como “um homem lutou com ele até o romper da aurora”. O Livro, Os Patriarcas e a Educação, pg. 215, apresenta que esse ‘homem’ era o anjo de Esaú. Ou seja, é a força espiritual que representa a resistência interior, os impulsos que se opõem ao avanço da alma. Estar só é essencial. A alma só encontra sua sombra quando não está distraída pelo tumulto externo. Midrash Bereshit Rabbah 77:2 in https://www.sefaria.org/Bereishit_Rabbah.77.

Essa luta simboliza o confronto entre a alma Divina e o ego (a alma animal). O Tanya nos mostra que a alma animal tenta arrastar a pessoa para baixo, enquanto a alma Divina tenta elevá-lo. O anjo fere a coxa de Jacob. A coxa é associada a Yessod, a fundação. O inimigo procura atingir os alicerces de uma pessoa, para abalar as suas convicções. Mas, se estão associadas firmemente a alma Divina, ela resistirá e conseguirá sair vitoriosa. A ferida simbólica trará, portanto, um impacto duradouro na vida de uma pessoa, assim como tem na vida de Jacob. Tanya cap. 01- 02

“Jacob exige uma bênção do próprio anjo que o feriu. Ou seja, Jacob insistiu para que o anjo confirmasse a bênção que Jacob havia recebido de seu pai Isaac, e assim foi”. Os Patriarcas e a Educação, pg. 216.

Ao declarar que Jacó passaria a ser chamado Israel, o anjo não elimina o nome anterior, mas o complementa. O nome Jacó simboliza uma forma de vida caracterizada pela necessidade de enfrentar desafios, superar obstáculos e manifestar a presença Divina em um contexto adverso. O nome Yisrael

refere-se à condição na qual a Divindade se manifesta espontaneamente, possibilitando que o indivíduo tome atitudes alicerçadas pela confiança, coragem e discernimento espiritual. Rashi (B32:29) explica que Jacob significa “*aquele que segura o calcanhar*”, ou seja, àquele que luta com astúcia e precisa ter energia para encontrar a superação na vida muitas vezes. Israel significa “*aquele que prevalece*”, ou seja, alguém que domina forças materiais e espirituais abertamente.

O Rebe nos mostra que duas dimensões existem dentro de cada Ser Humano. Portanto prezado Pedreiro, há momentos de combate interior (Jacob) e momentos de expansão Divina (Israel). Este processo nos mostrou, portanto, que não se elimina as lutas internas, mas as lutas elevam o Ser Humano a um degrau em que pode utilizar até mesmo as dificuldades, como ferramentas para o crescimento espiritual e a consequente revelação da santidade. Por isso, os nomes coexistem, simbolizando que tanto o esforço quanto a conquista fazem parte do desenvolvimento espiritual contínuo.

Destes versículos compreende-se que a luta não é contra Esaú, mas contra a própria limitação humana e que, ao superá-la, Jacob ascendeu ao nível de Israel. Mas, essa ascensão veio após uma longa e intensa jornada de aperfeiçoamento espiritual. Subir os degraus de uma escada não é simples.

3.(Vayishlach) – Gênesis 32:31-33:05 – “Ao se aproximar de Essav, Yaacov apresentou a sua família e, em seguida, curvou-se perante o seu irmão, que se comoveu pelo presente recebido de Yaacov e por suas demonstrações de irmandade, e o beijou. A retificação de Essav. Yaacov se prostrou sete vezes à medida que se aproximava de seu irmão.

Yaacov reconheceu aquelas qualidades em Essav que eram superiores às suas e entendeu que, para levar o mundo a seu destino derradeiro, era necessário combinar suas próprias forças com as de Essav. Yaacov compreendeu também que ele (e não Essav) era quem deveria supervisionar essa síntese para que funcionasse. Graças a sua fiel devoção ao estudo da Torá, ele era aquele que possuía a amplitude de visão e o conhecimento da vontade de D’us necessários para poder controlar a força bruta e selvagem de Essav. Yaacov abrigava a esperança de impressionar seu irmão a ponto de submetê-lo à sua liderança, apaziguando-o com um magnânimo presente, reconhecendo suas forças superiores e lhe informando que ele mesmo provou ser capaz de criar uma família piedosa e dedicada a D’us, de superar o astuto Lavan e de acumular uma importante fortuna.

Quando ficou evidente que Essav não estava disposto a cooperar, Yaacov compreendeu que o controle das forças de seu irmão implicaria um longo e difícil processo. A união da força superior de Essav com a sabedoria de Yaacov é uma característica que define a futura Era messiânica e, portanto, é uma questão-chave para o seu início. Na verdade, nossa incansável devoção à Torá e a seus mandamentos desde a época de Yaacov conseguiu em grande medida refinar o poder de Essav, e por isso nos encontramos agora às portas da Redenção final”.

Embora não seja muito comum que seja dada atenção aos nomes “*Peniel*” e “*Penuel*” penso que eles trazem informações relevantes que podem nos ajudar no entendimento geral sobre a vida de Jacob. Olhando o apresentado em Rashi B32:32 encontramos que, {enquanto Jacob ainda estava no local da luta, a visão do anjo dominava sua mente, de forma que ele só fez alusão à ‘face de D’us’ ou “*Peniel*”, quando nomeou o lugar. Porém, depois que ele deixou o local da luta, a recordação dessa vivência direta foi ofuscada pelo fato notável de que ele sobrevivera à experiência avassaladora de confrontar o anjo da guarda de Esaú. Portanto, ele começou a chamar o lugar não de “*Peniel*”, mas de “*Penuel*” [uma contração das palavras Panav El, “*sua face (viu um anjo de) D’us*”]. Milagrosamente, o sol levantou-se sobre ele mais cedo do que deveria naturalmente quando ele passou Penuel - assim como se pusera mais cedo do que deveria naturalmente, quando Jacob voltou de Charan para rezar no Monte Moriá - porque ele mancava, beneficiando seu quadril deslocado, e D’us queria que o poder de cura

do sol apressasse sua recuperação. Contudo, o ferimento só sarou completamente um ano e meio depois}.

Após lutar com o anjo e receber o nome **Israel**, Jacob chama o lugar de **Peniel** (פְּנִיֵּאל). Rashi nos mostra que Jacob compreendeu que sua luta foi um confronto espiritual com as ‘energias’ que sustentavam Esaú. No fundo, Peniel marca o momento em que Jacob transcende do nome Jacob (o que segura o calcanhar) para o nome “*Israel*” (o que enfrenta e prevalece). Após subir neste novo degrau é que lhe permite encontrar Esaú. Agora não na condição de fugitivo, mas como alguém que carrega a presença Divina estampada em seu rosto.

Mas, do ponto de vista do interior de um Pedreiro temos que a luta com Esaú é, na verdade, uma luta com o próprio Yetzer hará (inclinação para o mal) que existe dentro de nós. O adversário externo só pode ser pacificado quando o adversário interno (alma animal) está integrado com a alma Divina. As lutas de Jacob com Esaú, com Lavan, com o anjo são etapas no processo de revelar a “*face de D’us*” para o mundo.

Isto é representado quando Jacob se ajoelha por sete vezes, cada gesto correspondendo a uma das sete Sefirot emocionais, oferecendo sua própria transformação interior como ponte para transformar Esaú. O curvar-se diante de Esaú é uma consequência direta do “*ver o rosto de D’us*” em Peniel. Quem vê D’us no rosto da adversidade aprende a ver D’us no rosto do irmão.

Entretanto, Esaú não está harmonizado. Jacob viu que precisaria de mais tempo. **Como Jacob percebeu essa situação?** Se olharmos a forma com que está escrita a palavra (וַיִּשָּׁקוּ) (e o beijou) é possível identificar pontinhos sobre quase todos os caracteres, o que é interpretado como sendo os dentes de Esaú. Bem, o Midrash menciona duas interpretações. Uma delas nos diz que não foi um verdadeiro beijo - Esaú estava realmente tentando matar Jacob, lhe mordendo a garganta. A outra interpretação é que Esaú beijou Jacob de todo o coração - este é o aspecto anormal do beijo, pois sabemos dos sentimentos que Esaú mantinha sobre Jacob. Ou seja, de uma forma ou de outra, esses pontinhos representam a falta de sinceridade.

4.(Vayishlach) – Gênesis 33:06-20 – “Essav ofereceu-se para escoltar Yaacov e sua família a Canaan, mas Yaacov rejeitou o favor e prometeu visitá-lo em seu lar, situado no Monte Seir. Manter o foco. Yaacov disse a Essav: ‘Que, meu senhor, vá diante de mim, seu servo e espere ali até que eu lhe alcance, meu senhor, em Seir’. Yaacov se refere aqui à futura transformação de Essav na Era messiânica ‘até que eu lhe alcance, meu senhor, Essav, em Seir’. O enfoque de Yaacov em relação a Essav mostra-nos como neutralizar a hostilidade potencial nos ‘Essav’s que encontramos ao longo de nosso exílio.

Se nos deixarmos levar pelo conforto do exílio, por exemplo, e nos sentimos subordinados ao poder de Essav, nossa atitude se converte em uma profecia autorrealizada e o exílio realmente começa a nos dominar. Para neutralizar o poder de Essav, temos que enxergar não a fachada, e sim, o profundo objetivo por trás deste exílio, que é nos capacitar para preparar o mundo para a Era messiânica, quando finalmente Essav será subjugado e transformado. Se encararmos a longa aventura de nosso exílio como uma viagem a Seir e nos concentramos em nosso objetivo final, "Essav" se torna inofensivo, mesmo enquanto ainda estamos no exílio”.

Esta frase é emblemática em B33:11: “*Porque tenho tudo que necessito*”. Este é comportamento típico dos justos, que se contentam com o que têm. Ensinam-nos os sábios do Talmud no Pirkê Avot (Ética dos Pais 04:01): “*A quem se deve considerar rico? Quem se alegra com o que tem*” Esaú, por sua vez, diz (B33:09): “*Tenho para mim bastante*”, enfatizando a abundância de suas posses e que já tinha mais do que precisava para viver. De um lado, a humildade; do outro, a opulência. “*E insistiu com ele, e ele o recebeu*”. O Midrash ressalta que a negativa de Esaú em receber a oferta de seu irmão

foi por mera etiqueta, e que ele, devido a seu caráter materialista, não pensava realmente em dispensá-la. Comentários da Torá Sefer pg. 96-97.

Desta forma, Jacob tem a sensação de que Esaú está longe da condição que deveria ter para que os dois seguissem juntos. Jacob, neste momento, tem uma preocupação principal que é não se unir a Esaú. A vida com Esaú significaria a assimilação e a perda dos valores espirituais. Isto decorre do fato que Jacob tem forte responsabilidade pelas futuras gerações. Ele sabe que sua família, ainda pequena e espiritualmente tenra, não sobreviveria à convivência direta com Esaú.

Jacob se instala em Sucot e depois se dirige a Shechém. Jacob segue seu caminho, sempre promovendo um espaço de educação da Torá. Esaú retorna ao seu mundo, aguardando, sem saber, o dia em que sua força será iluminada por Israel. Podemos perceber que Jacob não odeia Esaú; ele o vê como um potencial. Por outro lado, Esaú não entende Jacob. Ele o vê como uma ameaça. Internamente podemos perceber que a reconciliação plena só ocorre quando a alma Divina guia a força, ou seja a alma animal, e não o inverso.

5.(Vayishlach) – Gênesis 34:01-35:11 – “Yaacov e sua família prosseguiram em direção à cidade de Shechém (atual Nablus). Diná, a filha de Yaacov, saiu para conhecer as mulheres da região, mas acabou sendo sequestrada e violentada pelo filho do rei de Shechém, que ofereceu pagar qualquer dote que Yaacov pedisse para se casar-se com ela. Além disso, ele sugeriu que os habitantes de sua cidade e a família de Yaacov se casassem entre si. Os filhos de Yaacov responderam que primeiro os cidadãos de Shechém tinham de circuncidar-se, o que todos aceitaram de imediato. Aproveitando que eles estavam em período de convalescência da circuncisão, Shimon e Levi mataram todos os homens e resgataram Diná.

Exposição modesta. Diná saiu para observar as garotas da região. A intenção da Diná era convencer as mulheres de Shechém a adotar o caminho de retidão da família de Yaacov. Apesar de aparentemente não ter muito sucesso, seus esforços não foram totalmente em vão. Embora o pedido de circuncisão aos homens de Shechém fosse parte de uma artimanha para enfraquecê-los, a concordância a esta solicitação indicava, até certo ponto, que seus habitantes aceitavam refinar-se espiritualmente.

E, realmente, a sua circuncisão refinou toda a sociedade, inclusive as mulheres. A maior parte delas e suas crianças foram capturadas e acabaram se tornando serventes dentro da família de Yaacov, de modo que aprenderam e absorveram os valores e a moral dele.

O comportamento de Diná ensina-nos que as mulheres abençoadas com o talento especial de poder influenciar às demais devem utilizar esta habilidade não somente para construir seu próprio lar e família, mas também para atrair os corações de outras mulheres a seguir os caminhos de bondade e generosidade da Torá”.

Ao fazermos a leitura de B34:01 a 35:11, é possível ressaltar pelos menos sete pontos principais que são: **1)** O drama de Diná e a resposta de seus irmãos, **2)** as diferentes visões existentes entre justiça, violência e moralidade, **3)** o medo de Jacob e a reação Divina, **4)** a purificação da casa de Israel (as pessoas entregaram os ídolos que tinham e Jacob os enterrou sobre uma árvore que não dava frutos, **5)** a subida a Bet-El (Betel), **6)** a morte de Débora e **7)** a segunda confirmação do nome Israel.

A pergunta a ser feita é se há uma conexão entre todos estes eventos? Diná buscava observar e não assimilar o comportamento das jovens canaanitas. Mas, sua exposição à cultura local, criou as condições para que os problemas ocorressem. O príncipe Shechém a toma à força e “a humilha”. Os valores morais da casa de Jacob entram em choque com uma sociedade em que poder, status e desejo, neste caso sexual, regem as relações humanas. O fato de Shechém “se apegar à alma de Diná” mostra

uma contradição. Ocorre uma paixão intensa de Shechém por Dina, mas ela está alicerçada em fundamentos amorais. Shechém busca reparar o erro que havia praticado, mas, no fundo, ele não entende a profundidade do erro.

Simeão e Levi nesta situação representam Gueburah (força e indignação moral). Eles não suportam pensar que sua irmã seja tratada “*como prostituta*”. Nem tão pouco que pudesse existir uma aliança entre Jacob e seus descendentes e o povo local, diante de tal profanação. Eles propõem a circuncisão de todos os homens como condição de aliança. Isto como teste de sinceridade.

Mas, ao agir no terceiro dia, quando todos os varões estão debilitados, e ao massacrar toda a população masculina, Simeão e Levi ultrapassam as fronteiras da justiça. Agiram com vingança (נקמה) (Nekama). Alguns comentaristas ressaltam que essa ação pode ser parcialmente defensável, pois visava a proteção de Diná; a recusa à assimilação de certo modo forçada e punição ao príncipe corrupto. Mas, realmente ela foi excessiva, pois envolveu um assassinato coletivo, saque e vingança além da medida. A Torá mostra sem máscaras que até os filhos dos Patriarcas erram e o erro tem consequências.

Jacob repreende Simeão e Levi. Ele teme que ocorra uma guerra de retaliação contra sua família. Mas, no fundo, ele teme que a casa de Israel seja vista como violenta, traiçoeira e indistinguível dos povos ao redor. Isto poderia levar a uma “*assimilação*” moral. A violência indiscriminada realizada pelos seus filhos ameaça manchar o propósito de Abraão que é ser “*luz para as nações*”, não espada sobre as nações. Mas, a dúvida persiste dentro de todos nós. “*Deveriam tratar nossa irmã como prostituta?*”, Ou seja, o que é pior, agir com dureza ou aceitar passivamente a degradação moral? É um dilema ético real e a Torá não oferece respostas simples.

Mas, justamente neste momento de dúvida e a dúvida traz vulnerabilidade, D’us fala a Jacob “*Levanta-te, sobe a Bet-El... faz ali um altar.*” O Eterno não diz “*prepare-te para a guerra*”. Ele também não diz “*fique e negocie a paz*”. A mensagem é “*suba*” ou eleve-se espiritualmente.

O caminho, ou a solução para resolver o caos resultante do episódio de Diná, é voltar ao lugar da revelação, ou seja, a Bet-El, que é o local do sonho da escada, onde Jacob viu anjos subindo e descendo. (A ordem vem do caos). Antes de subir, Jacob ordena que lhe entregue todos os deuses estranhos, manda que se purifiquem e que mudem as roupas.

Ou seja, o problema de Shechém não ocorre apenas na casa das outras pessoas. A idolatria está dentro de nós e na nossa casa. Jacob enterra os ídolos “*debaixo da árvore infrutífera*”. Isto nos mostra a inutilidade espiritual da idolatria. Somente então a Torá nos apresenta que “*O pavor de D’us caiu sobre as cidades ao redor.*” Quando Israel se eleva espiritualmente, o perigo externo perde força. Isto também ocorre dentro de nós. Estes eventos estão relacionados com o nosso próprio interior. Obs.: Bet-El está a cerca de 20 km ao norte do Templo de Salomão. O Templo fica localizado no monte Moirá. O monte Moirá foi onde ocorreu a Akedá.

Em Bet-El ocorre um evento doloroso que é a morte de Débora. Jacob denomina aquele local de “*planície do pranto*”, expressão carregada de significado diante do momento que vivencia. O “*pranto*” aqui representa não apenas a tristeza, mas o processo de Jacob liberar e abandonar os fardos emocionais acumulados ao longo de sua trajetória pelo medo de Esaú, os problemas que ocorreram na casa de Lavan e o choque da violência em Shechém.

Após, D’us aparece novamente a Jacob e diz: “*Teu nome é Jacob; não te chamarás mais Jacob, mas Israel será teu nome.*” É a confirmação ‘*oficial*’ de seu novo nome. Veja que nestes últimos dias Jacob passou pela luta com o anjo, pela tensão com Esaú, pela tragédia de Diná, pela violência dos filhos, pela purificação da casa, pela reconstrução do altar e pelo luto de Débora. Agora Jacob está definitivamente pronto para se tornar Israel, ou seja, é uma nova condição espiritual.

Em seguida, D'us lhe diz: *“Eu sou El Shaddai. Frutifica e multiplica-te; uma congregação de povos sairá de ti, e reis surgirão dos teus flancos.”* Os problemas e dificuldades pelos quais Jacob passou não anulam a missão. No fundo eles fazem parte do caminho que era necessário ser percorrido para se alcançar um novo grau de espiritualidade.

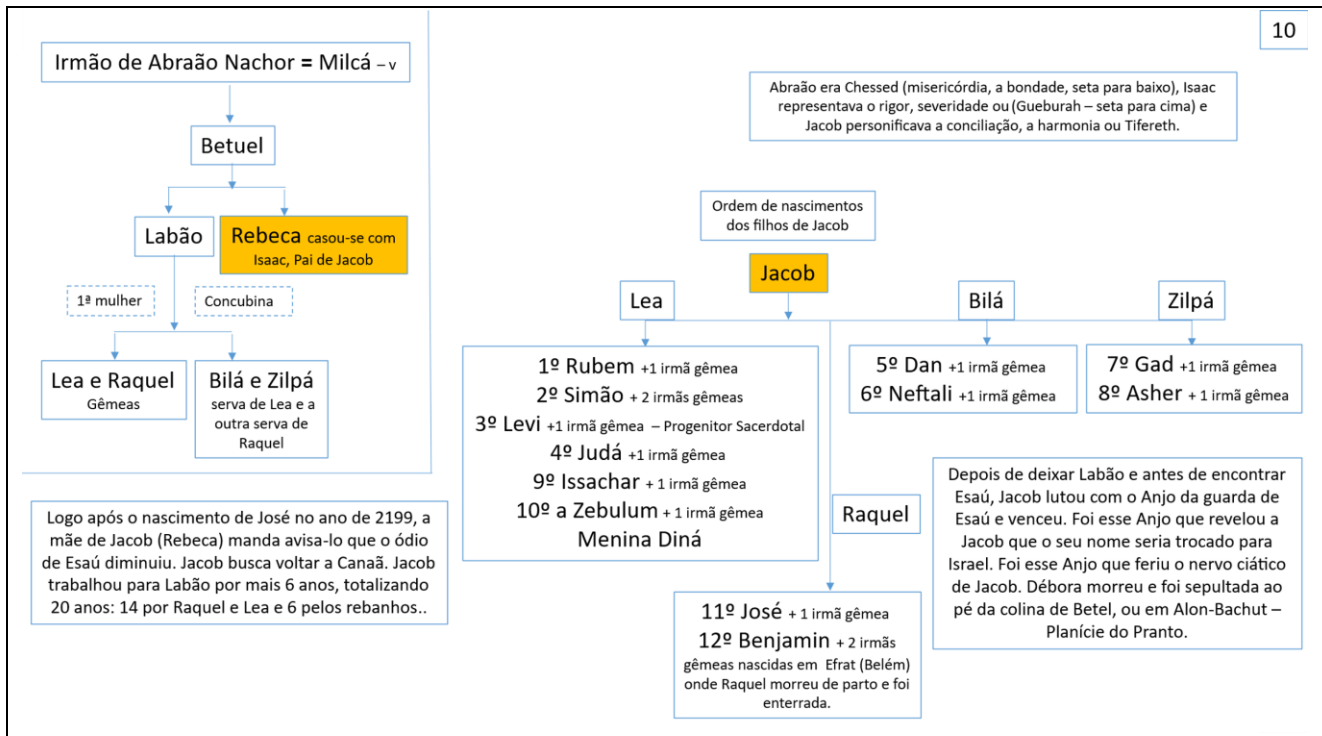
Assim, a Cabala mostra que o Pedreiro que Diná representa a vulnerabilidade que surge decorrente de nosso contato diário que temos de ter com o mundo. Simeão e Levi simbolizam o risco de reagirmos sem pensar e acabarmos ultrapassando os limites da justiça, transformando-a em vingança. Isto pode ocorrer, mesmo quando nossa reação surge, por exemplo, decorrente do zelo moral. O Jacob interno de uma pessoa representa o equilíbrio entre justiça, compaixão e visão de longo prazo, que devemos perseguir ter. Para isso temos de escutar o chamado para nos prepararmos para seguir para Bet-El, pois representa a necessidade que temos de purificação contínua de nosso interior. Ciclos se sucedem em nossa vida, assim a morte de Débora marca o encerramento de um destes ciclos. Portanto, a segunda nomeação de Jacob como Israel, marca o início de outro ciclo, ou o nascimento de um novo degrau espiritual de Jacob que dará origem ao povo de Israel, não apenas somente a família de Jacob. O Pedreiro como Israel, de fato, nasce da luta, seja essa luta externa, interna, moral e/ou espiritual. Isto é vida!

6.(Vayishlach) – Gênesis 35:12-36:19 – *“Cumprindo a sua promessa anterior, Yaacov retornou ao local onde havia sonhado com a escada ascendente ao céu para construir ali um altar. D'us, então, acrescentou-lhe o nome de Israel como o anjo já lhe havia informado. Quando o clã de Yaacov seguiu viagem para o sul e chegou a Bet-Léchem (Belém), Rachel entrou em trabalho de parto e morreu ao dar à luz o seu segundo filho, que Yaacov chamou de Binyamin (Benjamim). O poder do altruísmo. Rachel morreu e foi enterrada no caminho de Efrat, conhecida como Bet-Léchem.*

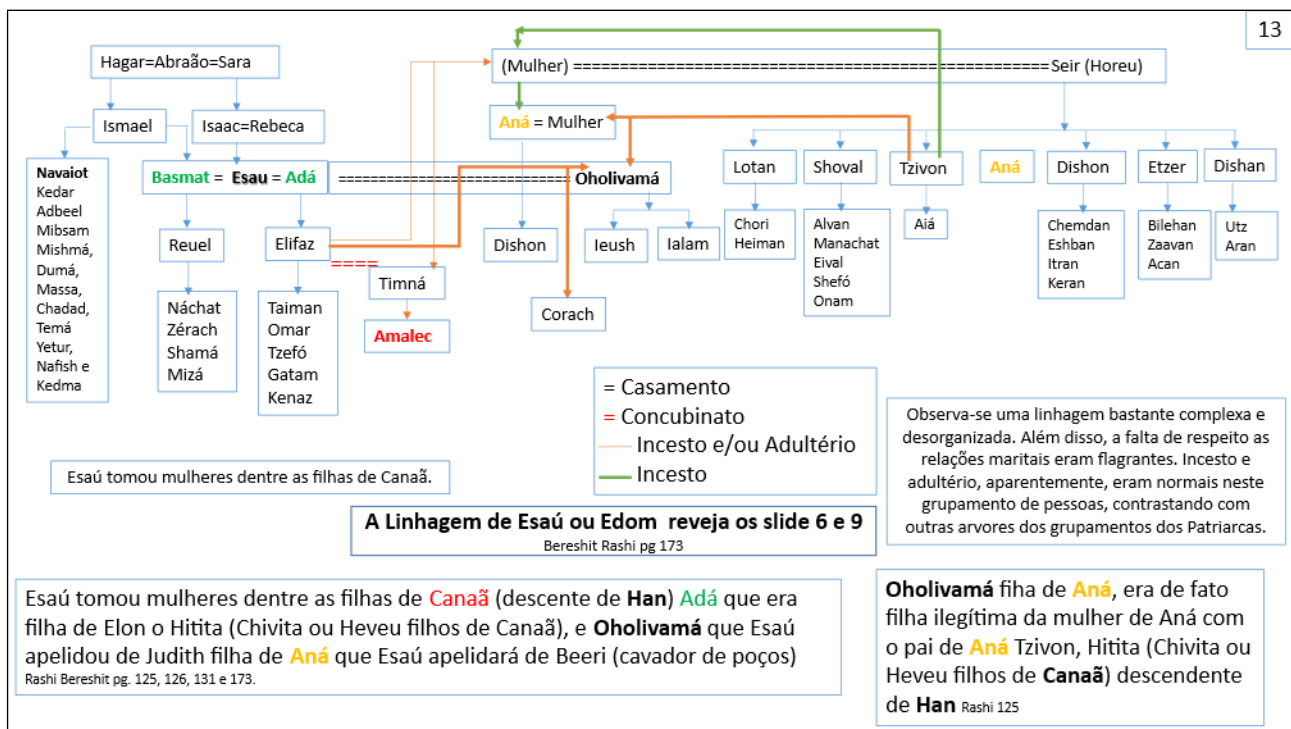
Os sábios ensinam-nos que Rachel escolheu ser enterrada em Bet-Léchem em vez de Chevron, como os seus patriarcas e matriarcas. Ela previu que, muitos séculos depois, o povo israelita passaria por Bet-Léchem quando estivesse a caminho do desterro da Terra de Israel, após a destruição do primeiro Templo. Nessa época, os patriarcas tentaram apaziguar a D'us, mas não tiveram sucesso. Então, Rachel argumentou que, assim como ela não tinha tido inveja de sua irmã Lea quando essa se tornou esposa de Yaacov, D'us não deveria estar ‘com ciúmes’ dos ídolos que os israelitas haviam adorado.

D'us aceitou seu argumento e proclamou: ‘Por causa de ti, Rachel, farei o povo israelita regressar à sua terra’. Foi o auto sacrifício e a devoção de Rachel que obtiveram a promessa de D'us de nos redimir apesar de nossas faltas e deficiências”.

Antes de entrarmos propriamente na leitura destes versículos, é interessante observar as árvores genealógicas dos irmãos Jacob e Esaú, aqui apresentadas. Com essas figuras em mente, retornamos ao texto e percebemos que após ter o nome de Israel confirmado por D'us, logo em seguida ocorre a morte de Raquel, o problema de Rubens ter se deitado com Bilá, a morte de Isaac sendo sepultado por Jacob e Esaú, a enumeração dos filhos de Jacob e em seguida dos filhos de Esaú.



Essa imagem acima apresenta a árvore genealógica de Jacob, que foi construída usando a Torá e Rashi na Parashat Vayishlach.



Árvore genealógica de Esaú e seus parentes, também oriunda da Torá e de Rashi na Parashat Vayishlach.

A morte de Raquel em Bet-Léchem nos remete a um salto de muitos anos ao futuro. O Rebe nos apresenta um tradicional Midrash, onde encontramos que Raquel é enterrada no caminho de Efrat, porque ela intercede pelos descendentes de Israel, quando estes serão levados cativos, após a destruição do primeiro Templo. Diferente dos demais Patriarcas e Matriarcas, enterrados em Me'arat HaMachpelá, Raquel permanece exposta ao sofrimento do povo, simbolizando o seu auto sacrifício, fidelidade e amor incondicional, como pode ser compreendido pela leitura do texto do Rebe acima apresentado. Eicha Rabbah, cap. 24; Rashi em Jeremias 31:15.

Binyamin nasce. Ele é o único filho de Jacob nascido na Terra Prometida. Com este nascimento conclui-se o grupo dos progenitores que darão origem as 12 tribos de Israel. Binyamin representa a força da inocência, pois é o único dos filhos de Jacob que nunca participou de conflito, ciúme, ou da venda de José (Yossef) etc.

Antes que a história de Israel prossiga, a Torá fecha um ciclo. Ela nos mostra o nascimento dos filhos de Esaú que darão origem as nações que seguirão um caminho diverso daquele seguido pelos descendentes de Israel. Assim, Edom (descendentes de Esaú), apresenta-se com crescimento horizontalmente grande com províncias, chefes, territórios e alianças. Por outro lado, Israel permanece por um bom tempo como um pequeno clã. E isto é um contraste que se repetirá ao longo da história. Por exemplo, no confronto entre Roma (Edom) e Israel, ou entre o poder imperial e o poder espiritual etc. O contraste é deliberado.

A Torá está nos mostrando que a luta iniciada no ventre de Rebeca está agora estabelecida. Surgiram os dois povos que foram anteriormente profetizados. Israel como sendo o povo da promessa e da espiritualidade e Edom como sendo o povo da força, dos reinos e da história política do mundo. A partir daqui a rivalidade não é mais entre dois homens, mas entre duas civilizações.

O Rebe enfatiza que Raquel é o altruísmo. Edom é o egoísmo intenso. A ligação espiritual entre Raquel e o povo de Israel fica bem clara, quando encontramos a promessa Divina: *“Por causa de ti, Raquel, trarei teus filhos de volta.”* (Jeremias 31:16). A genealogia de Esaú, portanto, não é apenas uma lista histórica. É o retrato das forças que Israel enfrentará ao longo dos milênios. Raquel, enterrada no caminho, garante que Israel volte desse confronto.

Prezado Pedreiro! Quando D’us reafirma o nome Israel, revela o momento em que a consciência elevada assume a liderança da vida, após dor, purificação e renascimento. Assim, toda essa narrativa externa reflete um único movimento interno, que é a passagem do caos ao alinhamento, da sombra à luz e do eu fragmentado ao eu espiritual. Isto seria o nascimento de Israel dentro do Ser Humano (Pedreiro).

7.(Vayishlach) – Gênesis 36:20-43 – *“Yaacov finalmente volta a se encontrar com seu pai, Yitschaci, em Chevron. Seguidamente, a Torá registra a morte de Yitschaci e enumera os descendentes de Essav. Depois da morte deste, seus descendentes não puderam estabelecer uma monarquia estável, e tiveram que nomear estrangeiros como reis para manter a ordem entre seus clãs. O drama cósmico da liberdade de eleição. Estes são os reis que reinaram em Edom.*

A história desses reis faz alusão à criação e o subsequente colapso do mundo espiritual do ‘caos’ (tohu), que precedeu ao mundo espiritual da ‘retificação’ (Tikun). Nosso universo físico originou-se a partir do mundo da retificação, mas também contém elementos residuais do mundo do caos.

O mundo do caos era conhecido por este nome porque as energias dentro dele eram demasiadamente autocentradas (‘egoístas’) para cooperarem entre si, do mesmo modo que uma criança imatura é incapaz de conciliar suas emoções conflitantes. E assim como a infantilidade de uma criança deve ser rompida pela crise da adolescência para que ela possa passar para a maturidade da idade adulta, o mundo do ‘caos’ teve que ser quebrado para que o mundo da ‘retificação’ fosse criado sobre suas ruínas.

Portanto, faíscas de egocentrismo permeiam o nosso mundo, pois são resíduos deste mundo de caos que foi rompido. Estas centelhas do mundo do caos são necessárias porque, para que exista o livre-arbítrio, deve haver um elemento de ‘maldade’, isto é, de egocentrismo, como uma alternativa ao altruísmo e à bondade.

A tarefa de Yaacov e seus descendentes através da história é elevar os descendentes espirituais de Essav - as centelhas caídas do mundo do "caos" - por meio da santificação do mundo material".

Qual seria o proceder, de forma prática, para que pudéssemos contribuir com a tarefa de Jacob que é elevar as centelhas espirituais de Esaú? Percebemos que há um ponto em comum entre Jacob e Isaac. [Isaac tinha a característica de ceder e abdicar ao cavar poços (B26:15-22). Ele não brigou quando viu que eles foram fechados, mas deixou a situação passar naturalmente, por meio da decisão de D'us, e, no final, ele se autopreservou, mantendo os seus valores morais.

Jacob, herdou também essa boa virtude. Foi ameaçado de morte pelo seu irmão, mas não brigou, não discutiu e nem revidou, simplesmente obedeceu a seus pais e foi para a casa de seu tio. Ele pensou que lá teria sossego, mas seus inimigos o alcançaram. Ele trabalhou sete anos por Raquel e no final recebeu a Lea. Ainda assim, não brigou, somente perguntou qual foi o motivo que levou Lavan a se conduzir daquela forma (B29:25). Após, continuou a viver no mesmo local.

Depois ele foi enganado com o rebanho, e agiu da mesma forma. Só discutiu no final com Lavan, para esclarecer o que houve, com a intenção de debater o problema para sugerir soluções, mas não revidou. No caso do encontro com Esaú, só pensou em dar e em ceder. Ele preparou muitos presentes para agradar a Esaú, com o objetivo de agradar, doar em vez de receber, e, por causa destas atitudes, Jacob foi salvo

Posteriormente, seu filho José (Iossef), agiu igual, dizendo a seus irmãos (que tinham lhe vendido, maltratado e o envergonhado) (B45:05): *“E agora não vos entristeçais, e não vos irriteis contra vós por me haverdes vendido para cá, porque para preservar vossa vida me mandou D'us diante de vós”*.

Mesmo depois que Jacob faleceu, José não mudou de ideia, disse a seus irmãos (B50:20): *“E vos pensastes sobre mim mal, e D'us o intentou para o bem; para fazer, como neste dia, a fim de fazer viver muita gente”*.

A melhor forma de encarar um inimigo é justamente sucumbindo a ele. A tendência será de o inimigo se transformar em um amigo. Normalmente os bombeiros usam a água para apagar o fogo. A água, que simboliza o amor e a inteligência, consegue acalmar a fúria inimiga. O fogo não apaga o fogo, só o faz crescer]. O Patriarcas e a Educação, pg. 224-225.

“Por que nós não percebemos a garantia mútua entre nós e influenciamos o mundo inteiro? O que nós queremos dos outros? Nós temos que experimentar isso primeiro. Por exemplo, está escrito no artigo “O Amor pelo Criador e o Amor pelos Seres Criados”: Na medida em que os filhos de Israel se unem ao manter a Torá, dessa forma eles passam o seu poder para o resto das nações”.
<https://laitman.com.br/2011/07/foco-na-garantia-mutua/>

No mundo em que vivemos, onde se renova o desamor pelo próximo, onde se tomam atitudes que levam a exacerbar este mesmo desamor de parte a parte, falar em encarar o inimigo sucumbindo a ele, ou falar em atuar na forma de garantia mútua, parece uma miragem no deserto. Mas, os Pedreiros não podem dizer que desconhecem o tema. Como Laitman diz, temos de viver a garantia mútua, mesmo que seja estabelecida em um pequeno grupo. Pense globalmente, mas atue localmente. Lembre-se, quem vê D'us no rosto da adversidade aprende a ver D'us no rosto do irmão.

10 - Parashat Vayêshev – José e os Sonhos - Consequências

Sinopse

A necessidade de mentores espirituais. Yossef disse a seus irmãos: ‘Por favor, escutem este sonho que eu tive’. Os dois sonhos de Yossef pareciam transmitir a mesma ideia. A razão da aparente repetição é que eles simbolizam dois estágios distintos no relacionamento entre cada geração e seus líderes. A Cabala trata o conceito de José (Yossef) como sendo um mentor espiritual, em duas camadas simultâneas. Uma das camadas é física. É um mestre vivo, ou um guia, que está fora de nós; tal qual José que foi para o Egito (o ideal é um Tzadik). Mas, a outra camada é interna na própria pessoa. É, portanto, uma força espiritual interior, descrita como sendo ‘o José dentro da alma’, o qual desperta nossa luz e nos conduz. O interessante é que ambas são verdadeiras ao mesmo tempo. A tradição nos ensina que uma camada necessita da outra. **Enquanto pastoreavam seu rebanho, os irmãos de Yossef conspiraram sobre como seria melhor eliminá-lo e a ameaça que ele representava. Yaacov enviou Yossef ao seu encontro. Confiar na Providência Divina. Antes que Yossef alcançasse seus irmãos, eles conspiraram contra ele.** A quem devemos temer? A nossos inimigos e a nossos Irmãos. O Rebe ensina que é tolice ficar zangado, não porque o outro tem razão, mas porque você nunca está sozinho. Devemos nos lembrar de que nada existe além Dele. Como Pedreiros sabemos, a raiva prejudica apenas a si mesmo, não ao outro. Além disso, ela bloqueia a Providência Divina. O Tanya Cap. 27 destaca que a ira é idolatria. Quando uma pessoa se enfurece, esquece-se do verdadeiro autor, D’us, e acaba dando ao outro um poder sobre sua vida que deveria pertencer somente a D’us; isso é idolatria. **Dois dos irmãos de Yossef, Shimon e Levi, sugeriram matá-lo, mas Reuven (Rúben), o irmão mais velho, propôs que ele fosse jogado num poço, deixando o seu destino nas mãos da Divina Providência. Repleto de serpentes e escorpiões. O poço escolhido estava seco e repleto de serpentes e escorpiões. Evitar a negatividade. O poço estava vazio de água.** A associação entre a forma com que Simeão e Levi procederam, juntamente com seus irmãos que, de fato, não conheciam José, e o que ocorreu a vista de todos que estavam ao redor da cisterna, quando José foi retirado de lá ileso, pode ser compreendido quando olhamos para o Salmo 19:08: “*A lei do Eterno é perfeita e reconforta a alma; verdadeiro é o testemunho do Eterno, que torna sábio o mais simples*”. José foi ao fundo do “poço” e transformou-se ao sair, pronto para iniciar um novo ciclo em sua vida. **Yehuda convenceu seus irmãos a venderem Yossef como escravo. Em seguida, enviaram a Yaacov a túnica de Yossef manchada com sangue de cabrito. Yaacov, inconsolável, ficou de luto pela morte de Yossef. Em seguida, os irmãos se afastaram de Yehuda por não insistir que eles trouxessem Yossef a Yaacov.** Judá aconselha seus irmãos a venderem José como escravo. E assim os irmãos o fazem. Mas, logo em seguida os irmãos de Judá se afastam dele e Judá se retira daquele local. Judá desce, portanto, de sua posição de líder que exercia entre os irmãos. Mas, a queda é decorrente do erro coletivo dos irmãos de José. E, evidentemente, Judá teve uma participação muito importante. Comparativamente, José é lançado ao poço e desce ao Egito, por outro lado, Judá também desce moralmente e espiritualmente. Essa queda não é acidental, porque a linhagem messiânica só pode emergir de alguém que enfrentou sua própria sombra, que experimentou a queda e o arrependimento verdadeiro. **Neste meio tempo, Yossef foi vendido como escravo para o egípcio Potifar, o chefe dos açougueiros do faraó. Potifar reconheceu a inteligência, integridade, piedade e porte real de Yossef o encarregou administrar seus assuntos domésticos. Cuidar de nossa beleza interior. Yossef era belo de porte e de semblante.** A humanidade desenvolveu instrumentos que permitem que a voz de uma pessoa que fala em um lugar seja imediatamente ouvida em lugares distantes. De fato, até nos confins da terra e mesmo na lua. Mais recentemente tornou-se possível também ver a pessoa e todas as suas ações. Esse avanço na ciência natural, fornece uma maneira de compreender e até mesmo visualizar como há “*um Olho que vê e um Ouvido que ouve*”, observando tudo o que se faz. Se olhos e ouvidos físicos são capazes de ver e ouvir instantaneamente o que se passa através do globo, muito mais ainda podemos entender como nossas ações e palavras são vistas e ouvidas pelos “*Olhos e ouvidos*” do Alto, como declara o Salmista 94:09: “*Aquele que implanta o ouvido não ouviria? Aquele que forma o olho não veria?*” **A esposa de Potifar viu por meio da astrologia que ela estava destinada a ser a ancestral dos descendentes de Yossef. Como não sabia**

que isto ocorreria através de sua filha, ela buscou seduzi-lo. Enfrentando a tentação. Yossef disse à esposa de Potifar: ‘Como poderia eu cometer esta grande maldade e pecar contra D’us? Depois de resistir, José é preso injustamente. Mas, isto nos apresenta contrastes imensos, pois mesmo quando fazemos o certo, resistimos ao erro e escolhemos a integridade, a vida nem sempre melhora imediatamente. Neste caso de José, piorou e muito. Mas, como a Cabala nos ensina, precisamos cair (morrer) para podermos nos transformar. A humildade aparece, os talentos se refinam e a pessoa se torna capaz de se tornar maior e melhor, pois está imune as armadilhas que o ego é capaz de preparar. Como sabemos, Yossef sofreu terríveis humilhações. Teria sido lógico mergulhar em sua própria dor e maldizer o mundo; porém, ele não ficou amargurado. Yossef permaneceu sensível às outras pessoas e à sua missão Divina na vida; não somente buscou diminuir a angústia dos servos do faraó, como os ajudou. Para ele, o fato de que D’us o tivesse levado a perceber a necessidade de uma pessoa indicava que era seu dever ajudá-la. Segundo o Rebe, a chave (de marfim) do capítulo é o momento em que José decide perguntar: “Por que estão tristes?” Mais uma vez um pequeno detalhe, neste caso de empatia, precipita toda a cadeia que o leva ao trono. O ensinamento é que a pessoa nunca sabe qual mínimo gesto vai transformar a história.

1.(Vayêshev) – Gênesis 37:01-11 – “Depois de chegar a salvo em Chevron, Yaacov assumiu o manto da liderança. Yossef compartilhou seus dois sonhos com a família: no primeiro, os feixes de espigas de trigo de seus irmãos curvavam-se para o feixe dele; no segundo, o sol, a lua e onze estrelas é que se curvavam para ele. Os irmãos de Yossef consideraram isto como uma descarada demonstração de arrogância e como uma evidência de que Yossef era, na realidade, o herdeiro espiritual do egoísta Essav mais do que seria de Yaacov. No entanto, Yaacov aprovou os sonhos de Yossef, pois ele próprio já o vislumbrava como seu sucessor. A necessidade de mentores espirituais. Yossef disse a seus irmãos: ‘Por favor, escutem este sonho que eu tive’. Os dois sonhos de Yossef pareciam transmitir a mesma ideia. A razão da aparente repetição é que eles simbolizam dois estágios distintos no relacionamento entre cada geração e seus líderes.

Os feixes de espigas de cereais são formados por hastes individuais que crescem separadamente, cada uma em sua própria cavidade. Agrupá-las em feixes simboliza nossa primeira tarefa na vida: reunir os nossos talentos e capacidades, unindo-os a serviço da santidade, de D’us. Uma vez que nos tornamos um ‘feixe’, precisamos buscar a orientação e a inspiração de um ‘Yossef’, de um líder espiritual.

À medida que amadurecemos espiritualmente, nos elevamos acima da consciência terrena, recuperamos a consciência celestial original da alma e brilhamos como ‘estrelas’. Mas, mesmo neste nível, não devemos confiar nas próprias conquistas para buscar a inspiração, porque isto pode nos conduzir à estagnação e à complacência. Devemos, pelo contrário, buscar o nosso ‘Yossef’, o nosso mentor espiritual, para obter mais ideias e inspiração”.

“A família de Israel vai depurando-se paulatinamente. Abraão abandona seus pais na Caldéia, Ismael separa-se de Isaac e Esaú de Jacob, e com isto inicia-se a história dos Bené Israel, os filhos de Israel. Jacob, no final, estabelece-se na terra que foi habitada por seu pai Isaac, no país prometido a Abraão. Ao entrar na Terra Santa, Jacob não era mais Jacob, símbolo da Galut (exílio), que devia inclinar-se frente ao mais forte, e sim Israel, que luta com os poderosos e os vence.

Se a Torá pretende narrar a história de Jacob cronologicamente, deveria então começar com o filho mais velho de Jacob, Rubem, e não com a história de José. O saudoso Grão-Rabino de Telavive, A. Amiel, responde a esta indagação com a sua interpretação: ‘Toda a história de Jacob-Israel reflete-se na vida de José: tudo que aconteceu a José não é outra coisa senão aquilo que sucedeu a Jacob, uma repetição exata da experiência que Israel viveu como povo, desde a sua entrada na arena da história universal’.

Porém, Jacob amava a José mais que a todos. Mas, é importante ter em mente: Guardai-vos de fazer diferença entre vossos filhos e amai igualmente todos eles! Nos disse o Midrash (Midrash Raba). Por causa de uma túnica talar, que Jacob fez para José, este foi detestado por seus irmãos causando a discórdia entre toda a família.

Todo sonho de uma pessoa tem alguma coisa de inverossímil, disseram nossos Rabinos; tanto é que, no segundo sonho de José, o sol simbolizava seu pai, a lua a sua mãe e as onze estrelas, seus irmãos. Entretanto, a mãe (Raquel) já não existia”. Comentários da Torá, pgs. 108-109.

O Rebe explica que os dois sonhos ensinam duas etapas da relação com um mentor espiritual (um ‘José’). Inicialmente, o Ser Humano precisa juntar sua personalidade dispersa antes de poder ser guiado. Tanya cap. 29 fala que a desorganização interior impede a lucidez espiritual. Só quando nos tornamos um ‘feixe’, ou um eu integrado, podemos receber orientação verdadeira. Neste mesmo capítulo podemos encontrar que a forma de se alcançar o ‘feixe’ é se lembrando que o fogo não pega em uma tora de madeira, despedace-a; se a luz da alma não consegue permear o corpo e fazê-lo brilhar, quebre a arrogância da alma animal, meditando sobre as suas próprias deficiências.

Veja Pedreiro P33: Mesmo quando atingimos níveis elevados, o ego espiritual pode surgir. Tanya Cap. 30. Por isso ainda precisamos de um mentor, pois, conquistas espirituais podem paralisar e a pessoa pode achar que já chegou ao infinito. Assim, a luz própria pode virar complacência. Seja humilde de verdade e sinta-se inferior a toda e qualquer pessoa, mais baixa até que os piores pecadores, pois a intensidade da luta que eles precisam enfrentar (contra a má inclinação deles) é maior que a sua. Assim, os sonhos não são sobre poder. São sobre a necessidade permanente de orientação espiritual, mesmo nos níveis mais altos.

Segundo Rashi e o Tanya, os irmãos representavam as ‘tribos consolidadas’ (a ordem estável) e José representa internamente a visão. Ambos são necessários. A resistência inicial ao visionário é parte do processo. O Tanya nos apresenta que a alma animal resiste à alma Divina até ser convencida para depois se tornar aliada.

Aqui há uma polêmica. **O mentor espiritual (José) é uma pessoa ou um espírito, ou as duas coisas?** A Cabala trata o conceito de José (Yossef) como sendo um mentor espiritual, em duas camadas simultâneas. Uma das camadas é física. É um mestre vivo, ou um guia, que está fora de nós; tal qual José que foi para o Egito (o ideal é um Tzadik). Mas, a outra camada é interna na própria pessoa. É, portanto, uma força espiritual interior, descrita como sendo ‘o José dentro da alma’, o qual desperta nossa luz e nos conduz. O interessante é que ambas são verdadeiras ao mesmo tempo. A tradição nos ensina que uma camada necessita da outra.

2.(Vayêshev) – Gênesis 37:12-22 – “Enquanto pastoreavam seu rebanho, os irmãos de Yossef conspiraram sobre como seria melhor eliminá-lo e a ameaça que ele representava. Yaacov enviou Yossef ao seu encontro. Confiar na Providência Divina. Antes que Yossef alcançasse seus irmãos, eles conspiraram contra ele.

Apesar de não ser o que pretendiam nem o que previam, as ações dos irmãos de Yossef acabaram levando-o ao poder e à sobrevivência de toda a família de Yaacov. A experiência de Yossef demonstra claramente que tudo o que acontece muito além do que nos damos conta é orquestrado por D’us para nosso benefício.

Por esta razão, é tolo e inútil ficar zangado com aqueles que parecem estar nos prejudicando. Embora sejam culpados por suas ações, eles não podem nos fazer nada que D’us não deseje. Muito pelo contrário, devemos aprender com Yossef, que pagou com bondade a maldade de seus irmãos, e continuou amando-os apesar do ódio deles contra si”.

Em B37:17 está escrito: “*E disse o homem: Partiram daqui; porque escutei-os dizerem: vamos a Dotán. E foi José atrás de seus irmãos, encontrando-os em Dotán*”.

Em Torá Sefer comentários à página 108 encontramos que “*Vamos a Dotán - O homem que encontrou José perdido no campo, o qual lhe indicou o lugar onde podia encontrar seus irmãos, segundo o Midrash (Tanchuma), não era outro senão o anjo Gabriel. O lugar indicado chamava-se Dotán. Esta palavra se escreve em hebraico com três letras, e cada uma delas se assemelha a um instrumento de trabalho: Dalet (ד), a um esquadro; Tav (ת), a um compasso e Nun final (ן) a uma régua; três instrumentos essenciais que são empregados em quase todas as artes e ofícios. Também conforme certa doutrina (dos Pedreiros), o primeiro instrumento simboliza a Justiça, o segundo a Equidade e o terceiro a Retidão. O anjo Gabriel, que indicou o caminho de Dotán a José, quis dizer-lhe: Sé trabalhador, equitativo e direito; e não te perderás jamais, pois encontrarás teus irmãos*”!

No versículo B37:18 está escrito: “*E viram-no de longe, e antes que se chegasse a eles, tramaram matá-lo*”. **Prezado Pedreiro, a quem devemos temer?** A nossos inimigos e a nossos Irmãos. Nos comentários de Torá Sefer nas páginas 108 e 109 encontramos que “*Os nossos maiores inimigos são aqueles que nos conhecem de longe; longe de nos conhecer conspiram contra nós, sem se dar a oportunidade para nos conhecer de perto. E se indagarmos qual a razão deste ódio fanático, dessa sórdida e vil inveja? A justificativa e a motivação psicológica encontramos a história de José: “E disse cada um a seu irmão: Eis que aquele dono dos sonhos vem”*”.

Este ato, portanto, não descreve apenas uma distância física, mas uma distância espiritual e emocional. No Tanya (Cap. 32), isto é descrito como o principal erro nas relações humanas, posto que “*A causa de todo ódio e separação é enxergar apenas a casca externa do outro*.”

Continuando com os comentários da Torá, temos que: “*O mundo realista e materialista, que vendeu a sua alma ao bezerro de ouro, o mundo incrédulo, ególatra e egocêntrico, não pode tolerar um povo que sonha, um povo que aspira a ideias elevados. E apesar de não impedirem ninguém de sonhar e de cultivar ideias sublimes, invejam-nos pelos simples fatos de nós idealizarmos um mundo melhor, um mundo em que os povos deixarão de odiar-se mutuamente, um mundo em que grandes e pequenos povos encontrarão uma linguagem comum, e deixarão de autodestruir-se com guerras frias e quentes*”. Tornar feliz a humanidade.

Tudo que acontece em nossas vidas tem a permissão do Eterno. O Rebe ensina que é tolice ficar zangado, não porque o outro tem razão, mas porque você nunca está sozinho. Devemos nos lembrar de que nada existe além Dele. Como Pedreiros sabemos, a raiva prejudica apenas a si mesmo, não ao outro. Além disso, ela bloqueia a Providência Divina. O Tanya Cap. 27 destaca que a ira é idolatria. Quando uma pessoa se enfurece, esquece-se do verdadeiro autor, D’us, e acaba dando ao outro um poder sobre sua vida que deveria pertencer somente a D’us; isso é idolatria.

3.(Vayêshev) – Gênesis 37:23-36 – “Dois dos irmãos de Yossef, Shimon e Levi, sugeriram matá-lo, mas Reuven (Rúben), o irmão mais velho, propôs que ele fosse jogado num poço, deixando o seu destino nas mãos da Divina Providência. Repleto de serpentes e escorpiões. O poço escolhido estava seco e repleto de serpentes e escorpiões. Evitar a negatividade. O poço estava vazio de água.

Alegoricamente, o poço representa a mente humana, e a água, a Torá. O episódio conta-nos que a maneira mais segura de manter a mente livre de ‘serpentes e escorpiões’ - noções negativas e destrutivas - é assegurar-se de que ela esteja sempre repleta de conteúdo da Torá, porque a Torá de D’us é íntegra, restaura a alma”.

“Dois dos irmãos de Yossef, Shimon e Levi, sugeriram matá-lo”. É importante lembrarmos que na Parashat anterior Simeão e Levi simbolizam o risco de reagirmos sem pensar e acabarmos

ultrapassando os limites da justiça, transformando-a em vingança. Ou seja, um procedimento semelhante novamente toma conta da mente destes dois irmãos em especial. Este julgamento de quem somente conhece o problema de longe, certamente, influenciou a decisão tomada pelos outros irmãos.

Se olharmos para a tradução do texto hebraico do versículo B37:24, podemos associar ao que acima foi descrito. (וַיִּקְחוּהוּ וַיִּשְׁלְכוּ אֹתוֹ בְּכֶרֶךְ וַהֲבֹרֹר לֹק אֵין בּוֹ מַיִם) – “E eles o pegaram e o lançaram na cisterna; e a **cisterna** estava **vazia**, não havia nela água”. Os Patriarcas e a educação, pg. 238.

Quando os irmãos de José o jogam em uma cisterna vazia e sem água, simboliza um ocultamento espiritual da alma de uma pessoa. A Torá é associada a água, portanto, sem água é sem Torá e, aparentemente, sem o sustento Divino. A Cabala indica que isso representa uma queda interna da alma da próprio Pedreiro. A alma é lançada em um lugar relacionado à dúvida e ao medo, provocados por aqueles que a pessoa mais amava, no caso seus irmãos. Este vazio que José sentia, ainda se configurou mais intenso porque, a cisterna continha serpentes e escorpiões, que representam forças negativas latentes, prontas para atacar quem ali estivesse. [Yosef e Seus Irmãos – O Poço e a Venda Yeshivat Har Etzion](#)

Mas, a Cabala também nos fala que para atingirmos estágios espirituais mais elevados, temos de experimentar a queda. O poço, portanto, não é o fim. Na realidade é o princípio da ascensão. A cisterna funciona como um divisor de águas espiritual. Assim, é no escuro, ou no deserto, que a alma pode despertar para sua verdadeira dimensão. José vê que a vida está além da cisterna. Ele acredita na Providência Divina. Ao ser retirado da cisterna sem ferimentos, José experimentou um milagre que foi decorrente da falta de proteção produzida pelo Ser Humano, seus irmãos, que se transformou em salvação graças à intervenção Divina. Joseph's Brothers Throw Him into the Pit in www.chabad.org e no Bereshit Rabá 84: 15 e 16 in www.sefaria.org.

A associação entre a forma com que Simeão e Levi procederam, juntamente com seus irmãos que, de fato, não conheciam José, e o que ocorreu a vista de todos que estavam ao redor da cisterna, quando José foi retirado de lá ileso, pode ser compreendida quando olhamos para o Salmo 19:08: “A lei do Eterno é perfeita e reconforta a alma; verdadeiro é o testemunho do Eterno, que torna sábio o mais simples”. José foi ao fundo do “poço” e transformou-se. Ao sair estava pronto para iniciar um novo ciclo em sua vida.

4.(Vayêshev) – Gênesis 38:01-30 – “Yehuda convenceu seus irmãos a venderem Yossef como escravo. Em seguida, enviaram a Yaacov a túnica de Yossef manchada com sangue de cabrito. Yaacov, inconsolável, ficou de luto pela morte de Yossef. Em seguida, os irmãos se afastaram de Yehuda por não insistir que eles trouxessem Yossef a Yaacov. Yehuda saiu de Chevron, casou e teve três filhos. Ele casou o seu filho mais velho com Tamar, que estava ansiosa em gerar um descendente de Yehuda. Quando o primogênito de Yehuda morreu, ele casou seu segundo filho com ela. Quando seu segundo filho também faleceu, Yehuda teve receio em casar seu terceiro filho com Tamar e, aí, ela se disfarçou de prostituta para envolver a seu sogro e conceber um filho dele. O propósito do mal. Yehuda chamou o filho primogênito de Tamar de Peretz.

Mashiach é descendente de Yehuda por meio de Peretz, o filho que ele teve com Tamar. Para entender por que foi necessário para Mashiach vir ao mundo desta maneira aparentemente escandalosa, precisamos lembrar que D’us somente criou o mal para que haja o livre-arbítrio. Para que exista o livre-arbítrio, as forças do mal e do bem devem estar perfeitamente balanceadas.

Quando a linhagem messiânica estava próxima de vir ao mundo, as forças do mal ‘argumentaram’ que isso causaria um desequilíbrio nas forças desfavorável a elas. Por isso, a união de onde nasceria o antepassado de Mashiach teve que acontecer de maneira que as forças do mal a considerassem benéfica para elas. Assim como, em uma estratégia militar, um exército algumas vezes simula retirar-

se para colocar o inimigo em uma posição vulnerável, neste caso, as forças da santidade concederam uma aparente vitória às forças do mal através deste ato com o objetivo de obter a vitória final”.

Penso que é muito importante nos atentarmos para os detalhes dos acontecimentos. Mínimos detalhes tem consequências imensas. Atualmente, existem endereços eletrônicos que antes da palavra “com”, tem, obrigatoriamente, um ponto “.”. Se nos esquecermos deste detalhe (ponto) a mensagem nunca chegará ao seu destino. Portanto, o fato deste capítulo estar aparentemente desconectado da história de José, nos parece somente um detalhe. Porém, este e outros capítulos da Tora vão descrever a queda, a ocultação, a vergonha, o erro, a reparação e a revelação, posto que estes temas fazem parte desta caminhada em direção a união de Jacob (alma Divina) e Esaú (alma animal).

Judá aconselha seus irmãos a venderem José como escravo. E assim os irmãos o fazem. Mas, logo em seguida os irmãos de Judá se afastam dele e Judá se retira daquele local. Judá desce, portanto, de sua posição de líder que exercia entre os irmãos. Mas, a queda é decorrente do erro coletivo dos irmãos de José. E, evidentemente, Judá teve uma participação muito importante. Comparativamente, José é lançado ao poço e desce ao Egito, por outro lado, Judá também desce moralmente e espiritualmente. Essa queda não é acidental, porque a linhagem messiânica só pode emergir de alguém que enfrentou sua própria sombra, que experimentou a queda e o arrependimento verdadeiro.

Er e Onán, filhos de Judá, são descritos como “*maus aos olhos de D’us*”. Eles falham porque rejeitam a missão espiritual de perpetuar uma linhagem elevada. Er, cujo nome significa “*acordado*”, é destruído por não despertar para sua missão. Onán (אֹנָן) desperdiça a semente (אֹנְנוּת), isto é, desperdiça o potencial de continuidade espiritual. Assim, os dois primeiros vasos que receberam a Luz da Santidade, para estabelecer a linhagem, falharam e os recipientes se quebraram. A quebra destes vasos (a morte dos dois filhos) elimina “*linhas espirituais inapropriadas*”, preparando o caminho para Tamar, cuja alma pertence ao nível de retidão capaz de abrigar (vaso) a luz messiânica.

Tamar, cujo nome significa palmeira, é, portanto, símbolo de retidão e representa a alma elevada que quer participar da construção da redenção (Salmo 92:13). Ela sente que, pela tradição da família de Shem, que a linhagem de Mashiach viria de Judá. Por isto insiste em permanecer unida a casa.

Quando Judá se encontra com Tamar, sem reconhecer sua identidade, interpretações tradicionais (o Rebe - acima) sugerem que forças negativas atuam para impedir a continuidade da linhagem messiânica. Para superar essas barreiras, a manifestação da Luz ocorre em circunstâncias aparentemente transgressoras, evitando assim bloqueios por parte dessas forças. O ato entre Judá e Tamar tem aparência de caos, mas em essência é redenção.

Tamar pede três símbolos para Judá como garantia. Estes estão associados primeiro a identidade espiritual associada, ou seja, o selo. O cordão mostra a ligação de Tamar com a família de Judá e sua descendência. E por fim, o cajado mostra a autoridade e liderança que é exercida por Judá e se perpetuará por meio de sua descendência. Quando Tamar é acusada, Judá age inicialmente como alguém que quer preservar sua honra. Mas, quando confrontado, ele não se defende e diz: “*Ela é mais justa do que eu*”. Esta frase nos mostra a verdadeira Teshuvá (retorno) que está explícita na Torá. Tal como José experimenta o declínio antes da ascensão, Judá passa pela queda para que haja correção. Esses processos são fundamentais para o desenvolvimento espiritual de Israel enquanto povo.

Tamar tem dois filhos. Zerach que significa brilho (זֶרַח), é o bebê cuja mão sai primeiro. Ele representa a luz revelada, que todos nós precisamos enxergar cada vez mais. Peretz que significa ruptura (פֶּרֶץ), é àquele que força seu caminho e representa, assim, a luz que rompe limites, que é a luz messiânica. A luz messiânica rompe padrões. Por isso, Peretz torna-se o ancestral do rei David e, consequentemente, de Mashiach. Os gêmeos surgem de uma união improvável, marcada por ocultação, queda e retificação. <https://www.sefaria.org/Sotah.10b.3?lang=bi>.

Vou dar um pequeno salto que penso ser relevante por estar associado ao conjunto de versículos acima selecionados pelo Rebe. Em B38:24 está escrito: “*E foi ao cabo de três meses e foi anunciado a Judá, dizendo: Adulterou Tamar, tua nora, e está grávida por adultério. E Judá: Tirai-a e que seja queimada*”.

Nos comentários da Torá Sefer na pg. 112 encontramos: “*Que seja queimada – Essa sentença de morte pelo fogo é explicada pelo Midrash: Tamar era, na verdade, filha de Sem e, como este era um sacerdote, aplicou-se contra ela a lei correspondente (vide Vayikrá - Levítico 21:09). Outra justificativa era o fato de Tamar ser nora de uma pessoa tão proeminente como Judá. Seu comportamento adúltero merecia, portanto, uma punição exemplar, para que não pairasse qualquer dúvida sobre a imparcialidade de Judá*”.

Segundo o Livro Os Patriarcas e a Educação, encontramos na página 231 a seguinte informação: “*Para expressar seu amor por Iossef, Iaacov decidiu fazer uma Ketonet Passim (כתנת פסים), uma túnica com mangas compridas, e lhe dar de presente. A rashê tevot da palavra (פסים) (Passim) mencionam as quatro pessoas que compraram Iossef até ele chegar ao Egito (B37:28 e 36).*

- (פ) A letra Pei simboliza Potifar (פוטifar)
- (ס) A letra Samech simboliza Sacharim (סחרים) - Comerciantes
- (י) A letra Yud simboliza Ishmeelim (ישמעאלים) - Ismaelitas
- (ם) A letra Mem (sofît) simboliza Midianim (מדיינים) – Midianitas.

Aprendemos deste episódio que um pai não deve fazer distinções entre seus filhos, nem um mestre entre seus alunos. É sabido que pode haver inveja entre os filhos, por natureza, o que provoca brigas e desentendimentos entre eles. Portanto, temos que dialogar sempre com eles, para que possamos evitar certas situações desagradáveis e desnecessárias, como também, maus entendimentos”.

Continuando na mesma página encontramos que “*a palavra passim (פסים) alude aos 80 anos que Iossef reinou no Egito, pois se dividirmos esta palavra em duas (פ + סים), obteremos: (פ) tem a Guematria de 80 e (סים) tem a Guematria de 60+10+40=110, que são os anos de vida de Iossef (B50:26)*”.

Veja que seguindo a leitura da Torá, nos deparamos com uma mosca. **Que importância uma mosca tem sobre os acontecimentos?** No livro anteriormente citado e na página 246, encontramos a importância da mosca no desenrolar de parte da história de José no Egito. Ou seja, até mesmo um insignificante inseto (mosca) foi guiado pelo Eterno D’us e propiciou uma sequência de eventos, a saber: “*Em B40:01 vemos que o copeiro foi culpado e mereceu ser preso (B40:03) porque o Faraó encontrou uma mosca dentro de seu copo de vinho.*

Quem imaginaria o que poderia acontecer por causa de uma simples mosca! Se não fosse por ela, o copeiro não seria preso, e não fosse preso, não sonharia justo naquele local, onde estava Iossef. Se ele não sonhasse Iossef não seria famoso por ser um grande interpretador de sonhos, e se Iossef não fosse famoso por isso, o Faraó não iria tirá-lo da prisão.

Se o Faraó não tivesse tirado Iossef da prisão, o Faraó não iria sonhar e seu sonho desvendado. Sem seu sonho desvendado, Iossef não iria ser o vice-rei do Egito. Se Iossef não fosse o vice-rei do Egito, não iria trazer o seu pai Iaacov, com sua família para lá, e se eles não fossem para o Egito não seriam escravizados pelo Faraó.

Se não fossem escravizados, Moshê Rabenu não iria aparecer para salvá-los etc. Tudo se deu por causa de uma simples mosca. D'us precisava apenas de uma simples mosca para que TUDO isto acontecer!”

Prezado Pedreiro! A Torá está repleta de detalhes, descrições muitas vezes aos mínimos detalhes de eventos. Existe a apresentação de longas listas de descendentes, ou a repetição de listas de príncipes que oferecem presentes etc. Sentimos as vezes um cansaço ao ler tantos detalhes. **Mas, por que existem tantos detalhes preservados na Torá?** Porque sem a mosca ou ponto em uma moderna mensagem, a mensagem não chega ao seu destino. O Eterno D'us nos mostra a todo o momento, seja na mosca ou em um simples ponto em uma mensagem de internet, Ele está presente. E existem mensagens que estão por detrás destes pequenos detalhes.

5.(Vayêshev) – Gênesis 39:01-06 – “Neste meio tempo, Yossef foi vendido como escravo para o egípcio Potifar, o chefe dos açougueiros do faraó. Potifar reconheceu a inteligência, integridade, piedade e porte real de Yossef o encarregou administrar seus assuntos domésticos. Cuidar de nossa beleza interior. Yossef era belo de porte e de semblante.

A beleza física de Yossef era um reflexo de seu interior, de sua beleza espiritual o seu compromisso inquebrantável com os ideais da Torá. Em virtude de sua própria perfeição espiritual, ele foi capaz de cumprir com sua missão Divina: trazer os ‘outros’ para ficarem mais próximos de D'us.

Assim como Yossef, todos nós somos convocados a aproximar as pessoas de D'us. Para obter o mesmo êxito que Yossef, devemos tentar ser, como ele, espiritualmente ‘belos de porte e de semblante’. Isto não significa que devemos esperar até atingir a nossa perfeição espiritual para podermos aproximar os outros de D'us; a perfeição é relativa e, comparados com aqueles que sabem menos que nós, já somos ‘belos’ o suficiente para inspirá-los. Contudo, devemos lembrar que, se negligenciarmos nosso próprio crescimento espiritual, outros vão percebê-lo e estarão menos propensos a serem influenciados por nossas palavras”.

Como, usando o conhecimento que temos hoje, poderíamos compreender melhor o porquê José procedeu da forma que procedeu no Egito? {A humanidade desenvolveu instrumentos que permitem que a voz de uma pessoa que fala em um lugar seja imediatamente ouvida em lugares distantes. De fato, até nos confins da terra e mesmo na lua. Mais recentemente tornou-se possível também ver a pessoa e todas as suas ações. Esse avanço na ciência natural, fornece uma maneira de compreender e até mesmo visualizar como há “*um Olho que vê e um Ouvido que ouve*”, observando tudo o que se faz. Se olhos e ouvidos físicos são capazes de ver e ouvir instantaneamente o que se passa através do globo, muito mais ainda podemos entender como nossas ações e palavras são vistas e ouvidas pelos “*Olhos e ouvidos*” do Alto, como declara o Salmista 94:09: “*Aquele que implanta o ouvido não ouviria? Aquele que forma o olho não veria?*”. E para D'us não há nenhum limite. Assim, pode-se entender que tudo o que a pessoa faz, até dentro do mais secreto dos lugares, é percebido instantaneamente pelo “*Olho que vê e pelo Ouvido que ouve*”. Consequentemente, pode-se entender então que “*todos os seus atos estão inscritos em um livro*”.

Uma vez que a pessoa tem um exemplo quase tangível deste conceito que ela pode ver e se relacionar ao meditar sobre como “*D'us está sobre ela ... e observa e examina suas entranhas e coração para ver se ela está Lhe servindo adequadamente*”, sua compreensão não será meramente abstrata e intelectual (o que não necessariamente motiva a pessoa a implementar uma mudança significativa), mas será apreciada e sentida concretamente. Quando a pessoa se identifica com a ideia e consegue visualizá-la com sua imaginação, isto afeta suas emoções - e até mesmo seus pensamentos, palavras e ações - em um grau muito maior}. Likutei Sichot, vol. 1, p. 79-80.

6.(Vayêshev) – Gênesis 39:07-23 – “A esposa de Potifar viu por meio da astrologia que ela estava destinada a ser a ancestral dos descendentes de Yossef. Como não sabia que isto ocorreria através de sua filha, ela buscou seduzi-lo. Enfrentando a tentação. Yossef disse à esposa de Potifar: ‘Como poderia eu cometer esta grande maldade e pecar contra D’us?’.

Como era escravo, Yossef obviamente estava à mercê da esposa de seu amo, que o intimidou com todo tipo de ameaças, inclusive a morte, caso ele não cedesse à sua sedução. Mas, quando Yossef viu uma imagem da face de seu pai, Yaacov, diante de si, ele compreendeu que sua obrigação era resistir às tentações dela. O rosto de Yaacov lembrou a Yossef que pecados individuais não são apenas uma questão pessoal, de modo que se possa encontrar justificativas atenuantes, e sim, afetam o equilíbrio moral de toda a realidade.

Quando nos confrontamos com a tentação de pecar, podemos nos convencer de que ninguém vai ficar sabendo disso, ou de que isso seria tecnicamente justificável, ou de que sucumbir à tentação seria só um revés temporário e que, depois, poderíamos nos arrepender e nos desculpar e assim por diante. Nestes momentos, devemos ‘visualizar a imagem de Yaacov’ e lembrar que nossos atos não são ações individuais meramente isoladas no tempo e espaço. Nossos atos têm ramificações cósmicas: eles podem provocar danos ou trazer a cura para o mundo inteiro”.

José representa Yessod (fundação / base). O manto colorido recebido por José de seu pai representa as cores das diversas energias superiores canalizadas. José tinha sonhos proféticos a noite. José controla seu impulso sexual quando dos assédios da esposa do Potifar. José consegue uma solução econômica para o Egito, levando ao sustento da população. José conseguia se conectar a Tifereth (equilíbrio), lembrando de seu pai Jacob e não caindo na tentação sexual. **Mas, no fundo o que é Yessod?** Yessod é a uma ponte por onde transitam as mensagens em ambas as direções (superior ⇌ mundo físico). Yessod também está ligado à nossa inteligência financeira (sustento) e energia sexual.

Segundo Rashi (39:07), a esposa de Potifar acreditava, por meio da astrologia, que seu destino era fazer parte de forma direta da linhagem de José. Portanto, ela usou de justificativas parciais para sustentar sua atitude equivocada. Em nosso interior, ela representa o hábito de criar razões aparentemente nobres para mascarar interesses egoístas. Muitas vezes, pensamos ‘eu mereço isso’, ‘tenho um bom motivo’, ou até mesmo ‘este erro não é tão grave’. A esposa de Potifar simboliza, portanto, a justificativa bem construída de um desejo pessoal camuflado como destino.

Vamos olhar para o ambiente o qual José estava imerso. Ele era escravo, estrangeiro, estava sozinho e cercado de violência. A Torá apresenta-nos a luta dentro do Ser Humano quando este está em uma posição vulnerável. Além de estar sozinho, José estava pressionado e emocionalmente carente, pois estava longe de sua família e, pior, havia sido tornado escravo por seus próprios irmãos. **O que será que passou pela mente de José?** Vou satisfazer meus impulsos sexuais. Lembremo-nos que ele era um jovem de menos de 20 anos. Mas com isto, José deveria trair a confiança que Potifar havia depositado nele? Ou seja, deveria se corromper? Portanto, foi necessária uma força interior enorme para resistir ao colapso moral.

O Talmud Bavli, Sotah 36b ensina que, no momento da tentação, José viu o rosto de Jacob (Tifereth), fazendo-o retornar ao equilíbrio. Imediatamente penso que surgiu na mente de José os pensamentos ‘eu não sou isso’, ‘não posso destruir quem eu sou’ e/ou ‘há um propósito maior na minha existência’.

Depois de resistir, José é preso injustamente. Mas, isto nos apresenta contrastes imensos, pois mesmo quando fazemos o certo, resistimos ao erro e escolhemos a integridade, a vida nem sempre melhora imediatamente. Neste caso de José, piorou e muito. Mas, como a Cabala nos ensina, precisamos cair (morrer) para podermos nos transformar. A humildade aparece, os talentos se refinam e a pessoa se torna capaz de se tornar maior e melhor, pois está imune as armadilhas que o ego é capaz de preparar.

7.(Vayêshev) – Gênesis 40:01-23 – *“Frustrada por ter fracassado em sua tentativa de seduzir Yossef, a esposa de Potifar o caluniou, de modo que Potifar o jogou na prisão. Lá, Yossef também ascendeu rapidamente a uma posição de responsabilidade. Pouco tempo depois, o chefe dos copeiros do faraó e o chefe dos padeiros também foram encarcerados. Na manhã seguinte, ambos tiveram sonhos perturbadores. Yossef percebeu a ansiedade deles e se ofereceu para ajudá-los. Eles contaram seus sonhos a Yossef, que os interpretou corretamente: afirmou que em três dias o copeiro retornaria a seu cargo e o padeiro seria executado. Yossef pediu ao copeiro que falasse com o faraó a seu favor, assim que fosse libertado, mas o copeiro esqueceu dele. O poder da ação. Yossef perguntou aos servos do faraó: ‘Por que hoje vocês estão com os rostos tão abatidos?’.*

Yossef sofreu terríveis humilhações. Teria sido lógico mergulhar em sua própria dor e maldizer o mundo; porém, ele não ficou amargurado. Yossef permaneceu sensível às outras pessoas e à sua missão Divina na vida; não somente buscou diminuir a angústia dos servos do faraó, como os ajudou. Para ele, o fato de que D’us o tivesse levado a perceber a necessidade de uma pessoa indicava que era seu dever ajudá-la.

Como resultado desta aparentemente pequena boa ação, Yossef se tornou o vice-rei do Egito e conseguiu salvar o mundo da fome. Vemos aqui, uma vez mais, que consequências inimagináveis - por sua grande extensão podem resultar de uma pequena boa ação”.

José foi preso de forma injusta, mas a Torá afirma que “D’us estava com José” (B39:21). Esse ensinamento revela que, mesmo em momentos de dificuldade, existe uma centelha Divina capaz de elevar a pessoa. Decorrente disto, José conquista a confiança do chefe da prisão, mostrando que a força interior do justo permanece viva, independentemente das circunstâncias, influenciando positivamente o ambiente ao seu redor. O Zohar nos ensina que a luz da alma brilha mais intensamente quando rodeada de ocultamento. [Full Zohar Online - Vayeshev - Chapter 20](#)

José percebe os rostos abatidos dos servidores do Faraó e pergunta: “Por que hoje vossos rostos estão tristes?” (B40:07). O Rebe destaca que José teria todas as razões para estar absorvido em sua própria dor, mas escolhe olhar para o sofrimento dos outros. No Tanya Cap. 32, encontramos o princípio de Ahavah (אהבה) Israel (amor ao próximo israelita), que é a capacidade de ver a alma do outro antes de ver a si mesmo. Esse olhar de compaixão é fruto da percepção espiritual. Quando D'us nos coloca diante de uma pessoa necessitada, isso indica-nos de que há uma missão a ser realizada. Em seguida, José interpreta os sonhos e conduz os dois oficiais ao destino que a Providência já os havia preparado.

Mas, José ressalta que “As interpretações pertencem a D’us” (B40:08). O Tanya no Cap. 2 nos apresenta que o verdadeiro líder é aquele que se anula diante da origem da Sabedoria e se torna um canal transparente. Rashi 40:08 comenta que José enfatiza que não reivindica poderes próprios, mas age como mensageiro do Altíssimo. Assim, o que poderia ter sido arrogância torna-se humildade ativa a energia de bitul.

Obs.: O que significa Bitul? “A entrega da Torá abriu a possibilidade da alma animal, presente no Ser Humano, se elevar espiritualmente anulando-se (bitul – autoanulação) decorrente da anulação do decreto que separa os mundos espirituais superiores e os mundos físicos inferiores, permitindo a união entre a alma Divina e sua alma animal. Porém, essa vantagem contém uma desvantagem. O bitul não deriva da própria alma animal, mas vem em consequência da revelação da alma Divina dentro da alma animal. O desejo de D’us é que seja feita uma morada para Ele nos mundos inferiores, mas sem que ocorram influências que a afetem de forma externa, por exemplo, decorrente da descoberta da natureza de sua própria verdade essencial. Mas, que seja como expressão de sua própria natureza interior. A intensão final é que o bitul (autoanulação) seja completo e que derive do próprio mundo físico. Ou seja, que seja decorrente do próprio mundo”. Likutei Sichot pg. 49-51.

Penso que a autoanulação realizada por José é semelhante à descrita acima e é mais um degrau que ele conseguiu subir na sua evolução espiritual.

O copeiro foi restaurado a seu posto e o padeiro executado (B40:12–22), tal qual José havia dito ao interpretar os sonhos. Lembremo-nos que José está associado à Yessod. Yessod é a uma ponte por onde transitam as mensagens em ambas as direções (superior $\Leftrightarrow$ mundo físico). No fundo, é por isso que José tem o dom de interpretar sonhos. [Full Zohar Online - Vayeshev - Chapter 23](#)

Apesar do pedido de José, o copeiro “*não se lembrou dele, e o esqueceu*”. B40:23. O Rebe, porém, interpreta esse esquecimento como parte essencial do desenrolar da Providência. Se o copeiro tivesse falado imediatamente, José seria libertado numa posição irrelevante; mas ao ser libertado no momento do sonho de Faraó, ele ascenderia ao posto de vice-rei do Egito. Na dimensão interna da alma, isto ensina que quando a libertação espiritual parece atrasar-se, não é fracasso, mas providencia. D’us organiza o cenário ideal para que a redenção aconteça no momento perfeito. G-d and the Butler in [G-d and the Butler - Inner Stream - Parshah](#).

Segundo o Rebe, a chave (de marfim) do capítulo é o momento em que José decide perguntar: “*Por que estão tristes?*” Mais uma vez um pequeno detalhe, neste caso de empatia, precipita toda a cadeia que o leva ao trono. O ensinamento é que a pessoa nunca sabe qual mínimo gesto vai transformar a história. Veshinantam 2022, Parashat Vayêshev 5783, pg. 45.

11 - Parashat Mikets – José Transforma-se em Vice-rei

Sinopse

O faraó sonhou com animais e cereais, mas não com trabalho. Os sonhos de Yossef, ao contrário, começavam com uma imagem de trabalho, com os irmãos reunindo feixes de trigo no campo. Portanto, o trabalho modifica o ambiente em que está sendo realizado. José transforma positivamente o ambiente ao seu redor, mesmo diante de desafios extremos, como ser tirado da masmorra e ficar diante do faraó. O verdadeiro crescimento acontece quando a pessoa constrói recipientes (vasos) fortes o suficiente para receber e preservar a abundância espiritual quanto material (bençãos). ***Os sonhos de Yossef e do faraó acabaram levando ao exílio do povo israelita no Egito. O exílio foi causado pelos sonhos porque ele, por si só, é como um sonho. Num sonho, situações conflitantes e contraditórias podem coexistir. Do mesmo modo, nosso comportamento no exílio parece hipócrita: o altruísmo e o egoísmo coexistem quase que simultaneamente.*** Mas, isto ocorre como consequência das contradições que se manifestaram na própria família de Jacob, ou seja, ódio infundado e fraternidade, inveja e grandeza e/ou pecado e retificação. O exílio é, portanto, uma etapa necessária para transformar essas contradições internas. José interpreta corretamente os sonhos, organiza os elementos caóticos, descobre suas mensagens e utiliza-os para gerar redenção. ***O faraó ficou tão impressionado com a capacidade de Yossef de interpretar os seus sonhos que o nomeou vice-rei do Egito, a fim de habilitá-lo a implantar seus planos*** Como o Faraó sabia que Iossef era a pessoa certa para governar o Egito? O faraó não identificou apenas um bom gestor, mas a pessoa cuja essência estava espiritualmente ancorada no próprio cenário simbólico que D'us utilizou para comunicar o futuro. Nessa chave, a ascensão de José não resulta de mérito ocasional, mas de um alinhamento profundo entre identidade, missão e Providência Divina. O sonho revela, portanto, quem deve governar. É José, pois está na mensagem proveniente dos sonhos. ***Seguimos o exemplo de Yossef quando nos mantemos espiritualmente não contaminados pelo nosso ambiente materialista sendo capazes, até mesmo, de refiná-lo. Ao fortalecer nosso comprometimento com o judaísmo, influenciamos nossos companheiros judeus a fazer o mesmo. Além disso, influenciamos a comunidade não judaica, ao nosso redor a seguir as leis da Torá que a ela se aplicam. Desta maneira, transformaremos o mundo inteiro numa moradia para D'us***". O que de fato está sendo realizado pelas pessoas narradas acima? O que de fato devo fazer neste momento de minha vida? Vencer as minhas paixões e submeter a minha vontade ***Yaacov estava relutante em enviar Binyamin, mas seus outros filhos convenceram-no e ele não teve alternativa. Então, Yaacov aceitou, mas antes fez uma oração pelo sucesso deles. Milagres naturais. Após preparar o presente para enviar a Yossef, Yaacov orou: 'E que o D'us Todo-poderoso dê piedade a vocês diante do homem'.*** Embora os filhos tenham preparado presentes e dinheiro dobrado (canais naturais), Jacob ensina que a oração não é recurso de último caso, mas fundamento primário. Mesmo quando o desfecho parece provável, o controle último pertence a D'us. É a integração entre o esforço humano e a confiança em D'us (Bitachon) (בְּיָטָחוֹן). ***Yossef falava asperamente com seus irmãos, mas algumas vezes tratava-os de maneira bondosa, na tentativa de prepará-los gradualmente para quando lhes revelasse sua identidade. Assim, quando retornaram com Binyamin, Yossef já havia preparado um banquete para eles. Hospitalidade vs. Austeridade. Yossef disse ao capataz de sua casa: 'Você deve abater e preparar os animais, pois estes homens comerão comigo'.*** A presença de Binyamin no banquete é decisiva. Ele representa a inocência não ferida e testa se os irmãos aprenderam a proteger o mais frágil e não a sacrificá-lo. José ensina que a austeridade é uma virtude quando aplicada a si mesmo, enquanto a hospitalidade é uma obrigação quando lidamos com o outro. Isso equilibra rigor e misericórdia e constrói confiança e dignidade. Ao preparar um banquete antes de se revelar, José demonstra que a reconciliação verdadeira nasce não da humilhação, mas da generosidade responsável, aquela que eleva tanto quem oferece quanto quem recebe. ***O presente do amor. Yossef disse: 'Coloque meu cálice o cálice de prata no topo da bolsa de Binyamin, o mais jovem. Yossef sabia que os israelitas ficariam no exílio por um longo tempo, e nem todos possuiriam o mesmo nível de consciência Divina que possibilitou a ele prosperar espiritualmente mesmo no Egito.*** O Rebe nos apresenta que o cálice de prata é um presente do amor. José entende que, no futuro, apenas

um amor forte por D'us poderá vencer o materialismo do Egito, algo que nem todos terão naturalmente. Por isso, ele transmite esse sentimento para Benjamim, o irmão mais íntegro, para que este sentimento se espalhe entre os demais. O cálice, assim, representa o despertar de um profundo desejo espiritual que irá, na hora certa, possibilitar a libertação dos israelitas da escravidão no Egito e, conseqüentemente, o futuro recebimento da Torá.

1.(Mikets) – Gênesis 41:01-14 – *“Em seu primeiro sonho, o faraó viu sete vacas gordas emergirem do rio Nilo e serem seguidas por outras sete vacas magras que as devoraram. No segundo sonho, ele viu sete espigas robustas e saudáveis serem devoradas por sete espigas raquíticas. O preço de um almoço gratuito. O faraó despertou e percebeu que o que havia visto era um sonho. O conteúdo dos sonhos do faraó diferia profundamente dos de Yossef.*

O faraó sonhou com animais e cereais, mas não com trabalho. Os sonhos de Yossef, ao contrário, começavam com uma imagem de trabalho, com os irmãos reunindo feixes de trigo no campo.

Isto reflete a diferença entre como D'us provê o sustento para as pessoas Divinas (que se conduzem de acordo com Sua vontade) e para as que não são tão Divinas. D'us provê o sustento das pessoas Divinas de forma direta, como uma merecida recompensa por seu trabalho e esforço honesto de conduzir-se de acordo com a Sua vontade. As pessoas que não-são-tão-Divinas, no entanto, relutam diante da ideia de autodisciplina e trabalho; conseqüentemente, D'us as sustenta somente porque Ele tem que fazê-lo, para que elas possam seguir existindo. Além do mais, o sustento ganho sem empenho é uma bondade defeituosa, uma vez que a natureza humana não aprecia verdadeiramente o que se recebe sem esforço.

Do mesmo modo, quando estamos tentados a pensar que podemos ter sucesso sem trabalho duro, devemos reconhecer que tais ideias vêm de nosso lado não tão Divino (nossa alma animal). Igualmente, qualquer coisa que recebemos 'gratuitamente' ou é deficiente ou não perdurará”.

A Torá nos mostra que os sonhos do faraó apresentam uma ruptura da ilusão que o conforto e a autossuficiência induzem. O Rebe destaca que os sonhos do faraó não contêm o trabalho. Por exemplo, as vacas saem do Nilo e as espigas apenas existem, mas ninguém as cultiva ou cuida delas.

Já os sonhos de José começam com a imagem do campo, com ele e seus irmãos colhendo, organizando e unindo feixes, portanto, trabalhando e se envolvendo no processo. Os sonhos do faraó refletem uma visão de sustento que surge sem esforço, como um almoço gratuito (pão da vergonha). O Rebe explica que isto é um retrato da diferença entre quem recebe sustento como resultado de seu esforço e quem o recebe apenas porque D'us, em Sua bondade, mantém a existência mesmo daqueles que não se alinham com Sua vontade. [G-d and the Butler - Inner Stream - Parshah](#)

A mentalidade de receber sem esforço produz a incapacidade de valorizar a bênção recebida e provoca instabilidade interior. A Cabala apresenta que o esforço purifica os vasos, ampliando a capacidade de receber a Luz Divina. Como visto na Parashat Vayetsê, quando a Luz vem sem o vaso estar preparado, ela se perde ou causa ruptura. Por isso, as espigas secas devoram as cheias, o que significa que o vazio interior consome a abundância exterior. Esse princípio é também afirmado nos Salmos, que mostram que a prosperidade sem propósito moral conduz à queda. Por exemplo, podemos tomar o Salmo 37 onde encontramos que 37:01-02 “*murcham como a erva*”, ou 37:09 “*por pouco não existirá mais*” e 37:36 “*o perverso prospera, mas logo desaparece*”.

Quando o copeiro finalmente menciona José, o texto diz que faraó “*o tirou rapidamente da masmorra*” (B41:14). Isto produziu um grande contraste na vida de José. Anos de silêncio e esquecimento e no instante seguinte ele está diante do faraó. José foi chamado no momento adequado, de tal forma que sua sabedoria pudesse proporcionar um pouco de correção na questão do almoço

gratuito. O Rebe afirma que D'us, reteve José na prisão até que fosse possível a José emergir não somente como intérprete de sonhos, mas como governante.

https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/143035/jewish/The-Story-of-Joseph-in-the-Bible.htm

Ao analisarmos a Torá e o texto do Rebe, percebemos que os sonhos do faraó simbolizam passividade, pois ele depende de milagres silenciosos e acaba perdendo a bênção pela falta de recipiente. Já os sonhos de José, representa alguém que se dedica a sua missão pois sonha com feixes conquistados pelo trabalho e pela colaboração. Portanto, o trabalho modifica o ambiente em que está sendo realizado. José transforma positivamente o ambiente ao seu redor, mesmo diante de desafios extremos, como ser tirado da masmorra e ficar diante do faraó. O verdadeiro crescimento acontece quando a pessoa constrói recipientes (vasos) fortes o suficiente para receber e preservar a abundância espiritual quanto material (bençãos).

2.(Mikets) – Gênesis 41:15-38 – *“Apesar de ter sido evidente que os sonhos do faraó estavam relacionados com a economia do Egito, ninguém entre seus conselheiros conseguia explicar como as vacas gordas ou as espigas robustas poderiam existir ao mesmo tempo em que as raquíticas. Neste ponto, o copeiro lembrou que Yossef havia interpretado corretamente seu sonho na prisão e o mencionou ao faraó, que mandou chamá-lo. Yossef interpretou que a existência simultânea de anos gordos e magros significava que os grãos tinham de ser armazenados durante os anos fartos para serem utilizados nos tempos de escassez. A hipocrisia é um sonho. O faraó disse a Yossef: ‘Eu tive um sonho, mas não há quem possa interpretá-lo’.*

Os sonhos de Yossef e do faraó acabaram levando ao exílio do povo israelita no Egito. O exílio foi causado pelos sonhos porque ele, por si só, é como um sonho. Num sonho, situações conflitantes e contraditórias podem coexistir. Do mesmo modo, nosso comportamento no exílio parece hipócrita: o altruísmo e o egoísmo coexistem quase que simultaneamente.

Viver esta vida espiritualmente inconsistente é potencialmente frustrante. Podemos pensar que estamos sendo desonestos consigo mesmos. Considerando todas as nossas falhas, talvez acabemos sentindo que a nossa conexão com D'us não é real, que nossos esforços para avançar espiritualmente são definitivamente inúteis.

A conexão entre o exílio e os sonhos ensina-nos que, apesar de nossas ações às vezes parecerem hipócritas, não devemos nos render. Precisamos nos esforçar para viver o mais consistentemente possível, não desistindo por causa de alguns erros momentâneos. Os efeitos dos atos equivocados perduram apenas até que reparamos os seus danos; enquanto, os das boas ações duram para sempre”.

“Pela manhã, o faraó estava agitado, de modo que ele mandou chamar todos os necromantes (pessoas que se comunicam com os mortos) e sábios do Egito. O faraó contou-lhes seus sonhos, mas nenhum deles foi capaz de interpretá-los satisfatoriamente. Como a abundância agrícola do Egito dependia das cheias anuais do Nilo, as vacas e os grãos emergindo do rio eram símbolos óbvios do sustento material, e parecia plausível interpretá-los como indícios de anos sucessivos de fartura e escassez agrícola. Porém, os conselheiros do faraó foram confundidos pelo fato de que as sete vacas magérrimas e as sete vacas robustas estavam próximas umas das outras no sonho, uma vez que anos de fome e anos de fartura não podem ocorrer simultaneamente. Por outro lado, se as vacas e os grãos não simbolizavam períodos de produção agrícola, como se explicaria que o Nilo produzisse alimento sadio e alimento deficiente ao mesmo tempo? Consequentemente, eles ofereceram outras interpretações, como ‘Terás sete filhas saudáveis e sepultarás outras sete filhas’. É verdade que essas explanações ignoravam a aparição com destaque do Nilo no sonho do faraó, mas seus conselheiros supuseram que esse detalhe fosse uma das inexatidões inevitavelmente presentes em sonhos proféticos. Não obstante, o faraó sabia que tais interpretações não podiam estar certas, pois, como

soberano do Egito, estava ciente de que seus sonhos não possuíam significado apenas pessoal”. Rashi 41:08, pg.202.

Porém, quando José é chamado à presença do faraó, ele introduz uma nova variável na interpretação dos sonhos, que é o tempo como veículo da Providência Divina. Assim, sua interpretação revela que a coexistência é apenas aparente. Os dois estados de fartura e de escassez se desenrolam em sequência, e, portanto, a chave está na administração e no armazenamento. José redefine o sonho não como um enigma natural, mas como uma mensagem de Elohim.

A interpretação do Rebe destaca que os sonhos do faraó refletem uma condição do exílio, no qual paradoxos aparentemente irreconciliáveis convivem lado a lado, funcionando exatamente como nos sonhos. Assim como o faraó não compreendia como as vacas magras podiam devorar as gordas enquanto permaneciam magras, a vida espiritual no exílio parece conter contradições insolúveis. O altruísmo e o egoísmo podem coexistir dentro da mesma pessoa e com eventos semelhantes repetindo-se ao longo do tempo. Parashá Mikets I de Likutei Sichot pg. 526-536.

Espiritualmente significa que nossas quedas não anulam nossos méritos e que nossos méritos não nos tornam imunes a quedas. Ambos coexistem no Ser Humano. Encontramos no Salmo 1 o princípio cabalístico de que o bem é permanente, mas o mal é transitório. Ou seja, as boas ações têm impacto permanente, enquanto as más ações só persistem até serem reparadas - Teshuvá (תשובה).

A narrativa da Tora nos mostra que os sonhos conduziram a família de Jacob ao exílio no Egito. Mas, isto ocorre como consequência das contradições que se manifestaram na própria família de Jacob, ou seja, ódio infundado e fraternidade, inveja e grandeza e/ou pecado e retificação. O exílio é, portanto, uma etapa necessária para transformar essas contradições internas. José interpreta corretamente os sonhos, organiza os elementos caóticos, descobre suas mensagens e utiliza-os para gerar redenção. <https://www.zohar.com/zohar/Miketz/chapters/4>

Caro Pedreiro, essa narrativa não está em uma terra distante. Está dentro de nós mesmos. José e seus irmãos, o poço, a masmorra, o faraó, os sonhos, a interpretação realizada por José, o José que está dentro do poço e o José vice-rei, o exílio, a redenção etc., tudo isso está em nosso interior.

3.(Mikets) – Gênesis 41:39-52 – “O faraó ficou tão impressionado com a capacidade de Yossef de interpretar os seus sonhos que o nomeou vice-rei do Egito, a fim de habilitá-lo a implantar seus planos. Depois de torná-lo vice-rei, o amo anterior de Yossef, Potifar, concedeu a mão de sua filha em casamento. Durante os sete anos de fartura, Yossef teve dois filhos: Menashe (Manassés) e Efráyim (Efraim). Recordar para progredir. Yossef chamou seu primeiro filho de Menashe, e o segundo, de Efráyim.

Viver no exílio nos requer usar dois enfoques aparentemente contraditórios em relação ao mundo: por um lado, devemos estar constantemente atentos às influências prejudiciais; por outro, precisamos nos envolver com o mundo externo para influenciá-lo positivamente.

É claro que influenciar o nosso entorno é um desafio e uma realização de maior envergadura do que simplesmente manter nossos valores. Não obstante, devemos cuidar primeiro de manter nossos valores, porque se esquecermos de nossas raízes, não haverá mais nada que possamos contribuir ao mundo.

Os dois filhos de Yossef, nascidos e criados no Egito, personificavam esses dois aspectos da vida no exílio. Yossef chamou seu primogênito de Menashe (que significa o exílio faz esquecer) para não acabar esquecendo sua família e sua herança espiritual. E seu segundo filho, de Efráyim (que frutificará), para enfatizar que o nosso propósito neste mundo é influenciá-lo positivamente”.

Como o faraó sabia que Iossef era a pessoa certa para governar o Egito? Devemos lembrar que o faraó não era um qualquer. Ele sabia / falava 70 idiomas. Falava Hebraico, certamente e sabia de muitas das informações derivadas do pano de fundo que palavras em Hebraico Bíblico tem.

Assim, observando o que está escrito no livro Bereshit – Os Patriarcas e a Educação pg. 259, podemos encontrar o seguinte texto: *“Em Bereshit 41:33-36, Iossef sugeriu uma solução para resolver o problema da fome no Egito. Os comentaristas perguntam, por que Iossef deu conselhos ao faraó do que precisava ser feito? Afinal, ele não era conselheiro do faraó, e ele foi chamado apenas para interpretar seus sonhos, e voltar à prisão!*

Dentre as várias repostas, encontramos a que diz que este conselho fazia parte da própria interpretação do sonho. O próprio fato do faraó sonhar que sete espigas subiam numa só haste (Bereshit 41:05), e não sete hastes com uma espiga em cada haste, mostra que o faraó precisava escolher um homem entendido e sábio. Este homem era Yossef, a pessoa apropriada para dar os conselhos necessários. Como sabemos que Yossef era o homem certo? Pelas palavras canê echad (קנה אחד) - uma só haste. Se acrescentarmos o número um Alef (א) D’us a Guematria da palavra cane (קנה) - haste, que é $100+50+5=155$, e acrescentando o Alef obteremos o valor 156, ou seja, a Guematria do nome Yossef (יוסף) que é $10+6+60+80=156$.

Outra prova de que Yossef era o homem adequado para esta missão, podemos encontrar na Guematria (156) do seu nome, que é mesma do nome do rio Nilo (נילס) $156=60+10+20+6+60$.

Isso mostra que havia um elo especial entre Yossef e o rio Nilo, o local onde se deram os sonhos. Por isso ele ganhou este destaque tão especial, de não somente interpretar os sonhos do faraó, mas também de sugerir soluções”.

Essa relação de Yossef com o rio Nilo fica clara quando *“Mais tarde, seu corpo foi escondido dentro do próprio rio, até Moshe retirá-lo de lá para poder sair com o povo do Egito (Bereshit 50:25 e Shemot 13:19). Depois ele foi enterrado na terra de Israel (Iehoshúa 24:32)”.*

Ao perceber que as espigas surgiam de uma só haste, o faraó intuiu que a solução não era apenas agrícola ou administrativa, mas dependia da escolha de um homem dotado de singular sabedoria, alguém cuja identidade estivesse codificada no próprio sonho. A Guematria reforça essa percepção. o valor numérico de (קנה) acrescido do Alef corresponde exatamente ao nome José (156), e tem o mesmo valor numérico do nome Nilo. Assim, o faraó não identificou apenas um bom gestor, mas a pessoa cuja essência estava espiritualmente ancorada no próprio cenário simbólico que D’us utilizou para comunicar o futuro. Nessa chave, a ascensão de José não resulta de mérito ocasional, mas de um alinhamento profundo entre identidade, missão e Providência Divina. O sonho revela, portanto, quem deve governar. É José, pois está na própria mensagem proveniente dos sonhos.

Um ponto importante ainda a ressaltar é que o faraó exigia que as pessoas ao seu redor soubessem 70 idiomas como ele, teoricamente, conhecia. O livro os Patriarcas e a Educação, pg. 258, nos apresenta que a tradição rabínica relata que, na noite anterior à elevação de José ao governo do Egito, o anjo Gabriel lhe acrescentou o caractere Hei (ה), que é a expressão revelada do Nome Divino. Transformou o nome de Yosef (José) (יוסף) em (יהוסף) Yehossef. O acréscimo do Hei representa a concessão de uma nova capacidade espiritual. Neste caso o acesso à totalidade da linguagem humana.

4.(Mikets) – Gênesis 41:53-42:18 – *“Apesar de os egípcios terem armazenado cereais durante os sete anos de fartura, como Yossef os orientou, tão logo os sete anos de fome começaram, todos os grãos armazenados apodreceram, exceto os de Yossef. A população do Egito tornou-se, então, dependente dele para obter seu alimento. Yossef concordou em dar-lhes os cereais sob a condição*

de que, primeiramente, eles circuncidassem a si mesmos. Refinar o mundo. O faraó disse a todo o Egito: 'Vão ao Yossef e façam tudo o que ele disser'.

A sociedade egípcia se encontrava imersa na busca egoísta do prazer carnal, o qual é reduzido pela circuncisão. Ao conseguir fazer com que os egípcios fizessem a circuncisão, Yossef subjugou a obsessão deles pelos prazeres carnavais. O próprio faraó os instruiu a seguir as condições de Yossef, o que significava que até mesmo o símbolo vivo da corrupção egípcia concordava em ser refinado, pelo menos em certa medida.

Seguimos o exemplo de Yossef quando nos mantemos espiritualmente não contaminados pelo nosso ambiente materialista sendo capazes, até mesmo, de refiná-lo. Ao fortalecer nosso comprometimento com o judaísmo, influenciamos nossos companheiros judeus a fazer o mesmo. Além disso, influenciamos a comunidade não judaica, ao nosso redor a seguir as leis da Torá que a ela se aplicam. Desta maneira, transformaremos o mundo inteiro numa moradia para D'us".

O fato de que somente os cereais armazenados sob a administração de José permaneceram intactos, é porque os de José estavam alinhados à vontade Divina. O Zohar ensina que a abundância que não está ligada à retidão carece de 'vasos' espirituais adequados e, por isso, se deteriora (quebra). Assim, a fome revela que a sobrevivência do Egito depende agora de alguém cuja conduta moral sustenta a bênção material. [Full Zohar Online - Miketz - Chapter 5](http://FullZoharOnline.com/Miketz-Chapter5)

Diante dessa dependência absoluta, o faraó declara ao povo: *"Ide a Yossef; tudo o que ele vos disser, fazei"*. B41:55. O Rebe destaca que essa ordem não se limita à distribuição de alimentos, mas legitima a autoridade espiritual de José sobre o Egito. Quando José condiciona o acesso ao alimento à circuncisão, ele não está impondo um ritual judaico aos egípcios, mas promovendo um processo mínimo de refinamento moral. Para Cabala, a circuncisão simboliza a restrição do excesso de prazer carnal e a canalização das forças vitais para um propósito mais elevado. Ao aceitarem essa condição, os egípcios demonstram que até uma sociedade corrompida pode ser parcialmente refinada, quando confrontada com a verdade espiritual sustentada por um Tzadik. O apoio do próprio faraó às exigências de José é importante, pois mostra que a mudança não acontece só em pessoas individualmente, mas pode atingir até mesmo as estruturas de poder quando estas reconhecem sua dependência de uma fonte espiritual maior.

https://www.chabad.org/kabbalah/article_cdo/aid/2054268/jewish/A-Man-of-Insight.htm/utm_source/chatgpt.com

A chegada dos irmãos de José ao Egito junto com o fato de que eles se prostram diante dele, sem reconhecê-lo, está também associada ao processo de refinamento que se amplia e proporciona que a família de Israel também inicie sua própria retificação. José, ao acusá-los de espionagem e colocá-los à prova, age como instrumento de Tikun (refinamento), forçando-os a confrontar o passado e a reconstruir a fraternidade rompida. O Rebe conclui que este é o modelo para todas as gerações que é permanecer espiritualmente íntegro em um ambiente materialista, influenciar positivamente o entorno e, por meio dessa fidelidade, transformar o mundo inteiro em uma morada para D'us. Tanya Likutei Amarim Cap. 37, pg. 581-615.

O que de fato está sendo realizado pelas pessoas narradas acima? O que de fato devo fazer neste momento de minha vida? Vencer as minhas paixões e submeter a minha vontade

5.(Mikets) – Gênesis 42:19-43:15 – *“Yaacov enviou seus filhos exceto Binyamin ao Egito para comprar cereais. Yossef os reconheceu, mas eles não o reconheceram. Yossef criou um plano para ver se estavam aptos para aceitá-lo como o sucessor de Yaacov: ameaçou não os receber se viessem sem Binyamin. Uma vez que Binyamin estivesse lá, Yossef inventaria uma desculpa para mantê-lo ali. Se os irmãos estavam preparados para lutar pelo mais jovem deles, isto significaria que eles tinham superado o ciúme dos filhos de Rachel.*

Yaacov estava relutante em enviar Binyamin, mas seus outros filhos convenceram-no e ele não teve alternativa. Então, Yaacov aceitou, mas antes fez uma oração pelo sucesso deles. Milagres naturais. Após preparar o presente para enviar a Yossef, Yaacov orou: ‘E que o D’us Todo-poderoso dê piedade a vocês diante do homem’.

O bom senso e a sabedoria convencional indicam que uma oração seria necessária apenas nas situações de desespero. Os filhos de Yaacov acharam que Yossef estava detendo seu irmão por suspeitar que fossem ladrões ou espiões, e que, portanto, um presente seria o suficiente para apaziguá-lo.

Entretanto, das palavras de Yaacov a seus filhos aprendemos que, mesmo quando um resultado favorável parece perfeitamente natural, nunca devemos assumir que vamos alcançá-lo sem o auxílio Divino. Devemos sempre rezar, não como uma medida secundária, mas como uma medida primária.

Por mais que seja necessário criarmos canais naturais para facilitar as bênçãos de D’us, é D’us quem está no controle da natureza e de cada aspecto de nossas vidas. Quando tivermos compreendido esta realidade em toda sua magnitude, perceberemos que os acontecimentos ‘naturais’ são todos milagres disfarçados na natureza”.

Quando José reconhece seus irmãos entre os estrangeiros que vão adquirir alimentos, inicia-se o processo de retificação (Tikun) que será conduzido por José. Os irmãos de José não o reconheceram. Isto proporciona a José as condições necessárias para expor os irmãos as lembranças do que ocorreu no passado, tais como os ciúmes que os filhos de Lea tinham dos filhos de Rachel e por terem vendido o próprio José como escravo. Portanto, a exigência de trazer Benjamim (Binyamin) é moral e espiritual. José busca verificar se eles superaram o padrão anterior de rivalidade e se estão dispostos a proteger o mais vulnerável. Ou seja, proceder precisamente de forma completamente oposta ao que não fizeram com ele.

José “*recordou-se dos sonhos*”, pois viu que eles se prostraram diante dele, justamente como haviam feito em seu primeiro sonho. Ele percebeu que os sonhos estavam se realizando e deduziu que tinha de achar uma maneira de fazer Benjamim juntar-se a eles, para que também se prostasse a seus pés, completando o sonho. B42:09. Recordemo-nos as perguntas que José fez aos Irmãos (Rashi B42:07), por meio de seu intérprete que era seu filho Menashe com 7 anos de idade: “*De onde vindes?*” *E eles disseram: “Da terra de Canaã, para comprar alimento”*. As perguntas que um Pedreiro deve se fazer é: Será que esta terra (tenda) era justa e perfeita? A tenda de Jacob é justa e perfeita? E a nossa tenda é justa e perfeita? O que é necessário para que a tenda seja justa e perfeita?

A prisão de Simeão (Shimon) desempenha um importante papel nesse processo. Ele é identificado como um dos mais veementes na agressão contra José. Simeão é mantido como garantia do retorno, transformando a prova moral em responsabilidade real. Como já vimos anteriormente, Simeão representa a força e a impulsividade. Sua detenção, portanto, introduz restrição (Gueburah) e obriga os irmãos a agirem com prudência. Além disso, o encarceramento cria um desequilíbrio emocional, pois vem a memória de todos os eventos relacionados a venda de José, a mentira contada a Jacob e o sofrimento visível que Jacob ainda demonstra. É a consciência de culpa “*somos culpados...*” B42:21. Mas, reconhecer o erro é também a condição necessária para a Teshuvá.

Diferente da proposta imprudente realizada por Rúben (Reuben ou Reuven), Judá se oferece como garantia permanente “*serei culpado todos os dias*”, demonstrando maturidade e responsabilidade para com todos os irmãos. Este gesto eleva-o definitivamente a líder natural entre os irmãos. Jacob levará este ato em consideração ao fazer a bênção dos filhos, quando estiver no leito de morte. O episódio

de Tamar, também nos mostrou que Judá estava realmente talhado a ser líder. Ao auto sacrificar-se, Judá age exatamente de forma oposta a conduta que ele havia feito anteriormente. Rashi B43:09.

A oração de Jacob “*Que El Shaddai vos conceda misericórdia diante do homem*”, (B43:14) introduz o princípio Chassídico dos milagres naturais. Embora os filhos tenham preparado presentes e dinheiro dobrado (canais naturais), Jacob ensina que a oração não é recurso de último caso, mas fundamento primário. Mesmo quando o desfecho parece provável, o controle último pertence a D’us. É a integração entre o esforço humano e a confiança em D’us (Bitachon) (ביטחון). Bitachon significa confiança plena em D’us, que se expressa além da fé (Emunah). É uma sensação ativa de segurança, pois sabemos que Ele cuida de tudo. Tanya, cap. 4 e 37.

José não busca vingança nem tão pouco que os irmãos se submetam a ele. Na realidade, José busca promover uma transformação na forma como que os irmãos agem entre si. Assim, vem-nos à mente a questão: **Por que Simeão e Levi não foram “punidos” igualmente por José? Afinal ambos estavam envolvidos no episódio de Shechém e na venda do próprio José como escravo?** Simeão e Levi não são equivalentes, embora tenham agido juntos. Shimon e Levi atuaram juntos no episódio de Shechém (B34) e participaram da venda de José (B37). Contudo, a Torá distingue seus perfis espirituais. Levi é identificado como alguém cujo zelo, ainda que excessivo naquele momento, estava enraizado em defesa da santidade. Isso se confirma mais tarde, quando a tribo de Levi não participa do pecado do bezerro de ouro. (Shemot 32:26-29). Simeão, ao contrário, é descrito pelos Midrashim como mais impulsivo, colérico e instável. Rashi a B49:05-07.

Portanto, cada um recebe de acordo com o que construiu. O Salmo 62:12-13 podemos encontrar “*Uma vez falou D’us e duas lições escutei: o poder pertence a D’us, e a bondade é Tua, ó Eterno, pois Tu recompensas o homem conforme seus atos*”. Mas, devemos nos lembrar que o bem ou o mal não são arbitrários, mas consequências naturais da realidade espiritual que a pessoa constrói ao longo de sua(s) vida(s). Portanto, a recompensa (Hessed) ou a restrição (Gueburah) Divina é consequência do que já foi edificado interiormente. Tanya, cap. 37.

6.(Mikets) – Gênesis 43:16-29 – “Yossef falava asperamente com seus irmãos, mas algumas vezes tratava-os de maneira bondosa, na tentativa de prepará-los gradualmente para quando lhes revelasse sua identidade. Assim, quando retornaram com Binyamin, Yossef já havia preparado um banquete para eles. Hospitalidade vs. Austeridade. Yossef disse ao capataz de sua casa: ‘Você deve abater e preparar os animais, pois estes homens comerão comigo’.

A hospitalidade requer que o anfitrião se empenhe para fazer o melhor para atender todas as necessidades dos hóspedes. Até mesmo quando eles não estão certos de que os convidados vão comer tudo o que lhes foi preparado, o anfitrião deve sempre prover mesa farta. De modo semelhante, embora viver frugalmente seja um valor encontrado na Torá, é um valor que a pessoa deve impor a si mesma, não aos outros. Quando pensamos em prover uma família pobre, por exemplo, devemos não só fornecer algo para as suas necessidades básicas, mas também o suficiente para permitir-lhes viver de acordo com um padrão de vida digno”.

José alterna períodos de austeridade e de hospitalidade. A aspereza inicial cria limites (Din) necessários para conter impulsos antigos. A bondade posterior introduz misericórdia (Rachamim) (רחמים) o que permite à verdade surgir. Essa alternância reflete a harmonização das Sefirot (Gueburah e Hessed) onde o rigor é empregado para preparar o vaso e a generosidade para preenchê-lo. José controla o ritmo do encontro, evitando extremos e preparando os irmãos para revelar sua identidade. https://www.sefaria.org/Zohar%2C_Miketz.9.133?lang=bi.

O banquete preparado por José mostra-nos a ética da hospitalidade destacada acima pelo Rebe. A Cabala nos ensina que, comer juntos eleva a energia vital e cria vínculo. Por isso, o anfitrião deve

prover com abundância. A Torá valoriza a frugalidade como disciplina pessoal, não como imposição ao outro. A mesa farta comunica segurança e reconhecimento aos irmãos, desfazendo a leitura inicial de desconfiança e suspeita generalizadas em relação ao anfitrião, interpretando suas intenções como hostis ou prejudiciais e substituindo o medo pela confiança. Tanya, cap. 37

https://www.chabad.org/library/tanya/tanya_cdo/aid/7916/jewish/Chapter-37.htm/utm_source/chatgpt.com

A presença de Binyamin no banquete é decisiva. Ele representa a inocência não ferida e testa se os irmãos aprenderam a proteger o mais frágil e não a sacrificá-lo. José ensina que austeridade é uma virtude quando aplicada a si mesmo, enquanto hospitalidade é uma obrigação quando lidamos com o outro. Isso equilibra rigor e misericórdia e constrói confiança e dignidade. Ao preparar um banquete antes de se revelar, José demonstra que a reconciliação verdadeira nasce não da humilhação, mas da generosidade responsável, aquela que eleva tanto quem oferece quanto quem recebe.

Entretanto, em Bereshit 43:21 encontramos “*E aconteceu que, quando chegamos à estalagem e abrimos nossos sacos, eis que o dinheiro de cada um estava na boca de seu saco, nosso dinheiro em peso completo; e nós o trouxemos de volta em nossas mãos*”. **O que significa a questão abrimos os sacos e o dinheiro estava na boca do saco em peso completo?** O versículo Bereshit 43:21 retoma o relato anterior de Bereshit 42:27–28 e 42:35. Eram dez sacos, correspondentes aos dez irmãos que desceram ao Egito, pois Benjamim não estava na primeira viagem e José já estava no Egito. Cada irmão encontrou o valor integral do que havia sido pago “*em peso completo*”. Inclusive o saco que pertencia a Simeão também foi aberto pelos irmãos, pois Simeão ficou preso no Egito. Um ponto também relevante é que o dinheiro estava no topo da sacola, visível, “*na boca do saco*”.

Rashi em B42:27 observa que o dinheiro foi colocado deliberadamente onde seria encontrado rapidamente, para causar um impacto imediato, causando um despertar de consciência. A boca é o lugar da fala e da revelação. Judá usou a fala para sugerir que os irmãos vendessem José como escravo. O dinheiro não estava oculto; ele falava com eles. É a lembrança que haviam vendido José e agora seu irmão também estava no Egito e eles com o dinheiro. Isto gera angústia, não alívio.

Por isso, eles dizem “*Que é isto que D’us nos fez?*” (B42:28). Eles não acusam José, nem o administrador que organizou os sacos. No fundo reconhecem a intervenção Divina que os confronta interiormente. Ou seja, eles recebem exatamente aquilo que espiritualmente tinham de receber. A realidade devolve o que foi investido. Isso prepara o terreno para a Teshuvá.

7.(Mikets) – Gênesis 43:30-44:17 – “*Ao final do banquete, Yossef se despediu de seus irmãos. Sem que eles soubessem, instruiu seu servo a esconder o seu cálice de prata na sacola de Binyamin. Yossef mandou que o servo seguisse seus irmãos, de modo que aí então a presença do cálice foi descoberta. Ao incriminar Binyamin, Yossef criou uma situação em que os irmãos pudessem expiar e retificar o seu erro por tê-lo vendido como escravo. Quando os irmãos colocaram a vida deles em risco para salvar Binyamin, seria como se estivessem fazendo o mesmo para salvar Yossef; assim, eles estariam ‘desfazendo’ o seu crime anterior contra ele, ao agirem de forma oposta. Os irmãos regressaram a Yossef, que os informou que todos eles estavam livres para voltar, exceto Binyamin.*”

O presente do amor. *Yossef disse: ‘Coloque meu cálice o cálice de prata no topo da bolsa de Binyamin, o mais jovem. Yossef sabia que os israelitas ficariam no exílio por um longo tempo, e nem todos possuiriam o mesmo nível de consciência Divina que possibilitou a ele prosperar espiritualmente mesmo no Egito. Por isso, Yossef procurou um meio de protegê-los da depravação desse país, garantindo que eles finalmente o abandonassem para ir receber a Torá. Yossef percebeu que o que eles realmente precisavam era ter um amor por D’us que fosse poderoso o suficiente para superar o materialismo do Egito. O cálice de prata de Yossef faz alusão a este amor: a palavra ‘prata’ (kessef, em hebraico) está relacionada ao ‘anseio’ (kissuf). Yossef também sabia que as pessoas que ainda não são totalmente justas não conseguem despertar tal amor por si mesmas, de modo que ele incutiu esse sentimento nelas implantando-o dentro de Binyamin’*”

O primeiro ponto que nos chama atenção, neste conjunto de versículos, é **porque os egípcios não podiam comer pão com os hebreus? Por que era uma abominação fazê-lo?** Em B43:32 encontramos “*Serviram-lhe à parte, e a eles à parte, e aos egípcios que comiam com ele à parte, porque os egípcios não podiam comer pão com os hebreus, pois isso era abominação para os egípcios*”. Essa separação reflete o profundo desprezo egípcio tinham à época pelos pastores. Os hebreus eram associados aos pastores. Além disso, certos animais eram divinos para os egípcios e os hebreus se alimentavam deles. Isto tornava a convivência à mesa inaceitável. Assim, a recusa em compartilhar o pão expressa uma rejeição cultural e religiosa. B43:32, B46:34 e Rashi B43:32.

Outro ponto importante é o fato que em B43:34 encontramos “*E ele lhes enviou porções de sua mesa; e a porção de Binyamin era cinco vezes maior do que a de todos eles. E beberam e se alegraram com ele*”. **Por que a porção de Benjamim foi 5 vezes maior?** O fato da porção de Benjamim ser 5 vezes maior é deliberada, pois José se lembrava que a túnica, dada por Jacob a ele (José), despertou a inveja e a violência. Ao dar a Benjamim uma porção 5 vezes maior e sendo Benjamim também filho de Rachel, José testa seus irmãos se eles haviam superado a questão do ciúme que existia anteriormente. O versículo nos mostra que “*beberam e se alegraram com ele*”, ou seja, um comportamento claro de que não ocorreu ressentimento entre os irmãos. Rashi B43:34 O fato de todos se alegrarem juntos confirma que a antiga ferida foi curada. Foi uma importante condição que tinha de ser superada para que a revelação pudesse ocorrer.

A recusa dos egípcios em comer pão com os hebreus estabelece, portanto, uma fronteira entre o Egito, que representa a abundância material e a família de Jacob que representa a vocação espiritual. Rashi B43:32. Em sequência, José introduz o teste do amor em contraste com o ciúme ao servir a Binyamin uma porção cinco vezes maior e não ocorre nenhum evento que inspire inveja.

No dia seguinte os irmãos partem e, sem saber, levam o cálice de prata que foi colocado na sacola de Benjamim. Agora, o irmão mais jovem corre o risco de ser perdido. Ao oferecer aos demais a liberdade e reter apenas Benjamim, José testa se eles repetirão o antigo padrão (salvar a si mesmos) ou se agirão de modo oposto, ou seja, arriscar a tudo pelo irmão. Judá assume a responsabilidade e o pecado anterior é efetivamente reparado (Teshuvá). B44:01–17

O Rebe nos apresenta que o cálice de prata é um presente do amor. José entende que, no futuro, apenas um amor forte por D’us poderá vencer o materialismo do Egito, algo que nem todos terão naturalmente. Por isso, ele transmite esse sentimento para Benjamim, o irmão mais íntegro, para que este sentimento se espalhe entre os demais. O cálice, assim, representa o despertar de um profundo desejo espiritual que irá, na hora certa, possibilitar a libertação dos israelitas da escravidão no Egito e, consequentemente, o futuro recebimento da Torá.

https://www.chabad.org/kabbalah/article_cdo/aid/1706067/jewish/Silver-Love.htm/utm_source/chatgpt.com.

12 - Parashat Vayigash – José e Jacob Reunidos Novamente

Sinopse

*Yehuda não se intimidou em falar asperamente com Yossef; aliás, ele iniciou seu apelo utilizando palavras duras. Ele sabia que, quando a vida de alguém está em jogo, não devemos ser diplomáticos; nossos interlocutores têm de sentir que nossa preocupação é estritamente com a pessoa, e que nosso envolvimento não está vinculado a motivos políticos ou financeiros. Quando a causa pela qual lutamos é algo que mexe com o âmago do nosso ser, isso evoca uma reação honrosa e misericordiosa. Do ponto de vista de uma Pedreiro que não é um religioso judeu, como a essência desta pessoa deve perceber este ensinamento? Este ensinamento apresentado não exige que a pessoa pertença a religião judaica. Ele está direcionado a essência moral e espiritual do Ser Humano. O contraste entre Judá e José, pode ser compreendido como duas forças universais presentes em toda pessoa. Ou seja, a capacidade de organizar, planejar e prosperar dentro do mundo (José) e a capacidade de agir com fidelidade à verdade interior mesmo quando isso exige sacrifício (Judá). Para quem não é judeu, esse texto desloca o foco do destino histórico de Israel para uma pergunta existencial, que todo Pedreiro deve se fazer. **Qual força governa minhas decisões quando valores profundos entram em conflito com conveniência, aceitação social ou segurança pessoal? Qual caminho seguirei?** A resposta somente o irmão Pedreiro pode dar a si mesmo. **Sem dúvida, é impressionante que Yossef manteve sua santidade mesmo estando no exílio, mas a sua principal conquista foi que ele aumentou a santidade no mundo ensinando aos egípcios sobre D'us. O exemplo de Yossef nos dá a força para seguir seus passos, primeiro mantendo-nos imunes à negatividade do exílio, para depois transformá-lo em santidade.** Olhando para o Tanya Likutei Amarim Cap. 06 podemos encontrar que “No entanto, qualquer pessoa que não se anule a D'us, mas se considera separado em si mesmo, não recebe sua vida da Santidade de D'us. **Mas de onde mais ela receberia sua vitalidade?** A Divindade e a santidade são a mesma fonte de vitalidade para todo ser existente, conforme está escrito: “Tu dás vida a todos eles” (Nechemia – Neemias - 09:06). O Alter Rebe continua estabelecendo que aqueles seres que não se anulam a D'us, recebem sua vitalidade somente de um nível superficial, exterior, da Divindade, após inúmeras contrações da força vital”. José se anulava à D'us, a fonte da força vital de José provinha, portanto, de níveis muito elevados. **Yossef, então, falou a seus irmãos para retornar à Terra de Israel e trazer seu pai para o Egito. Instalou sua família na luxuosa província de Goshen, que também estava distante da influência da negatividade espiritual dos idólatras egípcios. Destino manifesto. Yossef disse a seus irmãos para falar a seu pai: D'us me tornou amo de todo o Egito. Desça a mim; não se demore’.** O Rebe interpreta esse momento como a transição do exílio inconsciente para o exílio com propósito. Esse é o momento em que a fé deixa de ser abstrata e se apoia em fatos que comprovam a ligação entre promessa e realidade. Assim, **D'us não estava tentando amenizar o pesar de Yaacov em deixar a Terra Prometida, porque um israelita deve lamentar não poder viver na Terra de Israel. Na verdade, D'us estava lhe dizendo que seu pesar em ir para o exílio era a chave para não intimidar-se com ele; consequentemente, essa também seria a chave para poder superá-lo.** Muitas vezes, caro Pedreiro, precisamos sair da linha reta que estávamos seguindo, dar um passo lateral, ir visitar outros paços (o reino do faraó), para nos conhecermos melhor, visualizarmos mais claramente o que temos de bom e o que temos de não tão bom assim. Desta forma, podemos nos transformarmos em pessoas melhores e maiores. Quando estamos em um local escuro e acendemos um pequeno fósforo (o que temos de bom) a escuridão imediatamente se afasta. A seguir a **Torá lista e enumera os membros da família de Yaacov - crianças e netos, que totalizavam setenta pessoas. A septuagésima pessoa e a mais nova neste censo era a filha de Levi, Yocheved, que encontraremos mais tarde como a mãe de Moshê. O poder feminino. No total, foram setenta pessoas da casa de Yaacov que vieram ao Egito.** Portanto, Yocheved representa o futuro que nasce no exílio. Jacob representa a unidade do povo. E a Shechina representa o Divino que nos acompanha. Assim, o número setenta é a afirmação de que o exílio já contém, em sua própria estrutura, os elementos da redenção (Yocheved), a unidade (Jacob) e a Presença Divina (Shechina). **Yaacov enviou Yehuda para iniciar uma escola em vez de pedir a Yossef que o fizesse, reconhecendo assim que a academia da Torá deve ser dirigida por***

alguém que esteja completamente alheio aos assuntos mundanos e totalmente imerso no estudo da Torá. Os acontecimentos no exílio ensinam ao Pedreiro que os impulsos de resistência, medo ou crítica, quando integrados à consciência e ao propósito, deixam de ser forças destrutivas e podem se tornar elementos de crescimento espiritual. A escola implantada em Goshen é a semente. ***Yossef nos ensina a reparar o mal com a bondade, assim como ele o fez com seus irmãos, sustentando-os pelo resto de suas vidas. Ele foi capaz de perdôá-los, não porque era mestre no autocontrole, mas porque compreendia a natureza da maldade humana. Como vimos, o ato de maldade dos irmãos de vendê-lo como escravo serviu para que, no plano de D'us, Yossef se tornasse finalmente o vice-rei do Egito. Ele se concentrou nos resultados positivos do ato de seus irmãos, em vez de fixar-se na sua essência negativa.*** No versículo B47:27 encontramos que “Israel habitou na terra de Goshen... e frutificaram e multiplicaram-se muito”. Este versículo expressa o princípio central de praticamente todo o Tanya. Quando a alma Divina encontra um espaço onde ela pode atuar sem ser impedida pela negatividade, ela produz crescimento exponencialmente. Assim, Goshen representa para o Pedreiro um estado de consciência em que a identidade espiritual está clara e firme, mesmo em meio às pressões e exigências da vida material. O Tanya ensina que o domínio da alma Divina sobre a alma animal faz com que a própria vitalidade material se torne combustível para crescimento espiritual.

1.(Vayigash) – Gênesis – 44:18-30 – “Ao saber que Yossef pretendia ficar com Binyamin como escravo, Yehuda tomou a frente para discutir com Yossef. Apesar de ter falado respeitosamente, disse a Yossef que não toleraria essa injustiça a seu irmão, assim como a seu pai Yaacov, que não sobreviveria à perda do único filho de sua esposa Rachel que ainda lhe restara. Em modo de crise. E aí Yehuda se aproximou de Yossef.

Yehuda não se intimidou em falar asperamente com Yossef; aliás, ele iniciou seu apelo utilizando palavras duras. Ele sabia que, quando a vida de alguém está em jogo, não devemos ser diplomáticos; nossos interlocutores têm de sentir que nossa preocupação é estritamente com a pessoa, e que nosso envolvimento não está vinculado a motivos políticos ou financeiros. Quando a causa pela qual lutamos é algo que mexe com o âmago do nosso ser, isso evoca uma reação honrosa e misericordiosa.

As nossas crianças judias, os atuais ‘Binyamins’, estão ameaçadas por um diferente tipo de ‘Egito’: a assimilação. Para salvar estes Binyamins, não podemos aguardar que alguém designe um comitê para conduzir uma longa pesquisa e, depois, deliberar o que deveria ser realizado, levantar custos etc. Quando as vidas estão em jogo, imediatamente devemos fazer tudo o que podemos para salvá-las.

Os esforços de Yehuda provaram-se surpreendentemente frutíferos; seu suposto inimigo provou ser seu maior aliado, e até mesmo o próprio faraó acabou provendo os maiores recursos possíveis para garantir a íntegra continuidade da tradição judaica. O mesmo ocorrerá se seguirmos o exemplo de Yehuda e nos empenharmos de maneira altruísta e vigorosa em benefício de nossas crianças”.

Antes de iniciar a nos transmitir a intercessão de Judá por Benjamim, a Torá usa a expressão “Vayigash Yehuda” – “E Judá se aproximou”. Este não é apenas um ato de aproximação física, mas é um movimento interior de aproximação. Judá se aproxima com total responsabilidade moral e espiritual, colocando-se como fiador de Benjamim e assumindo o peso das consequências do que ocorreria a Jacob, caso Benjamim ficasse preso no Egito. A Torá descreve como Judá relembra detalhadamente a fragilidade do pai e o vínculo vital entre o pai e o filho mais novo, deixando claro que a perda de Benjamin significaria, espiritualmente, a morte do próprio Jacob. Dentro de nós, Judá simboliza a habilidade de agir com base em um profundo senso de responsabilidade, principalmente quando não há alternativa para permanecer neutro ou pensar apenas no próprio interesse. Rashi B44:18-30.

O Rebe, acima, nos apresenta que Judá deliberadamente abandonou a diplomacia e falou com firmeza, porque quando uma vida está em jogo, a linguagem precisa expressar urgência existencial. Essa forma de agir está de acordo com o pensamento Chassídico de que a verdade, quando nasce do ponto mais profundo da alma, rompe defesas e desperta misericórdia até no coração aparentemente mais endurecido. Isto evidencia que, em determinadas situações, não basta agir com moderação; é preciso recorrer à dimensão da entrega total, como apresentada no Tanya. Tal força representa a essência da alma israelita (Pedreiro), capacitando o indivíduo a superar o medo, os interesses pessoais e os instintos de autopreservação. Judá não negocia privilégios nem vantagens. Ele luta exclusivamente pela vida do outro e por isso sua fala tem poder transformador. Tanya, cap. 18.

O Rebe amplia essa narrativa para o presente ao identificar os ‘Benjamins’ de cada geração como as crianças judaicas ameaçadas pela assimilação, um ‘Egito’ não geográfico, mas espiritual. Assim como Judá não esperou autorizações nem processos burocráticos, o ensinamento é que a responsabilidade espiritual exige ação imediata e comprometida. Isto nos mostra quando ocorre um chamado da alma Divina para proteger aquilo que é mais vulnerável dentro de nós mesmos, ou seja, a fé simples e a continuidade espiritual. Ao fim é confirma essa lógica. O suposto inimigo revela-se aliado e José, que no fundo é o símbolo da Providência Divina oculta, transforma a crise em redenção. A lição é que quando alguém age a partir da verdade mais profunda e altruísta, forças ocultas se revelam em seu favor, tanto no plano individual quanto coletivo. Tanya, cap. 25.

Continuando no Tanya Cap. 25 encontramos que todo judeu (Pedreiro), a qualquer momento, é capaz de dissipar o “*espírito da insensatez*” e despertar o seu amor oculto a D’us. Assim, quando ele estiver sendo tentado a pecar, ele realmente sentirá como esse pecado o afasta de D’us e, conseqüentemente, conseguirá resistir a este impulso negativo. Agora compare estes parágrafos com as ações que um Pedreiro aprendeu e que deve estar sempre pronto a praticar.

Neste momento é importante nos fazermos duas perguntas. **1ª) Por que Judá foi escolhido? E 2ª) Por que a violência e o mal crescem?** “*Conforme observamos, Jacob preferia José e suas qualidades a Judá e as suas, porque entendia que as qualidades de José forneceriam ao povo israelita as habilidades de que necessitaria para sobreviver, prosperar e atingir seus objetivos na longa jornada rumo ao futuro messiânico. Assim que o propósito supremo for alcançado, porém, não mais será preciso dar primazia a José e sua abordagem, pois a abnegação de Judá então será nosso estado de consciência dominante. Por isso, Judá é ancestral direto do Messias – são especificamente as suas características que nos conduzirão da mentalidade do exílio à da Redenção.*”

De fato, à medida que nos acercamos da Redenção, o fiel da balança pende cada vez mais a favor de Judá. Por um lado, vemos que, com o passar do tempo, aumenta continuamente a receptividade do mundo à mensagem do judaísmo. Paralelamente, os obstáculos que faziam a vida judaica tão difícil em tantas partes do mundo, por tanto tempo, estão desaparecendo. Por outro lado, quanto mais o mal sente que seu fim está perto, mais violenta se torna a sua oposição à santidade. Conseqüentemente, o antissemitismo e a anti religiosidade ultrajantes também estão em alta, e é crescente o poder de atração de todas as formas de prazer material. Em tempos como estes, nossa única defesa é uma dose saudável do senso de auto sacrifício de Judá.

Sem dúvida, o auto sacrifício tem sido fundamental para nós no decorrer de nosso longo exílio; sem ele, certamente não teríamos sobrevivido aos horrores da diáspora. Ademais, a dedicação fervorosa ao cumprimento da vontade de D’us por meio da prática de Seus mandamentos foi o que, de modo gradual, porém constante, refinou a realidade material a tal ponto que agora o mundo está maduro para a nova ordem que será introduzida pela Redenção. Nesse sentido, Judá renunciou a Redenção quando se aproximou de José. Sem saber que era seu irmão, Judá exigiu comportamento ético do indivíduo que ele presumia ser um déspota imoral. Dessa maneira, ele fez com que a verdade fosse revelada. Similarmente, quando insistimos, com obstinação, em seguir os padrões de conduta ética

e moral da Torá, mesmo que isso seja ridicularizado em nosso ambiente cultural, a sociedade por fim consente e, como fez o faraó para com a família de Jacob, até nos ajuda a realizar nossa missão Divina.

A lição a ser aprendida da parashá Vayigash, portanto, é que devemos manter o equilíbrio adequado entre criatividade e abnegação, lembrando sempre que a chave para a superação de nosso exílio, ao mesmo tempo coletivo e pessoal, é cultivar a mentalidade da Redenção. Não é nos esquivando de nosso destino, e sim assumindo nosso papel de representantes da Torá perante a humanidade, que conseguiremos sobreviver ao exílio e apressar também a Redenção, trazendo com isso a paz verdadeira para o mundo inteiro”. Rashi B. 222-223.

Do ponto de vista de uma Pedreiro que não é um religioso judeu, como a essência desta pessoa deve perceber este ensinamento? Este ensinamento apresentado não exige que a pessoa pertença a religião judaica. Ele está direcionado a essência moral e espiritual do Ser Humano. O contraste entre Judá e José, pode ser compreendido como duas forças universais presentes em toda pessoa. Ou seja, a capacidade de organizar, planejar e prosperar dentro do mundo (José) e a capacidade de agir com fidelidade à verdade interior mesmo quando isso exige sacrifício (Judá). Para quem não é judeu, esse texto desloca o foco do destino histórico de Israel para uma pergunta existencial, que todo Pedreiro deve se fazer.

Qual força governa minhas decisões quando valores profundos entram em conflito com conveniência, aceitação social ou segurança pessoal? Qual caminho seguirei? A resposta somente o irmão Pedreiro pode dar a si mesmo.

2.(Vayigash) – Gênesis – 44:31-45:07 – *“A disposição de Yehuda de sacrificar-se por Binyamin convenceu Yossef de que seus irmãos tinham-se arrependido verdadeiramente da animosidade que sentiam por ele no passado. Então, Yossef decidiu revelar sua verdadeira identidade para eles. Os irmãos, compreensivelmente, ficaram temerosos de que Yossef fosse vingar-se deles, mas ele garantiu que enxergava todo o episódio como Providência Divina e não os considerava responsáveis. Transcender e transformar. Yossef falou a seus irmãos: ‘D’us me enviou à sua frente para que vocês sobrevivam em esta terra’.*

Sem dúvida, é impressionante que Yossef manteve sua santidade mesmo estando no exílio, mas a sua principal conquista foi que ele aumentou a santidade no mundo ensinando aos egípcios sobre D’us. O exemplo de Yossef nos dá a força para seguir seus passos, primeiro mantendo-nos imunes à negatividade do exílio, para depois transformá-lo em santidade”.

Ao oferecer-se como escravo em troca da liberdade de Benjamin, Judá demonstrou, juntamente com seus irmãos, uma mudança significativa de comportamento em relação ao ocorrido no passado, quando os irmãos mostraram indiferença ao sofrimento de José. Essa forma de abraçar sem reservas uma ação para salvar a seu irmão mais novo, é compreendido pelos sábios como a Teshuvá genuína, pois Judá enfrenta uma situação essencialmente idêntica à anterior, que é a possibilidade de abandonar um filho de Rachel, mas escolhe agir de modo oposto. Em essência este é o momento em que a pessoa deixa de pensar exclusivamente em seus impulsos e passa a responder ética e espiritualmente na direção correta, mesmo que essa resposta tenha um custo pessoal muito elevado. Rashi B44:33.

A reação de José em Gênesis 45:01–03 nos mostra que essa era a prova final pelas qual os irmãos, especialmente Judá, deveriam passar, para que ocorresse a revelação de que ele era o próprio José. De acordo com o Rebe, José revela sua identidade somente após constatar que os conflitos morais e espirituais entre os irmãos foram superados. O choro de José não é apenas emocional, mas é espiritual. É a constatação de que os irmãos alcançaram um novo degrau na evolução espiritual do conjunto dos filhos de Jacob. José simboliza a nossa capacidade de reinterpretar o passado à luz da Providência

Divina. Em vez de permanecer preso à narrativa da vitimização, José afirma que “*D’us me enviou antes de vós*”. Esse pensamento atribui um propósito Divino aos acontecimentos, sem isentar as pessoas de sua responsabilidade moral e espiritual, mas evita que o sofrimento se torne rancor que é destrutivo.

Prezado Pedreiro, o ensinamento do Rebe aprofunda esse ponto ao afirmar que a maior conquista de José não foi apenas manter sua santidade pessoal no Egito, mas aumentar a santidade do próprio ambiente de exílio. No Tanya, isso corresponde ao ideal de não apenas suprimir a negatividade, mas transformá-la. Isso significa que a pessoa não deve apenas resistir às circunstâncias adversas, mas utilizá-las como matéria-prima para crescimento espiritual e produzir influência positiva no ambiente que a envolve. Assim o Pedreiro é chamado a transformar seus próprios exílios, que podem ser os traumas, os conflitos e os ambientes hostis, em fontes de reconciliação e elevação. Tanya, Likutei Amarim, caps. 27 e 37.

Olhando para o Tanya Likutei Amarim Cap. 06 podemos encontrar que “*No entanto, qualquer pessoa que não se anule a D’us, mas se considera separado em si mesmo, não recebe sua vida da Santidade de D’us. Mas de onde mais ela receberia sua vitalidade? A Divindade e a santidade são a mesma fonte de vitalidade para todo ser existente, conforme está escrito: “Tu dás vida a todos eles” (Nechemia – Neemias - 09:06). O Alter Rebe continua estabelecendo que aqueles seres que não se anulam a D’us, recebem sua vitalidade somente de um nível superficial e exterior da Divindade, após inúmeras contrações da força vital*”. José se anulava à D’us, portanto a fonte da força vital (alma) de José provinha, portanto, de níveis muito elevados.

Enquanto a estrutura externa de sua alma operava por meio de Yessod, a fonte de sua vitalidade e seu estado de anulação originam-se em Hokhmah, pois somente em Hokhmah a Luz Infinita (Or Ein Sof) reside de forma revelada. O Tanya nos ensina que cada judeu (Pedreiro) tem uma centelha de José. Isso significa que temos a capacidade de entrar em ambientes que podem gerar limitação, como aqueles existentes em nosso trabalho, nas questões financeiras e nos desafios diários e, em vez de sermos absorvidos por eles, podemos elevar essas faíscas por meio do Bitul (autoanulação). A Gematria do nome Yossef (יִסְרָאֵל) (10+6+60+80=156) é a mesma de Tsión (צִיּוֹן) (90+10+6+50=156). Isso indica que a função de José é transformar o exílio (Egito) em um lugar de revelação Divina. Lembrando que Tsión é uma das colinas de Jerusalém.

3.(Vayigash) – Gênesis – 45:08-27 – “Yossef, então, falou a seus irmãos para retornar à Terra de Israel e trazer seu pai para o Egito. Instalou sua família na luxuosa província de Goshen, que também estava distante da influência da negatividade espiritual dos idólatras egípcios. Destino manifesto. Yossef disse a seus irmãos para falar a seu pai: D’us me tornou amo de todo o Egito. Desça a mim; não se demore’.

O propósito inicial do exílio egípcio foi dar para o povo israelita a possibilidade de liberar as faíscas de santidade que estavam aprisionadas no Egito. Como este país era a superpotência econômica naquela época, as riquezas de todo o mundo civilizado estavam vinculadas ao Egito. Por isso, quando o povo israelita levou as riquezas desse país, anos mais tarde, eles não somente estavam elevando as riquezas do Egito, como também as de todas as nações do mundo. É por isso que Yossef disse a seu pai que ele era o senhor do Egito; ele estava lhe comunicando: ‘Agora que me tornei governante do Egito e acumulei as riquezas do mundo, o exílio egípcio pode começar, pois o cumprimento de seu propósito agora tornou-se possível’.

De modo semelhante, o propósito de nosso exílio atual é elevar o mundo físico ao revelar a Divindade que está oculta dentro dele”.

José nos mostra que ele enxerga a sua vida de uma perspectiva totalmente diferente, isto ao afirmar que não foram seus irmãos que o enviaram ao Egito, mas o próprio D'us. Essa forma de interpretar os trágicos momentos que José havia vivido, revela-nos, no fundo, a ação da Providência Divina agindo individualmente, segundo a qual até atos vividos e que foram observados como negativos, fazem parte de um plano mais elevado. José diz que se tornara “*senhor de todo o Egito*”. José não está se vangloriando de poder político que tem, mas indicando que, na época, o domínio espiritual sobre o espaço tinha sido alcançado. A maturidade espiritual surge quando alguém encontra propósito mesmo nas dificuldades, mudando o foco da culpa para a missão.

A decisão de instalar a família em Goshen é interpretada pelo Rebe como uma estratégia tanto material quanto espiritual. Goshen era uma terra fértil e próspera, mas também relativamente isolada da cultura idólatra egípcia da época. Isso expressa a necessidade de criar espaços protegidos dentro do exílio (interno na pessoa), nos quais a identidade espiritual possa ser preservada enquanto continua o trabalho de refinamento do mundo. Goshen, portanto, simboliza para o Pedreiro a capacidade de uma pessoa de viver no ‘*Egito*’, onde existe um estado de materialismo e desafios constantes, isto sem ser absorvido por essa situação. É um exemplo de equilíbrio entre envolvimento e proteção, tema que está presente no Tanya, na descrição de como a alma Divina habita o corpo físico sem perder sua essência. Tanya, Likutei Amarim, cap. 33

A Cabala nos mostra que, quando um local concentra riqueza, cultura e influência, ele também concentra faíscas espirituais destinadas a serem elevadas por aqueles que agem com consciência Divina. Assim, ao administrar as riquezas do Egito, José estava preparando o cenário para que, gerações depois, Israel pudesse sair do Egito “*com grandes posses*”, elevando não apenas o Egito, mas, simbolicamente, todas as nações ligadas a ele. Olhando para a essência de uma pessoa, este conceito indica que os recursos materiais recebidos por um indivíduo não constituem um objetivo final, mas sim são instrumentos destinados a promover justiça e integridade no contexto que o cerca.

Em B45:21 encontramos “*Assim fizeram os filhos de Israel; e José lhes deu carros, conforme a ordem do faraó, e lhes deu provisões para o caminho*”. Os carros não são apenas meios de transporte, mas sinais concretos de que o plano Divino estava em andamento. O Rebe interpreta esse momento como a transição do exílio inconsciente para o exílio com propósito. Esse é o momento em que a fé deixa de ser abstrata e se apoia em fatos que comprovam a ligação entre promessa e realidade. É reconhecendo estes fatos que nos dá força para descermos ao Egito da nossa própria vida, sabendo que ali está a nossa missão.

4.(Vayigash) – Gênesis – 45:28-46:07 – “*Yaacov ficou imensamente feliz ao saber que Yossef estava vivo e que ele tinha se mantido fiel aos seus ideais. Apesar de estar ansioso em poder unir-se com o seu filho, Yaacov lamentava ter que deixar a terra prometida aos seus antepassados. Por isso, D'us lhe apareceu e lhe assegurou de que ele e a sua família cresceriam e se transformariam numa nação enquanto estivessem no Egito. Lamento saudável. D'us disse a Yaacov: 'Não tema descer ao Egito, porque lá Eu farei de você uma grande nação'.*

D'us não estava tentando amenizar o pesar de Yaacov em deixar a Terra Prometida, porque um israelita deve lamentar não poder viver na Terra de Israel. Na verdade, D'us estava lhe dizendo que seu pesar em ir para o exílio era a chave para não intimidar-se com ele; consequentemente, essa também seria a chave para poder superá-lo. Como foi D'us quem nos colocou no exílio, subentende-se que Ele nos deu toda a força de que necessitamos para superar seus desafios. Ou seja, enquanto o exílio prosseguir, ele será o contexto ideal para nosso desenvolvimento individual e coletivo. No entanto, é aí que surge um grande perigo: quando nos damos conta de que não temos razão para nos intimidar com o exílio, e que nos beneficiamos com ele, podemos cair na armadilha de nos habituar a isso. Como consequência, podemos nos tornar vulneráveis aos efeitos negativos do exílio, e aí sim é que não conseguiremos mais elevá-lo adequadamente.

Portanto, como Yaacov, deveríamos sempre cultivar nosso pesar em relação ao fato de não estarmos em nosso ambiente apropriado, na Terra de Israel na época da Redenção messiânica. Enquanto lembrarmos quem realmente somos e a vida que deveríamos levar, não precisamos ter medo do exílio; vamos superá-lo”.

Lendo este conjunto de versículos nos deparamos novamente com Beer-Sheva, justamente no momento anterior à descida de Jacob ao Egito. **Mas, surge a questão, por quê?** Beer-Sheva fica ao sul do atual Israel e na região do Negev. Seguir para o Egito, na essência de uma pessoa, representa uma queda espiritual, portanto, parar para rezar em Beer-Sheva estabelece um limiar espiritual entre a vida mais espiritualizada que eles viviam na Terra Prometida e a entrada consciente no exílio. Beer-Sheva é o local onde Jacob interrompe sua viagem para oferecer sacrifícios ao D’us de seu pai Isaac (B46:01). Jacob não age por impulso nem por necessidade econômica; ele para, oferece sacrifícios e busca a confirmação Divina. Isso lhe mostra que seguir para o Egito é um movimento autorizado por D’us e está integrado ao plano Divino.

Este evento, parar em Beer-Sheva, simboliza a conexão de Malkhuth as Sefirot superiores. O nome Beer-Sheva pode ser lido como ‘o poço do sete’, que se associa a totalidade das sete Sefirot emocionais. Antes de descer ao Egito, que simbolicamente significa um lugar associado a estreitezas (Mitzrayim), Jacob procura fortalecer a sua essência espiritual. Por meio dessa conduta, ele estabelece uma salvaguarda que lhe permite executar a missão de promover o desenvolvimento espiritual em um ambiente predominantemente materialista e desafiador. Assim, Jacob se convence que o Eterno lhe deu toda a força de que necessitava para superar seus desafios. Como dentro de nós também existe um Jacob se dirigindo ao Egito, da mesma forma temos de nos preparar todos os dias para enfrentarmos os desafios e/ou provas que estarão a nossa frente a todo momento.

Beer-Sheva ensina, portanto, que antes de entrar em qualquer exílio pessoal, ou em uma fase mais turbulenta, ou de maior pressão material, ou deslocamento para outro local etc., o Pedreiro precisa reafirmar sua conexão essencial com o Divino. No Tanya, esse movimento corresponde à consciência de que a alma Divina nunca é separada de D’us, mesmo quando desce a contextos de ocultação. Assim como Jacob recebe a promessa explícita: “*Eu descerei contigo ao Egito e certamente te farei subir*” (B46:04), Beer-Sheva marca o momento em que a pessoa internaliza que o exílio não anula a identidade espiritual, mas se torna o cenário onde ela será testada (provas), aprofundará seu conhecimento de si mesmo e, por fim, se transformará em uma pessoa melhor e maior.

Muitas vezes, caro Pedreiro, precisamos sair da linha reta que estávamos seguindo, dar um passo lateral, ir visitar outros paços (o palácio do faraó), para nos conhecermos melhor, visualizarmos mais claramente o que temos de bom e o que temos de não tão bom assim. Desta forma, podemos nos transformar em pessoas melhores e maiores. Quando estamos em um local escuro e acendemos um pequeno fósforo (o que temos de bom) a escuridão imediatamente se afasta.

5.(Vayigash) – Gênesis – 46:08-27 – “A Torá lista e enumera os membros da família de Yaacov - crianças e netos, que totalizavam setenta pessoas. A septuagésima pessoa e a mais nova neste censo era a filha de Levi, Yocheved, que encontraremos mais tarde como a mãe de Moshê. O poder feminino. No total, foram setenta pessoas da casa de Yaacov que vieram ao Egito.

Ao descer para o exílio egípcio, os israelitas começaram o processo de elevação e transformação das setenta nações no mundo. O nascimento de Yocheved, momentos antes da família de Yaacov entrar no Egito, completou o número setenta, o que permitiu a Yaacov dar início à missão de refinar as setenta nações.

O processo de transformação do mundo é composto de duas etapas: primeiro, devemos curar o mundo de sua oposição à santidade; em seguida, devemos transformá-lo em santidade. A primeira parte do processo é o enfoque mais assertivo - ou 'masculino' - ao passo que o segundo - o 'feminino' - tem uma abordagem mais acolhedora.

Assim sendo, os mandamentos dados às mulheres - que a família seja alimentada de acordo com as leis da Torá, garantir a segurança e o calor espiritual do lar (exemplificados pelo acendimento das velas do Shabat) e santificar a vida matrimonial (observando as leis da 'Pureza familiar') - são todos caminhos para transformar os aspectos mundanos da vida do homem comum em expressões de santidade”.

Na revista Veshinantam 2022, Parashat Vayigash, pg. 28 podemos encontrar a árvore genealógica completa das 69 pessoas descendentes de Jacob que desceram ao Egito. Também encontramos a observação de que *“a Torá lista somente 69 pessoas. A inclusão de Yocheved, que nasceu quando entraram no Egito, como a 70ª descendente, muito embora não tenha sido especificamente listada na Torá, segue conforme o Midrash e Rashi. Outros incluem o próprio Jacob dentre os 70. Há também a opinião de que a Presença Divina, que acompanhou os israelitas no exílio, é incluída na contagem”.*

Mas, no fundo o que podemos observar nestas três diferentes interpretações? A própria Torá enumera 69 nomes, e, ainda assim, afirma em B47:27 *“Todas as almas da casa de Jacob que viera ao Egito, setenta”*. Acredito que Yocheved, o próprio Jacob e/ou a Presença Divina podem demonstrar três interpretações diferentes de quando Israel entrou no exílio.

Em Rashi B46:11 podemos encontrar que *“os filhos de Levi eram Gershon, Kerat e Merari. A mulher de Levi deu à luz sua filha Yocheved quando entravam no Egito”*. Ou seja, ao dar à luz quando entravam no Egito, justifica não aparecer na lista nominal, embora complete o número setenta. Yocheved representa a continuidade das gerações, posto que ela já nasce no exílio. Entretanto, dela nascerá Moshê. Esse fato evidencia que o exílio não se resume apenas a sucessivas quedas. No próprio exílio pode estar sendo gerada a força que dará origem a redenção. Isto mostra ao Pedreiro que nos momentos de maior limitação ou dificuldade, é possível que já esteja nascendo concomitantemente e em silêncio a possibilidade de libertação.

Em Ibn Ezra sobre Gênesis 46:27 in www.sefaria.org podemos encontrar que *“Creio que a solução para o nosso problema reside no fato de que a Bíblia inclui Jacob entre os setenta que entraram no Egito e inicia a contagem dos setenta a partir dele”*. Essa interpretação é decorrente do fato que em Torá B46:01 podemos ler *“E partiu Israel e tudo o que ele tinha ...”* Em B46:04 encontramos *“E levantou-se Jacob de Beer-Sheva e levaram os filhos de Israel, a Jacob seu pai e as crianças e suas mulheres”*. Porém, Ibn Ezra apresenta que em B46:27 tem a seguinte interpretação *“Todas as almas da casa de Jacob que entraram no Egito somavam setenta”*. Ainda segundo Ibn Ezra encontramos que *“este versículo também é prova de que Jacob é contado entre os setenta, pois ele tinha uma alma e era o mais importante de todos eles”*.

Assim, podemos deduzir que a presença consciente do Patriarca nesta contagem é coerente, pois ele é o ponto central e unificador da família. Jacob mantém as doze tribos como uma única entidade espiritual. Contá-lo entre os setenta nos mostra que a unidade de Israel não depende apenas da soma dos descendentes, mas da consciência integradora que ele personifica e que deve ser perpetuada. Isto mostra aos Pedreiros que uma pessoa atravessa seus exílios apenas quando mantém um centro interior estável, capaz de unificar as partes que compõem as suas diferentes emoções.

A terceira interpretação afirma que o setuagésimo elemento é a Shechina, ou a Presença Divina que acompanha Israel no exílio. Essa interpretação pode ser encontrada na Megillah 29ª, in www.sefaria.org, a partir do versículo 4, onde em tradução livre temos *“Disse Rabi Shimon ben*

Yoḥai: Vem e vê quão amados são Israel diante do Santo, bendito seja Ele, pois em todo lugar para onde foram exilados, a Shechina esteve com eles. Foram exilados ao Egito, a Shechina esteve com eles, como está dito: Eu Me revelei claramente à casa de teu pai quando eles estavam no Egito” (I Samuel 02:27). Foram exilados à Babilônia e a Shechina esteve com eles, como está dito: ‘Por vossa causa Eu fui enviado à Babilônia’ (Isaías 43:14)”.

Isto nos indica que Israel nunca entra no exílio sozinho. A Shechina “desce” com o povo, compartilhando seu tempo de ocultação. Isto mostra ao Pedreiro que mesmo quando a consciência espiritual parece distante, a Presença Divina permanece imanente, ou seja, a Presença Divina é parte inseparável da essência do Ser.

Portanto, Yocheved representa o futuro que nasce no exílio. Jacob representa a unidade do povo. E a Shechina representa o Divino que nos acompanha. Assim, o número setenta é a afirmação de que o exílio já contém, em sua própria estrutura, os elementos da redenção (Yocheved), a unidade (Jacob) e Presença Divina (Shechina).

6.(Vayigash) – Gênesis – 46:28-47:10 – “*Antes da sua chegada ao Egito, Yaacov enviou Yehuda para preparar lá uma Yeshivah - um lugar onde ele e seus descendentes poderiam se dedicar ao estudo constante da Torá. Focar atenção no crescimento espiritual. Yaacov enviou Yehuda na sua frente para Yossef com o objetivo de fazer preparativos preliminares em Goshen.*

Yaacov enviou Yehuda para iniciar uma escola em vez de pedir a Yossef que o fizesse, reconhecendo assim que a academia da Torá deve ser dirigida por alguém que esteja completamente alheio aos assuntos mundanos e totalmente imerso no estudo da Torá. Como a missão Divina de Yossef requiritava que ele dirigisse os assuntos cotidianos do Egito, ele não podia estar à frente da escola de Torá de Yaacov apesar de sua incontestável retidão.

Da mesma maneira, àqueles que desejam adotar a vocação de estudiosos ou professores (mestres) da Torá é fundamental não só que lhes seja possível, como também exigido, que estejam afastados dos assuntos mundanos, para que possam focar e dedicar-se exclusivamente à educação de nossos filhos sem qualquer distração”.

Em B47:06, encontramos (בְּמֵיטָב הָאָרֶץ) – bemeytav ha’arets - *no melhor da terra* - e fazendo a Guematria encontramos (2+ 40+10+9+2=63; 5+1+200+90=306 e 63+306=359). (גֹּשֶׁן) – Goshen- mas escrito com o caractere Wav (גֹּשֶׁן) e fazendo a Guematria encontramos (3+6+300+50=359). Mas, podemos ver também que a Guematria de (שָׂטָן) Sa-tan é (300+9+50=359).

Que podemos observar destas palavras? Goshen (גֹּשֶׁן) significa região; torrão de terra e/ou uma associação de grupos de países (Dicionário online Hebraico Pro). Goshen é descrita como a melhor terra do Egito, apropriada para agricultura e à pecuária. Entretanto, a Torá descreve que todos os pastores eram abominação para os egípcios. Em B46:34 diz: “*E direis: Homens de gado foram seus servos desde a mocidade até agora; também nós, também nossos pais; para que fiquem na terra de Goshen, pois é abominação para os egípcios todo pastor de rebanhos*”.

Segundo Rashi Bereshit pg. 230, este versículo significa que “*quando o faraó escutasse que eles eram pastores, o faraó se encarregaria de assentar a Jacob e descendentes bem longe da capital, pois todos os pastores não egípcios são abomináveis para os egípcios, porque criam carneiros para comer, e os egípcios cultuam os carneiros primogênitos*”. Desta forma, os israelitas foram para a terra de Goshen que fica distante da capital naquela época.

Segundo Laitman, essa associação entre egípcios e os descendentes de Jacob, representa as forças de doação (descendentes de Jacob) e as forças da recepção (egípcios). “*Tanto a casa do faraó quanto a*

casa de Jacob ganham riquezas. O lucro, neste caso, vai para as qualidades do Criador e para as qualidades da criatura; a vontade de receber e o desejo de doar misturam-se e trabalham juntos. Há uma grande conexão entre eles até que se cruzem com um ponto de crise que não os deixe continuar”.
<https://kabacademy.eu/pt/content/vayigash-juda-se-aproximou/>.

Após alguns anos, surge o ponto de crise que faz com que egípcios e os descendentes de Jacob entrem em conflito. Neste caso é interessante ressaltar que a terra de Goshen significa também uma associação de países, o que caracteriza bem, o período em que egípcios e israelitas estavam realmente associados para a construção de uma sociedade melhor.

Agora olhando para a Guematria de (שטן) – Sa-tan – (300+9+50=359) também encontramos o mesmo valor de (גושן) - Goshen (3+6+300+50=359). **Olhando para estes valores, como seria a relação entre eles?** A Guematria de Sa-tan e Goshen são iguais, mas a soma de (3+5+9=17), tem o mesmo valor da Guematria para Tov (bom), mostrando uma característica interessante de positivo e negativo. Porém, o lado negativo também pode ser algo bom, embora, no momento que esteja ocorrendo pareça somente ser ruim. Isto se dá, porque como esse fato veio de muito alto, da região de emanção da Árvore da Vida, o bem associado permanece oculto para nós naquele momento, ou seja, a corrente positiva em um primeiro momento pode parecer negativa.

Como a bondade do Eterno D'us vem de um nível incompreensível para o Ser Humano, a força vital, mesmo daquelas que percebemos ruins, na forma em que se encontram em sua fonte, em verdade, é boa. De fato, trata-se de uma forma tão sublime de bem que ela se mantém fiel à sua fonte e como tal, não é compreensível ao Ser Humano como sendo uma coisa boa, uma vez que sua bondade ainda tem de ser revelada ao Ser Humano.

“Feliz é o homem a quem o Senhor, Y-ah, o castiga” (Tehilim 94:12). O Nome Divino Y-ah em Hebraico é soletrado como Yud e Hei, que são também as duas primeiras letras do Nome Divino de Quatro Letras. O Alter Rebe explica que o sofrimento deriva da revelação daquelas duas primeiras letras *“no mundo oculto”* (isto é, num plano que está oculto ao nosso entendimento), antes que a revelação das duas últimas letras (Wav e Hei) venha para o *“mundo revelado”*. Assim, o sofrimento conforme encontrado dentro de sua fonte é realmente bom.

A conduta de Nachum Ish Gam Zu, cuja resposta a todas as ocorrências de sua vida era o comentário *“Gam Zu Letovah”*, *“Também isto é para o bem”*. Este comentário não somente significa que um evento que aparentava ser mal, eventualmente evoluiria para o bem, mas que esse evento em si mesmo, em virtude de sua fonte, era igualmente bom. Mesmo que em sua forma presente, sua inerente bondade seja revelada em alguma data posterior. Tanya Iguéret HaCôdesh, Carta onze, pg. 215.

Isto significa que há coisas boas e ruins que poderiam acontecer, como de fato ocorreu, visto o nome Sa-tan significar o promotor. Portanto, essa poderia ser uma explicação do porquê D'us exilou o povo de Israel para o Egito. Segundo o Midrash, Jacob tinha quatro esposas. Duas delas, Bil-ha e Zilpa, eram servas das outras duas, Rachel e Léa. Quando Jacob casou-se com Bil-ha e Zilpa, deu-lhes a liberdade. Os filhos de Léa, desprezavam os filhos de Bil-ha e Zilpa. Zombavam deles, dizendo: *“Vocês são filhos de escravas!”* D'us disse: *“Levarei todos os filhos de Jacob a uma terra estrangeira, o Egito. Os egípcios sentirão aversão pelos Israelitas e os escravizarão. Então, todos os israelitas serão iguais e amigos entre si”*.

E assim aconteceu. Como os egípcios depreciavam todos os israelitas, estes se tornaram amigos entre si. Quando saíram do Egito, todos os israelitas se sentiam irmãos. Nem um só deles se acreditava melhor que qualquer outro israelita por descender de Rachel ou Léa, nem de Bil-ha ou Zilpa.

Como vimos acima, em B47:06, a expressão (בְּמִיטָב הָאֶרֶץ) *“no melhor da terra”* possui o mesmo valor numérico (359) do que (גושן) Goshen, escrita com Wav, e de (שטן) Sa-tan. Sabemos que Sa-tan representa a força da acusação, do obstáculo e da resistência espiritual. Mas, quando essa força é redirecionada e integrada ao plano Divino, ela se converte em instrumento de elevação. Goshen, o

“*melhor da terra*”, é o local onde Israel vive no Egito sem ser absorvido pela sua corrupção, transformando o espaço de restrição em espaço de sustento. Assim, a mesma energia que poderia atuar como oposição espiritual (שטן) é convertida em fertilidade quando canalizada corretamente. Estes acontecimentos no exílio ensinam ao Pedreiro que os impulsos de resistência, medo ou crítica, quando integrados à consciência e ao propósito, deixam de ser forças destrutivas e podem se tornar elementos de crescimento espiritual. A escola implantada em Goshen é a semente.

7.(Vayigash) – Gênesis – 47:11-27 – “*Quando Yaacov chegou ao Egito, Yossef o apresentou ao faraó. Yaacov abençoou o faraó para que o rio Nilo transbordasse por milagre quando ele se aproximasse de suas margens. Como resultado de sua benção, os sete anos previstos de fome terminaram em apenas dois anos. Assim como prometeu, Yossef estabeleceu sua família na província de Goshen. Perdão. Yossef proveu seu pai e seus irmãos, e toda a casa de seu pai.*

Yossef nos ensina a reparar o mal com a bondade, assim como ele o fez com seus irmãos, sustentando-os pelo resto de suas vidas. Ele foi capaz de perdoá-los, não porque era mestre no autocontrole, mas porque compreendia a natureza da maldade humana. Como vimos, o ato de maldade dos irmãos de vendê-lo como escravo serviu para que, no plano de D’us, Yossef se tornasse finalmente o vice-rei do Egito. Ele se concentrou nos resultados positivos do ato de seus irmãos, em vez de fixar-se na sua essência negativa.

Do mesmo modo, pedimos a D’us para nos tratar como Yossef fez com seus irmãos: que veja nossas más ações como sendo, em última instância, males que vêm para o bem, reagindo a elas com bondade. Para ‘inspirar’ a D’us a ver nossas faltas desta forma, primeiro devemos fazer o mesmo: utilizar nossas más ações, nossos erros, como motivação para o aperfeiçoamento pessoal. Assim, o erro que alimenta a transformação converte-se em um mérito, pois serve de maneira retroativa a um propósito positivo.

Podemos aumentar nossa habilidade de transformar nossas ações erradas em méritos acostumando-nos a encarar, também, as ofensas das outras pessoas como méritos potenciais”.

José sustenta sua família “*no melhor da terra*”, em Goshen, enquanto simultaneamente administra a economia egípcia de forma absoluta, recolhendo dinheiro, animais, terras e reorganizando toda a sociedade. No Tanya (caps. 1 a 3), encontramos as informações a respeito de como é o proceder da alma Divina - Nefesh Elokit (נפש האלקית) - dentro do domínio da alma animal - Nefesh haBehamit (נפש הבהמית). Nestes textos percebemos que a alma Divina não está ausente do mundo material, mas tem o propósito de governá-lo e ordená-lo, subordinando o material a um propósito superior. Assim como José domina o sistema econômico sem ser dominado por ele, o Pedreiro é chamado a usar suas forças vitais, emocionais e materiais como instrumentos a serviço do propósito Divino, e não como fins em si mesmos. Submeter a minha vontade é um grande desafio.

No Tanya cap. 36, o Alter Rebe explica que o propósito de D’us na Criação é para que Ele tenha um lugar de morada “*nos mundos inferiores*”, especificamente, neste mundo físico. Neste mundo de dobrada e redobrada escuridão espiritual, Sua luz Ein Sof irradiaria ainda mais intensamente do que nos sublimes domínios espirituais, através da ação do Ser Humano transformando a escuridão em Luz (O amargo em doce).

José institui a entrega de 1/5 ao Faraó (quinto). Sabemos, portanto que a nossa missão é elevar espiritualmente este mundo que é o mundo da ação (Malkhuth), transformando a matéria em morada para o Divino. Portanto, percebemos que temos de separar uma parte de nosso tempo, ou do que temos e dedicá-los ao Eterno. O “*quinto*” nos ensina que a pessoa não precisa abandonar o mundo para ser espiritual; basta consagrar conscientemente uma parte de suas forças, tempo e recursos àquilo

que transcende o ego. Essa consagração cria ordem, estabilidade e continuidade, tanto na sociedade quanto na alma.

No versículo B47:27 encontramos que “*Israel habitou na terra de Goshen... e frutificaram e multiplicaram-se muito*”. Este versículo expressa o princípio central de praticamente todo o Tanya. Quando a alma Divina encontra um espaço onde ela pode atuar sem ser impedida pela negatividade, ela produz crescimento exponencialmente. Assim, Goshen representa para o Pedreiro um estado de consciência em que a identidade espiritual está clara e firme, mesmo em meio às pressões e exigências da vida material. O Tanya ensina que o domínio da alma Divina sobre a animal faz com que a própria vitalidade material se torne combustível para crescimento espiritual.

13 - Parashat Vayechi – A Era Patriarcal Chega ao Fim.

Sinopse

Os últimos anos de Yaacov, os quais passou no Egito com a família reunida, foram os melhores de sua vida. A verdadeira alegria. Yaacov viveu dezessete anos no Egito. Apesar da alegria de Yaacov em ver sua família reunida e sendo leal a suas tradições, é difícil imaginar como os anos que ele passou no ambiente idólatra no Egito puderam ser os melhores de sua vida. A resposta a esta questão é que, como foi mencionado anteriormente, ele enviou Yehuda com a finalidade de estabelecer uma academia para o estudo da Torá no Egito. Assim, Yaacov assegurou que ele e seus descendentes permaneceriam imunes às influências negativas da corrupta sociedade egípcia. Portanto, qual é o objetivo dos Pedreiros Livres? Tornar Feliz a Humanidade é o grande objetivo. Mas, como observamos, este tornar feliz a humanidade, passa fundamentalmente por nos tornarmos, cada vez mais, em pessoas melhores e maiores. Isto no sentido de que somente desta forma as nossas obras, mesmo depois de partirmos para o Oriente Eterno, continuarão a auxiliar na construção do Edifício. Yaacov insinuou que considerava Efráyim e Menashe como seus próprios filhos ao referir-se a eles como ‘teus dois filhos que nasceram para ti no Egito, antes que eu viesse a ti Yossef’. Mesmo que Efráyim e Menashe tivessem nascido e sido criados no Egito antes da chegada de Yaacov, eles cresceram baseados nos verdadeiros ideais de seu avô. Portanto, Yaacov os considerava tão leais a ele e a seus ideais como seus próprios filhos. Jacob declara que Efráyim e Menashe terão o mesmo status que Reuven (Rubens) e Shimon (Simeão), elevando-os à condição de tribos. Segundo o Rebe, isso é uma recompensa espiritual pela lealdade demonstrada por esses dois jovens, que cresceram no coração do Egito sem se afastar dos ideais de Abraão, Isaac e Jacob. No entanto, ao outorgar sua bênção, Yaacov enfatizou a finalidade de nossa descida ao exílio: não era apenas uma questão de sobrevivência espiritual, e sim, de crescimento espiritual, o que resulta do nosso encontro bem-sucedido com o exílio. É por isso que Yaacov deu prioridade a Efráyim. Para colocar a mão esquerda sobre a cabeça de Menashe, Jacob leva seu braço esquerdo para o lado direito e coloca a sua mão esquerda sobre a cabeça de Menashe. Ao mesmo tempo, leva seu braço direito para o lado esquerdo e coloca a sua mão direita sobre a cabeça de Efraim. Braço direito está sobre o esquerdo, ou misericórdia sobre a restrição. Em um determinado momento aparece, nos estudos filosóficos superiores e no centro de uma concentração de grandes dignatários uma imagem na forma de um X. Lá estão, portanto, os maiores dos maiores, tal qual os filhos e netos de Jacob reunidos ao redor de seu leito de morte. Mas, somente são grandes àqueles que tem em mente que devem ser os maiores servidores. Aqueles que chegam a essa posição de destaque sabem que a verdadeira grandeza está na humildade, na compaixão e no compromisso com o bem-estar do próximo. Em sua bênção a Yehuda, Yaacov disse-lhe que sua parte da Terra de Israel seria tão apropriada ao crescimento de uvas que ele poderia lavar suas roupas com vinho. A dimensão interna da Torá. Ele lavará suas roupas com vinho. O vinho, nesse contexto, representa a dimensão oculta da Torá (a Cabala e o Chassidismo), chamada pelos sábios de “o vinho da Torá”, porque, assim como o vinho, ela revela o que está oculto no interior. Yaacov conclui abençoando todas as tribos com as características que são específicas de cada uma delas. Assim, apesar de cada tribo preservar sua ênfase particular na missão Divina do povo israelita, ela também pode e deve incorporar as características das outras tribos dentro si mesma. Portanto, é assim que incorporamos estes dois modos de nos relacionarmos com o mundo: ansiando em transcendê-lo e trabalhando para aperfeiçoá-lo. Como podemos ver, aqui abre-se uma janela imensa de estudos. As 12 colunas do Templo (Tribos) simbolizam os 12 princípios que sustentam o Templo Interior do obreiro; o ciclo completo do aperfeiçoamento humano; a passagem da pedra bruta à pedra polida; bem como a integração entre cosmos, ética e consciência. Mas, temos de ter em mente que os signos não determinam destino, não regem a pessoa e servem apenas como mapas simbólicos de virtudes e desafios. Yaacov concluiu suas bênçãos a seus filhos abençoando todos eles com todas as características especiais de cada um. Unidade na comunidade. Yaacov deu-lhes todas as bênçãos que havia dado a cada um em particular. Apesar de cada um de nós ter uma função única na missão Divina, de transformar o mundo numa moradia para D’us, todos nós também estamos, de

alguma maneira, envolvidos uns nas funções dos outros. Somos todos diferentes uns dos outros, por isso somos todos iguais. É as diferenças que existem, dentro de cada um de nós, que nos tornam iguais. É um paradoxo sim! Somos todos diferentes por isso somos todos iguais. A bênção é individual, mas Jacob abençoou a todos! Não estamos sozinhos! Meus irmãos a Luz dissipa as trevas.

1.(Vayechi) – Gênesis – 47:28-48:09 – “Os últimos anos de Yaacov, os quais passou no Egito com a família reunida, foram os melhores de sua vida. A verdadeira alegria. Yaacov viveu dezessete anos no Egito. Apesar da alegria de Yaacov em ver sua família reunida e sendo leal a suas tradições, é difícil imaginar como os anos que ele passou no ambiente idólatra no Egito puderam ser os melhores de sua vida. A resposta a esta questão é que, como foi mencionado anteriormente, ele enviou Yehuda com a finalidade de estabelecer uma academia para o estudo da Torá no Egito. Assim, Yaacov assegurou que ele e seus descendentes permaneceriam imunes às influências negativas da corrupta sociedade egípcia.

Além disso, ao resistir às tentações do Egito, os filhos de Yaacov cresceram de um modo que somente é possível quando enfrentamos desafios. Por esta razão é que os melhores anos de Yaacov foram aqueles em que esteve no Egito, porque apenas ali ele pode ver que seus filhos tinham absorvido plenamente a sua instrução e orientação moral. Ele sabia, agora, que a missão Divina iniciada por seu avô, Avraham, continuaria através deles.

Do mesmo modo, muitas vezes nos encontramos no ‘Egito’, ou seja, em locais de escuridão espiritual. Assim como Yaacov e sua família, por meio do estudo da Torá podemos nos manter a salvo da escuridão do “Egito” e revelar a santidade de D’us até mesmo nesses lugares”.

É importante termos em mente que as obras são eternas? Nos comentários da Torá Sefer sobre o versículo B47:28, pg. 141, destaca a frase: “E viveu Jacob”. “O Midrash faz um comentário sobre a palavra “viveu”. Diz: ‘Os justos, apesar de sua morte, são chamados vivos; os malvados, apesar de sua vida, são chamados mortos’. Esta afirmação se baseia em certas particularidades observadas repetidas vezes no Tanakh, como no caso de Benaiahu: ‘E Benaiahu, filho de Yehoyadá, era filho de um homem vivo’ (mesmo depois de ter morrido, a Escritura Sagrada chama o pai de Benaiahu de vivo). Mesmo depois de sua morte, a ação do justo é positiva; a do malvado, mesmo em vida, é negativa.

As obras que o homem deixa no Universo são eternas e duradouras e cada ação, por insignificante que seja, não deixa de ter influências cósmicas. O Universo é um todo que está se constituindo instante a instante, e cada Ser Humano é um arquiteto dessa construção. Não existe, portanto, ação que se perca ou que pereça para os justos; assim, apesar de sua morte, estas possuirão vida”.

Aplicando estes conhecimentos em nossa própria vida temos que o Egito é um estado obscuridade espiritual. O exemplo de Jacob nos apresenta é que não basta fugir desses estados; é preciso entrar neles com preparação espiritual adequada. Assim como a Torá e o estudo sustentaram Jacob e sua família, também hoje o estudo regular, a oração e a prática ética criam um Goshen interior que protege a identidade espiritual. Portanto, até os períodos mais difíceis podem tornar-se, retrospectivamente, os melhores anos, porque revelam se a missão espiritual realmente foi internalizada e transmitida adiante. https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/2321755/jewish/Chapter-1-The-Spiritual-Side-of-Exile.htm

Assim sendo, qual é o objetivo dos Pedreiros Livres? Tornar Feliz a Humanidade é o grande objetivo. Mas, como observamos, este tornar feliz a humanidade, passa fundamentalmente por nos tornarmos, cada vez mais, em pessoas melhores e maiores. Isto no sentido de que somente desta forma as nossas obras, mesmo depois de partirmos para o Oriente Eterno, continuarão a auxiliar na construção do Edifício.

Em B47:29, Jacob, já enfraquecido pela idade, recebe José e seus dois filhos, Efráyim e Menashe, para a bênção final. Antes mesmo de abençoá-los, Jacob reafirma sua decisão de não ser enterrado no Egito, temendo que sua tumba fosse transformada em objeto de veneração idólatra. Esse cuidado revela uma consciência espiritual profunda. Mesmo tendo vivido seus melhores anos no Egito, Jacob se recusa a permitir que sua identidade espiritual seja absorvida ou reinterpretada pela cultura local. No âmbito dos Pedreiros, isso nos ensina que uma pessoa pode extrair o melhor de ambientes espiritualmente ambíguos, sem permitir que esses ambientes redefinam seus valores essenciais. A fidelidade ao propósito transcende circunstâncias externas. Transcende inclusive ao sucesso, ao reconhecimento ou gratidão social.

2.(Vayechi) – Gênesis – 48:10-16 – *“Quando Yaacov sentiu que estava prestes a morrer, mandou chamar Yossef. Yaacov o instruiu a não o enterrar no Egito, com receio de que os egípcios pudessem transformar sua tumba em um objeto de veneração, já que foram suas bênçãos que acabaram com os anos de fome. Em vez disso, instruiu Yossef a enterrá-lo no túmulo da família, em Chevron. Depois, quando Yaacov ficou doente, Yossef levou seus dois filhos, Menashe e Efráyim, para receber a bênção final de seu avô. Yaacov surpreendeu a Yossef informando-lhe que faria dos filhos dele os líderes de duas tribos distintas, como se fossem seus próprios filhos, em igualdade de condições. A recompensa da lealdade. Yaacov disse a Yossef: ‘Não imaginei ver teu rosto, e eis que D’us me fez ver também a tua descendência’.*

Yaacov insinuou que considerava Efráyim e Menashe como seus próprios filhos ao referir-se a eles como ‘teus dois filhos que nasceram para ti no Egito, antes que eu viesse a ti Yossef’. Mesmo que Efráyim e Menashe tivessem nascido e sido criados no Egito antes da chegada de Yaacov, eles cresceram baseados nos verdadeiros ideais de seu avô. Portanto, Yaacov os considerava tão leais a ele e a seus ideais como seus próprios filhos”.

Quando Jacob sentiu que estava para morrer ele abençoou José, posto que de acordo com os comentários que estão na Torá Sefer na página 143 sobre os versículos B48:15 e 16, *“aoabençoar os filhos essa mesma bênção recaia sobre José. Continuando aabençoar, Jacob cita “o anjo que me salvou de todo o mal”, fazendo com que essa doce oração seja recitada pelas crianças israelitas (hoje judias) há séculos.*

As palavras de bênçãos que Jacob pronunciou sobre os filhos de José, contém uma profunda advertência aos descendentes de Israel: que seja posto neles o meu nome e o nome dos maus pais Abraão e Isaac. Isto quer dizer que suas virtudes façam lembrar as virtudes de seus antepassados; que pelos seus atos sejam benditos os autores de suas vidas; que sejam dignos do nome que levam, e o respeitem”.

Jacob declara que Efráyim e Menashe terão o mesmo status que Reuven (Rubens) e Shimon (Simeão), elevando-os à condição de tribos. Segundo o Rebe, isso é uma recompensa espiritual pela lealdade demonstrada por esses dois jovens, que cresceram no coração do Egito, sem se afastar dos ideais de Abraão, Isaac e Jacob.

A declaração, certamente, emocionada de Jacob *“não imaginei ver teu rosto, e eis que D’us me fez ver também a tua descendência”* (B48:11), a qual o Rebe nos mostra que *“a verdadeira recompensa da lealdade espiritual não é apenas a sobrevivência, mas a continuidade com profundidade”*. Jacob percebe que sua missão iniciada por Abraão não apenas foi preservada por José, mas floresceu em uma geração que nasceu inteiramente no exílio. “The Education of Jewish Children: Then and Now” in www.chabad.org.

Para os Mestres Pedreiros isso nos ensina que o maior sinal de maturidade espiritual de um Mestre é quando ele observa seus valores refletidos e ampliados em descendentes (Neófitos) que conseguem

viver com integridade, mesmo em ambientes que não favoreçam a espiritualidade. Ainda mais, quando superam os Mestres por viverem situações que os Mestres não vivenciaram.

Qual as diferenças mais marcantes entre os irmãos Menashe e Efráyim? Menashe representa a força da fidelidade pela memória. Seu nome vem de “*pois D’us me fez esquecer todo o meu sofrimento*” (B41:51). Isso não significa apagar o passado, mas neutralizar seu poder paralisante. Menashe simboliza a capacidade da alma de permanecer íntegra apesar do exílio, sem ser definida pelo próprio exílio.

Efráyim, por sua vez, representa a expansão criativa da santidade no exílio. Seu nome vem de “*pois D’us me fez frutificar na terra da minha aflição*” (B41:52). Aqui não se trata apenas de resistir, mas de crescer precisamente dentro da dificuldade.

Um Pedreiro olha para estes irmãos e percebe que Menashe é a capacidade de não perder a si mesmo quando a vida se torna estreita. E Efráyim é a capacidade de fazer da própria estreiteza um campo de crescimento. Lembrando que ambos são necessários.

3.(Vayechi) – Gênesis – 48:17-22 – “*Yaacov, então, surpreendeu Yossef ainda mais ao dar precedência a Efráyim em relação a Menashe, por mais que Menashe fosse o mais velho. Imunização vs. Influência. Yaacov disse a Yossef: ‘Porém seu irmão menor será maior do que ele’.*”

Como vimos, Menashe representa a obrigação de nos proteger das influências negativas à nossa volta. Efráyim, por outro lado, representa a nossa obrigação de influenciar nosso entorno, de redimir a nós mesmos e ao mundo do exílio. Assim como antes de influenciar o mundo devemos nos assegurar de que estamos protegidos de suas tentações, Yossef chamou a seu primeiro filho de Menashe e esperava lhe dar também a precedência para receber as bênçãos de Yaacov.

No entanto, ao outorgar sua bênção, Yaacov enfatizou a finalidade de nossa descida ao exílio: não era apenas uma questão de sobrevivência espiritual, e sim, de crescimento espiritual, o que resulta do nosso encontro bem-sucedido com o exílio. É por isso que Yaacov deu prioridade a Efráyim.

O mesmo se aplica ao nosso exílio: assim como Menashe nasceu primeiro, assegurar nossa identidade judaica deve ser o nosso primeiro passo; no entanto, nosso principal propósito deve ser tornarmos-nos um Efráyim, ou seja, influenciar de modo positivo o mundo que nos rodeia”.

Pedreiro, olhe para o cruzamento que ocorreu - braço direito por cima do esquerdo. Misericórdia por cima da severidade. Isto é um Sinal Central - “*E viu José que colocava seu pai a mão direita sobre a cabeça de Efraim, e pesou em seus olhos; e levantou a mão de seu pai, para tirá-la sobre a cabeça de Efraim e colocá-la sobre a cabeça de Menashe*”. Comentário Torá Sefer pg. 143 – “*Levantou a mão de seu pai – Segundo o exegeta Rashban (c. 1085 – 1174), isso aconteceu antes de Jacob pronunciar a bênção*”. B48:17

Em B48:19 encontramos: “*E recusou seu pai, e disse: Sei, meu filho, sei também ele será como um povo, e ele aumentará; porém seu irmão menor aumentará mais do que ele, e sua semente será uma multidão de nações*”. Comentários Torá Sefer pg. 143 – “*Que Menashe é o primogênito e que tu não te enganaste ao colocá-lo à minha direita*”.

Ou seja, Jacob sabia que Menashe estava a sua direita, que era o primogênito, mas que de fato ele desejava abençoar, com uma bênção especial a Efráyim. Por isso, encontramos em diversos Livros o nome de Efraim primeiro do que o de Menashe. Mas, há várias outras lições a tirar deste evento, por exemplo:

a) Os Irmãos Efráim e Menashe não brigavam. Anteriormente, todos os Irmãos brigaram. Inclusive os Irmãos de José o venderam, mas além disto, brigavam e discordavam entre si. Os Pedreiros Livres devem se inspirar nestes dois Irmãos, somos todos diferentes uns dos outros, mas são essas diferenças que servem para nos unir e não nos separar. Cada um tem a sua missão.

b) A Lição de Humildade. O maior dos Irmãos aceitou tranquilamente que outro tivesse a primazia em seu lugar. O menor ascendeu a posição do maior, sem que com isto houvesse divergência entre eles. Muitas vezes nos colocamos no mais alto pedestal, mas na realidade quem merece estar naquela posição é nosso irmão “menor”, pois de fato, a Luz que brilha provém daquele irmão.

c) Os Braços Cruzados – Para colocar a mão esquerda sobre a cabeça de Menashe, Jacob leva seu braço esquerdo para o lado direito e coloca a sua mão esquerda sobre a cabeça de Menashe. Ao mesmo tempo, leva seu braço direito para o lado esquerdo e coloca a sua mão direita sobre a cabeça de Efraim. Braço direito está sobre o esquerdo, ou misericórdia sobre a restrição. Em um determinado momento aparece, nos estudos filosóficos superiores e no centro de uma concentração de grandes dignatários uma imagem na forma de um X. Lá estão, portanto, os maiores dos maiores, tal qual os filhos e netos de Jacob reunidos ao redor de seu leito de morte. Mas, somente são grandes àqueles que tem em mente que devem ser os maiores servidores. Aqueles que chegam a essa posição de destaque sabem que a verdadeira grandeza está na humildade, na compaixão e no compromisso com o bem-estar do próximo.

4.(Vayechi) – Gênesis – 49:01-18 – “Yaacov, então, convocou o restante de seus filhos e abençoou individualmente cada um segundo a sua contribuição especial para a missão Divina global do povo israelita. Estas bênçãos individuais se tornaram as características que definiriam cada uma das doze tribos que descendem deles. *Em sua bênção a Yehuda, Yaacov disse-lhe que sua parte da Terra de Israel seria tão apropriada ao crescimento de uvas que ele poderia lavar suas roupas com vinho. A dimensão interna da Torá. Ele lavará suas roupas com vinho.*

Sempre que cumprimos um mandamento Divino, criamos uma ‘vestimenta’ para a nossa alma. Essas vestimentas, porém, devem ser ‘lavadas no vinho’, ou seja, nosso cumprimento dos mandamentos deve estar imbuído de alegria (pois o vinho alegra).

A forma de se conseguir esta alegria é o estudo da dimensão interior e mais profunda da Torá - os ensinamentos do misticismo judaico (Cabalá e Chassidismo) -, porque esta dimensão da Torá nos inspira a amar a D’us e nos apegarmos a Ele através do cumprimento de Seus mandamentos. É por isso que este aspecto da Torá é chamado de ‘o vinho da Torá’.

Quando surgiu a frase “Shemá Yisrael, Adonai Elohêinu, Adonai Echad”? Essa frase não aparece em B49:02. Ela está em Devarim 06:04 (שְׁמָע יִשְׂרָאֵל יְהוָה יְהוָה אֶחָד). No entanto, B49:02 é um versículo muito importante para a tradição, pois é associado com a origem espiritual do Shemá. Jacob disse: “*Juntai-vos, e ouvi, filhos de Jacob; e ouvi Israel, vosso pai.*” O Midrash conecta este momento ao Shemá porque Jacob, antes de morrer, quis revelar o “fim dos dias” a seus filhos. A Shechina se afastou e Jacob temeu que algum de seus filhos não fosse fiel à unicidade Divina. Em resposta a sua frase todos os filhos disseram em uníssono: “*Shemá Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai Echad*”. E Jacob respondeu: “*Baruch Shem Kevod Malchuto Le’olam Va’ed*”. Midrash Bereshit Rabbah 98:04 in www.sefaria.org.

Ou seja, **os filhos de José levantaram suas mãos ao céu e disseram: Shemá Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai Echad. – O Eterno é nosso D’us, o Eterno é um!**”. Essa frase, desde então ficou como uma profissão de fé do judaísmo, seu princípio máximo e a condensação de seus ideais. Comentários Torá pg. 144.

Como vimos acima, Jacob reúne seus filhos antes de sua morte para abençoá-los. Essas bênçãos definem funções espirituais permanentes. Em especial, a bênção a Judá neste trecho chama a atenção, ou seja, “*ele lavará suas roupas com vinho*” (B49:11). Isto é compreendido como uma metáfora de abundância. Mas, Judá representa também a liderança espiritual e a realeza, isto é, a capacidade de revelar a soberania Divina neste mundo. Assim, sua porção é associada ao vinho, símbolo bíblico de profundidade, alegria e interioridade. Rashi B49:11.

O Rebe interpreta a expressão “*lavar as roupas com vinho*” como uma metáfora espiritual, no sentido de que para cada mandamento cumprido, cria uma vestimenta para a alma. Tanya Likutei Amarim, cap. 4. Essas vestimentas podem ser apenas externas se as Mitzvot não forem cumpridas com vitalidade interior. “*Lavá-las no vinho*” significa realizar o ato com alegria, amor e consciência, de modo que a ação externa reflita uma ligação interna real com D’us. O vinho, nesse contexto, representa a dimensão oculta da Torá (a Cabala e o Chassidismo), chamada pelos sábios de “*o vinho da Torá*”, porque, assim como o vinho; ela revela o que está oculto no interior. “Eyes Red with Wine: Part 2, in www.chabad.org.

Ao lermos estes parágrafos na Torá e as interpretações, surge a questão: **Qual a relação entre a bênção de Judá e a Shemá Israel?** O Shemá, no fundo, é o ato diário de internalização dessa unicidade Divina. Segundo a Cabala, o Shemá expressa a Unificação Superior (Yichud Elyon), enquanto o cumprimento prático das Mitzvot expressa a Unificação Inferior (Yichud Tachton). O estudo da dimensão interior da Torá (o vinho), permite que essas duas dimensões se encontrem. A consciência proclamada no Shemá permeia a ação cotidiana. Assim, “*lavar as vestes no vinho*” significa o alinhamento do pensamento, da emoção e da ação, de modo que o Shemá não permaneça apenas nos lábios, mas se traduza em uma vida de Mitzvot (Mandamentos) vividas com alegria e apego a D’us. Tanya Likutei Amarim, caps. 33 e 41.

Fazendo parte do objetivo Divino, temos: 1) Fique feliz por ter o privilégio de tomar parte na transformação deste mundo em uma morada para D’us. 2) Fique feliz por D’us, pois Seu desejo de ter uma moradia neste mundo está sendo realizado. Tanya Likutei Amarim, caps. 33

5.(Vayechi) – Gênesis – 49:19-26 – “*Em sua bênção ao seu filho Naftali, Yaacov disse que em sua parte na Terra Prometida as frutas iriam amadurecer rapidamente, e comparou esta rapidez com a velocidade de uma gazela. Escapismo e devoção. Naftali é uma gazela solta a correr.*

Em suas bênçãos, Yaacov compara algumas tribos a animais selvagens (por exemplo, Yehuda, a um leão; Binyamin, a um lobo), e outras, a animais domésticos (por exemplo, Yissachar, a um burro; Yossef, a um touro). As tribos comparadas a animais selvagens são caracterizadas pelo amor apaixonado por D’us e um anseio de escapar da existência material para apegar-se a Ele. As tribos comparadas a animais domésticos que têm por natureza a aceitação obediente do trabalho que lhes é determinado caracterizam-se pela submissão à tarefa de revelar a Divindade dentro da existência material.

Yaacov conclui abençoando todas as tribos com as características que são específicas de cada uma delas. Assim, apesar de cada tribo preservar sua ênfase particular na missão Divina do povo israelita, ela também pode e deve incorporar as características das outras tribos dentro si mesma. Portanto, é assim que incorporamos estes dois modos de nos relacionarmos com o mundo: ansiando em transcendê-lo e trabalhando para aperfeiçoá-lo”.

As bênçãos de Jacob estão em B49 e as realizadas por Moshê em D33. Para a Cabala, as imagens associadas a algumas das tribos são modelos espirituais. Assim, encontramos em B49 as tribos explicitamente associadas a animais, que expressam a força espiritual dominante de cada respectiva tribo. Assim, **Judá** é associada ao leão (“*Judá é um leão jovem*”), ligando-o a liderança, realeza e

coragem. **Yissachar** é burro forte ligado a resistência, trabalho e dedicação ao estudo. **Dan** é a serpente ou a força espiritual da estratégia, julgamento e atuação indireta. **Naftali** é associado a Gazela que representa a agilidade e a liberdade de expressão. **Benjamim** é o Lobo, ou seja, expressa intensidade, zelo e capacidade de luta. Rashi B49.

Algumas tribos não receberam diretamente a um animal, mas a tradição posterior (Midrash e Cabala) atribui-lhes alguns símbolos. Na Torá, **Reuben** é “*impetuoso como as águas*” está associado a energia emocional (foi associado simbolicamente a peixes). **Shimon** e **Levi** estão ligados a dispersão e ao serviço. Porém, mais tarde, Levi foi associado ao sacerdócio. **Zevulum** está associado ao comércio marítimo. Portanto, está ligado a navios. **Asher** liga-se a abundância e ao óleo, portanto, é um símbolo vegetal e não animal. **Efraim** e **Menashe** receberam uma bênção dupla e em D33, José é comparado a boi selvagem. **Gad** habitará a leste do Jordão e enviará suas tropas para ajudar na conquista da Terra prometida.

A seguir, apresenta-se apenas uma interpretação pessoal que associa as Colunas, Princípio, Tribo, Signo e Mês. Tem apenas o objetivo de incentivar que seja feito um estudo mais aprofundado sobre o tema. Vale lembrar que, por trás dessas associações, estão também os 72 nomes ou atributos Divinos, sendo que a cada conjunto de seis há correspondência em um signo (coluna).

Colunas	Princípio simbólico	Tribo	Signo	Nome hebraico	Mês
1ª	Início, impulso, vontade	Reuben	♈ Áries	טלה (<i>Talê</i>)	Nissan
2ª	Estabilidade, força, sustentação	Shimon	♉ Touro	שור (<i>Shor</i>)	Iyar
3ª	Comunicação, ligação, mediação	Levi	♊ Gêmeos	תאומים (<i>Te'omim</i>)	Sivan
4ª	Proteção, interioridade, tradição	Judá	♋ Câncer	סרטן (<i>Sartan</i>)	Tamuz
5ª	Autoridade, honra, liderança	Issacar	♌ Leão	אריה (<i>Ariê</i>)	Av
6ª	Trabalho, aperfeiçoamento, serviço	Zevulum	♍ Virgem	בתולה (<i>Betulá</i>)	Elul
7ª	Equilíbrio, justiça, harmonia	Dan	♎ Libra	מאזניים (<i>Moznaim</i>)	Tishrei
8ª	Transformação, morte simbólica	Naftali	♏ Escorpião	עקרב (<i>Akrav</i>)	Cheshvan
9ª	Busca, expansão, ideal	Gad	♐ Sagitário	קשת (<i>Keshet</i>)	Kislev
10ª	Estrutura, disciplina, perseverança	Asher	♑ Capricórnio	גדי (<i>Gdi</i>)	Tevet
11ª	Fraternidade, renovação, humanidade	Yossef	♒ Aquário	דלי (<i>Dli</i>)	Shevat
12ª	Síntese, transcendência, sacrifício	Benjamim	♐ Peixes	דגים (<i>Dagim</i>)	Adar

Como podemos ver, aqui abre-se uma janela imensa de estudos. As 12 colunas do Templo (Tribos) simbolizam os 12 princípios que sustentam o Templo Interior do obreiro; o ciclo completo do aperfeiçoamento humano; a passagem da pedra bruta à pedra polida; bem como a integração entre

cosmos, ética e consciência. Mas, temos de ter em mente que os signos não determinam destino, não regem a pessoa e servem apenas como mapas simbólicos de virtudes e desafios.

Em relação à Cabala o zodíaco está subordinado à Unidade Divina. As 12 tribos correspondem às portas espirituais pelas quais a energia Divina entra no mundo. Os signos representam o ritmo cósmico do tempo, enquanto as tribos representam o modo humano de expressar essa energia. No Zohar, essa estrutura é chamada de Merkavá coletiva de Israel. Onde Israel é semelhante a um organismo espiritual vivo. No Tanya, isso se traduz na ideia de que cada alma tem uma inclinação natural, mas não um destino fixo. A missão é refinar essa inclinação e elevá-la.

E apenas lembrando que as 12 tribos distribuem o fluxo das Sefirot no tempo (meses), no espaço (direções) e na alma coletiva. A tradição fala de 12 “portas” porque a manifestação ocorre de forma diferenciada. As Sefirot são o sistema elétrico e as tribos o quadro de distribuição.

6.(Vayechi) – Gênesis – 49:27-50:20 – “Yaacov concluiu suas bênçãos a seus filhos abençoando todos eles com todas as características especiais de cada um. Unidade na comunidade. Yaacov deu-lhes todas as bênçãos que havia dado a cada um em particular. Apesar de cada um de nós ter uma função única na missão Divina, de transformar o mundo numa moradia para D’us, todos nós também estamos, de alguma maneira, envolvidos uns nas funções dos outros. Há três maneiras de fazer isto mais efetivamente:

Todos nós devemos concentrarmo-nos exclusivamente em nossas tarefas pessoais, mas, como trabalhamos com o mesmo objetivo, todos acabamos compartilhando nos resultados obtidos de nossas realizações individuais.

Devemos convidar e encorajar uns aos outros a participar ocasionalmente nas atividades pessoais que enfatizamos.

Ao dedicarmo-nos periodicamente a atividades diferentes daquelas que são o nosso forte, devemos mergulhar nelas e realizá-las de maneira tão completa como se estivéssemos executando nossas tarefas pessoais.

Ao participarmos nos empreendimentos promovidos uns dos outros, reforçamos a união judaica entre nós, tornando-nos merecedores das bênçãos de D’us, que incluem a maior delas: a Redenção messiânica”.

Jacob conclui as bênçãos e estabelece um princípio fundamental para o judaísmo, mas também para todas as pessoas. Embora cada tribo tenha recebido uma bênção específica, Jacob “abençoou a todos”, isto é, incluiu cada filho em todas as bênçãos. A interpretação apresentada pelo Rebe enfatiza que, na alma coletiva de Israel, nenhuma função espiritual é isolada. Cada indivíduo possui uma missão particular, mas essa missão só se completa quando está integrada ao todo. Assim, a diversidade das tribos não fragmenta Israel; ao contrário, é o meio pelo qual a unidade Divina se manifesta no mundo através de múltiplas expressões, ou seja, por meio das diferenças.

Prezados irmãos Pedreiros! Penso que as bênçãos encerram um fundamento extremamente importante, que se observado o mundo seria totalmente diferente. Embora não estejamos na Páscoa, vou reproduzir uma carta que escrevi em 2023. {Estamos em plena Páscoa. Mas, no fundo o que significa “Páscoa”? Significa que o Eterno D’us, Bendito Seja, voltou a entregar as pessoas a capacidade de identificar o faraó que existe dentro de cada um de nós.

Mas, quem é o faraó? É o egoísmo, é a intransigência, os pensamentos ruins, as palavras duras, as ações com rancor, é o fígado azedo etc.

Mas, caminhando em direção a Terra Prometida, pedimos força e o Eterno D'us me deu-nos obstáculos para superar. Fomos para o deserto, mas lá tivemos a oportunidade de trabalhar para superar os obstáculos. Pedi sabedoria, e o Eterno D'us deu-nos a oportunidade de aprender. Entregou-nos, por exemplo, a oportunidade de conhecer a Organização do Pedreiros Livres. Entregou-nos a oportunidade de estudar Cabala. Entregou-nos a oportunidade de estudar Física, Matemática, Meteorologia, Computação etc. Pedimos beleza, e o Eterno D'us deu-nos a oportunidade de conviver com as diferenças entre as pessoas. Deu-nos a oportunidade de exercitar o amor; “*não faça ao outro o que não queres que te façam*”.

Mas, mais profundamente ainda, deu-nos a oportunidade de exercer o “*Perdoar*”, posto que Ele nos criou com uma qualidade igual em todos. Somos todos diferentes uns dos outros, por isso somos todos iguais. É as diferenças que existem, dentro de cada um de nós, que nos tornam iguais. É um paradoxo sim!

Por isso, nesta Páscoa, vamos olhar para o faraó que existe dentro de cada um de nós. Mas, vamos realmente viver a Páscoa e reencontrar àquela capacidade escondida nas profundezas de nosso coração, que está encoberta por muitas cortinas, oculta até mesmo de nós mesmos, mas que é encontrada no viver a Páscoa. “*Eles não sabem o que fazem, Pai!!!*” Mesmo submetido aos maiores suplícios, o “*Perdão*” é a palavra da Páscoa. *Perdoar uns aos outros, essa é a Verdade da Páscoa!!!* Feliz Páscoa a todos!!! Um TFA no coração de todos os Irmãos}. **Somos todos diferentes por isso somos todos iguais.** A bênção é individual, mas Jacob abençoou a todos!

7.(Vayechi) – Gênesis – 50:21-26 – “*Após concluir suas bênçãos à sua família, Yaacov falece. Yossef conduz seus irmãos a Canaan para enterrar seu pai em Chevron. Quando retorna ao Egito, ele continua a sustentar a sua família. Antes de morrer, Yossef relembra à família sobre a promessa de D'us de fazer retornar seus descendentes à Terra de Israel. Não estamos sozinhos. Yossef faleceu e foi colocado num caixão no Egito.*

Durante a sua vida, nossos patriarcas e matriarcas se mantiveram apegados a D'us e a Seu plano para a Criação. Por isso, não foram afetados pelo ocultamento da Divindade causado pelo nosso mundo. Apesar de nossa consciência Divina ser muito inferior, herdamos algo da capacidade que eles tinham de elevar-se acima das limitações do mundo. Isto é o que nos possibilita cumprir a missão Divina descrita no próximo Livro da Torá, Êxodo. Neste Livro veremos o povo israelita receber a Torá e começar a construção de uma moradia para D'us, usando-se este mundo.

Para nos dar esta inspiração, nossos ancestrais também tiveram que viver em um estado semelhante ao exílio. Isto foi o que aconteceu quando Yaacov e sua família desceram ao Egito: apesar de não terem sido nunca escravizados, eles se encontravam em "exílio", afastados da Terra Santa. Ao manter o domínio espiritual sobre o Egito, Yaacov e seus filhos nos brindaram com a força necessária para superarmos a escuridão espiritual de nosso próprio exílio.

Depois da crônica de Yaacov no Egito, a Torá nos proporciona a inspiração que nos sustentará até o final de nosso exílio: "Yossef foi colocado num caixão no Egito. Não estamos sozinhos no exílio; Yossef está junto de nós, lembrando-nos que também podemos nos erguer acima dele e transformá-lo em Redenção".

Não estamos sozinhos. Meus irmãos a Luz dissipa as trevas – Segundo o Baal Haturim, os melhores anos de Jacob foram àqueles vividos no Egito, **por quê?** No livro Likutei Sichot, Bereshit pg. 646 podemos encontrar a citação que o “**Tanakh Cohélet 02:13** declara: ‘*Eu percebi uma vantagem da sabedoria sobre a tolice que é como a vantagem da luz sobre a escuridão*’. O significado simples do versículo é que assim como a luz dissipa facilmente a escuridão, da mesma forma a

sabedoria dissipa a tolice naturalmente. A Chassidut expande o significado da frase ao fornecer duas interpretações:

a) O local da escuridão é iluminado pela luz. Quanto maior a escuridão, mais o poder da luz se torna evidente. O contraste ressalta o efeito que a luz pode ter.

b) A própria escuridão se torna luminosa e é transformada em luz, gerando uma qualidade superior de luz que a luz não possui naturalmente.

O Rebe utiliza estes conceitos para explicar uma declaração intrigante do Baal Haturim: que os melhores anos da vida de nosso patriarca Jacob foram passados no Egito. Jacob foi um homem cuja vida inteira esteve direcionada para a santidade. Como pode ser que seus melhores anos foram aqueles que ele passou no Egito, um lugar de impureza e escuridão espiritual?

No entanto, foi precisamente a escuridão do Egito que dotaram os anos de Jacob ali com sua preciosa qualidade. Por meio do estudo da Torá que ele trouxe para aquela terra, ele pôde transformar a escuridão dela e acessar a qualidade de luz superior descrita acima. Como facilitador dessa mudança, Jacob ergueu-se acima de seu próprio nível espiritual, tornando-se parte do propósito maior de D'us”.

No fundo, nós, os Pedreiros Livres, temos de nos espelhar no trabalho de Jacob. Ao recebermos a Luz nos assemelhamos àqueles que foram para o Egito. O mundo profano se assemelha ao Egito. Está repleto de possibilidades de todos os tipos. Mas, também nos dá a oportunidade de espalhar a Luz onde somente tem escuridão.

Essa Luz representa a sabedoria interior e exterior, o conhecimento das ciências e do esoterismo e, conseqüentemente, a conexão com o Divino. Devemos, individualmente, buscar estar cada vez mais próximos da Luz. Uma forma de nos aproximarmos da Luz é praticarmos a Tzedaka. A forma mais produtiva é ajudar as pessoas a enxergarem além das aparências materiais e a compreenderem as verdades espirituais, seja auxiliando-as a conquistarem uma vida material melhor, seja prestando solidariedade nas horas difíceis da vida, por exemplo, visitando-as quando estão enfermas etc.

CHAZAC, CHAZAC VENIT'CHAZEC!
Força! Força! Que sejamos todos fortalecidos

14 - Referências Bibliográfica

Além das fontes mencionadas ao longo do texto, as referências também incluem materiais que contribuem tanto para o aprofundamento dos estudos sobre a Torá quanto para uma compreensão mais ampla da Cabala Judaica Tradicional.

- 1963 Maimonides (Moses ben Maimon). **The Guide of the Perplexed**. Tradução e introdução por Shlomo Pines. Vol.1. Chicago: University of Chicago Press, ISBN 978-0-226-50230-4.
- 1985 Locks, G. G., “**The Spice of Torah-Guematria**”, Editora Judaica Press, New York, USA, ISBN 0-910818-58-4.
- 1998 Schneersohn, Yosef Yitzchak. **Likutei Diburim: An Anthology of Talks**. Traduzido por Uri Kaploun. Vol. 3. Brooklyn, NY: Kehot Publication Society.
- 2000 **Salmos – “Hebraico Português”**, Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-25-8.
- 2001 Blech, B. “**The Secrets of Hebrew Words**”. Editora A Jason Aronson Book, New York, USA. ISBN 1-56821-918-0.
- 2001 Lefer, B.; Gorodovits, D.; Pamplona, E. V. R.; Levy, I.; Fridlin, J.; Najmanovich, R. “**Torá a Lei de Moshê**”. Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-26-6.
- 2001 Blech, B. “**The Secrets of Hebrew Words**”. Editora A Jason Aronson Book, New York, USA. ISBN 1-56821-918-0.
- 2003 Rifka Berezin, “**Dicionário Hebraico Português – Edusp**”, Editora Edusp, ISBN 85-314-0128-3. São Paulo, SP, Brasil.
- 2003 Carmell, Aryeh. “**Judaísmo para o Século 21**”. Tradução do inglês. São Paulo: Editora Sêfer, s.d. Título original: Judaism for the Modern Age. ISBN: 978-85-86448-02-6
- 2006 Laitman, M. “**Cabala Alcançando Mundos Superiores**”. Editora Planeta. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 85-7665-197-1.
- 2006 Dichi, I. “**A Fonte da Vida**”. Editado pela Congregação Mekor Haim. Rua São Vicente de Paula, 276, São Paulo, SP, e-book
- 2008 Luzzato, M. C. “**A Sabedoria da Alma**”. Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-7931-045-4. e-book.
- 2011 Raskin, A. L. – Rabino. “**A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico**”. Edição brasileira, São Paulo, SP, Brasil, Editora Lubavitch – Brasil. ISBN 978-85-85553-21-0.
- 2011 Zumerkorn, D. “**Numerologia Judaica e seus Mistérios**”. Editora Maayanot. Brasil. ISBN 978-85-7903-025-3.
- 2011 Lehman, Meir (Marcus), “**Akiva – A História de Rabi Akiva**”, Editora Lubavitch, Rua Talmud Torá, 296 – SP – Brasil, ISBN 978-85-85553-19-7.
- 2012 Rabino Daniel Haim Mizrahi: “**Bereshit – Os Patriarcas e a Educação – Belos Valores**”. Produção Editora, São Paulo, SP, Brasil.
- 2012 Rabino Joseph Saltoun, “**Árvore da Vida Segundo a Cabala**”, ed. Cabala Livros. ISBN 978-85-65466-00-4. e-book.
- 2012 Rabi Moshe ben Maimon (Rambam, “**Sefer Hamitsvot do Rambam**”, Ed. Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ. Copyright Editora Beith Lubavitch.
- 2013 Mordechai Yad. Título em português: “**Chumash Shemot Êxodo**”. **Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-5.
- 2013, **Talmud Berachot** Bavli, a obra é composta por 3 volumes. Editora Lubavitch e Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, SP, Brasil. ISBN 978-85-85553-27-2.
- 2014 Mordechai Yad. Título em português: “**Chumash Vayikrá Levítico**”. **Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-2.
- 2015 Mordechai Yad. Título em português: “**Chumash Bamidbar Números**”. **Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-51-2.
- 2015, Daniel Haim Mizrahi, Belos Valores – Shemot - **Da Escravidão para o Desenvolvimento**. Copyright by Daniel Haim Mizrahi,
- 2016 “**Massechet Berachot – Volume 2**” Min Talmud Bavli. Editora Lubavitch, São Paulo, Brasil. ISBN 978-85-85553-23-4.
- 2016 “**Manual de Benções**” Beit Chabad do Brasil, São Paulo, Brasil. ISBN 978-85-64297-04-3.
- 2016 MILLER, Chaim. **Torá - Chumash Gutnick** – Bereshit. 2ª ed. São Paulo: Editora Maayanot BR.
- 2017, Mordechai Yad. Título em português: “**Chumash Bereshit Gênesis**”. **Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-4.
- 2017 Mordechai Yad. Título em português: “**Chumash Devarim Deuteronômio**”. **Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-53-6.
- 2017 Likutei Amarim Tanya, “**O Tanya, de Rabi Shneur Zalman de Liadi**”. 7 volumes. Tradução Eliahu Wasserman. Ed. Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Tanya Iguéret HaCódesh faz parte desta coleção de volumes.

- 2017, Rabino Avraham Eliyahu Kitov (Mokotovsky), Sefer Hatodaá, **Livro do Conhecimento Judaico**, Editora Sefer, ISBN 978-85-7931-063-8, São Paulo, Brasil.
- 2018 Dicionário “**Prático Bilingue Português – Hebraico, Hebraico – Português**”, Editora Prolog Ltda., São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-078-2.
- 2018 **Tanakh** Completo – “**Hebraico e Português**”, Editora Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-077-5.
- 2018 Rabino Moshê ben Maimon – Rambam – Mishnê Torá – Livro 1. **Sefer Hamadá 1**. Editora Lubavitch do Brasil. ISBN 978-85-85553-30-2. São Paulo, Brasil.
- 2019 Rabi Menachem Schneerson, “**Sabedoria Todo Dia**”, ed. Kehot Publication Society, 770 Eastern Parkway, Brooklyn, NY 11213, USA, ISBN 978-0-8266-0654-9.
- 2019 Kaplan, Rabi Aryeh – “**O Bahir o Livro da Iluminação**”. Editora Polar, São Paulo, Brasil, ISBN 978-85-86775-36-9.
- 2019 Rabino Diesendruck, M., “**Sermões do Rabino Menahem Diesendruck**”, Ed. Perspectiva, ISBN 9788527306645, São Paulo, SP, Brasil.
- 2020 Guedes, R. L. e Selmikat, A., “**O Princípio do Mundo da Humanidade a Luz da Cabala**”, São Paulo, Brasil, Ed. Lexia. ISBN 978-65-5685-003-0.
- 2021 Guedes, R. L., “**Abraão e Isaac a Luz da Cabala**” Library of Congress Control Number 201.867.5309 – USA. Editado Amazon.com. Formato Kindle.
- 2021 Guedes, R. L., “**Cartas Para o Mestre**”, Editora Amazon, São Paulo, SP, ISBN 979-85-424-599-81.
- 2021 O Livro de Eclesiastes com comentários, “**Cohélet**”, editora Maayanot, São Paulo, SP, ISBN 978-85-7903-037-6
- 2022, **Veshinantam**, Simchat Torá, Shabat Bereshit, 5783, ano 5, número 212 e 214
- 2024, Rabi Menachem Schneerson, **Likutei Sichot, vol. 1**, Kehot Publication Society, São Paulo, Brasil, ISBN 978-65-86117-56-1.

Sites utilizados

www.chabad.org (Inglês) e www.chabad.org.br (Português)

www.safaria.org (Hebraico e em Inglês)

<https://search.nepebrasil.org/interlinear/> (Português)

<https://www.zohar.com> (Inglês)

<https://www.jewishencyclopedia.com> (Inglês)

Likutei Sichot, in https://www.torahrecordings.com/likutei-sichos/030/?utm_source=chatgpt.com (Hebraico)

<https://etzion.org.il/en/tanakh/torah/>



Profusão – 05/07/2016

